

Rebecca Donovan

USA Today Bestselling Author

Quase
sem
Respirar
Trilogia Breathing

**“Inédito, sincero, ousado e irresistível,
Quase sem Respirar vai mexer com suas emoções.”**

Tracey Garvis Graves, autora best-seller do *The New York Times*


PandorgA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.



Quase Sem Respirar

Por Rebecca Donovan

Traduzido por Ana Paula Mello

2ª edição



2014

Todos os direitos reservados
Copyright © 2014 by Editora Pandorga

COORDENAÇÃO EDITORIAL Silvia Vasconcelos
TRADUÇÃO Ana Paula Mello
PREPARAÇÃO Project Nine
DIAGRAMAÇÃO Desenho Editorial
COMPOSIÇÃO DE CAPA Renato Klisman
REVISÃO Patrícia Murari
DIAGRAMAÇÃO DIGITAL Claudio Tito Braghini Junior

TEXTO DE ACORDO COM AS NORMAS DO NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA
PORTUGUESA (DECRETO LEGISLATIVO Nº 54, DE 1995)

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Donovan, Rebecca

Quase sem respirar / Rebecca Donovan ; [traduzido por Ana Paula Mello]. – Carapicuíba, SP : Pandorga Editora e Produtora, 2014. Título original: Barely breathing

1. Ficção norte-americana I. Título.

14-04570

CDD-813

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura norte-americana 813

2014
IMPRESSO NO BRASIL
PRINTED IN BRAZIL
DIREITOS CEDIDOS PARA ESTA EDIÇÃO À
EDITORA PANDORGA
Avenida São Camilo, 899
CEP 06709-150 - Granja Viana - Cotia - SP
Tel. (11) 4612-6404
www.editorapandorga.com.br

Para minha amiga talentosa, Elizabeth, minha procura por palavras me levou até você, e então encontrei a parceria perfeita e uma linda amizade.

Prólogo

Há seis meses, eu estava morta. Meu coração não batia dentro do meu peito. Eu não respirava. Tudo estava acabado, e eu estava morta.

Não é fácil pensar sobre isso, pensar sobre não existir – não importa o quanto eu tenha me esforçado para ser esquecida durante todos aqueles anos. Então escolhi simplesmente não pensar sobre isso.

Meu terapeuta me pediu para escrever meus pensamentos e sentimentos neste diário. Depois de meses evitando a tarefa, percebi que deveria tentar de uma vez – quem sabe assim eu conseguisse, por fim, dormir um pouco. Duvido, mas estou tentando fazer de tudo para conseguir.

Na verdade, não me lembro bem do que aconteceu naquela noite. Tenho alguns vislumbres e momentos de pânico nos meus pesadelos, mas os detalhes escapam de mim. E não estou tentando montar o quebra-cabeça.

Acordei em uma cama de hospital, mal conseguia falar, e tinha hematomas escuros no pescoço. Havia faixas em volta dos meus pulsos para proteger a pele, em carne viva. Uma tipoia apoiava meu ombro deslocado, e o gesso cobria meu tornozelo depois de uma cirurgia reconstrutiva. Eu não sei o que aconteceu comigo para terminar desta maneira. A única coisa que me interessa agora é o fato de eu estar respirando.

Os policiais fizeram perguntas. Os médicos fizeram perguntas. Os advogados fizeram perguntas. Sempre que eles começavam a falar sobre os detalhes eu os interrompia ou deixava a sala. Evan e Sara também prometeram me poupar dos detalhes. Eles não estavam lá

naquela noite, mas eles estavam na corte durante todo o tempo que durou o julgamento.

Carol...

Até mesmo escrever o nome dela é difícil. Ela se declarou culpada. Eu não precisei olhar para ela. Eu não precisei testemunhar. Eu não precisei ouvir as declarações das testemunhas. Sara e Evan foram convocados e eu não consegui assistir ao testemunho deles também, apesar de meus advogados terem solicitado minha presença.

E George... pelo que ouvi, ele estava lá naquela noite. Foi ele quem chamou a ambulância. Ele não foi acusado. Implorei para que não fizessem isso. Leyla e Jack precisavam do pai. E agora... agora eu nem sei onde eles estão. ~~Espero que eles se lembrem o quanto...~~ desculpe. Eu não consigo. Dói demais pensar neles.

Sara e Evan quase não saíram do meu lado desde aquela noite. Tentei lhes convencer de que estou bem, mas basta que olhem para as minhas olheiras para saberem que não estou. Na verdade, não quero ficar sozinha.

Houve alguma cobertura da imprensa, mas foi um julgamento fechado, e os registros estão lacrados porque sou menor de idade (tenho certeza de que o pai de Sara tem alguma coisa a ver com isso também) – e por isso não havia muita informação para os jornais divulgarem.

A cidade ficou em polvorosa com a notícia sobre a tentativa de assassinato, e é possível imaginar como foi minha volta à escola, ou o que acontecia quando eu era vista em qualquer lugar em Weslyn. Sussurros. Pessoas me apontando. Olhos me seguindo por todos os lugares. Tornei-me uma celebridade mórbida – a garota que sobreviveu.

Até mesmo os professores me tratam de maneira diferente, como se estivessem esperando que eu desabasse a qualquer momento. O pequeno grupo que me confrontou naquele dia está especialmente cauteloso. Tudo aconteceu por causa de sua intervenção. Eles ligaram para as autoridades antes de falar comigo, e então ligaram para George quando saí da escola.

Carol deve ter descoberto sobre a ligação para George, ou então alguma autoridade deve ter ligado para ela a fim de checar as acusações. De qualquer maneira, ela queria desesperadamente que eu desaparecesse – para sempre. Mas não importa o que a levou a fazer isso. Agora ela não pode mais me machucar.

Mas ainda machuca. Não vou negar. Principalmente porque ninguém nunca vai ler este diário. Meu tornozelo provavelmente nunca mais será o mesmo, e será uma lembrança constante do que passei. Lutei para me recuperar, e apesar de os primeiros prognósticos não serem animadores, voltei ao campo de futebol quatro meses depois. No início eu chorava no chuveiro depois de cada treino e de cada jogo. A dor era insuportável. Mas hoje eu mal a percebo.

Nada mais parece ser como era antes. Nada mais me faz sentir como antes. Não sei como explicar isso para Sara e Evan. Não sei se eles entenderiam. Nem eu mesma tenho certeza de que entendo.

Ela queria que eu morresse.

Fico dizendo a mim mesma que ela foi embora. Ela está na cadeia, e, pelo que ouvi dizer, ficará lá para sempre. Mas não me sinto segura. Principalmente quando fecho meus olhos toda noite e ela está lá, esperando por mim.

Preciso sair de Weslyn. Preciso ficar longe dos olhares. Preciso ficar longe das sombras que continuam a me aterrorizar. Preciso ficar longe da dor que me paralisa quando menos espero. Mais seis meses e então tudo terá acabado. Vou recomeçar, com as duas pessoas que eu mais amo no mundo.

Então, de novo, percebo que minha vida é tudo menos previsível, e muita coisa pode acontecer em seis meses.



1. Tentar de novo

"É apenas um sonho". Reconheci o pensamento, que tentava me tirar das mãos que me arrastavam para a profundidade mais escura da água. Mas o pânico tomou conta da razão, e chutei o mais forte que consegui. *"É apenas um sonho"*, ecoava minha voz dentro de minha cabeça outra vez, tentando me acordar.

Olhei para aquela água turva, minha respiração queimava meus pulmões. As mãos agora eram longas, tinham garras pontiagudas, e, quando chutei, uma garra perfurou meu tornozelo, me puxando para baixo da água. Uma nuvem escura me cercava enquanto o sangue escorria em torno de suas unhas. Lutei contra ele, mas a garra me rasgou ainda mais. Uma bolha de ar passou por mim quando berrei de dor. Estava a ponto de inalar a minha morte quando algo pressionou meu rosto.

Não parecia mais um sonho.

Fiquei quieta com um suspiro, o travesseiro caía do meu rosto. Desorientada e ofegante, examinei o quarto. Sara estava paralisada em sua cama, com os olhos arregalados e a boca aberta.

– Sinto muito – murmurou. – Pensei ter ouvido você falar. Achei que você estava acordada.

– Estou acordada – respondi, respirando rapidamente. Com uma respiração profunda consegui espantar o pânico. Sara continuou atordoada, mesmo depois de eu já ter me recuperado.

– Não devia ter jogado o travesseiro na sua cabeça. Sinto muito mesmo. – Ela franziu a testa com ar de culpada.

– Do que você está falando? – Desconsidere seu pedido de desculpa. – Foi só um sonho. Estou bem. – Depois de mais uma respiração profunda para tentar diminuir a tremedeira, puxei as

cobertas de volta, que estavam grudadas na camada de suor que cobria meu corpo.

– Bom dia, Sara – disse eu, da maneira mais normal que consegui.

– Bom dia, Emma – ela finalmente respondeu, forçada a sair de seu estado de culpa. E desta maneira simples o pesadelo terminou.

– Vou tomar um banho. Precisamos nos apressar. Vamos sair em uma hora. – Ela agarrou suas coisas e desapareceu.

Passei mais de um mês tentando me preparar para este dia. Não importava. Eu estava desesperada apenas por pensar nele. E agora o dia havia chegado.

Caí de volta na cama e fiquei olhando para as janelas brancas brilhantes que se alinhavam com o teto. O sol da manhã estava escondido atrás da neve.

Olhei pelo quarto, um quarto que não tinha nenhuma ligação comigo – a grande TV de tela plana pendurada na parede e um estojo no canto, repleto de maquiagens que já haviam presenciado inúmeras transformações às minhas custas. Havia fotos de amigos sorrindo grudadas no espelho e obras de arte vibrantes enfeitavam as paredes. Não existia nenhuma lembrança da minha vida de antes de eu vir para cá. Era o lugar onde eu vinha me escondendo – me escondendo dos julgamentos, dos cochichos e dos olhares.

Por que eu estava aqui? Eu sabia a resposta. Se eu pudesse escolher, nunca mais sairia daqui. Não que eu tivesse outro lugar para ir e por isso os McKinleys insistiram em me ajudar. Eles eram a única família que eu tinha, e eu serei sempre grata por isso. Mas essa não era a verdade completa. Eles *não eram* a única família que eu tinha.

Por isso, quando o telefone tocou, enquanto Sara estava no banho, respirei fundo para tomar toda a coragem que consegui, coloquei o telefone no ouvido e disse:

– Oi.

– Oh! Você está aí – disse minha mãe, totalmente surpresa. – Estou tão feliz por finalmente conseguir falar com você. Como você está?

– Estou bem – respondi, meu coração pulava dentro do meu peito. – Ah, então, você já tem planos para hoje à noite?

– Só tenho uma festa com alguns amigos – respondeu ela, parecendo tão estranha quanto eu realmente achava que era. – Ouça. Estava pensando que poderíamos tentar, você sabe... quero dizer, tenho passado bastante tempo em Weslyn agora, se você algum dia decidir que quer...

– Sim, claro – soltei, antes que perdesse a cabeça. – Vou morar com você.

– Oh, ah, certo – respondeu ela, um pouco tensa. – Sério?

– Claro – respondi, tentando parecer sincera. – Tipo, logo vou embora para a faculdade, por isso é melhor nos reaproximarmos agora do que quando eu estiver do outro lado do país, não é?

Ela estava em silêncio, provavelmente digerindo o fato de que eu acabara de me convidar para morar com ela.

– Ah, sim, parece ótima ideia. Quando você está pensando em vir para cá?

– Como volto às aulas na segunda, o que você acha de domingo?

– Você quer dizer *este* domingo? Daqui três dias? – Ela não tentou esconder o pânico em sua voz. Meu coração parou de bater. Ela não estava pronta para me receber de volta, não é?

– Tudo bem para você? Eu não preciso de nada, só de uma cama, ou mesmo um sofá já serve. Mas se isso for muita coisa... desculpe, eu não deveria...

– Não, não, está perfeito – ela gaguejou. – Ah, tenho tempo suficiente para arrumar seu quarto, então... claro, domingo está perfeito. Eu moro na Rua Decatur. Vou passar o endereço por mensagem de texto.

– Certo. Vejo você no domingo, então.

– Certo – respondeu minha mãe, a surpresa ainda podia ser percebida em sua voz. – Feliz Ano-Novo, Emily.

– Para você também – respondi, antes de desligar o telefone. Fiquei olhando para o teto. “*O que foi que eu acabei de fazer? No que eu estava pensando?*”

Peguei minhas coisas e fui atrás de Sara no banheiro, tentando controlar o pânico que crescia dentro de mim. Quando cheguei lá, já

tinha me acostumado com a ideia. Era isso o que eu tinha que fazer.

– Então, tenho que contar uma coisa – comecei a falar, me sentando no banquinho ao lado de Sara enquanto Anna, a mãe dela, se servia de uma xícara de café. – Falei com minha mãe hoje pela manhã.

– Já era hora – Sara me interrompeu. – Você a ignorou por pelo menos uns seis meses.

– O que ela disse? – perguntou Anna, me encorajando e ignorando a reação de Sara.

– Bom... vou me mudar para a casa dela neste domingo. – Segurei minha respiração enquanto observava a reação delas à notícia.

A colher de Sara caiu dentro da tigela de cereal, mas ela não disse uma palavra.

– O que fez você decidir que esta era a melhor coisa a fazer? – perguntou Anna, com calma, desviando a atenção do silêncio de reprovação de Sara.

– Ela é minha mãe. – Encolhi meus ombros. – Logo vou embora para a faculdade, e não acho que terei outra oportunidade para tentar resolver nossa situação. Não tenho sido muito justa com ela, e ela continua tentando manter contato comigo, por isso achei que esta era a melhor coisa a fazer.

Anna balançou a cabeça pensando na minha explicação. Sara se levantou e caminhou rapidamente até a pia para deixar sua tigela, ainda sem conseguir olhar para mim.

– Bom, Carl e eu precisamos conversar sobre isso porque somos seus tutores até você completar dezoito anos. E eu realmente gostaria de conhecê-la antes de decidir qualquer coisa. Tudo bem?

Balancei a cabeça surpresa com a resposta de Anna. Eu não estava acostumada a ter uma pessoa realmente cuidando de mim, por isso eu não sabia ao certo o que dizer.

– Entendo porque você quer fazer isso – apoiou Anna, com um sorriso simpático. – Deixe apenas conversarmos sobre isso primeiro.

– Obrigada. – Dei um sorriso. – Seria muito importante para mim voltar a conviver com minha mãe.

Sara subiu as escadas fazendo barulho, sem dizer uma única palavra. Respirei fundo antes de segui-la.

– Tudo bem, diga – disse, categoricamente, enquanto Sara colocava algumas coisas dentro de uma mochila.

– Não tenho nada para dizer – retrucou Sara. Mas ela tinha, levou apenas três horas de viagem de carro até o hotel e um dia de beleza para que ela finalmente expressasse sua opinião.

Quando voltamos ao hotel, depois de termos passado o dia sendo enfeitadas da cabeça aos pés, eu estava exausta – e ainda nem havíamos chegado à festa. Ou talvez tenha sido a decisão inesperada de me mudar para a casa da minha mãe que tenha sugado minha energia. De qualquer maneira, não estava sendo fácil para mim me animar com a noite que estava por vir.

– Não entendo por que você vai se mudar para a casa dela – repreendeu Sara, do nada, enquanto passava o pincel nas minhas pálpebras. – Você não pode começar... ãh... *conversando* sobre isso primeiro? Apenas não gosto da ideia. Ela abandonou você, Em. Por que você vai voltar para ela?

– Sara, por favor – implorei baixinho. – Preciso fazer isso. Sei que parece um erro para você, mas é importante para mim. Você não vai me perder. E se for *horrível*, volto a morar na sua casa. Sinto que devo dar uma nova chance a ela.

Sara deu um suspiro dramático.

– Ainda não acho que seja uma boa ideia, mas... – Ela parou por um momento. – Você é a pessoa mais teimosa que eu conheço, e se isso é o que você quer fazer sei que não vou conseguir convencê-la do contrário. ãh, você já pode abrir seus olhos.

Abri meus olhos e pisquei, o rímel grudava nos meus cílios.

Sara pensou e finalmente cedeu virando os olhos para cima:

– Tudo bem. More com ela. Mas é melhor ela não fazer nada absurdamente estúpido como ela fez quando a abandonou.

Sorri, adorando a proteção de Sara.

– Obrigada. Então... como estou?

– Maravilhosa, claro – vangloriou-se Sara, apreciando sua obra-prima. – Vou colocar o vestido e então estaremos prontas para encontrar os meninos na recepção.

Apanhei o papel que esperava por nós quando voltamos ao hotel e passei meu dedo pelo grafia elegante.

Queridas Emily e Sara,

Estou radiante por vocês terem chegado bem e espero que aproveitem a tarde que vão passar juntas. Estou ansiosa para encontrá-las esta noite para jantar. O carro pegará vocês, além de Evan e Jared, às 18h45 e nossa reserva está marcada para as 19h.

Tenho certeza de que vocês vão gostar de tudo que planejei para esta noite!

Com carinho,
Vivian Mathews

– Espero não deixá-la envergonhada – gritei, enquanto entrava no banheiro.

– Pare de ficar tão nervosa – respondeu Sara. – A Vivian quer mesmo que você esteja lá. Isso é importante para ela. Ela até convenceu Jared a me levar para que eu pudesse estar aqui com você.

Sorri sabendo que Jared não precisava ser convencido a convidá-la para sair.

– O que você acha? Você ainda não disse nada sobre sua aparência.

– Oh, ãh... – Fiquei na frente do espelho e meus lábios se fecharam naturalmente. Havia um pequeno resquício da garota que preferia usar jeans e rabo de cavalo, da garota que ainda não conseguia se maquiar sozinha. Seus olhos marrons-claros brilhavam sob uma sombra rosa e cílios escuros. Eram as suas bochechas que estavam vermelhas, e seus lábios que estavam repletos de gloss, que sorriam para mim.

Virei para o lado e as camadas de seda pendiam em volta de mim. Meus dedos traçaram o desenho bordado em rosa claro na parte de cima do colete, de cor champanhe. Sara escolhera o mesmo tom de rosa para o penteado do meu cabelo, como se tivesse colocado uma faixa em minha cabeça, deixando alguns cachos artisticamente amontoados na minha nuca. Coloquei o toque final do traje em volta do pescoço, permitindo que meus dedos

acariciassem o diamante reluzente, da maneira como havia feito no dia em que ele o deu para mim.

Quando Sara saiu do banheiro virei-me para a porta com meu rosto brilhando, pronta para agradecê-la por sua engenhosa transformação, mas perdi a fala ao olhar para ela. O vestido azul safira cobria seu corpo, roçando suas curvas em uma dança deslumbrante. Longos cachos vermelhos caíam sobre seu ombro direito. Ela estava... adorável.

– Jared está numa enrascada bem grande – disse eu, boquiaberta. – Sara, você está maravilhosa. – Não sei porque eu estava tão admirada. Por alguma razão ela era a garota mais desejada da escola, mas acho que eu me esquecia disso na maior parte das vezes, para mim ela era apenas a *Sara*. Mas agora não havia como negar sua aparência de modelo e sua beleza helênica.

Sara sorriu vibrantemente, revelando dentes brancos perfeitos por trás de seus lábios vermelhos brilhantes.

– Talvez ele esteja.

– Sara, por favor, não me diga que você vai dormir com ele – implorei.

– Relaxa. Não vou – disse ela, movendo os olhos para cima e para baixo. – Mas isso não significa que não podemos nos divertir.

Meu telefone tocou, distraíndo-me com uma mensagem: *Falei com Carl e telefonamos para Rachel. Ela é um amor e acho que ela também quer que você vá morar lá. Vamos nos encontrar com ela no sábado, mas parece que já está tudo arrumado para domingo.*

Sara me entregou meu casaco e a sacola com o presente de Evan.

– Seus pais estão me deixando morar com ela – declarei.

– Bem, então, acho que agora é para valer. – Sara segurou a porta aberta para que eu passasse por ela.

– Acho que sim. – Meu estômago revirou com a percepção do que estava por vir.

Achei que perderia a força nos joelhos quando vi a parte de trás do paletó do seu terno preto, depois de termos dobrado no corredor, e chegado à recepção. Meus olhos correram por ele para encontrar seu cabelo castanho-claro normalmente despenteado arrumado para

o lado num visual mais distinto. Ele estava entretido em uma conversa com o irmão e não percebeu nossa aproximação.

Evan parou a frase no meio quando Jared ficou boquiaberto. Jared *estava* em uma enrascada – estava na cara dele à medida que Sara caminhava em direção a ele.

Não consegui sentir minhas pernas se mexendo quando Evan se virou. Meu coração parou ao me deparar com aqueles olhos azuis, e o calor subiu para o meu rosto quando aquele sorriso perfeito se formou em sua boca. Fazia apenas duas semanas que eu não o via, pois ele fora esquiar, mas por algum motivo parecia que eu o estava vendo pela primeira vez.

– Oi – sussurrei. Ele deu um passo para segurar minha mão, nossa conexão ininterrupta desde o momento em que nossos olhos se encontraram pela primeira vez.

– Oi – respondeu ele, ainda sorrindo. Ele inclinou a cabeça para baixo para me beijar, mas Sara interrompeu.

– Precisamos ir se não vamos nos atrasar.

– Claro – respondeu Evan, nos levando imediatamente para fora da recepção movimentada, repleta de pessoas vestidas formalmente, provavelmente a caminho do mesmo evento que nós. Ele me ajudou a colocar minha jaqueta. Coloquei também minhas luvas de couro pretas me preparando para o frio de janeiro e segurei novamente em sua mão.

– O que é isso? – perguntou Evan, apontando para a sacola.

– Uma surpresa. – Sorri. Eu já havia esperado tanto tempo para entregar o presente a ele, não estava mais aguentando.

– Também tenho uma dessa para você. – Ele sorriu segurando a porta aberta para mim.

– Uma dessa o quê?

– Uma surpresa – revelou, sorrindo mais e fazendo com que meu rosto se colorisse mais uma vez.

Entrei na limusine e me sentei ao lado de Sara, pois ela estava sentada na frente de Jared. Evan foi forçado a se sentar ao lado do irmão, soltando minha mão. Olhei para ele, e trocamos um olhar que dizia *Eu-gostaria-de-estar-sentada(o)-ao-seu-lado*.

A limusine parou numa calçada de paralelepípedos redondos e o motorista deu a volta para abrir a porta. O restaurante parecia mais uma mansão do que um lugar para se fazer refeições, com vários beirais e janelas brilhantes em cada andar.

Fomos levados a um pátio reservado que fora envidraçado para a temporada de inverno, com uma vista espetacular da escuridão e do oceano.

– Que maravilha! Vocês estão aqui – Vivian nos cumprimentou, alegremente, com os braços abertos. Ela segurou cada um dos filhos pelos ombros quando eles se abaixaram para beijá-la no rosto, e então admirou Sara e eu depois que os rapazes nos ajudaram a tirar nossos casacos.

– Finas – declarou ela, envolvendo cada uma de nós no seu breve abraço característico com um beijo no rosto. – Venham. Sentem-se.

Stuart permaneceu imóvel. Ele não havia sequer olhado para nós desde que chegamos. Olhava impassível para o oceano, segurando um copo de gelo com uma bebida de cor caramelo.

Com a insistência de Vivian, nos sentamos. Sentei-me ao lado de Evan na mesa retangular, enquanto Jared e Sara estavam à nossa frente e Vivian e Stuart se sentaram um em cada ponta da mesa. Evan segurou minha mão embaixo da mesa, me acalmando de imediato.

Iniciou-se a conversa cortês. Esforcei-me ao máximo para não participar da conversa a não ser quando uma pergunta ou um comentário eram dirigidos a mim. E, claro, sempre que isso acontecia eu normalmente estava com a boca cheia ou no meio de um gole da minha bebida. Sara apertava os lábios para não cair na gargalhada, e isso apenas fazia com que eu me contorcesse desconfortavelmente.

Depois de sobreviver ao jantar da ansiedade, pedi licença para usar o banheiro e combinei com Evan de encontrá-lo no saguão.

Foi um sacrifício segurar a seda alto o suficiente para que o tecido não caísse dentro do vaso sanitário. Eu estava em pé do lado de fora do banheiro, arrumando meu vestido, quando ouvi:

– Não quero falar sobre isso de novo.

Fiquei parada. Sem saber se deveria continuar meu caminho ou esperar até que terminassem, fiquei aliviada por ter decidido continuar ali quando ouvi as próximas palavras:

– Ela não é o seu futuro, Evan. Já passou da hora de você perceber isso. Não vou permitir que você deixe Yale escapar das suas mãos para seguir uma garota, principalmente *esta* garota, pelo país afora.

– Não é você quem vai fazer esta escolha por mim, pai – respondeu Evan. – Não espero que *você* entenda.

– Stuart, o que você está fazendo? – Vivian acenou de longe. – Vamos nos atrasar.

Permaneci ali, pasma encostada na porta do banheiro com meu coração batendo forte e minha cabeça a mil por hora. O que acabara de acontecer? Eu sabia que Stuart era reservado, mas eu não tinha a menor ideia de que ele era assim porque não concordava com a minha presença ali. A reação dele me afetou e meu lábio começou a tremer.

Mordi o lábio respirando profundamente para me recompor. Então caminhei pelo corredor e dei um sorriso forçado quando vi Evan esperando por mim com meu casaco em seu braço.

– Tudo bem? – perguntou ele, inspecionando meu rosto. Aumentei meu sorriso e balancei a cabeça dizendo que sim. Passei meus braços pelo casaco com as minhas costas viradas para Evan, com medo de que ele conseguisse perceber o que eu sentia.

Evan segurou a porta aberta e me deu passagem para que eu entrasse na limusine. Sara e Jared estavam sentados à nossa frente, envolvidos em uma conversa sobre quem cada um deles achava que era o melhor guitarrista.

Evan segurou minha mão.

– Você está tremendo?

– Está frio – menti, querendo revirar meus olhos para minha reação involuntária. Evan passou o braço em volta de mim para me aquecer. Eu me acalmei, me aninhando em seus braços.

– Uau – Sara admirou a mansão, enquanto a limusine entrou devagar na fila atrás dos outros carros. Uma onda de nervoso retorceu meu estômago. Senti-me como se estivesse chegando

minha vez na fila para uma volta numa montanha-russa que desafia a morte.

– São apenas pessoas – Evan me encorajou com um sussurro, provavelmente percebendo que eu não respirava. Soltei a respiração para relaxar meus ombros, acariciando sua mão.

Apenas pessoas cobertas por joias de todas as cores ou vestidas em smokings feitos sob medida, repletas de julgamentos e comentários sarcásticos. Passamos no meio dos corpos iluminados brilhando à luz da vela. As vozes podiam ser ouvidas junto com a suavidade da banda de jazz no salão de baile.

Por todo o lugar para onde eu olhava me deparava com mais brilho.

– Sra. Mathews, isso é incrível – disse Sara, embasbacada. – Nunca vi nada tão bonito assim.

– Não sei se meus filhos concordariam com isso – respondeu Vivian, com um sorriso. Meu rosto ficou quente quando Evan acariciou minha mão. – Isso realmente se tornou mais espetacular do que eu poderia esperar. Estou tão feliz por ter todos vocês aqui comigo. Preciso cumprimentar mais alguns convidados, mas vou querer dançar com você mais tarde, Evan. – Ela sorriu quando encontrou os olhos do filho, e saiu deslizando no vestido de cor marfim antigo que dançava ao redor dela. Vivian era o retrato da sofisticação, com seu cabelo loiro penteado para trás em um coque francês. Eu admirava a maneira como ela era contida, mesmo em um cenário totalmente deslumbrante para mim.

– Que história é essa? – perguntou Sara, olhando para Evan. – Você sabe algum passo louco de dança ou algo parecido?

Jared riu, e Evan lançou-lhe um olhar de advertência.

– Evan é o *parceiro de dança* da mamãe. Meu pai se recusa a dançar, e eu fracassei nas aulas...

– Você fez aulas de dança? – Sara riu, interrompendo Jared.

– Sim – Evan admitiu, por fim. – Minha mãe adora dançar. E parece que eu sou o único capaz de dançar com ela sem pisar nos seus pés. – Ele olhou para Jared, que zombava dele nas suas costas.

– Mal posso esperar para ver isso – disse Sara, com um sorriso.

Encontramos um salão num canto mais afastado daquelas conversas sufocantes e nos envolvemos conversando sobre os detalhes da viagem que Evan e Jared fizeram para esquiar na França.

– Ah, Em, você já contou a novidade para Evan? – soltou Sara. Levei alguns minutos para me lembrar do que ela falava, torcendo para que ela não estragasse a surpresa que eu tinha embrulhado dentro da caixa.

– Não – respondi devagar, e então me lembrei. – Ah, vou me mudar para a casa da minha mãe neste final de semana – contei, sem dar muita importância ao fato, como se falasse que acabei de comprar um par de sapatos.

Jared não fazia a menor ideia do motivo de isso ser uma grande novidade, mas Evan apertou os olhos.

– Você vai fazer o quê? – perguntou ele.

– Sua mãe está lhe procurando – Stuart o interrompeu, atrás de nós. Evan olhou para trás e viu Vivian procurando por ele na multidão. Ela levantou a mão quando o viu.

– Volto logo – disse Evan, levantando-se para conduzir sua mãe para a pista de dança. Eu me virei para Sara, mas Jared e ela já estavam atravessando a multidão para não perder o espetáculo. Fiquei sozinha na sombra de Stuart.

Com a sensação de que não poderia simplesmente sair dali sem parecer completamente rude, me atrapalhei procurando por algo inteligente para dizer. E acabei dizendo:

– Esta é uma senhora festa, hein?

Ele olhou para mim como se eu tivesse falado em uma língua estrangeira, balançou a cabeça ligeiramente e saiu.

– Tudo bem, então – disse eu, olhando em volta para ver se alguém testemunhara minha humilhação. Abri meu caminho na multidão em direção ao salão de baile. A pista de dança estava repleta de casais, mas um casal se destacava no meio dos outros. Eles deslizavam com facilidade e graça no ritmo da música de Sinatra, cantada por um cantor magro.

– Meu Deus – suspirou Sara ao meu lado, com uma taça de champanhe na mão. – Eles realmente sabem *dançar*. – Fiquei

boquiaberta quando vi Evan conduzindo Vivian de maneira perfeita, envolvendo sua mão na dele.

Os olhos dela brilhavam enquanto giravam pela pista de dança, seus pés em perfeita harmonia.

– Falei – disse Jared. – Dançam muito bem, não é?

– Muito – respondi, atrapalhada, percebendo que ainda havia muitas coisas sobre Evan que eu não sabia.

A música terminou e houve uma grande salva de palmas. Evan parecia envergonhado, mas Vivian sorria bastante. Naquele momento, uma mulher de cabelo curto e branco, com um vestido preto de mangas longas, subiu ao palco e pegou o microfone. Stuart se juntou à Vivian e Evan avistou nós três do outro lado da pista de dança.

– Uau – disse, quando ele colocou o braço em volta da minha cintura. Ele encolheu os ombros, envergonhado, e voltou sua atenção para a pessoa que ia falar.

A mulher reconheceu as conquistas do trabalho filantrópico de Vivian durante todos aqueles anos, anunciando a todos seu sucesso e dedicação a cada causa e também sua organização. Ela havia investido não apenas seu tempo, mas também sua paixão. Ouvi com atenção, completamente surpresa com tudo o que Vivian fizera. A apresentação terminou com aplausos, e então a mulher de cabelos brancos entregou à Vivian um prêmio feito de cristal e lhe deu um beijo no rosto.

A música recomeçou, e encontramos Vivian, junto com todas as outras pessoas da plateia, que a cumprimentavam com carinho. Evan abraçou sua mãe, seguido por Jared e Sara. Eu também fui cumprimentá-la. Ela passou os braços em volta de mim com mais força e por mais tempo do que ela costumava e sussurrou no meu ouvido:

– Estou muito feliz por você estar aqui conosco.

Meus olhos encheram-se de lágrimas, pois percebi a sinceridade de suas palavras. Ela me soltou e foi puxada em outra direção, recebendo mais elogios.

Evan segurou minha mão e me levou para longe da multidão. Eu ainda estava envolvida pela situação, minha cabeça repleta de

emoção.

- Vamos sair daqui – disse Evan, no meu ouvido.
- O quê? Você quer ir embora? – Olhei para ele, perplexa.
- Sim. Quero mostrar uma coisa.
- Certo – respondi, ainda bastante confusa. Pegamos nossos casacos e Evan me conduziu pela porta sem nos despedirmos de ninguém.



2. Fogos de artifício

Evan me conduziu pela calçada repleta de limusines e carros. Nos aproximamos do estacionamento e reconheci a BMW dele.

– Quando seu carro veio para cá? – perguntei, desconfiada.

– Eu o trouxe para cá mais cedo – contou-me, com um sorriso torto. Foi então que percebi que isso era parte do seu plano. A “surpresa” que ele mencionara quando deixamos o hotel.

Evan abriu a porta do passageiro e pegou uma mochila. Abriu a mochila e me entregou um par de tênis. Olhei para ele preocupada, reconhecendo os sapatos que deveriam estar na casa de Sara – o que significava que a Sara também estava envolvida nisso.

– Achei que você ficaria mais confortável com eles – explicou ele, jogando seus sapatos pretos no chão do carro, junto com o paletó do smoking, e calçando um par de tênis. Eu me sentei no banco do passageiro e troquei meus sapatos.

Eu já tentara, no passado, adivinhar seus planos sem sucesso, por isso aprendi a apenas deixar acontecer sem fazer muitas perguntas – a não ser que ele nos levasse para a beirada de um penhasco e sugerisse que pulássemos. Então eu teria algo para dizer.

Evan encontrou minha mão de novo, e continuamos andando pela rua de paralelepípedos, repleta de lanternas. Meu ombro encostou no dele enquanto andávamos com o ar fresco ao nosso redor. O céu estava limpo, permitindo que a lua cheia nos acompanhasse como se fosse um holofote.

Não havíamos andado muito quando Evan me puxou entre duas cercas vivas que envolviam a propriedade.

– Evan, aonde vamos? – perguntei, em pânico, com medo de estarmos invadindo uma propriedade e de estarmos quase sendo

pegos.

– Eles não estão em casa – ele assegurou, nossos pés esmagando a camada cintilante de neve intocada. Olhei para cima e vi uma alta mansão com cristas espalhafatosas. As janelas estavam escuras.

– Mas tenho certeza de que elas têm um sistema de alarme ou algo assim – contestei, olhando nervosa para os lados, prevendo a chegada de luzes piscando. Continuei atrás dele, tropeçando no piso irregular. Fui forçada a levantar meu vestido para não tropeçar na neve.

– Pare de se preocupar. – Riu ele, me apoiando pelo cotovelo. – Minha mãe conhece as pessoas que moram aqui, ela chegou até a convidá-los para a festa desta noite. Eles estão no Brasil. Falei diretamente com eles sobre o que pretendia fazer, e eles não se importaram. Não vamos invadir a casa deles ou algo parecido.

– Sério? – perguntei, ainda com um pouco de dúvida.

– Sério – confirmou Evan, mais uma vez, com um sorriso. – Confie em mim.

Andamos pelas longas sombras da mansão até a varanda de trás. Parei no caminho ao ver uma luz brilhando.

– Achei que você tinha dito que não tinha ninguém em casa.

Evan riu novamente, impressionado com meu estado de pânico.

– Eles *não* estão em casa. Isso é para nós. Paguei o motorista da limusine para acender o fogo e trazer nossas malas.

– Oh!

Era um cenário charmoso, com duas cadeiras de jardim arrumadas em volta de uma lareira na varanda de pedra, coberta por um beiral. Um rádio portátil e meu presente estavam colocados numa pequena mesa na lateral.

– Gostei disso – disse eu, sorrindo para ele.

Caminhamos até a pequena lareira e ficamos parados na frente do fogo, absorvendo seu calor. Evan chegou ao meu lado e passou os braços em volta da minha cintura, segurando-me. Eu me virei para olhar para ele, um sorriso ridículo se espalhou em meu rosto.

– Senti sua falta.

– Também senti sua falta. – Evan se abaixou para me encontrar. Podia sentir seu nariz gelado no meu rosto, mas sua respiração em

meus lábios aqueceu meu corpo de imediato. Ele pressionou sua boca firme suavemente contra a minha, e assim ficou até que eu perdesse meu fôlego. Meus olhos continuaram fechados, saboreando a sensação nos meus lábios.

– Estou feliz por você ter vindo esta noite – disse ele, a alguns centímetros de distância. – Sei que foi difícil para você. Mas significou muito para minha mãe.

– Também estou feliz por ter vindo. Não queria ter perdido a oportunidade de ouvir tudo o que foi dito sobre Vivian. Ela é incrível. Eu não fazia ideia disso.

Evan inclinou-se e beijou-me, passando a mão pelo meu rosto.

– Você quer o seu presente? – perguntou Evan, afastando-se. Comecei a sorrir, mas vacilei. Seu rosto ficou confuso. – Você não quer?

As palavras de reprovação de Stuart Mathews não saíam da minha cabeça, e agora eu não sabia mais se eu queria tanto dar o meu presente para ele.

– Podemos esperar? – pedi, de maneira estranha.

– Ah, não – respondeu Evan, com as sobrancelhas unidas, pegando a pequena caixa retangular na mesa. – Mas você pode abrir o seu primeiro se isso a faz se sentir melhor. – Peguei, nervosa, a caixa de sua mão.

– Vamos lá, abra – encorajou ele, com impaciência. Rasguei o papel prateado e encontrei uma longa caixa retangular que parecia ter custado caro. Segurei minha respiração enquanto a abria. Um sorriso reluzente surgiu em meu rosto quando tirei da caixa dois ingressos para um show.

– Evan! – Pulei para cima para passar meus braços em volta do pescoço dele. – Sim! Este é o presente perfeito. Obrigada.

– De nada – respondeu Evan, abraçando-me de volta. – Eu queria ter o prazer de levá-la ao seu primeiro show.

– Quando é? – Procurei a data no ingresso. – No final do mês. Ótimo. Não terei que esperar por muito tempo.

– Quase comprei um terceiro ingresso para Sara porque sei que ela adora a banda, mas decidi que este era um momento só nosso.

Ri, já imaginando Sara reclamando na minha orelha quando eu mostrasse para ela os ingressos para o show que ela tanto queria ver e que já estavam esgotados.

Coloquei os ingressos de volta na caixa e a guardei no bolso interno do meu casaco. Evan olhou para mim na expectativa. Fechei minha boca tentando inventar alguma desculpa para não dar o presente a ele, mas eu sabia que eu tinha que dar.

– Então, espero que você goste. – Retirei a caixa embrulhada no papel verde brilhante da sacola e a entreguei a ele, segurando minha respiração enquanto ele a abria. Ele tirou a tampa e olhou para ver o que estava dentro, depois olhou para mim, e então olhou para a caixa novamente.

– Isso quer dizer que...? – Seus olhos se iluminaram e sua boca se transformou em um sorriso deslumbrante enquanto ele colocava a caixa na cadeira. Apesar da minha retidão, não pude evitar sorrir de volta para ele, sua excitação era contagiosa. – Você entrou! – Ele passou os braços em volta da minha cintura e me pegou no colo. Gritei surpresa, rindo. – Em, estou tão feliz por você. – Ele me beijou e me abraçou mais uma vez.

– Quando você soube? – Evan não conseguia parar de sorrir.

– Dez dias atrás – confessei, quando ele me colocou de volta no chão.

– Uau. Deve ter sido difícil não contar para ninguém – disse ele, impressionado, pois sabia o quanto eu queria isto. – Stanford. Você merece. Você nem me contou que tinha se candidatado para a admissão antecipada.

Desviei meus olhos timidamente.

– Foi difícil não contar. Mas contei para Sara, desculpe.

– Quando eu disse *ninguém*, eu não considerei a Sara. Não tinha dúvida de que você contaria para ela. – A emoção continuou no ar. – Agora só preciso descobrir qual faculdade me aceita para que eu possa ir com você. – Mais uma vez, não consegui sorrir.

– O que foi? – perguntou Evan, com a testa franzida sem entender nada.

Abri minha boca para falar, mas fechei-a imediatamente.

– Diga – pediu ele. – Deixe-me entrar nesta sua cabeça antes que você comece a pensar coisas que não deveria.

– Tarde demais – confessei, sentindo-me culpada. Parei mais uma vez antes de admitir: – Ouvi seu pai. – Evan abriu a boca e estava a ponto de falar algumas palavras não muito agradáveis, quando o interrompi: – Ele está certo.

Ele parou e olhou para mim.

– Sobre o quê?

– Você não pode tomar uma das decisões mais importantes da sua vida baseado em uma garota.

Evan sorriu. Não era a reação que eu esperava.

– Certo. – Meus olhos se arregalaram com sua resposta despreocupada. Ele continuou com aquele sorriso infame no rosto ao dizer: – Porque Stanford e Berkeley são *péssimas* faculdades e eu estaria colocando em risco todo o meu futuro se eu me mudasse para a Califórnia. Você está certa. Devíamos terminar então, pois não há nenhum motivo para pensar em ficarmos juntos quando precisamos tomar decisões sobre nosso futuro.

– Evan! – Enrolei o papel do embrulho e joguei nele. Ele riu e o jogou no fogo como se houvesse planejado este movimento. – Não foi isso que eu quis dizer – bufei.

– Eu sei – ele riu, me puxando para perto dele –, mas você não pode dar ouvidos ao meu pai. Ele apenas *pensa* que sabe o que é melhor para mim, quando, na verdade, ele não tem a menor ideia de quem eu sou. Ele beijou minha cabeça e acrescentou:

– Nunca tomaria uma decisão tão importante baseado em uma garota. – Ele parou tempo o suficiente para que uma onda de pânico me deixasse tensa, e depois acrescentou: – Mas você não é uma garota qualquer. Eu vou... *nós vamos* para a Califórnia.

Deitei meu rosto no seu peito e passei meus braços em volta dele.

– Yale é a melhor faculdade de direito do país – lembrei-o, sem muita convicção.

– E quem disse que eu quero ser advogado? – respondeu ele, acariciando-me de volta. De repente ele foi para trás e disse: – O que eu quero é ensinar você a dançar.

Meu coração parou de bater.

– Você quer fazer o quê? – Evan riu.

– Eu não sei dançar.

Ele riu mais uma vez.

– Eu sei. Por isso vou ensinar você.

Gemi e cerrei meus dentes com medo enquanto ele se aproximava do aparelho de som. Eu estava tentando descobrir como conseguir um pouco de graça enquanto ele ligava seu iPhone no aparelho e procurava as seleções de músicas. Olhei pela varanda vazia, procurando por potenciais possibilidades de tropeço. Então olhei para o chifon em volta dos meus tênis e suspirei desistindo – isso seria um desastre.

Minha cabeça quase estourou com o dedilhar repentino da guitarra seguido pelo barulho dos tambores. Evan começou a balançar a cabeça no ritmo, e veio caminhando devagar em minha direção. Ele me alcançou, embalando meus quadris em suas mãos, me balançando ao som da música punk.

– Pronta? – perguntou ele, segurando minha mão e me girando enquanto eu ria. Quando me virei para olhá-lo ele começou a saltar para cima e para baixo, forçando-me a pular com ele. Aquela energia tomou conta de mim, e no fim eu estava pulando para cima e para baixo com ele. Ele sorriu em aprovação e começou a balançar sua cabeça no ritmo da batida. Balancei de um lado para o outro e pulei em um círculo, mexendo meus braços, minha saia rodando em minha volta.

Giramos pela varanda ouvindo outra música até que caí numa espreguiçadeira, zonha e sem ar.

– Você é incrível. – Evan estava parado à minha frente, admirando minhas bochechas coradas.

– Tenho certeza de que não pareço incrível agora – mencionei, assoprando o fio de cabelo preso no meu nariz enquanto uma gota de suor descia por meu rosto.

– Não foi isso que eu disse – corrigiu ele. – Você é incrível.

Podia sentir minhas bochechas mudando de cor, e meus lábios se fecharam num sorriso envergonhado.

– O que foi que eu fiz?

– É você, tudo em você... você é incrível – disse ele.

– Você adora que eu seja esta grande dançarina – zombei, fazendo com que ele risse.

Evan me puxou até seus pés e me encontrou com um beijo que acendeu milhares de fogos de artifício por todo meu corpo. Espere. Eram *realmente* fogos de artifício. Eu me virei para ver algumas faíscas vermelhas no céu. Saímos para fora da varanda para assistir ao espetáculo.

– Feliz Ano-Novo – disse Evan, no meu ouvido, puxando-me para me dar um beijo antes que eu pudesse dizer o mesmo a ele.

Foi a queima de fogos mais deslumbrante que eu já vi, e eu podia sentir meu coração batendo dentro do meu peito a cada explosão. Parecia que as faíscas caíam em nós. Sempre que eu me virava para Evan o encontrava me olhando com adoração. Então ele se virava novamente para os fogos no céu.

Quando o espetáculo acabou, meus dedos estavam dormentes por ter ficado em pé na neve, e eu estava tremendo. Os fogos de artifício eram tão hipnotizantes que só agora percebi que a temperatura caía.

– Vamos embora – disse Evan, esfregando meus braços ao perceber que eu estava tremendo. – Você está quase se transformando num enfeite de jardim congelado.

Eu o segui até a varanda, onde o fogo se transformara em um monte de brasas. Evan caminhou para a lateral da casa e voltou com dois galões de água para apagar a brasa que ainda restava na lareira. Guardei o pacote de Evan e o aparelho de som enquanto ele apagava o fogo.

Quando nos aproximamos da frente da casa pude ver a BMW preta de Evan parada na calçada.

– O motorista da limusine?

– É incrível – disse Evan, admirado. Quando entramos no carro quente, tirei minhas luvas e descongelei minhas mãos na frente do vento que soprava. – E agora, para onde vamos?

– Para um hotel? – sugeri, tentando soar indiferente.

Evan sorriu conscientemente.

– O meu ou o seu?

A pergunta de repente fez com que me lembrasse de Sara. Fiquei imaginando como fora a noite dela e onde Jared e ela estariam neste momento.

– Onde você acha que eles estão? – perguntou Evan, como se estivesse lendo meus pensamentos.

– Você não acha que eles...

– Ele estava animado em vê-la de novo. – Ele deu de ombros. – E ela estava muito bonita nesta noite.

– Eu sei disso, tá? – concordei, enfaticamente. – Mas você não acha que eles... acha?

Evan encolheu os ombros mais uma vez.

– Vamos apenas pegar um quarto e torcer para que esteja vazio.

Ele se encostou e me viu esperando. O beijo que começou suave transformou-se em algo mais urgente, repleto de desejos. O nervosismo que tomara conta de mim ao me imaginar indo para o quarto do hotel rapidamente se transformou em uma necessidade de chegar lá o mais rápido possível.

Evan foi para trás, respirando pesado:

– O seu. – Ele colocou o cinto de segurança e engatou o carro, saindo rápido pela rua. Foi então que encontramos a lenta fila de limusines saindo pela entrada da mansão e fomos praticamente obrigados a parar. – Ah, não – gemeu Evan, batendo a cabeça contra o encosto de cabeça do carro, frustrado. Eu ri.

Enquanto esperamos pacientemente para que a fila andasse, Evan disse:

– Acho que este ano será excelente, Em.

– Espero que sim. – Acariciei a mão dele que estava no meu colo e pensei: “não pode ser pior do que o ano passado”.

– Vai ser diferente, com certeza – continuou ele. – Principalmente porque você vai morar com a sua mãe. – De onde veio essa ideia?

Encolhi meus ombros.

– Percebi que era a melhor hora para reconhecer que tenho uma mãe.

– Certo – disse ele, devagar, balançando a cabeça. – Mas neste final de semana? Tudo de uma vez, né?

– O que você quer dizer com isso?

– Quero dizer que, se você vai fazer alguma coisa, você vai fazer tudo o que pode ser feito. Você decidiu voltar a se relacionar com a sua mãe, então, por que não morar com ela?

Encolhi meus ombros mais uma vez. Nunca havia reconhecido que esta era uma das minhas características. Mas ele estava certo. Eu era uma perfeccionista que precisava me destacar em tudo que fizesse – então, por que não fazer isso?

– O que o seu terapeuta vai dizer sobre sua decisão? – perguntou ele, e então balançou a cabeça quando não respondi. – Você parou a terapia, não é? – Continuei sem dizer nada pois sabia o que ele pensava sobre a terapia. – Por quê?

– Estou bem – respondi, em tom de defesa. – Não vejo motivo para continuar. Além disso, Sara é a melhor terapeuta que existe com PhD, e ela não me obriga a escrever meus sentimentos.

Evan riu.

– Talvez isso seja verdade. – Sua risada começou a desaparecer, e ele ficou sério. – Você sabe que se precisar conversar...

– Eu não gosto muito de conversar. – Voltei minha atenção para o lado de fora da janela. Como não queria tumultuar as emoções, resolvi ficar em silêncio.

E ele aceitou.

– Eu sei – respondeu ele, suavemente. Depois de um momento de silêncio Evan acrescentou: – Este ano vai ser melhor na escola também. Olhei para ele sem acreditar.

– É verdade – assegurou ele. – Sabe, alguma coisa estúpida deve ter acontecido durante as férias. Alguém deve ter feito uma plástica no nariz, ou deve ter dormido com a namorada do melhor amigo. As pessoas esquecem rápido das coisas. – Evan acariciou minha mão, e eu desejei com toda minha força que ele estivesse certo.

Meu estômago se agitou por causa do nervoso quando ele parou no hotel. Enquanto esperávamos pelo manobrista, Evan disse:

– Vamos administrar nossas expectativas. Podemos fazer tudo com naturalidade.

Olhei para ele.

– Você está falando sério? É claro que eu tenho expectativas. Estou na *expectativa* de transar com você há uns seis meses.

– Tudo bem, então – respondeu Evan, com um sorriso. – É óbvio que temos as mesmas expectativas. – Ri, tentando diminuir a tensão.

Deixamos o carro com o manobrista e caminhamos em direção ao elevador. Evan segurou minha mão o tempo todo, e meu corpo tremia tanto que eu não conseguia pensar em nada para dizer.

Antes que eu abrisse a porta, Evan se virou para mim e disse:

– Feche os olhos. – Obedeci. – Respire fundo. – Respirei profundamente e relaxei meus ombros quando soltei o ar. Esperei pela próxima instrução, mas em vez disso senti os lábios dele tocando os meus. O toque me surpreendeu. Minha respiração calma oscilou e meus joelhos se enfraqueceram. Abri minha boca no mesmo ritmo da boca dele, e senti o calor da sua língua na minha. Procurando pela chave no meu bolso, tentei abrir a porta sem me desencostar dele. Mas não consegui.

Afastei-me o suficiente apenas para colocar a chave e abrir a porta. Então puxei Evan em minha direção e encontrei seus lábios novamente. Evan começou a desabotoar seu casaco enquanto eu entrava de costas no quarto. E foi então que ouvi:

– Vocês estão aqui! – Interrompi o beijo de Evan e me virei, batendo a porta na cara dele.

– Sara, oi – falei, tentando recuperar meu fôlego. Abri a porta e encontrei Evan esfregando a testa: – Então, Sara está aqui. Ah, acho que vejo você pela manhã.

– Ah, tudo bem – disse Evan, devagar, olhando para mim como se eu estivesse agindo de maneira estranha, e eu realmente estava. – Acho que vejo você pela manhã. – Bati a porta antes que ele ao menos tivesse me dado um beijo de boa noite.

– Qual é o problema com você? – perguntou Sara. – Você podia tê-lo deixado entrar.

– Não, já está tarde – respondi, rapidamente, tirando meu casaco e colocando-o em uma cadeira. Meu rosto pegava fogo.

– Ah, espere – gritou ela. – Vocês dois acharam que teriam o quarto só para vocês. Ah, Em! – Sara começou a rir histericamente.

– Sara. – Fiz uma careta. – Isso não é engraçado.

– Ah, é sim – respondeu ela. – Pela primeira vez na vida eu gosto de um cara e não durmo com ele. E vocês estavam finalmente quase transando e não conseguiram. Ah, isso é muito engraçado. Em, sinto muito.

Eu ri e caí ao lado dela na cama king size.

– Tomara que isso não seja uma indicação de como será este ano.

Sara encostou a cabeça no meu ombro e colocou o braço no meu estômago:

– É o final do último ano. E então vamos embora para a faculdade. Vai ser o melhor ano das nossas vidas. acredite em mim.

– Ri, mas não compartilhava do mesmo otimismo dela.



3. Ainda amada

– Podemos conversar sobre o que aconteceu na noite passada? – perguntei à Sara, após sairmos do pequeno restaurante onde havíamos tomado um café da manhã bem pesado com Jared e Evan, rodeados por pessoas que pareciam desejar nunca terem visto o Ano-Novo

– O quê? Que você pretendia *finalmente* perder sua virgindade e eu estraguei tudo?

– Não, definitivamente não é sobre isso que estou falando – respondi. – Você disse que *gosta* de Jared. O que aconteceu entre vocês?

– Prefiro não falar sobre isso.

Algo estava errado. Sara não costumava evitar uma conversa a respeito de um garoto.

– Estou confusa.

– Em, ele mora em Nova York. Ainda estou no Ensino Médio, sem considerar o fato de que vamos nos mudar para a Califórnia – explicou ela, sem emoção. – Não posso ficar me torturando. Preciso esquecê-lo... mais uma vez.

Olhei para ela. Ela continuou falando sem olhar para mim.

– Obrigada por dirigir – disse ela, colocando o telefone na bolsa. – Vou dormir praticamente a viagem toda, se você não se importar.

– Tudo bem – respondi, preocupada com a reação dela.

A viagem silenciosa me deu tempo para pensar – o que não era, necessariamente, uma coisa boa. Ficar pensando na minha vida por quase três horas poderia ser um pouco exagerado – até mesmo assustador. Mas, no final da viagem, estava satisfeita com minha discussão com meus botões. Eu não sabia se me mudar para a casa

da minha mãe era a coisa certa a fazer ou não, mas eu estava determinada a tentar.

– Vamos simplesmente fazer nada hoje e assistir filmes – propôs Sara, quando tiramos nossas malas do carro.

– Parece uma ótima ideia.

Evan teve que levar Jared de volta para a escola e por isso éramos apenas Sara e eu passando o primeiro dia do ano inteiro na frente da televisão. Obriguei-me a me concentrar naquelas comédias românticas bobas e na estranha humilhação dos adolescentes.

Sara respondia a uma mensagem de texto no celular.

– Em, você quer ir a uma festa hoje à noite?

– Oi, acho que não – respondi, sem pensar duas vezes.

– Por acaso você vai a alguma outra festa de novo?

– Não sei. – Suspirei. – Só não quero ouvir a pergunta errada de alguém que tenha bebido demais. Não quero ficar louca de novo.

– Eles precisam superar isso, e você também – respondeu Sara. – Você não pode passar o resto da vida trancada em casa porque tem medo que alguém diga a coisa errada para você. Alguém *sempre* acaba dizendo a coisa errada, então, problema deles. Quem se importa?

Sorri, eu sabia que ela estava certa.

– Mas hoje à noite não quero, tudo bem?

– Tudo bem. – Sara deu de ombros. Sabia que ela estava decepcionada. Eu não ia a uma festa com ela há mais de seis meses.

– Mas por que você não vai? – sugeri. – Eu não quero ir, mas não tem nenhum motivo para você não ir.

– Você está falando sério? – perguntou ela, com cautela.

– Claro – respondi, com firmeza.

O rosto de Sara se iluminou. Ela pegou o telefone novamente e começou a trocar mensagens para saber sobre os detalhes da festa.

Anna gritou na escada:

– Meninas, chegamos. Desçam e venham nos contar sobre a festa.

Sara deu um pulo e correu escada abaixo. Segui atrás dela, ainda não acostumada com esta família que gostava de conversar com Sara sobre as coisas que ela fazia. Anna e Carl eram muito pacientes

comigo, e não me faziam muitas perguntas. Mas até mesmo uma simples pergunta sobre meu dia me pegava desprevenida – perguntas que eram tão naturais para eles.

Sara sentou-se em seu lugar de sempre, de pernas cruzadas na cama king size de seus pais, e eu me sentei na beirada da cama, mais como uma observadora da conversa. Anna estava desarrumando as malas enquanto Carl checava a correspondência. Ele tirou um envelope da pilha.

– Emma, este é para você.

– Obrigada – respondi, ao pegar o envelope da sua mão.

Examinei o envelope sem endereço de remetente enquanto Sara contava todos os detalhes da noite – desde a decoração, a premiação de Vivian e a queima de fogos.

Eu estava passando meu dedo no selo de “Boca Raton, FL” quando ouvi:

– Como Evan reagiu quando você contou sobre Stanford, Emma?

Virei meus olhos para cima ao ouvir meu nome. Os três estavam esperando ansiosamente pela minha resposta e só então percebi que Sara e eu ainda não havíamos conversado sobre isso.

– Ele está animado – respondi, de maneira estranha.

Eles esperaram por mais um pouco e quando perceberam que aquilo era tudo o que eu diria Anna disse:

– Estou ansiosa para conhecer sua mãe amanhã pela manhã.

Balancei a cabeça, meu estômago doendo só de pensar.

– E então pensei que Sara, você e eu podíamos sair para fazer compras depois.

– Mãe, você já deveria saber que Emma odeia fazer compras. Mas eu topo – respondeu Sara, em meu lugar.

Carl olhou para mim e sugeriu:

– Futebol? – concordei, aliviada.

– O que vocês vão fazer hoje à noite? – perguntou Anna. – A Marissa Fleming não está dando uma festa? – Eu não deveria ter ficado chocada com o fato de Anna saber disso. Ela parecia saber a agenda social de todas as pessoas da cidade.

O rosto de Sara brilhou com o entusiasmo:

– Sim, e eu vou com as meninas.

– E você, Emma? – perguntou Anna, pendurando um vestido no armário.

– Eu vou ficar por aqui e ler alguma coisa – respondi, debilmente. Sara levantou-se da cama.

– Você precisa me ajudar a escolher alguma coisa para vestir.

Embora eu soubesse que não teria nenhuma influência sobre sua decisão respondi:

– Claro.

Vi Sara sair para a festa e assegurei-a milhares de vezes de que eu ficaria bem. E então pude voltar minha atenção para o envelope misterioso que estava na pilha de travesseiros sobre a estante do quarto de Sara.

Tentei me lembrar se eu estava esperando alguma coisa da Flórida. A carta não parecia ser de uma faculdade; era um envelope simples, branco, com uma letra pequena, em meu nome e no endereço dos McKinleys.

Quando tirei o papel dobrado de dentro do envelope meu coração parou de bater. Desdobrei-o com as mãos trêmulas e vi que a mensagem estava escrita com giz de cera. Na parte da frente havia um desenho simples de um menino, uma menina, um homem e uma mulher com cabelo grisalho, em pé ao lado de uma árvore de Natal. Abri o papel e encontrei a mensagem: *Feliz Natal, Emma. Sentimos sua falta!* escrito no papel em uma letra de criança. A mensagem terminava na parte de trás com: *Com amor sempre, Leyla e Jack.*

Fiquei olhando para aquelas palavras com lágrimas rolando pelo meu rosto. Engoli as lágrimas apesar do nó que tinha em minha garganta. Mas aqueles sorrisos grandes e vermelhos e a montanha de presentes embaixo da árvore eram confortadores. O homem era George, com certeza, mas não consegui descobrir quem era a mulher. Eu queria acreditar que era a mãe de Carol, Janet, mas ela não tinha cabelo grisalho.

Mudei de ideia e comecei a achar que ela devia ser uma professora ou alguém que eles conheceram na Flórida. Acho que agora eu sabia onde eles estavam – mas, mesmo assim, eu não esperava vê-los novamente.

Aquilo foi o suficiente. Aquilo me levou ao meu limite. Caí nos travesseiros e chorei até que senti uma mão acariciando minhas costas. Levantei minha cabeça surpresa. Anna estava ajoelhada ao meu lado, seus olhos vidrados enquanto me oferecia um sorriso reconfortante. Ela percebera o desenho na minha mão e o colocara ao meu lado.

– Eles parecem tão felizes – disse ela, colocando gentilmente meu cabelo atrás da minha orelha. – Isso é o que você sempre desejou para eles, não é?

Ficou claro para mim que Sara confiara em sua mãe depois de tudo o que acontecera em maio do ano passado. E como ela poderia não confiar? Anna insistiria em saber por que Sara não falara com ela, provavelmente sentindo-se traída e magoada. Então, claro, Sara foi obrigada a contar a ela que eu fiquei para evitar que Leyla e Jack fossem tirados de seus pais. Bem... pelo menos eles ainda tinham o pai.

– Sim. – Solucei com a voz rouca.

– Foi legal da parte dele ter enviado o desenho para você. Isso significa que as crianças realmente ainda amam você.

Eu sabia que ela tentava aliviar a minha dor, mas pensar que eles sentiam minha falta me dava uma dor no peito, e lágrimas quentes caíam de meus olhos sem que eu conseguisse controlá-las. Anna me puxou para os seus braços e me abraçou com força, e eu deixei que ela fizesse isso sem me constranger. Inalei seu perfume floral acolhedor com cada suspiro de ar e me permiti sentir falta deles.

Quando consegui controlar minha dor e me aquietar novamente, Anna me soltou. Eu me sentei, secando meu rosto molhado.

– Entendo o motivo de você querer morar com sua mãe – disse Anna, finalmente. – E eu quero muito que vocês duas encontrem a conexão que perderam com o passar dos anos. Mas, se por alguma razão as coisas não derem certo, aqui sempre será a sua casa, e nós sempre faremos o que for melhor para você. Não falaremos nada para a assistente social, pois isso exigirá um trabalho burocrático enorme que não é necessário, e logo você fará dezoito anos. Nós deixaremos que ela continue fazendo o acompanhamento periódico

por telefone. Certo? – Balancei a cabeça, pois não conseguia encontrar minha voz.

Anna hesitou antes de acrescentar:

– Eu amo você, Emma. Todos nós a amamos. E estou falando muito sério quando digo que farei qualquer coisa por você, basta você pedir. Você entende isso?

Minha respiração ficou trêmula com sua declaração de amor, e respondi:

– Entendo. Obrigada.

A boca de Anna se abriu no sorriso que Sara herdara dela, iluminando seus olhos azuis generosos enquanto ela diminuía a seriedade do momento dizendo:

– Vamos tomar um pouco de sorvete.

Consegui apenas sorrir em resposta, permitindo que ela me ajudasse a me levantar da pilha de travesseiros e seguindo-a escada abaixo rumo à cozinha.

—

– Isso é tudo? – perguntou Carl, examinando a mochila e as duas sacolas na parte de trás da SUV de Anna.

– Eu não tenho muita coisa – respondi.

Anna e Sara entraram no carro enquanto me virei para Carl.

– Obrigada por tudo.

– Foi um prazer ter você aqui, Emma – respondeu ele, e, sem nenhum aviso, passou os braços em volta de mim e me puxou de encontro ao seu peito. – Vou manter contato com Stanford para você, mas tenho certeza de que você já terá resolvido tudo antes mesmo de eu saber. – Então ele me soltou e caminhou para a casa sem olhar para trás. Permaneci em pé, não estava muito preparada para aquele abraço de despedida.

– Pronta? – gritou Sara, pela janela do carro.

– Claro – respondi, dirigindo-me até o carro.

Enquanto saíamos da garagem olhei mais uma vez para a grande casa com uma pontada de tristeza. Embora eu nunca tivesse sentido que pertencesse àquele lugar, com certeza eu me sentia segura ali.

E esta era uma sensação que eu não tinha experimentado muitas vezes em minha vida.



4. Lar

Tentei prestar atenção às ruas que virávamos enquanto seguia Anna no meu Honda. Eu sabia que, por fim, precisaria saber voltar sozinha para a casa de Sara. Pelo menos agora eu seria capaz de dirigir o carro que Carl me ajudara a comprar alguns meses atrás, depois de *finalmente* conseguir tirar minha carteira de motorista. Eu não havia usado muito meu carro até agora, pois Sara e Evan me davam carona todos os dias. Mas agora eu seria a responsável por me levar até a escola.

Levou cerca de vinte minutos até chegarmos ao subúrbio de Weslyn, onde minha mãe morava em uma casa alugada. Passamos por um labirinto de ruas entrelaçadas dentro do bairro desorganizado. Diferente do de Sara, com casas grandes todas perfeitamente alinhadas, neste bairro as casas eram muito menores, amontoadas em um emaranhado de estradas. Crianças corriam de um quintal para o outro, pois poucas casas tinham cercas.

Anna parou na garagem de uma residência no final do labirinto. Com apenas uma casa vizinha, era isolada no final da rua, em frente ao bosque que cercava o bairro. Parei ao lado do meio-fio para que Anna conseguisse dar ré quando saísse.

O pequeno sobrado amarelo era pitoresco, com persianas brancas emoldurando as janelas e uma varanda branca que nos acolhia. A porta da frente se abriu e minha mãe apareceu, segurando a tela da porta aberta com seu quadril. Ela esperou que cada uma de nós pegasse uma mochila, com os braços cruzados, tremendo com o frio do inverno.

Não olhei para minha mãe ao passar por ela com medo de que seus olhos azuis-claros revelassem algo além das palavras que saíam

de sua boca.

– Oi, Emily. Estou feliz por você estar aqui.

– Obrigada por me deixar ficar com você – respondi, de maneira estranha.

– Sem problemas – respondeu ela. Sua voz mostrava seu nervosismo. – Esta é sua casa também. Você até tem o seu próprio quarto.

– Você precisa vê-lo – gritou Sara, pegando-me pela mão e levando-me para cima pelas escadas de madeira que subiam do meio de um pequeno vestíbulo. Anna riu, fazendo-me suspeitar de que elas fizeram mais do que apenas compras ontem.

No final da escada tinha um pequeno patamar. Logo à frente havia uma porta aberta que levava a um banheiro, e então mais duas portas ao lado das escadas. Sara abriu a porta da direita e acendeu a luz. Eu a segui devagar.

Ao entrar no quarto deixei meus olhos examinarem as quatro paredes. Três delas eram brancas, e a parede onde ficava a porta era preta. Virei-me em um círculo para observar tudo, inalando o cheiro remanescente de tinta fresca. Enrolei os lábios.

Uma cama grande ficava na frente da porta, coberta com uma colcha preta e branca em estilo barroco, além de almofadas brancas com bordas pretas. Acima da cama uma obra de arte tridimensional fazia parecer que centenas de borboletas pretas saíam da parede branca, amarradas por fios pretos.

Duas pequenas janelas à esquerda da cama eram dramaticamente emolduradas por cortinas pretas e grossas. Uma cômoda branca com gavetas estava encostada na parede preta, próximo a um espelho de parede com moldura branca que se inclinava em um suporte.

Do outro lado do quarto tinha uma escrivaninha. Seu tampo de vidro tinha desenhos de flores e borboletas pretas e estava apoiado em duas estantes de livros brancas. Acima da escrivaninha estava pendurado um quadro coberto por um pano que lembrava o desenho barroco da colcha preta e branca, com um bilhete preso a ele: *Bem-vinda ao Lar, Emma*, com a letra inconfundível de Sara.

– Você gostou? – perguntou Sara.

Eu me virei e encontrei Anna e minha mãe na porta, esperando por minha reação.

Engoli em seco.

– Não acredito que você fez isso – respondi. – Muito obrigada.

– Imagina – respondeu Anna.

Minha mãe estava em pé um pouco atrás de Anna, observando.

– Vocês querem beber alguma coisa? – ela perguntou à Anna, enquanto Sara começava a abrir as sacolas para colocar meus poucos pertences em seus lugares. As duas desapareceram pela escada e a voz de Anna ia sumindo à medida que ela se aproximava do andar de baixo.

– Sara, sério, obrigada.

Sara parou com uma pilha de camisetas nas mãos, reconhecendo a sinceridade em minha voz.

– Eu sabia que você estava nervosa por vir morar com ela – explicou ela, guardando as camisetas na gaveta que estava aberta. – Mesmo sem você admitir isso. Minha mãe também queria conhecer Rachel, por isso, essa pareceu ser a melhor ideia. Passamos o dia juntas ontem, fazendo compras, pintando e decorando o quarto. Emma, acho que você não precisa se preocupar com nada. Na verdade, provavelmente Rachel está mais nervosa do que você.

Eu não tinha certeza de que era possível não me preocupar.

Quando Sara finalmente ficou satisfeita com seu trabalho – depois de ter guardado minhas roupas, organizado meus livros e ligado o computador e o roteador que Anna e Carl me deram no Natal, ela disse:

– Acho que você já está instalada. – Fiquei extremamente nervosa quando percebi que ela estava se preparando para ir embora.

Tentei pensar em uma maneira de fazê-la ficar ali mais um pouco, mas então Anna gritou lá de baixo:

– Sara, você está pronta?

A verdade era que eu não estava pronta para ficar sozinha com minha mãe. E percebi, a partir de sua inquietação, que ela também não estava pronta para ficar comigo.

Nos despedimos e ficamos na varanda até que elas foram embora, inevitavelmente nos deixando sozinhas. Quando entrei na

casa o desconforto tomou conta de mim.

– Então... você pode dar uma olhada por aí se quiser – ofereceu ela, com hesitação, fechando a grossa porta de madeira com o painel de vidro no meio que fez barulho.

– Ah, tudo bem – respondi, me virando para a direita e passando pela entrada da cozinha, em forma de arco. Minha mãe continuou do lado de fora, no vestíbulo, observando-me com atenção.

A cozinha provavelmente nunca fora reformada desde que a casa fora construída, talvez tivesse apenas sido pintada com uma suave camada de tinta amarela. As portas dos armários de madeira estavam ligeiramente penduradas acima de uma bancada cheia de rachaduras. A funda cuba dupla de porcelana ficava embaixo da janela, que tinha vista para o bosque. Uma geladeira menor que eu fazia um barulho alto no canto, e um fogão branco a gás ficava ao seu lado. Não havia espaço para muita coisa mais, exceto para uma pequena mesa redonda com quatro cadeiras. Uma das cadeiras estava presa contra a parede para que houvesse espaço para que as pessoas se dirigissem para a porta de entrada.

– Sirva-se do que quiser – disse ela, da porta. O espaço minúsculo não permitia que duas pessoas se evitassem. Espiei a geladeira e encontrei condimentos e sobras de comida chinesa que pareciam estar ali já há algum tempo.

– Obrigada – respondi, fechando a porta.

– Acho que precisamos fazer compras, né? – disse ela, com uma risada nervosa.

Ela deu um passo para trás com as mãos dentro dos bolsos de trás de seu jeans, dando-me espaço para passar pelo vestíbulo e ir até a sala de estar. Podia sentir seus olhos me seguindo, além da imensa ansiedade. Senti que devia dizer alguma coisa, tentar iniciar uma conversa, mas eu não fazia a menor ideia de por onde começar.

Por isso, fiquei em pé no meio da sala, brincando nervosa com meus dedos, observando o sofá marrom e a cadeira que ficava na frente da televisão. Uma cadeira de balanço ficava na frente da janela. Fiz uma pausa na minha inspeção.

Levou um tempo antes de eu perceber de onde eu conhecia aquela cadeira. Ela ficava no meu quarto quando eu morava com

meu pai e com ela.

Esta lembrança fez meu peito se apertar. Eu não estava preparada para um lampejo repentino de memórias. Eu queria ir em frente e tocar a cadeira, torcendo para que, ao passar meus dedos pelos braços esculpidos, sentisse a felicidade das memórias guardadas nesta mobília. Histórias contadas enquanto eu era envolvida em braços fortes e a cadeira balançava para frente e para trás. Palavras e promessas de amor sussurradas enquanto eu adormecia ao som das batidas do seu coração no meu ouvido. Podia senti-la olhando para mim enquanto eu ficava ali parada, com meus olhos presos na cadeira.

– Tenho uma tonelada de filmes. – A voz dela atravessou meu devaneio e me trouxe de volta ao presente. Levei um tempinho para entender o que ela tinha dito. Balancei a cabeça ao olhar para a estante ao lado da janela, repleta de caixas de DVD.

– Ah, isso é ótimo.

Do outro lado da sala, um aparador exibia um aparelho de som cercado de vários porta-retratos. Caminhei até eles. Não posso dizer que estava esperando várias fotos minhas ali, mas meu estômago revirou quando não vi nem uma. Olhei para os lados procurando qualquer indicação de que eu existia, ou de que ela teve uma vida com meu pai – mas encontrei o lugar repleto de fotos de pessoas desconhecidas.

– Fotos dos meus amigos – explicou ela, rapidamente, sem dar maiores detalhes. Balancei a cabeça com medo de que minha voz revelasse minha mágoa.

– Então, você tem aula amanhã? Está preparada para voltar às aulas? – perguntou minha mãe, enquanto eu passava o dedo nos CDs que ela amontoara em outro canto da sala.

– Na verdade, não – respondi honestamente, reconhecendo que ela tentava iniciar uma conversa com a qual eu não contribuía muito.

– Quando será seu próximo jogo de basquete?

– Sexta-feira – respondi, olhando pela sala.

– Posso ir assistir? – Ela parecia nervosa. A ansiedade na voz dela chamou minha atenção.

– Você pode ir – respondi, finalmente olhando para ela com um sorriso estranho. A tensão em seus olhos azuis foi desaparecendo aos poucos.

– Ótimo. Obrigada. – Aquela resposta mudou tudo. Logo em seguida ela já estava me mostrando as pessoas nas fotos e contando sobre onde eles estavam e o que acontecia. Ela pegou alguns CDs, insistindo para que eu os escutasse porque eles faziam “mudar o estado de espírito”.

Eu não disse muita coisa. Não achei que podia ter dito uma palavra se quisesse. Sua conversa nervosa fluía sem uma pausa enquanto ela se sentava na frente do aparelho de som e espalhava os CDs pelo chão. Tentei relaxar enquanto ouvia suas histórias, inspecionando a mulher que estava à minha frente e tentando me conectar com ela como sendo minha mãe. Parecia que já fazia um milhão de anos que eu não tinha mais mãe. Eu não fazia a menor ideia de como agir perto dela, ou sobre o que falar.

– Então, você gostou mesmo do seu quarto? – perguntou ela, depois de colocar um CD no aparelho de som.

– Gostei mesmo – admiti, com sinceridade.

– Eu não participei muito da decoração. Apenas deixei Anna e Sara escolherem tudo – confessou minha mãe, com as bochechas ficando vermelhas.

Uma batida na porta interrompeu sua busca pela música que a fazia se lembrar de sua viagem para Nova Orleans no ano passado. Observei enquanto ela atendia a porta. Ela parecia intrigada.

– Ah, oi?

– Oi, Sra. Thomas. Eu sou Evan. Estou procurando por Emma. – Pulei da minha posição de pernas cruzadas no chão e praticamente corri até a porta.

– Oi – cumprimentei, correndo antes que minha mãe pudesse dizer alguma coisa. Evan espiou pela porta e aquele sorriso característico tomou conta de seu rosto, fazendo com que meu coração disparasse. Eu estava mais do que aliviada por vê-lo.

– Bem, entre, Evan. – Ele entrou no vestíbulo para que minha mãe fechasse a porta. – Eu sou Rachel. Vou ficar imensamente incomodada se você me chamar de Sra. Thomas. Sra. Thomas era a

mãe de Derek, e ela não gostava muito de mim. Além disso, meu último nome é Wallace. Por isso, se você quisesse poderia me chamar de Sra. Wallace, mas eu realmente prefiro que você me chame de Rachel. – Evan e eu estávamos paralisados com a quantidade de informação que saía da sua boca em um único suspiro. Suas bochechas ficaram vermelhas e ela riu de maneira estranha quando se deparou conosco olhando para ela. – Uau. Não faço a menor ideia do motivo de eu ter falado isso tudo. Normalmente eu não fico tão nervosa. Certo, sim, estou nervosa.

Olhando para nossos rostos atordoados ela disse:

– Sinto muito.

– Tudo bem – tranquilizei-a, bastante familiarizada com o sentimento de nervosismo. – Por que não mostro a casa para Evan?

– Ah, claro – concordou ela, voltando para a sala para guardar os CDs que estavam espalhados no chão.

Não fiz questão de mostrar para Evan a parte de baixo da casa, já que bastava ele se virar em círculo para conhecer todo o lugar. Segurei sua mão e o levei para o meu quarto, fechando a porta atrás de nós.

– Belo quarto – comentou Evan, esquivando-se sob o teto inclinado para sentar-se em minha cama. – Como estão as coisas? Ela parece legal.

– É – respondi, com hesitação, sem saber o que responder a ele. – Está tudo bem... tipo, ela é ótima.

– Você também está nervosa, não está? – reconheceu ele, com uma pequena risada.

– Acho que agora já sei de quem você herdou suas bochechas vermelhas.

– Engraçadinho – respondi, com sarcasmo. Nervoso era só a pontinha do que eu sentia. Não conseguia descrever o pânico que tomava conta de mim. Eu tinha medo de que, talvez, depois que as coisas se acalmassem, ela me dissesse que não podia fazer isso, que não queria fazer parte da minha vida de novo. E aquele pensamento me impedia de relaxar o suficiente para apreciar minha estadia ali, com ela. – Acho que estou um pouco nervosa.

– Você vai ficar bem – assegurou Evan, apertando minha mão. – Ah, eu trouxe algo para o seu quarto.

Evan tirou um envelope grande de dentro de seu casaco e entregou-me. Abri o envelope e puxei uma pilha de fotos. Sorri enquanto folheava as fotos que Evan tirara com sua máquina. Fotos minhas em movimento enquanto jogava futebol, feroz e intensa. Registros de Sara e eu dando gargalhadas. Uma outra foto minha sentada na varanda da frente, perdida em meus pensamentos, alheia à sua câmera. Havia até mesmo algumas fotos de nós dois fazendo pose, os braços dele em volta do meu ombro, fotos tiradas num piquenique no outono passado.

Eu me inclinei e beijei-o.

– É exatamente disso que meu quarto precisa. – Removi o letreiro do quadro que estava acima da escrivaninha e grudei as fotos sob a fita preta que cruzava a sua superfície.

Ouvi uma batida suave na minha porta. Antes que eu pudesse dizer alguma coisa minha mãe abriu a porta devagar e colocou a cabeça para dentro.

– Eu ia pedir uma pizza. Vocês estão com fome?

– Parece uma ótima ideia. Obrigado – respondeu Evan, por nós dois. Apertei meus lábios e balancei a cabeça.

Permaneci em silêncio na mesa da cozinha enquanto comíamos, ouvindo a conversa nervosa de minha mãe. Ela estava interrogando Evan sobre... bem, sobre tudo. Acredito que concentrar-se nele era sua maneira de manter a estranheza entre nós um pouco afastada. Se nós duas nos concentrássemos desesperadamente em cada palavra que saía da boca de Evan, então não teríamos que pensar no que dizer uma para a outra. Evan, como sempre, lidou calmamente com a pressão. Ele não deu nenhum sinal de perceber que a atmosfera estava carregada de ansiedade. Mas depois que ele foi embora, a tensão desconfortável nos pressionava.

– Você quer assistir a um filme? – perguntou ela, enquanto eu embalava a pizza que sobrou para colocá-la na geladeira vazia.

– Na verdade eu preciso fazer um trabalho, é para amanhã – menti. Ela balançou a cabeça devagar, e temi que ela percebesse que eu não estava sendo sincera.

– Tudo bem – disse ela, finalmente, parecendo decepcionada. Fui tomada por uma sensação de culpa enquanto eu me retirava para o meu quarto. Mas eu realmente precisava ficar sozinha.

Deitei na minha cama com meus braços cruzados atrás da minha cabeça e fiquei olhando para o teto recém-pintado. Tinha tantas emoções estranhas acontecendo dentro de mim. Eu precisava de um tempo para pensar sobre elas.

Eu não dissera mais do que meia dúzia de palavras para esta mulher nos últimos cinco anos, e agora eu morava com ela. Bem, era assim que eu me sentia. Ela contou histórias sobre seus amigos e sobre as viagens que fez como se falasse com alguém que acabara de conhecer, e não com sua filha. Essas histórias me fizeram pensar sobre o que eu fazia enquanto ela se divertia tanto, e me senti mal.

Enquanto eu estive nas profundezas do inferno, minha mãe esteve viajando, bebendo e vivendo uma vida louca. Só de pensar nisso eu já sentia vontade de vomitar. Em nenhum momento ela mencionou o fato de ter me abandonado, nem falou nada do tempo que passei com Carol e George e do que eles fizeram comigo. Era como se aquele período nunca tivesse existido, e estávamos começando de novo – com um grande buraco negro entre nós. Acho que *eu* tinha dificuldade de superar isso.

Para ser sincera, eu não pensara em como seria morar com ela. Não que eu esperasse reacender um relacionamento que nunca existiu, mas eu também não esperava descobrir que eu estivera completamente ausente de sua vida, tanto física quanto psicologicamente, nos últimos cinco anos.

Fiquei no meu quarto o resto da noite e só fui ao banheiro – que era basicamente do tamanho de um armário grande – para me aprontar para dormir por volta da meia-noite. Na sala a televisão estava ligada.

– Boa noite – gritei, de cima da escada. Podia ouvi-la falando e rindo na cozinha, obviamente ao telefone. Fechei a porta sem esperar por sua resposta e deitei embaixo dos meus novos lençóis brancos, puxando a colcha para cima até chegar no meu queixo.

Meu telefone soou ao meu lado e peguei-o para ler a mensagem: *Boa noite. Espero que você durma bem no seu novo quarto! Sara.*

Não respondi, apenas apaguei o abajur ao lado da cama.

Fiquei olhando para a escuridão, ainda tentando organizar minha cabeça com o fato de eu estar aqui, morando com minha mãe. As janelas vibraram quando uma rajada de vento fez barulho lá fora. Fechei meus olhos, mas em poucos minutos eles se abriram novamente. As tábuas rangiam na escada. Tentei relaxar, percebendo que era apenas minha mãe. Acompanhei o barulho dos passos dela com o ranger de cada tábua, até que ela bateu a porta do banheiro.

Gostaria de poder dizer que caí no sono, mas parecia que as tábuas não precisavam de ninguém andando em cima delas para ranger. Passei a noite toda inquieta, desperta pelos barulhos da casa. O ar frio assobiava através dos vidros barulhentos das janelas, assim como os pensamentos dispersos que giravam em minha cabeça.



5. As pessoas mudam

– Bom dia – cumprimentou-me Evan da calçada escorregadia. Fechei a porta da casa e deixei minha mãe no chuveiro se preparando para o trabalho.

– Oi – respondi, categoricamente, arrumando minha mochila nos meus ombros enquanto andava com cuidado até o carro dele.

– Você não se dá bem com as manhãs, não é? – zombou Evan, enquanto abria a porta do passageiro. Dei um leve sorriso antes de beijá-lo rapidamente nos lábios e entrar no carro.

Quando ele fechou sua porta expliquei:

– Desculpe, não dormi bem. Esta casa é muito barulhenta. – Considerando meu cansaço, eu estava feliz por ele ter se oferecido para me dar uma carona no primeiro dia de aula depois das férias.

– O que você vai fazer depois do treino hoje à noite? Quer vir para a minha casa?

– Claro – respondi, automaticamente, e então retruquei com rapidez: – Não posso.

Evan parecia confuso.

– Vou ao supermercado com minha mãe – expliquei. – Ela não sabe o que gosto de comer e por isso quer que eu vá com ela.

– Certo – respondeu Evan. – E como foi ontem à noite depois que fui embora? Vocês duas estavam muito engraçadas no jantar, ela fala muito quando está nervosa, e você não fala nada.

– Foi uma tortura para você, não foi?

– Eu estava bem. – Riu ele. – Tenho certeza de que foi pior para você.

– Eu... eu não sei o que conversar com ela – confessei.

– Acho que você poderia deixar a conversa por conta dela – aconselhou Evan, brincando.

Eu olhava para fora da janela em transe. Só percebi que já estávamos no estacionamento da escola quando o carro parou. Uma onda de medo me consumia enquanto eu observava os alunos descendo de seus carros.

Evan percebeu isso, lendo meus pensamentos.

– Sei que você não queria estar aqui – disse ele. – Mas tenho certeza de que será diferente. – Eu não disse nada enquanto descia do carro.

Eu costumava desejar o início das aulas – não pela vida social, mas para fugir da opressão que enfrentava em casa. Depois de tudo o que aconteceu, o lugar que eu mais temia tornara-se o meu lugar seguro.

Quando comecei o ano escolar, mantinha minha cabeça abaixada, tentando me retrair ainda mais na minha concha – não apenas nos corredores, mas nas salas de aula também. Recusava-me a participar de outras atividades se não fosse para cumprir as tarefas cotidianas. Sara e Evan acabaram desistindo de me encorajar, mas garantiam que não era tão ruim quanto eu pensava.

Fiquei olhando para o prédio de tijolos e respirei fundo antes de fechar a porta do carro. Puxei minha mochila sobre meu ombro me preparando para o que vinha pela frente. Evan pegou minha mão, seu calor me confortava. Sara esperava por nós na porta de trás, sorrindo como sempre, e cumprimentando praticamente todos que passavam por ela.

– Bom dia. – Sorriu. Então suas sobrancelhas caíram formando uma carranca. – Você não dormiu bem, não é?

– Uau – respondi, para sua franqueza. – Estou tão mal assim?

– Não – respondeu Evan, rapidamente, antes que Sara pudesse pronunciar as palavras verdadeiras que estavam na ponta de sua língua.

– Mentiroso – Sara e eu dissemos juntas. Encontrei seus olhos e começamos a sorrir. O barulho da minha risada teve o efeito mais estranho, como se despertasse uma vila adormecida de uma maldição. De repente ouvi:

– Oi, Emma.

Virei minha cabeça e vi Jill em pé ao nosso lado.

– Como foi o seu Ano-Novo? – Antes que qualquer um de nós pudesse responder, ou ao menos tirar o olhar estupefato de nossos rostos, ela continuou: – Você ouviu falar sobre a festa na casa da Michaela? Os pais dela voltaram para casa no meio da festa, e, claro, todos estavam bêbados. Mas a pior parte foi quando encontraram Nick e Tara transando na cama deles. A Michaela está ferrada.

E, simples assim, parecia que os últimos sete meses nunca tinham acontecido. Jill e Sara continuaram conversando sobre a festa enquanto Evan e eu caminhamos atrás delas. Evan estampava um sorriso de “eu disse” no rosto, e eu sorria ao vê-lo. Caminhando pelo corredor percebi que os olhares desapareceram, e ninguém sussurrava quando eu passava. De vez em quando alguém nos cumprimentava com um “Oi” ou “Bom dia.” Aquilo me assustava. Todo mundo estava deixando passar... ou, pelo menos, fingindo que deixava passar.

– É bom ver que você sobreviveu ao feriado – disse uma voz na multidão. Claramente nem *todo mundo* deixara essa história para trás.

Evan endureceu ao ouvir aquelas palavras. Meu peito se apertou em resposta. Evan se virou e colocou um cara contra um armário, com o braço prendendo o peito dele. Olhei em choque, e todos estavam praticamente congelados.

– O que você disse? – Mas não era Evan quem estava fazendo a pergunta. Vários outros veteranos estavam cercado o rapaz, que, a julgar pelo tamanho, devia ser um calouro. Joel Rederick inclinou-se para perto do garoto enquanto Evan o mantinha imobilizado. O calouro olhava de volta para ele em completo pânico, com o suor escorrendo em sua testa.

– Nada – respondeu ele, asfixiante.

– Foi isso que pensei – um outro veterano o ameaçou.

– Não se atreva a passar pelo corredor dos veteranos de novo – ameaçou Evan.

– O que está acontecendo aqui? – uma voz autoritária surgiu da multidão. Evan soltou o calouro, e os veteranos começaram a se dispersar. O garoto correu para longe à procura do pequeno grupo que o abandonara.

– Besta – disse Jill, atrás de mim. Todos continuaram seu caminho, e a conversa recomeçou. Ninguém olhou duas vezes para mim quando fiquei parada, tentando entender o que acabara de acontecer.

– Desculpe por isso – disse Evan, pegando minha mão mais uma vez.

– Tudo bem – respondi, devagar, recuperando-me da minha tontura. – Obrigada.

Ele me observou com suas sobrancelhas levantadas, pois não esperava que aquela fosse minha reação, e então sorriu antes de se inclinar para me beijar.

– Ah, vocês estão no meio do corredor – disse Sara, com um tom de “Ah, meu Deus”. Evan foi para trás, e olhei para ela de maneira estranha.

Sara e eu continuamos em direção ao nosso armário e eu perguntei:

– Desde quando você se importa se Evan me beija no corredor?

– Você não gosta de chamar atenção, lembra? – disse Sara, de dentro do armário.

– Sara, tem alguma coisa errada? – Percebi que ela ainda não estava normal.

– Não, estou bem. – Ela fechou o armário com um sorriso.

Observei enquanto ela ia embora. Eu sabia que ela não estava me falando a verdade.

Depois do treino de basquete cheguei em casa e encontrei minha mãe na mesa da cozinha, escrevendo uma lista do que precisávamos comprar – e, pelo que parecia, precisávamos comprar praticamente tudo.

– Oi – ela cumprimentou. – Acho que tenho algumas ideias para as refeições. Tem alguma coisa de que você não goste?

– Eu sou bem aberta a experimentar de tudo... mas não gosto de almôndegas – eu disse a ela, com um arrepio involuntário. – Mas você não precisa fazer nada especial. Além disso, eu normalmente chego tarde em casa por causa do basquete.

– Vamos comprar algumas coisas fáceis de fazer. O que você acha? – respondeu ela, olhando sua lista novamente. – Assim você

mesma pode preparar alguma coisa para comer se chegar tarde em casa ou se eu tiver que ficar no trabalho.

A ideia de preparar qualquer coisa diferente de um sanduíche era intimidante.

– O que foi? – perguntou ela, com ansiedade quando viu meu rosto amassado.

– Ah, eu não sei virar muito na cozinha – confessei, timidamente.

– Você não sabe cozinhar? – esclareceu ela, em choque.

– Mingau de aveia conta? – Encolhi com vergonha.

Minha mãe riu.

– Bem, acho que vamos fazer compras na seção de comida congelada também.

Entramos no carro dela e fomos para o supermercado na cidade vizinha. Ela revisou e pediu mais opiniões sobre a lista durante todo o caminho. Eu nunca opinei sobre a lista de supermercado antes em toda minha vida, por isso eu não tinha muito o que dizer. Quando morei com Carol e George eu escrevia o básico que precisava na lista do supermercado – cereais, barras de granola e outras coisas desse tipo –, pois eu não podia comer se não tivesse pedido para que comprassem. Mas na maioria das vezes eu comia o que era colocado à minha frente, sem perguntar nada, mesmo quando a comida me deixava totalmente enjoada.

Por fim, decidimos fazer a lista à medida que passávamos pelos produtos. Isso era basicamente a nossa abordagem para tudo – incluindo nosso relacionamento.

– Você sabe que eu não sou muito boa nesse papel de mãe, certo? – disse minha mãe, pegando maçãs em uma pilha e colocando algumas que ela selecionava numa sacolinha.

Eu não sabia o que responder. Era o começo de uma conversa que eu nunca imaginei ter em um supermercado.

– O que quero dizer é que eu não quero que você pense que espero entrar na sua vida outra vez para tomar conta ou qualquer outra coisa – continuou ela, com a voz repleta de apreensão. – Eu só quero... eu acho que seria legal se fôssemos... amigas. Você sabe, em vez de... – Ela olhou para mim com a boca fechada. – Eu só quero conhecer você.

Isso faz sentido?

Meus ombros se relaxaram em sinal de alívio. Eu não tinha ideia de onde essa conversa chegaria, mas era uma agradável surpresa. Eu não sabia muito bem como ser sua filha, assim como não esperava que ela agisse como minha mãe.

– Sim! – Sorri. – Eu gostaria que isso acontecesse.

– Então, tudo bem para você me chamar de Rachel? – perguntou ela, com cautela. – Mãe me parece um pouco estranho, para ser sincera.

Soltei uma risada desconfortável, um pouco surpresa com aquele pedido.

– Posso tentar.

Ela sorriu suavemente e soltou seu nervosismo com um rápido suspiro.

– Ótimo. Agora, o que faremos para o almoço?

Continuei atrás dela, empurrando o carrinho enquanto ela pegava produtos e esperava que eu balançasse a cabeça concordando ou não antes que ela os colocasse no carrinho, ou então colocasse de volta na prateleira. Quando terminamos havia muito mais comida no carrinho do que duas pessoas conseguiriam comer em um mês. Pelo menos uma boa parte da comida estava congelada.

– Você quer aprender a cozinhar? – perguntou minha mãe, enquanto ajeitava os produtos no balcão do caixa. – Eu poderia ensinar.

Sorri como uma resposta acolhedora para a oferta dela.

– Ah, claro – respondi, sem ter coragem de dizer a ela que Evan já tentara me ensinar várias outras vezes e as tentativas sempre terminaram de forma desastrosa. Ela parecia animada em poder fazer algo para mim, e eu, pelo menos, *tentaria*.

– Então, há quanto tempo Evan e você estão juntos? – perguntou ela, a caminho de casa, depois de termos colocado as compras no carro.

– Oficialmente – calculei –, há aproximadamente dez meses.

– O que você quer dizer com *oficialmente*?

– Bem. – Procurei pelas palavras sem ter certeza de como explicar a maneira como nos sentíamos um em relação ao outro desde o

primeiro dia em que nos encontramos, e como, graças a desentendimentos e mágoas, levamos uma eternidade para, por fim, decidirmos ficar juntos. – Acho que não sei como responder isso. Vamos apenas dizer que começamos a namorar em março do ano passado.

– Certo – disse ela, balançando a cabeça com ar confuso. – Ele parece ser bem legal.

– É – concordei. Meu rosto brilhou. – Ele é.

– Ainda estou procurando alguém – disse ela, com um suspiro. – Nunca encontrarei alguém como Derek outra vez.

Meu coração vacilou. Eu sabia que havíamos concordado em ser amigas, mas ela ainda era minha mãe. E escutá-la falar tão normalmente sobre encontrar outra pessoa melhor que meu falecido pai me atingiu em cheio.

– Você quer me ajudar com o jantar hoje à noite?

– Ah? – murmurei, ainda tentando me recuperar de seu comentário.

– Quer começar as aulas de culinária? – esclareceu ela.

– Posso deixar para amanhã? – supliquei. – Acho que quero esperar um pouco antes de mostrar como sou péssima na cozinha. – Ela riu.

– Você não pode ser *tão* ruim assim.

– Você não faz ideia – resmunguei, fazendo-a rir novamente.

– Certo. Talvez uma outra noite, então.

Sentei-me na cozinha e minha mãe explicava o que fazia enquanto recheava costelas de porco. Apenas balancei a cabeça como se prestasse atenção. Já sabia que não adiantava prestar atenção. Eu conseguia resolver as equações mais complexas, ou entender o funcionamento do sistema nervoso, mas se me pedissem para regar ou cortar fininho qualquer tipo de comida a ansiedade que tomava conta de mim não tinha explicação.

Minha mãe colocou os pratos na mesa que eu colocara para duas pessoas, a única coisa que *sabia* fazer.

– Obrigada – disse eu, sentando-me com um copo de água na mão.

– De nada – respondeu ela, sentando-se à minha frente.

Quando tirei os olhos do meu prato para cumprimentá-la pela refeição, encontrei-a me observando. Parecia que ela examinava cada traço do meu rosto, com tanta intensidade que tive vontade de me esconder embaixo da mesa.

– Tinha me esquecido do quanto você se parece com ele. – Seus olhos estavam distantes e repletos de lágrimas, ela estava olhando para mim, mas também *não* estava. Abaixei minha cabeça para evitar seu olhar triste.

– Então, Sara parece ser uma amiga incrível – disse minha mãe, novamente com sua voz normal. Olhei para cima e ela espetava o pedaço da costeleta de porco com seu garfo.

– Ah, é – respondi, sacudindo o olhar assombrado dos olhos dela.
– Ela é minha melhor amiga.

– Também tenho uma amiga assim. – Minha mãe sorriu. – Sharon. – Ela deixou escapar uma risada ao pensar na amiga. – Já fizemos *de tudo* juntas. Ela normalmente me mete em encrencas, mas tenho as melhores histórias para contar graças a ela.

Balancei a cabeça tentando me lembrar dessa mulher que parecia ser importante na vida de minha mãe, mas não consegui me lembrar de nada. Percebi que não sabia muita coisa sobre minha mãe, nem mesmo sobre os doze anos em que ela, tecnicamente, esteve presente em minha vida.

Não foi o uivo do vento ou o ranger das tábuas que me deixaram acordada naquela noite. Sim, eles foram o motivo para eu ficar acordada, mas fui trazida de volta à terra pelo barulho de metais batendo do lado de fora da minha porta. Encontrei minha mãe ajoelhada no chão, de costas para mim, tentando empilhar porta-retratos que estavam espalhados pelo corredor.

Ao me aproximar pude ouvi-la murmurando para si mesma, colocando, desajeitada, um porta-retratos em cima do outro. Quando me abaixei para ajudá-la a pegá-los percebi que ela estava chorando.

– Você está bem? – perguntei, timidamente.

– ãh? – Ela levantou a cabeça. – Ah, Emily, desculpe. – Ela fungou e enxugou suas bochechas vermelhas com a manga da camisa. – Acordei você.

Ela piscou com força, e caí no chão ao perceber que ela estava bêbada. Vi a garrafa de vodka colocada próximo ao último degrau e engoli em seco tentando afastar a decepção que subia pela minha garganta.

– Eu estava... eu estava apenas me lembrando – gaguejou ela. Ela estava agachada, tentando equilibrar a pilha de porta-retratos, quando sentou-se desajeitadamente.

– Merda – murmurou ela, assoprando uma mecha de cabelo que estava no olho, com o braço ainda envolvido nos porta-retratos, tentando alcançar a garrafa. Como não conseguiu pegar a garrafa, ela se moveu rapidamente para pegá-la e sentou-se no topo dos degraus, com os pés para baixo. Tomou um gole e passou o braço na testa, frustrada com as mechas de cabelo que continuavam caindo em seu rosto. Parecia que ela tinha acabado de passar por um túnel de cobertores.

Segurei os porta-retratos restantes, que ela não conseguira carregar, e coloquei-os ao lado dela. Percebi que todos tinham fotos de meu pai.

Minha mãe vasculhou a pilha que balançava em seu colo e jogou um deles pela escada abaixo.

– Merda.

Lágrimas desciam pelo seu rosto enquanto ela segurava uma foto. Era uma fotografia dela e do meu pai em um veleiro.

– Eu sei que você estava procurando por estas fotos. – Ela soluçava passando a parte de trás da mão no nariz. – Tive que desenterrá-las do fundo do armário. Mas não consigo...

Ela não conseguiu continuar. Seus olhos estavam vermelhos, manchados com rímel, e meio abertos. Por trás daquela embriaguez havia uma tristeza que a consumia, e meu coração doía ao pensar nisso.

– Você me lembra ele.

– Sinto muito – sussurrei, sem saber como confortá-la.

– Havia me esquecido do quanto sinto falta dele – disse ela, curvada contra o corrimão. Um outro porta-retratos escorregou do colo dela e caiu escada abaixo.

– Merda! – gritou ela. Em um movimento repentino ela pegou a pilha de porta-retratos e a jogou escada abaixo. Dei um pulo com sua reação. Estilhaços de vidro tomaram conta da escada enquanto os porta-retratos colidiam com cada degrau.

– Por quê? Por quê? Por quê? – berrou ela, em agonia, deitando-se no chão. Fiquei paralisada ao lado dela, com minhas costas tensas. Cuidei da destruição na parte de baixo da casa e então da mulher que se desintegrava na frente de meus olhos.

– Está tudo bem – sussurrei, meu coração batia freneticamente. Eu duvidava que ela pudesse me ouvir.

Minha mãe sentou-se e pegou a garrafa para tomar mais um gole. Ela caiu para trás contra a porta, quase não conseguindo manter os olhos abertos. A garrafa virou em sua mão quando tentou colocá-la no chão. Segurei a garrafa colocando-a ao meu lado antes que ela a atirasse escada abaixo também.

– Deixe-me ajudá-la a se deitar – ofereci, suavemente. Soltei a pilha de porta-retratos que ainda segurava com força e coloquei-os no chão, cheguei perto dela e coloquei seu braço em volta do meu ombro.

– Ah? – gemeu minha mãe, sem conseguir manter a cabeça erguida.

– Isso mesmo – enconrajei-a, e levantei-a devagar. – Cuidado. – Ela cambaleava apoiada em mim. Concentrei-me na porta do quarto e torci para conseguirmos entrar lá antes que ela caísse no chão. Eu tinha uns bons cinco centímetros a mais que ela mas, se ela caísse, nós duas cairíamos.

Levei-a até a cama e ela caiu de cara. Rachel começou a respirar pesado e a roncar um pouco e então puxei o cobertor para cobri-la.

Fechei a porta e deixei-a em sua paz induzida.

Fiquei em pé no último degrau e olhei para a bagunça lá embaixo, respirando profundamente e balançando minha cabeça. Ao pegar a garrafa que causara esse desastre travei minha mandíbula. Pisquei para que as lágrimas fossem embora, sem querer sentir qualquer coisa. Com um peso no peito, desci as escadas e joguei o conteúdo da garrafa na pia da cozinha. Soltei um suspiro exausto antes de pegar, devagar, os cacos.

Eu não esperava por isso, mas eu devia ter imaginado. Mesmo depois de tê-la encontrado sóbria em uma noite, há um ano, em frente à minha escola, nunca acreditei que ela deixaria de beber. Talvez ela não tenha bebido nada *naquela noite*, mas isso não significava que ela não havia bebido em todas as outras noites depois daquela. Eu sabia. Eu sabia que isso aconteceria. Eu só queria estar errada.

Peguei a foto dela e de meu pai no veleiro, e o nó se apertou na minha garganta. Fechei meus olhos e respirei profundamente para suprimir a tempestade que se formava em meu peito. Soltei o ar mais uma vez antes de abri-los.

Depois de empilhar as fotos na escada, coloquei os cacos de vidro e os porta-retratos quebrados no saco de lixo e varri o que restou. Quando voltei para dentro da casa, depois de ter colocado o lixo do lado de fora, trouxe as lembranças comigo para o meu quarto e as guardei embaixo das blusas de moletom na prateleira do meu armário. Eu ainda não estava pronta para encará-las.

Entrei embaixo das cobertas e me deitei olhando para o teto. As lágrimas deslizaram silenciosamente pelas minhas têmporas e foram absorvidas por meu cabelo. Deixei-as cair, mas o nó continuou guardado na minha garganta, empurrando para longe a dor e a tristeza que eu vi nos olhos da minha mãe.



6. Estilos de vida

Quando saí da cama na manhã seguinte, cansada e com os olhos turvos, minha mãe já tinha saído para o trabalho. Havia um bilhete esperando por mim: *Desculpe por ontem à noite. Você não deveria ter presenciado aquilo. Vamos jantar juntas hoje à noite?*

Respondi: *Vejo você à noite.*

Mas quando cheguei em casa depois do treino encontrei-a apressada, colocando os brincos nas orelhas. Ela usava uma saia curta e uma blusa florida, e seu cabelo escuro estava volumoso, jogado para trás e cacheado.

– Oi – disse ela, sem fôlego, ao pular para dentro de um de seus sapatos de salto e quase cair no chão. – Ah, espero que não se importe, mas me esqueci que já tinha um compromisso para hoje à noite. Eu já havia assumido esse compromisso um tempo atrás, sabe, quando eu ainda não sabia que você estaria aqui. – Ela parou esperando pela minha reação. Seu olhar pedia desculpas. – Mas eu posso cancelar. Tipo, posso ficar aqui.

– Não, vá – encorajei. – Vou ficar bem, de verdade.

– Você está falando sério? – perguntou ela, mais uma vez, lutando contra sua decisão.

– Sim, tenho bastante lição para fazer – disse eu, exagerando na tentativa de fazê-la sentir-se melhor. – Divirta-se.

– Está bem – respondeu ela, cambaleando em um pé para puxar a tira no calcanhar enquanto pegava a bolsa. – Bem, acho que você encontra alguma coisa para comer no freezer. – Ela pegou uma caixa de mini Altoids e abriu, colocando uma pequena bala branca na garganta com um movimento de cabeça. – Não me espere acordada – aconselhou, pegando o casaco no armário do corredor, próximo às

escadas. – Devo chegar bem tarde. – Antes mesmo que eu desabotoasse meu casaco ela já havia saído pela porta da frente. Balancei minha cabeça um pouco zozna e me observei a casa vazia respirando profundamente.

A porta se abriu atrás de mim. Eu me virei num sobressalto.

– Ah, você pode tirar seu carro, por favor?

– Ah, claro. Desculpe. – Eu a segui pela porta de trás.

– Desculpe por estar com tanta pressa – ela tentou explicar, enquanto caminhávamos até a garagem. – Estou tão atrasada, e meus amigos odeiam me esperar.

– Tudo bem – respondi para... ninguém. Ela já estava no carro, esperando ansiosamente para que eu tirasse o meu. Observei-a sair rapidamente antes de voltar para a garagem.

Coloquei minhas coisas no meu quarto e desci para a cozinha a fim de preparar alguma coisa para comer. Peguei uma lasanha congelada e segui as instruções para esquentá-la no micro-ondas.

Ao me sentar na casa silenciosa, para assistir televisão e comer lasanha, percebi que eu nunca estive sozinha assim antes. Embora sempre tenha me sentido sozinha durante a maior parte da minha vida, isolando-me emocionalmente de – bem, de todos – nunca ficara realmente sozinha. Antes de morar com Sara eu não podia ficar sozinha em casa. Mas, de qualquer maneira, eu estava sempre envolvida em alguma coisa na escola que me mantinha ocupada. E agora que eu estava sozinha, eu não gostava do silêncio. O silêncio deixa os pensamentos muito altos na minha cabeça.

Subi umas duas horas depois, e deixei o abajur, que ficava no pé da escada, e a luz da varanda, acesos. Depois de me preparar para dormir fiz minha lição de casa da melhor maneira que consegui. Mas minha cabeça se distraía e meu coração disparava a cada rangido. Quando o vento começou a fazer barulho lá fora, balançando as janelas em suas molduras de madeira, optei por disfarçar o barulho com música.

Por fim, arrastei-me para a cama, sem desligar a música para que não ficasse acordada ao ouvir cada barulho da madeira da casa. Respirei fundo e fiquei olhando para a porta preta à minha frente,

hesitando antes de apagar a luz. A porta e a parede toda desapareceram com o clique da lâmpada.

Subi na cama, ofegante e coberta de suor, acendendo a luz para dispersar a figura sombria que aparecia na minha porta. A porta preta continuava fechada, zombando de mim.

Meus olhos se contraíam enquanto eu ouvia o movimento. Eu não tinha certeza se eu havia gritado, pois minha mãe não correria para o meu quarto. Foi quando ouvi o barulho da chave na fechadura abrindo a porta lá embaixo, seguida por uma risada e uma voz forte. Já era mais de duas da manhã. Pisquei olhando para o relógio, tentando imaginar onde ela esteve e com quem ela estava agora.

Apaguei a luz para que ela não pensasse que eu estava esperando por ela, e puxei as cobertas sobre mim. O vento fazia barulho na janela balançando as cortinas pretas a cada rajada frígida. A casa velha não conseguia manter lá fora o frio que se infiltrou por entre os vãos das janelas. Puxei a colcha até o nariz, esperando o sono chegar.

– Foi uma tempestade e tanto ontem à noite, não foi Mary? – O cara do rádio riu, sua voz forçava a entrada em meus ouvidos. Rolei na cama e apertei o alarme enquanto lutava contra a vontade de puxar as cobertas até cobrir minha cabeça e voltar a dormir. Deitei de costas e fiquei olhando para o teto, temendo o frio que esperava por mim quando eu saísse debaixo dos cobertores.

Meu telefone tocou, e pude ver a mensagem *Dia de Neve* embaixo do nome de Sara. Ótimo. Isso significava que eu podia ficar na cama até minha mãe ligar o aquecedor.

Pego você em algumas horas apareceu no meu telefone um minuto depois, embaixo do nome de Evan. Respondi afirmativamente, sentindo-me acordada demais para voltar a dormir. Passos nas tábuas implacáveis, a caminho do banheiro, podiam ser ouvidos e, segundos depois, os tubos fizeram barulho com o som da água passando por eles.

– Tudo bem – disse eu, em voz alta. – Vou me levantar.

Enrolei meu cabelo num coque alto e coloquei meias para proteger meus pés das tábuas geladas antes de descer pelas escadas. Peguei uma caixa de cereal no armário e coloquei numa tigela para levar comigo para a sala. Ajustei o termostato para aquecer a temperatura e eu não precisar mais enxergar minha respiração.

Liguei a TV no canal de esportes e comecei a comer o cereal. O barulho da porta se abrindo e de pés batendo na madeira da varanda me fizeram parar de comer. Olhei para fora e vi um rapaz tirando a neve de seu casaco e sacudindo suas botas na porta. Meu coração batia acelerado, eu sabia como eu estava e não queria ser vista por ninguém que entrasse aqui como se a casa fosse dele.

Olhei com os olhos arregalados enquanto um rapaz, com cabelos vermelhos bagunçados, entrava na sala com uma tigela de cereal que ele tinha pego para ele. Puxei meus joelhos para cima para cobrir meu peito, bastante consciente de que eu não estava usando nada embaixo de minha camiseta de manga comprida. Ele tinha um corpo musculoso e um rosto jovem, o que fazia com que eu questionasse quem ele era exatamente. Ele não parecia ser muito mais velho que Jared.

– Oi – ele me cumprimentou, com um aceno, sentando-se ao meu lado no sofá como se me conhecesse há anos.

– Oi – respondi, sem mover um músculo.

– Eu sou Chris – disse ele, antes de enfiar um monte de cereais na boca. O leite escorria pelo seu queixo. Ele limpou o queixo com a manga da camiseta enquanto seus olhos permaneciam grudados na televisão. Ele olhou para mim mais uma vez e disse: – Está uma confusão danada lá fora.

Balancei a cabeça sem querer começar uma conversa com este cara estranho que estava sentado ao meu lado.

– Chris, você ainda está aqui? – gritou minha mãe, do topo da escada, como se não esperasse que ele ainda estivesse ali.

– Sim – gritou ele em resposta.

– Achei que você estava indo embora para chegar à aula – respondeu ela, parecendo confusa.

– Foi cancelada – respondeu ele, ainda olhando para a TV.

– Ah, será que você pode ligar meu carro para mim?

– Sim, claro.

Sem reclamar, Chris colocou sua tigela na mesa de café e saiu da sala. Ouvi o barulho das chaves e o clique na porta. Queria desaparecer antes que ele voltasse, mas fui pega com a porta escancarada quando ele voltava correndo, sem fôlego, para escapar do frio.

– O que você vai fazer hoje? – perguntou ele, usando seus dedos dos pés para tirar as botas cobertas de neve.

– Não sei – respondi, com os braços cruzados no meu peito.

– Meu amigo vai dar uma festa hoje à noite, se a Rachel e você quiserem, podem vir.

– Ah. – Isso foi tudo o que eu consegui dizer.

– Emily, você está acordada – observou minha mãe, surpresa, enquanto descia as escadas com uma longa saia preta, botas de couro pretas e um suéter verde de gola alta. – Achei que a aula tinha sido cancelada.

– Olha como você está sensual com sua roupa de trabalho – interrompeu Chris, antes que eu pudesse responder. Ela lançou um olhar envergonhado em minha direção e riu desconfortável. Ele a agarrou quando ela chegou no pé da escada, enfiando seu rosto no pescoço dela. Ela gargalhou de maneira estranha e o empurrou, indo até a cozinha.

– Então, vou vê-la quando voltar da escola daqui algumas semanas? – perguntou ele, seguindo-a.

– Humm... veremos – respondeu ela relutante, com as bochechas vermelhas. – Quer café? – Ele a seguiu até a cozinha e eu subi as escadas pulando dois degraus de cada vez para fugir para o meu quarto. Fiquei lá até ouvi-los ir embora. Alguns minutos depois apareceu uma mensagem.

Sinto muito, muito mesmo por isso. Achei que ele já teria ido embora quando você se levantasse. Eu não respondi. Eu nem mesmo sabia o que dizer.

Queria poder dizer que Chris foi um acaso e que aquilo nunca aconteceu de novo. Embora ela tentasse esconder os rapazes, eu podia ouvi-la chegar em casa dando gargalhadas durante as noites

em que saía depois do trabalho – provavelmente depois de beber muito. Eu não costumava vê-los, e também não podia confirmar que ela estava, de fato, bêbada – mas eu tinha a sensação. De vez em quando eu trombava com um desses caras pela manhã, quando ia ao banheiro. Se eu realmente dormisse, eu provavelmente não saberia que a maioria deles tinha estado ali.

Ela nunca deu uma explicação ou desculpou-se pela presença deles. Talvez ela não tenha percebido que eu sabia. Eles chegavam depois que eu já estava na cama, e ela os colocava para fora da casa cedo, antes que eu acordasse. Não que isso acontecesse toda noite, mas acontecia o suficiente para que eu sempre tomasse o cuidado de vestir um top antes de sair do meu quarto.

Na verdade, eu não estava preparada para o estilo de vida dela. E ela também não estava preparada para o meu.

Um rangido me acordou. Continuei quieta com meus olhos fechados, ouvindo o vento bater contra a casa e os gemidos da antiga construção lutando contra ele. Abri meus olhos, encarando a escuridão, com meus ouvidos atentos. Houve um outro rangido, perto da minha porta.

Meus olhos arregalados se ajustaram à pouca luz que existia. Mas não importava o quanto eu olhasse para a porta, eu não podia ver através da tinta preta. Eu podia muito bem estar olhando para um abismo. Eu só sabia onde a porta estava por causa do fio de luz prata que entrava por suas irregularidades. Uma outra tábu rangeu bem do lado de fora da minha porta.

Queria chamar minha mãe, torcendo para que fosse ela. Mas continuei paralisada na minha cama. A única coisa que se mexia era meu coração, disparado dentro do meu peito. Ouvei o barulho da maçaneta e as dobradiças se abrindo. A silhueta estava parada na beira da porta, sem se mexer.

Abri minha boca para perguntar quem era, mas eu mal conseguia respirar. A pessoa caminhou em minha direção, permitindo que entrasse luz o suficiente apenas para ressaltar as características angulares do seu rosto e o desdém de seus lábios. Olhei para sua mão e ela segurava algo longo e duro. O objeto refletia luz o suficiente para eu saber que, o que quer que fosse, machucaria.

– Você não merece viver – resmungou ela, levantando o braço acima da cabeça.

– Emily?! – gritou uma outra voz. Meus olhos se abriram arregalados. Continuei parada, respirando pesado, tentando me concentrar. A porta estava escancarada e minha mãe estava em pânico. – O que aconteceu?! – Ela estava em pé dentro do quarto, acendendo a luz, com a mão no coração.

Meus ombros se relaxaram, e respirei fundo para acalmar as batidas dentro do meu peito.

– Foi apenas um sonho – expliquei, sentada na minha posição de assustada.

– Meu Deus, Emily – disse ela, soltando um longo suspiro. – Quase tive um infarto.

– Desculpe. – Passei minha mão pela testa, limpando o suor que grudava na minha pele. – Estou bem.

Ela hesitou antes de sair, como se quisesse dizer alguma coisa. Olhou para mim de novo e finalmente disse:

– Bem... boa noite. – E então saiu, apagando a luz e fechando a porta.

Acendi o abajur que estava ao lado da minha cama para espantar a escuridão e deitei no meu travesseiro com meus braços apertando meu corpo. O sonho persistia. Parecia tão real que eu tinha medo de fechar meus olhos novamente.

Minha mãe veio ao meu quarto apenas mais umas duas vezes depois daquela noite, assustada com meus gritos. Mas então ela parou, provavelmente percebendo que não havia nada que ela pudesse fazer.

Sentia-me culpada por acordá-la, principalmente quando eu a via caída sobre sua xícara de café todas as manhãs. Eu sabia que eu não era uma pessoa com quem era fácil morar. Eu sempre encontrava Sara no sofá da sala de TV, para onde ela ia na tentativa de escapar de mim.

Meu terapeuta receitara pílulas para dormir, mas elas não espantavam os pesadelos. Elas apenas me mantinham presa, me destruindo dentro deles.

– Sinto muito – disse eu, em uma manhã. Minha mãe tirou os olhos do café. – Por acordar você. – Ela encolheu.

– Não é sua culpa. – Não falamos mais sobre isso depois daquela manhã.



7. Vida social

— Então acabei de começar a namorar esse rapaz – soltou minha mãe, em uma manhã enquanto eu passava manteiga em uma torrada. Parei antes de me virar, sem estar preparada para a confissão, principalmente depois de todos esses caras que ela vinha escondendo no último mês, desde o meu “café da manhã” com Chris.

Respirei e me virei para olhar para ela.

— Sério? – Tentei me lembrar da última vez em que ouvi um visitante na casa e cheguei à conclusão de que fora há uma ou uma semana e meia atrás.

— A única coisa é que – hesitou ela, com um suspiro – ele é mais jovem. *Bem* mais jovem, e não tenho certeza de como me sinto em relação a isso. – Ela parecia atormentada, e estava claramente pedindo meu conselho.

— Quantos anos ele tem? – perguntei, tentando preencher o papel.

— Vinte e oito. – Ela fez uma careta, esperando pelo meu julgamento. Eu não reagi. Para ser sincera, ele era mais velho do que eu esperava.

— Quantos anos tinha Chris? – perguntei, sem pensar.

Seu rosto ficou vermelho.

— Ele era... jovem, mas eu não queria *namorar* com ele.

— Certo. – Balancei a cabeça, com um rubor desconfortável. – E, você gosta dele?

— Sim – respondeu ela, com seus olhos se iluminando. – Ele é *tão* legal, esperto, incrivelmente sensual e seguro – disse ela,

emocionada. – Mas ele é *tão* jovem, Emily. Eu não tenho a menor ideia do que estou fazendo.

– E daí? – respondi, encolhendo os ombros, assumindo meu papel com um pouco mais de gosto. – Você, obviamente, gosta dele, e se a idade não o incomoda, então... namore com ele. Tipo, isso é sério?

– Na verdade, não – admitiu ela. – Ainda não, de qualquer maneira. Só saímos juntos algumas vezes. Mas nos divertimos tanto quando estamos juntos, e ele sempre pede para me ver de novo.

– Então namore com ele – pedi a ela, completamente enlouquecida por dentro por estar encorajando minha mãe a namorar um rapaz mais jovem, ou melhor, a namorar alguém. Ela sorriu para minha aceitação.

– Você vai ao show com Evan hoje à noite, não é? – Ela tomou um gole do café sem conseguir tirar o sorriso do rosto.

– Sim – respondi, olhando com apreensão para sua expressão jovial.

– Merda, vou chegar atrasada – disse ela, de repente, olhando para o relógio do micro-ondas e pulando da cadeira. Ela olhou para mim animada e, antes que eu percebesse, ela passou os braços em volta de mim e me apertou. Eu estava atordoada demais para me mexer. – Obrigada – gritou ela.

Enquanto eu caminhava para a escola com Evan e Sara minha mãe me mandou uma mensagem: *Vou sair com ele hoje à noite de novo! Estou tão animada!* Não pude deixar de rir.

– Qual é a graça? – perguntou Evan.

– Minha mãe está *namorando* – expliquei, balançando a cabeça. – E ela está mais empolgada com isso do que a maioria das garotas da nossa escola.

Evan levantou as sobrancelhas.

– Isso é interessante.

– Você não imagina o quanto – respondi, levantando meus olhos.

– Ela tem mais vida social do que *eu* – acrescentou Sara, depois de ter ouvido meus comentários sobre as noites em que minha mãe chegava tarde e sobre os caras que ela trazia para passar a noite em casa.

– Ela sai muito? – perguntou Evan, que não sabia nada sobre isso. Olhei para Sara com os olhos arregalados.

– Às vezes – respondi, normalmente.

Quando Evan não estava ouvindo, Sara disse:

– Eu não sabia que você não tinha contado para ele que Rachel sai muito.

– Tive medo de como isso pareceria para ele – expliquei.

– E daí? – respondeu Sara. – Não é você quem está trazendo estranhos para casa.

– Eu sei – expliquei –, mas eu não quero que ele se preocupe comigo por estar na mesma casa que esses *homens estranhos*.

Sara balançou a cabeça, entendendo como aquilo atijaria o lado protetor de Evan.

– Além disso – continuei –, parece que ela realmente gosta desse rapaz. Então, talvez essa história de passar a noite com estranhos tenha acabado.

– Em, você nunca viu os rapazes. Talvez tenha sido o mesmo cara todas as noites.

Virei meus olhos em direção a ela e balancei minha cabeça.

– Acho que não.

– Oh – disse Sara, com um olhar chocado de entendimento. – Bem, vamos torcer para que este seja sério.

O suor mal tinha secado da minha pele, e meu top e meu cabelo ainda estavam úmidos por causa do esforço quando cheguei em casa, bati a porta atrás de mim e subi correndo as escadas. Com tantas noites, por que justo hoje o treinador decidiu nos torturar com corrida de velocidade? Não perdemos de tanto assim no jogo de ontem à tarde.

Olhei para o relógio enquanto pegava o jeans no armário e uma camiseta de manga comprida na gaveta, jogando-os na cama. Eu tinha vinte minutos para ficar pronta. A julgar pelo silêncio eu podia dizer que estava sozinha em casa. Provavelmente ela estava no seu encontro.

Arranquei meus tênis e minhas meias, então puxei a camiseta pela cabeça e joguei meus shorts em algum lugar a caminho do

banheiro. Minha pressa não me ajudou a me refrescar. Liguei o chuveiro e me acalmei o suficiente para me lavar – e, se Deus quiser, para parar de suar.

Embrulhada em uma toalha saí do banheiro em direção ao meu quarto, e ouvi a porta da frente ser aberta. Merda. Não fui rápida o suficiente.

– Estarei pronta logo... – comecei a gritar, olhando para baixo. Ao mesmo tempo, o rapaz no pé da escada gritou:

– Rach.

Nós dois ficamos paralisados e olhamos um para o outro. Não esperávamos nos encontrar – ainda mais comigo apenas embrulhada em uma toalha. Apertei o tecido da toalha que estava embrulhada em meu corpo, a água escorria em meus ombros por causa do meu cabelo molhado.

– Opa – exclamou ele, surpreso. – Você não é Rachel.

– ãh, ela não está em casa – respondi, mas ele provavelmente já tinha percebido isso. Fiquei parada. Meu instinto era correr para o meu quarto e fechar a porta, mas eu não conseguia me mexer.

– Eu bati. – Ele olhou para mim desculpando-se. – Desculpe. Eu não deveria ter entrado dessa maneira. – Ele não pareceu ficar perturbado com o fato de eu estar pingando, quase nua. Ele não desviou os olhos. – Eu sou Jonathan.

Abri meus olhos, aturdida com sua descontração.

– Emma – disse eu.

– Bem, é um prazer conhecê-la, Emma – respondeu ele, com um sorriso, ainda me olhando nos olhos. – Acho que vou ligar para ela. Tenha uma boa noite. – Antes que eu pudesse dizer uma outra palavra ele já estava na porta da frente. Em questão de segundos eu me desgrudei do chão e já estava logo atrás dele, trancando a trava enquanto soltava a respiração que eu havia prendido ao vê-lo.

Levei um tempinho para me lembrar do que eu *deveria* estar fazendo, e corri de volta pelas escadas, quase caindo de cara no chão ao escorregar nas tábuas molhadas lá de cima.

Ouvi a batida na porta da frente no momento em que estava amarrando meus sapatos.

– Oi. – Sorri ao abrir a porta, finalmente começando a me animar com a programação da noite. – Eu não sabia o que vestir.

Evan fechou a porta e analisou a minha escolha.

– Você está linda, mas acho que talvez você queira usar mangas curtas. Vai estar bastante quente, principalmente perto do palco.

– Certo – concordei, virando-me para as escadas. Evan estava quase me seguindo quando vi minhas roupas abandonadas a caminho do banheiro. – Desço em um segundo – disse eu, fazendo-o parar no segundo degrau. Peguei minhas roupas suadas e as trouxe comigo para dentro do quarto. Voltei para o meu quarto, reajustando meu rabo de cavalo depois de colocar uma camiseta preta da Newbury Comics.

– Muito melhor – disse Evan. – Você está pronta?

– Com certeza. – Desci os degraus e peguei um casaco que ele segurava para mim.

Quando chegamos ao show havia uma longa fila na calçada. Andamos até o final da fila esperando para que pudéssemos entrar. Evan estava em pé atrás de mim, com os braços em volta do meu corpo para me manter aquecida enquanto esperávamos. Eu não percebi o frio, pois estava distraída demais com a expectativa do show. Continuamos a andar em fila até chegar nos rapazes que vestiam as jaquetas amarelas cintilantes e conferiam as identidades. Recebemos um grande X nas costas de nossas mãos direitas, que nos identificava como menores de idade. Depois de terem verificado nossos bilhetes e de termos sido revistados por pessoas que vestiam luvas azuis, finalmente fomos liberados para curtir a energia do local.

Evan segurou minha mão com força, passando pela multidão. Deixei a emoção tomar conta de mim, aceitando-a com um sorriso no rosto. Evan olhou para trás e sorriu quando seus olhos se encontraram com os meus. Eu sabia que ele estava preocupado com a minha reação no meio de todas aquelas pessoas.

Mas isso era diferente. Estas pessoas não sabiam quem eu era e não se importavam comigo. Fomos imediatamente tomados pela música alta que tocava no palco. Era a banda de abertura realizando seu show. Eles eram muito bons, embora eu nunca tivesse ouvido

nada sobre eles antes. Um grupo encostado nas barras de metal que ficavam ali na frente parecia conhecer muito bem o conjunto, pois balançavam suas cabeças e gritavam as letras das músicas.

Pedimos licença e chegamos à frente, então continuamos ao longo do perímetro e paramos nos degraus que levavam até a plateia. Aqueles que estavam em pé bem na frente do palco enorme já estavam suando. Seus corpos entrelaçados se empurravam procurando uma posição para chegar mais perto do palco. Fui imediatamente cativada pela pele nua, pelos bonés de beisebol com a aba virada para trás, pelos tops que não escondiam as alças dos sutiãs, pelas camisetas de tamanho extra grande sobre calças largas de pessoas que balançavam suas cabeças de uma só vez.

Eu me virei para Evan e gritei:

– Isso é muito legal!

– E só vai melhorar – berrou ele, em meu ouvido.

E melhorou. O mar de corpos se dispersou um pouco entre a abertura e o início da atração principal, mas assim que os *roadies* começaram a afinar as guitarras e a tocar o baixo a gritaria começou e a multidão voltou a se juntar, de maneira até mais apertada do que antes. Em alguns minutos os membros da banda começaram a subir ao palco, assumindo suas posições, e cumprimentando a multidão com um aceno. Ouviu-se uma gritaria tremenda.

A música de abertura foi reconhecida por praticamente todos que estavam ali. As cabeças começaram a balançar, a enorme multidão de corpos pulava com as mãos levantadas. A energia era contagiante, e, de repente, me vi balançando a cabeça no ritmo da batida. Antes que eu percebesse, Evan e eu estávamos pulando e gritando as letras das músicas junto com todas as outras pessoas. Os riffs do baixo e da guitarra explodiam dentro do meu peito.

Eu estava toda suada ao final do show, mas podia jurar que estava flutuando. A multidão apenas tornou a experiência mais emocionante, os corpos surfando entre as mãos, as vozes gritando as palavras, os pulsos batendo no ritmo. Eu estava alucinada.

Aquilo fez com que eu me esquecesse de tudo. Fui tomada por cada nota até que, por fim, nada mais importava.

– Obrigada – sussurrei, com a voz rouca de tanto berrar. Passei meus braços lisos em volta do pescoço de Evan e puxei-o em minha direção. Senti o sal em seus lábios ao expressar minha gratidão.

– Fiquei observando você esta noite, pulando e se deixando envolver totalmente pela música. Foi mais interessante do que assistir ao show. Estou feliz por ter visto isso. – Ele apertou minha mão enquanto seguíamos a multidão, que ainda estava curtindo a experiência. Saímos em um frio intenso que secou o suor de nossa pele, causando um calafrio na minha espinha.

– Não conte para a Sara, mas estou feliz de ter vindo ao show com você.

Ao caminhar em direção à porta da frente o som da música ecoava em meus ouvidos. Eu ainda estava flutuando por causa da noite e do último beijo de Evan.

Minha mãe entrou no quarto depois que soltei um grito de gelar o sangue. Ao acender a luz percebi que ela estava descabelada e com os olhos turvos.

– Qual é o problema com você? – gritou ela. – Parece que tem alguém matando ou fazendo algo parecido com você. – E então ela bateu a porta e voltou para o quarto.

Continuei parada, olhando para a porta depois de ela ter ido embora. Seu ataque verbal me encheu de culpa.

– Mas alguém *está* me matando – sussurrei. – Sempre que fecho meus olhos.



8. Intensidade

– Você sobreviveu – disse minha mãe, com uma risada quando entrei pela porta.

– Ah, oi – respondi, surpresa em vê-la. – O que você quer dizer com isso?

– Você sobreviveu à sua primeira vez patinando no gelo com Sara – explicou ela. – Como foi?

– Frio – respondi, tirando meus casacos antes de me juntar a ela na sala. – Não esperava que você estivesse em casa.

Ela pegou uma taça de vinho na ponta da mesa quando sentei ao lado dela no sofá. Meu estômago revirou quando a vi tomar um gole.

– E como foi o show?

– Ah, foi demais – respondi, tentando esconder meu desconforto. – Como foi seu encontro?

– Ele é tão incrível, mal posso acreditar – respondeu minha mãe, imediatamente transformada em uma garota de dezesseis anos. – Ele me levou a um restaurante japonês, e depois fomos dançar. Ele me faz sentir como se eu fosse a única garota do lugar. E, acredite, *todas* as garotas do lugar ficam olhando para ele. Ele é...

Se ela dissesse *um sonho* eu riria.

– ... intenso.

Esta descrição fez com que eu erguesse minha sobrancelha.

Eu sabia que ela falava do mesmo cara que entrou em casa na noite passada. Eu podia sentir meu rosto se esquentando apenas ao pensar em como ele agira de maneira indiferente ao me ver enrolada em uma toalha, como se isso fosse a coisa mais normal do mundo. E, claro, eu não podia estar mais estranha do que isso. Não

contei isso para ninguém, nem mesmo para Sara. Este não era um momento que eu queria relembrar.

– Ele parece incrível – respondi, mais uma vez distraída, quando ela tomou outro gole da taça de vinho.

– Eu não consigo. – E ela parou quando me viu olhando para a taça. Ela se sentou e se ajeitou de maneira desconfortável. – Eu realmente sinto muito sobre o que aconteceu algumas semanas atrás. Tudo o que eu mais queria é que você não tivesse me visto daquela maneira.

Balancei a cabeça, incapaz de dizer a ela como me senti mal ao vê-la afogar suas mágoas na vodca.

– Mas estou bem. Eu juro – assegurou ela, com um pequeno sorriso. – Eu não bebo como eu bebia antes, de verdade. Eu conheço o meu limite. Eu estava sofrendo naquela noite – continuou ela. – E eu precisava me acalmar. Eu não estava preparada...

– Para me receber – terminei a frase para ela. Eu sabia que o único motivo de ela ter procurado as fotografias era porque eu a fazia se lembrar de meu pai, e se lembrar dele acabou com ela.

– Não. Não foi isso, de maneira alguma. – Ela parou, desviando os olhos antes de explicar. – Eu já consegui esquecê-lo, e então não me machuca tanto. É por isso que você teve que... – Ela não conseguiu terminar a frase, mas eu sabia que ela falava sobre o motivo por ela ter me deixado com George e Carol. – Mas estou melhor. Foi apenas uma noite ruim. E por isso você não precisa se preocupar se me vir tomando um ou dois drinques. Eu tenho o controle, eu juro.

– Certo. – Eu não estava totalmente convencida, mas, nesse um mês em que eu estava morando ali, eu realmente presenciara apenas um escorregão. Acho que eu sabia o que causara esse erro, mas eu torcia muito para que isso não acontecesse de novo.

– Então, contei sobre você para Jonathan – disse ela, sorrindo alegremente. – Não sabia como ele reagiria ao saber que tenho uma filha adolescente. Mas ele quer conhecer você!

Ela disse isso como se fosse a novidade mais interessante do mundo.

– Sério? – Quase disse a ela que já o encontrara, embora rapidamente. – Por quê?

Suas sobrancelhas se juntaram, como se estivesse ofendida por eu não entender a razão.

– Porque ele quer me namorar – explicou ela, enfaticamente. – E quer se certificar de que você concorda com o nosso relacionamento, tipo, quando ele começar a vir aqui.

– Ah – respondi, com os olhos bem abertos, finalmente entendendo. – Ótimo – fingi estar animada, mas a ideia de ver esse cara de novo fez meu estômago virar.

– Qual é o problema? – perguntou ela, com o sorriso desaparecendo.

– Nenhum – forcei as palavras, através de um sorriso. – A ideia é ótima mesmo.

– Você mente muito mal – disse ela. – Mas entendo por que você está nervosa. Não se preocupe, ele é ótima pessoa. Você vai adorá-lo.

– Então, quando vou conhecê-lo?

– Segunda à noite – disse ela, exultante, com os olhos brilhando.

– Ótimo – repeti, com a maior excitação que consegui fingir. Aquela parecia ser a única palavra que meu cérebro conseguia processar. – Ótimo – resmunguei, com medo por baixo de minha respiração quando ela saiu para levar sua taça de vinho.

– Mal posso esperar.

—

Mande uma mensagem assim que chegar em casa. Quero saber tudo sobre ele! Recebi esta mensagem de Sara enquanto parava o carro no estacionamento.

Liguei para minha mãe para me certificar de que ela já estava no restaurante. Ela atendeu no terceiro toque.

– Oi, Emily – disse ela. – Você já está aí?

– Aí? – perguntei, alarmada. – Você quer dizer que ainda não chegou aqui?

– Ah, não – disse ela. – Ainda estou no trabalho.

– O quê? – gritei, sendo tomada pelo pânico. – E o que eu devo fazer?

– Comece o jantar sem mim – sugeriu ela. – Isso vai dar a vocês a oportunidade de conversar sem que eu esteja por perto, você sabe, vocês poderão se conhecer.

Eu não respondi. Fiquei sentada no carro boquiaberta, balançando minha cabeça.

– Por favor – ela implorou. – Você consegue fazer isso?

– Ah-ha. – Fiquei olhando para as enormes janelas de vidro, imaginando qual das pessoas lá dentro estaria esperando por mim. – Ele sabe que você está atrasada?

– Acabei de falar com ele. Não vou demorar muito, prometo. Apenas respire fundo. Você consegue enfrentar esta situação.

O fato de ela ter entendido minha ansiedade não tornou as coisas mais fáceis. Ao contrário, deu-me um outro motivo para entrar em pânico.

– Por favor – implorou ela.

Enchi meus pulmões de ar e expirei rapidamente.

– Certo.

– Obrigada, obrigada, obrigada! – exclamou ela, com alegria.

– Venha rápido.

– O mais rápido que eu puder – prometeu ela.

Enquanto entrava na churrascaria tentava me lembrar da aparência desse tal de Jonathan. Eu estava atordoada e envergonhada demais na outra noite quando o encontrei para prestar atenção em sua aparência. Eu sabia apenas que ele tinha olhos castanhos intensos.

– Posso ajudá-la? – a recepcionista perguntou, enquanto eu olhava para dentro do restaurante.

– Ah, vou me encontrar com uma pessoa.

– Emma. – Um homem ficou em pé ao lado de uma mesa, no meio do restaurante.

– Já encontrei – disse para a recepcionista, que me olhou com curiosidade. Olhei para trás umas duas vezes enquanto me aproximava da mesa e ela ainda me seguia com o olhar, com uma expressão atordoada no rosto.

– Oi – disse Jonathan, puxando uma cadeira para mim.

– Oi – respondi, colocando meu casaco na parte de trás da cadeira antes de me sentar.

E foi então que olhei para ele – quero dizer, realmente *olhei* para ele – e quase caí da minha cadeira enquanto a puxava para frente. Era difícil acreditar que este era o mesmo cara que estava no pé da escada. Ele não é quem eu me lembro.

– Fiquei com receio de você não querer entrar – disse ele, sentando-se à minha frente.

Jonathan realmente parecia jovem. Mas era difícil apontar uma idade para ele. Era possível apenas dizer que estava na casa dos vinte. Ele também era maior do que eu me lembrava, mas estava vestindo uma jaqueta na última vez em que o vi.

Tinha um estilo de jogador de futebol americano. Seu cabelo escuro e ondulado estava despenteado de maneira elegante na parte de cima, com as laterais cortadas bem rente. Mas foram seus olhos que me deixaram sem palavras. *Intensos* era, com certeza, a palavra para defini-los. Parecia que ele conseguia me enxergar por dentro, e aquilo me deixava um pouco insegura.

– Emma?

– ãh? – Olhei para cima. Eu estava brincando com meu guardanapo para evitar olhá-lo nos olhos. Minhas bochechas ficaram quentes, pois percebi que a garçonete e ele estavam esperando que eu respondesse o que quer que ela tivesse perguntado.

– Desculpe. Você pode repetir?

– Você quer beber alguma coisa?

– Ah, água.

A garota loira e alta parou antes de sair, olhando para mim e me julgando. Então ela se virou para Jonathan e deu um grande sorriso.

– Volto logo com a bebida de vocês.

Levantei minha sobancelha como reação ao seu comportamento estranho e fiquei observando-a andar pelo restaurante.

Jonathan riu.

– Qual é o problema?

Eu me virei rapidamente para ele, com meu rosto pegando fogo mais uma vez, pois percebi que ele entendera a expressão na minha face.

– Uau, achei que já tinha visto todos os tons de vermelho no rosto de Rachel – disse ele, brincando. – Mas você tem alguns que eu ainda não conhecia. – Ele riu antes de acrescentar: – A garçonefe fez algo errado?

– Não – respondi, rapidamente. Ao me ajeitar na cadeira deixei meu guardanapo cair no chão. Eu me abaixei para pegá-lo. Enquanto ele não conseguia me ver, fechei meus olhos e desejei que tudo desse certo.

– Está tudo bem? – perguntou ele, divertindo-se quando me sentei de volta na cadeira.

– Só fui pegar meu guardanapo – expliquei, meio debilmente.

O telefone de Jonathan tocou. Ele pegou-o no bolso, ainda rindo do meu comportamento.

– Parece que ela vai demorar mais do que pensava. Ela quer que peçamos nossa comida e então ela chegará para a sobremesa.

– Que ótimo – murmurei, sem entusiasmo.

– Você prefere não fazer isso? – perguntou Jonathan, sua expressão confusa foi substituída por outra, bem mais séria.

– Desculpe. – Fiz uma careta. – O que eu disse não soou simpático. Estou apenas... nervosa.

– Por causa de mim? – Ele parecia realmente surpreso.

Eu me encolhi, olhando para ele com resistência. A expressão de suas sobrancelhas fazia parecer que ele estava se desculpando. Queria me deitar embaixo da mesa.

– Não sou muito boa nisso – confessei, apressada. – Acho que você poderia dizer que não sou uma pessoa muito social, por isso, mesmo que você se parecesse com aquele cara. – Balancei a cabeça em direção a um homem obeso e careca sentado na mesa ao lado. – Eu ainda estaria aqui parecendo uma idiota.

Seu rosto se enrugou ao dar um largo sorriso branco enquanto me examinava com curiosidade. Fechei meus olhos e me encolhi, percebendo que acabara de dizer a Jonathan que ele era bonito. Isso estava indo *maravilhosamente bem*.

– Você é igualzinha a ela – disse ele, analisando-me. – Quero dizer, você não se parece em nada com ela, e ela fala muito mais do

que você quando está nervosa, mas você é igualzinha a ela. Ela derramou café em mim na primeira vez em que nos vimos.

– E, provavelmente, desculpou-se uma centena de vezes enquanto tentava limpar você. – Sorri, agradecida por ele ter tirado a atenção do meu comentário.

– Acho que nunca ouvi alguém falar tão rápido antes. – Ele riu. – Primeiro achei que ela falava outra língua.

Eu ri, visualizando a situação com facilidade.

– Então vocês se conheceram numa cafeteria?

– Não – respondeu ele. – Nos conhecemos no trabalho. Eu trabalho para uma empresa de arquitetura que auxilia a empresa de engenharia onde ela trabalha em alguns projetos. Nos conhecemos há uns seis meses, mas só começamos a sair pouco tempo atrás. Ela se recusou a sair comigo por um tempão.

– Sério? – O choque na minha voz foi mais forte do que eu pretendia.

– A questão da idade – explicou ele, encolhendo-se. – Ela sempre dizia que eu era jovem demais.

– Entendi. – Balancei a cabeça, lembrando-me do dilema dela quando me contou sobre ele pela primeira vez.

– Mas isso não é um problema, é?

– Não. – Balancei minha cabeça. – A idade não deveria importar.

Ele olhou direto nos meus olhos e sorriu. Podia sentir minhas bochechas mudando de cor mais uma vez, e queria jogar a água na minha cabeça para me refrescar. Eu me sentia uma idiota. Ainda não conseguia olhá-lo nos olhos por mais do que um segundo enquanto ele falava comigo. Nunca alguém olhou para mim com tanta intensidade antes, mas eu não sabia se essa era a intenção dele. Minha mãe dissera que ele fazia com que ela se sentisse a única pessoa do lugar quando olhava para ela – e acho que eu não queria me sentir daquela maneira.

– Vocês já decidiram o que querem comer hoje? – perguntou a garçonete, colocando a bebida de Jonathan na mesa. Ela olhou para nós dois, mas seu sorriso ressurgiu apenas quando Jonathan olhou para ela.

Enquanto ele decidia, olhei para o salão e percebi que ela não era a única que não conseguia parar de olhar para nós. Fiquei impressionada ao ver as mulheres ajeitando suas cadeiras apenas para conseguir nos enxergar melhor.

– E você? – perguntou ela, mal olhando para mim. De vez em quando ela lançava um olhar para Jonathan para ver se ele estava olhando para ela, mas ele não percebeu, pois toda a sua atenção estava voltada para mim.

– Vou querer a costela, ao ponto para mal passada – pedi, fechando o cardápio e entregando-o a ela.

– Tem certeza de que você está bem? – perguntou ele, lendo minha expressão facial com facilidade.

– Você chama bastante atenção, não é? – respondi, com sinceridade.

Jonathan sorriu envergonhado.

– Desculpe – disse, desajeitada. – Esta foi uma conversa interna que eu devia ter guardado para mim.

– Você é engraçada. – Riu ele.

– Infelizmente – gemi.

– As pessoas me reconhecem dos comerciais – admitiu ele, desviando seu olhar. Ele estava visivelmente desconfortável ao tomar um gole de sua bebida.

– Comerciais?

– Eu fiz uma sessão de fotos para a propaganda de um jeans quando eu estava na faculdade, para ganhar dinheiro para pagar a escola.

– Ah – respondi. – Você acha que a razão para todas as garotas deste restaurante olharem para você é porque elas o viram em um comercial de uma revista há uns cinco ou seis anos?

Jonathan olhou para mim com um sorriso envergonhado.

– Uau, fiz de novo, não foi? Parece que não consigo parar de dizer as coisas mais...

– Sinceras – interrompeu ele. – Você está sendo sincera. E, na verdade, é bastante engraçado.

– Eu sou uma idiota – admiti, afundando em minha cadeira. – Que tal esta sinceridade?

Jonathan riu novamente. Definitivamente, eu o divertia bastante.

– Certo – disse ele, tentando parecer sério. – Devemos tentar nos conhecer. Conte alguma coisa sobre você.

Olhei para ele sem saber o que dizer, como se ele tivesse acabado de me pedir para dizer os nomes das capitais de todos os países do mundo.

– Certo. – Ele contemplou enquanto eu permaneci calada. – Você pratica algum esporte?

Meus ombros relaxaram e balancei a cabeça afirmativamente.

– Sim. Jogo basquete.

– Você joga bem?

Soltei uma risada ofegante.

– Sou decente.

– Você é mais do que decente – disse ele, desafiando meu tom de desprezo.

– Por que você diria isso? – perguntei, com minhas bochechas mudando de cor.

– Você riu. O que mostra que você não se sente confortável ao falar sobre você mesma, o que significa que, provavelmente, você joga muito bem.

Eu me encolhi, minhas bochechas queimavam enquanto me ajeitava na cadeira. Sua capacidade de ler minhas expressões como se lesse um livro me desarmava um pouco.

– Certo, vamos colocar da seguinte maneira. O que os jornais fariam sobre você?

– Ah... acho que diriam que sou a capitã e a armadora da melhor equipe da nossa divisão. E diriam ainda que faço uma média de vinte pontos por jogo, e que recebi o título de All-American na última temporada.

– Impressionante – disse ele, balançando a cabeça devagar. Encolhi timidamente.

– E você? Você praticava algum esporte? – Tinha certeza de que já sabia a resposta.

A garçonete chegou e colocou nossos pratos em nossa frente.

– Posso ajudar em mais alguma coisa? – perguntou ela a Jonathan.

– Emma, você precisa de alguma coisa? – Ele desviou a atenção dela para mim, propositalmente.

– Não. Estou bem – respondi, tentando não sorrir. Ela foi embora com seus ombros caídos.

– Sobre o que estávamos falando?

– Que esportes você praticava – lembrei-o.

– Eu jogava futebol.

Balancei a cabeça tendo previsto essa resposta, com base em seu pescoço grosso e em sua musculatura larga.

– Não balance a cabeça dessa maneira – respondeu ele –, como se você já soubesse o que eu diria.

– Ah, vamos lá – respondi –, olhe para você. – Ele virou os olhos.

– Certo – continuei: – O que os jornais fariam sobre *você*?

– Os jornais nunca fariam nada sobre mim, passei praticamente todo o tempo no banco.

Ri.

– Sério?

– Você não precisa *rir*. – Fingiu estar ofendido. – Eu era um recebedor reserva. Apenas não era tão bom quanto o titular. – Parou antes de soltar: – Ok, certo, eu era péssimo. Não conseguiria ganhar a vida jogando futebol.

Ri mais uma vez.

– Mas eu nadava. Ainda nado, quando consigo.

– Os jornais fariam alguma menção *disso*?

– Acho que sim – admitiu ele, com modéstia. – Eu nadava para o time da Penn State. E isso me ajudou a pagar minha mensalidade.

– Então você era muito bom, não é? – observei, impressionada.

Ele encolheu um ombro.

– Espera aí, achei que o trabalho como modelo ajudara com a mensalidade! – Sorri.

– Sim, isso ajudou uma única vez, e, de verdade, não pagava muito.

Balancei a cabeça, insultando-o com um sorriso em meu rosto.

– Eu não devia ter contado isso, não é?

– Desculpe. – Ri. – Apenas acho engraçado que você seja imune.

– Oi – minha mãe nos cumprimentou alegremente, antes que eu pudesse acabar de falar. Jonathan se levantou para cumprimentá-la com um abraço e um beijo, o que me deixou, repentinamente, interessada na comida que estava no meu prato. Ainda tentava aceitar a ideia de que ela estava namorando, e eu ainda não estava pronta para vê-la namorando. Mas sabia que precisava superar isso... rápido. Especialmente quando ela se sentou conosco e apertou a mão dele para pedir a sobremesa, dominando a conversa com seu jeito nervoso.

Observei enquanto Jonathan esperava por cada palavra dela, sempre acalmando-a o suficiente para que ela conseguisse parecer coerente.

Era evidente que ela estava encantada por ele, e ele realmente se importava com ela. Quando estávamos todos prontos para ir embora eu estava... bem. Ela estava feliz. E isso era tudo o que importava.

Peguei meu telefone para olhar as horas.

– Ah, tenho que ir – disse eu, interrompendo a história de minha mãe sobre quando ela acidentalmente baixou um vídeo do YouTube, de gatos cantando, para uma apresentação.

– Obrigada pelo jantar.

– Como assim? – perguntou ela, parecendo um pouco decepcionada.

– Evan vai me encontrar em casa em vinte minutos.

– Você quer voltar para casa? – perguntou ela para Jonathan, me surpreendendo totalmente.

– Claro – respondeu Jonathan, assinando o cheque.

Olláááá?! Como ele é?, essa mensagem apareceu no meu telefone quando entrei no carro.

Ele é legal. Isso foi tudo o que eu respondi para Sara, antes de começar a dirigir de volta para casa.

Evan me esperava quando estacionei na garagem.

– Desculpe – disse, fazendo careta enquanto corria pela calçada.

– Acabei de chegar – assegurou Evan.

Destranquei a porta enquanto minha mãe e Jonathan estacionavam atrás de mim.

– Como foi? – perguntou Evan, antes que eles entrassem na casa.

– Tudo bem – respondi, encolhendo os ombros. Evan olhou para mim curioso. Ele sabia o quanto eu estava nervosa com esse jantar.

– Ele é legal – disse, dando a ele minha resposta típica.

– Evan – minha mãe o cumprimentou, com alegria. – Como você está?

– Ótimo. Obrigado – respondeu Evan, pendurando seu casaco. Ele parou por um momento com o cabide na mão quando Jonathan entrou. Então ele pegou o meu casaco e o pendurou também.

Minha mãe os apresentou:

– Jonathan, este é Evan. – Jonathan esticou sua mão com um largo sorriso.

– É um prazer conhecê-lo. – Evan apertou a mão dele de volta.

– O prazer é meu – respondeu Jonathan. Houve um silêncio estranho enquanto todos estávamos em pé no vestibulo, olhando um para o outro.

– Vamos subir para estudar – disse, finalmente, pegando na mão de Evan.

– Este é ele, não é? – disse Evan, fechando a porta atrás de nós.

– Sim – respondi, sentando-me na cama. – Este é ele.

– Não é quem eu esperava – disse ele.

– Quem você esperava? – perguntei, surpresa com o olhar contemplativo de seus olhos.

– Eu não sei – disse ele, sentando-se ao meu lado na cama. Evan inclinou-se para baixo e estava quase me beijando quando fomos interrompidos por uma batida na porta.

– Oi! – Sara entrou. Então ela apertou os olhos para nossa postura paralisada e virou-os com um suspiro impaciente. – Interrompi alguma coisa?

– Não – respondi, rapidamente, atingida por seu tom irritado. Escorreguei na cama e me sentei contra a parede, distanciando-me de Evan. – O que você está fazendo aqui?

– Eu tinha que ver o cara. Sua mensagem foi tão patética. – Ela me enviou um olhar acusador. – Meu pai do céu. Ele é lindo. Tipo, re-al-men-te lindo. Aquele tipo de beleza que encontramos nas estátuas para serem adoradas.

Evan olhou interessado para ela. Balancei minha cabeça e virei meus olhos.

– Quantos anos ele tem. Uns vinte?

– Não – respondi, como se ela fosse maluca. – Ele tem vinte e oito anos.

– Bom, muito bem, Rachel – disse Sara, com inveja. – E pense bem, você vai vê-lo todos os dias.

Arregalei meus olhos implorando, silenciosamente, que ela calasse a boca. O olhar preocupado de Evan voltou. Claramente ele não compartilhava do mesmo entusiasmo de Sara.



9. *Simplesmente errado*

— Eu não tenho certeza do que estou fazendo. — Minha mãe olhava pela janela enquanto se inclinava no balcão.

Esperei, mas ela não continuou. Então cutuquei:

— Sobre o quê?

— Jonathan.

Esperei mais uma vez, mas ela não disse mais nada. Então, cutuquei mais um pouco.

— O que tem Jonathan?

E aquilo a fez soltar tudo. Ela se virou e começou a falar:

— Não tenho certeza de que estou pronta para isso. Na verdade, já faz *muito* tempo que eu não *namoro* alguém. E se ele não gostar de mim de verdade? E se ele for perfeito demais para mim? Olhe para ele. É maravilhoso. Não sei o que ele está fazendo comigo. Percebo como as garotas olham para ele. Elas provavelmente pensam a mesma coisa. Não acho que consigo fazer isso. Não consigo fazer isso. Esqueça, vou terminar com ele.

Fiquei olhando para ela, atordoada, imaginando se ela havia respirado ao menos uma vez durante aquele monólogo explosivo.

— Espere — disse, balançando minha cabeça para tentar entender o que ela dizia. — Você se convenceu a terminar tudo com ele nos últimos dez segundos?

Ela suspirou, derrotada.

— Em primeiro lugar, faça o que você acha que é certo. Se você não está pronta, então não está pronta. Mas não termine tudo porque acha que ele é bom demais para você. Além disso, ele não olha para nenhuma outra garota quando está com você. Isso ficou bem claro na noite passada. Ele está totalmente envolvido por você.

Por isso, dê uma chance a ele se quiser, porque você gosta dele. E não fuja dessa situação porque tem medo de descobrir o *quanto* pode vir a gostar dele.

Ela respirou alto.

– Obrigada. Não acredito que estou recebendo conselhos sobre relacionamento de minha filha de dezessete anos. – Ela riu. Eu não podia acreditar que acabara de ter uma conversa com minha mãe sobre um namoro, aparentemente peguei uma página do livro de sinceridade de Sara.

– Certo, então vou fazer isso. – Ela estava se convencendo, mais do que a mim. – Tudo bem para você se ele passar uma noite aqui?

– Ah, claro – resmunguei, tentando entender como saímos da questão se ela deveria namorá-lo e mudamos para se ela podia dormir com ele.

– Isso não seria estranho demais, não é? Posso prometer que ele vai embora antes de você se levantar.

– Está tudo bem – respondi, devagar. Aparentemente ela não tinha a menor ideia de que eu já passara por essa situação *estranha* muito mais vezes do que eu gostaria de me lembrar.

Na noite seguinte, Jonathan estava lá assistindo a um filme com minha mãe quando cheguei da casa de Sara. Não parei no meu caminho para a escada, pois não queria interrompê-los.

– Ei, Emma – Jonathan chamou, apesar do meu grande esforço para ficar invisível.

– Ah, oi – respondi, sem olhar para trás.

Fiquei lendo no meu quarto durante todo o resto da noite. Sem querer, acabava prestando atenção ao barulho da porta da frente, que indicava que Jonathan fora embora. Mas, dessa vez, antes de ouvir o barulho da porta eu cochilei.

– Ela está bem?

Congelei ao ouvir a voz de Jonathan. Apertei minha mão sobre minha boca e segurei minha respiração sentada na cama. Fiquei parada. Ele parecia estar perto, como se estivesse bem na porta do meu quarto. Pisquei meus olhos no escuro, esperando para ver se ele realmente entraria.

– Isso acontece sempre – explicou minha mãe, desculpando-se. – Apenas volte para a cama, tá? Ela ficará bem. – Depois de alguns segundos de silêncio ouvi seus passos em direção ao quarto. Ouvi o distinto barulho da porta e caí de volta na minha cama, me sentindo terrível por tê-los acordado. E então mudei meu pensamento para o reconhecimento de que ele passara a noite ali.

Fiquei olhando para o teto, esperando que o sol aparecesse, ouvindo o vento bater nas minhas janelas, e finalmente sucumbindo à percepção de que o sono me escapara mais uma vez. Puxei as cobertas até meu queixo, desejando estar na Califórnia, e não presa nesse inverno sem fim, e nessa caixa de gelo chamada casa.

Finalmente saí da cama, conformada a começar o dia apesar da falta do sol. Coloquei um par de meias e vasculhei minhas gavetas, pegando as roupas que eu usaria naquele dia antes de me arrastar até o banheiro. Parei do lado de fora do meu quarto ao perceber que a luz da cozinha estava acesa, proporcionando um brilho suave no vestíbulo. A cafeteira borbulhava, e o aroma forte do café subia pelas escadas.

Jonathan surgiu da cozinha, subindo as escadas, com o cabelo molhado e penteado para trás, o que deixava seu cabelo com ondas suaves. Usava uma camisa e gravata. Seu traje de trabalho fazia com que parecesse mais velho, uma aparência madura que me fez sorrir. Parecia tão, maduro, e também um cavalheiro. Jonathan parou abruptamente quando me viu, assustado.

– Desculpe – disse eu. Minhas bochechas ficaram vermelhas por ter sido pega olhando para ele.

Ele colocou o dedo na boca e apontou para o quarto da minha mãe.

– Ela ainda está dormindo. – Balancei a cabeça demonstrando entendimento. – Eu acordei você?

– Não – sussurrei para responder.

Ele continuou caminhando até o armário para tirar o casaco e colocar a alça de sua bolsa do computador no ombro. Ele levantou a mão acenando antes de sair pela porta da frente. Eu o observei partir sem dizer uma palavra, e fiquei com minha mão congelada no

ar bastante tempo depois de a porta da frente ter sido fechada e de ter ouvido o barulho da caminhonete dele lá fora. “*Por que eu ainda estou aqui?*”. Balancei a cabeça para sair do meu estado de torpor e continuei meu caminho até o banheiro para tomar meu banho e me preparar para o dia.

– Rachel está aqui – informou-me Sara, enquanto eu me preparava para entrar em quadra para o nosso jogo da noite. – Ah, e vamos a uma festa hoje à noite, depois do jogo.

Eu a observei entrar no ginásio, acenando para alguém com um sorriso exagerado, dizendo:

– Oi.

Fiquei olhando chocada atrás dela. Que tipo de bomba era aquela para ser jogada minutos antes de um jogo com a nossa escola rival?

Podia ouvir minha mãe gritando meu nome enquanto eu driblava a bola pela quadra. Bloqueei o som dela e do restante da multidão quando chamei as jogadoras para dar mais movimento ao time. Deixei que o movimento da quadra me mantivesse focada.

Passei a bola para Jill, que estava fora do garrafão, ao longo da linha de base. Ela driblou em direção à rede e jogou a bola de volta para mim. Outra pessoa do time escolheu uma jogada que me permitiu driblar o garrafão e arremessar embaixo da cesta. A arquibancada foi à loucura, mas tudo o que pude ouvir foi um burburinho de vozes.

Weslyn terminou o jogo com três pontos de vantagem, graças ao rebote agressivo de Jill e à precisão inabalável na linha de lance livre. Eu fiz minha parte, contribuí com pontos de dois dígitos e vários passes. Estava aliviada por termos saído vitoriosas.

Peguei minhas coisas no banco e ouvi alguém gritar meu nome no meio da multidão. Eu me virei e vi minha mãe vindo em minha direção, e quase desmorenei quando vi Jonathan um pouco atrás dela.

Ela me cumprimentou com um sorriso.

– Oi! Estou tão feliz por termos vindo a este jogo. Foi intenso.

Sorri de maneira estranha, meu rosto ardia e eu olhava para todos os lados, menos para Jonathan.

– Belo jogo – ele me cumprimentou, aproximando-se de minha mãe.

– Obrigada – respondi, com o pulso acelerado. Não fazia a menor ideia do motivo para estar tão nervosa em vê-lo. Eu já o vira antes.

– Estava torcendo para você fazer mais pontos para que Jonathan visse suas jogadas de fora da linha, principalmente as de três pontos.

– A defesa jogou bem – respondi, encolhendo meus ombros. – Mas, obrigada por terem vindo.

– Você vem para casa agora?

– Ah, acho que Sara quer ir a uma festa ou algo assim. – Sequei o suor do meu rosto usando meu ombro, procurando por Sara e Evan no ginásio. Mas eu sabia que eles estariam na entrada, onde costumavam ficar depois dos meus jogos, e não estariam por perto para me resgatar desta situação desconfortável.

– Divirta-se – respondeu ela. – Nos vemos mais tarde, então?

– Sim. – Olhei para Jonathan, que balançava a cabeça com um sorriso. Minha mãe pegou a mão dele e misturou-se ao restante dos torcedores que saíam do ginásio.

– *Quem era?*

Eu me virei e encontrei Jill e Casey em pé atrás de mim, praticamente babando.

– Minha mãe – respondi, sabendo exatamente o que elas queriam saber. E foi então que percebi o porquê de me sentir tão desconfortável. Todas as garotas da escola olhavam para ele enquanto os dois saíam do ginásio. Aquilo era meio patético.

– E *ele* é o namorado dela? – perguntou Jill, ainda boquiaberta com seu cabelo perfeitamente arrumado.

– Acho que sim – resmunguei, sacudindo minha cabeça ao vê-las praticamente se derreter à minha frente. Fiz meu alongamento e deixei Jill e Casey no banco, olhando.

– E por que você disse a Evan que ele não poderia vir conosco para a festa? – perguntei, ao sairmos do estacionamento da escola.

– Eu preciso de um tempo só para nós – explicou Sara, rapidamente. – E, além disso, ele precisa sempre sair com a gente?

– Estamos indo a uma *festa* – respondi, sem rodeios. – Se você quer um tempo *só para nós* , então deveríamos fazer algo diferente. E, *não* , ele não precisa sair sempre com a gente, e ele não sai. Por acaso ele fez algo errado? O que está acontecendo com você? Você tem estado um pouco estranha ultimamente.

– Não tem nada errado. Estou bem. – Sara suspirou, impaciente. Seu mau humor constante me deixava tão confusa, e ela mal se parecia com minha melhor amiga, aquilo estava me enlouquecendo. E o que, se é que havia alguma coisa, aquilo tinha a ver com Evan?

Entramos na festa pela porta lateral, entre a casa e a garagem. Era possível ouvir o som alto vindo do porão, risadas e gritos podiam ser ouvidos mais no fundo. Esta casa era pequena comparada a algumas monstruosidades de Weslyn. Estávamos naquele que era considerado “o outro lado da cidade”. Bem perto de onde eu costumava morar.

Nos aventuramos em direção às risadas e encontramos um grupo sentado em volta da mesa da cozinha, com cartas nas mãos e copos vermelhos à sua frente, dizendo uns para os outros para beber por diversos motivos absurdos. Mais pessoas estavam amontoadas na pequena cozinha, debruçadas no balcão de fórmica ou então passando para chegar ao barril.

Sara foi até a varanda do fundo, onde o barril estava em uma lata de lixo cheia de neve.

– Você pode dormir na minha casa hoje? – perguntou ela, antes de pegar um copo na pilha.

– Claro – respondi, engolindo, e então fiquei toda arrepiada. Enviei uma mensagem de texto para minha mãe enquanto voltávamos para a cozinha, e então segui Sara pelas escadas de carpete até chegar ao porão. Parei no pé da escada quando vi Evan jogando sinuca à direita e hesitei por tempo o suficiente para acenar para ele e me desculpar fazendo uma careta. Depois continuei andando atrás de Sara, para a outra direção. Entramos em um pequeno lugar com painéis de madeira. Nele havia um sofá surrado coberto com tecidos coloridos e um console de televisão colocado em frente a uma lareira que ainda não fora usada.

Mandy Cochran sorriu ao nos ver e começou a abrir caminho entre as pessoas para chegar até onde estávamos. Sara inspecionava o ambiente. Eu não conhecia Mandy muito bem. Ela jogava voleibol com a Sara. Mas esta era a casa dela, e por isso eu sabia que devíamos, pelo menos, nos esforçar para cumprimentá-la.

Sara olhou pela sala, não muito feliz com o que viu.

– Vamos voltar lá para cima – insistiu ela, ignorando Mandy por completo. Virei meu rosto confusa, mas resolvi segui-la de qualquer maneira. Levantei minha mão para acenar pedindo desculpas, mas vi o sorriso de Mandy desaparecer enquanto ela observava nós duas desaparecermos escada acima.

Quando chegamos de volta à cozinha Sara precisava de mais bebida. Em vez de segui-la para fora como uma sombra patética, resolvi me sentar em um banco de madeira que estava ao lado do balcão da cozinha. Observei o jogo de cartas, tentando entender as regras e se existia algum objetivo naquele absurdo. Rapidamente percebi que não havia um objetivo – tudo o que importava ali era se embebedar e fazer as pessoas agirem de maneira estúpida durante o processo. Suspirei e balancei minha cabeça.

– Oi. Eu não sabia que vocês estariam aqui – disse Jill, quando Casey e ela entraram na cozinha com garrafas rosa em suas mãos. – Onde está Evan?

– Eu não sei – respondi, fazendo uma careta e achei estranho que essa tenha sido a primeira pergunta feita por elas. – Estou aqui com Sara.

– Ah, vocês brigaram? – perguntou Casey, inclinando-se como se quase ouvisse um segredo.

– Não – respondi, olhando para elas como se estivessem malucas.

– Acho que ele está lá embaixo, jogando sinuca.

– Então, o que você sabe sobre o namorado lindo de sua mãe? – perguntou Jill.

– Não sei muita coisa – respondi, rapidamente, incomodada com a pergunta.

– Acho que ele deve ser mais sensual que Evan – disse Casey.

– Não – argumentou Jill. Então ela parou e disse: – Está certo, talvez.

– Vocês querem mesmo saber? – finalmente interrompi, tentando pôr um fim nesta conversa.

– Eu estava apenas dizendo – defendeu-se Jill.

– Está tudo errado – respondi. – Não comparem o meu namorado com o namorado da minha mãe. Isso é tão distorcido.

– É verdade – concordou Casey. – Mas ele é...

Saí antes que ela pudesse terminar. Infelizmente esta casa não era grande o suficiente para não encontrá-las novamente, por isso entrei no banheiro assim que vi a porta aberta. Esta era a primeira festa a que eu ia, em Weslyn, desde maio do ano passado. E, pelo visto, não perdi muita coisa.

Ao sair do banheiro olhei para os lados procurando Sara e encontrei-a num canto conversando com um garoto loiro e alto, com sobrancelhas escuras. Eles estavam rindo e se inclinando um na direção do outro, e a mão dela, por vezes acariciava o braço dele – todos os sinais de que acontecia uma paquera.

– Aquele é o primo de Neil – explicou Jill, ao meu lado. Aparentemente ela ficou esperando que eu saísse do banheiro. – Ele está passando o final de semana aqui. Ele é de New Hampshire.

– Ah, que ótimo. – Sorri. Isso não terminaria bem. E, exatamente nessa hora, o sorriso de Sara desapareceu. Ela se virou abruptamente e saiu correndo para a varanda. O garoto foi deixado ali feito um bobo, olhando para os lados para ver se alguém percebera o que aconteceu. As garotas que estavam ao meu lado começaram a rir, indicando que elas não apenas testemunharam o que acontecera como também contariam para todo mundo o que viram.

Suspirei e fui atrás de Sara.

– Ei.

Ela continuou a colocar cerveja no seu copo vermelho, sem olhar para cima.

Antes que eu pudesse encontrar as palavras para fazê-la sentir-se melhor, algo que eu não sabia fazer muito bem, ouvi:

– Duvido que você pule.

Olhei para cima e um cara que usava camisa de flanela verde-escura e um boné de beisebol com a aba virada para trás estava em

pé no topo da grade da varanda.

– Ele está falando sério? – perguntei para Sara. Ela apenas soltou uma risada surpresa.

E então ele desapareceu. Corri até a grade. Mas tudo o que consegui ver foi o seu boné de beisebol. Todo o restante desaparecera na montanha de neve que se formava embaixo da varanda. Seus braços apareceram para fora da neve e ele inclinou sua cabeça para trás, soltando um grito de triunfo. Fiquei impressionada em vê-lo surgir inteiro.

E foi então que a insanidade tomou conta da festa. Outros rapazes pularam da varanda, gritando.

Eu não tinha a menor vontade de ver estes garotos quebrarem seus pescoços, e por isso entrei na casa e só então percebi que Sara já estava lá. Passei por Evan no caminho, pois alguns garotos e ele iam até a varanda para ver a brincadeira estúpida. Olhei dentro dos olhos dele, e ele passou sua mão na minha. Esta conexão repentina enviou uma corrente pelo meu corpo como se fosse um arrepio quente.

Sara colocou seu copo vermelho na mesa, chamando minha atenção.

– Vamos sair daqui.

Quando começamos a descer a rua vimos dois carros de polícia passarem, com as luzes acesas. Fiquei imaginando onde eles iam. Só então me toquei de que os vizinhos deviam tê-los chamado. As casas naquela rua eram próximas umas das outras, e por isso o barulho no quintal provavelmente atrapalhava a vizinhança.

Olhei para Sara a fim de dizer algo sobre o que aconteceu na festa, mas ela permaneceu parada, olhando pela janela. Eu queria animá-la, mas não fazia a menor ideia *do que* dizer. No momento em que eu estava quase quebrando o silêncio ela soltou:

– New Hampshire! Ele é da maldita New Hampshire! – Ela fechou seus punhos. – É brincadeira? Isso não tem a menor graça!

Fiquei boquiaberta. Ela continuou a falar sobre como eles se deram bem. Ele até a chamara para sair neste final de semana, e só então contou para ela onde morava – indicando que eles, provavelmente, nunca mais se veriam novamente.

– Sara, você precisa me contar o que está acontecendo com você
– disse, enfaticamente. – E não diga que “não é nada” porque eu sei que tem alguma coisa. Mas não pode ser só esse garoto.

– Não tem nada errado comigo – retrucou ela, brava.

– Mesmo? – perguntei, defensivamente. – Pois eu acho que tem, você está agindo como uma vaca.

E então o silêncio tomou conta do carro.

– Desculpe. Eu não quis dizer isso – falei, quando paramos o carro na garagem da casa dela. – Só estou frustrada porque não consigo entender o que está acontecendo.

– Eu estou bem – bufou ela, batendo a porta do carro.

A neve começou a cair assim que pus o pé para fora do carro. Perfeito. Acabamos de nos recuperar da última tempestade. Este inverno estava tão miserável quanto Sara.

Subi as escadas atrás de Sara, que se recusou até mesmo a olhar para mim. Meu telefone tocou assim que ela bateu a porta do banheiro: *Encontre-me na frente da casa assim que Sara dormir.*

Permaneci o mais paciente que consegui, fiquei no banheiro, andei devagar de um lado para o outro, enquanto esperava que ela caísse no sono. Quinze minutos depois saí do banheiro e coloquei minha cabeça para dentro do quarto para ouvir a respiração profunda dela.

Desci as escadas e saí pela porta da frente. Evan estava sentado nos degraus, a neve cobria seu chapéu. Ele se levantou quando saí.

– Finalmente. – Ele me puxou em sua direção, minhas mãos ainda estavam na fechadura, quase fechando a porta atrás de mim. Senti sua respiração quando ele pressionou seus lábios firmes contra os meus. Derreti aliviada, precisava desse beijo muito mais do que ele podia imaginar. – Estava precisando, hein? – Bom, talvez ele tenha percebido.

– Vocês foram embora na hora certa – disse Evan, sentando-se ao meu lado. – Os policiais apareceram e acabaram com a festa.

– Pois é, nós os vimos – murmurei, ainda me sentindo culpada pelo que disse à Sara. Sentei-me no primeiro degrau, sem me importar por estar sentada em uma camada de neve.

Evan sentou-se ao meu lado.

– Você está bem? – Ele cutucou meu ombro com o seu e segurou na minha mão.

– Eu não faço a menor ideia do que está acontecendo de errado com Sara. Ela está péssima. – E então pensei. – Ela tem estado um pouco distante há algum tempo, mas não estava tão estranha até recentemente. Algo aconteceu e ela não quer me dizer o que foi.

Evan respirou em contemplação.

– Acho que sei o que fazer.

Olhei esperançosa para ele. Ele pegou seu telefone e olhou para a tela.

– O quê? O que devemos fazer? – perguntei, desesperada.

– Ah, desculpe – respondeu Evan, distraído enquanto escrevia uma mensagem. – É o Jared.

Então ele colocou seu telefone de volta no bolso e disse:

– Talvez a gente consiga, pelo menos, fazê-la sorrir.

– Faça qualquer coisa para vê-la sorrir.

Evan desceu os degraus, afundando na neve até as canelas.

– O que você vai fazer? – perguntei, como se ele estivesse louco.

– Que tal fazermos um boneco de neve?

Ri.

– Você é maluco.

– É verdade – concordou ele, com um sorriso infame. – Mas é por isso que você me ama.

– Provavelmente você está certo. – Sorri ainda mais e juntei-me a ele na neve, afundando até os joelhos.

Caí algumas vezes, perdendo o equilíbrio enquanto empurrava a grande bola de neve pelo quintal da frente. Evan ria ao ver minha incapacidade de ficar em pé. Sara provavelmente rolaria de rir incontrolavelmente se me visse. Esperava que esse boneco de neve que tentávamos construir pelo menos arrancasse um sorriso dela.

Enquanto Evan levantava a cabeça do boneco para colocá-la nas outras duas partes do corpo eu caí pela milionésima vez e escorreguei de costas pela pequena rampa. Soltei um grito alto e comecei a rir quando finalmente consegui parar. Em vez de me ajudar, Evan decidiu deitar-se ao meu lado. Acima de nossas cabeças

uma luz se acendeu nas janelas do segundo andar, e alguém puxou a cortina.

Anna abriu as cortinas e depois a janela.

Permanecemos parados, torcendo para que ela não nos visse. Ela apertou os olhos.

– Emma? É você? E... Evan?

– Boa noite, Sra. McKinley. – Evan acenou de nossa posição achatada na grama coberta de neve.

– O que vocês estão... – Ela parou quando viu o boneco de neve embaixo da janela. – Entre logo, Emma. Já está tarde. E tente não fazer barulho, por favor.

– Desculpe. – Encolhi, sentindo-me culpada.

Ela fechou a janela e ouvi Carl perguntar:

– O que eles estão fazendo? – Um momento depois as janelas ficaram escuras e tudo ficou silencioso.

E foi então que percebi que parara de nevar. Olhei para as nuvens que passavam rapidamente acima de nós, em direção às estrelas. Evan estava deitado em silêncio ao meu lado, nossas mãos cruzadas entre nós.

– Acho que não consigo sentir minhas pernas. – Tremi ao ser tomada pelo frio, mas ainda assim não fiz movimento algum para me levantar.

Evan sentou-se, e no momento em que achei que me ajudaria a levantar, ele se inclinou e encontrou meus lábios. E então derreteu os cristais de gelo que caíram no meu rosto. Sua boca movia-se gentilmente pela minha, esquentando meu corpo todo.

– Você faz com que eu me esqueça o quanto detesto o frio. – Respirei, com meus olhos ainda fechados.

– Vamos terminar o boneco de neve – Evan disse, finalmente, colocando-me em pé. Olhei para meu jeans repleto de neve e tentei removê-la sem sucesso.

Enquanto colocava a neve entre cada camada, Evan vasculhou seu carro e pegou uma sacola de doces no porta-malas.

– O boneco adora doces? – perguntei, quando vi a quantidade de chocolates, alcaçuz e jujubas dentro do saco branco.

– Acho que você pode dizer que sim – confessou ele, com um sorriso.

Tiramos alcaçuz e jujubas vermelhas de dentro do saco para fazer o rosto e as ondas do cabelo.

Tirei meu cachecol para dar o toque final depois de ele ter colocado braços com pedaços de pau que faziam parecer que o boneco tentava alcançar as estrelas.

Demos um passo para trás a fim de apreciar nossa criação. Eu não conseguia parar de rir. Evan o admirava orgulhoso.

– Ela vai ter que, pelo menos, sorrir.

– Espero que sim. – Suspirei.

Evan foi embora para casa quando a neve voltou a cair, mais uma vez. Eu realmente perdera a sensibilidade na maior parte do meu corpo, e precisava desesperadamente me aquecer.

Tirei a maior parte das minhas roupas cobertas por neve no vestíbulo, deixando minhas pernas pálidas, que agora estavam vermelhas, de fora. Subi as escadas e coloquei as roupas congeladas dentro da banheira, me preparei para me deitar e me aconcheguei embaixo dos cobertores, tremendo.

Olhei para a cama de Sara. Ela parecia tão calma, como se nada no mundo pudesse estar errado. E eu apenas queria a minha amiga de volta.

Meu telefone tocou perto da minha cabeça e quando o peguei consegui ler: *Não se preocupe. Vamos fazer com que ela se sinta melhor.*



10. Distração

Quando acordei a cama de Sara estava desarrumada e vazia. Eu a encontrei na sala de TV, carrancuda, segurando uma tigela de cereais, assistindo a um *reality show*. Eu a deixei presumindo que ela ainda não vira o boneco de neve.

Desci as escadas e olhei pela janela para enxergar o gramado em frente à casa. Quando estava quase caminhando em direção à cozinha, o que vi me deixou impressionada. Abri a porta da frente e fiquei olhando para aquela imagem triste. Fechei a porta com um grunhido e subi as escadas fazendo barulho.

– O que você fez com o boneco de neve? – perguntei, de cima das escadas.

– Dei um chute no rosto dele – respondeu ela, continuando a assistir televisão sem piscar.

Fui para o quarto e me vesti, peguei minhas coisas e fui embora sem dizer uma palavra. Eu não conseguia olhar para a cabeça patética, decapitada, pendendo no chão quando dei ré na garagem. Cerrei meus dentes enquanto dirigia para casa.

Também não consegui responder à mensagem de Evan: *Então, o que aconteceu?*. Eu queria apenas ficar longe daquela garota miserável que tomara o corpo de Sara.

Quando cheguei em casa encontrei a porta da frente destrancada, mas não parecia ter alguém ali. O carro da minha mãe ainda estava na garagem, coberto de neve, e a luz da cozinha estava acesa. Mas a casa continuou silenciosa enquanto tirei minhas botas e pendurei meu casaco.

Fiquei paralisada quando abri a porta do meu quarto e encontrei Jonathan sentado na minha escrivaninha. O ranger das dobradiças o

fez virar.

– Emma, oi – ele me cumprimentou, com um sorriso inflado, como se tivesse acabado de ser pego fazendo alguma coisa errada.

Fiquei tão chocada ao encontrá-lo no meu quarto que não consegui dizer nada.

– Você me assustou – disse ele, com uma risada, se recompondo, e então me explicou. – Rachel disse que eu podia usar o seu computador para olhar meus e-mails. Desculpe. Obviamente a deixei nervosa.

Suas palavras me trouxeram de volta do meu estado de surpresa.

– Tudo bem – garanti a ele, devagar, minhas bochechas já ficando vermelhas por causa da minha reação.

– Você tem certeza? – perguntou ele, com uma careta. – Pela sua expressão, não parece que está tudo bem.

– De verdade, está tudo bem – repeti, diminuindo a tensão em meus ombros.

– Então, você já olhou? – finalmente perguntei.

– O quê?

– Seus *e-mails* – enfatizei, com uma risada, reconhecendo que nós dois agíamos de maneira ridícula.

– Ah, sim. Já olhei. – Ele vacilou, fechando o computador antes de ficar em pé. – Eu estava quase saindo, mas vi as fotos. Você também joga futebol?

– Sim. Sou melhor no futebol do que no basquete – respondi, colocando minha mochila no chão ao pé da minha cama.

– Você jogou muito bem ontem à noite – disse ele, deixando-me desconfortável. – Então, se você joga futebol melhor do que basquete, com certeza quero ver você jogando.

– Bem, o futebol é o que está financiando minha vaga em Stanford – admiti, brasas iluminavam meu rosto.

– Você sempre fica vermelha assim? – perguntou ele, examinando meu rosto.

– Normalmente – admiti, olhando para o chão.

– Desculpe. – Riu ele. – É... bonitinho.

Parei de respirar por um segundo.

– Obrigado por me deixar usar seu computador.

– Pode usar sempre que precisar. – Balancei a cabeça, ainda incapaz de olhar para ele sem ficar com o rosto vermelho.

Ele parou antes de continuar.

– Tenho tentado lhe dizer uma coisa, mas...

– O quê? – perguntei, ficando nervosa de repente.

– Eu sinto muito mesmo pela primeira vez em que nos encontramos. Rachel me disse que você ia sair e que eu podia entrar. Eu realmente não tinha a intenção de invadir o seu espaço daquela maneira. Não quero que se sinta desconfortável quando estou por perto.

E, simples assim, a situação ficou *ainda mais* desconfortável. Balancei a cabeça sem saber bem o que dizer e desejando que ele nunca tivesse tocado nesse assunto.

– Piorei a situação, não é?

Claro que minhas bochechas ficaram vermelhas de novo.

– Ah... um pouco – admiti, com um meio sorriso.

– Desculpe. – Ele fez outra careta. – Esta não era minha intenção. Uau, normalmente eu me saio melhor nesse tipo de situação.

Consegui apenas sorrir para ele. Com aquela frase ele apenas tinha ficado um pouco mais, bem, um pouco mais parecido comigo.

– O quê? – perguntou ele, com seus olhos procurando pelos meus. – Eu disse algo errado mais uma vez?

– Não – respondi, olhando para seus olhos castanho-escuros com um pequeno sorriso, fazendo com que os cantos de sua boca se curvassem também.

– Será que você pode me ajudar? – pediu minha mãe, no andar de baixo. Quando Jonathan e eu saímos do meu quarto minha mãe inclinou a cabeça para o lado ao nos ver. – Ah, oi. O que vocês estão fazendo? – Suas palavras surgiram hesitantes, com uma pitada de mal-estar.

– Estava olhando meus e-mails – Jonathan explicou, naturalmente. – Lembra que você disse para eu usar o computador da Emily? – Olhei para ele, surpresa ao ouvi-lo me chamar pelo meu nome formal. Mas então, de novo, ao observar o olhar questionador de minha mãe, entendi que aquela fora a escolha certa.

– Ah – disse ela, lembrando-se de repente. – Obrigada por deixá-lo usar seu computador. – E instantaneamente tudo estava bem de novo.

Eu me tranquei no meu quarto durante o restante do dia. Li, estudei e ouvi música. Eu não era uma especialista em ocupar meu tempo. Na verdade, preferia não ficar sozinha por muito tempo – era nessas horas em que eu começava a pensar.

E foi isso que me peguei fazendo tarde da noite no sábado. Lá estava eu, deitada em minha cama, olhando para o teto branco acima de mim. Passei minha mão pelo meu pescoço e um arrepio tomou conta do meu corpo. Uma imagem apareceu na minha cabeça, tão rápido quanto o clique de uma máquina fotográfica. Mas o pânico e o medo que vieram com ela me forçaram a sentar na cama. Sacudi a cabeça tentando me livrar da lembrança que tomara conta do meu ambiente – suas mãos frias e meus pedidos de ajuda silenciosos. E então foi embora. Eu estava sozinha na casa mais uma vez.

Procurei por algo para comer na cozinha, mas não havia muita coisa. Minha mãe e eu vínhamos nos desencontrando no jantar, e por isso eu colocava no micro-ondas qualquer coisa que me mantivesse nutrida. Mas minha fonte estava secando.

Fui buscar uma pizza e decidi pegar um filme pelo caminho. Por mais que desejasse hibernar durante o inverno, para evitar todo aquele frio, eu acabava dirigindo para o lado mais movimentado da cidade, onde as luzes néon podiam brilhar, pois estavam longe das casas que pagavam para ter o silêncio.

Parei no posto de gasolina que tinha uma máquina para alugar filmes. Alguns carros cheios de alunos de Weslyn estavam lá, tentando decidir aonde ir – com que festa acabar. Não olhei para ninguém enquanto esperava atrás de um homem mais velho para pegar um filme.

– Ei, Emma. – Uma das garotas me reconheceu. Olhei para a geladeira de refrigerantes, onde ela e duas outras garotas escolhiam formas de cafeína. Sorri com educação, tentando reconhecê-la. Talvez ela até esteja na minha aula de Artes, mas eu tinha quase certeza de que era mais nova.

- Grande jogo ontem à noite – disse um dos garotos.
- Obrigada – respondi, em voz baixa, dando um passo à frente, pois chegara a minha vez de escolher o filme.
- Você quer ir a uma festa com a gente? – perguntou uma outra garota.
- Não, obrigada – respondi, tentando escolher um filme rapidamente.
- Vou ficar em casa esta noite.
- Até mais.

Saí da loja de conveniência e acenei com um sorriso estranho. Era estranho ser reconhecida fora da escola sem estar com Evan ou Sara. Mas, ao mesmo tempo, fazia com que me sentisse bem. Era como se eu acordasse e descobrisse que aquela era minha própria pessoa, e que as outras pessoas realmente queriam estar comigo. Sorri enquanto ligava o carro.

Voltei para casa, preparei minha noite solitária com um pouco de autoconfiança recém-adquirida. Fiquei um pouco desapontada ao ver que a caminhonete de Jonathan voltara. Eram quase nove horas.

Abri a porta da frente e ouvi o barulho da TV na sala. Depois de deixar meus sapatos na porta, entrei com a pizza nos braços. Jonathan estava sentado sozinho e parecia surpreso em me ver.

- Vocês voltaram cedo. Coloquei a pizza na mesa.
- Rachel não está se sentindo bem – explicou Jonathan. Balancei a cabeça demonstrando entendimento.
- Achei que você fosse sair.
- Não, vou ficar em casa – respondi. – Está com fome?
- Ah, estou. – Jonathan se levantou do sofá e foi em direção à cozinha. – O que você quer beber?

– Coca light, por favor – respondi, procurando por minha mãe. Pendurei meu casaco, e Jonathan voltou com nossas bebidas, pratos de papelão e guardanapos. – Ela está deitada?

– Sim. Ela tomou muito medicamento para tosse – explicou Jonathan, chupando o ar por entre seus dentes cerrados. Ele me entregou a garrafa de refrigerante. – E depois tomou algumas taças de vinho. Eu não me surpreenderia se ela ficasse apagada até terça-feira.

– Ótimo – disse eu, sacudindo a cabeça.
– Que filme você pegou? – perguntou ele, olhando para a caixa de plástico.

– Quer saber? Eu não faço a menor ideia – admiti, abrindo a caixa. – Estava com pressa e apenas peguei um lançamento. Você quer assistir comigo?

– Claro.

Olhei para o título e gemi.

– Ah, que ótimo. É um filme de terror. Exatamente o que eu não preciso.

Jonathan riu.

– Vamos deixar as luzes acesas enquanto assistimos.

– Por algum momento você pensou que eu deixaria você apagar as luzes?

Ele riu mais uma vez, pegando o filme e inserindo-o no aparelho de DVD enquanto eu colocava pedaços de pizza nos nossos pratos de papelão.

Não havia um sentido para a história, a não ser, talvez, o de encher minha cabeça com pesadelos sem fim – mas eu não podia me esquecer que aqueles pesadelos já estavam dentro de mim. Assisti ao filme inteiro com meus joelhos dobrados em meu corpo e com um travesseiro grudado no meu peito. Eu tinha enfiado meu rosto no travesseiro todas as vezes em que a música avisava que algo aconteceria. Jonathan me contava o que estava acontecendo e então me dizia quando eu podia voltar a olhar para a televisão.

Quando os créditos do filme começaram a aparecer eu já não tinha mais certeza se algum dia conseguiria dormir novamente. Jonathan mudou a televisão para o canal de esportes, e a conversa sobre o Super Bowl ajudou a dissipar as imagens que me incomodavam.

– O que você vai fazer amanhã no horário do jogo? – perguntou Jonathan, dobrando a beirada da caixa de pizza e colocando os pratos repletos de bordas de pizzas em cima da caixa.

– Ah, nada. Quero dizer, vou assistir, mas não tenho planos.

– Tenho certeza de que existem algumas festas organizadas para assistir ao Super Bowl que você poderia ir.

– Pode ser – respondi, sem pensar melhor a respeito. – Mas acho que eu prefiro *assistir* ao jogo. Você me entende?

– Sim – concordou ele. – Vamos a uma festa com alguns amigos de Rachel, e acho que o jogo é só uma desculpa para ir à festa. Na verdade eu gostaria de assistir ao jogo também. – Ele se encolheu e levou a caixa para a cozinha.

Parecia que eu não tinha me mexido durante o filme todo. Estiquei minhas pernas e fiquei em pé, pronta para ir para a cama.

– Você tem certeza de que vai conseguir dormir? – perguntou Jonathan, ao me ver subindo as escadas.

– É bem provável que não consiga – admiti. – Mas isso não será diferente de qualquer outra noite.

Ele me lançou um olhar questionador, mas não disse nada.

– Boa noite.

– Boa noite, Emma – respondeu Jonathan, que me olhava enquanto eu entrava no meu quarto.

– Emma – o escuro me chamava. Seguido por uma batida. Tentei segurar na cama, mas os lençóis estavam escorregadios. O quarto continuou a se inclinar, determinado a me jogar no buraco negro que existia na ponta da minha cama. Gritos horríveis podiam ser ouvidos vindos daquele abismo.

– Emma – o escuro me chamou de novo.

Chutei com meus pés para conseguir me afastar do colchão.

A batida ficou mais alta, e eu subi na cama. Meus lençóis estavam enrolados em meu corpo e eu respirava muito rápido. Estava praticamente hiperventilando. Acendi a luz que ficava ao lado da minha cama.

– Emma? – surgiu a voz do lado de fora da porta. – Você está bem? Você pode abrir a porta?

Era Jonathan. Respirei fundo para me acalmar.

– Estou bem – respondi, balançando a cabeça para tirar as mechas de cabelo, encharcadas de suor, que estavam grudadas na minha testa.

– Por favor, abra a porta – pediu ele, mais uma vez.

– Estou bem, de verdade – respondi, me desprendendo dos lençóis que estavam enrolados em minhas pernas.

– Por favor – implorou ele. – Apenas abra a porta, pode ser?

Hesitei e fiquei olhando para a porta.

– Está bem. Espere um minuto.

Saí da cama e joguei a colcha em cima dela para esconder a bagunça. Prendi meu cabelo com um elástico e coloquei um moletom antes de destrancar a porta e abri-la devagar.

– Estou bem, veja. – Olhei para ele, enfiando minhas mãos trêmulas no bolso da frente do meu moletom. Seus olhos se acalmaram quando me viram. – Foi apenas um sonho. Desculpe por ter acordado você.

– Você não devia voltar a dormir – aconselhou ele, com calma.

– Ah?

– Quando você tem um pesadelo como este você precisa sair da sua cama, para refrescar sua cabeça – explicou ele. – Tome um copo de água, assista televisão, faça algo para aliviar a cabeça. Assim, quando você dormir novamente, o pesadelo não estará mais lá, esperando por você.

Permaneci em silêncio, tentando entender o que ele dizia. Seus olhos eram suaves e demonstravam empatia.

– Venha. Vamos assistir um pouco de TV, pode ser?

– Claro – concordei, me rendendo. – Mas você não precisa ficar acordado.

– Não se preocupe comigo – respondeu ele. – Vamos ver o que estão vendendo a esta hora da noite.

Eu o segui escada abaixo e me deitei no sofá enrolada num cobertor. Jonathan se sentou na cadeira e começou a trocar os canais. Olhei para ele quando a luz suave da televisão destacou os traços de seu rosto.

Nunca teria imaginado que ele sabia alguma coisa sobre como espantar pesadelos. Ele parecia imune ao medo, tão confiante.

– Os infomerciais são viciantes – observou ele, olhando para mim. Virei meus olhos para a TV, minhas bochechas enrubesciam por ter sido pega olhando para ele. Ele continuou como se não tivesse percebido. – É preciso ficar longe deles porque, sem que você

perceba, já está assistindo ao nascer do sol, convencida de que um pano de 15 cm pode ser usado para lavar seu carro todo e ainda ficar limpo para ser usado nas suas janelas.

Balancei a cabeça sem prestar muita atenção. Uma parte de mim ainda estava presa na escuridão.

– Vai melhorar – disse ele, olhando para mim atentamente. Ele parecia tão certo do que dizia.

– Como você sabe? – Olhei para seus olhos castanho-escuros, tentando encontrar respostas dentro deles, mas ele não me deixava entrar.

– acredite em mim. Vai melhorar – Jonathan sussurrou, desviando o olhar. Naquele rápido momento, a confiança em seu olhar desapareceu, dando lugar a algo diferente. Não tinha certeza do que vi, mas tremi inadvertidamente quando vi aquilo.



11. Tudo melhor

– Como você está se sentindo?

Perguntei quando minha mãe desceu as escadas na manhã seguinte. Seu nariz estava machucado e vermelho nas beiradas. Seus olhos estavam inchados e lacrimejantes.

Ela estava horrível – eu não devia nem ter perguntado.

– Acho que estou morrendo. – Ela fungou.

– Você devia voltar para a cama. Diga o que você precisa que eu arrumo para você.

– Chá – pediu ela, com ar de piedade. – É um remédio para resfriado. Quem sabe com um remédio a sensação de que minha cabeça vai explodir desapareça.

– Eu pego – ofereceu Jonathan, aparecendo na porta da cozinha, de banho tomado e vestido.

– Obrigada – disse ela, com a voz nasalada, antes de assoar o nariz no lenço de papel que estava enrolado na sua mão. – Não queria que você me visse desta maneira.

– Nem comece – consolou Jonathan, com um sorriso acolhedor. – Você está doente, e até mesmo doente você é linda. – Ele passou os braços em volta dela quando ela deitou no peito dele. Ele a segurou e alisou os fios úmidos de seu cabelo que estavam grudados em seu rosto febril. Ele era mais corajoso do que eu. Eu tinha medo de ficar a 1 metro de distância dela. Ela estava escorrendo por todos os orifícios.

– Levo o chá para você lá em cima em um minuto – disse a ela, enquanto Jonathan a levava pelas escadas.

– Eu já volto – disse Jonathan, alguns minutos depois, ao sair do quarto.

Levei o chá para o quarto dela e o coloquei na mesa de cabeceira. Ela estava com os olhos fechados e os cobertores puxados até o nariz.

– Você gosta dele? – perguntou ela, quando eu estava saindo pela porta.

Eu me virei em direção a ela. Ela apoiou o corpo nos cotovelos e, com cuidado, tomou um gole do chá quente.

– Do Jonathan? – esclareci, surpresa com a pergunta dela.

Antes que eu pudesse responder ela disse:

– Eu gosto *mesmo* dele, e espero que você também goste.

– Ah, sim, claro. Ele é legal.

– Obrigada pelo chá. – Ela se aninhou de volta nos cobertores, fechando os olhos com um sorriso no rosto. Mesmo doente ela ainda parecia uma adolescente apaixonada.

– Parece que você vai acabar conseguindo assistir ao jogo – disse, depois que Jonathan voltou da farmácia. – Aonde você vai? – Jonathan hesitou.

– Na verdade, eu disse à Rachel que ficaria aqui com ela.

– Eu não vou a lugar algum – disse eu. – Posso tomar conta dela se você quiser fazer alguma outra coisa.

– Eu prefiro ficar aqui, se você não se incomodar.

– Claro – respondi, surpresa.

– Onde estão Evan e Sara?

– Evan está em Cornell com seu irmão, e... eu não sei o que Sara está fazendo.

Jonathan olhou para mim. Ele percebeu a mudança no meu tom de voz ao mencionar Sara. Ele não perguntou nada. Apenas balançou a cabeça.

Eu me ofereci para buscar alguma coisa para comermos durante o jogo enquanto Jonathan cuidava de minha mãe. Principalmente porque estávamos quase sem... tudo. Assumi o papel da pessoa que fazia compras de supermercado na casa. Minha mãe passava por lá quando queria preparar alguma comida específica, mas como nossos horários eram sempre desencontrados, isso não acontecia com muita frequência.

Eu não me importava muito com isso. Ela me deixava uma nota de vinte dólares e uma pequena lista de coisas que ela precisava. As compras normalmente custavam mais do que vinte dólares, mas tudo bem. Eu cobria o restante com o dinheiro que era depositado todo mês na minha conta – dinheiro ao qual não tive acesso durante anos, mas que estava sob meu controle agora.

Já conhecia bem os corredores e conseguia entrar e sair rapidamente da loja. Mas não hoje – estava uma loucura.

– Acho que todas as pessoas, de três cidades diferentes, estavam no supermercado hoje – reclamei para Jonathan, lutando com as sacolas de plástico brancas penduradas em meus dois braços.

– Deixe que eu ajudo. – Jonathan correu pela sala, pegando metade das sacolas. – Isso é tudo?

– Se não for, que pena. Mas não vou voltar para aquela selva. – Tirei meus sapatos e o segui até a cozinha.

– O que eu quis perguntar é se tem mais alguma coisa no carro. – Ele sorriu ao ouvir minha resposta dramática.

– Não, está tudo aqui – respondi, envergonhada pela minha reação. – Como está Rachel?

– Dormindo – respondeu Jonathan. Ele começou a esvaziar as sacolas e a guardar tudo. – Preciso sair um pouco. Você se importa de ocupar o meu lugar até eu voltar? Estarei aqui a tempo de ver o início do jogo. Se ela acordar, apenas diga-lhe que fui comprar mais lenços de papel, ou algo assim.

– Claro – respondi. – Você não precisa arrumar uma desculpa. – Sabia que não devia ter dito isso no momento em que disse. – Desculpe.

– Não, você está certa – concordou ele. – Apenas me sinto mal por sair se ela não está bem. Embora não saiba o que fazer para que ela se sinta melhor. Mas ela fica dizendo que quer que eu fique aqui.

– Ela sempre diz que quer que você fique – aparentemente o meu bom senso não estava funcionando.

– Uau. – Ele absorveu minha franqueza com os olhos arregalados. – Estou passando tempo demais por aqui?

– Não – respondi, rapidamente. – Não foi isso que quis dizer. Desculpe, estou uma completa idiota hoje.

– Você está fazendo aquela coisa da honestidade de novo. Não se preocupe com isso. – Ele parou e acrescentou: – Nunca ache que você não pode dizer o que está pensando, certo?

– Você tem certeza? – perguntei, com um sorriso. – Provavelmente você vai acabar me detestando.

– Não vou – disse ele, com um sorriso, enquanto colocava o leite na geladeira. Minhas bochechas se esquentaram com seu comentário. – Ah, aqui está o número do meu telefone. – Ele escreveu o número em um pedaço de papel que estava em cima da mesa da cozinha. – Caso você precise de alguma coisa enquanto eu estiver fora.

– Certo. Obrigada. – Peguei o número enquanto ele saía e decidi adicioná-lo à minha agenda de telefones, caso eu precisasse.

Graças a Deus, minha mãe não se mexeu durante todo o tempo em que Jonathan esteve fora. Eu não estava com muita vontade de contar a ela que ele tinha saído.

Troquei mensagens de texto com Evan durante boa parte da tarde. Jared e ele estavam passando o dia em uma festa para assistir ao Super Bowl, fora do campus. Pelo que Evan contou, a festa parecia um espetáculo. Parei de falar com ele um pouco antes do início do jogo, para que ele pudesse assistir ao jogo com seu irmão sem se preocupar em responder minhas mensagens.

Mas ainda continuei checando meu telefone. Não tive notícias de Sara até aquele momento. Eu queria que ela fosse a primeira a vir conversar depois do que aconteceu, e me controlei ao máximo para não mandar uma mensagem para ela quando tive muita vontade de fazê-lo.

Jonathan voltou cinco minutos depois do início do jogo.

– Ah – gemeu ele. Ele estava enrubescido e parecia ter acabado de se trocar. – Perdi o começo.

– Não se preocupe – eu o consolei. – Não aconteceu nada ainda.

– Você está... diferente. – Era difícil não perceber.

– Precisei ir cuidar um pouco da minha vida – explicou ele, sentando no sofá ao meu lado com os olhos vidrados no jogo. – Cortei o cabelo, fui à academia, e também fui em casa para ver se ela não tinha pegado fogo.

Eu ri, não esperava esse senso de humor.

– Bom, o cabelo ficou bom.

– Obrigado. – Ele lançou para mim um daqueles sorrisos que me deixavam vermelha. Peguei uma porção de batatas para me assegurar de não dizer mais nada estranho sobre como ele estava bonito. – Comprei cerveja. Você não se importa, não é?

– Ah, não – respondi, surpresa por ele ter perguntado. – É um jogo de futebol. Não é esse o costume dos garotos? Segurar a cerveja enquanto assiste ao jogo?

Ele riu.

– Você quer uma? Só esta noite eu posso relevar o fato de você ser uma garota.

– Não – respondi, enfaticamente. – Sou menor de idade, lembra?

– Ah, é verdade – respondeu ele, fingindo ter se esquecido. – E eu devo ser o adulto responsável por aqui, certo? – Ele sacudiu a cabeça como se esse pensamento fosse ridículo. Levantou do sofá e foi até a cozinha, voltando com uma cerveja e um refrigerante.

– Perfeito. Obrigada – disse eu, ao pegar a garrafa da mão dele.

Assistimos ao jogo e comemos comida excessivamente gordurosa enquanto tirávamos sarro dos comerciais superfaturados que não despertavam interesse, e rindo daqueles que valiam milhões. E nos revezamos indo ao quarto olhar minha mãe, sempre que ouvíamos um gemido.

No meio do terceiro tempo a campainha tocou. Jonathan e eu nos olhamos surpresos, pois nenhum de nós esperava visita. Encolhi meus ombros e me levantei para atender a porta.

– Oi – disse Sara, assim que abri a porta. Ela tinha um número nove escrito em dourado na bochecha, e seu cabelo vermelho estava preso em um rabo de cavalo. Deixei a porta aberta para que ela pudesse entrar. Ela olhou para a sala e viu Jonathan.

– Oi, Jonathan. – Ela acenou para ele.

– Oi, Sara – respondeu ele.

– Gostei do seu visual.

– Obrigada. – Ela sorriu.

Sara olhou para mim nervosa.

– Tentei ligar – disse ela, puxando a ponta de sua camisa.

– Você tentou? Desculpe, não ouvi meu telefone tocar. – Gemi por dentro, frustrada por não ter ouvido, provavelmente ela me ligou quando eu estava olhando minha mãe.

– Podemos conversar? – perguntou ela em voz baixa, levantando os olhos do chão para me olhar. – Ou melhor, se vocês estiverem assistindo ao jogo, posso voltar outra hora.

– Sério? – Fiquei olhando para ela sem acreditar. Ela cerrou os lábios em um pequeno sorriso. – Vamos lá para cima.

Fechei a porta e me sentei na ponta da minha cama, esperando que ela se sentasse ao meu lado, mas ela começou a andar de um lado para o outro.

– Sara, o que está acontecendo com você? – perguntei. – Você sabe que não precisa se preocupar com o que tem para me dizer. Você nunca se preocupou antes.

– Mas eu nunca agi tão mal com você antes – ela respondeu. Ela parou de andar ao perceber o que acabara de dizer. Ela olhou para mim e eu comecei a rir. Eu sabia que ela acabaria falando a verdade. Ela sorriu de volta.

– O que aconteceu? – perguntei. Sara sentou-se ao meu lado. – Eu fiz algo errado?

Sara suspirou.

– Não. Eu só... Na verdade, eu sou uma idiota.

Isso não explicava nada.

– Você vai precisar ser mais específica.

– Acho que eu estava com um pouco de ciúmes de você. – Ela continuou olhando para o chão.

– De mim? – perguntei, incrédula. – Isso não faz sentido.

Sara respirou alto.

– Eu sei que é ridículo. E vai parecer ainda mais patético quando eu disser, mas eu tenho ciúmes do seu relacionamento com Evan. Eu quero um relacionamento assim, com um cara que olhe para mim da maneira como ele olha para você. Vocês não precisam nem se tocar, ele poderia, de verdade, estar do outro lado da casa, mas vocês têm essa conexão, não importa onde vocês estejam. É loucura. E eu quero isso.

– *Uau* – disse eu, atordoada.

– Eu sei. É estúpido, e egoísta, e patético. E totalmente problema meu. E por isso eu nunca deveria ter falado tudo isso para você. Desculpe.

Eu não conseguia dizer nada. Eu nem mesmo sabia o que dizer. Era impossível imaginar que Sara McKinley, a garota com quem todo cara gostaria de passar o dia, a garota que tinha tudo, queria a única coisa que eu tinha. Tinha que existir alguém que fizesse com que ela se sentisse...

– Mas você tem – pensei em voz alta.

– O quê? – Ela olhou para mim como se eu estivesse tendo uma conversa da qual ela não participava, o que realmente acontecera.

– Sara, você precisa dar uma chance para o Jared – pedi. – Ele é o único cara que já fez você se sentir realmente espetacular. Tipo, você gosta tanto dele que nem transaria com ele.

– Ei. – Ela me deu um empurrão ofendido, mas um sorriso surgiu em seu rosto. Então, desapareceu no seu próximo suspiro. – Em, eu não posso. Não faz sentido.

– Faz sim – argumentei. – Por que não tentar, pelo menos? O que você tem a perder?

– Meu coração – respondeu Sara, sem parar. Ela respirou e deitou a cabeça no meu ombro. – Você me perdoa?

– Sara, eu só quero que você fique bem. Não sei muito bem como fazê-la se sentir melhor, mas vou tentar.

– Tenho uma ideia. – Ela sorriu diabolicamente. Era quase como se eu a tivesse preparado para me dizer: – Você pode me ajudar a organizar uma festa para o próximo final de semana.

– Uma o quê? – perguntei, com medo de ter acabado de ouvi-la me pedir para ajudá-la com uma *festa*.

– Vai ser a melhor maneira de acabar com toda a minha frustração – explicou ela, com um brilho diabólico no olho. – Vai ter um tema e tudo o mais.

– Tenho até medo de perguntar qual será o tema.

– Será minha festa “O Amor não está com nada” – exclamou, como se esta fosse uma grande ideia. – E pode até ter regras.

– Regras? – perguntei, incrédula. – Desde quando as festas têm regras?

– A minha terá – disse ela, com orgulho. – Já que é uma festa “O Amor não está com nada”, ninguém poderá tocar no sexo oposto. Por isso, não teremos contatos, beijos ou mãos dadas.

Fiquei olhando para ela boquiaberta.

– Isso é... cruel.

– Você vai me ajudar com a minha festa e fazer cumprir minhas regras, ou não? – questionou Sara, inclinando a cabeça. – Se você disse que queria que eu me sentisse melhor. *Isso* vai fazer com que eu me sinta melhor.

– Torturar a todos no Dia dos Namorados?

– Sim. – Sorriu ela, presunçosamente.

– Tudo bem – cedi, já temendo a situação. – Como vamos fazer para que as regras sejam cumpridas?

– Ainda não sei – ela ponderou, considerando seriamente.

– Ótimo. E esta será considerada a melhor festa do ano.

– É melhor que seja – respondeu Sara, com seriedade. Lancei um olhar descrente a ela. Ela me ignorou.

Sara levantou-se.

– Quer assistir ao resto do jogo?

Eu tinha quase me esquecido que havíamos deixado Jonathan na sala, assistindo ao jogo sozinho. Eu me levantei para me juntar a ela.

Antes de abrir a porta ela disse:

– Sinto muito por ter chutado a cara do seu boneco de neve. – Ela tentava ser sincera, mas a desculpa soou engraçada, e nós duas não conseguimos não rir.

– E sinto muito por tê-la chamado de vaca – disse eu, quando paramos de rir.

– Não se preocupe – assegurou ela. – Vou ficar bem. Vou melhorar. Esta festa me ajudará.

Ela estava quase se virando, mas então acrescentou:

– Espero que você saiba o quanto é sortuda por ter Evan. Ele largaria tudo por você. Você não faz ideia. Então, se algum dia você fizer alguma coisa que destrua isso, nunca mais volto a falar com você, entendeu?

– Ah, sim – respondi, com medo de que, se dissesse algo diferente, ela me desse um chute. Ela sorriu. E seu sorriso brilhante nos uniu imediatamente.

Nos juntamos a Jonathan para assistir ao quarto tempo. Sara aceitou a cerveja que ele ofereceu. O volume da torcida adquiriu um nível totalmente diferente com a Sara por ali. Tanto que minha mãe deixou isso bem claro batendo a porta de seu quarto. Olhamos uns para os outros nos sentindo culpados, mas fomos arrastados de volta ao jogo momentos depois.

Minha mãe perdeu dois dias de trabalho para se recuperar da doença, e logo após esse período Jonathan desapareceu, por ter sido contaminado com o resfriado dela. Ele ficou em sua casa até se recuperar. Minha mãe ficou um pouco imprestável durante o restante da semana até que, na sexta-feira, Jonathan finalmente ressuscitou dos mortos – justamente na época em que eu estava caminhando para lá.

Passei o final de semana na casa de Sara para arrumar a festa e também para dar à minha mãe e Jonathan a oportunidade de recuperar o tempo perdido. E eu realmente não queria pensar sobre isso. Era difícil me sentir romântica e sentimental ao pensar na minha mãe e no namorado dela – e, principalmente, ao pendurar corações rasgados e setas de sangue pingando.



12. O dia dos namorados

— Isso é um pouco gótico, você não acha? — perguntei para Sara, quando ela passou, com força, o delineador preto nas minhas pálpebras.

— Exatamente. — Sara sorriu. — Tome, passe isto e você estará pronta.

— Você quer que eu use batom preto? Não sabia que esta era uma festa à fantasia.

Sara virou os olhos.

— Apenas passe. Eu sei que se você estiver usando um batom preto você não vai beijar Evan. — Fiz uma careta e peguei o batom da mão dela.

Terminei de me vestir enquanto Sara estava no banheiro. Ela não mostrou o que vestiria, e eu quase caí da cama quando a vi saindo do banheiro.

— Como é que os garotos não vão querer agarrá-la com você vestida assim? — Olhei embasbacada para as calças de couro pretas, coladas no corpo e o espartilho preto que realçava... tudo.

— Eu não disse que jogaria limpo, disse? — Sara sorriu e seus lábios brilharam com o batom vermelho. Sacudi minha cabeça sentindo-me uma capanga para sua deusa com aquele meu visual preto. Ela me entregou uma arma vermelha de plástico. — Tome.

— E o que eu devo fazer com isto? — perguntei, sacudindo a arma na minha mão.

— A qualquer contato entre um garoto e uma garota, esguiche água neles — instruiu ela.

— Sara, eu não posso esguichar água nas pessoas por elas estarem se tocando!

– Emma, vamos lá, você prometeu!

– Vou me matar – gemi, descendo as escadas com minhas botas pretas que chegavam até a altura dos joelhos. Sara ficou lá em cima trancando tudo para que as pessoas não fossem para os quartos quebrar as regras, e também para que não agissem de maneira inapropriada na cama de seus pais.

– A noite já acabou? – resmunguei, ao entrar na sala de TV dos McKinleys, onde Evan programava a música.

– Uau! – falou ele, boquiaberto, me olhando de cima a baixo, e engolindo com dificuldade. – Como é que eu posso *não* tocar em você vestida assim como uma garota gótica? A Sara está maluca.

– O quê? – Parei para pensar. – Você *gosta* disso?

– Só se eu estivesse morto eu não acharia que você está sexy. – Sorriu ele. – E mesmo assim...

– Ah, Meu Deus. Você está brincando comigo?

Evan passou suas mãos em volta da minha cintura, que estava exposta, e passou seus lábios pelo meu pescoço. Minha cabeça virou quando soltei uma respiração defensiva. Tudo o que eu mais queria era beijá-lo de volta, mas eu era uma prisioneira do batom preto da Sara. Ele passou a mão perto meu estômago e suspirou na minha orelha, fazendo com que eu perdesse a força nos joelhos.

Precisava escapar antes que eu cedesse.

– Acho que precisamos nos separar, se não vou jogar *todas* as regras da Sara pela janela.

Evan sorriu.

– As regras terminam à meia-noite – disse ele, enquanto eu entrava na cozinha.

– Quem disse isso? – gritei de volta.

– Eu disse. – Sorri.

Sara *era* louca! Sem eu saber ela avisara as garotas para se vestirem todas sensuais, de preto – mas não avisou os garotos. Então, isso não era apenas uma festa para olhar e não tocar, mas ela também não estava jogando limpo.

Vamos apenas dizer que assim que os garotos perceberam o que esperava por eles, o número de pessoas enchendo seus copos no

barril de chope era alto. Esta era a outra regra. Se a pessoa bebesse ela teria que passar a noite ali, e as chaves do carro seriam guardadas.

A lista de convidados era extensa, mas exclusiva. Máquinas fotográficas e telefones celulares foram proibidos e recolhidos, junto com as chaves. Tirar fotos era estritamente proibido. Calouros não podiam entrar, embora alguns tenham tentado. Evan e Kyle, o namorado de Jill que morava em Syracuse, cuidaram da porta e desempenharam seus papéis com perfeição. Eles deixaram muitos calouros chateados ao fechar a porta na cara deles depois que as criaturas patéticas davam uma olhada para dentro da festa da qual *não* participariam.

Jill, Sara, Karen e eu estávamos armadas com os revólveres de água. Casey também ficou com uma arma por um tempo. Mas então Sara descobriu que ela enchera sua arma com uma mistura de bebida e que estava esguichando o líquido na boca. Por isso, Sara a privou de seus privilégios.

Os privilégios de Jill foram passados para Mandy porque Jill passou sua mão nas costas de Kyle. Sara disse a ela que, se ela não conseguia obedecer as regras, ela não tinha o direito de defendê-las, e soltou um jato rápido nela. Não consegui não rir quando Jill pareceu realmente chateada por ter perdido as regalias.

Patrulhei como fora instruída, mas todas as outras pessoas se comportaram bem. A festa, porém, começara há apenas uma hora. O primeiro piso estava decorado para os foliões, uma decoração mórbida com flores mortas e morangos esmagados cobertos de chocolate. E a luz era vermelha – levava um bom tempo para trocar as lâmpadas.

Na sala de TV ficava a pista de dança, pois era a maior, a que tinha mais espaço vazio. A tela da televisão estava recolhida no teto, e os sofás que estavam alinhados nas paredes de trás estavam sem almofadas para que as pessoas não se aproveitassem do escuro para se agarrar. Aquela sala ficou vazia a maior parte do tempo, pois ninguém queria dançar – ou então ninguém sabia como dançar sem tocar o outro.

Além disso, a música era bastante irritante. Era uma mistura de músicas agressivas dos Five Finger Death Punch e dos Disturbed – não exatamente música pesada.

As coisas começaram a ficar um pouco mais interessantes durante a segunda e a terceira hora da festa – aproximadamente o horário em que o álcool começou a fazer efeito. Sara precisou encher sua arma com água duas vezes. Ela era a que mais cuidava para que as regras fossem cumpridas. Achei que as regras chateariam as pessoas, mas ela parecia tê-las direcionado para os garotos – e eles não se importavam por receberem jatos de água de uma garota vestida da maneira como Sara estava.

Era inocente o suficiente. Conversando um pouco perto demais, e então uma mão escorregava para o quadril. Uma das garotas estava sentada no colo do namorado enquanto ele jogava cartas na mesa da cozinha. O primeiro beijo aconteceu por volta das dez e meia, e Sara e Mandy ficaram muito bravas, encharcando o cara que pensou que finalmente conseguira ficar com uma das garotas do time de basquete. Muitas pessoas começaram a rir ao vê-lo tão horrorizado. E, realmente, *foi* muito engraçado.

– Sara, tem alguém na porta atrás de você – gritou Evan, quando a campainha tocou.

– Pode atender – respondeu Sara, tomando um gole de seu Martini.

– Não, este é para você. – Ele caminhou em minha direção, com cuidado para não me tocar quando se inclinou na parede que estava ao meu lado. – As coisas estão começando a ficar bem interessantes.

Sara aproximou-se da porta. Vi quando em seus lábios formou-se um “Ah, não”, quando ela finalmente abriu a porta. Ao mesmo tempo os olhos de Jared quase pularam para fora de sua cabeça.

– Oi – disse ele. – Esse é um traje bastante anti-Dia dos Namorados.

– O que você está fazendo aqui? – respondeu ela, com as bochechas vermelhas brilhando.

– Que se dane o Dia dos Namorados – disse Jared, entregando para Sara um buquê de rosas pretas secas. – Estas são para você.

– Você não vai convidá-lo para entrar? – Jill a repreendeu, puxando Jared pelo braço e fechando a porta, pois o ar frio deixava a maioria das garotas, que estavam quase sem roupa, tremendo.

– Obrigada – respondeu Sara, branca, ao pegar o buquê de flores. Obviamente ela estava chocada.

Olhei para Evan, que estava com um sorriso diabólico.

– Você também não joga limpo, não é?

– É o Dia dos Namorados! – disse ele, em sua defesa. – Eu quero beijar minha namorada.

Dei um grande sorriso, admirando a estratégia dele. Sara olhou para Evan e sacudiu a cabeça, lançando-lhe um olhar firme. Ela sabia que a presença de Jared ali era coisa dele. Evan riu.

Jared estava com um estojo de violão pendurado nas costas.

– Para que isso? – perguntou Sara, ao levá-lo até o bar montado na varanda, onde cada um se servia do que quisesse.

– Para mais tarde – respondeu Jared, e pegou uma cerveja.

Sem que Sara percebesse, Evan trocou o som para músicas mais animadas para se dançar, e a sala onde estava montada a pista de dança começou a se encher. Ela afrouxou sua patrulha e entregou sua pistola de água para outro executor entusiasmado, que a levou para a pista de dança como vingança.

Cerca de uma hora depois o gelo estava quase acabando, e eu não tinha a chave do porão, onde estava o freezer. Procurei entre as luzes piscantes e entre os corpos das pessoas dançando na sala de entretenimento, mas não consegui encontrar Sara. Depois de procurar por todo o primeiro andar, resolvi tentar no andar de cima.

A porta do quarto de Anna e Carl estava entreaberta. Pela abertura da porta pude ver Sara sentada na cadeira, inclinando-se para frente, totalmente hipnotizada. Eu estava quase empurrando a porta quando ouvi o barulho do violão. Mal toquei na porta para abri-la um centímetro a mais e vi Jared sentado no divã em frente a ela, tocando o violão. Ele estava cantando. Eu estava atordoada demais para sair dali.

– Seja minha, seja minha namorada – cantou ele, enquanto tocava o refrão.

– Acho que estou apaixonada – cantarolou Jill, bêbada, ao meu lado, passando seus braços em volta do meu pescoço e descansando sua cabeça no meu ombro.

– Será que os pais deles os criam para ser assim? – balbuciou Casey, do outro lado.

Eu nem tinha percebido que elas me seguiram. Fechei a porta rapidamente para avisar Sara sobre a nossa presença, mas acho que ela deve ter nos ouvido.

– Sara, você precisa sair daqui – gritou Casey, ofensivamente, batendo mais forte. – Jill está quebrando as regras de verdade.

Sara abriu a porta o suficiente para ser vista, mas deixou Jared escondido atrás dela.

– Atire nela – pediu Casey, com seu entusiasmo de bêbada, apontando para Jill. – Ela está quebrando as regras. Atire no rosto dela. – Enquanto Sara apenas olhava confusa para ela, Casey pegou minha arma e atirou um jato de água no meio da testa de Jill. Jill me deixou sair e gritou.

– Vou matar você – berrou ela, empurrando Casey escada abaixo. Casey teve um ataque de riso com a perseguição de Jill.

Sara e eu olhamos uma para a outra, balançando nossas cabeças.

– Ei – disse eu, finalmente, o mais descontraída que consegui. – O gelo está acabando. Você tem a chave do porão?

Para minha surpresa, Sara respondeu:

– Sim. Vamos lá. – Ela fechou a porta e desceu as escadas comigo. Cerrei meus dentes fazendo uma careta, olhando para a porta e torcendo para que Jared não pensasse que ela não tinha gostado de sua música de Dia dos Namorados.

Enchemos os barris com gelo e Sara percebeu a mudança na música. Ela apontou para Evan acusando-o, e já estava pronta para atacar. Ele levantou as mãos, fingindo ser inocente, e estampou um adorável sorriso no rosto.

– Você era o responsável pela música – soltou ela.

– E olhe! – Ele apontou para as pessoas na pista. – Eles estão dançando. Posso dizer que fiz um bom trabalho.

Sara virou os olhos e desapareceu subindo as escadas. Evan gritou:

– De nada. – E Sara mostrou a ele o dedo do meio. Nós dois caímos na risada.

– Já é quase meia-noite – disse eu, passando por ele com tanta vontade de tocá-lo que chegava a doer.

– Não se preocupe – prometeu ele. – Vai acontecer. – Eu sorri e continuei andando no meio das pessoas.

A regra que Sara fazia mais questão que fosse cumprida era a de que ninguém deveria ficar na varanda que dava para a piscina coberta e para a jacuzzi. Elas foram consideradas afrodisíacos instantâneos por causa da queda-d'água que saía das pedras numa das pontas da piscina e também por causa das bolhas da hidromassagem. Ela deixou as luzes apagadas para não chamar a atenção dos bêbados com hormônios exaltados.

Percebi um piscar de luz vindo do lugar proibido e gemi frustrada. Eu não queria ser aquela que expulsaria as pessoas dali. Acenei para Evan e continuei na varanda até que ele chegasse até mim e me seguisse.

A piscina era cercada por algo que lembrava uma estufa. Os painéis de vidro arqueados sobre um chão de pedra cortada. No verão, a cobertura de vidro podia ser retraída e a piscina ficava toda aberta. No inverno a piscina podia continuar a ser usada, apesar de o vidro ficar fosco e ter neve empilhada do lado de fora.

Saí em direção ao ar balsâmico e encontrei os vasos de árvores que ficavam em volta da piscina acesos com pequenas luzes, criando uma atmosfera romântica. Na beira da piscina estavam Sara e Jared, se beijando. Eu queria gritar!

– Não é possível – irritei-me ao vê-los. Desci as escadas. Foi ela quem criou essas regras ridículas, e uma hora depois de Jared ter chegado *e/a* iria quebrá-las? Não enquanto eu estivesse vigiando.

Antes mesmo que Sara percebesse que eu estava lá eu disse:

– Você está quebrando as regras! – E a empurrei. Jared tentou recuperar o equilíbrio, mas era tarde demais. Os dois caíram na água azul. Sara levantou para respirar, ofegante.

– O que é isso? – Ela olhou para mim chocada, com seu cabelo para trás e seus lábios vermelhos borrados.

Evan começou a rir, o que fez com que Jared risse também. Um sorriso surgiu no meu rosto e me juntei à risada deles. A comoção trouxe espectadores para a varanda.

– Você está tão ferrada – ameaçou Sara, sem muita sinceridade. Antes que ela conseguisse sair da piscina, Evan me arrastou para dentro da água junto com ele. Isso causou uma reação em cadeia e as pessoas começaram a pular na piscina depois de nós.

Quando me levantei na piscina encontrei Evan na minha frente, sorrindo orgulhoso. Ele me puxou em direção às pedras, longe das pessoas pulando e espirrando água. Eu me segurei na beirada da piscina, pois minhas botas pesadas tentavam me puxar para baixo. Então Evan tirou meu batom com a manga de sua camisa.

– Eu disse que beijaria você até a meia-noite. – Ele sorriu, me puxando em sua direção. Seus lábios envolveram os meus. Eu podia sentir o gosto do cloro da água e o calor de sua respiração. Agarrei sua camisa e o puxei mais para perto, sentindo sua mão deslizar nas minhas costas. Ele me virou para que minhas costas ficassem contra a parede da piscina, colocou suas mãos nos meus dois lados e me puxou contra ele. Passei minhas pernas em volta de sua cintura, e suas mãos passaram pela minha coxa. Meu coração acelerou e eu não conseguia respirar.

Antes que eu soubesse o que estava acontecendo eu já estava embaixo d'água novamente. O mergulho nos separou, e eu voltei para a superfície respirando pesado.

– Agora quem está quebrando as regras? – soltou Sara, enquanto Jared jogava água com um sorriso no rosto, logo atrás dela.

– Eu detesto as suas regras – disse eu, espirrando água no rosto dela. Ela gritou e jogou água de volta. E assim começou uma guerra de água. Entre as pessoas jogando água e nadando, pude ver Sara mais uma vez. Seus braços estavam em volta do pescoço de Jared e ele a beijava no rosto. Ela estava sorrindo.

Pisquei meus olhos para abri-los. Aquele zumbido tocando no meu ouvido. O quarto estava escuro e eu podia sentir o peso do braço de

Evan em volta da minha cintura. Ouvei um bip, e depois o silêncio. Comecei a fechar meus olhos novamente, o sono tomava conta de mim. O zumbido voltou. Abri meus olhos.

Eu me virei e peguei meu telefone, que estava na mesa de cabeceira.

Sem olhar para ver quem era, atendi:

– Alô?

– Onde você está? – perguntou minha mãe, em pânico.

Eu me sentei, acordada por seu desespero. Meu movimento repentino incomodou Evan, mas ele apenas se virou e continuou dormindo.

– O quê? – Tentei entender o que estava acontecendo.

– Onde diabos está você? Por que você não está em casa?

– Estou na casa da Sara – respondi, com o coração acelerado. Ela estava tão brava. Tentei me lembrar se havia dito a ela que dormiria lá. Eu sabia o que eu tinha dito. Mas, fiquei em dúvida de qualquer maneira.

– Lembra que ela deu uma festa à noite?

– Você não quer mais morar comigo, não é? – choramingou ela. Eu sabia que ela estava bêbada. Ela não conseguia pronunciar as palavras direito. Mas eu estava muito chocada para entender o porquê de ela estar falando isso.

Senti Evan se mexer ao meu lado, mas fiquei de costas para ele quando me sentei na beirada da cama. E meus olhos estavam cheios de lágrimas.

– Você me odeia. Eu sei disso. – Ela chegara ao histerismo. – É por isso que você nunca dorme aqui. Você também vai me deixar, não vai? – Engasguei com a agonia em sua voz, uma lágrima escorreu no meu rosto.

– Rachel, o que você está fazendo? – Ouvei uma voz ao fundo. – Com quem você está falando?

– Ela não me ama mais – soluçou ela. A dor sufocava suas palavras.

– Ela quem? – perguntou Jonathan, que parecia grogue. – São três horas da manhã. Me dê o telefone.

– Por que ela não me ama? – berrou ela, e percebi que o telefone se afastava de sua boca.

– Emma? – perguntou ele, com a voz suave. Eu podia ouvir o discurso bêbado de minha mãe ao fundo. – Você está aí?

– Sim – sussurrei, mal consegui falar por causa do nó que se formara em minha garganta. Ficou tudo silencioso. Talvez ele tenha saído do quarto e fechado a porta para escapar do barulho dela.

– Você está bem? – perguntou ele, com a voz suave.

– Não. – Respirei deixando um gemido escapar. Coloquei minha mão na boca para contê-lo. Lágrimas escorriam pelo meu rosto, caindo nos meus dedos. Uma mão quente apertou minhas costas, mas não me virei para olhar para ele. Apenas ouvi.

– Ela bebeu demais esta noite – ele tentou explicar. – E acabamos brigando, por isso, o problema não é com você. Eu sinto muito.

Respirei fundo, pelo nariz, e sequei meu rosto com minha mão antes que Evan pudesse ver minhas lágrimas. Ele se sentou ao meu lado.

– Emma? Você ainda está aí?

– Sim – respondi. – Estou bem. – Respirei mais uma vez para me acalmar e sequei meu rosto de novo. – Estou bem – repeti, com um sussurro, tentando me convencer.

– Volte a dormir – murmurou ele. – Pela manhã tudo já terá passado.

– Certo. – Desliguei o telefone e o coloquei na mesa.

Evan puxou meu corpo trêmulo e me apertou forte.

– Está tudo bem com sua mãe?

– Sim. – Respirei. – Ela se esqueceu que eu dormiria na casa da Sara e por isso estava chateada. Ela achou que algo tinha acontecido comigo.

Evan não disse nada. Ele me abraçou com mais força e me virou gentilmente. Depois pressionou seus lábios contra minha testa. Ele se deitou novamente na cama e eu o segui, encostando minha cabeça em seu ombro. Pressionei meu ouvido contra seu coração e fiquei ouvindo suas batidas ritmadas. Então sua respiração ficou mais pesada, e eu sabia que ele adormecera. Uma lágrima escorreu sobre a ponta do meu nariz e caiu em sua pele suave.

Ouvi sua calma e desejei que aquela paz também tomasse conta de mim. Mas a tempestade dentro do meu corpo não se acalmava.



13. Exagero

Saí do quarto de hóspedes antes que Evan acordasse. Podia ouvir sussurros e movimentos lá embaixo, embora ainda fosse madrugada. Suspeitei que houvesse a necessidade de escapar antes que o sol trouxesse muita luz a rostos que não queriam ser vistos.

Encontrei algumas garotas procurando na cesta de roupas que elas tiraram da secadora, pegando itens que lhes pertenciam e colocando-os em suas mochilas.

– Emma. – Uma loirinha acenou para mim. – Será que você poderia pegar para nós nossas chaves e telefones para podermos ir embora?

– Claro – respondi. Peguei a bolsa que havíamos escondido no fundo do armário da entrada e comecei a tirar os saquinhos plásticos com etiquetas onde estava escrito o nome de cada pessoa. Elas pegaram seus pertences e foram embora. A maioria das garotas e alguns garotos já havia ido embora quando Sara se arrastou escada abaixo. Parecia que ela ainda precisava de mais algumas horas de sono.

– O que você está fazendo? – perguntou ela, esticando os braços. Seu cabelo estava enrolado e preso na parte de cima da cabeça.

Amarrei um saco de lixo cheio de copos, garrafas e batatas e o coloquei ao lado de outro saco, já cheio. Ela olhou para os lados. A cozinha estava começando a parecer com o que era antes, pois eu já retirara uma camada de restos da festa.

– Obrigada por arrumar as coisas. – Ela se sentou em um banquinho, esfregando as palmas das mãos nos olhos. – O pessoal da limpeza vai chegar por volta de meio-dia. Por isso não precisamos ficar muito preocupadas com isso.

– Como você está se sentindo? – Eu me sentei ao lado dela.

Ela apoiou a cabeça na mão e deu um grande bocejo.

– Cansada. E você?

– Cansada – concordei. – Quase todo mundo já foi embora. Acho que tem alguns garotos dormindo nas espreguiçadeiras da piscina e mais alguns nos sofás. Mandy, Casey e Jill estão lá em cima na sala de TV.

– Sozinhas? – gritou ela.

– Talvez Kyle esteja lá também, mas Jill estava uma mala na noite passada, por isso acho que você não precisa se preocupar.

– Espero que não – gemeu ela. E então caiu com a cabeça em seus braços. – Acho que minha cabeça vai cair.

Eu sorri.

– Você vai me contar o que aconteceu entre Jared e você ontem à noite?

– Não – respondeu ela. Sua voz estava abafada pelos seus braços.

– O quê? – gritei de volta. – Você quer que *eu te* conte tudo.

– Mas você não me conta nada – respondeu ela, levantando a cabeça. – Sinceramente, nós desmaiamos.

– E agora? – Cutuquei.

O cansaço desapareceu dos olhos dela, e então surgiu um sorriso em seu rosto. Ela levantou os ombros. Eu sabia exatamente o que aquilo significava.

– Parece que você vai aumentar a quilometragem do seu carro, não é?

– É – ela respondeu.

– E então, é só isso? – perguntei curiosa. – Ele aparece na sua festa e isso é tudo o que ele precisa fazer?

– Na verdade, não – confessou ela, com ar de culpada.

Esperei que ela continuasse.

– Ele queria continuar me vendo depois do Ano-Novo. – Ergui minha sobrancelha ao ouvir esta revelação. – Eu simplesmente não podia imaginar como isso funcionaria. Mas ele me ligou e me mandou e-mails algumas vezes, tentando me convencer. E então ele parou. E foi bem aí que eu me tornei uma garota estúpida. Então, quando ele apareceu ontem à noite... – Ela parou e sorriu. – Eu

sabia que não podia falar não de novo. Você está certa. Preciso pelo menos tentar.

– Bom dia – disse Evan, atrás de nós. – Uau. Temos trabalho para fazer antes de ir embora, não é? Sara, a que horas é o seu voo?

– Às três – respondeu ela. Sara levantou do banquinho e começou a retirar os corações que estavam na parede. Ela viajaria para a Flórida para passar o feriado de fevereiro, e Evan tinha planos de esquiar em Tahoe com uns garotos da Califórnia. E eu ficaria sozinha em Weslyn. Os dois me convidaram para ir com eles, mas senti que deveria passar a semana com minha mãe, já que este fora o motivo para eu me mudar para a casa dela.

– Você quer uma carona? Meu voo é às três e meia. – Ele veio atrás de mim, passou seus braços em volta dos meus ombros e beijou a minha cabeça.

– Seria ótimo – concordou ela. – Mas preciso ir de carro, pois meus pais só voltam no domingo.

– Achei que você também voltasse no domingo – mencionei.

– Hum, não – respondeu ela, com um sorriso.

– Eu pego você na sexta – ouvimos a voz de Jared, antes de conseguirmos enxergá-lo na escada. Claro. Tudo fazia sentido agora.

– Perfeito – respondeu Sara. A cor voltou para o seu rosto e a sua ressaca milagrosamente desapareceu.

Jared e Evan acordaram os outros garotos. Alguns dos garotos ajudaram a colocar os móveis da piscina de volta no lugar. Mas os outros, pálidos, resmungando, pegaram seus pertences e se arrastaram para fora da casa.

As meninas desceram as escadas quando Sara ligou a música. Se ela estava acordada, então todos tinham que estar acordados também. Aspirina e refrigerantes foram distribuídos enquanto nos conscientizávamos das repercussões de se dar uma festa. Pisei, com os pés descalços, em algo molhado no tapete da sala e me estremeci por inteiro. Eu não queria nem mesmo pensar no que poderia ser.

Quando as mulheres da empresa de limpeza chegaram já havíamos retirado da casa toda a decoração anti-Dia dos Namorados, mas, obviamente, os acontecimentos da festa ainda

persistiam no ar. Elas franziram o nariz quando entraram. Sara deixou uma boa gorjeta para elas e então saímos para tomar o café da manhã.

– Ainda lhe devo um Dia dos Namorados – disse Evan, no carro, depois de eu ter me empanturrado de panquecas de mirtilo.

– Não, não deve – respondi sinceramente. – Não acho que nada será capaz de superar o que aconteceu na noite passada. Foi maravilhoso.

– Foi mesmo – concordou ele, ao descer a minha rua. – Mas será que você estaria interessada em sair comigo para uma noite normal? Sabe, sem aventuras? Sair para jantar, para ir ao cinema, ou algo assim?

Sorri ao pensar em nós dois em um restaurante e balancei a cabeça concordando.

– Seria legal.

– Quando eu voltar – prometeu Evan, virando o carro e entrando na garagem.

Eu o ouvi sem prestar muita atenção, pois olhava para a alegre casa amarela, com medo do que esperava por mim depois do telefonema de minha mãe.

– Você está bem? – perguntou Evan, ao meu lado.

– Ah? – respondi, virando meus olhos para olhar para ele.

– Está tudo bem entre Rachel e você? Você ficou realmente chateada na noite passada.

– Apenas me senti mal por tê-la deixado preocupada. Foi só isso. Apenas um problema de comunicação – expliquei de leve, pois não queria que ele percebesse o meu sentimento de culpa. – Estamos bem. – Como ele não parecia convencido, insisti com um sorriso: – De verdade.

– Você me contaria, não é? – Evan olhou nos meus olhos para tentar enxergar a verdade. Pisquei e abaixei meus olhos para o chão.

– Claro – respondi, ao abrir a porta. Eu me inclinei e pressionei meus lábios contra os dele, implorando para que ele acreditasse em mim. – Divirta-se com os garotos em Tahoe. Vejo você no domingo.

Ele me puxou para perto e me deu um beijo que certamente nos manteria conectados pela semana toda. Eu mal conseguia ficar em pé. Me arrastei em direção à porta e virei para acenar antes que ele saísse pela garagem.

Respirei fundo, tentando me acalmar quando segurei a maçaneta fria da porta. Abri a porta com o pulso acelerado, sem saber ao certo o que aconteceria. Fechei a porta atrás de mim silenciosamente e congelei quando ouvi uma risada vindo da cozinha. Não era, de maneira alguma, o que eu esperava.

– Emily – disse Rachel, ainda gargalhando, de dentro da cozinha.
– Como foi a festa?

A música do rádio que tocava ao fundo foi interrompida subitamente pelo barulho alto do liquidificador.

– Não deixe que fique muito fino – instruiu minha mãe. Fui até a porta e encontrei o balcão coberto por comidas em diferentes estágios de preparo. Tomates estavam cortados em uma tábua; cascas de alho cobriam a mesa, fatias de limão estavam espremidas e abandonadas. A cozinha toda cheirava restaurante mexicano.

– Oi – cumprimentei, hesitante.

– Ei. – Sorriu Jonathan, que parecia estar completamente relaxado. – Estamos, ãh...

– Nos preparando para beber uma margarita e celebrarmos nosso dia de folga – explicou minha mãe. Foi então que me toquei que eles deviam estar trabalhando, pois era segunda-feira. – Vamos para a casa de Heidi para jogar cartas e fingir que estamos no México.

– Ah – respondi, intrigada com seu humor exuberante. – Parece um programa legal.

– Sim, parece – respondeu ela, com animação. – Achei que Jonathan era capaz de fazer um molho. – Ela examinou os ingredientes dentro do liquidificador. – Talvez eu tenha me enganado. Querido, apenas comece a arrumar a mochila e eu conserto isso, pode ser? – Ela deu um beijo na bochecha dele e ele fez uma careta desculpando-se.

– Ele também não sabe cozinhar – explicou ela, balançando a cabeça de maneira cômica. – Então, como foi a festa? – perguntou

ela, de novo, depois que Jonathan passara por mim para pegar uma mochila no armário de casacos.

– Foi divertida – respondi, e fiquei pensando se talvez eu tivesse sonhado com a ligação telefônica dela. – Mas eu não dormi muito. Acho que vou me deitar um pouco.

– Isso acontece, e significa que a festa foi ótima. – Ela sorriu mostrando entender do assunto. Hesitei e a observei. Ela parecia perfeitamente bem. Não parecia arrasada de maneira alguma. Estava muito diferente do que no telefone na noite passada.

– O que foi? – perguntou ela, quando a olhei por muito tempo.

– Divirta-se em Margaritaville – disse eu, com um sorriso.

Ela caiu na gargalhada e disse:

– Ah, nos divertiremos sim.

– Onde estão os misturadores que compramos? – Jonathan gritou da sala de jantar, enquanto colocava garrafas e copos dentro de uma sacola de compras reutilizável.

– Estão lá em cima, no meu quarto – respondeu minha mãe. Jonathan estava alguns passos atrás de mim enquanto eu me arrastava escada acima.

– Ei – ele me chamou baixinho, antes que eu entrasse no meu quarto. Eu me virei para olhar para ele. – Como você está? – Esta pergunta combinada com seu olhar confirmava que eu não tinha imaginado nada.

– Confusa – respondi, honestamente, e abri a porta do meu quarto.

– Acho que ela não se lembra do que aconteceu – explicou ele. – Eu meio que estraguei tudo na noite passada, e então ela descontou em você. Foi minha culpa e peço desculpas.

– O que você quer dizer com isso? – perguntei, ainda confusa.

– Falei para ela que não estava dormindo na minha casa já há algum tempo e que talvez devesse ficar por lá algumas noites esta semana. – Ele hesitou e então admitiu: – Não foi a melhor coisa para se dizer no Dia dos Namorados.

Cerrei meus lábios e balancei a cabeça.

– Ela pensou que você estava terminando tudo, não foi?

Jonathan suspirou e concordou com a cabeça.

– Conversamos sobre isso esta manhã e ela entendeu. Por isso, não vou passar muito aqui esta semana. Eu só preciso... respirar um pouco, eu acho.

Sua escolha de palavras me assustou. De repente entendi a aflição de minha mãe.

– Espere. Você *está* terminando com ela?

– Não. – Ele sacudiu a cabeça enfaticamente. – Ela e eu nos divertimos muito juntos, de verdade. – Ele estava quase dizendo algo mais quando minha mãe interrompeu e gritou da cozinha:

– Encontrou?

Jonathan olhou para mim e então para a cozinha.

– Encontrei – mentiu ele. E não se dirigiu ao quarto dela. Então se virou para mim e disse rapidamente: – Apenas queria explicar, pois talvez você não me veja por aqui por algum tempo. Ainda estou aqui. Preciso apenas me afastar um pouco. – E então ele desceu as escadas e foi para a sala de estar.

Entrei no meu quarto quando vi minha mãe lá embaixo, carregando um vidro fechado repleto de molho. Percebi que ele nunca foi procurar nada no quarto dela, ele apenas queria ver como eu estava e me explicar as coisas. Ele não explicou muito, para ser bem sincera. Eu sabia que ele não contara para a minha mãe metade do que acabara de me dizer, se não ela não estaria sorrindo daquela maneira.

Alguém deixara, em cima da minha cama, uma caixa vermelha em formato de coração e cheia de chocolates. Havia um coração desenhado na parte de cima da caixa com um R rabiscado logo abaixo. Segurei a caixa com as minhas mãos e fiquei olhando para ela. Eu não queria ser a pessoa que deixaria as coisas difíceis para ela.

Deitei na minha cama com minha mão no coração, pensando se o fato de eu estar ali seria o melhor para ela. Como eu poderia saber? Ela parecia tão chateada na noite passada, acreditando que eu não a queria. A ironia é que eu sentira medo de que ela dissesse a mesma coisa para mim.

Acabei adormecendo em cima dos meus cobertores. Acordei umas duas horas depois e a casa estava escura, mas não estava

silenciosa. Esta casa nunca ficava silenciosa. Liguei a música para disfarçar a ansiedade da casa, assim eu não daria pulos a cada barulhinho que ouvisse.

Eu estava procurando uma camisa para vestir quando um estrondo alto chamou minha atenção. Desliguei a música e permaneci parada e segurando minha respiração, convencida de que escutara uma batida no armário da cozinha.

Eu me arrastei até minha porta. As dobradiças rangeram quando abri a porta devagar. Ouvi com atenção e dei um pulo com o barulho do radiador. Respirei fundo e virei meus olhos diante da minha reação exagerada. Liguei a música novamente.

Juntei um conjunto de moletom e uma camiseta de manga comprida para tomar um banho. O banho faria com que eu me sentisse parte da raça humana novamente e tiraria o cheiro de cloro do meu cabelo. Quando saí do banho, limpa e renovada, tinha mensagens de texto de Sara e Evan esperando por mim.

Acendi todas as luzes por onde passava à medida que andava pela casa, a caminho da cozinha, para esquentar um macarrão com queijo no micro-ondas. Este seria o meu jantar. Coloquei leite em um copo e trouxe a bandeja de plástico para a sala de estar. Não sabia se um dia conseguiria me sentir bem ao ficar sozinha, pelo menos não nesta casa.

Fiquei entretida em um reality show patético que passava na televisão, cheio de dramas e com muitos palavrões. As frases nem mesmo faziam sentido. Após perder uma hora da minha vida, encontrei um filme branco e preto que já assistira o número de vezes suficiente para saber todas as falas.

- Emma, você deve ir para a cama – sussurrou a voz. – Emma.
- Sim? – respondi, sem ter certeza se falava no meu sonho.
- Está tarde – respondeu a voz.

Puxei o cobertor até o queixo, percebendo aos poucos que não estava na minha cama. Abri meus olhos e vi cenas de um jogo de basquetebol na televisão. Pisquei pesado e caminhei no escuro. O único feixe de luz que podia ser visto era o da televisão.

– Desculpe por acordar você – disse Jonathan, sentado na cadeira à minha frente. – Mas achei que você estaria mais confortável na sua cama.

– Que horas são? – perguntei, tentando me concentrar no brilho do relógio do aparelho da TV a cabo.

– Já passa das duas – respondeu ele.

Eu me sentei, voltando devagar para a realidade.

– Você devia ir para a cama – disse Jonathan, novamente.

Respirei fundo.

– Certo. – Mas não me mexi. Meu cérebro começou a funcionar e olhei para ele em dúvida. – O que você está fazendo acordado?

– Eu precisava me livrar de um sonho – respondeu ele, vagamente, mas com palavras que eu conseguia entender.

Então me lembrei.

– Espere. Achei que você não ficaria aqui esta semana.

– Não vou – confirmou ele, e então corrigiu dizendo: – Não devo. Tive que trazê-la para casa, e então ela me pediu para não deixá-la. E eu... – Ele cerrou os lábios sem encontrar as palavras para explicar sua decisão.

– Você sabe que ela sempre vai pedir para você ficar.

– E é por isso que não devo ficar.

Fiquei confusa com o que ele disse, e um pouco alarmada. Mas deixei que ele decidisse se explicaria o que queria dizer, e por fim ele acabou dizendo mais do que eu esperava ouvir.

– Enviei fichas de inscrição para faculdades, e a faculdade mais próxima fica em Washington.

– Ah. – Respirei e comecei a entender. E não gostei do rumo que essa história tomaria.

– Eu gosto de estar com ela. Ela é muito divertida e tem a perspectiva de mundo mais louca que já vi. Ela não faz perguntas sobre mim ou de onde eu venho. Ela se importa apenas com quem eu sou hoje e só quer ficar comigo.

– E isso é bom, certo? – perguntei, e, de repente fiquei curiosa em saber por que esconder o passado era importante para ele. Mas então, de novo, eu era a última pessoa do mundo a querer falar sobre o meu passado.

– É verdade, não falar sobre o meu passado é um alívio – respondeu Jonathan. – Mas eu não quero que ela precise de mim da maneira como precisa. Eu quero apenas... – Ele procurou pelas melhores palavras. – Eu não quero pressão.

– Ela sempre precisou de alguém – soltei. Eu não tinha intenção de dizer isso, mas, já que disse, sabia que aquilo era verdade. Olhei para ele e minha honestidade me deixava repleta de culpa. – Não queria dizer isso da maneira como eu disse...

– Você deve estar certa – interrompeu ele. – Mas não tenho certeza de que seja exatamente de *mim* que ela precise.

Comecei a puxar um fio do cobertor.

– De qualquer maneira, eu não devia estar conversando com você sobre o meu relacionamento – disse ele, de repente. – Desculpe. Sei que é estranho.

– Um pouco. – Mas minha conclusão começou a fazer sentido ao olhar para o passado. Ela nunca ficara sem um homem em toda sua vida. Apenas por curtos períodos de tempo. Sempre acreditei que isso acontecia pela necessidade desesperadora dela de colocar alguém no lugar de meu pai.

Olhei para Jonathan e fiquei me perguntando o que ela vira nele que a fazia se lembrar de meu pai. Talvez o sorriso. Quando o sorriso se formava em seu rosto, as beiradas de seus olhos se enrugavam formando um sorriso também. Os meus lábios se enrolaram com esse pensamento.

– O que foi? – perguntou ele, ao perceber que eu estava pensando.

– Nada – respondi, rapidamente, arrumando o cobertor em minha volta de maneira desconfortável. – Estava apenas pensando. Acho que consigo entender por que ela quer que você fique.

– E isso faz de mim uma pessoa terrível que precisa de um pouco de espaço?

– Não – respondi. – Apenas não tenho certeza de como *ela* vai lidar com isso. Ela gosta mesmo de você.

– Eu também gosto dela – admitiu ele, com um suspiro. – Mas você estará aqui com ela.

Soltei uma risada curta.

– Não é a mesma coisa.

Jonathan sorriu. Seus olhos estavam presos aos meus. Meu sorriso desapareceu por um momento, ao perceber que eu não conseguia olhar para outro lado.

– Acho que devo ir para a cama. – Pisquei, tirando o cobertor das minhas costas. Antes de chegar nas escadas, virei para ele e disse:

– Jonathan?

– Sim, Emma.

– Por favor, não a machuque – implorei, com voz suave e embargada de emoção. – Não quero que ela se machuque outra vez.

Ele parou por um momento, olhando pensativo para o meu rosto.

– Também não quero machucá-la. – Ele me deu um sorriso consolador antes que eu me virasse e subisse as escadas. Eu não tinha certeza de que ele prometera o que eu havia pedido. E tive medo de que ele não tivesse.



14. Por baixo dos panos

Jonathan não estava na casa pela manhã. Minha mãe também não. Mais uma vez ela cumpria suas obrigações de assistente executiva em uma firma de engenharia. Também não vimos Jonathan durante toda a semana e ela *parecia* se acostumar com a separação.

Tentei mantê-la ocupada. Até sugeri que ela me desse uma aula de culinária numa noite. Mas depois que os detectores de fumaça foram desligados e de termos aberto todas as janelas da casa para deixar o vento entrar decidimos sair para comer. Ela trabalhou até tarde algumas noites e chegou em casa depois que eu já tinha comido, e então ela se sentava comigo no sofá para assistir televisão.

– Espero que ele não me deixe – disse ela, uma noite, com uma taça de vinho na mão. Ela tinha tirado seus sapatos de trabalho embaixo da mesa de café, e sua blusa estava para fora da saia. Olhava fixamente para a TV, mas seus pensamentos obviamente estavam com ele.

– Ele se importa com você. – Tentei soar encorajadora, mas não deu certo.

– Quando Evan volta? – perguntou ela, mudando o assunto. Seu olhar voltou para o presente e ela olhou para mim com os olhos brilhantes.

– Domingo – respondi, devagar, sem estar preparada para a volta dela para sua personalidade.

– Não seria legal viajar para onde você quisesse apenas porque deu vontade? – ela disse isso com um pouco de inveja, mas também com vontade. – Devemos convidá-lo logo para jantar aqui.

– Ah, tudo bem.

– Vou me deitar – disse ela. Observei minha mãe subir as escadas e torci para que, o que quer que Jonathan estivesse fazendo não a deixasse devastada no final. Não achava que eu podia aguentar vê-la com o coração partido.

Eu me encontrei com Jill e Casey na tarde seguinte. Acabamos indo assistir a um filme naquela noite. Depois de meio dia de risadas incessantes, combinadas com refrigerante e jujubas, meus dentes doíam por causa de tanto açúcar. Eu só podia aguentar os dois em doses pequenas, e hoje eu exagerara.

Mal tirara meu casaco quando meu telefone tocou. Tirei o telefone do bolso e vi o nome *Rachel* na tela.

– Oi – atendi.

– É a Emily? – uma voz profunda perguntou. Sem responder olhei novamente para o telefone para ter certeza de que lera corretamente. E identificava o número como sendo o da minha mãe. Coloquei o telefone de volta no ouvido, meu estômago estava apertado.

– Alô? – gritou ele, sobre as vozes e a música que podiam ser ouvidas ao fundo.

– Sim – respondi, com o coração acelerado. – Aqui é a Emily.

Em meu cérebro se passaram milhares de cenas diferentes do que poderia ter acontecido com ela, me deixando em pânico.

– Você precisa vir buscar Rachel. Não posso deixá-la ir embora dirigindo.

– Ah, certo – respondi, com o coração pesado. Devia ter ficado aliviada por ela estar bem, mas, de novo, ela não estava bem. – Onde ela está?

– Mick's Place, na Route 113, em Stenton.

– Certo. Logo estarei aí. – Desci as escadas com o telefone nas mãos, inclinando minha cabeça com medo. Eu não deveria estar surpresa por ela estar bêbada mais uma vez. Eu me acostumara com isso quando era criança, mas esperava não ter que lidar com isso a essa altura da vida.

Meu corpo todo parecia oco com a aceitação da condição dela, impedindo que a emoção que ameaçava tomar conta dele entrasse. Apenas precisava me concentrar em trazê-la para casa, e então pensar no resto depois.

Tentei localizar o ícone do GPS no meu telefone, mas não consegui. Eu não fazia a menor ideia de onde ela estava. E isso me deixou com apenas uma escolha. Balancei a cabeça e gemi:

– Merda. – Eu não queria fazer o que estava quase fazendo, principalmente porque, provavelmente, ele era a razão de ela estar bebendo.

Disquei o número e segurei a respiração enquanto o telefone tocava.

– Alô? Emma? Está tudo bem? – A urgência em sua voz deixou claro que ele esperava pelo pior.

– ãh... na verdade, não – respondi, com voz suave. – Será que você pode me ajudar?

– Claro. O que está acontecendo? – respondeu ele, rapidamente.

– Preciso buscar Rachel, mas não sei onde ela está.

– Estarei aí em quinze minutos, está bem?

– Sim. – Soltei a respiração.

A caminhonete de Jonathan parou na garagem, e eu saí na varanda e tranquei a porta.

– Você dirige o meu carro? – perguntei antes que ele dissesse qualquer palavra.

– Claro – respondeu ele, pegando as chaves com um olhar questionador.

– Acho que ela vai precisar se deitar – expliquei.

Ele entendeu minha expressão de ansiedade.

– Vai ficar tudo bem. Vamos buscá-la e tudo ficará bem.

– Certo – respondi, sem acreditar em uma palavra do que ele dizia.

Contei a Jonathan onde ela estava e ele franziu a testa com ar de preocupação.

– O que foi? – perguntei, nervosa.

– Não é o melhor lugar para ir – disse ele, respirando fundo. – Você fica no carro enquanto eu entro para pegá-la, certo? – Fechei meus olhos e balancei a cabeça, tentando manter a calma.

Quando chegamos entendi por que ele não queria que eu entrasse. O bar parecia uma caixa, térrea, com luzes de néon pregadas no teto. Várias das letras estavam apagadas, e o final da palavra Place piscava em vermelho, lutando para continuar aceso. As pequenas aberturas, que só podiam ser janelas, estavam cobertas com propagandas de cerveja em néon brilhante. A construção tinha um tom desbotado de branco que os anos e a falta de cuidado ajudaram a deixar nesse estado. Havia telhas faltando em alguns pontos, ou quebradas em outros. Parecia que um vento forte poderia derrubar o prédio todo.

O estacionamento, sujo, era mal-iluminado. Um único holofote estava pendurado no canto do edifício, lançando mais sombras do que luz. O estacionamento estava coberto por manchas de gelo. Já era difícil andar por ali se a pessoa estivesse sóbria. Imagine depois de ter bebido tanto a ponto de mal conseguir ficar em pé. Um grupo de homens de aparência estranha, com rosto escuro e com a barba por fazer, estavam em pé do lado de fora. Fumavam cigarros e faziam comentários sobre os clientes que entravam e saíam. Eu estava convencida de que fazia dias que eles não tomavam banho. Várias motocicletas sem dúvida estariam paradas na frente deles se não estivéssemos no meio do inverno. Eles se misturavam perfeitamente com o cenário dilapidado. Olhar para eles fez com que eu me contorcesse em desgosto.

– Fique no carro. Volto logo – orientou Jonathan, fechando a porta.

Eu me afundei no banco com meus braços cruzados, observando um dos homens, que usava roupa de couro, apertar a mão de um outro que se aproximou, vindo de um Camaro. O cara do Camaro tinha a cabeça raspada e ombros largos e usava óculos escuros pretos, embora fosse quase meia-noite. Personagens assustadores se reuniam neste lugar. E isso me deixava pensando no porquê de minha mãe vir para um lugar como este.

Um dos fumantes olhou em minha direção e minha cabeça começou a acelerar. Olhei para baixo rapidamente, torcendo para que ele não conseguisse enxergar dentro do carro.

– Tire suas mãos de mim, John – ameaçou uma mulher, chamando minha atenção.

Os homens estavam rindo quando uma mulher que usava jeans justos e uma jaqueta de couro empurrou a porta para entrar, olhando para eles. O homem com um casaco de couro comprido e bigodes grossos ainda olhava para mim. Estremeci e tentei me afundar ainda mais no banco. Ele cutucou o cara alto que estava ao lado dele, apontou com a cabeça em minha direção e disse alguma coisa. O cara gargalhou e balançou a cabeça.

– Jonathan, cadê você? – sussurrei, olhando ansiosa para a porta preta, implorando para que ele saísse por ali. Olhei para trás e o cretino do bigode sorriu para mim. Meu coração acelerou e minhas mãos começaram a tremer. Olhei para baixo rapidamente, torcendo para que ele perdesse o interesse.

– Desça do carro, bonitinha – gritou ele, fazendo com que os outros homens olhassem em minha direção. – Deixe eu pagar uma bebida para você. – Houve gargalhadas e risadas sinistras em reação à minha expressão de pânico. Eu me certifiquei de que as portas estavam trancadas e, silenciosamente, implorei mais uma vez para que Jonathan aparecesse com minha mãe.

O homem horroroso caminhou em direção ao carro, e eu mal conseguia respirar. Eu tentava decidir o que fazer quando a porta preta se abriu, e ele parou no meio do caminho. Jonathan apareceu, carregando minha mãe desmaiada em seus braços. Respirei aliviada, destranquei as portas e saí do carro para abrir a porta de trás para eles.

Jonathan colocou-a delicadamente no banco de trás. Olhei de lado para o homem em pé, na frente do carro. O sorriso em seu rosto era abominável. Não conseguia fazer minhas mãos pararem de tremer enquanto esperava que Jonathan ajeitasse minha mãe. Eu queria ir embora dali o mais rápido possível.

– Ei, amigo – o homem gritou para Jonathan. Continuei paralisada na porta. Jonathan fechou a porta e deu a volta pela parte de trás

do carro, sem prestar atenção. – Ei, você. – Jonathan parou ao perceber que o homem robusto de casaco falava com ele. – Por que você não me deixa ficar com uma destas garotas? Eu poderia mostrar muitas coisas boas para essa aí. – Encolhi quando ele me molestou com seus olhos.

– Você está falando comigo? – perguntou Jonathan. Seu tom ameaçador fez meus olhos se arregalarem.

– Sim. Estou falando com você – respondeu o homem. – Eu também quero experimentar. – Sua boca, coberta pelo bigode, se transformou em um sorriso detestável e ele começou a caminhar em minha direção. Senti a maçaneta da porta quando me encostei no carro, sem tirar meus olhos dele. Eu estava com medo de provocá-lo com um movimento repentino: “*mexa-se devagar e ele não atacará*”.

– Eu não faria isso se fosse você – a voz profunda de Jonathan advertiu, com os dentes cerrados. Virei meus olhos na direção de Jonathan, assustada mais uma vez com o tom de sua voz. Os outros homens ficaram em silêncio e caminharam na direção de Jonathan. As mãos de Jonathan se fechavam devagar ao lado de seu corpo.

O homem veio em minha direção até conseguir me enxergar, sem dar a menor importância para Jonathan.

– Gostosa - ele sussurrou. – Seu hálito de cigarro e álcool atingiu meu rosto. Fechei meus olhos e engoli em seco, paralisada. O medo me manteve refém quando ele se inclinou. O carro balançava e eu abri meus olhos e vi Jonathan agarrando o colarinho do homem, jogando-o contra o carro.

– Não se atreva a tocar nela – resmungou Jonathan. O cara era mais alto que ele, mas Jonathan era mais encorpado. O rosto de Jonathan brilhava. As pessoas se arrastaram para frente, prontas para entrar em ação se necessário.

Os dois homens se encararam por um segundo antes de o cretino rosnar:

– O que você vai fazer? – Jonathan levantou a mão.

– Jonathan, não – implorei, liberta da minha paralisia quando percebi o que estava quase acontecendo. – Por favor, deixa para lá.

– As pessoas estavam preparadas para a rixa. Meu corpo todo tremia.

Jonathan conseguiu me olhar pelo canto dos olhos. Seu rosto estava duro e cheio de raiva, mas sua expressão se transformou quando ele viu o medo em meu rosto. Seus olhos se suavizaram e ele abaixou a mão devagar.

Jonathan estava quase deixando-o ir quando o homem advertiu:

– Ouça a garota. Por que você simplesmente não dá o fora daqui antes que eu tenha que estragar essa sua carinha bonita? – Jonathan apertou os olhos com a ameaça, sua boca tremia. Respirei fundo.

– Por favor, Jonathan – implorei, ao alcançar seu braço em desespero. Seus músculos se relaxaram com o meu toque e, devagar, ele soltou o homem, indo para trás.

– Entre no carro – ordenou Jonathan, rispidamente. Ele abriu a porta do passageiro e eu entrei. Ele bateu a porta sem tirar os olhos do cara, que estava alisando o casaco com um sorriso malevolente. Observei a ação silenciosa de Jonathan em volta do carro, pronto para atacar caso aquele homem nojento fizesse algum movimento em direção à minha porta. Meu coração estava acelerado e meu peito estava quase explodindo.

– Se ela não estivesse aqui... – Jonathan começou a falar quando abriu a porta do motorista.

– Então não estaríamos nem conversando agora, não é? – interrompeu o homem. – Não volte mais aqui a não ser que queira levar o seu troco.

Jonathan entrou e bateu a porta. Seus olhos pareciam carvões rígidos e estavam fixos no homem que estava em pé na frente do carro. O homem, por sua vez, olhava para mim. Ele mexeu os lábios para formar um beijo e então desafiou Jonathan com um sorriso sarcástico. Meu corpo inteiro se convulsionou em desgosto.

– Apenas vamos embora – repeti, com pressa. Jonathan agarrou o volante com tanta força que seus tendões se saltaram de seu braço. Ele deu ré com tanta velocidade que tive que segurar no apoio acima da porta com as duas mãos. Os pneus cantaram enquanto faziam contato com o chão. Uma nuvem de poeira se levantou atrás de nós enquanto saíamos do estacionamento.

Com exceção das minhas mãos, que tremiam em meu colo, nenhuma outra parte do meu corpo conseguia se mexer. Alguns quilômetros depois Jonathan finalmente diminuiu a velocidade e olhou em minha direção. Seus olhos escuros não tinham mais a raiva que tomara conta dele. Deixei escapar um suspiro e pisquei para espantar as lágrimas que atrapalhavam minha vista.

– Sinto muito por isso – disse ele, gentilmente. Jonathan lançava olhares com o canto dos olhos em minha direção enquanto dirigia. Eu olhava para fora da janela, tentando não chorar.

Ele virou em direção ao acostamento da estrada e parou o carro.

– Emma.

Virei meu rosto devagar para olhar para ele, engolindo o nó que formava na minha garganta.

– Você está bem?

Eu só consegui balançar a cabeça. Seus olhos procuraram pelos meus. Afastei-me de sua sondagem, pois estava vulnerável demais para deixar que ele visse como eu estava trêmula.

Minha mãe gemeu e ele desviou a atenção para o banco de trás.

– O que está acontecendo? – resmungou ela, piscando, mas incapaz de se sentar.

– Estamos levando você para casa – respondeu Jonathan, voltando a conduzir o carro pela rodovia.

– Jonathan? – disse ela.

– Sim.

– Liguei para você – choramingou ela. – Liguei para você – repetiu ela. Era difícil entender o que ela falava.

– Eu sei – disse ele, para acalmá-la. Jonathan olhava para a estrada.

Eu me virei para ela e ela tentou concentrar seu olhar em mim.

– Emily? – perguntou ela, como se estivesse em dúvida. – Ah, você não deveria estar aqui. – Ela parecia tão triste que precisei me virar.

Segui Jonathan escadas acima enquanto ele carregava minha mãe até a cama. Depois de tirar seus sapatos e cobri-la com um cobertor, olhei para o rosto calmo dela com um suspiro de pena. Deixei o

quarto e cáí, acabada, no sofá da escura sala de estar. Minhas mãos ainda tremiam e meu peito doía.

– Você deveria dormir um pouco – disse Jonathan, da porta de entrada.

Olhei para ele atordoada.

– Acho que mesmo que tentasse não conseguiria dormir.

Ele veio e se sentou ao meu lado no sofá. Ficamos ouvindo o silêncio e permitimos que a paz se instalasse em nossa volta. Minha cabeça tentava entender, mas não conseguia encontrar consolo em meio aos meus pensamentos.

– Não sei o que fazer – disse, me sentindo derrotada. – Eu realmente queria que fosse diferente.

– Isto é minha culpa. Eu devia ter retornado a ligação dela.

Sabia que a necessidade dele por espaço fora o gatilho para essa catástrofe. Mas essa era a maneira que minha mãe lidava com as coisas quando ela estava triste. Infelizmente isso não mudara tanto quanto eu havia desejado.

– Não é sua culpa – assegurei-lhe. Pensei na minha mãe na cama e desejei acreditar que isso era apenas algo pelo qual ela estava passando. Desejei que ela se recuperasse e superasse isso. Eu não sabia o quão longe a *esperança* poderia me levar.

– No que você está pensando? – perguntou ele, depois de eu estar quieta há algum tempo.

– O que ela estava fazendo lá? Aquele lugar era *terrível*.

– Eu não sei – respondeu ele, tão confuso quanto eu.

Todos os acontecimentos daquela noite voltaram para a minha cabeça: o telefonema, o bar tosco, o confronto com o cara mais desagradável da face da terra.

– Você ia – comecei a falar ao mesmo tempo em que Jonathan perguntou:

– O que...

Nós dois paramos de falar e ele me pediu para continuar.

– Fale você.

– Você ia mesmo bater naquele cara?

Jonathan cerrou os lábios como se pensasse com cuidado no que diria.

– Caso você não tivesse me segurado? – Balancei a cabeça.

– Com certeza – respondeu ele, sem hesitar. Meus olhos se arregalaram com sua franqueza. Ele olhou para baixo e esfregou uma mão na outra. – Esta é uma parte do meu passado da qual não gosto de falar. – Ele levantou a cabeça.

– Mas isso nunca aconteceu antes.

– Isso o quê?

– Ninguém nunca conseguiu fazer com que eu parasse. Normalmente perco o controle e ninguém consegue me segurar.

– Você é um lutador? – perguntei, sem esperar pela confissão. Pela primeira vez percebi uma fina cicatriz embaixo de seu queixo, e outra bem acima da sobrancelha direita, quase imperceptível.

– Eu era – corrigiu ele. – Lembre-se, isso faz parte do meu passado. Já faz muito tempo que não fico tão bravo assim. Até fiquei assustado.

– Eu também fiquei – admiti.

Ele parou de esfregar as mãos preocupado com minha declaração.

– A situação toda me deixou assustada – disse eu, ainda sentindo o tremor por baixo da minha pele. – Vamos apenas dizer que a noite hoje foi péssima.

– É, foi mesmo. – Ele suspirou. Jonathan se inclinou em minha direção para se certificar de que eu prestava atenção nele. Seus olhos castanhos se concentraram em mim, puxando-me para dentro deles quando ele disse: – Nunca mais quero assustar você. – Eu não consegui dizer nada. A convicção de suas palavras tomou conta de mim e eu mal conseguia respirar.

Ele voltou a se encostar no sofá, deixando-me livre da conexão. Respirei fundo para acalmar as batidas dentro do meu peito.

– O que você ia me perguntar? – Finalmente consegui falar.

– Você disse que pensou que seria diferente. O que você quis dizer com isso?

– Fiquei praticamente cinco anos morando longe dela – expliquei de maneira evasiva, olhando para a noite pela janela. – Ela já se machucou antes, e não quero que ela passe por aquilo de novo. Eu só quero que as coisas sejam diferentes para ela. Para nós.

– Onde você morou durante esses cinco anos?

– No inferno. – Respirei e encostei minha cabeça no sofá. Ele ficou quieto. Continuei a olhar para a escuridão e acabei adormecendo.

Quando abri meus olhos a sala estava dourada e quente graças à luz do sol que entrava por entre as árvores. Minhas pálpebras pesadas se fecharam de novo e puxei o cobertor sobre mim. Estava prestes a cair no sono quando coloquei minha mão para baixo e senti as duras linhas da coxa dele por baixo. Arregalei os olhos. Meu instinto foi o de pular do sofá, não me perdoando por ter adormecido em sua perna. Mas eu não queria acordá-lo e por isso me sentei devagar. Jonathan continuava sentado na ponta do sofá. Sua cabeça estava caída para o lado e sua respiração era pesada.

Encontrei meu casaco pendurado no braço da cadeira de balanço e meus sapatos embaixo dela, embora soubesse que estava com meus sapatos quando adormeci. Esfreguei meus olhos para afastar a sonolência restante e me levantei com cuidado do sofá. Uma madeira rangeu quando me levantei. Ele balançou a cabeça e abriu os olhos.

– Desculpe – sussurrei, com meu coração disparado. Eu realmente não queria estar mais ali quando ele acordasse.

– Que horas são? – perguntou ele, piscando enquanto olhava o relógio. – Preciso ir embora. – Ele bocejou e esticou os braços sobre a cabeça.

– Você não vai ficar?

– Ah... – Ele parou, sem esperar pela tensão na minha voz. Mordi meu lábio ao perceber como aquilo soou.

– Eu quero dizer. – Eu me atrapalhei ao procurar uma maneira de consertar a situação. – Eu pensei que...

– Eu posso ficar – interrompeu ele. Jonathan suspirou quando olhou na direção do topo da escada.

– Você não precisa ficar. – Eu podia dizer que ele não estava certo dessa decisão.

– Eu não entendo o que aconteceu ontem à noite – disse ele, deitando a cabeça no sofá e olhando para o teto. – Já a vi bêbada, e já a vi emotiva. Mas nunca a vi tão mal antes.

Hesitei considerando seu rosto perturbado e fiquei em dúvida se eu devia simplesmente subir para o meu quarto. Obviamente ele estava preocupado com ela. E eu também estava.

Eu me sentei no sofá com uma perna dobrada embaixo de mim para que pudesse olhar para ele.

– Ela estava chateada. – Ele virou a cabeça para olhar para mim. – Tenho certeza de que também está sendo difícil para ela voltar a morar comigo. A minha presença faz com que ela se lembre de meu pai, e isso a machuca. Eu quero ficar bem com ela, mas não sei como fazer isso se eu sou o motivo de ela sentir tanta dor.

Jonathan analisou meus olhos enquanto a verdade das minhas palavras me engolia.

– Você não fez isso com ela – disse ele, suavemente. Desviei meus olhos. – E, por mais que me sinta culpado por não ter ligado para ela de volta, também não fiz isso com ela.

Ficamos em silêncio por um minuto. Tentei me convencer de que o que ele disse era verdade, e eu *sabia* que era. Mas não conseguia evitar a sensação de que, se não tivesse pedido para voltar, ela não estaria se forçando a esquecer.

– Posso perguntar uma coisa? – perguntou Jonathan, hesitante.

– Claro. – Eu me virei para ele e esperei pela pergunta.

– O que aconteceu com o seu tornozelo? – Ele olhou para a cicatriz no meu pé direito, que estava virado embaixo de mim. Fechei meus lábios, pois não estava preparada para aquela pergunta.

Ele abriu a boca para dizer alguma coisa quando respondi:

– Um presente de despedida.

Ele ficou quieto por um momento.

– Do inferno? – Levantei minhas sobrancelhas para confirmar. Eu não esperava que ele entendesse.

– Eu tenho uma dessas. – Antes que eu pudesse reagir ele levantou o lado direito de sua camisa e me mostrou uma cicatriz fina e longa embaixo de suas costelas. – Também já morei lá.

Eu queria fazer tantas perguntas para ele, mas o choque as tirou da minha boca. Por fim, pedi licença e subi para o meu quarto.

Jonathan permaneceu no sofá. Não foi embora, conforme prometera, mas também não demonstrou a menor intenção de ir até o quarto de minha mãe.

Apesar de estar exausta, não consegui voltar a dormir. Fiquei imaginando se ele estava lá embaixo, acordado também, tentando entender o que poderia ter acontecido comigo. Eu não podia nem imaginar como começar a perguntar a ele sobre seus pesadelos.



15. Outra chance

— Jonathan, sinto muito. Prometo que vou melhorar.

Meus olhos se abriram apenas alguns minutos depois de terem finalmente se fechado. Fiquei parada ouvindo.

— Por favor, não me deixe. — Suas palavras estavam repletas de emoção. Eu podia ouvir passos descendo as escadas. Gritos podiam ser ouvidos através da minha porta. Não me atrevi a me mexer com medo de que eles percebessem que eu conseguia escutá-los.

— Eu não vou embora — disse ele, do pé da escada. Sua voz não tinha ar de promessa e sim de consolo com um suspiro de derrota. — Preciso clarear minha cabeça, certo? Mas voltarei hoje à noite e conversaremos sobre isso.

— Promete? — perguntou ela, em um tom de voz elevado que parecia de desespero. A resposta dele não foi verbal, pois a próxima coisa que ouvi foi a porta se fechando, e então soluços no topo da escada.

Era difícil ouvir o choro dela. Eu sentia dor por dentro e queria aliviar a mágoa, mas não o fiz. Enrolei-me como se fosse uma bola e esperei. Esperei até que ela recuperasse o fôlego e conseguisse se recompor. Seus gemidos apenas se silenciaram com o barulho da fechadura da porta do quarto dela.

Eu me arrastei para fora da cama e me vesti com calças de corrida e uma camiseta de mangas compridas, também de corrida, e coloquei um moletom por cima dela. Precisava sair de casa, ir para longe das emoções que me consumiam. Amarrei meus tênis, coloquei luvas e escondi meus cabelos embaixo de um boné de beisebol.

O ar enérgico encheu meus pulmões quando saí pela porta.

O sol brilhava e a temperatura não era mais congelante. O gelo que cobria a beirada das calçadas estava derretendo. Corri um pouco mais devagar e respirei fundo, aliviando a tensão em meus ombros à medida que seguia os quadrados de concreto que estavam embaixo dos meus pés. Esquecido meu iPod, que teria sido ideal para me distrair e para que eu não ficasse pensando várias vezes nos acontecimentos da noite passada. Em vez disso, os pensamentos da corrida continuaram presos na noite anterior.

Explorei o bairro todo entrelaçado e encontrei um parque a algumas ruas de casa. O parque estava repleto de crianças com roupas de inverno pulando de onde conseguiam nas grossas montanhas de neve. A risada e o barulho das crianças eram um agradável contraste aos gritos que ecoavam na minha cabeça.

Enquanto dava a volta no parque diminuí minha corrida ao ver uma caminhonete azul. Parei ao ver Jonathan, sentado num banco, olhando para o nada. Pensei em me virar e correr para outra direção, fingindo não tê-lo visto. Mas então ele me viu e eu não tinha como sair dali.

Andei em sua direção, colocando minhas mãos dentro do bolso do meu moletom.

– Ei – disse eu, em pé na frente dele. – Até que não está ruim aqui fora hoje. Não é a Califórnia, mas não está tão ruim.

Jonathan balançou a cabeça de leve. Seus olhos continuavam preocupados. Eu me sentei ao seu lado no banco de madeira. Nenhum de nós disse qualquer coisa por pelo menos um minuto.

Considerava me levantar para continuar minha corrida quando ele, espontaneamente, confessou:

– Meu pai não gostava muito de mim. Eu não era submisso como minha mãe. Eu não o adorava como meu irmão mais jovem. Eu não o deixava me controlar e por isso ele fazia o que podia para me atrapalhar. Minha vida tem sido complicada e não consigo... – As palavras sumiram e ele ficou olhando para longe.

– Não consigo fazer isso. Esse... drama. – Ele respirou e finalmente olhou para mim. – Preciso que minha vida seja simples. Tenho saber o que vai acontecer para manter o controle. Não sei lidar muito bem com o inesperado. – Ele baixou o olhar.

– Eu entendo. E então isso quer dizer que acabou? Que você vai embora?

– Por quê? Você acha que eu devo ir embora? – Ele esperou pela minha resposta.

– Não acho que eu seja a pessoa adequada para dizer o que você deve fazer. Mas também não quero que ela se machuque.

– Emma, juro que não quero magoar você... quero dizer, magoá-la. – Eu me virei para ele, confusa com sua frase atrapalhada. Seus olhos brilharam pedindo desculpas. – Eu não quero magoar Rachel – enfatizou ele. – Você acredita em mim, não é? – Seus olhos castanhos penetraram em mim da maneira como costumavam fazer, invadindo meus pensamentos e me deixando vulnerável demais para resistir. Ele me manteve hipnotizada até que consegui me desprender graças a um arrepio. – Não é?

Balancei a cabeça olhando para o meu colo.

– Minha tia também não gostava muito de mim – soltei, do nada, e olhei para a casa do outro lado da rua. – Na verdade, tenho bastante certeza de que ela me odiava. Quero dizer, você não estrangula uma pessoa se você gosta dela, mesmo que seja só um pouquinho, não é?

Jonathan arregalou os olhos surpreso. Acho que ele não esperava por aquilo.

– Uau, contei algo meio confuso para você entender, não é? – admiti, com uma risada nervosa.

– Sim, um pouco – disse ele, com um pequeno sorriso.

– Não acredito que acabei de contar isso. – Sacudi minha cabeça me sentindo envergonhada. – As pessoas pensam que eu já deveria ter superado isso. Ela está na cadeia. Mas parece que não consigo esquecer.

– Acredite em mim, eu entendo. Meu pai já morreu há anos e ainda não sai da minha cabeça.

Qualquer vestígio de um sorriso desapareceu do rosto dele.

– Sinto muito.

– Eu não. – Fui pega de surpresa pela convicção na voz dele. Seu rosto estava suave e sem emoção. E, naquele momento, tive inveja.

Eu me mexi desconfortavelmente, atingida pela culpa de desejar que ela estivesse morta pelo menos naquele segundo.

Jonathan soltou o ar fazendo barulho.

– Uau, estamos bastante deprimidos, não?

Eu ri com essa tentativa de quebrar a tensão.

– Muito patético.

– Então, o que você vai fazer hoje? – perguntou ele, mudando o assunto pesado que ameaçava nos devorar.

– Bom, acho que vou terminar esta corrida – respondi. – E depois, não sei o que vou fazer. E você?

– Fazer exercício parece uma boa ideia – concordou ele. – Talvez eu vá nadar. E então acho que volto para a sua casa.

– O que você vai fazer? – perguntei, com medo das razões dele para voltar.

– Não se preocupe – assegurou ele. – Não teremos mais dramas. Apesar do que aconteceu, não fico descontrolado assim tão fácil. Não vou terminar tudo.

– Ótimo. – Dei um leve sorriso e torci para que minha mãe não continuasse com sua terapia alcoólica e terminasse afastando Jonathan para sempre.

Eu o deixei no banco com a promessa de vê-lo mais tarde e voltei para a minha corrida. Foi difícil para mim entender o que estava acontecendo. Afinal, eu estava estabelecendo uma conexão com alguém por compartilhar nossas desgraças. Não havia entendido ainda, mas também não estava pronta para deixá-lo partir.

Voltei para a casa me sentindo limpa graças ao suor e só então percebi que não atendera uma ligação de Casey. Depois de tirar as várias camadas de roupas e beber um copo de água, liguei para ela.

– Você quer ir a uma festa comigo hoje à noite? – perguntou ela, indo direto ao assunto.

– Ah – gaguejei, pois não esperava por aquela pergunta. – Eu não sei.

– Por favor, Emma – implorou ela. – Jill e Sara estão viajando, e essa festa deve ser maravilhosa. Não quero ir sozinha.

Suspirei já com o sentimento de que me arrependeria com a minha resposta:

– Tudo bem, eu vou.
– Oba! – gritou ela. – Pego você às nove, ok?
– Combinado – concordei. – Onde nós va... – Ela já tinha desligado. Mas achei que minha pergunta não importava. Os lugares eram sempre os mesmos.

– Esse suéter é lindo – afirmou minha mãe, ao me observar tentando me concentrar para passar rímel nos meus cílios. Era a primeira vez que a via. Ela passara a maior parte do dia dentro do quarto.

– Obrigada – respondi, fechando o tubo de rímel. – Mas ele é bastante quente. Espero não sentir muito calor.

– Cashmere faz isso. Use um lindo top por baixo. Tenho um top branco que ficaria lindo se você precisasse tirar o suéter.

– Certo, obrigada – respondi, olhando para seu reflexo no espelho.

Ela hesitou e disse:

– Vivo estragando tudo, não é? – Eu me virei para olhar para ela quando ouvi seu suspiro desanimado. – Desculpe.

Antes que eu pudesse responder ela foi até o quarto e voltou segurando um top com decote.

– Obrigada – disse eu, sem saber ao certo como reconhecer seu pedido de desculpas. Tirei o cashmere verde com capuz e coloquei o top.

– Serviu certinho – disse ela, e então perguntou: – Onde é a festa?

– Não sei muito bem – respondi. – Você quer que eu ligue?

– Não – respondeu ela, encolhendo os ombros de maneira indiferente. – Você não é do tipo que se mete em problemas. É parecida demais com seu pai. – Ela sorriu gentilmente e virou-se para sair dali.

– Mãe – disse eu. – Quero dizer, Rachel. – Ela se virou para mim, com o rosto cansado e triste, embora tentasse manter um sorriso no rosto. – Você está bem?

Minha mãe piscou para esconder as lágrimas que se formaram em seus olhos. Ela limpou a garganta e tentou sorrir.

– Não acredito que estou agindo desta maneira. – Ela bateu a mão nas pálpebras. – Estou agindo como se tivesse dezesseis anos. – E então acrescentou rapidamente: – Sem ofensas. – Eu sorri.

– Eu sabia que ele era mais jovem. E sei que acabo me apegando com facilidade – explicou ela. – Não deveria estar surpresa por tê-lo assustado. – Ela parecia perturbada ao confessar com voz aflita: – Gosto tanto dele, Emily.

– Eu sei. – Eu sorri com simpatia, absorvendo o olhar de paixão em seus olhos. Queria dizer a ela que tudo ficaria bem, que ele também queria ficar com ela. Mas não estava convencida de que essa era a verdade. Então, em vez disso, disse a ela: – Você é mais forte do que isso.

Minhas palavras a deixaram sem saber o que dizer. Ela parecia surpresa e uma lágrima escorreu em seu rosto.

Fomos interrompidas por uma buzina.

– Ah, é a Casey – disse eu. E então parei. – Você quer que eu fique aqui?

– Não. – Minha mãe sorriu, alisando seu rosto úmido ao balançar a cabeça. – Vá. Divirta-se. Além disso, ele deve chegar a qualquer minuto. – Jonathan estava na calçada quando me dirigi para o carro de Casey.

– Festa? – adivinhou ele.

– Sim. – Dei de ombros. – Vejo você mais tarde. Ah, e seja bonzinho com ela – disse eu, baixinho, quando ele passou por mim. Eu me virei antes que ele pudesse responder.

Quando abri a porta do carro de Casey o barulho de música eletrônica se espalhou por todo o silencioso bairro.

– Oi – gritou ela, sem fazer qualquer sinal de que pretendia diminuir a música que reverberava através do meu peito. Respondi apenas balançando a cabeça.

Casey não era uma pessoa falante e nem a mensageira de todas as fofocas, como Jill. Ela normalmente entendia as histórias trocadas ou completamente erradas, e por isso ela ouvia e repetia o que não entendia. Basicamente isso. Ela era uma boa pessoa, mas conversar com ela era um exercício de paciência, e eu não estava muito

paciente nesse momento. Por isso, deixei a música cumprir seu papel.

Passamos pelas ruas escuras e sinuosas de Weslyn, e nos aventuramos em um bairro cercado por portões de ferro. As casas escondidas foram construídas no meio dos morros e mostravam toda sua grandeza enquanto olhavam para o resto de nós lá embaixo. Eu sabia que esta seria uma grande festa.

Casey diminuiu a música quando entramos na rua comprida. Os portões eletrônicos se abriram quando paramos em frente a eles. Ela olhou para mim cheia de expectativas.

– Você está brava? – perguntou ela, mordendo o lábio. Ela se preparava para a minha reação.

– Ah, não – respondi, olhando-a com desconfiança. – Por que eu estaria brava?

– Você nunca esteve aqui? – perguntou ela, surpresa.

Observei o castelo de pedras surgir à nossa frente à medida que avançávamos na larga estrada circular, que estava repleta de carros. Tinha até uma torre no centro, com asas sobre asas espalhadas dos dois lados. Aquela estrutura perfeita fora construída com grandes pedras redondas. Era impressionante, mas a fachada era fria.

– Eu me lembraria deste lugar se já tivesse vindo aqui. – Olhei embasbacada para o lugar. – Quem mora aqui?

Casey parou o carro e o entregou para que o manobrista o estacionasse.

– Drew.

Antes que eu pudesse reagir ela já estava fora do carro pegando o papel com um cara que usava um casaco preto.

Agora eu estava brava.

– Por que estamos na casa de Drew? Por que você achou que isso era uma boa ideia? E por que você me convidaria para vir aqui com você? – Empurrei a porta do carro para abri-la.

– Nossa – respondeu Casey. – Ele nunca dá festas e eu queria muito ver este lugar por dentro. Vamos embora em uma hora, certo? – Ela parecia um animal de estimação patético que tinha levado uma bronca por ter roído a mobília. Seus olhos azuis estavam grandes e

suas sobrancelhas inclinadas para baixo. Soltei um suspiro incomodado.

– Tudo bem, uma hora – resmunguei. – Mas não me deixe sozinha, certo?

– Prometo – cantarolou ela, toda animada de novo. Tão animada que até achei que ela pularia e bateria palmas.

Eu a segui passando por uma enorme porta de madeira com uma argola de ferro fundido tão grande quanto minha cabeça. Entramos no salão de entrada, com teto aberto, e uma grande mesa com um enorme arranjo floral estava centralizada no local.

Ainda não havia muitas pessoas. As pessoas pelas quais passamos poderiam ter vindo de qualquer lugar, pois eu nunca vira a maioria delas. Casey desfilava por ali, entregando seu casaco para alguém que estava atrás da porta do armário. Segui seus cachos soltos, mas ela virou em uma de duas salas e desapareceu.

Virei no canto, e o espaço se abriu no que deveria ser a sala íntima. Havia sofás de couro marrom-escuro encostados em uma parede. E uma estante artesanal polida, de aproximadamente seis metros, subia pela outra parede, exibindo livros e artefatos de várias formas e tamanhos. Grandes janelas arqueadas se espalhavam pelos dois lados da sala, e lá na outra ponta as luzes estavam suspensas em mastros, e piscavam em uma pista de dança. Alto-falantes altos e finos envolviam um cara que estava em pé na frente de um computador, com grandes fones de ouvido pretos, que ele balançava ao ritmo da música.

A sala estava praticamente vazia. Algumas pessoas estavam sentadas nos sofás e outras conversavam em sua volta. Mas Casey não estava ali.

– Onde é o bar? – perguntei, para a primeira pessoa que passou por mim.

– Lá embaixo. – A garota apontou e então seguiu suas amigas.

Havia um arco na parede, quase imperceptível, pois o salão tinha uma esquina. Entrei e encontrei largas escadas curvas que levavam para um calabouço, eu supus. Segui pelos degraus de madeira polida em torno das curvas e cheguei numa das maiores salas que já vira em minha vida. Havia várias mesas de sinuca, dois bares, sofás,

televisões, mesas de pebolim e uma tabela com cesta de basquetebol. Uma luz suave era filtrada pelas arandelas por toda a volta do perímetro das paredes de madeira.

Havia mais pessoas aqui embaixo do que lá em cima, mas ainda assim não estava lotado. Ou talvez o espaço fosse tão grande que eu não percebia o quanto estava cheio. Achei ter visto Casey no bar no fim da sala, e passei por vários grupos de pessoas para chegar até ela.

– Emma Thomas? – perguntou uma garota, atrás de mim. Eu me virei e encontrei um grupo de garotas com tops brilhantes segurando copos de Martini, boquiabertas. – Eu *nunca* imaginei ver você aqui. Isso é loucura.

Olhei para todas as garotas e não reconheci nenhuma delas.

– Nos formamos há dois anos – disse a loirinha baixinha, quando ficou evidente que eu não sabia quem elas eram.

– Ah, oi – disse eu, sem ter nada melhor para dizer.

– Como você está? – perguntou a garota, com cabelo preto cacheado e cheia de batom vermelho.

– Ah... – gaguejei, sem acreditar que elas realmente se importavam, mas decidi responder: – Estou ótima, obrigada. Na verdade, estou procurando por Casey Straus. Vocês a viram?

– Não – respondeu ela, em tom de desculpas. – Mas vamos nos falar mais tarde, pode ser?

– Com certeza. – Forcei um sorriso enquanto elas acenavam e iam embora.

No que eu havia me metido?

Eu me virei para o bar novamente, mas os cachos loiros desapareceram. Eu me joguei em um dos bancos, pois não queria passar o resto da noite procurando por ela. Depois de algum tempo percebi que era melhor enviar uma mensagem de texto a ela e encontrá-la onde quer que ela estivesse.

– Como posso ajudar você? – perguntou o cara que usava um oxford branco e que estava atrás do bar. Não consegui acreditar que havia um bartender de verdade. Acho que já tinha me esquecido do manobrista.

– Algo com cafeína – pedi. Quando ele pegou uma garrafa de bebida eu especifiquei: – Sem álcool. – Ele balançou a cabeça e me entregou um Mountain Dew.

Olhei por cima dele para a tela suspensa acima do bar e me ocupei com as chamadas de basquetebol para que não precisasse conversar com pessoas que eu não conhecia. Ou com pessoas que eu conhecia...

– Eu disse a ele, “Você é um idiota e vai desejar estar morto”.

Não sei porque me virei. Talvez porque ele tinha uma daquelas vozes detestáveis que se destacavam numa multidão, atraindo atenção. Foi quase um instinto, como se tivesse ouvido a buzina de um carro e tivesse me virado para ver quem buzinaava enquanto o carro estava quase me atropelando.

Jay ficou boquiaberto.

– Merda, Emma. Eu não sabia que você estava aqui. Desculpe. Eu não quis dizer nada com isso.

Levei um tempo para entender sobre o que o chato do melhor amigo do Drew falava. Quando entendi, virei meus olhos com um gemido e saí do banquinho. Passei por ele e pelos olhares de espanto que o cercavam.

Havia um fluxo contínuo de pessoas descendo as escadas e então fui para o outro lado da sala, com a cabeça abaixada. Encontrei uma porta de correr que levava para um pátio de pedra ao lado do outro bar. Destranquei e abri a porta antes que qualquer outra pessoa pudesse dizer mais alguma coisa para mim.

Eu não sabia por que eu continuava vindo para estas festas. Soltei uma nuvem de frustração no ar gelado e coloquei minhas mãos dentro dos meus bolsos, tentando decidir o que fazer em seguida.

Peguei meu telefone e percebi que ainda faltavam insuportáveis quarenta e cinco minutos para irmos embora. Procurei no escuro, tentando encontrar um caminho que levasse para a frente da casa. Talvez o manobrista me deixasse ficar sentada no carro de Casey enquanto esperava por ela.

O pátio era ligado a uma calçada de pedra que estava sem neve. A calçada se ramificava. Um caminho levava para uma piscina, coberta por um plástico azul para proteger da neve, e o outro levava

a uma construção comprida com acabamento em madeira escura. Era possível ver luz saindo pelas pequenas janelas que se alinhavam com o topo das altas paredes.

Eu me aproximei da porta, apenas para dar uma olhada, mas quando a abri fui puxada para dentro. Senti o aroma inconfundível de tinta fresca no chão, com um pouquinho de borracha. Não fiquei surpresa ao descobrir uma quadra coberta de basquete no quintal de Drew, mas eu não conseguia entender por que ele nunca contara sobre isso.

A quadra estava vazia, e aquele era o refúgio perfeito no qual eu me esconderia pela próxima meia hora ou mais. Abri meu casaco e sentei-me em um banco. Linhas pretas perfeitas emolduravam a quadra, e dois bancos para os times estavam colocados em um lado. Um placar profissional ficava pendurado no alto da parede em um lado da quadra. Havia até mesmo uma porta que dava em uma sala de armários em um dos cantos. Eu ri, sacudindo minha cabeça. Isso era inacreditável.

Tirei meus sapatos de sola preta e caminhei para a quadra, olhando para as bolas que estavam ao longo da linha de base. Peguei uma e comecei a driblar em direção à linha de falta. Alinhada com a cesta, soltei a bola, que bateu pelo lado de fora e então entrou pelo aro laranja. Deslizei meus pés no chão para o rebote, e então driblei de novo para uma outra jogada.

Continuei meu trabalho pelo perímetro observando os minutos passarem no relógio colocado atrás da cesta. Quando a porta bateu eu parei com a bola pronta na palma da minha mão. Eu me virei.

– Achei que a encontraria aqui – disse Drew, com um sorriso suave, suas covinhas aparecendo um pouquinho. – Não esperava que você estivesse na festa.

– Desculpe – disse eu. Meu corpo todo sendo tomado por um suor de nervoso.

– Não, tudo bem – assegurou-me ele, andando em minha direção.
– Só fiquei surpreso quando ouvi que você estava aqui. Nada demais.

Drew usava um suéter azul-claro que realçava a cor de seus olhos e fazia com que parecessem o reflexo das águas das piscinas. Seu

cabelo preto estava repartido para o lado, e ele estava mais arrumado do que o estilo de surfista que eu me lembrava. Mas que poderia ser facilmente despenteado para se assemelhar ao estilo do passado.

– Onde está Sara? – perguntou ele.

– Em Cornell – respondi.

– Então, com quem você veio? Sei que não foi com Evan – zombou ele.

– Com Casey – respondi, percebendo o tom de brincadeira dele. Ele balançou a cabeça.

Eu balancei a bola no meu quadril, tentando pensar na melhor maneira de sair sem que a situação ficasse ainda mais desconfortável.

– Quer jogar? – propôs ele, com as mãos para cima.

– Por que não. – Joguei a bola para ele. Achei que não tinha problema fazer isso, pois eu ia embora em alguns minutos mesmo.

Ele driblou mais perto e saiu para uma jogada, a bola escorregou pela rede com facilidade. Eu me virei para pegar a bola e joguei de volta para ele para uma nova tentativa. Ele deu alguns passos para a direita e fez a jogada.

– Parabéns pela vitória no campeonato estadual de futebol, de novo, neste ano – disse Drew, aceitando a bola de novo.

– Obrigada – respondi, me concentrando nos rebotes para que meus nervos não tirassem o melhor de mim.

– Ouvi dizer que o time feminino de basquetebol também é muito bom – continuou ele, acertando todas as jogadas que fez.

– Sim, temos um bom time.

Ele jogou a bola de volta em minha direção, permitindo que eu arremessasse algumas vezes. Driblei para a marcação dos três pontos e deixei a bola ir, cravando-a na rede.

– Bom. – Ele jogou a bola para mim. Dei um passo à frente para pegá-la e me ajeitei para a jogada; ela saltou para fora da tabela e então entrou na cesta.

– Boa bola, hein? Digna de Syracuse. – Eu me concentrei no basquete, sem olhar para ele enquanto eu falava.

– Por que nunca soube que eles escolheram você? É uma notícia muito legal.

– Na verdade, ninguém sabia – respondeu ele. Sua indiferença me pegou de surpresa. Hesitei, lançando-lhe um rápido olhar, antes de fazer uma jogada. – Eu não quis chamar atenção com a notícia. O meu pai já faz isso por nós dois. Além disso, este ano não estou competindo, e por isso não estou jogando muito.

– Certo. – Balancei a cabeça ainda sem entender como a escola toda não ficou sabendo que ele era um candidato quando o observaram durante o primeiro ano. E fiquei me perguntando o quanto o basquetebol realmente era importante para ele, já que, obviamente, era muito importante para o pai dele. Eu me posicionei para arremessar. Drew se moveu rapidamente com a intenção de tirar a bola das minhas mãos. Bati a bola, e quando sua mão mergulhou para pegá-la, joguei a bola para cima e fiz a jogada.

– Bela tentativa – zombei dele, correndo para fazer o rebote. Drew correu atrás da bola e trombou em mim. Ele foi mais rápido, pois tinha a vantagem do sapato.

Ele sorriu convencido e driblou a bola de volta. Assumi uma postura defensiva na frente dele. Ele fez um movimento para dentro e eu o segui de perto. Pulei quando ele soltou a bola. Mas ela passou pelos meus dedos e entrou na cesta.

– Sorte – disse eu.

Minha ansiedade desaparecia a cada jogada. Drew tirou o suéter e por baixo ele usava uma camiseta verde com desenho de surf. Estava começando a suar e por isso também tirei o meu suéter e o coloquei ao lado do dele, no banco. Quando me virei novamente para a quadra, Drew abaixou seus olhos para olhar meu top branco. Ignorei o pequeno sorriso em seu rosto.

Ele mandou a bola de volta para mim e eu driblei, decidindo por onde me movimentar.

– Por que nunca jogamos antes? – perguntou ele, levantando a mão para tentar roubar a bola de mim. Eu virei para bloqueá-lo com meu ombro, e soltei uma risada.

– Sei lá – respondi. Eu me virei para fazer uma jogada rápida por cima dele e arremessei com facilidade para a cesta. – Por que você

nunca me contou que tinha uma quadra de basquetebol no seu quintal?

– Foi um presente de formatura – explicou ele. Balancei a cabeça demonstrando entendimento. Eu sabia que não estávamos nos falando e também que não estava em condições de jogar basquete quando ele se formou, em junho do ano passado.

– Não posso jogar de meias – disse eu, depois de escorregar atrás da bola. – Vamos jogar descalços.

– Tudo bem – concordou Drew, tirando os sapatos e as meias.

Continuamos a partida de um contra um e o jogo foi se intensificando a cada rebote e pontuação. Eu o empurrei para me esgueirar sob a cesta, e ele me deu algumas cotoveladas para ganhar espaço e pular. Eu não sabia dizer quem estava ganhando. Não estávamos marcando os pontos.

Pulei para fazer uma jogada de três pontos e Drew chegou atrasado para bloquear, me empurrando com seu ombro. Caí de mal jeito em cima do meu pé direito e meu tornozelo falhou com a pressão. Deitei no chão.

Coloquei meu joelho no meu peito, segurei meu tornozelo e respirei através de meus dentes cerrados.

– Desculpe. – Ele se inclinou ao meu lado. – Você está bem?

– Sim – respondi, analisando o estrago. – Só caí de mal jeito.

– Seria péssimo se eu machucasse a capitã do time tão perto do jogo... – Sua frase foi interrompida quando seus olhos viram minha cicatriz. – Ah, Em. Você está bem? Mesmo?

– Sim, estou bem – tentei responder suavemente, minimizando a tensão em minha voz. Ele me deu sua mão e me puxou devagar até eu ficar em pé. Testei meu peso e fui mancando até o banco.

– Vou pegar um pacote de gelo. – Antes que eu pudesse recusar, ele já corria para o vestiário. Drew voltou um minuto depois com uma sacola de plástico branca, torcendo-a para iniciar o processo de resfriamento. Coloquei minha perna no banco e a sacola em cima do meu tornozelo.

– Vou ficar bem – insisti, um pouco incomodada com a preocupação dele. – Além disso, você não está dando uma festa, ou algo assim? Você não precisa tomar conta de mim.

Ele sorriu.

– A festa não precisa de mim. E eu gostaria de ter cuidado melhor de você quando estava comigo.

Suas palavras me fizeram parar de respirar, e eu continuei em silêncio.

– O que eu quero dizer é que sinto muito – disse ele, suavemente, sentando-se na ponta do banco, perto do meu pé, segurando a sacola de gelo. – Fui um imbecil naquela festa e eu gostaria de poder voltar atrás. Então eu só... eu só queria que você soubesse que sinto muito.

Eu engoli, já que esta parecia ser a única coisa que era capaz de fazer. Encontrei seus olhos e a sinceridade brilhava em seu tom tranquilo. Eu não sabia o que dizer. Mas acreditava nele.

Desviei meu olhar dele e olhei para o relógio na parede.

– Merda. Estou atrasada.

– O quê? – perguntou Drew, que não esperava meu pânico.

– Eu deveria ter encontrado Casey há cerca de uma hora. Sou uma idiota.

– Ela ainda deve estar na festa – assegurou ele.

Tirei meus pés debaixo da mão dele e coloquei minhas meias e meus sapatos. Meu tornozelo estava sensível, mas eu já sentira dores piores. Peguei meu casaco e caminhei em direção à porta.

– Espere – Drew me chamou. Ele pegou seu casaco e calçou os sapatos.

Peguei meu telefone no bolso para ligar para ela e vi que havia cinco ligações perdidas, três delas de Casey. E uma série de mensagens de texto. Eu sorri.

Na última mensagem li: *Não faço a menor ideia de onde você está, mas fui embora. Estou em outra festa, do outro lado da cidade. Ligue se precisar de carona.*

– Ótimo – resmunguei.

– O que aconteceu? – perguntou Drew, amarrando seus sapatos atrás de mim.

– Ela foi embora. E agora, o que vou fazer?

– Você quer ir embora? – perguntou ele, enquanto ficava em pé e escorregava os braços para dentro do suéter antes de passá-lo pela

cabeça.

– Sem ofensas, tenho certeza de que a festa está ótima, mas...

– Entendi. Eu levo você embora.

– Você não pode sair da sua própria festa – disse eu.

– Eles ainda não sentiram minha falta. – Ele sorriu com ironia. –

Não tomei mais do que uma cerveja, e não posso falar isso de mais ninguém na festa a não ser você. Você ainda não bebe, não é? – Balancei minha cabeça.

– Então, deixe-me levá-la para casa.

Respirei fundo para poder decidir.

– Tudo bem.

Segui Drew até a casa para que ele pudesse pegar suas chaves. Passamos pela multidão, que crescera bastante durante nossa ausência.

– Onde você estava? – perguntou uma garota, com cabelo longo e loiro que usava um top sem alças, para Drew quando nos aproximamos das escadas.

– Eu estava aqui – respondeu ele, sem olhar para ela. – Já volto.

– Passamos e evitei os olhares que me seguiram escada acima.

Um homem todo vestido de preto estava em pé no topo das escadas. Parecia que ele nos pararia, mas então reconheceu Drew.

– Boa noite, Sr. Carson.

– Oi, Frank – cumprimentou-o Drew. – Alguém está causando algum problema?

– Ninguém com quem não consiga lidar – respondeu a figura musculosa. Percebi um piercing na sua orelha. Ele puxou um pequeno microfone no seu colarinho e conversou com alguém.

– Você eleva o nível das festas – observei e continuei andando pelo longo e amplo hall.

– Eu sei o que pode acontecer quando algo dá errado – respondeu Drew, que parou na porta. Eu permaneci parada quando ele a abriu.

– Você pode entrar se quiser.

– Não – respondi rapidamente. – Vou esperar no hall.

Drew sorriu e entrou em seu quarto. Ele voltou alguns minutos depois com um casaco e com as chaves na mão. Descemos uma

outra escada no outro lado do hall, onde havia outro homem vestido de preto posicionado no topo.

– Volto logo – disse Drew para o segurança.

– Não se preocupe. Está tudo sob controle – respondeu o homem.

As escadas levavam a um saguão perto de um lado da entrada, afastado das pessoas da festa. Desaparecemos sem que ninguém percebesse. Sua SUV estava estacionada ao lado da casa, e pudemos sair com facilidade.

– Obrigada por me levar para casa – disse eu, ao prender o cinto de segurança.

– Sem problemas – respondeu ele, ligando o carro.

Ficamos quietos durante a maior parte do caminho. Tive medo de dizer qualquer coisa, pois não queria começar uma conversa que não estava preparada para ter. Enquanto ele me levava, olhei para os lados sentindo um pânico repentino.

– Onde estamos indo? – perguntei, ansiosa.

– Para a sua... ah, merda.

Meu coração batia tão rápido que não conseguia recuperar o fôlego. Ele abriu a boca para pedir desculpas. Ele parou o carro no estacionamento da cafeteria, que já estava fechada.

Eu fechei meus olhos, tentando me recompor.

– Não acredito que fiz isso – disse Drew, balançando a cabeça. Ele saiu com o carro me afastando da casa. – Onde você mora agora?

Expliquei a Drew o caminho para a casa da minha mãe, que ficava na Rua Decatur, e então comecei a respirar melhor à medida que nos distanciávamos daquele lugar.

Drew estacionou na garagem, atrás da caminhonete de Jonathan. Colocou o carro no ponto morto e se virou para mim.

– Foi bom ver você – disse ele.

– Foi mesmo – respondi, soltando o cinto.

– Ei – disse ele, me impedindo de alcançar a maçaneta. – Eu gostaria de ter sabido. – Olhei para ele e deixei que continuasse, embora soubesse que não deveria deixar. – Você sabe, sobre o que você estava passando – explicou ele, suavemente.

Senti uma pontada quando meus nervos se cravaram em mim. Fechei meu corpo determinada a não deixar que suas palavras me afetassem.

– Sei que fui um idiota algumas vezes, mas realmente me importava com você.

Essas palavras me pegaram de surpresa, e senti um calor tomar conta de mim.

– Eu sei.

– Tentei visitar você quando estava no hospital – confessou ele. – Mas os policiais não me deixaram entrar. Realmente sinto muito, Emma. Por tudo.

Dei um leve sorriso.

– Obrigada, Drew. Não era só você quem não sabia. Ninguém sabia.

– Você acha que posso ligar algum dia? – perguntou ele, devagar. – Tipo, para mantermos contato?

– Foi bom ver você também, Drew – disse eu, sem responder. – Mais uma vez, obrigada pela carona. – Saí do carro. Ele esperou na garagem até eu abrir a porta da frente. Não olhei para trás, apenas fechei a porta.



16. Pronta?

Eu tirei os fones dos meus ouvidos e coloquei a revista ao meu lado na cama quando ouvi a batida na minha porta.

– Oi. – Minha mãe sorriu enquanto abria a porta. – Posso entrar?

– Claro – respondi, sem saber ao certo o motivo de ela parecer nervosa. Então percebi o porta-retratos em sua mão.

– Eu queria dar isso a você – disse ela, colocando o porta-retratos em cima da minha escrivaninha, ao lado do cartão de Natal de Leyla e Jack. Eu me mexi na cama para conseguir olhar melhor. – Achei melhor deixar com você já que este é o único que sobreviveu ao meu ataque.

Era a foto de meu pai me carregando em seu ombro, e sorrindo orgulhoso. Eu estava sorrindo, vestia um uniforme de futebol e segurava um troféu. Minha boca se levantou quando enxerguei a imagem.

– Obrigada.

– Ele adorava ver você jogando futebol – disse ela. Examinei a foto, mas não consegui dizer de quando ela era. Eu parecia ter por volta de cinco ou seis anos. Talvez fosse pequena demais para me lembrar. – Você entende o motivo de eu não ter fotos dele pela casa, não é? – perguntou ela, timidamente. Balancei a cabeça. – Mas isso não significa que você não possa ter.

Eu não sabia o que dizer. Era óbvio que fora um grande esforço para ela me entregar isso. E eu queria dizer o quanto aquilo significava para mim. Talvez devesse tê-la abraçado. Mas apenas ficamos ali em pé, sem jeito, com dificuldade até para olhar uma nos olhos da outra, não nos tocaríamos.

– Então, como foi a festa? – perguntou ela, finalmente, quebrando a tensão emocional.

– Ah, foi uma festa. – Suspirei indiferente.

– Alguém disse alguma coisa sobre seu suéter? – perguntou ela.

– Ah, não! – disse eu, balançando minha cabeça.

– O quê? – perguntou ela, alarmada.

– Esqueci o meu suéter – expliquei, chateada comigo mesma. – Não acredito que esqueci meu suéter.

– Você não pode ir lá buscar? – perguntou ela, sem entender meu dilema.

– Bom, a festa foi na casa do meu ex-namorado. Por isso não acho que esta seria uma boa ideia.

– Na casa do seu ex-namorado? – soltou minha mãe, com as sobrancelhas levantadas. – Evan sabe que você foi lá?

Pressionei meus lábios fechados me sentindo culpada.

– Não. E eu não estou ansiosa por lhe contar.

– Boa sorte com isso – zombou ela, de leve, balançando a cabeça.

– Ah, obrigada – respondi. Meu estômago estava revirado com a ideia de contar a Evan que eu tinha ido à casa de Drew, e também de contar a ele que Drew me trouxera para casa.

– Isso faz com que eu me sinta melhor. Desculpe. – Riu ela.

– Prontas? – Jonathan gritou do hall.

– Para o quê? – perguntou minha mãe, confusa quando pistolas de água vermelhas e roxas foram jogadas na minha cama.

Jonathan apareceu na porta, armado com uma pistola azul.

– Para isto. – Ele sorriu maliciosamente e soltou um jato de água.

Corri em direção à cama quando ele atirou em nós novamente. Minha mãe gritou e gargalhou.

– Ah, você vai ver só uma coisa – ela gritou, pegando a arma vermelha e perseguindo-o pelas escadas, atirando durante todo o caminho.

Segurei a outra pistola e fui atrás deles, perdendo Jonathan de vista quando minha mãe correu para a cozinha para se esconder. Fui com a arma na minha frente, apontando para a sala de estar, mas ele não estava lá.

Eu me virei e voltei para o vestíbulo. Minha mãe pôs a cabeça para fora no hall escuro que levava para a porta do porão. Antes que pudesse reagir Jonathan surgiu do escuro e agarrou minha arma, colocando-me na frente dele quando minha mãe surgiu vindo da cozinha, pronta para atirar.

Jonathan colocou seus braços em volta de mim, provocando minha mãe para que ela atirasse.

– Você está me usando como um escudo? – acusei, enquanto ele mexia a pistola, virando-a da minha mãe para mim, pronto para atirar em quem se mexesse primeiro.

– Ela não vai atirar em *você* – explicou ele, me levando para fora do vestíbulo enquanto minha mãe andava em círculo tentando uma posição para atirar.

– Sinto muito, querida – disse minha mãe, apontando a pistola para a minha cabeça.

– Mãe? – Meus olhos se arregalaram sem acreditar. Então percebi os olhos dela olharem para o chão, e naquele segundo escapei dos braços de Jonathan e caí no chão, enquanto ela atirava nele. Eu me virei e comecei a atirar água nele também.

Jonathan levantou a mão para se proteger enquanto atirava em nós também. Nenhum de nós tinha a intenção de recuar, e ríamos quando a água caía em nós até que a água das nossas pistolas acabou.

– Hora de recarregar – disse Jonathan, com as mãos levantadas em sinal de rendição.

Minha mãe pegou minha arma quando me sentei nas escadas para secar meu rosto, ainda sorrindo.

– Certo, temos um ponto de partida – instruiu minha mãe, alguns minutos depois, quando me entregou de volta a pistola cheia de água. – Jonathan, você precisa ficar vinte minutos na cozinha antes de vir para cá. Pronta, Emily?

Balancei a cabeça. Jonathan olhou para nós com desconfiança antes de voltar da cozinha.

– Rápido – sussurrou ela. – Suba as escadas.

Subi as escadas correndo, com ela logo atrás de mim. Escondi-me atrás da porta do banheiro e ela se deitou no chão do corredor,

pronta para atacá-lo quando ele subisse as escadas.

– Pronta? – perguntou ela, olhando para mim. Achei ter ouvido uma batida na porta, mas não podia ter certeza ali de onde estava.

– Espere, você não pode sair – gritou minha mãe quando a porta se abriu. Ela apareceu e começou a atirar naquela direção antes mesmo de ficar em pé. Eu saí do banheiro e a segui. Mas ela havia parado. Ela estava paralisada no topo da escada e sua mão tampava sua boca.

– Eu sinto muito – disse ela. Eu a segui horrorizada e encontrei Evan no pé da escada com água caindo por sua testa e nariz, atordoado e confuso.

Abri minha boca chocada e então caí na gargalhada.

– O que você fez? – perguntou Jonathan, do lado da porta.

– Esta não é a melhor maneira de cumprimentar alguém.

– Evan, achei que você era Jonathan tentando fugir – explicou minha mãe, rapidamente, com o rosto bastante vermelho. Balancei minha cabeça, ainda rindo, enquanto descia as escadas.

Evan limpou o rosto com a manga de seu casaco.

– Tudo bem. É só água. – Ele olhou para mim com seu sorriso divertido. – Você está rindo? Você achou isso divertido, não é? – Eu reconheci aquele olhar.

Antes que eu pudesse me virar para subir as escadas e fugir ele já havia passado os braços em volta da minha cintura e eu não estava mais pisando no chão.

– Não, Evan. Não faça isso – implorei. Eu não fazia a menor ideia do que ele pretendia fazer, mas sabia que eu estava no meio disso. Jonathan parecia estar entretido, mas minha mãe se mexia atrás de nós.

– O que você vai fazer? – perguntou ela, observando ele me arrastar até a cozinha.

– Mãe, socorro. – Meus apelos se transformaram em gargalhadas. Tentei fugir quando uma de suas mãos me soltou para ligar a torneira. – Evan!

Ele ligou a torneira e encharcou minha cabeça quando consegui me livrar. Minha mãe e Jonathan se esconderam atrás das duas

portas para sair do caminho. Quando consegui estar fora do alcance dele já estava encharcada.

– Agora sim, *isto* é engraçado. – A risada de Evan foi acompanhada pela risada de Jonathan e de minha mãe.

– Obrigada pela ajuda – disse eu, olhando para minha camiseta ensopada.

– Ajuda? E ficar ensopada como você? – Riu minha mãe.

– Muito bem, Evan – disse Jonathan. – Na próxima vez você estará no meu time. – Sacudi a cabeça e subi as escadas.

Voltei alguns minutos depois com uma camiseta seca e com meu cabelo molhado penteado para trás. Evan ajudava a secar a água na cozinha.

– Você errou o alvo – brinquei.

Ele se virou para mim e sorriu, vendo meu cabelo molhado.

– Não, não errei.

– Ah, você é tão engraçado – disse eu, rolando meus olhos. – Pronto para ir?

– Onde vocês vão? – perguntou minha mãe, ao pegar a toalha molhada de Evan.

– Para a casa de Evan.

– Sério? – perguntou Evan, claramente sem saber do plano.

Balancei a cabeça.

– Certo. Vamos para minha casa, então.

– Volto mais tarde – disse eu, pegando meu casaco no armário.

– Boa sorte – disse minha mãe, fazendo com que eu hesitasse antes de sair, entendendo o que ela queria dizer. No final, talvez devêssemos ter ficado.

– Você está bem? – perguntou Evan, quando viu a expressão no meu rosto.

– Sim – murmurei. – Achei que tinha esquecido alguma coisa – resmunguei e andei até a varanda. – Mas, infelizmente, não esqueci.

– Você não queria ficar aqui? – perguntou Evan, quando entramos no carro. – Parecia que vocês estavam se divertindo.

– Sim – disse eu, distraída. – Mas não o vi a semana toda. Por isso queria ficar sozinha com você. Ou achei que quisesse.

Quando chegamos à casa de Evan meu estômago começou a virar a ponto de me deixar nauseada.

– Você está bem? – perguntou ele de novo, observando-me quando entrou na sala de TV. Eu podia imaginar como devia estar pálida.

– Não – soltei, antes mesmo de tirar meu casaco. Soltei uma respiração profunda e confessei o que ensaiara milhares de vezes na minha cabeça durante o caminho da minha casa até a casa dele. – Você vai ouvir isso amanhã. Por isso vou contar a você. – Torci minhas mãos enquanto ele se encostou na parte de trás do sofá, esperando. – Fui a uma festa na casa do Drew. Eu não sabia que estávamos indo lá, e nunca teria ido se soubesse aonde íamos. Sinto muito.

Deixei que o choque tomasse conta dele, mas sua boca se curvou e a expressão de preocupação em seus olhos desapareceu.

– Por que você está olhando desse jeito? É só isso? – perguntou ele, imperturbável.

– Sim, quero dizer, não – respondi, me sentindo culpada e sem entender sua expressão cômica. – Ele acabou me levando para casa porque Casey foi embora. Mas nada aconteceu, eu juro.

– Eu sei – respondeu ele, tirando o casaco e colocando-o na parte de trás do sofá.

Eu o observei sem entender por que ele parecia tão calmo enquanto os nervos no meu estômago estavam prestes a me devorar.

– Você sabe?

Ele ficou em pé na minha frente com as mãos na minha cintura.

– Emma, eu confio em você. Não fico pensando em que festa você vai ou na casa de quem, mesmo que seja na casa de Drew. Ele a tratou mal?

– Não – respondi, ainda chocada.

– Que bom – disse ele, me dando um beijo na cabeça. Ele continuou a caminho da mesa de sinuca e começou a tirar as bolas das caçapas.

Sacudi minha cabeça.

– De onde você surgiu?

– O quê? – Ele riu.

– Como é que acabei ficando com você? Quero dizer, minha vida é tão complicada e então... – Continuei balançando minha cabeça espantada. – E então você apareceu. Você é muito melhor do que eu poderia querer.

– Eu não sei do que você está falando – respondeu ele, juntando as bolas de bilhar com um sorriso. Enquanto eu ainda estava boquiaberta com a situação, ele veio em minha direção e passou os braços em volta de mim. – A maior parte da sua vida não foi você quem escolheu. Você não escolheu quem seriam seus pais, não decidiu que seu pai morreria quando você ainda era pequena, e que você terminaria morando com... – Sua boca fechou um pouco e ele não conseguiu terminar. – Não foram escolhas suas. Você se dedica totalmente às coisas que você escolheu. Como você faz com a escola, com os esportes, e como você protege as pessoas com quem você se importa. E você me escolheu.

Senti um calor dentro do meu peito. Foi difícil para mim olhar para os olhos dele.

– Então, sua vida *não* é complicada. – Evan parou de falar e colocou sua testa na minha forçando-me a olhar para ele. – Na verdade, você fez um excelente trabalho com a sua vida. – Ele me beijou gentilmente e me puxou para perto dele.

– Eu amo você – murmurei no peito dele, segurando-o com força. Inclinei minha cabeça para trás e encontrei seus olhos azuis.

– Isso eu também sei. – Sorriu ele, me deixando boquiaberta.

– Que bom – respondi, empurrando-o. Ele segurou minha mão e me puxou de volta para perto dele.

– Eu também amo você – sussurrou ele, antes de inclinar a cabeça em minha direção.

Fechei meus olhos e senti o calor da sua respiração em meus lábios um pouco antes de ele pressioná-los contra os meus. Respirei fundo ao tocá-los e a agitação tomou conta do meu peito. Ele passou a mão na parte de trás do meu pescoço, e sua boca se deslizava em meus lábios entreabertos.

Meu coração acelerou e minha respiração ficou mais rápida quando o puxei para perto de mim. Ele abriu e tirou meu casaco,

colocando-o na mesa. A tentação de seus lábios passando pelo meu pescoço capturou minha respiração quando pulei para o lado da mesa de sinuca e passei minhas pernas em volta dele.

Ele passou as mãos por baixo de mim e me levantou, balançando-me enquanto caminhava até o sofá. Nos beijávamos freneticamente. Meu corpo todo pulsava. Ele me deitou no sofá e depois deitou em cima de mim.

Passei minhas mãos por baixo de seu suéter, e ele se afastou para removê-lo. Eu me sentei para passar minha boca pelas linhas duras de seu peito antes de tirar minha camiseta. Evan pegou um cobertor na ponta do sofá para nos cobrir e eu coloquei minha mão em sua cintura.

Meu pulso acelerado provocou um calor que tomou conta de mim. Escorregamos pelas fronteiras, soltamos as amarras, deslizamos por baixo do tecido. Nossos lábios roçaram em uma troca sem fôlego.

Nossas bocas se apertaram com mais força e nossa respiração se acelerou à medida que nossas mãos escorregavam pelas curvas. Ele respirou rapidamente com a minha carícia. Seu coração batia na minha pele nua. Sua respiração se acelerou e seus músculos se flexionaram, a tensão tomava conta de seu corpo enquanto ele gemia em meu ouvido. Eu estava ofegante quando ele me encontrou, e fechei meus olhos. Senti uma excitação em minha pele quando ele me tocou suavemente. Eu me contorcia com a sensação crescente até que me soltei com um suspiro alegre.

Evan puxou o cobertor em volta de nós, respirando profundamente.

– Uau.

– É. – Respirei, ainda sem conseguir me concentrar muito bem. Eu me aninhei em seu braço e deitei minha cabeça em seu peito, colocando minha perna sobre a dele. – Posso perguntar uma coisa?

– Qualquer coisa – disse ele, passando sua mão quente nas minhas costas.

– Quando vamos fazer amor?

– Ah... – Evan riu. – Não esperava *esta* pergunta.

Levantei minha cabeça para olhar para ele.

– Não estou dizendo que não gosto do que acabamos de fazer. Mas...

– Eu sei. – Sorriu ele. – Vamos fazer amor. É um acontecimento especial e não quero fazer isso no sofá da garagem ou no banco de trás de um carro. Quero que seja como deve ser.

– E se for terrível? – Coloquei meu queixo em seu peito. – Não sei como fazer. Você quer que seja aquele momento épico, e acho que vou fracassar feio.

– Você é ridícula – disse Evan, com uma pequena risada. – Eu não estou preocupado. – Ele respirou com calma e repetiu: – Acredite em mim. Não estou preocupado. – Ele colocou a mão embaixo do meu queixo para me puxar e me dar um beijo.

Embora Evan não estivesse preocupado com minhas proezas sexuais, *eu* estava. Não importava o quanto tentasse não deixar que isso me consumisse. Eu só conseguia pensar nisso. Apenas esperava o dia em que isso aconteceria desde, bem... sempre.

Meu telefone tocou enquanto eu estava deitada na minha cama tarde naquela noite, esperando que Sara respondesse minha mensagem de texto. Apertei o botão *Atender* rapidamente.

– O que aconteceu? – perguntou Sara, antes que eu pudesse falar oi.

– Como foi em Cornell? – perguntei, me arrependendo imediatamente por ter enviado a mensagem para ela.

– Cala a boca, Em – respondeu Sara. – Sua mensagem dizia que você precisava da minha ajuda. O que aconteceu?

Depois de me recompor, finalmente disse:

– Sara, eu quero transar.

– Bom, claro que você quer – respondeu ela, como se eu tivesse dito a coisa mais óbvia do mundo.

– Mas e se eu não me sair bem?

Sara começou a rir histericamente. Desliguei o telefone. Ela me ligou de volta dez segundos depois.

– Desculpe – disse ela, com calma. – Você está falando sério. Achei que você estava tendo um dos seus episódios delirantes. – Eu não disse nada.

– Emma, Evan e você se amam. Por isso, não há nada errado em transar com ele. Mas eu darei algumas dicas se você quiser.

Soltei uma risada nervosa, curta. A ansiedade fazia meu estômago se contorcer.

– Talvez.

– Não se preocupe. Não vou desenhar diagramas ou algo parecido. Ah, ou talvez eu devesse desenhar.

– Sara!

– Emma, não se atreva a ficar envergonhada ao falar sobre isso – ralhou ela. – Não sou *eu* quem está falando para alguém transar ou não transar. Mas se você não consegue nem mesmo conversar sobre isso comigo, então talvez você não esteja pronta. Eu sei que isso significa muito para você. E você, acima de todas as pessoas, precisa estar emocionalmente preparada para isso.

– Eu sei – respondi. – Quero dizer, estou pronta. Acho que estou. O que você quer dizer com “emocionalmente preparada”?

– Bom, você não confia em... ninguém, na verdade. Você mal confia no Evan e em mim. E fazer amor significa confiança. Você não pode voltar atrás depois de ter feito, e isso a deixa completamente vulnerável emocionalmente. Você confia totalmente e completamente nele, não é?

– Claro – respondi, automaticamente. – Como poderia não confiar em Evan? Principalmente depois de tudo o que passamos.

– Emma – disse Sara. – Você confia nele? Não importa o que acontecesse em sua vida, fosse algo complicado e pessoal, você contaria a ele?

Não sei por que hesitei, mas uma sensação de pânico tomou conta de mim ao pensar em ser completamente aberta com *qualquer pessoa*, até mesmo com Evan.

– Sim – respondi, sem muita convicção.

– Foi isso o que pensei – disse ela, prestando atenção no vacilo de minha voz. – Não estou dizendo para você não transar. Eu quero que você faça isso. É maravilhoso. Apenas quero que você passe por isso tendo completa consciência do que acontece com você depois que coloca suas roupas de volta.

– Obrigada. – Suspirei, sentindo-me um pouco mais leve. – Vejo você pela manhã?

– Sim – respondeu ela, com entusiasmo. – Tenho tanta coisa para contar! – Nos despedimos e desligamos o telefone.

Fiquei olhando para o teto, contemplando a confiança. Evan era a pessoa mais confiável que eu conhecia. Eu acreditava nele, e sabia que ele sempre estaria lá para me ajudar. Mas quando Sara perguntou se confiava o suficiente para lhe contar meus segredos mais pessoais, fiquei engasgada.

A vulnerabilidade de deixar alguém, *qualquer pessoa*, entrar na escuridão que eu mesma não conseguia encarar, era impensável. Não era porque eu não confiava em Evan. Eu não queria revelar isso a ninguém, nem mesmo a mim.

Afinal, havia um motivo para serem segredos.



17. Maluca

Sara parecia estar pronta para despejar o que fosse que ela precisava me contar assim que me viu na manhã seguinte. Ela estava realmente brilhante. Mas a primeira coisa que fez foi me esmagar com seu ombro.

– Ei – gritei. – Por que você fez isso?

– Por você ter ido à festa de Drew e ter estimulado a fofoca quando deixou que ele a levasse para casa.

– Ah. – Eu me encolhi sentindo-me culpada. – Não foi nada demais. Não aconteceu nada.

– Eu sei. Mas as pessoas desta escola são idiotas. Se você não quer que eles falem sobre você não faça algo que vai fazer com que eles falem.

– Não tem importância – disse eu. – Eles vão sempre falar sobre mim, mesmo que fique parada o dia inteiro.

Sara riu.

– Provavelmente você está certa.

– Já terminamos com este assunto? – perguntei, um pouco incomodada. – Você não vai me contar sobre a sua semana?

Sara não se conteve. O que ela não conseguiu contar antes da nossa primeira aula ela continuou contando no almoço. Não acho que Evan tenha ficado muito emocionado ao ouvi-la falar sobre seu irmão. Por fim ele disse algo sobre precisar falar com seu técnico antes que as aulas recomeçassem. Eu tinha certeza de que ele apenas precisava sair dali.

– Vejo você na aula de Artes. – Ele saiu e me deu um beijo no rosto.

– O que aconteceu com ele? – perguntou Sara, percebendo sua necessidade repentina de sair dali.

– Sara, você está namorando o *irmão* dele. Você não acha que é meio estranho para ele?

Ela encolheu os ombros como se nunca tivesse pensado nisso antes.

– Acho que sim. Não sei. – Quando ela terminou de falar tudo sobre Jared ela soltou: – Então, o que você quer saber sobre sexo?

Arregalei meus olhos, sem estar preparada para aquela pergunta no *meio da cafeteria*.

– Diga-me o que você já fez até agora – perguntou ela, com toda a seriedade de uma terapeuta.

– Precisamos realmente falar sobre isso agora? Foi você quem me avisou sobre não dar corda para rumores. Definitivamente isso não é algo que eu quero que alguém escute.

– Certo – respondeu ela. – Venha para minha casa depois do treino hoje à noite.

Hesitei. Não estava envergonhada por falar sobre sexo, eu só. Certo, talvez estivesse um pouco envergonhada. Eu nunca tive a *conversa*. Tudo o que eu sabia aprendera na aula de Biologia, e por isso não era uma especialista no assunto. Sara compartilhava suas histórias, mas ela nunca entrara em detalhes.

– Se você ficar mais vermelha do que está, acho que você vai pegar fogo – observou Sara, balançando a cabeça. – Apenas venha até minha casa mais tarde, certo?

– Certo.

Quando voltamos aos nossos armários depois do almoço, Sara pegou um livro dentro da sua mochila.

– Isto vai ajudar.

Peguei o livro e arregalei meus olhos ao ler o título: *Nossa Sexualidade*.

– Meu Deus do Céu, você está falando sério? – Folheei as páginas e fechei o livro rapidamente quando vi mais pele do que esperava.

– É um livro de faculdade – explicou Sara, normalmente. – Achei que você gostaria de ler as explicações técnicas para comparar com

a versão *Cosmo*. Você sabe como é, a ciência por trás da coisa.

– Ah, obrigada. – Fui empurrar meu armário e o livro caiu no chão, abrindo-se inteiro com a capa virada para cima.

– Tome – disse Evan, abaixando-se para pegar o livro. Peguei o livro antes que ele pudesse tocá-lo. Meu pulso estava tão acelerado que mal conseguia falar.

– Por que você fez isso? – perguntou ele, quando enfiei o livro na minha mochila.

– Apenas dicas de como lhe dar prazer – sussurrou Sara, com um sorriso antes de ir embora. Eu quase caí no chão. Olhei para Evan boquiaberta. Ele ergueu uma sobrancelha com ar curioso.

– Sério?

– Vamos nos atrasar para a aula – disse eu, batendo a porta do meu armário para fechá-lo. Meu coração batia tão forte que estava começando a suar. Ele soltou uma risada divertida e me seguiu.

– Você não precisa de um livro – Evan murmurou, no meu ouvido. Ele estava sentado no banco ao meu lado.

– Evan! – sussurrei, com os olhos arregalados.

– Sara não faz a menor ideia, não é? – continuou ele, com um pequeno sorriso.

– Não vamos falar sobre isso. – Enfiei meu rosto ardente em minhas mãos. Ele riu.

– Boa tarde – Sra. Mier nos cumprimentou na frente da classe, colocando um grande pedaço de madeira em um cavalete. – Hoje vamos criar arte visual usando pregos. – No quadro havia um perfil de uma mulher criado com vários pregos oxidados cravados na madeira em profundidades e ângulos diferentes para criar uma obra de arte tridimensional. Fiquei fascinada pela técnica, pela maneira como os pregos criaram a inclinação da sua bochecha e do seu nariz.

– Providenciei caixas de pregos para que vocês possam trabalhar com eles. Cada um de vocês pode escolher uma prancha de madeira e um martelo para começar.

– Aposto que meu dedão vai estar roxo no final desta atividade – comentei, me virando para Evan. Ele balançou a cabeça sem olhar

para mim.

Pegamos o material na frente da sala. Eu estava pensando no que eu queria fazer enquanto enchia o meu pote com pregos.

Quando voltei para o meu banco Evan estava balançando o martelo com a mão, observando-o como se nunca tivesse visto um martelo antes. Ele passou os olhos por ele, parecendo estar a milhares de quilômetros de distância.

– Evan? – Eu me sentei e inclinei minha cabeça na direção dele para olhar para o seu rosto. – Evan, você está bem?

Ele estava pálido e não olhava para mim.

– Evan, o que está acontecendo? – Sem dizer uma palavra ele colocou o martelo em cima da mesa e saiu da sala. Levei um momento para perceber que ele tinha simplesmente ido embora. Saí correndo pela porta para ir atrás dele, mas ele não estava no corredor. Fiquei em pé no meio do corredor, me sentindo completamente perdida.

Voltei para a sala de Artes e, devagar, consegui me sentar no banco.

– Está tudo bem com Evan? – perguntou Sra. Mier, quando veio até mim e encontrou o lugar dele vazio.

– Eu não sei – respondi, com sinceridade. Não consegui fazer muita coisa com a tarefa porque ficava o tempo todo olhando para a porta, esperando que ele voltasse. Ele não voltou.

Evan também não estava no meu armário depois da aula. Peguei meu telefone na minha mochila e digitei uma mensagem: *Onde você está? Você está bem?*

Deixei o telefone no modo vibratório e o coloquei no bolso da frente da minha calça. Coloquei meu suéter em cima dele para que meu professor de cálculo não visse.

Na metade da aula meu telefone vibrou. Eu o peguei e coloquei embaixo da minha mesa para ler: *Não estou me sentindo bem. Vim para casa.*

Li mais uma vez, perplexa.

Quer que eu vá até sua casa depois do treino?

Evan respondeu: *Não. Vejo você amanhã, certo?*

Nada disso parecia certo. Ele não parecia doente o dia todo. Era claro que alguma coisa não estava certa, mas eu não sabia o que mais pensar, por isso respondi: *Certo*.

– Vou para casa depois do treino hoje – disse eu à Sara, enquanto guardávamos nossas coisas no final do dia.

– Está tudo bem? – perguntou ela, entendendo meu espírito sombrio.

– Espero que sim – respondi, antes de fechar a porta do meu armário. – Ligo para você depois.

– Tudo bem – respondeu ela, observando-me enquanto eu ia embora.

Liguei para Evan assim que entrei no meu carro depois do treino. Ele não atendeu. Estava morrendo de preocupação quando cheguei em casa e meu estômago estava dando nós.

– Talvez ele realmente esteja doente – Sara me consolou, quando liguei para ela.

– Talvez – concordei, mas não acreditava nisso.

– Não comece a ficar encanada, como você sempre faz.

– Não vou ficar – respondi, mas já estava. Repetia tudo que ele e eu conversamos durante o dia todo. Ainda não conseguia entender o motivo para ele ter deixado a escola tão de repente. Algo deve ter acontecido naqueles poucos minutos em que fiquei longe dele na sala de Artes. Talvez ele tenha recebido uma mensagem de texto que eu não vi? O que quer que fosse, foi algo repentino, e ele não queria me contar.

– Vamos ver se ele vai à escola amanhã. Mande uma mensagem se seu cérebro começar a pensar demais e você precisar ser resgatada.

Depois que desliguei peguei meus livros na minha mochila. Precisava me distrair e torcia para que a lição de casa me ajudasse.

Fui tirada das profundezas miseráveis da teoria política por uma batida na minha porta. Antes que pudesse responder minha mãe colocou a cabeça para dentro.

– Oi – disse ela, abrindo mais a porta para me encontrar na cama.

– Queria ver se Evan gostaria de vir jantar aqui amanhã à noite.

Pensei que talvez ele estivesse aqui com você.

Eu ia abrir a boca para responder quando ela pegou o livro que Sara me dera, que saía para fora da minha mochila. Fiz uma careta quando ela leu o título em voz alta.

– O que é isto? – perguntou ela. Minha mãe começou a folhear o livro. – Uau, eles realmente estão ensinando tudo nas escolas hoje em dia. Eu podia ter estudado num livro desse quando estava na escola.

Sem pensar soltei:

– O livro não é para a escola. – Minha mãe arregalou os olhos e curvou a boca quando percebeu o que estava acontecendo. Queria fechar o livro com a minha cabeça dentro.

– Este livro é para você? – perguntou ela. Ainda era possível enxergar o choque em seu rosto. – Você ainda é virgem – concluiu ela devagar, como se não esperasse que aquilo fosse verdade. Meu olhar mortificado deixou óbvia a resposta. – Eu achei que Evan e você... – Caí de cara na cama. O dia não podia piorar. – Você quer conversar sobre isso? Eu nunca achei que fosse ter *a conversa* com você, mas se você quiser podemos conversar. – Minha cabeça disparou quando ela disse isso. E foi então que percebi Jonathan parado no corredor. Sim, o dia tinha piorado.

– Não. Ah, está tudo bem – gaguejei, encolhendo-me por dentro.

– De verdade. Você pode me perguntar o que quiser – continuou ela. Acho que ela teria se sentado em minha cama para continuar conversando se Jonathan não tivesse batido na porta aberta para avisar que estava ali.

– Você está pronta? – perguntou ele. Eu não conseguia olhar para ele. Tudo o que mais queria naquele momento era desaparecer.

– Ah, sim – respondeu minha mãe, ao ser chamada de volta ao que ela deveria estar fazendo antes de atravessar todas as fronteiras entre mãe e filha. – Bem, pergunte a Evan sobre o jantar, certo?

Consegui apenas balançar a cabeça. Minha explicação com relação ao fato de ele estar doente ficou entalada em minha garganta. Quando ela deixou o livro eu o guardei rapidamente no fundo da minha mochila.

Jonathan segurou a porta aberta para que minha mãe passasse e então disse:

- Boa noite. – Olhei para cima e ele esboçava um largo sorriso.
- Boa noite – respondi. Meu corpo todo pegava fogo.

Alguns minutos depois ouvi o barulho da porta da frente sendo fechada. Tentei voltar minha atenção, mais uma vez, para a lição de casa, mas acabava sempre olhando para o meu telefone e implorando para que ele acendesse por ter recebido uma mensagem de Evan.

Cerca de uma hora mais tarde ele acendeu. *Desculpe por não ter atendido sua ligação. Estou bem. Posso pegar você amanhã pela manhã?*

Sim, respondi. Sabia que não ficaria tranquila apenas com esta mensagem. Eu precisava vê-lo.

Dormir naquela casa que jamais se aquietava nunca era fácil. Dormir à noite toda era praticamente impossível. Acendi a luz que ficava ao lado da minha cama com meu coração acelerado. Fiquei olhando para a porta. Podia jurar que um minuto atrás havia um martelo indo em direção a ela, tentando estilhaçar a porta para que ela pudesse chegar até mim. Com a luz acesa a porta preta estava intacta e parada.

Eu me levantei da cama e coloquei um moletom para descer as escadas silenciosamente na ponta dos pés, tentando escapar do pânico que ainda estava dentro de mim. Exausta, mas consciente de que provavelmente eu ainda levaria mais uma boa hora para dormir, eu me sentei no sofá e me cobri com um cobertor. Achei um filme que tinha mais diálogo do que ação. A trama perfeita para me fazer pegar no sono.

Aproximadamente meia hora depois o rangido no degrau chamou minha atenção. Jonathan se encolheu com o barulho e parou, antes de continuar descendo as escadas.

– Ei – ele me cumprimentou, cansado, pegando o cobertor que estava pendurado na parte de trás da poltrona e sentando-se ao meu lado. – O que você encontrou aí? – Ele se moveu em direção à televisão.

– Não sei muito bem – sussurrei, sem estar surpresa por vê-lo acordado. – Não faço a menor ideia do que está acontecendo.

Depois de assistir aquele filme sem graça por alguns minutos ele me perguntou, sem olhar para mim:

– Você sempre tem o mesmo pesadelo, ou é um pesadelo diferente?

– É diferente – respondi, com minha cabeça apoiada no travesseiro. – Mas eles normalmente terminam quando estou quase morrendo.

Jonathan estava quieto.

Eu me virei e o encontrei me avaliando, com a boca curvada demonstrando simpatia.

– Acho que os seus não são assim, não é?

Ele balançou a cabeça redirecionando seu olhar para a TV.

– Os meus são sempre o mesmo – respondeu ele, com a voz baixa e com a mandíbula apertada enquanto olhava para frente. Seus olhos ficaram mais duros quando murmurou, tão baixo que quase não consegui ouvi-lo: – Eles nunca me deixarão esquecer. – As características de seu rosto pareciam estar esculpidas em pedra ao vê-lo fechar a boca formando uma linha apertada. A luz fraca brilhava fora de seus olhos escuros, sem pupilas. Um arrepio passou pelo meu corpo.

Quase perguntei o que o mantinha acordado quase todas as noites, mas então, mais uma vez, não tinha certeza se queria saber o que o transformava tão de repente em uma criatura tão... odiosa. Ele parecia uma pessoa diferente. Uma pessoa que eu não queria conhecer. Puxei minhas pernas para espantar o frio.

Jonathan olhou para mim e seus lábios se moveram para cima. Seus olhos se enrugavam dos lados e ele imediatamente voltou a ser aquele que começara a guerra de pistolas de água. Queria sacudir minha cabeça me perguntando se havia apenas imaginado a transformação. Talvez tenha sido a luz, e minha falta de sono, que me deixassem confusa.

Puxei o cobertor até o meu nariz.

– Só quero dormir – murmurei, com meus olhos queimando de cansaço.

– Eu sei. – Bocejou Jonathan.

Voltamos nossa atenção ao filme. Minhas pálpebras estavam ficando pesadas e eu não conseguia abrir os olhos. Estava pensando em voltar para a cama quando ele perguntou:

– Então, você precisa de algum conselho de um rapaz?

A exaustão desapareceu instantaneamente e meu rosto enrubesceu.

– Nem comece – ameacei. Eu me sentei e joguei meu travesseiro nele. Ele levantou as mãos para se proteger e começou a rir.

– Você devia ter visto sua cara quando sua mãe se ofereceu para ter *a conversa* com você. – Ele riu. – Eu me segurei muito para não rir. – Seu peito se mexeu com sua risada.

– Ah, sim, isso é *hilário* – respondi. – Será que podemos, por favor, não falar sobre um dos momentos mais humilhantes da minha vida?

Jonathan deu um largo sorriso, seus dentes perfeitos brilharam com o pouco de luz que havia na sala.

– Desculpe.

– Seus dentes são de verdade? – soltei, sem pensar.

– O quê? – perguntou ele, perplexo.

– Seus dentes. – Continuei a olhar. – Eles parecem brancos demais, apesar da pouca luz, e também certos demais. – Eu não conseguia parar de olhar para eles. Aquilo era um sinal real de que precisava ir para a cama.

– Esta foi uma mudança bastante bizarra de assunto – observou ele, divertindo-se. – E, sim, são verdadeiros. Depois de muitos anos de aparelho, claro. Mas são meus. – Ele balançou a cabeça, ainda sorrindo.

– O que foi? – perguntei, sem saber por que queria saber o que fazia com que ele mantivesse o sorriso em seu rosto. Mas perguntei assim mesmo.

– Esquece – disse ele, brincando. – Você não quer falar sobre isso.

Eu virei meus olhos.

– Minha vida pessoal não está em discussão.

– Não é sobre sua vida *pessoal* – corrigiu ele. – Mas sim sobre sua vida *sexual*.

– Não tenho uma vida *sexual* – respondi, rapidamente. Meu rosto ficou vermelho assim que disse isso.

Jonathan riu novamente.

– Eu sei.

Enterrei minha cabeça embaixo do travesseiro e gemi.

– Por que todo mundo está dando tanta importância para isso? – murmurei, debaixo do travesseiro.

– Porque é um *assunto importante* – respondeu Jonathan, abruptamente. A voz dele perdera o humor. – Mas você está falando sério, não está? Você e Evan?

Eu olhei por baixo do travesseiro e o encontrei esperando pela minha resposta. Balancei a cabeça.

– E o que vai acontecer quando você for para Stanford?

– Se tudo der certo ele vai comigo – respondi, sentando-me e alisando o cabelo que voava em volta da minha cabeça.

Jonathan balançou a cabeça.

– Ele é tão inteligente quanto você?

– Sim. Ele é bastante inteligente. E ele também tem algumas influências que eu não tenho.

– Dinheiro – concluiu Jonathan, com um sorriso.

Dei de ombros.

– Em parte.

– E também tem pais poderosos – acrescentou ele. Ele nem mesmo esperou que eu respondesse. – Eles querem que ele vá para Stanford com você?

Olhei para baixo sem querer pensar nas palavras duras de Stuart na noite de Ano-Novo.

– Aahh – resumiu Jonathan. – Eles não querem muito.

– É o pai dele – expliquei baixinho. – Ele não me aceita muito.

– Não aceita *você*? – Ele riu como se o que eu acabara de dizer fosse completamente ridículo. – Provavelmente o problema é o dinheiro. Eu conheço *esse tipo* de pai. Mas fui para a faculdade com ela assim mesmo.

As palavras dele capturaram minha atenção. Ele balançou a cabeça sentindo-se culpado.

– Também fiz isso. Eu me apaixonei por uma garota rica. Os pais dela me aceitavam até perceberem a seriedade de nosso relacionamento. Mas fomos para Penn State juntos, assim mesmo, embora eu quisesse ir para o local mais distante possível desta região. E a Pensilvânia ainda era perto demais. – Ele respirou fundo. – Não deveria ter ficado.

– Vocês terminaram? – perguntei, embora a resposta fosse óbvia. Caso contrário, ele não estaria namorando minha mãe.

– Algo assim. – Ele sorriu, mas o sorriso não alcançava seus olhos. Eu podia dizer, pelo seu desconforto, que ele ainda se emocionava com esse assunto, mesmo depois de todos esses anos. – A faculdade é... diferente.

Eu esperei sem saber se deveria pedir para que ele continuasse. Mas queria saber o resto da história.

Jonathan agarrou o cobertor e olhou para o vestibulo escuro. Sabia que ele pensava sobre o que havia acontecido entre eles.

– As pessoas mudam. Tipo, você mal sabe quem você é quando entra na faculdade. E então você passa o tempo pensando no que você quer fazer da vida e quem você quer que faça parte dela. A próxima coisa que acontece é que as pessoas que você sempre pensou que estariam do seu lado não estão. E a pessoa que você pensou que podia confiar acima de tudo não é mais a pessoa que você conhecia.

Seus ombros caíram.

– E então, seis anos depois, você tem uma fração da vida que você pensou que teria.

Fiquei quieta. Queria dizer algo para distraí-lo e para que ele não tivesse que reviver aquelas memórias. Para que ele não tivesse que voltar ao lugar que o deixava para baixo e que fazia doer o seu peito. Mas ele mesmo fez isso.

– Entrei na USC¹ – declarou ele, com um sorriso orgulhoso. E assim dispersou a emoção com facilidade.

– Você entrou? Jonathan, isso é tão legal. Parabéns. – Estava realmente feliz por ele. Mas então, aquela informação me atingiu. –

Espere. Você ainda não contou para ela, não é? – Fechei meus olhos com medo.

– Eu vou contar. – Ele suspirou.

De repente senti o ar me faltar, como se alguém acabasse de me dar um soco no estômago.

– Emma, o que foi? – Sua voz ficou pesada com a preocupação.

– Ele já deve saber a uma hora dessas – gaguejei, sem conseguir recuperar minha respiração, consumida pelo pânico. – Se ele entrou... ele já deve saber.

– Evan? – confirmou ele. Balancei a cabeça. Meu peito estava apertado. O dia todo começava a ser esclarecido. A necessidade dele de sair na hora do almoço. E então, logo depois, na aula de Artes, o olhar em seu rosto. Ele não conseguia olhar para mim e nem mesmo atender ao meu telefonema.

– Ele não entrou. – Eu não conseguia respirar.

– Emma, não faça isso – disse Jonathan, suavemente. – Não comece a ficar maluca antes de ter certeza.

– É fácil para você falar isso – respondi, sentindo que meu mundo estava virado de cabeça para baixo.

– E se ele não entrar? – perguntou ele. Olhei para ele com os olhos arregalados, como se acabasse de me contar que perdi tudo. Sacudi minha cabeça sem acreditar que aquilo era possível. Eu não podia imaginar estar na Califórnia sem Evan. Não queria nem pensar sobre isso.

– Uau – observou Jonathan. – Isso é tudo para você, não é? – Eu me afundei no sofá na tentativa de aliviar a dor que sentia no meu peito.

– Pergunte a ele. Não fique maluca pensando sobre isso antes de perguntar para ele.

Balancei a cabeça.

– Da mesma maneira como você tem que contar para ela que você vai embora. – Observei o rosto de Jonathan desabar.

– Só não sei muito bem como fazer isso – admitiu ele, com tristeza. – O aniversário dela será em algumas semana e eu queria estar aqui para comemorar. Isso é ruim?

- Então você prefere terminar com ela depois do aniversário dela?
- perguntei, sem saber qual era o melhor cenário.
 - É que... ainda não estou pronto para ir. – Ele parou e concluiu:
- Sim, isso é ruim.
 - Eu não tenho nada com isso – disse eu. – Mas ela deveria saber.
 - Eu sei.
 - Espere. – Apertei meus olhos ao me lembrar, de repente, do que ele dissera sobre como a vida dele era diferente *seis* anos atrás.
- Quantos anos você tem?
 - Jonathan se encolheu sentindo-se culpado.
 - Quantos anos eu tenho ou quantos anos a Rachel acha que eu tenho?
 - Ah. – Fiquei boquiaberta. – Você mentiu para ela sobre sua idade.
 - Ela tem problema com a diferença de idade que ela acredita existir – explicou ele, com um sorriso culpado. – Eu não contaria para ela que tenho vinte e quatro.
 - Você é mal – disse eu, balançando minha cabeça, mas incapaz de fazer uma cara de desprezo.
 - Você não faz ideia – respondeu ele, com um sorriso irônico, fazendo com que nós dois caíssemos na gargalhada.
 - Jonathan? – chamou minha mãe lá de cima. O sentimento de culpa fez com que parássemos de rir.
 - Ela acendeu a luz do corredor e desceu alguns degraus até que conseguisse enxergar a sala de estar. Quando ela nos viu no sofá seu rosto desabou e algo brilhou em seus olhos. Eu não sabia ao certo se era choque ou raiva, mas foi tão rápido que poderia ter me convencido de que não vira nada.
 - Você não estava conseguindo dormir? – concluiu ela, com um sorriso simpático. Não sabia ao certo com quem ela falava. Balancei minha cabeça.
 - Subo em um minuto – disse Jonathan. Ela balançou a cabeça e voltou para o quarto, apagando a luz antes de fechar a porta.
 - Preciso ir para a cama – disse eu. Eu me levantei e dobrei o cobertor.

– Eu gosto disso – disse Jonathan de repente, antes de eu subir. – Gosto de falar com você. Sinto que posso contar coisas... coisas que normalmente guardo para mim. A maioria das pessoas não entenderia.

– Eu sei. – Hesitei antes de me virar para ele.

Era verdade. Até aquele momento não percebera o que estava acontecendo. Podia dividir os demônios que me apavoravam durante a noite, e Jonathan entendia de uma maneira que ninguém mais conseguia entender. Ele também lutava contra eles, e aquilo nos aproximava.

O canto de sua boca se levantou suavemente. Por um momento eu não consegui desviar o olhar. Estava presa na escuridão de seus olhos. Eles me vasculharam, procurando pelo que me assustava. Eu me soltei ao piscar.

– Você vai ficar acordado?

– Ainda não estou pronto para dormir – admitiu ele, e pegou o controle remoto.

– Cuidado com os infomerciais – aconselhei, emprestando suas próprias palavras, as quais usara na primeira vez em que me resgatou de um pesadelo. Ele sorriu. – Logo o sol vai nascer.

Eu o deixei no sofá e voltei para o meu quarto.

Não consegui dormir muito, mas não foi por causa do pesadelo. Continuei pensando no que esperava para o meu futuro, e torci mais do que tudo para que Evan estivesse nele. Jonathan ainda estava no sofá, dormindo, quando acordei antes do amanhecer para usar o banheiro. Pensei em acordá-lo para que fosse para a cama, mas ele estava dormindo. E aquilo era, afinal, uma coisa boa.



18. Hora da história

Uma batida suave chamou minha atenção para a porta da frente enquanto lavava minha tigela de aveia na pia. Antes que eu pudesse atender, a porta se abriu e Evan entrou.

– Oi. – Ele parecia hesitante. Não tinha sua segurança habitual.

– Oi – respondi, olhando para o rosto dele, procurando algum sinal de doença. Ele parecia cansado e mal-humorado, o que apenas aumentou minha preocupação.

Ele sorriu levemente, mas a preocupação permanecia em seus olhos. Eu me aproximei devagar, me preparando para a notícia de que ele não iria para Stanford.

– Você está bem? – perguntou ele, observando as linhas de tensão no meu rosto.

Não conseguia disfarçar os sinais da noite maldormida que pairavam sob meus olhos ou a preocupação que pesava nos cantos da minha boca.

– Você está? – perguntei de volta, chegando mais perto até que fiquei a menos de trinta centímetros dele.

– Eu me preocupo com você – disse Evan, olhando para cada centímetro do meu rosto. – Você está bem mesmo? – Ele passou sua mão em meu rosto. Fechei meus olhos, respirando o seu calor.

– Estou bem. – Isso foi tudo o que consegui dizer, porque, por dentro, estava bastante confusa. Precisava entender por que ele estava agindo de maneira tão estranha.

Evan se inclinou e pressionou seus lábios contra os meus suavemente, aliviando o nó de tensão que me mantivera presa desde o momento em que ele saiu da aula de Artes.

– Agora estou um pouco melhor – murmurei, quando ele se afastou. – Você vai me contar o que aconteceu ontem? É sobre Stanford? Você não entrou?

Ele me olhou surpreso. E então um sorriso aliviou seu rosto.

– Você acha que o que aconteceu ontem está relacionado a Stanford?

– Eu não sei o que aconteceu ontem – continuei, sem me sentir nem um pouco aliviada com seu olhar divertido. – Você já deveria saber se entrou.

– Eu recebi a carta – admitiu ele.

Eu parei de respirar, prevendo a próxima frase.

– Mas não sei se entrei.

– O quê? – perguntei. Meus ombros se abaixaram. – O que você quer dizer com isso?

– Ah, Em. – Ele balançou a cabeça. – Desculpe por não ter contado. Meus pais não vão me contar para qual faculdade vou até que todas as cartas tenham chegado. Ainda estamos esperando a resposta de Yale.

– Isso significa que eles vão decidir por você? – perguntei, horrorizada, percebendo que se Stuart fosse dar sua opinião, Evan não iria para nenhuma faculdade na Califórnia.

– Não. – Evan riu, passando seus braços em volta de mim e me segurando contra ele. – Eu escrevo minhas três escolhas em ordem de preferência, e então minha mãe me diz para qual escola eu vou. Ela faz disso um grande evento. Vamos a um restaurante legal e ela entrega um envelope com o nome da faculdade dentro. Não fique preocupada. Você não vai me perder. Não importa o que aconteça. – Ele beijou minha cabeça.

– Por que ela faz isso? – perguntei, completamente perplexa.

– É algo que ela inventou para o meu irmão. Jared não entrou na sua primeira opção. Ele tinha escolhido Dartmouth. E então ela criou essa “revelação comemorativa” para diminuir o impacto. E ela acha que é certo fazer o mesmo para mim. Você vai vir ao jantar, não vai?

– Claro – respondi. Mas reconsiderarei rapidamente. Não sabia se conseguia fingir estar feliz se ele não fosse aceito em Stanford.

– Está melhor? – perguntou ele, me observando novamente. Balancei a cabeça. Ele se inclinou e me beijou gentilmente. – Pronta para ir?

– Só preciso pegar meu casaco – respondi. Ele me soltou para que eu pudesse ir até o armário.

Eu o segui pela porta, e ele pegou minha mão depois que tranquei a casa.

Durante nosso caminho para a escola percebi que ele não havia me explicado o que acontecera com ele ontem. Não pude evitar tentar ler seus pensamentos enquanto ele dirigia. Seus olhos não tinham o brilho que normalmente reluziam dentro deles. Sabia que algo o preocupava.

– Qual é o problema? – finalmente perguntei. – Porque eu sei que existe um problema. – Ele soltou o ar profundamente como se estivesse se preparando para a minha pergunta.

– Você vem na minha casa hoje à noite? – perguntou ele. – Tem uma coisa que você precisa saber e eu quero explicar quando estivermos sozinhos. – Eu parei de respirar *de novo*. O tom de voz dele era sério demais para ser uma notícia boa.

Balancei a cabeça levemente, meu peito pegava fogo com todo aquele pânico repentino que eu sentia.

Evan parou numa vaga no estacionamento e olhou para mim. E então me olhou de novo. Eu sabia que o pânico era evidente, e não estava nem mesmo tentando escondê-lo.

– Em, me desculpe. – Ele tentou me consolar. – O que acabei de dizer parece muito pior do que realmente é. Você não precisa se preocupar. Eu juro. – Balancei a cabeça.

Ele me encontrou do meu lado do carro e me puxou de encontro a ele.

– Eu amo você – disse ele, suavemente. Seus olhos azuis estavam repletos de sinceridade. – Saiba disso antes de passar o dia todo preocupada. Certo?

– Certo – sussurrei.

Antes que ele pudesse se inclinar para me beijar eu ouvi:

– E aí estão Evan e Emma, um dos casais poderosos de Weslyn High. Evan é maravilhoso, mas não se dê ao trabalho de olhar para

ele. Ele não vai enxergar você.

Coloquei minha cabeça no ombro de Evan, surpresa. Jill passava com uma loirinha com grandes olhos castanhos e lábios vermelhos carnudos. A menina desviou os olhos quando eles se encontraram com os meus, percebendo que eu as escutara.

Evan pegou minha mão e se virou para elas, sacudindo a cabeça e se divertindo. Quando ele viu a garota nova disse calorosamente.

– Oi, Analise.

– Oi, Evan – respondeu ela, rapidamente, com um sorriso envergonhado. Suas bochechas ficaram rosadas.

Jill a arrastou para longe rapidamente, aparentemente para que ela lhe contasse como eles se conheciam.

– De onde você conhece a garota nova? – perguntou Sara, atrás de nós. Eu me virei rapidamente, pois não tinha percebido a aproximação dela.

– Bom dia, Sara – eu a cumprimentei.

– Bom dia – respondeu ela, virando-se para Evan e perguntando:
– E?

– Minha mãe contratou a mãe da Analise para trabalhar na sua nova empresa de consultoria – explicou ele. – Elas vieram de Nova York.

– Tenho certeza de que meus pais logo levarão os pais dela para jantar para lhes dar as boas-vindas a Weslyn. – Sara suspirou.

– É apenas a mãe dela – observou Evan. – Acho que elas vão jantar lá em casa na sexta-feira. Na verdade, pelo que sei, seus pais vão também.

– Isso não me surpreende – respondeu Sara, virando os olhos. – Ela está no primeiro ano?

– Acho que sim.

Quando passamos por ela e Jill no corredor olhei com mais atenção para a novata que recebia tanta atenção. Ela tinha uma beleza pura e inocente. Sua pele clara destacava seus lábios vermelhos e suas bochechas coradas, lembrando uma boneca de porcelana. Seu cabelo loiro era ondulado, e quase não tocava seus ombros. Ela estava, nervosa, enrolando uma mecha com o dedo. Parecia tímida, mal conseguia estabelecer contato visual com as

pessoas, mas certamente encontrou a melhor pessoa para lhe contar tudo sobre a hierarquia social de Weslyn High.

E por nenhuma razão que eu pudesse explicar, além de pura insegurança territorial, não queria imaginá-la jantando na casa da família Mathews. Senti vergonha de mim mesma por pensar assim, mas o sentimento de culpa não mudou minha cabeça.

– Minha mãe está esperando você para jantar lá em casa hoje à noite – disse eu para Evan antes que ele se dirigisse para o seu armário.

– Você está se sentindo bem, Evan? – perguntou Sara, nos interrompendo. – Você parece cansado.

– Estou tentando resolver uma questão – admitiu Evan. Fiquei imediatamente paralisada pelo significado do que ele dizia, e queria saber, mais do que tudo, o que ele planejava me contar.

Então, ele respondeu ao meu convite:

– Claro. Vamos para sua casa depois do treino. – Ele beijou minha bochecha e foi embora.

– E *você* precisa muito começar a usar corretivo. – Sara balançou a cabeça enquanto olhava para mim. – Provavelmente você poderia contar o número de vezes que dormiu uma noite toda nos dedos de uma mão. E isso está criando uma olheira enorme embaixo de seus olhos.

– Obrigada, Sara – bufei, e parei na frente de nossos armários. – O fato de morar numa das casas mais horripilantes de Weslyn não ajuda muito. E, embora sua parede preta pareça chique durante o dia, à noite juro que ela ganha vida.

– Talvez você devesse experimentar a medicação que seu médico indicou – aconselhou Sara. Como não respondi ela mudou o assunto.

– Como vai Rachel? Ou, melhor ainda, como vai Jonathan?

Eu sorri com ironia para a animação em sua voz.

– Bem. Embora ela tenha visto seu livro ontem à noite. Ela estava pronta para me dar instruções detalhadas, mas Jonathan apareceu e escutou tudo. Eu queria morrer.

Sara riu.

– Você leu o livro?

– Não! – respondi, rapidamente, fazendo com que ela risse mais alto. – Não acho que vou ler. Você pode pegá-lo de volta.

– Apenas pensei que fosse ajudar. – Sara deu de ombros com um sorriso malicioso.

– Acho que vou descobrir tudo sozinha – murmurei e fechei meu armário com os livros do primeiro horário, que estavam em meus braços.

O restante do dia foi preenchido com sons de ohs e ahs sobre Analise. Como ela era uma caloura não tive aulas com ela. Consegui evitar a maioria dos comentários sobre ela. Mas, por uma questão de sorte, encontrei-a sentada em um banco na minha mesa da sala de Artes, exatamente onde Evan deveria estar.

– Oi – disse Analise, timidamente, quando me sentei ao lado dela.

– Ah, este é o lugar de Evan – respondi, friamente.

– Ele não participará deste projeto – disse Sra. Meir atrás de nós, fazendo com que nós duas olhássemos para trás. – Por isso, Analise, você pode se sentar aí à vontade durante o tempo que este projeto durar. Emma, você pode explicar para ela o que estamos fazendo?

– Claro – respondi, devagar, sem entender a parte em que ela disse que Evan não participaria deste trabalho.

Esta garota deve ter me achado a pior pessoa de Weslyn High. Expliquei rapidamente o que estávamos fazendo e basicamente a ignorei durante todo o restante da aula. Estava ocupada demais tentando descobrir o que Evan precisava me contar e o porquê de ele não estar na classe. E também estava convencida de que as duas coisas estavam ligadas. Não dei a menor atenção a ela.

– Foi um prazer conhecer você – disse Analise, com a voz suave, enquanto guardávamos nossas coisas. Eu me senti miserável.

– Desculpe por não ter falado muito com você – respondi, sentindo-me culpada. – O dia está meio estranho.

– Ouvi dizer que você não conta nada para ninguém – disse Analise. – Eu entendo. Vejo você amanhã. – Tentei me redimir com um sorriso suave.

– Claro. – Sorriu ela gentilmente antes de nos separarmos.

Evan esperava por mim no meu armário.

– Você não vai mais frequentar a aula de Artes? – perguntei, antes mesmo que ele pudesse dizer oi.

Ele hesitou, com os lábios cerrados.

– Não! Eu só pedi para fazer alguma outra coisa por um tempo, e por isso a Sra. Meir me deu um trabalho de fotografia.

– Ah – respondi, envergonhada pelos pensamentos paranoicos que passaram pela minha cabeça durante a aula toda. Esta não era a primeira vez em que ele escolhera um projeto de fotografia. Meus ombros se relaxaram. – Sim, isso faz sentido.

Abri meu armário e comecei a enfiar meus livros na minha mochila.

– Vamos dividir a quadra no treino de hoje – disse Evan, observando enquanto eu pegava minhas coisas. – Por isso vamos conseguir sair juntos para ir para a sua casa.

– Que ótimo – respondi. Ele me deu um beijo rápido e desapareceu descendo as escadas em direção ao vestiário.

Levantei meus olhos do livro de física quando o dedo dele passou pela minha cicatriz. Evan segurou delicadamente meu tornozelo em suas mãos quando estávamos sentados no sofá de frente um para o outro, tentando estudar antes do jantar. Ele alisou distraidamente a pele desfigurada enquanto lia seu livro de história. Um formigamento estranho se espalhava pelo meu tornozelo a cada toque.

Ele levantou a cabeça e me viu observando sua mão, mas não tirou a mão dali.

– Sinto muito por não termos conseguido conversar – disse eu, apoiando o livro na minha barriga.

– Ainda podemos conversar. – Ele parou e eu o observei nervosa enquanto ele tentava organizar seus pensamentos, procurando pelas palavras corretas. – Quando eu ouvi...

– Vocês gostam de brócolis? – gritou minha mãe da cozinha. Podíamos ouvir o barulho de água enchendo uma panela ao fundo.

Evan pressionou os lábios com um sorriso.

– Sim – gritou ele, em resposta.

Levantei minhas sobrancelhas quando ele olhou para mim.

– Então... o que você estava dizendo?

Ele virou os olhos em direção à cozinha, onde minha mãe dançava ao som de rock clássico que tocava em um pequeno rádio colocado na janela.

– Isso pode esperar.

– Tem certeza? – Tentei ler sua expressão, com medo de que a espera fosse apenas continuar a torturá-lo. E a mim também.

– Sim, pode – assegurou ele, inclinando-se e beijando-me. Coloquei minhas mãos em volta de seu pescoço porque não queria que ele se afastasse. Ele chegou mais perto.

– ãã... – minha mãe limpou a garganta. Evan foi para trás e minhas bochechas pegaram fogo imediatamente. O rosto de minha mãe parecia estar tão vermelho quanto eu sentia o meu. Ela olhou para o chão e disse: – O jantar está pronto.

E nesse exato momento o detector de fumaça começou a apitar na cozinha. Sacudi minha mão e tossi quando entramos lá. Minha mãe abriu a janela que ficava em cima da pia, e eu peguei uma toalha e abanei o alarme estridente. Isso já havia praticamente virado uma rotina para nós. O alarme disparara quase todas as vezes em que tentei cozinhar.

– Forno estúpido – resmungou ela, abrindo a janela de madeira com pequenos soquinhos. – Deve ter cinquenta anos de comida queimada aí dentro.

– Você precisa de ajuda? – perguntou Evan, indo até ela.

– Não. Está tudo sob controle – resmungou ela, abrindo a janela um pouco mais. Ela pulou da pia e sorriu. – Vocês podem se sentar.

– O detector de fumaça se silenciou e eu suspirei aborrecida.

Eu me sentei na pequena mesa, na cadeira virada para a parede. As pernas da cadeira balançaram levemente quando coloquei meu peso nela. Evan sentou-se à minha direita, na melhor cadeira das três.

Minha mãe colocou tigelas de brócolis e purê de batata-doce na nossa frente, e então começou a colocar peito de frango em nossos pratos.

– O que você quer beber? – perguntei para Evan, empurrando minha cadeira para trás. As pernas da cadeira se inclinaram com o

movimento.

– Água está ótimo, obrigado – respondeu Evan, se divertindo enquanto abanava a fumaça que estava na frente dele, enquanto minha mãe e eu agíamos como se aquilo fosse parte do jantar. Bem, na verdade, era.

Enquanto pegava água na geladeira e enchia dois copos para nós, minha mãe se sentou na cadeira em frente a Evan com uma grande taça de vinho. Olhei para a garrafa que estava no balcão. Ela já havia tomado dois terços da garrafa. Olhei nervosa para ela. Ela ainda parecia estar bem, embora estivesse se ocupando em colocar utensílios nas tigelas.

– Sirvam-se – disse ela, encorajando-nos ao colocar alguns talos de brócolis em seu prato.

Eu me sentei de volta e Evan estava se servindo de purê.

– Como foi o treino? – perguntou minha mãe, que ignorou a comida e deu um gole na taça de vinho. Então, ela continuou: – Adoro basquetebol. Levou séculos para conseguir convencer Emily a jogar, pois ela era obcecada por futebol por causa do pai dela. Mas, na verdade, ela é muito boa. Nunca joguei, mas adoro assistir. Futebol parece ter em todo lugar, e nunca consigo entender onde está a bola e por que eles assopram o apito.

Ela parou ao perceber que olhávamos para ela. Eu não fazia a menor ideia de que ela estava nervosa até agora.

– Desculpe. – Ela fez uma careta.

– Tudo bem – Evan a consolou, com um sorriso. Ele me olhou rapidamente pelo canto do olho. Cerrei meus lábios em sinal de desculpa. Ele alcançou minha mão embaixo da mesa e a acariciou.

– Basquetebol é ótimo.

– Você participou das eliminatórias? – Eu sabia que ela tentava se concentrar em uma sentença de cada vez, tomando um gole após cada pergunta. Suas bochechas brilhavam de tão vermelhas.

– Ainda estou participado – admitiu Evan, colocando seu garfo no prato para responder. – Temos um jogo fora na quinta-feira, e se vencermos jogaremos em Weslyn no sábado à noite.

– Eu preciso ver você jogar! – disse minha mãe, entusiasmada. – Se vocês vencerem, estarei lá no sábado.

– Ótimo – respondeu Evan, com educação. Ele me olhou mais uma vez, e eu continuava parada, tentando não demonstrar o quanto incomodava com o fato de minha mãe ir assistir ao jogo de basquete do meu namorado.

– Emma vai jogar na sexta – contou Evan a ela.

– Isso se ganharmos na quarta-feira – disse eu.

– Vocês vão ganhar. O time de vocês é o favorito para ganhar o campeonato.

– Isso seria tão incrível – soltou minha mãe. – Teremos que fazer uma festa. – Arregalei meus olhos ao pensar naquilo, e Evan começou a rir.

– O que foi? – perguntou minha mãe, sem entender o impacto de sua sugestão.

– Emma e festas não se relacionam muito bem – explicou Evan, com um sorriso.

– Vamos lá, Emily – implorou minha mãe. – Seria tão divertido.

– Sim, não. – Balancei minha cabeça decidida.

– Bom, farei uma festa para comemorar meu aniversário em algumas semanas – disse ela. – Vocês estarão aqui, não é? – Ela olhou para nós dois avidamente.

– Claro – respondi, sem saber ao certo se concordava com aquilo.

– Evan, Emily já contou sobre o dia em que ela caiu de uma árvore? – Ela riu levemente quando me levantei com o prato na mão. Minha mãe colocou seu prato de lado. Ela mal tocara na comida.

Evan começou a se levantar.

– Deixe que eu levo. Você pode se sentar – disse eu a ele, pegando seu prato. Ele olhou para mim para ter certeza. Sorri e balancei a cabeça. Depois, levei nossos pratos para a pia.

– Não, eu ainda não ouvi essa história – respondeu ele, sentando-se de volta na cadeira.

Ouvi atentamente enquanto colocava a louça na máquina. Não sabia se até mesmo *eu* conhecia a história que ela contaria.

– Emily estava sempre correndo por todos os lados, escalando árvores e sempre toda suja. Foi por isso que a colocamos para praticar esportes. Para que ela não se matasse pulando das pedras.

Evan riu ao imaginar a cena. Enxaguei a louça distraidamente, tentando me lembrar.

– Morávamos na floresta, rodeados por árvores, insetos e todas as outras criaturas que lá habitavam. Era horrível. – Eu me virei para vê-la se estremecer. – Desculpe, não sou uma pessoa do mato. – Evan riu.

– Enfim, uma vez ela subiu muito alto nessa árvore, e o galho em que ela estava se quebrou. Ela caiu, batendo em todos os galhos pelos quais passava. Eu a ouvi chorando e a encontrei pendurada a uns seis metros do chão. Ela tinha conseguido agarrar o último galho antes de chegar ao chão.

Eu me inclinei de costas para a pia, absorvendo a história da qual não me lembrava. Embora algo a respeito disso me deixou com frio no estômago.

– Derek precisou de uma escada para descê-la. – Ela riu, como se o fato de me ver pendurada na árvore e de eu precisar ser resgatada pelo meu pai fosse engraçado. – Ela não quebrou nenhuma parte do corpo, mas estava cheia de hematomas, da cabeça aos pés. E ela nunca mais subiu em uma árvore.

Então ela voltou sua atenção para mim.

– Você ainda tem medo de altura?

Olhei para ela reconhecendo que o frio no meu estômago era causado por medo. Engoli e respondi:

– Eu não adoro altura.

– Não sabia que você não gostava de altura – observou Evan, examinando meu rosto pálido. – Você se saiu bem quando fizemos rapel no ano passado.

– Eu tinha certeza de que cairia e morreria – admiti. – Mas eu não diria isso a você. Além disso, não precisava olhar para *baixo* para alcançar o próximo degrau. Mas nós nunca mais fizemos rapel de novo, não é?

– Não, nunca mais – concordou Evan. – Eu não fazia ideia.

Eu só consegui dar de ombros, pois não sabia por que tinha medo de altura até ter sido pega de surpresa pela memória. Não conseguia lembra nada a respeito desse incidente. Mas havia

emoção ao ouvir essa história. O medo e o desespero. Eu sabia que a história dela era verdadeira.

Minha mãe continuou a contar histórias da minha infância. Eu devia ter ficado envergonhada, mas não sentia que ela falava sobre mim. Ficou claro que eu não tinha uma única lembrança da minha infância, e isso era inquietante. Aquela época desaparecera completamente para mim. Eu tinha apenas o presente, sem um passado.

Quando terminamos de limpar a bagunça do jantar minha mãe também terminara a garrafa de vinho. E ela não parava de rir.

– Quer caminhar um pouco? – perguntei para Evan. Ele se levantou da mesa rindo de outro episódio sobre corte de cabelo, quando insisti que queria aquele corte aos oito anos, e as pessoas achavam que eu era um menino.

– Claro – respondeu Evan. – Obrigado pelo jantar.

– Foi um prazer. – Ela sorriu afetuosamente.

Depois de colocar minhas luvas e um cachecol em volta do pescoço, Evan e eu saímos para enfrentar o ar frio do inverno persistente. Já fazia algum tempo que não nevava, mas a neve que ainda existia não estava desaparecendo rápido.

Fiquei olhando em silêncio para o chão com minhas mãos dentro dos meus bolsos.

– Isso incomodou você. – A voz dele chamou minha atenção. – Não foi tão ruim, de onde eu estava sentado.

Dei de ombros.

– Não. Foi tudo bem. – E, em parte, era verdade. Eu não estava realmente incomodada com a tagarelice nervosa de minha mãe, mesmo depois de ela ter tomado uma garrafa de vinho. Evan esperou, mas eu não continuei.

– Você não vai me contar o que está pensando?

Respirei fundo, pensando no que eu queria dizer.

– Eu não me lembro da nossa casa da maneira como ela se lembra. – Parei para pensar antes de continuar: – Eu me lembro de adorar a nossa casa, mas também não me lembro de nada de lá. Tudo o que consigo me lembrar é de muito sol e muitas árvores. Eu

me sentia segura lá, por isso não pode ter sido tão ruim como ela diz que era.

Fomos até o parque e entramos por uma trilha a caminho do parquinho. Eu me sentei em um banco gelado de um balanço. O plástico preto apertava meus quadris.

– Não havia percebido como não me lembrava de nada daquela época até que ela começou a falar sobre isso.

– Você era pequena – disse Evan.

– Não era *tão* pequena – argumentei. – Você não acha que eu deveria me lembrar de algo tão traumático quanto cair de uma árvore?

Evan se sentou ao meu lado e me observou enquanto eu balançava delicadamente com meus pés no chão. Olhei para a neve achatada, ainda incomodada. Eu trancara tudo dentro de mim. Bloqueara o bom junto com o ruim. E não havia me restado muita coisa em que me apoiar.

– Eu me lembro de uma coisa – disse eu, olhando para ele com um sorriso suave no meu rosto.

– Do quê?

– Meu pai fez um balanço para mim com a madeira que ele tirou das árvores. Eu balançava tão alto que meus dedos dos pés tocavam os galhos que ficavam em cima de mim. Eu inclinava minha cabeça para trás e fechava meus olhos. Era uma sensação incrível. Eu tinha certeza de que era assim que eu me sentiria se pudesse voar. Passava horas naquele balanço.

Evan sorriu afetuosamente. Permitted que o calor das lembranças preenchesse aquele espaço vazio.

– Às vezes eu queria voltar para aquela época, quando tudo era perfeito e eu era feliz. Quando eu passava minha vida balançando.



19. Esperando pela sexta-feira

— **E**u estraguei tudo na noite passada? – perguntou minha mãe, enquanto se servia de café. – Estraguei. Eu deixei você totalmente envergonhada. Estava nervosa e bebi muito vinho. Por isso contei histórias demais. Sinto muito, Emily. Diga isso a Evan.

– Mãe, quero dizer, Rachel. – Ela olhou para mim com a boca fechada. – Foi tudo bem. Eu juro.

– Você não parecia bem – lembrou ela, olhando nervosa para mim. – Você parecia mortificada.

– Eu não estava. – Sorri na tentativa de fazê-la sentir-se melhor.

Seu sentimento nervoso de culpa fazia transparecer o que tinha de melhor dentro dela. E ela perguntou:

– Você tem certeza?

Não sabia mais como convencê-la de que estava tudo bem. Por isso, apenas balancei a cabeça.

– Sinto muito não conseguir ir ao jogo desta tarde.

– Eu entendo. Você precisa trabalhar.

– Você se importou por eu ter me convidado para assistir ao jogo de Evan? Foi uma má ideia? Eu realmente gostaria de vê-lo jogar. Fui sincera com relação a isso.

– Tudo bem. – Eu ri, e queria que ela respirasse antes de desmaiar. – Você estava ótima. De verdade. E eu não me importo se você for ao jogo dele no sábado. Você pode levar o Jonathan também, se quiser. – Seus olhos se desviaram de mim e se voltaram para a xícara de café.

– O que foi? – perguntei, ao perceber o aperto entre suas sobrancelhas.

– Eu não sei o que está acontecendo com ele – murmurou ela. – Acho que ele está escondendo alguma coisa de mim. – Senti uma pontada ao vê-la tão perturbada. – Por acaso ele falou alguma coisa quando vocês ficam acordados à noite?

Balancei a cabeça, pois não achava que poderia responder à pergunta dela. Afinal, estaria mentindo.

– Sobre o que vocês conversam? – perguntou ela, como se estivesse sendo excluída de um clube secreto ou algo parecido.

– Na verdade, não conversamos muito – respondi. – Conversamos sobre esportes, sobre comerciais, sobre o quanto gostaríamos de conseguir dormir.

– Você sabe por que ele não consegue dormir? – Ela me observou atentamente. Encolhi meus ombros e olhei para outro lado. – Ele não me conta nada. Nós não conversamos sobre nosso passado. Sabe, é bom, porque me machuca pensar no passado. Mas eu gostaria que ele confiasse em mim o suficiente para me contar *alguma coisa*.

Balancei a cabeça. Minha voz desaparecera por causa da culpa. Eu me senti a pior filha do mundo. Devia ter contado a ela que ele se mudaria para a Califórnia. Que tinha um passado sofrido também e que era difícil para ele falar sobre isso. Devia ter deixado ela saber que não tinha nada a ver com ela e que ele realmente se importava com ela. Mas ela provavelmente ficaria se perguntando por que ele dissera tudo isso para mim e não para ela. E então eu não saberia o que dizer. Principalmente porque eu não sabia ao certo como explicar o porquê de eu conversar com ele sobre coisas que evitava conversar com qualquer outra pessoa que fazia parte da minha vida. Por isso fiquei em silêncio, observando o rosto dela se torcer com a insegurança e com a dúvida.

– Quando você o verá novamente?

– Na sexta – respondeu ela com um suspiro. – Vou convidá-lo para o jogo na sexta.

– Tenho certeza de que não é nada – disse eu, por fim. Eu me sentia pior ainda por tentar consolá-la com uma mentira.

– Bom, preciso ir – disse ela, olhando para o relógio do micro-ondas. – Depois me envie uma mensagem com o resultado do jogo,

certo?

Balancei a cabeça e, enquanto eu a observava sair da cozinha sentia o calor na minha barriga. Eu estava brava com Jonathan. Brava por ele ter me colocado nesta situação. Brava por minha mãe estar atormentada pela incapacidade dele de simplesmente dizer a verdade a ela.

Peguei meu telefone e enviei uma mensagem de texto para ele: *Você precisa contar para ela!*

Recebi uma resposta quando cheguei na escola: *Estou em Nova Iorque até sexta. Vou contar, juro!*

Sexta-feira demoraria demais para chegar.

– Ei! – Ouvi quando abri a porta naquela noite. – Estou tão feliz por vocês terem vencido! – Encontrei minha mãe no sofá, enrolada com um copo de vinho na mão, ainda vestindo sua roupa de trabalho.

– Oi – respondi, solenemente, jogando minhas coisas na escada.

– Isso é que é um rosto animado – observou ela, sarcasticamente, enquanto se inclinava para pegar a garrafa de vinho e esvaziá-la na taça. – Está tudo bem?

– Sim – respondi, não muito convincente. Não estava com vontade de falar sobre o fato de ter visto Analise ao lado de Evan depois do jogo de hoje à noite. E também não queria dizer como me sentia mal por ele ter se oferecido para dar uma carona a ela até em casa quando eu queria ficar um tempo com ele. Eu não queria me sentir assim, com ciúmes. E não havia motivo para me sentir assim. Mas a razão não aliviou o que eu sentia em meu estômago todas as vezes em que ela olhava para ele com seus enormes olhos de Bambi. E então eu desviava sua atenção. – Como você está?

Minha mãe riu sem senso de humor.

– Estou ótima.

Ela não podia ver meu rosto quando fechei meus olhos e mordi meus dentes ao perceber a entonação de sua voz. Ela estava bêbada.

Em vez de ir para o meu quarto fazer meu trabalho de Inglês como planejara, me juntei a ela no sofá para tentar confortá-la e evitar que ela continuasse a beber.

– Foi o jogo em que mais marquei pontos – disse eu a ela, tentando entender o quão alterada ela estava. A cabeça dela girou em minha direção, balançando levemente. Ela sorriu com preguiça, o esforço fazia seus olhos fecharem. Ela já estava bem longe dali.

– Isso é incrível, Emily – cumprimentou ela, com sua voz bêbada. – Gostaria de ter visto o jogo. – Ela tomou um longo gole do vinho, manteve os olhos fechados por um momento e depois tirou a taça da boca.

– Sinto muito sobre isto. – Ela apontou para si mesma. – Eu não jantei. Por isso estou tão alterada.

Balancei a cabeça e tudo o que queria era tirar a taça de vinho da mão dela. Mas, ela secou a taça em dois longos goles. Arregalei meus olhos quando ela inclinou a cabeça para trás, determinada a tomar até a última gota.

– Vou cuidar de você – ofereci, estendendo minha mão.

– Obrigada. – Ela sorriu e seus dentes estavam roxos. Ela me entregou a taça e eu a levei para a cozinha, onde encontrei uma segunda garrafa vazia em cima do balcão. Suspirei e sacudi a cabeça, e então coloquei a taça na pia.

Meu telefone tocou: *Posso ir até aí?*

Hesitei sem saber como dizer não a Evan sem que ele me entendesse mal. *Estou tentando terminar este trabalho. Vejo você amanhã, certo?* Olhei para a garrafa de novo e apertei *Enviar*. Eu não queria que ele visse isso. Eu não queria que ele visse ela.

Certo, ele respondeu. Coloquei o telefone de volta no meu bolso e voltei para a sala.

– Você deve me achar patética – disse ela. Sua língua pesada fazia as palavras se enrolarem. Ela passou a mão no rosto, desajeitada, colocando o cabelo atrás da orelha. – Por estar neste estado por causa de um cara.

– Eu não penso assim – disse eu, calmamente. Observei enquanto ela respirava fundo pelo nariz, com os olhos fechados, com dificuldade para abri-los. – Por que eu não ajudo você a subir para o seu quarto?

– Sim – respondeu ela. – Estou cansada. Devia ter comido.

Estendi minha mão para ajudá-la a se levantar do sofá. Ela agarrou minha mão e se levantou, balançando um pouco.

– Uau, cabeça tonta.

Eu tranquei tudo – a decepção, a frustração, a raiva – e foquei apenas em levá-la para cima com cuidado. Ela engatinhou até a cama e eu tirei seus sapatos antes de cobri-la. Ela puxou os cobertores até o queixo e olhou para mim com cara de culpada.

– Não é porque eu gosto muito dele – explicou ela. – Não é por isso. Quero dizer, eu gosto muito dele. – Ela respirou fundo, seus olhos estavam cheios de lágrimas. Engoli em seco, afetada pela tristeza que rondava seus olhos.

– Não quero ficar sozinha. – Seu lábio inferior tremeu e ela virou para o outro lado.

Suas palavras me acertaram no peito. Suas costas tremeram quando ela começou a chorar. Mordi meu lábio e hesitei, com vontade de tocá-la para tentar consolá-la. Mas saí em silêncio pela porta e a fechei.

Os soluços de minha mãe podiam ser ouvidos mesmo com a porta fechada. Ainda sentindo o peso de suas palavras, sentei-me na beirada da porta e abracei meus joelhos contra meu peito. A raiva e a decepção foram substituídas pela dor no coração. Lágrimas escorreram pelo meu rosto enquanto eu a ouvia chorar.

Já fizera isso antes. “*Nós já fizemos isso antes*”. Eu passei a maior parte da minha infância ouvindo-a chorar. Seus choros me assombravam, e ainda ecoavam em minha cabeça quando tentei dormir naquela noite.

– Você está bem?

– Ah? – Sacudi minha cabeça para sair daquela letargia e encontrei a porta do meu armário aberta e Sara olhando para mim.

– Você está aí parada, olhando para o seu armário, há um tempão. E não pegou nada. O que está acontecendo?

– Eu não dormi muito – respondi. Ainda conseguia ouvir o choro da minha mãe dentro da minha cabeça. Memórias meio esquecidas

voltaram para mim; as noites de birras, cheias de raiva e dor. Eu costumava me esconder embaixo das minhas cobertas, tremendo. Pisquei para voltar para as salas movimentadas.

– E qual é a novidade? – Ela sorriu, me empurrando com seu ombro. – Quer dormir lá em casa hoje à noite?

Abri minha boca para dizer sim, mas não disse. Jonathan só voltaria amanhã, e não achava uma boa ideia deixar minha mãe sozinha em casa.

– Que tal no sábado? – sugeri.

– Pode ser. – Sara fechou seu armário e foi para a classe. Peguei meus livros e fui para o laboratório de informática. Faltei na aula de Teoria Política para fazer meu trabalho de Inglês. Aquele trabalho no qual não consegui colocar as mãos na noite anterior.

Lutei durante todo o restante do dia e fingi ser simpática com Analise na aula de Artes. Desejei que aquele projeto com os pregos já tivesse acabado para que Evan pudesse voltar ao seu lugar, ao meu lado.

– Você vai assistir ao jogo de Evan hoje à noite? – perguntou ela, feliz e ansiosa.

Balancei a cabeça. Não me incomodei em perguntar se ela ficaria, pois já sabia a resposta.

– Talvez possamos sentar juntas – cantarolou ela, alegremente.

– Talvez. – Forcei-me a ser agradável, sem olhar para cima de maneira agressiva, martelando o prego no lugar.

Seu sorriso brilhante e colorido era reluzente demais para o meu estado emocional. Achei que teria que entortar os olhos para olhar para ela, e por isso mantive minha cabeça abaixada. Fingi que estava concentrada em meu trabalho. Ela me deixou em paz durante o restante da aula.

Evan esperava por mim no meu armário com sua mochila no ombro.

– Oi – disse ele, com um sorriso que me tirou do meu estado de terror.

– Estou tão feliz por ver seu rosto neste momento. – Suspirei, colocando meus braços em volta de suas costas e enterrando minha

cabeça em seu peito. Respirei e deixei seu perfume aliviar a tensão dos meus ombros.

– Ah, certo. – Ele riu e acariciou minhas costas. – Teve um dia ruim?

– Algo assim. – Meu rosto ainda estava no peito dele e minha voz saía abafada.

– O que você vai fazer depois do meu jogo?

Olhei para cima, meus braços ainda estavam em volta dele.

– Tenho treino.

– É verdade – lembrou ele. – Vamos sair para comer alguma coisa depois do jogo, e queria que você viesse.

– Sinto muito – respondi, com uma careta, finalmente soltando-o.

– Mas podemos nos ver amanhã à noite depois do meu jogo, pode ser?

– Claro. – Ele sorriu. – É o nosso encontro. Você vai para casa para se trocar ou vai se trocar aqui mesmo?

– Queria ir para casa tomar um banho. Pode ser? Ou isso vai nos atrasar?

– Não, não tem problema. Eu também vou precisar fazer a mesma coisa. E então você terá tempo suficiente para se aprontar, você não acha?

– Sim – respondi, finalmente encontrando um motivo para sorrir pela primeira vez naquele dia. – Perfeito. – E era tudo por causa de sexta-feira. Por causa do meu encontro com Evan, e por Jonathan vir para casa também e... contar para minha mãe que ele se mudaria para a Califórnia. Mas eu me recusava a pensar nessa parte. Eu lidaria com as repercussões dessa conversa com ela *depois* de meu encontro com Evan.

Deixei Jill e Sara entre Analise e eu durante o jogo de Evan. Mas era difícil ignorar seus gritos alegres sempre que ele bloqueava uma jogada ou recuperava a bola. Sara inclinou a cabeça na direção de Analise depois de uma rodada particularmente entusiasmada de aplausos. Ela olhou para mim para dizer alguma coisa, mas eu sacudi minha cabeça virando meus olhos para cima. Sara riu ao ler meus pensamentos sem que eu houvesse dito uma palavra.

– Você vai comer pizza com a gente? – perguntou Analise, enquanto descíamos as arquibancadas.

– Eu tenho treino – disse a ela, não muito feliz por ela fazer parte do “nós” que Evan mencionara.

– Não se preocupe, estarei lá – disse Sara, com o sorriso um pouco forçado demais.

– Ah – respondeu Analise. Sua felicidade diminuiu um pouco. – Ótimo.

Sara se virou para mim pelas costas de Analise e sorriu imitando-a.

– Ótimo.

Eu ri e dei um tapa em seu braço.

– Não seja má.

– É, você está certa – ela gemeu, como se fosse difícil. – Vou ser boazinha, juro.

Sara era a pessoa mais fácil do mundo para se relacionar, e a maioria das pessoas gostava dela imediatamente. Mas se ela não gostasse de você, ela podia ser terrível. Sara e eu sabíamos que não havia nada em Analise para que as pessoas não gostassem dela, mas, por alguma razão, nós duas não gostávamos muito dela. Na verdade, eu até estava um pouco aliviada por não ser a única a ter esses sentimentos inexplicáveis em relação àquela garota animada que tinha sempre um sorriso no rosto.

– Evan, você foi o máximo – cumprimentou Analise, com alegria.

– Obrigado – respondeu ele. Ao me ver atrás dela seus olhos ficaram presos nos meus. Passei por ela e beijei-o na boca, apesar do suor que escorria por suas bochechas. Ele soltou o ar devagar quando me afastei. – Obrigado. – Ele sorriu, acariciando minha mão.

– Preciso me preparar para o treino – disse a ele. – Vejo você amanhã, certo?

– Vou esperar você na entrada – disse Analise, interrompendo-nos.

– Ah, sim, claro – respondeu Evan, olhando rapidamente para ela.

– Vou levar alguns minutos, mas encontro você.

Olhei para os cachos loiros de Analise e então para Evan.

– Dei carona para ela – explicou Evan, ao perceber a confusão no meu rosto. Só consegui balançar a cabeça, com medo do que acabaria falando se abrisse a boca. Ele se inclinou e me beijou mais uma vez. – Vejo você amanhã.

Quando andei em direção ao vestiário, meu telefone tocou.

É patético eu sair com as garotas depois do trabalho. Sinto muito por ontem à noite. Jonathan volta amanhã – oba! Juro que vou me comportar hoje!

Oba. Sexta-feira demorou demais para chegar.



20. Não existe nada "normal"

Nada me impediria de aproveitar cada segundo do nosso encontro. Nada. Nem Analise e sua simpatia, ou o fato de ela ter que se sentar ao lado de Evan durante todo o meu jogo. E, sim, eu percebi. Nem o fato de eu não ter dormido na noite passada porque fiquei acordada esperando minha mãe voltar para casa. E, quando ela finalmente chegou, estava cambaleante e atordoada. E nem mesmo o fato de eu estar atrasada porque deixei as luzes do meu carro acesas no estacionamento e Jill teve que empurrar meu carro para que ele pegasse. Estava *determinada* a ter uma noite incrível.

Tirei minha chave da porta da frente e bati a porta atrás de mim sem nem perceber, quando subi correndo, que minha mãe deixara as luzes acesas no topo da escada. Tirei meus tênis e os atirei pelo quarto, tirei minhas meias e as deixei no chão, e então joguei minha camiseta suada do time no cesto. Tive uma sensação de *déjà vu* ao reconhecer como tudo era parecido com a noite em que Evan me levou para o show. A única coisa que faltava era Jonathan entrando pela porta de surpresa.

Corri até o banheiro apenas de shorts e com um sutiã esportivo. Abri e fechei a porta com apenas um movimento rápido. E então parei no meio do caminho. A ironia batia em minha cara...

– Ei? – Jonathan estava em pé na minha frente, agarrando o cós de suas calças de corrida. Seus olhos castanhos olhavam para mim em choque.

– Ah, me desculpe. Fiquei boquiaberta e instintivamente coloquei meus braços sobre meu peito enquanto fiquei paralisada na frente da porta. O suor escorria pelo lado de seu rosto, pelos tendões de seu pescoço grosso e ao longo dos sulcos dos seus ombros largos e

de seu peito esculpido. Seu rosto ainda estava vermelho, e sua camiseta suada estava amontoada no chão do banheiro. Fechei minha boca, que se abriu sem minha autorização. – Eu não sabia que você estava aqui.

Eu me virei rapidamente e agarrei a maçaneta da porta. Eu havia começado a abrir a porta quando Evan gritou:

– Em? Estou aqui.

Fechei a porta.

– Merda – disse eu, com meus dentes cerrados batendo a cabeça na porta. – Ah, estou atrasada – gritei pela porta. – Desço daqui a pouco.

– Tudo bem – respondeu ele.

Respirei com a cabeça ainda prensada contra a madeira e tentei imaginar o que fazer.

– Uau. – Respirou Jonathan atrás de mim. – Isto é estranho.

Eu me virei e olhei para ele.

– Você acha?

– Então... você tem um encontro? – perguntou ele, naturalmente, como se não estivéssemos em pé, um na frente do outro, quase pelados e suando.

– Jonathan! – o repreendi, com os olhos arregalados. – O que eu devo fazer? Como vou explicar o fato de você sair do banheiro enquanto eu deveria estar tomando banho?! – Eu estava à beira de uma hiperventilação.

– Está tudo bem – disse Jonathan, suavemente. Mas sua expressão cômica persistia. – Tome seu banho.

– O quê? – respondi, um pouco alto demais. Então coloquei minha mão em minha boca e fiquei ouvindo e rezando para que minha voz não tivesse sido escutada no andar de baixo. Ouvi o barulho da porta da frente e o barulho do vidro quando ela fechou.

– Evan? – disse minha mãe. – Como vai? Onde está Emily?

Se eu arregalasse mais meus olhos eles saltariam para fora da minha cabeça. Jonathan soltou uma pequena risada e abri minha boca sem conseguir acreditar.

– Ela está tomando banho – disse ele. – Acho que ela ficou presa depois do jogo e está atrasada.

– Emily! – berrou minha mãe. Os rangidos da escada estavam cada vez mais perto. – Você já está quase pronta?

A maçaneta girou e a porta começou a se abrir. Empurrei a porta com as minhas costas, fechando-a na cara dela.

– Ei! – gritou ela.

– Desculpe. – Fiz uma careta e tranquei a porta para que ela não pudesse abri-la. – Vou entrar no chuveiro. Você precisa entrar aqui?

– Eu posso esperar – disse ela. – Você viu Jonathan? Ele já deveria estar aqui a essa hora.

Olhei para ele enquanto ele estava com a boca fechada segurando uma gargalhada. Estava tão incomodada que queria jogar alguma coisa nele.

– Ah, não – respondi. – Mas também não procurei por ele. – Jonathan não conseguiu se segurar e soltou uma risada constrangida e ofegante.

Pare!, disse eu, sem soltar som, com a testa franzida. Ele apenas sorriu ainda mais.

– Certo. Bem, Evan está esperando por você.

– Eu sei. Vou me apressar. – Fechei meus olhos e balancei a cabeça, sabendo que não tinha escolha. Quando ouvi ela se afastar sussurrei:

– Tudo bem. Vou tomar banho, mas você precisa ficar na porta.

– Não se preocupe. – Ele sorriu. – Eu não vou olhar.

– Engaçadinho – disse eu, sarcasticamente. – Precisamos trocar de lugar para eu conseguir entrar no chuveiro. Por favor, não torne isso ainda mais estranho do que já é.

Para trocarmos de lugar neste banheiro minúsculo precisei passar por ele pressionada entre a banheira e a pia.

Virei minha cabeça para o lado, passando a centímetros dele, com meu estômago preso para que não o tocasse. Senti sua respiração quente no meu pescoço e o cheiro misturado de calor e de um perfume que me lembrava o oceano. Sua pele lisa deslizou sobre a minha, apesar dos meus esforços para me encolher o máximo possível.

Jonathan riu. Virei minha cabeça para cima, nossos rostos estavam a centímetros de distância.

– Precisamos parar de nos encontrar dessa maneira – brincou ele. Passei por ele rapidamente, meu coração estava acelerado.

Peguei sua camiseta molhada e joguei nele, fazendo com que ele risse ainda mais. Sacudi minha cabeça irritada e entrei na banheira no momento em que Jonathan se virou para a porta. Fechei a cortina do chuveiro e tirei o restante das minhas roupas. Meu coração batia tão rápido que eu ainda suava.

Abri a cortina o suficiente apenas para jogar minhas roupas úmidas na frente do vaso sanitário antes de ligar a água. Foi o banho mais rápido de toda minha vida. E eu já fora forçada a tomar banhos bem rápidos. Não sei como, mas consegui lavar meu cabelo e meu corpo ao mesmo tempo.

Quando desliguei a água olhei por trás da cortina, mas Jonathan não estava mais lá. A porta estava fechada, mas destrancada. Respirei fundo e peguei a toalha.

– Jonathan? – A voz confusa de minha mãe subiu pelas escadas. – Você estava aqui esse tempo todo?

Ao perceber que eu não tinha trazido minhas roupas para o banheiro, peguei o roupão de minha mãe que estava pendurado na porta do armário e o vesti.

– Eu estava usando o computador da Emily – explicou ele, calmamente. Ele era um mentiroso bastante convincente. Eu quase acreditei nele. – Estava em uma videoconferência com o escritório, por isso não saí quando você chegou. Desculpe.

Sem esperar para ouvir se minha mãe acreditara em sua história, abri a porta e corri para o meu quarto, vendo rapidamente, pelo canto dos meus olhos, que Jonathan me observava. Achei tê-lo visto sorrir. Meu rosto continuava a pegar fogo.

– Já saí do banheiro – gritei e fechei a porta.

– Vou tomar um banho, certo? Não consegui tomar depois que corri – ouvi Jonathan dizer à minha mãe do lado de fora do meu quarto.

Liguei meu secador de cabelos e deixei que ele bloqueasse tudo o que vinha de fora. A mentira, a ponta de suspeita no tom de voz de minha mãe, a batida acelerada do meu coração, pois ainda não me recuperara por ter ficado trancada com Jonathan no banheiro.

Quando desliguei o secador ouvi música no andar de baixo, e a água estava ligada no banheiro. Juntei meu cabelo e fiz um coque na altura do pescoço. Este era o único estilo de Sara que eu conseguia imitar. Peguei o vestido no fundo do meu armário e tirei o plástico que o cobria com um sorriso. Eu sabia que esta roupa seria perfeita para nosso encontro *normal*.

Respirei fundo, olhei mais uma vez minha imagem no espelho, balançando a bainha do meu vestido vermelho enquanto me virava de um lado para outro. Tentei encontrar a calma que traria de volta o tom natural da minha pele. Se eu não visse Jonathan antes de sairmos, acho que daria tudo certo.

Finalmente saí do meu quarto, um pouco arrumada. Eu podia ouvir Evan e minha mãe conversando na sala, onde a música tocava. Pelo barulho que ouvi, ela devia estar contando mais uma vez histórias animadas das bandas que ela já tinha assistido e das loucuras que aconteceram.

A saia do vestido roçou minhas coxas quando minha mão deslizou pelo corrimão. Ao ouvir meus passos, Evan entrou no vestíbulo. Seus olhos se iluminaram, e me acalmaram imediatamente. Então ouvi o barulho da porta se abrindo atrás de mim. Eu me recusei a virar para trás, com medo de voltar a ser tomada pelo calor.

– Você está tão bonita, Emily – disse minha mãe, com um sorriso no rosto.

– É. – O comentário flutuava no ar e mal podia ser ouvido. Eu esperava que viesse de Evan, mas a palavra veio lá de cima, e quase tropecei em um degrau.

Evan me alcançou, pronto para me segurar, mas consegui ficar em pé e dei um sorriso envergonhado.

– Ainda não sei andar bem com salto alto.

– Não deixarei você cair – prometeu-me Evan, segurando minha mão quando cheguei ao fim da escada. Sorri sabendo que ele não deixaria.

– Olá para você – disse minha mãe, animada ao subir as escadas ao encontro de Jonathan. Esta foi a deixa para eu pegar meu casaco.

Evan me ajudou a vesti-lo e eu me virei para me despedir. Minha mãe estava com os dois braços em volta de Jonathan, segurando-o com força, como se ele fosse voar para longe. Ele estava em pé olhando para nós, com os braços colocados despreocupadamente sobre seus ombros.

– Tchau – dissemos nós dois. Eu me virei e saí da casa antes que eles pudessem responder. Ouvei minha mãe dizer, antes de Evan fechar a porta:

– Divirtam-se.

– Esta é uma das minhas coisas preferidas – disse Evan, do nada, enquanto saía pela garagem.

– O quê? – perguntei, puxada de volta, pois pensava na animação de minha mãe e na ambivalência de Jonathan. Eu não conseguia não me preocupar com ela. Espantei aqueles pensamentos e voltei minha atenção para Evan.

– Ver você descer as escadas. – Ele colocou sua mão na minha, enchendo meu coração de vida.

Fomos a um restaurante algumas cidades à frente, ao longo da orla. Eu praticamente flutuava, envolvida pelo calor da mão de Evan. Estávamos sentados em uma mesa no canto, com vista para o oceano. Estava começando a gostar de encontros “normais”.

– O que aconteceu depois do jogo? – perguntou Evan, depois que pedimos nossas bebidas.

– Ah, deixei as luzes do meu carro acesas e fiquei sem bateria. Jill empurrou o carro para pegar. Eu devia ter ligado para você para avisar que estava atrasada, mas estava muito preocupada em chegar em casa para me trocar. Desculpe.

– Não tem problema – assegurou Evan, calorosamente. – Apreendi muita coisa sobre as experiências de sua mãe em shows enquanto esperava por você. – Ele soltou uma risada rápida, mas consegui apenas balançar a cabeça. Não achava aquela vida cheia de aventuras dela nem um pouco interessante, principalmente por ela ter começado a levar essa vida depois de ter me abandonado.

O garçom voltou com nossas bebidas e fizemos nossos pedidos. As notas harmoniosas de um quarteto rodavam no ar, envolvendo o barulho da conversa. Eu poderia ter sido facilmente convencida de

que éramos as duas únicas pessoas no restaurante. O brilho das velas suavizava os ângulos do rosto de Evan e refletia seus olhos. Ele segurou minha mão por cima da mesa, e fez um carinho que consegui sentir chegar no meu peito.

– Sabe, não sei muita coisa sobre os caras da Califórnia – disse eu, quando consegui formar frases novamente. – Será que você pode me contar sobre eles?

Evan sorriu com o meu pedido.

– Claro. – Ele parou por um momento e então começou: – Bom, tem o Brent. Ele é uma pessoa muito... fácil de se conviver. Ele acha que é melhor com as garotas do que realmente é, e sempre quer o melhor resultado em todas as situações.

Ren é o cara mais descontraído que eu já conheci. Ele vive e respira surf, e tenho certeza de que ele dormiria na praia, em cima de sua prancha, se pudesse. Ele faria qualquer coisa por qualquer pessoa, não importa se ele conhece a pessoa ou não. Se puder ajudar você, ele ajudará. Tenho sorte por conhecê-lo. E tem o TJ. – Evan parou com um sorriso irônico, pensando em como descrevê-lo.

– Ele não é uma pessoa fácil de se entender, mas é sempre divertido, e algumas das coisas que fala faz com que passemos dias rindo. Mas ele é um bom amigo, apesar das milhares de vezes que tivemos vontade de jogá-lo no mar. E então tem o Nate. Nate é o meu melhor amigo. Eu conto para ele... bem, conto tudo. Eu confiaria você a ele se precisasse. – Seus olhos se encontraram com os meus e uma pontada atingiu meu peito, percebendo de repente o que ele queria dizer.

– Era para lá que nós íamos. Para onde deveríamos ter ido. A família dele tem uma casa de verão em Santa Bárbara, mas eles quase nunca vão para lá, nem mesmo no verão. Os rapazes basicamente se apoderam dela quando não têm aula. Estou planejando passar pelo menos uma semana lá antes de você precisar estar no campus para jogar futebol.

– Gostaria de fazer isso – respondi, quando o garçom colocou as entradas em nossa frente. – Eu gostaria...

Minhas palavras foram cortadas por:

– Não vou abaixar minha voz.

Localizamos a fonte da explosão do outro lado do salão, onde um homem que vestia um terno escuro argumentava com o maître, que estava inclinado e falando baixo com ele. A mulher à frente dele olhava para os lados desculpando-se envergonhada. Ela entregou o cheque ao garçom e pegou sua bolsa.

– Vamos, Roger. Está na hora de levá-lo para casa – implorou ela. Todo movimento e conversa se silenciou quando todos os outros clientes pararam para assistir ao espetáculo.

Eu me virei de costas para o casal, demonstrando simpatia pela mulher, que parecia querer se arrastar para baixo da mesa.

– Acho que nunca vou entender – meditei sob minha respiração balançando a cabeça.

– O que você falou? – perguntou Evan.

Levantei meus olhos ao perceber que ele havia me escutado.

– Acho que nunca vou entender por que as pessoas bebem. Parece que a bebida as deixa tão estúpidas. Elas acabam dizendo coisas das quais se arrependem depois, ou acabam agindo como idiotas. Eu não entendo.

– Bem, existe algo chamado moderação – disse Evan.

Eu balancei a cabeça, lembrando de ter visto Evan beber sem agir descontroladamente.

– Você já ficou bêbado?

Evan riu.

– Sim. Já. E também não foi bonito. Tenho certeza que já fui o idiota muitas vezes.

– Sério? – Fiquei surpresa com sua resposta. Não poderia nem mesmo imaginar isso.

– Não acontece com muita frequência. Na verdade, já faz algum tempo que não fico bêbado. Não gosto da maneira como me sinto quando fico bêbado, principalmente no dia seguinte. Você já bebeu?

Sacudi minha cabeça. Não queria contar dos goles que tomei nas festas que minha mãe dava. Eu era muito pequena para saber o que estava fazendo. Por isso, até onde eu sabia, aquilo não contava.

– E não pense que um dia beberei. Além disso, não tenho a menor vontade de ter meu rosto estampado no Facebook, fazendo algo humilhante. Eu já chamo atenção demais.

Evan soltou uma risada curta.

– O que você quer fazer no domingo? – perguntei, mudando o assunto.

– Quer fazer uma caminhada? – sugeriu ele. – Não deve estar frio, e é melhor ir agora enquanto ainda há neve, antes que fique tudo enlameado.

– Claro – respondi. Ar fresco e a calma da floresta seria uma fuga perfeita de tudo e todos em Weslyn. Eu só precisava sobreviver ao jogo de basquete da próxima noite, e à minha mãe, antes de chegar no domingo. – Eu gostaria de fazer isso.

Quando voltamos para o carro de Evan depois do jantar eu perguntei:

– Você quer voltar até minha casa e assistir um filme? Tenho quase certeza de que Jonathan e minha mãe não estarão lá.

– Perfeito – respondeu Evan.

Paramos na locadora no caminho de volta e chegamos na casa escura, conforme previra. Não quis me trocar, apenas tirei meus sapatos e me ajeitei embaixo do braço de Evan. Continuamos com as luzes apagadas. O filme de ação lançava uma luz trêmula na sala escura.

Na metade do filme ouvimos o barulho de porta de carro batendo na garagem. Olhei surpresa para Evan.

– Eles voltaram cedo.

E foi então que ouvimos o grito. Fiquei tensa ao ouvir a voz elevada de minha mãe. Eu não queria que Evan a visse dessa maneira. Podia ouvir Jonathan falando com ela.

Ela entrou pela porta.

– Então, explique. Vá em frente, quero ouvir. – Ela segurava alguma coisa na mão. Evan me puxou mais para perto quando meu corpo todo se enrijeceu. – Como é que o suéter dela foi parar na sua caminhonete?

Jonathan entrou e olhou da minha mãe para nós, e então se sentou no sofá. Foi então que entendi. Ela estava segurando o suéter que eu tinha certeza de que tinha deixado na casa do Drew.

– Eu achei que era seu – disse ele baixinho, olhando para mim e para minha mãe.

Minha mãe se virou para nós percebendo que presenciávamos a cena toda. Seu maxilar estava rígido e seus olhos arregalados, sintomas de um ataque descontrolado. Tive uma fração de segundo para analisá-la. Se ela estivesse bêbada, tudo estava prestes a explodir.

Ela sacudiu o suéter verde para mim.

– Eu pensei que você tinha dito que deixou isto na casa do seu ex-namorado. – Não foi uma pergunta. Foi uma acusação.

Não conseguia me mexer. Eu não fazia a menor ideia do que dizer. Podia sentir Evan olhando para mim, esperando pela minha resposta. Jonathan também estava olhando para mim, tentando desculpar-se silenciosamente. Eu ainda tentava entender o que estava acontecendo e como ele poderia estar com o meu suéter.

– Eu sei que está acontecendo alguma coisa. – Minha mãe olhou para nós acusando-nos. – Eu não sou idiota. – Quando não conseguimos fazer mais nada além de olhar para ela, ela gritou: – Vão todos para o inferno! – Subiu as escadas e bateu a porta tão forte que não ficaria surpresa se ela se quebrasse.

– Eu realmente sinto muito – disse Jonathan. – Tivemos... tivemos uma noite ruim. Ela não está pensando com clareza.

Meu peito doía. Ele contara para ela. Ele tinha que ter contado para ela que ele ia embora. E por isso ela estava tão chateada. Isso não explicava o suéter. Mas já explicava o suficiente. Jonathan desapareceu na cozinha.

– Você quer sair daqui? – perguntou Evan, no meu ouvido. Balancei a cabeça. Ficamos em pé e coloquei meus sapatos enquanto Evan pegava nossos casacos.

Ele segurou minha mão enquanto saíamos pela porta da frente.

Meu peito continuava doendo, e eu não conseguia pensar direito. Quando nos aproximamos do carro, comecei a me preocupar. Eu não sabia dizer ao certo o quanto minha mãe estava bêbada quando fez seu discurso, mas sabia que ela estava magoada. E quanto ela estava magoada...

Eu parei.

- Não posso ir.
- Como assim? – Evan estava completamente desconcertado.
- Preciso ficar – disse a ele, com uma careta. – Ela está chateada, e preciso ficar aqui para ajudá-la.
- Ela precisa se acalmar – disse Evan, sem entender minha lógica.
- É, você está certo. Mas preciso estar aqui para ajudá-la quando isso acontecer.

Evan me observou por um momento.

– Não sei exatamente o que aconteceu lá dentro, mas não foi uma coisa boa. Você tem certeza de que não quer dar um tempo para que eles se resolvam?

– Ela precisa de mim. – Era tudo o que eu conseguia pensar, e não podia ir embora sabendo que talvez ela piorasse na minha ausência.

– Vou ficar com você – disse ele, acariciando minha mão.

– Não – respondi, fazendo com que ele levantasse a cabeça. – É complicado. Além disso, você não precisa presenciar isso. Vejo você amanhã, certo?

Evan não disse nada. Era óbvio que ele estava completamente incomodado com toda a situação. E eu sabia que ele não queria me deixar.

– Vai ficar tudo bem. Eu juro – assegurei, com um leve sorriso e então tentei minimizar a situação. – São coisas de garota. Ela está tendo problema com um garoto. É só isso. Ela vai precisar de uma garota para conversar.

Evan respirou fundo e balançou a cabeça relutante.

– Certo. Ligue para mim se precisar de alguma coisa, certo? Mesmo que seja no meio da noite e você só precise conversar.

Eu me inclinei e o beijei.

– Eu ligo. – Já estava quase me afastando quando ele me puxou de volta e me beijou de novo, agarrando-me com força como se estivesse com medo de me deixar sair dali. – Eu vou ligar, certo? – sussurrei, sem fôlego. Ele balançou a cabeça e eu voltei para dentro da casa.

Fechei a porta e encostei minhas costas nela quando entrei, e fiquei olhando para o quarto dela ponderando.

– Ela está bêbada – disse Jonathan da sala de estar escura. – Provavelmente já apagou.

– Ótimo – resmunguei, querendo me sentar no chão, arrasada emocionalmente por causa das palavras de minha mãe. Tirei meus sapatos. – Vou me deitar. – Eu tinha milhares de perguntas sobre o que aconteceu durante a noite, mas estava arrasada demais para falar sobre isso. Qualquer que tenha sido o problema, aquilo trouxera à tona um lado dela que era bravo e rancoroso. Um lado que fez meu interior tremer. Tudo o que eu queria era esconder tudo aquilo embaixo do cobertor com o qual eu cobriria minha cabeça.

– Ela disse que me amava. – A voz de Jonathan apareceu no silêncio. Eu me virei para ele. – Ela disse que me amava, e eu disse a ela que ia embora.

Eu me afundei no último degrau, absorvendo o que ele acabava de dizer. Ele sentou-se ao meu lado. Continuei a olhar para o chão.

– Primeiro ela ficou chateada. Ela queria saber por quanto tempo escondi isso dela e se eu a estava usando. Ela começou a beber. Muito. Então ela começou a chorar. – Ele parou. – Quando ela se acalmou, conversamos e decidimos que ainda queríamos nos ver, e que tentaríamos ficar juntos até que eu tivesse que partir.

Eu me virei para ele.

– Por que você fez isso? – Minha voz estava aguda e brava.

– Como assim? – O rosto dele estava confuso.

– Você está apenas piorando as coisas fazendo isso com ela – acusei, severamente.

– Não estou.

– Sim, está – insisti, agitada. – Você não percebe como ela está confusa? Você não pode dar algo a ela e então dizer que, na verdade, ela não pode ter aquilo.

– Não é isso o que está acontecendo – disse ele, em sua defesa. Sua voz ficava mais forte.

Balancei minha cabeça e então a coloquei no meu peito.

– Sinto muito, Emma – murmurou Jonathan, suavemente.

Eu estava brava demais para ouvi-lo. Fiquei em pé e subi as escadas em direção ao meu quarto sem olhar para trás. Acendi a luz

e meu estômago se apertou quando vi meu suéter verde em cima da minha cama, cortado em pedaços.



21. Drama

Jonathan não estava na casa pela manhã. E minha mãe também não. Eu ainda estava chateada demais para encarar qualquer um deles.

Minha mãe voltou por volta de meio-dia com uma sacola na mão.

– Sinto muito – disse ela, sem conseguir olhar nos meus olhos e colocou a sacola no sofá ao meu lado. Ela hesitou por um momento, mexendo com as mãos e virando-se desconfortavelmente. Sem dizer nada mais ela subiu para seu quarto.

Eu a observei até que ela desaparecesse, e então abri a sacola e tirei o suéter verde de dentro dela. Não era o mesmo suéter. Mas esta não era a questão.

– Obrigada – disse eu, da porta do seu quarto, enquanto ela dobrava as roupas que estavam na cesta da lavanderia e as guardava em suas gavetas.

– Você está brava comigo? – Ela parecia pequena e frágil.

– Não – respondi, com um pequeno sorriso.

– Ainda posso ir assistir ao jogo hoje à noite? – Seus olhos azuis estavam grandes e tristes. Com seus lábios inferiores ela fazia um beicinho exagerado.

– Pode. – Dei uma risadinha ao ver sua expressão cômica, que parecia a de uma criança ao ser pega pintando as paredes.

– Ótimo! O que você vai fazer depois do jogo? – perguntou minha mãe. De repente a voz dela ficou forte e animada.

– Ah, não sei ainda – respondi, atrapalhada, pois ainda não estava acostumada com suas rápidas mudanças de humor. – Jill e Casey estavam falando sobre uma festa. Sara está em Cornell de novo, visitando Jared. Mas Evan e eu ainda não combinamos nada.

Eu me encostei no batente da porta.

– Você pode entrar – disse minha mãe, pendurando suas roupas no armário.

Na verdade, ainda não tinha visto direito o quarto da minha mãe. Ele sempre estava escuro quando entrei lá para ajudá-la a se deitar. O quarto tinha uma decoração simples, com cortinas brancas penduradas nas janelas. O edredom com estampas de folhas estava espalhado pela cama ainda amarrotado, como se ela tivesse apenas puxado o edredom sob os lençóis desarrumados.

Havia também uma cômoda com um espelho na frente da cama, com colares pendurados na beirada do espelho. Vidros de perfume e anéis estavam espalhados em seu tampo riscado. Uma imagem num porta-retratos chamou minha atenção.

– Não sei bem o que vestir hoje à noite – suspirou ela.

– É apenas um jogo de basquete. Use uma calça jeans – aconselhei-a e peguei o porta-retratos para olhar para ele mais de perto. Não era uma fotografia, e sim um desenho feito a lápis. O sombreamento e os detalhes eram fenomenais. Trouxe a gravura para mais perto de mim para observar os traços da obra do artista.

– Sim, mas eu queria... – Ela parou para me observar. Larguei o porta-retratos rapidamente, com medo de que ela se chateasse por eu estar mexendo nas coisas dela.

– Pode olhar – disse ela.

Peguei o porta-retratos de novo e olhei do desenho para ela. Percebi que era o retrato da minha mãe sorrindo, e que fora desenhado antes que as olheiras em volta de seus olhos e as linhas de expressão ao redor de sua boca tivessem se formado. Sua felicidade era evidente. Não consegui deixar de sorrir ao olhar aquela imagem.

– Você não se lembra do desenho, não é? – perguntou ela, observando-me. Apertei meus olhos, intrigada com a pergunta dela.

– Seu pai desenhou isso antes de você nascer. Você costumava ficar olhando para esse desenho o tempo todo quando você era pequena.

– Eu olhava?

– Derek desenhava gravuras de você, também. Você se sentava na mesa da cozinha e ele perguntava qual tinha sido a melhor parte do

seu dia, e então ele desenhava aquilo para você. Você tinha os desenhos dele pendurados por todo o seu quarto. Você não se lembra?

Olhei para o chão consultando minha memória. Queria me lembrar daqueles momentos que ela falava. Consegui ouvir sua risada e olhar para o seu rosto, mas as memórias se recusaram a voltar. Sacudi minha cabeça e franzi minhas sobrancelhas frustrada.

– Você se lembra *de alguma coisa*? – perguntou minha mãe, em tom cauteloso. Ela observou meu rosto confuso como se estivesse tão desconcertada quanto eu. – Quer dizer que você não lembra... você não se lembra do que passei quando... por que você teve que ir...

Não consegui acompanhar suas frases enigmáticas. Ela balançou a cabeça devagar e ficou olhando para longe, ou talvez para o passado. Ela fechou os olhos e engoliu, e então se recompôs com facilidade, e seu rosto não tinha mais nenhum sinal de aflição.

– Quer sair para jantar antes do jogo? O jogo é às sete, certo?

Não consegui responder de imediato. Estava completamente confusa com o que acabara de testemunhar.

– Sim, é às sete. E, claro, vamos sair para jantar. – Tentei sorrir, mas não consegui. Ainda estava incomodada com o brilho de seus olhos, que ela tentava fazer desaparecer com um sorriso. Resolvi não perguntar do que eu deveria me lembrar. Não hoje.

– Preciso fazer um pouco de lição porque Evan e eu vamos sair para caminhar amanhã. Avise quando você estiver pronta.

– Certo – respondeu ela, virando-se de volta para seu armário.

Fechei a porta do meu quarto e me sentei em minha cama revivendo a expressão atordoada de seu rosto quando percebeu que eu não conseguia me lembrar de nada. Nunca percebi o quão pouco eu me lembrava da minha infância. Sempre estive tão determinada em pensar apenas no meu futuro e em sair de Weslyn. Eu havia passado muito tempo preocupada apenas em estar segura e feliz. Aquilo sempre fora suficiente para mim. Mas agora eu queria me lembrar. De certa forma era importante que eu descobrisse o que acontecera naqueles espaços brancos da minha vida.

Abri meu armário e peguei a pilha de fotos que estava na prateleira, embaixo das minhas blusas de frio. Eu as coloquei em minha cama e voltei até a porta para trancá-la, pois eu me preocupava com a reação de minha mãe se ela visse que eu guardara as fotos que ela jogara escada abaixo.

Eu me sentei em minha cama e olhei as fotos devagar. Havia uma foto de meu pai me segurando logo que nasci; uma outra foto minha no colo dele, que estava sentado na cadeira de balanço segurando um livro. Passei meu dedo por seu rosto animado enquanto chutávamos uma bola de futebol para frente e para trás. Ele parecia tão feliz. *Nós* parecíamos tão felizes. Minha mãe não aparecia em uma única foto. Só pude suspeitar que era ela quem tirava as fotos.

Havia outras dos dois, dando gargalhadas e, obviamente, apaixonados. Eu esperava ver uma foto de casamento, mas não havia nenhuma. Achei que ela havia escondido as fotos do casamento em algum lugar seguro. Ou, pelo menos, desejei que ela tivesse feito isso.

Depois de examinar todos os detalhes em cada foto, deitei na cama e fechei meus olhos. Tentei evocar uma imagem, implorando para que a minha memória me ajudasse. Mas nada veio, nem mesmo uma única lembrança. Suspirei frustrada e guardei as fotos de novo embaixo das minhas blusas de frio.

Desci as escadas e liguei a televisão, mas meu pensamento continuou voltado para a cadeira de balanço. Eu me lembrava, *sim*, da cadeira. Isso já era alguma coisa. Pensei na foto de meu pai lendo para mim, e tentei imaginar aquele momento. Nada.

– Pronta?

Eu pulei. De repente, saí do transe. Minha mãe pegou seu casaco e me observou de maneira estranha.

– No que você está pensando? – perguntou ela, tentando ler meu rosto.

– Em nada. – Balancei minha cabeça. Talvez fosse melhor não me lembrar.

Observei a escolha da minha mãe, por uma minissaia jeans justa com calças legging. Ela *havia* aceitado meu conselho e estava usando jeans, mas não da maneira como eu esperava. Considerando

seu traje ousado, torci para conseguir convencê-la de se sentar no espaço reservado para os pais, embora aquele também não fosse um lugar livre de fofocas.

Para jantar acabamos indo a um bar pequeno e lotado, onde jogos de basquetebol eram exibidos nas telas e faziam com que os clientes gritassem espontaneamente.

– Não sei se Jonathan virá hoje à noite – ela me disse, depois de pedir uma cerveja a um garçom bastante simpático. Seu rosto estava enrugado enquanto ela olhava o cardápio. – Agi tão mal na noite passada.

– Ele me contou que vai para a USC no outono.

– Tenho certeza de que não foi fácil para você ouvir isso. Sei que você gosta muito dele.

– Achei que estava apaixonada por ele – admitiu ela, colocando o cardápio de lado com um suspiro. – Eu não sei. Estou tão confusa. Uma parte de mim quer terminar tudo e seguir em frente, já que vamos terminar de qualquer maneira. Mas a outra parte sabe o quanto vou sentir falta dele, e se eu ainda posso passar mais cinco meses com ele, por que não aproveitar? – Ela olhou para mim como se esperasse uma resposta. – O que você acha que devo fazer?

Hesitei sem saber ao certo o que dizer.

– Acho que você deve fazer o que a deixará mais feliz – finalmente respondi.

– Parece mais fácil do que é. – Suspirou ela. – Vai machucar de qualquer maneira. Espero que ele venha hoje. Pedi um milhão de desculpas para ele hoje. Jonathan disse que tentaria vir, mas que tem um projeto do trabalho para fazer e por isso não sabia se conseguiria assistir ao jogo. E me desculpe por ter acusado você de... bem, você sabe.

Tomei um gole da minha água esperando que evitássemos falar daquela parte da noite passada.

– É só porque eu sei que vocês dois se dão bem. Ouço vocês conversando e gargalhando no meio da noite. Às vezes acho que ele espera para ouvir você se levantar e depois descer as escadas. Como se nem tivesse tentado dormir. Sei que isso parece paranoia e loucura. Afinal, você é minha filha, e...

– Ele não faria isso – eu a consolei, assustada com seus pensamentos ciumentos. – Além disso, realmente não falamos sobre nada interessante. Eu juro. Talvez você devesse perguntar para ele. Tipo, sobre o pesadelo dele.

– Eu já tentei. – Ela parou para esperar o garçom colocar nossos sanduíches na nossa frente. – Ele conta sobre o que ele sonha? – Balancei minha cabeça.

– Ele tem estado distante ultimamente. Acho que estraguei tudo e que ele não vai mais querer ficar comigo. Nem mesmo durante o pouco tempo em que temos antes de ele ir embora. Sabe, não transamos há mais de uma semana.

Eu quase engasguei com a mordida que acabara de dar no meu cheeseburger.

– Desculpe. – Ela fez uma careta. – Acho que falei demais.

– Um pouco – admiti, tossindo.

Quando chegamos na escola Jonathan não estava lá, como minha mãe previra. Não consegui falar para ela não se sentar no lugar reservado aos alunos depois de ver a expressão de decepção em seu rosto quando recebeu a mensagem de Jonathan.

– Ele está atrasado – murmurou ela, jogando o telefone dentro da bolsa. – Eu sei que ele não vem.

– Talvez ele ainda não tenha acabado o que precisava fazer para o trabalho – disse eu, tentando animá-la. Minhas palavras ficaram soltas no ar, como se eu nunca as houvesse pronunciado.

Compramos refrigerantes e fomos para a arquibancada.

– Oi, Rachel! – gritaram algumas vozes.

– Oi, Mark! Oi, James! – gritou ela de volta, com um sorriso. Seu mau humor foi mascarado instantaneamente.

– Você conhece as pessoas? – perguntei, sem acreditar.

– Onde você acha que me sento durante os seus jogos?

– Ah – disse eu silenciosamente, sem nunca ter pensado nisso antes. Fiquei chocada quando outros rostos a reconheceram. Ela conhecia mais pessoas na minha escola do que eu.

– Oi, Rachel – soltou Casey, atravessando a arquibancada para chegar até nós. Jill estava bem atrás dela. – O que você está

fazendo aqui?

– Vim ver Evan jogar – explicou minha mãe. Casey balançou a cabeça como se aquilo fizesse sentido.

– Oi, Emma – Jill me cumprimentou, sentando-se ao lado de Casey, que havia se sentado ao lado de minha mãe. Eu estava começando a me sentir uma estranha até mesmo entre minhas amigas, que claramente preferiam minha mãe a mim.

– Onde está Jonathan? – perguntou Jill, fazendo com que eu arregalasse meus olhos.

Minha mãe deu de ombros evasiva, olhando para a quadra, pois o jogo já estava para começar. A torcida vibrou em nossa volta quando a bola foi jogada para cima.

Ela torceu junto com o restante da escola, como se fosse apenas uma estudante qualquer. Fiquei observando, não apenas o jogo, mas também a popularidade da minha mãe, o que era bastante estranho.

Quando o jogo chegou à metade ela ficou mais atrevida, e seus comentários faziam com que aqueles que estavam ao seu lado caíssem na gargalhada. Fui ficando desconfiada à medida que ela ficava mais animada. Algo estava errado. Sua popularidade crescia enquanto ela ficava mais solta. Os meninos estavam em volta dela. Se eu não fosse filha dela eles teriam me empurrado e me tirado do lado dela.

Durante o intervalo minha mãe desapareceu em direção ao banheiro com Casey e Jill. Eu fui atrás dela um pouco depois e a encontrei despejando o conteúdo de seu cantil na máquina de refrigerantes. Seu comportamento suspeito de repente fez sentido. Eu devia ter desconfiado.

– Casey, você deveria ter trancado a porta – Jill a repreendeu, zangada.

– Desculpe – respondeu Casey, sentindo-se culpada. – Mas é só a Emma.

Minha mãe esperou para ver qual seria minha reação.

– Você não está brava, não é?

Olhei de um rosto para outro enquanto elas esperavam que eu dissesse alguma coisa. Sacudi minha cabeça e entrei na primeira cabine sem dizer uma palavra. Eu me encostei na parede ouvi as

três rindo e Casey comentando com elas sobre um garoto bonitinho que estava sentado atrás delas.

– Você quer que a gente espere você? – gritou minha mãe.

– Não, não precisa – respondi, tentando manter minha voz calma.

Por dentro estava totalmente confusa. Não podia acreditar que apanhara minha mãe dando álcool para minhas amigas para que se embebedassem juntas. Respirei fundo e tentei clarear minha cabeça. Tentei pensar em como evitar que essa situação saísse do controle.

Peguei meu telefone e mandei uma mensagem de texto para Jonathan: *Você ainda vem?*

Se Jonathan não aparecesse sabia que minha mãe continuaria bebendo. E quanto mais ela bebesse mais imprevisível ela se tornaria. Isso seria terrível.

Meu telefone tocou: *Estou a caminho. Estarei aí em quinze minutos.*

Pensei em esperar por ele para não voltar sozinha para a arquibancada. Por fim, voltei para o meu lugar ao lado da minha mãe, bêbada, e de suas amiguinhas que não paravam de rir. Fiquei olhando para elas enquanto elas riam e fofocavam.

Finalmente vi Jonathan na lateral, olhando para a arquibancada à nossa procura. Minha mãe se levantou e acenou freneticamente, e ele conseguiu localizá-la com facilidade. Ele subiu os degraus perto de mim e pediu licença para passar entre as pessoas. Deslizei para o lado para que ele pudesse se sentar entre minha mãe e eu.

Antes que ele pudesse dizer qualquer coisa ela se inclinou e o beijou.

Ele se afastou, surpreso.

– O quê? – perguntou ela, franzindo as sobrancelhas.

– Você está bêbada?

Ela deu de ombros com um sorriso.

– Num jogo de basquete do colégio? Francamente, Rachel! – Jonathan não tentou esconder sua contrariedade.

Minha mãe bufou virando os olhos.

– O que aconteceu com você? Você era divertido. – Ela se virou de costas para ele e começou a torcer junto com as garotas.

Jonathan se virou para mim.

– O que aconteceu?

Dei de ombros.

– Ela está com medo de que você não se importe mais com ela.

– Por quê? – perguntou ele, enfaticamente. – Por que eu tinha que trabalhar?

Não respondi e afundei um pouco mais na arquibancada sem saber o que fazer para que tudo acabasse.

Minha mãe alcançou sua bolsa e pegou sua lata de mini Altoids.

– Você vai fazer isso mesmo? – Jonathan a acusou quando ela colocou uma pílula na boca.

– Bom, se você não vai ficar divertido, então preciso de algo que faça com que eu me sinta feliz.

– O que era aquilo? – perguntei, vendo-a colocar aquelas pílulas na boca muitas vezes para contar, sem saber o que elas realmente eram. Jonathan apenas sacudiu sua cabeça enojado.

Ele a observou em silêncio enquanto ela ficava cada vez mais entusiasmada, cada vez chamando mais atenção. Sua boca estava fechada e os tendões de seu pescoço estavam enrijecidos.

Cerca de cinco minutos depois ele murmurou bravo:

– Sinto muito, Emma, mas não consigo. Não consigo mais fazer isso. – Jonathan se levantou e passou por mim em direção aos degraus.

– Aonde você vai? – gritou minha mãe, atrás dele. Ele não olhou para trás. Só consegui observá-lo, chocada, enquanto ele passava pela lateral e saía pela porta do ginásio.

– Aonde ele vai? – perguntou ela, em pânico.

– Eu não sei – respondi, inquieta.

– Faça ele parar – implorou ela, quase chorando. – Por favor, Emily, você não pode deixá-lo ir embora.

Ela fungou e seus olhos brilharam, repletos de lágrimas.

– Está bem, está bem – disse eu, desesperada. – Vou trazê-lo de volta.

Jill virou-se para minha mãe e seu sorriso se transformou em um olhar preocupado.

– Rachel, o que aconteceu?

– Por favor, ajude-a a se acalmar – implorei para Jill, antes de descer correndo os degraus e sair do ginásio. Jonathan estava próximo da saída quando consegui alcançá-lo.

– Jonathan! – gritei. Ele se virou ao ouvir minha voz. – Aonde você vai?

Ele esperou até que eu chegasse perto dele e então disse:

– Emma, não consigo mais fazer isso. Não quero ser responsável por ela sempre que fica paranoica e emotiva. – Ele parecia derrotado, e soltou uma respiração pesada.

– Por favor, não vá embora – implorei a ele. – Se você for, tenho medo de que ela faça uma cena enorme, e não sei como lidar com isso.

Jonathan hesitou, pensando no que fazer. Meu estômago estava revirado só de pensar no possível escândalo que minha mãe estava a ponto de dar na frente da escola toda.

– Você vai me deixar? – perguntou minha mãe, atrás de nós. – Sabia que você me deixaria.

– Rachel, pare – disse Jonathan, com firmeza. – Aqui não.

– Onde, então? O que importa o lugar em que acontece? Sei que você não quer mais ficar comigo. O que você disse ontem à noite não importa.

– Mãe, deixe eu levar você para casa – implorei. – Vou pegar nossos casacos.

– Não me chame assim – soltou ela, tropeçando quando deu alguns passos em direção a Jonathan. Fiquei paralisada com seu tom áspero. Seus olhos se encheram de lágrimas enquanto ela dava mais um passo na direção de Jonathan. – Por favor, não me deixe. Não posso perder você também.

– Deixe Emma levar você para casa – pediu ele, olhando para mim para se certificar de que eu ainda a levaria. Balancei a cabeça levemente. – Encontro você lá e conversamos. Pode ser?

– Por que não posso ir embora com você? – perguntou ela, começando a fungar.

– Sei que você vai querer conversar assim que entrarmos na caminhonete, e eu não consigo. Encontro você na sua casa, onde poderemos nos sentar e conversar. – Antes que ela pudesse dizer

mais uma palavra ele foi embora. Lágrimas começaram a cair dos olhos de minha mãe. Suspirei e tentei manter minha compostura, embora sentisse uma dor profunda no peito.

Enviei uma mensagem para Jill pedindo para que ela ficasse com nossos casacos. Depois eu os pegaria com ela.

– Vamos lá – encorajei-a suavemente, sem saber se deveria tocá-la ou não. – Vamos para casa.

Ela me seguiu até o carro. Suas pernas se cruzavam preguiçosas uma na frente da outra enquanto ela tentava se equilibrar.

Minha mãe ficou olhando para fora da janela durante todo o percurso até a casa. Mantive meus olhos na estrada, sem querer vê-la sofrer ao meu lado. A caminhonete de Jonathan estava na garagem quando chegamos. Hesitei ao sair do carro, observando enquanto ela tropeçava ao subir os degraus.

Eu realmente queria ir embora. Não queria testemunhar o que estava para acontecer. Mas não podia. Precisava ficar ali para ajudá-la, não importava o que acontecesse. Peguei meu telefone e enviei uma mensagem para Evan: *Precisei trazer minha mãe para casa. Sinto não tê-lo encontrado. Ligue quando puder.*

O frio começou a se instalar em volta de mim e por isso respirei fundo e entrei em casa. Assim que abri a porta me arrependi por tê-lo feito.

– Isso não vai adiantar – disse Jonathan a ela. – Como você quer que eu fale com você se você vai continuar a beber?

– Tudo bem – gritou minha mãe, jogando a taça de vinho no chão, quebrando-a e esparramando vinho tinto por todos os lados. – Eu não vou beber.

O vidro esparramado no chão me deixou imóvel, ainda agarrada à maçaneta da porta.

– Rachel! – gritou Jonathan. – Qual é o problema com você?

Fechei a porta em silêncio. Mas não fui silenciosa o suficiente.

– *Ela* é o problema. – Minha mãe apontou para mim. Arregalei meus olhos ao olhar do dedo da minha mãe para a postura enojada de Jonathan. Ele estava com as mãos na cintura. Abri minha boca, confusa, sem entender o que havia feito para justificar o olhar maldoso no rosto dela.

– Isto não tem a ver com *Emma*, por isso, nem comece.

– Por que você sempre a chama assim? – soltou ela. – O nome dela é *Emily*. E ela vai tirar você de mim também. Assim como fez com ele. – Suas palavras penetraram em mim como se fossem farpas. Eu não fazia a menor ideia de onde vinha aquela hostilidade, mas era neutralizante. Permaneci paralisada, incapaz de encontrar palavras para acalmá-la ou para me defender.

– O que você está falando não faz nenhum sentido – respondeu Jonathan. – Não vou ficar aqui para ouvir isto. – Jonathan caminhou em direção à porta.

Eu estava quase no último degrau da escada quando mais vidro foi quebrado na cozinha.

– O que é isso, Rachel?! – Jonathan se virou rapidamente ao ouvir o barulho. – Não tenha um ataque sempre que você não consegue as coisas do seu jeito.

– Não vá embora – choramingou ela, e então ouvi o barulho de vidro sendo esmagado.

– Não se mexa – pediu ele. – Você está pisando em cacos de vidro.

Jonathan desapareceu em direção à cozinha e surgiu carregando minha mãe nos braços. A cabeça dela estava encostada em seu peito e seu rosto estava repleto de lágrimas.

– Você vai ficar? – perguntou ela. Jonathan não respondeu, mas continuou subindo as escadas em direção ao quarto dela.

Soltei o ar, com o peito apertado pela tensão que tomou conta da casa. Pensei em segui-lo para ajudá-lo a colocar minha mãe na cama, mas não conseguia olhar para ela. Por isso, descí as escadas para examinar a bagunça. Parei na porta, olhando a cozinha e balançando a cabeça. Tentei desviar do vinho que cobria a maior parte do chão, e pisei com cuidado sobre os cacos de vidro e os pedaços da garrafa de vinho. Quando peguei a vassoura meu telefone tocou.

Peguei o telefone e vi o nome de Evan na tela. Respirei fundo antes de atender:

– Oi.

– Ei. Recebi sua mensagem. Está tudo bem?

– Ah, sim – respondi, tentando parecer o mais natural possível. – Minha mãe e Jonathan brigaram de novo e por isso tive que trazê-la para casa. Ela estava fazendo o maior drama, como sempre, e por isso precisei sair com ela. Desculpe por não ter visto você depois do jogo.

– Tem certeza de que está tudo bem?

– Sim. Estou bem. Ela está quase dormindo agora. Já está tudo resolvido. – Meu estômago revirou com a minha mentira.

– Posso ir até a sua casa? Chego aí bem rápido. Eu realmente quero muito ver você. – Tudo o que eu queria era ser libertada dessas emoções que me consumiam, e estar nos braços de Evan era exatamente o que eu precisava.

– Ah, eu, hum... – Evan gaguejou. Algumas vozes gritaram no fundo enquanto ele ficou em silêncio.

– Você está pronto? – Ouvi uma garota perguntar, e ela parecia estar bem perto dele.

– Só um segundo – respondeu ele. Meu coração parou de bater. Eu sabia exatamente quem era a garota. – Ah, eu prometi à Analise que a levaria para a festa de Jeff. É a primeira festa dela, e ela ainda não conhece muitas pessoas. Mas posso ver se ela pode ir com alguma outra pessoa ou algo assim. Deixe eu...

– Está tudo bem. – Tentei parecer não me importar, apesar da dor que sentia dentro do meu peito. – Vá. Estou muito cansada mesmo.

– Em, você tem certeza?

– Sim. Estou bem – disse eu, engolindo o nó da minha garganta, tentando não demonstrar emoção na minha voz. – Foi uma noite ridícula e estou realmente exausta. Nos vemos amanhã? – Minha voz tremeu, apesar do meu esforço para que isso não acontecesse. Fechei meus olhos para evitar as lágrimas.

– Certo – respondeu ele, e antes que pudesse dizer mais alguma coisa eu desliguei o telefone. Fiquei em pé no meio da cozinha com a vassoura na mão, tentando respirar apesar da dor que sentia no peito.

Respirei fundo antes de abrir meus olhos, sem pensar em nada, até que não senti mais nada. Então comecei a varrer o resultado do ataque da minha mãe.

– Deixe eu ajudar você.

Eu me virei e vi Jonathan na porta. Não respondi e ele encheu o balde com sabão e água e começou a limpar o vinho que escorrera pelos armários. Ficamos em silêncio enquanto limpávamos.

Depois de levar a sacola com cacos de vidro para o lixo de fora eu me sentei no segundo degrau, no vestíbulo, e cobri meu rosto com minhas mãos. Meus cotovelos estavam apoiados em minhas pernas, e eu estava emocionalmente esgotada. Jonathan apagou a luz da cozinha e se sentou ao meu lado.

– O que vai acontecer agora? – perguntei, sem olhar para cima.

– Você terminou com ela?

– Eu não podia fazer isso no estado em que ela se encontra – explicou ele, falando baixo. – Sinto muito por você ter presenciado tudo isso. Realmente não tinha nada a ver com você.

Levantei minha cabeça.

– Não tenho a menor ideia do que aconteceu hoje à noite. Ela estava tão... brava. Acho que ela me culpa, mas não sei o que eu fiz.

Jonathan sacudiu sua cabeça sem concordar.

– Isso é entre Rachel e eu. Não tem nada a ver com você.

– Mas você vai deixá-la, não vai? – concluí, secamente.

Jonathan ficou em silêncio por um momento.

– Você quer que eu fique?

Apertei meus olhos. Não sabia como responder. Não sabia ao certo o que ele estava perguntando.

– Se eu fosse embora agora, seria ruim para você continuar a... viver aqui?

– Não se preocupe comigo – respondi, sem muita convicção. – Este não seria o motivo correto para você ficar. Só seria pior no final, para todos. Ela vai ter que superar esta perda.

– Sinto muito, Emma – disse ele, em um tom abafado.

– Eu também. – Respirei. Ele olhou para mim com olhos simpáticos, me puxando. Levei um tempo para conseguir me afastar.

– Acho que já presenciei muito drama esta noite, por isso vou dormir.

– E eu preciso ir – respondeu ele, levantando junto comigo. Parei quando ele abriu a porta.

– Adeus, Jonathan.

– Não estou deixando *você*, Emma – garantiu ele. – Se precisar de mim, estarei aqui.

– Obrigada – respondi. A exaustão podia ser percebida em minha voz. Eu o observei desaparecer atrás da porta fechada e continuei meu caminho até meu quarto.

Quando puxei meus cobertores meu telefone tocou. *Estou indo para a sua casa*. A mensagem apareceu na tela. *Já estou na cama. Vejo você amanhã*, respondi.

Dez da manhã, na minha casa?

Certo.

Mergulhei embaixo dos cobertores sem a menor vontade de ver ninguém pela manhã. Nem mesmo Evan.



22. De dentro para fora

Eu não me lembro de ter dormido. Mas de repente, já era de manhã. Parecia estranho ter dormido a noite toda sem ter um pesadelo, principalmente porque eu ainda estava exausta quando puxei as cobertas de volta. Mas eu também não conseguia me lembrar de um pesadelo.

O silêncio estava muito estranho enquanto eu me aprontava. Muito diferente dos gemidos ocasionais da casa. Ainda não havia nenhum movimento quando fechei a porta atrás de mim. Fiquei sentada no meu carro por algum tempo antes de ligá-lo, segurando no volante com meus olhos fixos na casa como se esperasse que ela me dissesse o que fazer, ou como fazer tudo ficar melhor. Mas a casa permanecia parada, olhando-me de volta.

– Claro – sussurrei. – Agora você fica em silêncio. – Respirei e liguei o carro.

Entrei na garagem dos Mathews e vi mais carros do que o de costume. Junto com as BMWs de Vivian e Evan e do Mercedes de Stuart estavam um Lexus preto e um Prius azul. Parei no meio da garagem comprida, bloqueando todos os carros. Afinal, sairíamos logo, era só Evan vestir um casaco.

Bati na porta. Ninguém atendeu. Bati mais uma vez e esperei um pouco mais, mas ainda assim ninguém atendeu. Virei a fechadura e, devagar, entrei na casa e olhei com cuidado para dentro da cozinha.

– Ollláááá?! – gritei, entrando um pouco mais naquela cozinha enorme. E então ouvi uma risada. Parei para ouvir e então caminhei em direção às vozes no final do corredor.

Uma das portas que ficavam no corredor, uma porta que sempre estava fechada quando eu ia lá, estava escancarada. Podia ouvir as

vozes vindo lá de dentro. Reconheci a voz de Evan.

– Você é muito esquisita – disse ele.

– acredite em mim, ele sabe o que é ser esquisita – brincou Stuart, com uma risada.

– Pai! – respondeu Evan, em tom de brincadeira. – Ela também não é esquisita.

– Ela é totalmente outra coisa. – Stuart riu.

– O que você quer dizer com isso? – perguntou ela. Analise, claro.

Bati na porta. A conversa cessou quando me enxergaram na porta.

– Oi. – Olhei para cada rosto surpreso e percebi as pilhas de envelopes colocadas na grande mesa onde estavam sentados.

– Oi. – Evan me reconheceu e deu um sorriso deslumbrante. – São dez horas? – Balancei a cabeça. – Desculpe. Perdi a noção do tempo. Você quer ajudar? Prometi a minha mãe que terminaríamos de colocar tudo dentro destes envelopes antes de sair. Estamos terminando.

– Ah. – Olhei para os olhos brilhantes de Analise e depois para Stuart, que não olhou na minha cara. – Hum, preciso organizar minhas coisas para a caminhada. Joguei tudo no carro para chegar logo aqui. Encontro você lá fora, pode ser?

– Claro – respondeu Evan, com hesitação. – Não vou demorar. – Balancei a cabeça e saí devagar.

Obviamente eu interrompera alguma coisa, e não continuaria ali com toda minha *estranheza*. Eu não podia acreditar que ouvi Stuart *gargalhar*. Eu nunca vira nem mesmo um sorriso no rosto dele. Fechei a porta da cozinha e não ouvi mais as vozes e risadas.

Andei em direção à garagem e não ao meu carro, e deixei minha mochila, que já estava pronta, no banco de trás. Subi até a sala de TV e me joguei no sofá. Fiquei deitada ali olhando para o teto com vigas.

Meu telefone tocou: *Como você está?*, apareceu na tela.

Cansada. E você?

Também, respondeu ele. *Realmente sinto muito por ontem à noite. Como ela está hoje?*

Ainda não a vi.

Vou conversar com ela. Vou ser sincero.

Fiquei olhando para a última mensagem de texto sem saber a respeito do que ele seria sincero. Antes que pudesse responder ouvi alguém dizer:

- Aqui está você. – Sara estava em pé no topo da escada.
- Oi. – Eu me sentei surpresa. – O que você está fazendo aqui?
- Vamos caminhar com vocês – disse ela, com ciúmes.
- Ótimo – respondi, mas minha voz pareceu decepcionada.

Sara olhou desconfiada para mim.

– Você não quer que a gente vá? Você queria ficar sozinha com Evan?

– Não, tudo bem. – Dei um sorriso fraco. Eu realmente não estava preocupada com a companhia para a caminhada.

– Você não está bem – observou Sara, ao sentar-se ao meu lado no sofá. – Fale.

– Não é nada, de verdade. Só estou cansada. Minha mãe e Jonathan brigaram na noite passada e eu achei que eles tinham terminado...

– Ouvi dizer – disse Sara. – Achei que Jill estava exagerando.

Eu sorri. Claro. Jill assistiu a tudo de camarote.

– Jill falou mais alguma coisa? – perguntei, preocupada que ela tivesse contado a parte da bebida também.

– Não – respondeu Sara. – Por quê? Tem mais alguma coisa?

– Não – menti. – Já foi drama suficiente para uma noite só.

– Então isso é tudo o que você precisa – disse Sara, antes de pular do sofá e me puxar pelos pés. – Ar fresco com sua melhor amiga e com seu namorado. E, claro, com meu namorado também. Estou com saudade de você. Todos estamos precisando disso.

– É verdade – concordei, com um sorriso se formando em meu rosto sem que eu precisasse fazer algum esforço.

Segui Sara pelas escadas. O carro de Anna estava parado atrás do meu carro, e Jared colocava duas mochilas dentro dele. Acrescentei minha mochila à pilha e olhei para as sacolas, achando que tinha coisas demais ali.

– Ela o quê?

Sara estava em pé no primeiro degrau, olhando para Analise, que estava em pé ao lado de Evan na varanda, toda alegre e saltitante. Ao ver a reação de Sara o sorriso de Analise desmoronou. Cheguei mais perto e ouvi o que estava acontecendo.

– Vamos lá, Sara – respondeu Evan. – O que tem levamos uma pessoa a mais? – Percebi o que eles discutiam e meus ombros caíram. Evan olhou para mim para que eu o apoiasse. Forcei um sorriso e disse alegremente:

– Analise, você vem com a gente, não é?

– Tudo bem para você? – perguntou ela, tirando os olhos de Sara e olhando para mim. Sara apertou os olhos em minha direção sem gostar da minha traição. Então ela se virou para Analise e deu um sorriso.

– Claro – disse Sara, com um entusiasmo forçado. – Vai ser ótimo. – Eu só consegui sorrir ainda mais com a reação exagerada dela. – Jared, por que você não dirige? Assim Emma e eu podemos conhecer Analise um pouco melhor. – Ela jogou as chaves para ele.

Depois de tirar o meu carro e estacioná-lo na rua me sentei no banco de trás da SUV enquanto nos dirigíamos para o norte, passando pela fronteira de Connecticut–Nova York em direção às montanhas.

Sara interrogou Analise por noventa minutos. Claro que ela fez isso da maneira Sara de ser, rindo e se animando quando descobria que gostavam das mesmas coisas. Mas com bastante frequência ela olhava para mim com uma expressão de “ela só pode estar brincando”, e eu dava um sorriso.

Nos dirigimos para a trilha carregados de mochilas. Analise caminhava ao lado de Evan e Jared e Sara e eu seguíamos atrás. Era evidente que, para ela, a conversa de garotas já havia terminado.

– Qual é o problema dela? – perguntou Sara, observando enquanto Analise ria e batia no braço de Evan. – Ela parece legal, mas eu simplesmente... eu simplesmente não gosto dela.

Eu ri, provavelmente mais alto e mais forte do que deveria, pois os três se viraram para trás e olharam para nós.

– Emma! – repreendeu Sara, rindo. – Pare. Ela vai pensar que estamos falando sobre ela.

Eu continuei a sorrir e mantive distância suficiente entre os dois grupos para que não pudessem nos ouvir.

– Tenho certeza de que ela *sabe* que falamos dela.

– Ela é animada demais para o meu gosto. Como se fosse um bichinho de estimação patético.

– Se você acha que ela é animada demais, então isso é um problema.

– Um *grande* problema. – Sara riu. – E se ela tocar Evan mais uma vez, acho que vou tirá-la dali para você. Por que você não se incomoda com isso?

– Ah, eu me incomodo – disse a ela. – Mas achei que estava sendo boba, uma namorada ciumenta.

– Você não está – garantiu ela, mas isso só fez com que me sentisse pior. – Ela precisa pegar esses grandes olhos castanhos dela e sair de cena.

– Sara! Ai, meu Deus! – Eu ri. Sara também riu.

– O que é tão engraçado? – perguntou Evan, que parou para esperar que nós os alcançássemos.

– Sara – disse eu, com um sorriso, como se aquela fosse a única explicação necessária.

Evan segurou minha mão, e Sara acelerou o passo para alcançar Jared, passando o braço pelo braço dele. Analise, que segurava vela, continuou seu caminho pela trilha, fingindo estar interessada nos topos das árvores para evitar olhar para nós.

Evan andou mais devagar quando nos aproximamos de uma curva, deixando que os outros desaparecessem. Então ele parou.

– Oi. – Ele sorriu, vencendo o ciúme que tomava conta de mim. Ele se inclinou e meu coração se acelerou com o toque de seus lábios. – Estou querendo fazer isso há muito tempo.

– Estou *precisando* fazer isso há muito tempo. – Respirei.

– Como você está, depois da noite de ontem? Ouvi sobre a discussão durante o jogo. – Ele me observou atentamente.

– É difícil ver – admiti. – Tenho a sensação de que eles estão quase terminando, mas eu não quero que ela se machuque.

– Eu sei – disse ele, beijando-me suavemente. – Mas, é bom ficar longe do clima de tensão. – Balancei a cabeça. Evan acariciou minha

mão e continuamos pelo caminho. Isto *era* exatamente o que eu precisava, apesar da presença de Analise.

– Posso perguntar uma coisa? – Evan subiu ao meu lado em uma pedra ao me entregar o nosso lanche.

– Claro – respondi, desembulhando o sanduíche.

– O que foi aquela história do suéter naquela outra noite?

Parei no meio de uma mordida. Eu não havia pensado em como aquilo teria parecido para Evan. Tirei o sanduíche da boca e disse:

– Foi um mal-entendido. – Dei uma mordida e Evan esperou que eu continuasse. Antes que eu pensasse no que falava, eu disse: – Não era o meu suéter.

– Ah – respondeu Evan, abandonando o assunto enquanto ele desembulhava seu sanduíche. Então ele começou a falar sobre o fato de nós dois termos que ganhar mais um jogo na próxima semana para sermos campeões.

Eu me forcei a dar mais uma mordida no sanduíche, mas já tinha perdido o apetite. O fato de mentir deixava meu estômago estranho. Eu não sabia por que Jonathan estava com o meu suéter. Mas, por alguma razão, não consegui dizer isso a Evan.

Voltamos para o carro quando o sol se escondia atrás das árvores. Evan e eu nos sentamos no banco de trás com Analise. Fiz questão de me sentar no meio. Ela realmente era legal. De verdade. Mas era evidente que ela tinha uma queda por Evan e eu não fingiria que não tinha percebido.

Eu me aninhei embaixo do braço de Evan e deitei minha cabeça em seu peito. Respirei seu perfume, misturado com o cheiro do ar livre, e fechei meus olhos. Ele beijou minha cabeça e brincou com meus dedos, passando seus dedos pelos meus e fazendo círculos na palma de minhas mãos. Deixei a sensação de seu toque me acalmar até eu dormir.

Olhei para o seu rosto enquanto ele segurava minha mão e andava comigo pela praia. Ele não havia se barbeado por alguns dias, e assim parecia que ele estava acampando e não pegando conchas com sua filha. A brisa do oceano bagunçava seu cabelo castanho-escuro e ele estava sempre sorrindo. Isso fazia com que as

linhas em volta de seus olhos se enrugassem, como se seus olhos também sorrissem.

Eu segurava o balde em minha mão, balançando-o levemente. Meus olhos viravam para todos os lados exceto para o chão. Olhavam para os pássaros que voavam pela linha costeira bicando a areia, para a água que chegava escura batendo nas pedras, e depois de volta para o rosto de meu pai, que parecia tão relaxado e em paz.

– Lá está uma legal – disse ele, parando e abaixando-se para pegar uma concha branca na areia. – O que você acha desta, Emma? – Ele segurou a concha para que eu a examinasse.

Peguei a concha na minha mão e passei meus dedos pela sua superfície suave.

– É perfeita... – Olhei para cima, mas ele não estava lá. Eu me virei, procurando por ele, mas eu estava sozinha.

– Emma? – a voz suave sussurrava em meu ouvido. – Emma, estamos em casa.

Pisquei meus olhos e os abri em pânico. Ainda estava deitada nos braços de Evan, mas o carro vazio estava silencioso e escuro. Respirei fundo e me estiquei para me sentar.

– Queria poder deixar você dormir – disse Evan baixinho, ainda segurando minha mão. – Você parecia tão calma. Você não tem dormido muito, não é?

– Na verdade, não – admiti. – Não acredito que dormi durante todo o caminho. Todos já foram embora?

– Sara e Jared estão lá dentro.

Ele abriu a porta do carro e segurou-a até que eu saísse.

– Quer dormir lá em casa hoje? – perguntou Sara, quando Evan e eu entramos pela porta da cozinha.

– Claro – respondi, ao perceber que já havia testemunhado briga demais entre Jonathan e minha mãe. Eu não queria estar naquela casa para ver o que aconteceria naquela noite.

Depois de nos despedirmos, Sara me seguiu até a minha casa. Ao ver a caminhonete de Jonathan na garagem parei meu carro na rua, pois deixaria meu carro ali. Só precisava entrar rapidinho e pegar os

livros e roupas que usaria no dia seguinte. Por um momento, pensei em entrar direto no carro de Sara e não pegar minhas coisas. Não fazia a menor ideia do que me esperava quando entrasse naquela casa. Mas tinha trabalhos para entregar que não podia deixar para trás.

– Já volto – disse para Sara, antes de correr pela calçada. Parei na frente da porta e hesitei. Não ouvia vozes, apenas música. Concluí que estavam no quarto dela, já que o andar de baixo estava escuro.

Respirei fundo e abri a porta devagar, com a intenção de entrar e sair bem rápido para que eles não percebessem que eu estava ali. Fechei a porta e me concentrei nas escadas. "*Eu só preciso pegar minhas coisas e ir embora*", pensava isso o tempo todo.

Cerrei meus dentes quando uma tábuia solta fez barulho embaixo do meu pé, no meio da escada. Fiquei parada, ouvindo. Uma voz carinhosa saía pelos alto-falantes e podia ser ouvida por toda a casa. Mas então, escutei um... gemido? Segurei minha respiração e me virei devagar para as escadas.

A respiração ficou mais forte. Vi um movimento no sofá. Tentei focar meu olhar no escuro e fiquei boquiaberta quando vi pernas cruzadas uma na outra. Permaneci parada, incapaz de olhar para o outro lado, e analisei o comprimento de seu corpo. Seus músculos saltavam quando ela agarrava suas costas. Os olhos dela estavam fechados e sua boca estava arredondada.

Ele gemeu, e eu consegui me livrar daquele estado de paralisia. Praticamente voei pelas escadas e saí pela porta da frente. Corri para o carro de Sara e bati a porta, ofegante.

– O que aconteceu? Onde estão suas coisas? – perguntou Sara, em pânico.

– Eu não consegui... – Eu estava ofegante, tentando recuperar meu fôlego. Aquela imagem não saía da minha cabeça. Tentei me livrar dela, mas não consegui.

– Eles estão brigando? – perguntou Sara, em tom ansioso.

– Não – respondi, enfaticamente. – Eles *não* estão brigando.

– Ah, meu Deus – disse Sara. – Não pode ser. Você não pode ter entrado e... – Ela começou a rir sem acreditar no que havia acontecido.

Apoiei minha cabeça no encosto do banco.

– É. – Respirei. – Acho que eles não terminaram. – Sara riu ainda mais. Olhei de volta para a casa enquanto íamos embora e senti um mal-estar.



23. Limites

— Está se sentindo melhor? – perguntou Sara, durante o café da manhã, na manhã seguinte. Os pais dela já tinham saído para o trabalho, por isso estávamos sozinhas na casa.

Balancei minha cabeça, ainda assombrada pelo fato de ter pego minha mãe e Jonathan naquela situação na noite anterior.

– Não sei como vou olhar na cara deles de novo – resmunguei. Sara riu, divertindo-se demais com o meu trauma. – Sara, eu vi a *bunda* dele. A bunda *nua* dele, em cima da minha mãe! Talvez precise seriamente voltar para a terapia depois de ter visto isso. – Coloquei minha cabeça nos meus braços, que estavam cruzados.

– Aposto que ele tem uma bunda linda – disse Sara, sonhando. Seu rosto todo foi consumido por um sorriso.

Olhei para ela, estarecida. Minhas bochechas estavam rosadas. Minha reação apenas fez com que ela risse mais alto.

– Acho que a última vez em que ri desta maneira foi quando você tropeçou na frente daqueles caras da faculdade, na Califórnia. – Sara colocou a mão na barriga.

– Você adora me ver torturada e humilhada – disse eu, brava. – Grande amiga, você!

– Pare. – Riu Sara, sem conseguir esconder seu sorriso. – É engraçado, de verdade.

– Pegar minha mãe e seu namorado no flagra. Claro, deve ser muito engraçado. Mas ele devia ter terminado com ela. Isso não é tão bom.

– Eles fizeram as pazes – disse Sara, dando de ombros. – Casais brigam e fazem as pazes o tempo todo. Qual é o problema?

– Ele vai embora para estudar na USC – expliquei. – E minha mãe está apaixonada por ele.

– Ela sabe?

– Sim – disse eu. – Mas ela quer ficar com ele até ele ir embora.

– E por que isso é tão ruim? – Era óbvio que ela não entendia minha preocupação.

– Já vou ter ido embora quando ele for – continuei.

– E você fica preocupada por deixá-la sozinha?

Balancei a cabeça, mordendo o lábio para evitar que as lágrimas se formassem em meus olhos. O medo fez doer a ponta do meu estômago enquanto eu imaginava o que minha mãe faria em sua miséria solitária. Eu não queria que ela tivesse que passar por isso sem mim.

A primeira coisa que Sara e eu fizemos naquela manhã foi passar na minha casa para pegar meus livros. Por sorte a casa estava vazia. Evitei me encontrar com minha mãe e com Jonathan aquele dia inteiro.

E achei que tinha calculado perfeitamente o tempo na manhã seguinte, quando saí para a escola, pois deixei meu quarto exatamente no momento em que minha mãe tirou o carro da garagem. Mas, quando desci as escadas, ouvi a porta da geladeira se fechar e percebi que Jonathan ainda estava em casa. Parei, frustrada. Ele nunca estava em casa quando eu saía para a escola.

Continuei descendo as escadas em direção à porta da frente, fechando-a quando ouvi ele chamar meu nome.

Apertei o meu passo. Não queria vê-lo, e muito menos falar com ele. Jonathan saiu pela porta com café na mão e uma sacola de computador pendurada no ombro. Ele olhou em minha direção enquanto eu destrancava meu carro e hesitou um pouco. Como evitei olhar para ele e entrei no meu carro, ele continuou em direção à sua caminhonete.

Virei a chave na ignição e nada aconteceu.

– Não é possível – resmunguei, apertei o pedal e virei a chave mais uma vez. O carro não deu qualquer sinal de vida. Caí no meu banco e bati minhas mãos no volante.

Jonathan freou no final da garagem. Eu fiquei no carro, ignorando-o, resmungando palavrões sob minha respiração. Esta era a última coisa da qual eu precisava nesta manhã.

Ele bateu na minha janela, forçando-me a abri-la.

– Você está bem?

– Não – disse eu, ainda sem conseguir olhar para ele. – Não consigo ligar meu carro.

– Eu dou uma carona para você – respondeu ele. – E então dou uma olhada nisso depois.

Hesitei e olhei para o meu relógio. Sabia que Sara e Evan já estavam a caminho da escola e não fazia sentido pedir a algum deles para vir me buscar.

– Por favor, deixe eu levá-la para a escola – repetiu Jonathan, quando não respondi.

– Está bem – resmunguei. Abri a porta do meu carro e fechei-a com força, frustrada. Joguei minha mochila no chão do banco do passageiro da caminhonete e depois me sentei no banco. Fechei a porta e coloquei meu cinto de segurança. Estava decidida a ignorá-lo.

Descemos a rua e saímos do bairro sem dizer uma palavra um ao outro.

– Podemos conversar? – Jonathan finalmente pediu, diminuindo o volume do rádio quando aquele silêncio ficou tenso demais.

– Não – respondi. – Eu realmente *não* quero conversar.

Mas depois de apenas dez segundos, me virei para ele e praticamente gritei:

– Por que você está fazendo isso com ela, Jonathan? Eu não entendo.

– Eu sei – gaguejou ele. – Eu não consegui terminar. Sabia que isso deixaria as coisas mais difíceis.

– E então você achou melhor torturá-la fazendo com que ela se apaixonasse ainda mais por você para que você possa dispensá-la antes de ir embora. Isso é, realmente, ótimo! – respondi. Minha raiva crescia a cada palavra que eu dizia.

– Emma, por favor, não fique brava comigo – implorou ele. – Não é isso que eu quero, de verdade. Eu só não estava pronto.

– Prolongar o inevitável não vai ajudá-la – respondi, severamente.
– Isso está torturando ela. Você não pode protegê-la para sempre. Você está mimando ela.

– E você não está? – rebateu ele, olhando para mim pelo canto do olho. Abri minha boca para me defender, mas não consegui dizer nada. Na verdade, não sabia ao certo o que ele queria dizer com aquilo. Ele continuou. Sua voz ficava cada vez mais forte. – Emma, você limpa tudo para ela depois que ela tem um ataque; você a conforta quando ela é irresponsável, e na outra noite ela simplesmente acusou você de arruinar com a vida dela. Você a protege tanto quanto eu.

Continuei a olhar para ele.

– Sinto muito – disse ele. Seu tom de voz ficou suave. – Eu não devia ter dito isso.

Deixei suas palavras se perderem no ar. Ele parou no estacionamento da escola, ao lado da calçada que dava a volta em todo o prédio. Jonathan colocou a caminhonete no ponto morto e se virou para mim. Seus olhos castanhos estavam repletos de pedidos de desculpa.

– Então, como resolvemos a situação? – perguntei. – Além de *transar* com ela. – As palavras saíram da minha boca antes que eu pudesse detê-las, junto com uma alfinetada que não consegui prever.

– Hum – gaguejou Jonathan, chocado. – Não era para você ter visto aquilo. Desculpe.

Cerrei meus dentes e olhei para o chão, mais incomodada com as ações dele do que eu podia pensar. O calor tomava conta do meu peito.

– E agora?

– Você está certa – respondeu ele, com firmeza. – Preciso terminar tudo com ela.

Virei meus olhos para ele sem estar convencida de que ele realmente queria dizer aquilo.

– Ainda devo esperar até depois do aniversário dela?

Eu sorri. Eu não havia pensado nisso.

– Não sei.

Ficamos olhando um no olho do outro até eu perceber que já estava olhando para ele a tempo demais, e então pisquei.

– Obrigada pela carona. – Eu me abaixei para pegar minha mochila e então me lembrei. – Meu suéter.

– Hã? – Jonathan não entendeu.

– O que você fazia com o meu suéter? – perguntei.

Jonathan entendeu o que eu queria dizer.

– Eu o encontrei na cadeira que fica na varanda da frente quando estava saindo para o trabalho um tempo atrás. Achei que era da Rachel. E, sinceramente, me esqueci dele.

– Ah – respondi, com as minhas bochechas vermelhas, incomodada por meu tom acusador. O que eu estava insinuando mesmo? Talvez todo este drama esteja fazendo com que eu exagere nas minhas reações. Alcancei a maçaneta e vi Evan um pouco mais à frente, fechando a porta de seu carro. Sorri ao vê-lo. Então Analise apareceu, fechando a porta do passageiro. Meu coração gelou e meu sorriso desapareceu.

– Você está bem? – perguntou Jonathan, ao perceber minha mudança. Continuei sem me mexer, sem saber o que dizer. – Emma?

– Sim, estou bem – disse eu, segurando a alça da minha mochila. Abri a porta.

– Emma. – Jonathan me parou antes que eu pudesse sair. Seus olhos me mantiveram presa tempo o suficiente para ele confessar: – Ela não é a razão pela qual decidi ficar.

– Emma? – gritou Evan, quando eu estava quase perguntando a Jonathan o que ele queria dizer com aquilo. Hesitei por um segundo, mas sabia que precisava ir.

– Obrigada – respondi, mal consegui formar as palavras. Desci da caminhonete e fechei a porta.

Quando Jonathan saiu, Evan apareceu no lugar onde estava a caminhonete.

Ele apertou os olhos.

– Aquele era Jonathan? – Ele encontrou minha mão e entrelaçou seus dedos com os meus.

– Meu carro não pegou – expliquei, tentando ignorar Analise que estava do outro lado dele.

- Quer que eu dê uma olhada no seu carro mais tarde?
- Não precisa – respondi. – Jonathan disse que vai olhar, mas, obrigada. – Evan balançou a cabeça de leve. Ele seguiu a caminhonete de Jonathan com os olhos enquanto ele saía do estacionamento em direção à rua.
- Oi, Emma – disse Analise, colocando a cabeça para frente para que eu visse seu sorriso ofuscante.
- Oi, Analise – respondi, olhando para ela de maneira impassível.
- Onde está o *seu* carro?
- Evan e eu vamos ajudar Vivian depois da escola. Por isso pensamos que fazia sentido ele me trazer para a escola – disse ela. Quando ouvi aquilo perdi a força nos pés. Evan claramente percebeu a expressão atordoada em meu rosto.
- Que ótimo – respondi. Analise foi para o outro lado, em direção aos armários dos calouros, e Evan continuou andando comigo.
- Você está chateada – observou Evan, assim que Analise não podia mais nos ouvir.
- Não – resmunguei, sem olhar para ele. – Só estou chateada por causa do meu carro.
- Bom dia – Sara nos interrompeu. – Como vocês estão? – Ela olhou para mim, depois para Evan, e então fechou a boca. – Hum, estou vendo que vocês não estão muito bem. Falo com vocês mais tarde. – Ela balançou a cabeça entendendo a situação e foi para a aula.
- Peguei meus livros no meu armário. Não conseguia encarar Evan sem demonstrar o quanto o tempo que ele passava com Analise me chateava.
- Em, você não precisa...
- Preciso ir para a aula – murmurei, passando por ele rapidamente. A manhã foi uma chatice. Eu só queria que o dia acabasse, e ele mal havia começado.
- Sara estava esperando por mim no final do corredor.
- Vou na sua casa hoje à noite. Precisamos conversar sobre essa situação com a Analise.
- Certo – suspirei. Eu sabia que precisava conversar sobre isso.

O dia não ficou nem um pouco melhor, pois Analise colocou seu rabo fofo na nossa mesa para almoçar. Sara olhou para ela sem acreditar, como se ela tivesse ultrapassado todos os tipos de limite. Sara abriu a boca para dizer alguma coisa, mas lancei um olhar para ela e implorei sussurrando:

– Não.

– Tem certeza? – perguntou ela, sem acreditar. Balancei a cabeça quando Evan se sentou entre Analise e eu.

O silêncio estranho durou até Analise quebrá-lo:

– Esta comida parece melhor que a do jantar da Sra. Timmins na noite passada, não é? – soltou ela, com uma risada. – Aquela foi a versão mais estranha de frango que eu já vi na vida. Você precisava ter visto, Emma. Acho que era cinza, não era, Evan?

Eu não conseguia me mexer. Sabia que Evan me observava, mas continuei imóvel.

– Que jantar? – perguntou Sara, olhando para mim, suplicando silenciosamente para que eu falasse alguma coisa.

– Ah, um daqueles jantares de negócios – respondeu Analise, com uma risada nervosa, percebendo que tinha dito algo errado.

– O que você achou do jantar? – perguntei eu, com um sorriso forçado, fingindo estar curiosa.

Analise hesitou. Provavelmente tentava decidir se eu estava sendo sincera ou se queria cortar a cabeça dela fora.

– Na verdade foi bem legal. Stuart e Vivian são tão gentis, então foi fácil. E Evan conversa com qualquer pessoa. Ele me apresentou a muitas pessoas, e por isso não foi tão ruim quanto eu temia. No fim, a noite foi bem legal.

Eu me levantei da mesa e saí do refeitório. Eu mal tinha chegado no corredor quando Evan me alcançou.

– Foi apenas um jantar idiota para a firma do meu pai – explicou Evan, agitado.

– Sei – respondi, categoricamente e continuei andando, sem me importar se ele estava ao meu lado ou não. Minha aparência não se alterou, mas por dentro eu estava me contorcendo. Achei que vomitaria.

– Em, pare – implorou ele. – Por favor, me escute.

Eu me virei abruptamente e dei a ele toda minha fria atenção. Ele deu um passo para trás quando viu a expressão em meus olhos.

– Minha mãe queria que Laura conhecesse alguns clientes potenciais ligados à empresa de meu pai – explicou ele, com calma.

– Analise veio junto com sua mãe. Não é tão ruim quanto parece.

Eu me virei e comecei a andar novamente, engasgando com a raiva que tirava toda a lógica e racionalidade da minha cabeça. Eu só conseguia sentir, não conseguia pensar. E eu tinha medo de que, se eu abrisse minha boca, eu me arrependeria de qualquer coisa que dissesse.

– Além disso, você odeia esses jantares – gritou Evan para mim.

Eu me virei.

– *Você* também odiava – respondi e saí correndo, deixando-o para trás.

– Ei, Emma – disse Jill, atrás do meu armário enquanto eu enfiava meus livros na prateleira de cima, resmungando para mim mesma como eu não acreditava que Evan tinha levado Analise para um jantar da empresa. – Como está Rachel?

Virei minha cabeça para o lado. Juntei toda a minha força de vontade para não avançar nela. Para não dizer a ela para tomar conta da sua própria vida. Mas engoli a raiva e disse:

– Ela está bem.

– Nós não contamos para ninguém sobre a bebida – assegurou ela. Ela falou baixo, tomando cuidado para que ninguém a escutasse. Suas palavras soaram estranhas para mim. Apertei os olhos, pensando no que ela havia dito. Seu rosto estava todo simpático.

E então entendi. *“Meu Deus. Ela acha que minha mãe é alcoólatra”*.

– Obrigada – respondi, rapidamente. Precisei olhar para o outro lado, pois meu rosto pegava fogo.

– Não devíamos ter feito o que fizemos – continuou ela. – Casey e eu. Sinto muito por isso.

– Claro, tudo bem – murmurei. Meu estômago estava revirado.

– Se algum dia você precisar conversar com alguém... – disse ela me consolando. Essa atitude me fez querer virar para o outro lado e

sair correndo o mais rápido que eu conseguisse.

– Certo – respondi, rapidamente. – Vejo você no treino. Preciso ir para a aula.

– Ah, claro – respondeu ela, desconfortável. Suas bochechas estavam um pouco rosa. Saí dali com a cabeça abaixada para que as pessoas não vissem como meu rosto estava vermelho.

Eu não podia mais viver negando aquela situação. E as palavras de consolo de Jill me tiraram daquele estado. Apesar de minha mãe sempre dizer que estava bem, ela não estava, e já era hora de encarar a verdade. Eu queria tanto acreditar nela que acabei me convencendo de que ela só bebia muito quando estava chateada ou triste. E, se era assim, tudo bem. Tudo *bem*? Qual era o problema comigo?

– Oi, meninas – minha mãe nos cumprimentou alegremente da cozinha quando Sara e eu chegamos em casa, depois do treino.

– Oi, Rachel – respondeu Sara, colocando sua bolsa perto do pé da escada e andando até a cozinha. Eu a segui, sentindo medo, de repente, de encarar minha mãe. Era como se eu a visse pela primeira vez. Observei a taça de vinho ao lado dela no balcão onde ela cortava os legumes. Aquela visão fez meu peito doer.

Ela pegou a taça e tomou um gole.

– Você vai jantar com a gente?

– Não vou ficar por muito tempo – Sara disse a ela. – Dei uma carona para Emma e vamos conversar um pouco antes de eu ir embora.

– Ah, certo – respondeu minha mãe. – Jonathan foi buscar uma bateria nova para o seu carro.

– Ótimo – respondi, sem muita emoção. – Bom, vamos subir.

– Hum, Sara – disse minha mãe, quando estávamos quase saindo da cozinha. – No sábado é meu aniversário e convidei alguns amigos para virem aqui. Achei que seria legal você vir também, sabe, para fazer companhia para Emily. Acho que vamos só jogar pôquer e ouvir música.

– Claro, parece um programa legal.

– Sério? – Minha mãe levantou os olhos. – Vou ficar feliz se você vier. Eu realmente quero que seja divertido.

– Será – assegurou Sara. – Se você quiser que eu traga alguma coisa, ou faça alguma coisa para ajudar, é só falar.

– Pode deixar. – Minha mãe sorriu. Ficou claro para mim o quanto esta festa era importante para ela, e com tudo o que havia acontecido nos últimos dias, não tivemos tempo de conversar muito sobre isso. Apesar de tudo, o que eu realmente queria era que ela estivesse feliz.

– Acho que Evan tem uma mesa de pôquer para nos emprestar – acrescentei.

– Isso seria ótimo – disse ela, com os olhos brilhantes. – Obrigada.

– Imagina – respondi, com um pequeno sorriso antes de seguir Sara pelas escadas. Quando entrei em meu quarto enviei uma mensagem de texto: *Espera até o aniversário dela. E não se preocupe comigo.*

Abri meu casaco e coloquei-o na cadeira da minha escrivaninha enquanto Sara fechava a porta e sentava na minha cama. Meu telefone tocou e a mensagem de Jonathan apareceu: *Certo. Mas me preocupo com você. Não tenho como evitar.* Minhas bochechas ficaram vermelhas e coloquei o telefone dentro do bolso do meu casaco.

– Certo. Então, você precisa dizer alguma coisa a ele – começou Sara, antes mesmo que eu me sentasse. – Você precisa dizer que ele não pode mais ficar saindo com ela.

Comecei a me preocupar com os desastres potenciais que nos esperavam na festa da minha mãe. E em como Sara e Evan reagiriam ao ver tudo aquilo. Talvez ela apenas ficasse um pouco cambaleante, como acontecia algumas vezes, e talvez ela falasse alto demais fazendo comentários um pouco embaraçosos. Eu poderia suportar isso.

– Emma!

– Ah, o quê? – Redirecionei minha atenção.

– A invasão de Analise – disse Sara. – O que está acontecendo com você? Você ouviu alguma coisa do que eu disse?

– Sim – respondi. – Preciso estabelecer limites.

– Não – corrigiu ela, severamente. – *Evan* precisa estabelecer limites. Ele não pode ter uma garota obcecada por ele ao seu lado por todos os lugares e esperar que você seja a namorada querida que finge que nada está acontecendo.

– Certo – concordei, sem o entusiasmo que Sara esperava. Ela olhou para mim com olhar de reprovação.

– Mas, e se eu estiver exagerando? – perguntei, baixinho, deitando na minha cama, ao lado dela.

– Exagerando? Hum... a escola toda está falando sobre *e/es*. Eles foram juntos a uma festa na última sexta-feira. Ela está na casa dele o tempo todo, e ele a leva para a escola. Eles parecem mais um...

– Certo – interrompi, pois não precisava ouvir os detalhes. – Entendi. Vou falar com ele.

– Por que tenho a impressão de que o que estou falando é novidade para você? Você não se lembra de ter sido pega de surpresa no almoço hoje? Eu vi a expressão no seu rosto quando ela falou do jantar.

Apenas a menção do que havia acontecido fez com que eu cerrasse meus dentes.

– É. Vou falar com ele.

– Certo. Preciso ir. Minha mãe está me esperando para o jantar. Até amanhã – disse Sara, pegando suas coisas e abrindo a porta.

Evan apareceu no topo da escada. Sara parou.

– Ah, oi, Evan.

– Oi, Sara – respondeu ele. Ela passou por ele e me enviou um olhar de boa sorte. Depois desapareceu pelas escadas.

Evan continuou do lado de fora do meu quarto, hesitando ao me ver.

– Oi – disse ele baixinho, fechando a porta.

– Oi – respondi tão baixo que mal podia ser ouvida. Eu me sentei na cabeceira da cama e coloquei o travesseiro no meu colo.

Evan se sentou no pé da minha cama. A tensão entre nós me sufocava.

– Eu devia ter convidado você para o jantar – Evan começou a falar. – Acho que sei o quanto você detesta esses jantares. Mas

devia ter dado a chance de você escolher.

– Não foi apenas o jantar – respondi, soltando uma respiração perturbada. – Você tem passado muito tempo com ela. E eu não gosto disso. É simples assim.

– Em, eu não a vejo desta maneira, eu juro. Para mim, ela é como se fosse minha irmã mais nova. – Silenciosamente ele me pediu para acreditar nele.

– Você pode se sentir assim com relação a *ela*. Mas, Evan, ela está a fim de *você*. Você precisa saber disso.

– Eu sei. – Suspirou ele. – Não queria que isso tivesse acontecido. Só queria que ela se sentisse bem, por ser nova e tudo o mais. Sei que isso pode ser difícil.

Suas palavras penetraram em mim e tocaram meu coração. Eu sabia que ele falava a verdade, pois ele era exatamente daquela maneira.

– Evan, você é a pessoa mais ponderada que eu conheço, e eu amo você por ser assim. Mas você precisa estabelecer limites com ela.

– Eu vou fazer isso – concordou ele, aproximando-se. – Então, você acabou de dizer que ainda me ama? – brincou ele, continuando a se aproximar pela cama até chegar ao meu lado.

– É. – Tentei esconder meu sorriso. – Um pouco de alegria demais não é...

– Emma! – Evan olhou surpreso para mim.

– Desculpe. – Sorri. – Ela é legal. Eu só...

Fui interrompida pelo calor de sua boca contra a minha. E, de repente, ela não era mais importante. Passei meus braços em volta de seu pescoço e o puxei contra mim. Eu me afundei na cabeceira da cama e me deitei enquanto ele tirava o travesseiro do meu colo.

Evan continuou a me beijar, passando a boca pelo meu pescoço e sua mão pela minha barriga até chegar às minhas costas, posicionando-se em cima de mim. Relaxei meus joelhos enquanto ele se deitava sobre mim. Minhas pernas o abraçavam.

Nossa respiração ficou acelerada e nossos beijos tornaram-se mais frenéticos. Passei minhas mãos pela sua coxa, pelos músculos das suas costas, agarrei a ponta de sua camiseta e a levantei.

Minha porta se abriu.

– Seu carro está...

Evan se virou rapidamente e se sentou. Eu me levantei alisando a parte de trás do meu cabelo. Olhei para os olhos arregalados de Jonathan e para sua boca aberta.

– Desculpe, devia ter batido – disse ele de uma vez só e então fechou a porta.

– Ah, limites? – disse Evan, ao meu lado.

– Pois é. – Respirei, olhando para a porta.



24. Feliz aniversário

- Será que eu deveria me preocupar? – perguntei, baixinho, enquanto minha mãe dançava pela cozinha, colocando tigelas no balcão, despejando sacos de batatas fritas e mergulhando colheres nos recipientes.
 - De verdade? – perguntou Jonathan, ao meu lado, observando o mesmo espetáculo.
 - Claro – respondi, sentindo-me tensa.
 - Provavelmente. – A honestidade dele fez meu estômago revirar.
 - Foi isso o que pensei. – Respirei sentindo-me derrotada.
 - Oi – cumprimentou Sara, alegremente, enquanto abria a porta da frente. Eu me virei para ela, escondendo a preocupação com um sorriso.
 - Oi – respondi.
 - Sara! – disse minha mãe, passando por mim para dar um abraço em Sara.
 - Feliz aniversário, Rachel – disse Sara, abraçando-a de volta e olhando chocada para mim por sobre seus ombros. Como resposta apenas dei de ombros.
 - Trouxe um presente para você – Sara disse a ela, quando foi solta. Ela abriu a sacola e pegou um pacote muito bem embrulhado, do tamanho aproximado de cartas de um baralho.
 - Você é um amor. – Minha mãe abriu o presente sem hesitação e tirou um colar de dentro da caixa. Ela segurou a corrente de prata delicada em frente a ela. – É lindo. Obrigada.
 - De nada – respondeu Sara, tirando o casaco.
 - Sara, você deve saber cozinhar – insistiu minha mãe, colocando a corrente em volta do pescoço.

– Na verdade, não sei, não – confessou Sara. – Minha mãe tentou me ensinar, mas ainda não aprendi.

– Qual é o problema de vocês jovens? – Minha mãe balançou a cabeça. Ela voltou à cozinha, onde ela começou a tirar os ingredientes da geladeira. – Vou precisar ter uma conversa séria com a Anna sobre isso. Como você vai se virar quando for para a faculdade?

Ouvimos uma batida na porta. Jonathan foi abri-la enquanto Sara e eu pegávamos as tigelas de batatas fritas e levávamos para a sala. Jared entrou, trazendo uma garrafa de vinho com uma fita em volta dele. Parei ao ver aquilo.

– Oi – minha mãe cumprimentou-o sorrindo.

– Rachel, este é Jared – disse Sara, apresentando-o e passando o braço em volta do dele.

– Feliz aniversário – disse ele, entregando a garrafa à minha mãe.

– O meu preferido – disse ela, pegando a garrafa das mãos dele.

– Obrigada.

– Onde está Evan? – perguntei, procurando na garagem. Como não vi nenhum sinal dele, fechei a porta.

– Ele está vindo em outro carro – explicou Jared, seguindo minha mãe e Sara para a cozinha. – Ele deve estar chegando.

Fiquei no vestíbulo torcendo para que Evan chegasse logo. Além disso, não queria me aproximar da cozinha com medo de ser escalada para cozinhar alguma coisa.

– Você é amigo de Evan? – perguntou minha mãe, ao colocar tortilhas em uma frigideira.

– Ele é meu irmão – explicou Jared, que estava em pé na porta da cozinha.

– Nossa, nunca teria adivinhado isso – respondeu minha mãe, observando seu tamanho e seu cabelo loiro, arrumado atrás das orelhas. – Você se parece tanto com ele quanto Emily se parece comigo. – Ela deu uma gargalhada e Jared sorriu. – Então *você* deve saber cozinhar.

– Nada – confessou Jared, olhando para Sara. Obviamente ele não sabia o que fazer com minha mãe. – Meu irmão e eu somos o

oposto em tudo. Tem mais alguma coisa que eu possa fazer para ajudar?

– Você sabe fazer margaritas?

– Isso eu sei fazer – respondeu Jared, entrando na cozinha.

– Ótimo – murmurei baixinho.

Ouvimos uma batida e a porta se abriu. Evan entrou carregando a mesa de pôquer.

– Deixe-me ajudá-lo com isso – ofereceu Jonathan, que saiu da sala de estar para pegar a mesa. Evan o seguiu segurando cadeiras dobradas nas mãos.

– Finalmente! – disse minha mãe. – Evan, por favor, venha aqui me ajudar a fazer estas quesadillas. Parece que você e eu somos os únicos aqui com algum talento na cozinha.

– Jared tem talento – disse Sara, em sua defesa. – Só não é na cozinha.

– Ah, então, de que cômodo estamos falando? – Minha mãe sorriu. – Do quarto?

– Simplesmente não chegamos lá – soltou Jared sem acreditar, olhando de minha mãe para Sara. Sara começou a rir e eu fiquei olhando, com os olhos arregalados, em choque com a franqueza inapropriada de minha mãe. Fiquei me perguntando se ela já havia começado a beber.

Evan voltou à cozinha depois de pendurar seu casaco.

– Ah, certo. Então, o que você quer que eu faça? – perguntou ele, sem ter a menor ideia de onde acabara de entrar.

– Vire-as quando estiverem prontas – disse ela, entregando uma espátula a Evan. – Querem beber alguma coisa?

– Acho que talvez eu precise beber alguma coisa – disse Jared. Minha mãe pegou dois copos no armário, encheu-os de gelo e os entregou a Jared para completa-los com a mistura de margarita que ele acabara de fazer.

Ela pegou um dos copos e segurou com um sorriso:

– Ao talento.

Jared ergueu suas sobrancelhas chocado e bateu seu copo no dela.

– Ei, também quero brindar – insistiu Sara, enchendo outro copo com gelo para brindar com eles. Tentei não desmaiar quando vi minha mãe beber rapidamente metade do conteúdo de seu copo. Percebi que precisava me preparar. Isso estava para acontecer.

– Você está bem? – perguntou Jonathan, passando por mim enquanto carregava mais algumas cadeiras da varanda e as colocava em volta da mesa de pôquer.

– Só estarei bem amanhã pela manhã – murmurei, decidida a ajudá-lo a arrumar as cadeiras.

– Emily, você pode ligar a música? – gritou minha mãe da cozinha, embora ela não precisasse gritar, pois eu conseguia ouvir cada palavra que eles diziam.

– Claro – respondi. Olhei a coleção de CDs e não encontrei nada que considerasse música de festa.

– Coloque isso – sugeriu Jonathan, me entregando seu iPod. – Existe uma lista de músicas aí para a festa da Rachel.

– Obrigada – disse eu, ligando o iPod no fio conectado ao aparelho de som. Procurei a lista da festa de Rachel. Minha mãe gritou entusiasmada na cozinha quando a primeira música começou a tocar.

– Perfeito, Emily – disse ela.

Estava quase dizendo a ela que não era a minha seleção quando Jonathan me impediu:

– Deixe ela pensar que foi você quem escolheu.

– Certo. – Dei de ombros sem entender por que aquilo importava.

Cerca de meia hora depois a porta se abriu e seis pessoas entraram, carregando sacolas marrons cheias de álcool e salgadinhos.

– É este o lugar da festa? – perguntou um cara com barba bem aparada, olhando para a cozinha. Ele abriu seus braços quando minha mãe gritou de emoção e correu em direção a ele, abraçando-o pelo pescoço e beijando-lhe a bochecha. – Feliz aniversário, Rach – disse ele, beijando-a de volta. Ela abraçou cada uma das pessoas e os encaminhou até o armário para pendurar os casacos e depois colocar as cervejas no cooler que estava na varanda. Ela estava tão

animada. Tentei deixar a preocupação de lado e ficar feliz por ela. Afinal, era o aniversário dela.

– Trouxemos a outra mesa de pôquer e cadeiras – disse um dos rapazes. Ele abriu uma lata de cerveja e voltou da varanda.

Tivemos que nos apresentar, já que minha mãe estava preocupada demais em servir margaritas para as duas mulheres que ela arrastara para a cozinha.

– Uau, Emily – uma mulher chamada Sharon exclamou ao me encontrar. – Como você cresceu.

– Obrigada – respondi, analisando a mulher, que obviamente me conhecia. Sua voz era rouca por ter fumado por muito anos, e seu rosto era marcado por linhas de expressão que revelavam uma vida que não fora boa para ela. Ela tinha cabelos pretos e cacheados na altura dos ombros. Seus olhos escuros estavam cheios de delineador preto e com rímel. – Você ainda se parece muito com o seu pai – continuou ela.

– Não é? – interrompeu minha mãe, atrás de Sharon, segurando um copo que entregou a ela. – Juro que ela não é minha. – Ela riu com a brincadeira.

Sharon gargalhou.

– Você está tentando se livrar dela há anos. Mas fui eu quem a levei para o hospital quando você entrou em trabalho de parto, lembra?

– Eu não podia ir dirigindo – soltou minha mãe.

– A garrafa de vinho deve ter tido algo a ver com isso – acrescentou Sharon. Sua risada se transformou em uma tosse. Apertei meus olhos e olhei para minha mãe.

– Relaxa, Emily. – Minha mãe riu. – Ela só está brincando. – Eu balancei a cabeça com um sorriso estranho. Sharon tampou a boca para parar de rir e então começou a tossir sem parar. – Posso fumar? – perguntou Sharon, com a voz grave, pegando um maço de cigarro em seu bolso.

– Na varanda – respondeu minha mãe. – Vou lá fora com você. – Sharon e minha mãe saíram pela porta da frente.

Evan finalmente surgiu da cozinha com vários pratos de quesadillas. Jared e Jonathan ajudavam os dois convidados que

chegaram a mover a mobília para criar espaço para mais uma mesa de pôquer. Sara e eu trouxemos as jarras de margaritas para colocá-las na mesa.

– Eu sei, está bem? – disse minha mãe para Sharon, enquanto vinham da varanda. O cheiro de cigarro as acompanhava.

– Evan, tome uma cerveja – insistiu minha mãe. – É meu aniversário. Além disso, você vai dormir aqui. Por isso, não precisa se preocupar por estar dirigindo. – Ela sorriu e entregou uma lata de cerveja para ele.

– Obrigado. – Ele aceitou a cerveja e colocou sua mão nas minhas costas, provavelmente sentindo minha tensão. Observei enquanto minha mãe se servia de mais bebida. Fechei meus olhos e respirei rapidamente, tentando manter a calma.

– Você está bem? – Evan inclinou-se ao meu lado e perguntou no meu ouvido.

Eu me livrei de minha expressão preocupada.

– Eu não sei se sei o que fazer com o pôquer.

– Eu ajudo você – assegurou ele. – Vou lhe dar uma folha com tudo escrito para você saber qual é a melhor ordem das cartas.

– Certo – respondi, tentando aparentar relaxada. Encontrei os olhos de Jonathan do outro lado da sala. Ele olhou para minha mãe e então para mim e depois balançou a cabeça. Ele estava esperando algo acontecer, e um nó se formou em minha garganta. Eu também sabia que algo aconteceria. Olhei para longe e tentei não pensar nisso.

– Vamos jogar – disse minha mãe, levando todos para a sala de estar.

Já que ela bebia cada vez mais, jogava cada vez menos. Por fim, ela declarou que o que quer que Jonathan tivesse, seria dela. Ela passou de mesa em mesa, conversando. Então ela trocou a música no iPod e começou a dançar com qualquer pessoa que ela conseguisse tirar do jogo.

E eu joguei pôquer. Ou, pelo menos, tentei jogar. Eu não tinha a menor ideia do que estava fazendo. Ficava olhando para a folha que Evan me dera para decidir se minhas cartas eram boas para fazer uma aposta. Tínhamos que comprar fichas e por isso a aposta era

real. E a aniversariante insistira nisso. Isso fez com que alguns dos caras ficasse um pouco sério demais, já que o jogo deveria ser divertido.

Depois de algumas jarras de margarita, minha mãe estava totalmente cambaleante, sentada no colo de Jonathan com os braços em volta de seu pescoço.

– Vamos lá, amor. Você precisa apostar alto com estas cartas que você tem na mão – disse minha mãe, beijando-o no rosto. Com aquela frase um dos caras cruzou os braços.

– Obrigado, Rachel – respondeu Jonathan, fazendo sua aposta.

– Não, você precisa apostar mais do que *isto* – disse ela, pegando mais algumas fichas. – Vamos ganhar esta rodada. – Ela mostrou a língua para Sara e para o outro cara, que não havia cruzado os braços. Sara riu para ela, tomando um gole de margarita.

– Sara, eu gosto de você – confessou ela, espontaneamente. Os efeitos da tequila já podiam ser percebidos.

– Obrigada, Rachel – respondeu Sara, com um sorriso. – Feliz aniversário. – Ela levantou seu copo para que minha mãe, desajeitada, brindasse.

– Venha dançar comigo – insistiu minha mãe, pulando do colo de Jonathan e agarrando Sara pela mão.

– Mas ainda estou jogando – disse Sara, debilmente. Minha mãe agarrou sua mão e puxou-a da cadeira. Sara deixou suas cartas na mesa.

Minha mãe girou embaixo do braço de Sara, que segurava sua mão acima de sua cabeça.

Observei da outra mesa enquanto Jared embaralhava o baralho.

– Você não fala muito, não é? – observou a mulher com cabelo tingido de loiro. Acho que o nome dela era Sally, mas talvez fosse Ally.

– Não muito – respondi, mantendo meus olhos nas cartas enquanto Jared as colocava na minha frente em cima da mesa.

– E também não bebe, não é? – disse ela, com a voz arrastada, segurando a cabeça com as mãos.

– Não, eu não bebo – respondi.

– Quando você era pequena você costumava preparar drinks para nós – disse ela, fazendo com que eu parasse de pegar minhas cartas. – Era tão bonitinho ver você pegando cervejas para nós. As festas da Rachel eram sempre as melhores.

Analisei minhas cartas atentamente. Sabia que Evan e Jared olhavam para mim.

– Quero duas cartas – pedi, fingindo não estar perturbada com o vestígio da minha vida anterior com minha mãe.

Na verdade, parecia não ser tão diferente da vida que tínhamos hoje. Exceto que eu não tomava mais goles das latas de cerveja. Nossa vida era repleta de variações emocionais, e isso era mais forte ainda quando eu era pequena. Em um minuto se estava gargalhando, no próximo chorando e depois berrando. Sempre havia música, e parecia haver um movimento constante de pessoas pela casa. Mas, apesar da presença física das pessoas, eu ficava sempre bastante sozinha. Foi então que passei a me concentrar na escola e nos esportes. Apesar da falta de interesse de minha mãe nas minhas conquistas acadêmicas, ela sempre fez questão de que eu fizesse futebol e basquetebol, mesmo quando ela não conseguia me levar para os treinos e para os jogos.

A risada de minha mãe e de Sara chamaram nossa atenção. Minha mãe bateu no lado da mesa, derrubando algumas fotos. Sharon se juntou a elas ao voltar da varanda, trazendo o cheiro do cigarro com ela.

– O que você faz, Ally? – perguntou Evan, tomando um gole de sua cerveja.

– Sou uma bartender – respondeu ela, dirigindo sua atenção para Evan e se prolongando por tempo demais. – Não acredito que você ainda está no Ensino Médio. E, espera aí... – Ela olhou de mim para Evan. – Você dois estão namorando, não é?

Evan balançou a cabeça antes de pedir duas cartas para Jared.

– Sinto saudade da escola. – Ela suspirou, tomando um gole de seu copo.

– Não, você não sente falta – disse minha mãe, sentando-se na cadeira vazia ao lado de Ally. – Você detestava a escola.

Ally começou a rir.

– É verdade. Mas fizemos bastante coisa errada naquela época.
– Com certeza – respondeu minha mãe, com uma risada.
– Você se lembra de quando convenceu Sr. Hall a deixar você não fazer aquela prova porque você disse a ele que estava com muita cólica e então fomos para a floresta para ficar chapadas?

Minha mãe riu muito ao lembrar da história. Tanto que seus olhos ficaram cheios de lágrimas.

No meio de um histerismo Ally acrescentou:

– E quando você deu aquela bebida para Emily e ficamos filmando ela batendo a cabeça na parede por quase uma hora.

Minha mãe pôs a mão na barriga enquanto morria de rir. O cara sentado ao lado de Ally riu.

– Eu me lembro disso. Vocês estavam histéricas.

Eu forcei uma risada como se me lembrasse afetuosamente daquele momento. Então cruzei meus braços e dei uma desculpa dizendo que precisava ir ao banheiro. Mas quando abri a porta do banheiro para sair minha mãe estava esperando para entrar.

– Emily! – disse ela, com alegria. – Você está se divertindo?

– Sim. Está tudo ótimo – disse eu, tentando sorrir. – Você está se divertindo?

– Estou tentando – disse ela, passando por mim e entrando no banheiro. – Seria melhor se ele parasse de ficar olhando para você.

– E com isso ela fechou a porta do banheiro deixando-me do lado de fora, atordoada. De quem ela estava falando?

Eu me virei em direção às escadas e Jonathan estava chegando lá em cima.

– Ei – disse ele. – Você está na fila?

– Não – respondi, me dirigindo às escadas, ainda chocada com o que minha mãe havia dito antes de fechar a porta.

– O que está acontecendo?

Dei de ombros, completamente desorientada.

– O quê? – A porta se abriu e minha mãe apareceu. Nós dois nos viramos.

– Aahh – disse ela, como se tivesse nos pego em flagrante. – E aí estão vocês dois. Vocês sabem que eu sei. Tipo, é tão óbvio. Mas vocês não podem esperar pelo menos até vocês irem para a

Califórnia? Vejam bem, é o meu aniversário. Vocês não precisam jogar isso na minha cara.

– Rachel, do que você está falando? – Riu Jonathan, desconfortável.

– Não importa – disse ela, dispensando-o. – Eu já superei.

Eu continuei a olhar para ela.

– Você não pode achar que existe algo acontecendo entre nós – insisti.

– Talvez. – Ela deu de ombros e desceu as escadas, deixando nós dois para trás. Respirei fundo e fui atrás dela enquanto Jonathan entrou no banheiro.

Durante todo o restante da noite não nos olhamos. Ou, pelo menos, eu não olhei para ele. Eu me recusei a fomentar as ideias bêbadas de minha mãe, e eu realmente não queria que ela dissesse alguma coisa na frente de Evan.

À medida que o dinheiro acabava, também acabavam os participantes. Jared e Sara foram os primeiros a parar.

– Acho que estou um pouco bêbada – disse Sara em meu ouvido, rindo, quando ela, desajeitada, me deu um abraço de despedida.

– Tudo bem – disse eu a ela, dando um tapinha estranho nas suas costas enquanto Jared esperava para ajudá-la a vestir o casaco. – Nos falamos amanhã.

Pouco tempo depois a outra mesa de pôquer e as cadeiras foram desmontadas, pois um dos rapazes que as trouxera resolveu ir embora também.

– Mas vocês não podem ir embora – minha mãe implorou a eles, abraçando Ally.

– Feliz aniversário, Rach.

Minha mãe foi até a varanda para vê-los ir embora.

– Quem quer um drinque? – perguntou ela, ao fechar a porta. Era uma pergunta para a qual ela não esperava uma resposta. Ela enfileirou os copos de drinque na mesa, encheu-os de tequila e começou a distribuí-los para todos, inclusive para mim.

Quando ela colocou o líquido dourado na minha frente eu me encolhi e olhei para Jonathan, que estava do outro lado da mesa.

– À juventude eterna – disse ela, segurando o copo. – Vamos lá, Evan, pegue o seu copo.

Evan levantou seu copo junto com os outros, fazendo uma careta depois de beber. Eu não toquei no meu copo. Jonathan pegou o meu copo sem que ninguém percebesse e bebeu antes de colocar o copo vazio em minha frente.

– Muito bem, Emily – cumprimentou minha mãe, pegando os copos.

Enquanto ela estava na cozinha, Evan se inclinou e me perguntou:

– Você quer ficar ou quer ir?

Mordi meu lábio consternada. Antes que pudesse tomar uma decisão o cara de barba cruzou os braços e disse:

– Bom, acho que já estou bem quebrado. Sharon, vamos embora.

– Não – ela resmungou, largada no sofá.

– Sim, você está quase apagada – observou ele, levantando-se da mesa.

– Não, vocês também – disse minha mãe, quando viu os dois pegando os casacos no armário.

– Seu garoto pegou todo meu dinheiro – disse ele. – Então, feliz aniversário. Não gaste tudo de uma vez. – Ela o abraçou e lhe deu um selinho.

Como éramos apenas nós três e minhas fichas acabaram, Jonathan sugeriu:

– Vamos parar?

– Vamos – respondi e me levantei. Evan continuou sentado para ajudar Jonathan a guardar as fichas na caixa. Eu me dirigi à cozinha para começar a limpá-la.

Minha mãe veio tremendo da varanda.

– Somos só nós agora, não é? – Ela olhou para os rapazes na sala e para mim na cozinha. – Eu me *diverti* – disse ela, atrás de mim.

– Que bom – disse eu, colocando os copos na pia.

– Desculpe pelo que disse lá em cima, você sabe, com o Jonathan. Consigo ser bem idiota alguma vezes.

Só consegui balançar a cabeça, sem saber o que responder.

Então, do nada, ela perguntou:

– Você não se lembra de nada, não é?

Eu me virei e apertei meus olhos confusa.

– Do quê? Das festas que você dava quando eu morava com você? Eu me lembro sim.

– Eu só estava pensando – disse ela, ignorando minha resposta. Ela se sentou na cadeira da cozinha, provavelmente porque não conseguia ficar em pé. – Tive que reviver aquele dia durante todos estes anos, e você não se lembra dele. – Seu rosto estava suave e sem emoção e seus olhos viraram preguiçosamente em minha direção.

Abri minha boca para perguntar sobre o que ela falava, mas então percebi. Ela falava sobre o dia em que meu pai morreu. Fechei minha boca e desviei meu olhar.

– Você sempre precisou usar rosa – lembrou-se ela, perdida no passado com o olhar distante. – Todo ano ele comprava um vestido rosa novo para você.

Eu era refém de suas palavras e não conseguia pedir para que ela parasse. Meu coração estava acelerado.

– Você estava esperando por ele na janela, querendo saber por que ele estava atrasado. A cada cinco minutos você perguntava onde ele estava. – A tristeza tomou conta de seu rosto. – Não é justo que você não se lembre do dia em que eu não consegui esquecer. Quando foi a última vez em que você comemorou seu aniversário, Emily? – A pergunta dela me atingiu em cheio.

Meu peito congelou e precisei respirar com força para que o ar chegasse aos meus pulmões. De repente eu não estava mais na cozinha. Estava vestindo um vestido de babados rosa e olhava pela janela.

– Ele me pegava mais cedo no trabalho para virmos pregar aquelas lanternas coloridas idiotas no quintal – lembrou-se ela, impassível.

Por um segundo consegui ver as lanternas. Elas tinham formas e cores diferentes, e estavam espalhadas em zigue-zague pelo jardim. Meu estômago foi tomado pelo frio e eu não conseguia me mexer.

– Ele trazia o seu bolo para casa, feito naquela padaria ridiculamente cara da cidade. Sempre tinha que ser de chocolate com recheio de framboesa.

– Quando papai vai chegar em casa? – perguntei. As cortinas estavam abertas para que eu pudesse olhar para fora.

– Ele não deve demorar. – Foi isso o que me disseram o tempo todo. Não era a voz da minha mãe que me respondia, mas sim a de outra mulher. Olhei sobre meus ombros e a vi tirando uma panela do forno.

– Mas está ficando escuro, e ele sempre chega em casa quando ainda está claro – respondi, ainda olhando para fora da janela.

– Alguma notícia? – perguntou ela. Eu podia ouvir a preocupação em sua voz quando um homem entrou na sala com um telefone na mão.

– Não – respondeu ele. – Eles disseram que ele deixou o escritório há horas. – O homem parecia familiar, mas não sabia dizer quem ele era.

– Rachel! – gritou ele.

– O que foi? – respondeu ela de cima das escadas.

– Acho que precisamos fazer a ligação.

Antes que ela pudesse responder o telefone tocou. Ela desceu as escadas correndo enquanto o homem atendeu ao telefone.

– Quem é? – perguntou ela, antes mesmo de ele dizer alô.

A ansiedade nos olhos dela me deixava nervosa. Continuei observando-a, sem conseguir desviar meus olhos de seu rosto angustiado. Sua expressão mudou de preocupação para desespero quando o homem pronunciou as palavras depois de ter desligado o telefone.

– Houve um acidente.

– Você o roubou de mim – murmurou ela, sem desviar seus olhos dos meus.

– Rachel? O que você fez? – Jonathan parecia estar falando de dentro de um túnel.

Minha visão estava turva por causa das lágrimas. Ela arregalou os olhos ao perceber.

– Ah – disse ela. – Você se lembra.

A dor consumiu meu corpo como se fosse um veneno. Abri minha boca para gritar, mas nada aconteceu.

– O que você fez? – perguntou Jonathan mais uma vez, com mais urgência. – Emma, você está bem?

– Emma, qual é o problema? – A voz abafada de Evan estava cheia de preocupação.

Olhei para os olhos dela de novo e jurei ter visto repugnância. Estremeci.

Eu não podia mais ficar ali. Precisava sair dali. Mas não conseguia me mexer. Minhas pernas se recusavam a me ajudar. Engasguei com os soluços que estavam me sufocando. Meu corpo pegava fogo, queimando na dor. Precisava ficar longe dela.

Antes que percebesse o que fiz já estava saindo pela porta da frente. As pernas que falharam momentos antes estavam agora me carregando numa corrida pela rua. Mas, não importava o quanto eu corria, não conseguia fugir da dor que esmagava o meu peito. Respirei, mas não conseguia receber ar suficiente.

Corri rua por rua antes de cair no chão úmido e lamacento, com a mão no peito. Parecia que meu peito explodiria. Gritei de dor.

Tudo voltou à minha cabeça de uma vez. A ligação. Minha mãe gritando e negando. Observei como se assistisse a uma peça teatral. Eu não entendia, mas ao mesmo tempo entendia bem demais. Ele não voltaria para casa. Ele nunca mais voltaria para casa.

Não sei quanto tempo fiquei deitada no chão frio e molhado, consumida pela dor. Fui trazida de volta ao mundo quando uma mão quente acariciou meu rosto. Ele colocou delicadamente minha cabeça em seu colo enquanto me acalmou com palavras de conforto que eu não conseguia entender bem.

– Está tudo bem – sussurrou ele.

– Dói tanto – disse eu. Meu corpo estava tenso. – *Por favor*, faça parar de doer. – As lágrimas continuaram a escorrer pelo meu rosto.

Evan me levantou do chão e me carregou até o carro. Ele me colocou, gentilmente, no banco do passageiro, e se inclinou para beijar minha testa. Eu me curvei e abracei minha perna, ainda agarrando meu peito, com medo de que, se eu o soltasse, ele se partisse ao meio.

Comecei a tremer. A terra fria se infiltrara pelos meus ossos. O calor do carro não me ajudou muito a parar de tremer. Evan colocou seu casaco em mim, e eu enfiei meu nariz em sua gola, respirando seu perfume.

Briguei para respirar. Meu queixo tremia. Fui consumida pela dor e não conseguia escapar dela. Aquilo estava me matando.

Estava presa na minha tristeza e mal sabia onde estávamos quando o carro parou. Acho que talvez ele tenha tentado falar comigo, mas não conseguia ouvir o que ele falava. Sua voz estava abafada e distante. Fechei meus olhos e apertei meu rosto contra o seu peito quando ele me tirou do carro.

Continuei parada quando ele me deitou em sua cama. Senti meus sapatos saírem de meus pés e minha calça jeans escorregar pelas minhas pernas. Não conseguia me concentrar, mas meus olhos estavam abertos. Eu só conseguia sentir, e não sabia como acabar com aquilo. Não conseguia esconder tudo de novo nas profundezas da escuridão que me protegeram por tantos anos. Eu o estava perdendo mais uma vez.

Senti o calor nas minhas costas e ele me puxou para perto dele. Agarrei sua mão, segurando-a com força. Mantendo-me presa ao presente o suficiente para que pudesse recuperar a perspectiva de onde eu estava, deitada na cama de Evan.

– Eu estou aqui, Emma. Nunca vou deixar você sozinha – sussurrou ele, em meu ouvido, me segurando com força.

Meu corpo tremeu enquanto eu chorava, aliviando a tormenta que fora guardada há dez anos. Encontrei o alívio em algum momento nas primeiras horas do dia, quando a exaustão envolveu a dor e eu caí no sono. Meu sonho era repleto de imagens vívidas de meu pai.



25. Tudo de novo

Antes que eu abrisse meus olhos, ouvi música sendo tocada suavemente ao fundo. Não conseguia perceber bem quem cantava, mas a voz me acalmava. Respirei e deixei a melodia tomar conta do meu corpo antes de decidir abrir meus olhos. Eles não se abriram muito.

Meus olhos estavam inchados e meu corpo todo doía, principalmente meu peito. Eu me estiquei mudando meu corpo daquela posição enrolada em que fiquei durante toda a noite. Embora não estivesse no quarto, Evan deixara aquela música agradável tocando.

Eu me sentei na beirada da cama e respirei fundo. Eu me sentia vazia, como se tudo o que existia dentro de mim tivesse saído do meu corpo e não restasse mais nada. Eu me levantei da cama e fui ao banheiro, sem me olhar no espelho ao passar por ele, pois já vira aquele olhar vago por muitas vezes.

Tirei minha roupa, entrei no chuveiro e permiti que a água quente batesse na minha pele. A exaustão se mantinha ali, mesmo depois de um longo banho. Calças de moletom e uma camiseta estavam no chão, na frente da porta, quando saí. Era evidente que Evan sabia que eu estava acordada.

Vesti a camiseta, bastante comprida, e dobrei a cintura da calça para que não caísse. Fiz uma trança no meu cabelo molhado antes de voltar para o quarto. Ele estava esperando por mim, sentado na cabeceira da cama, olhando os canais com a televisão sem som.

Evan desligou a TV quando me sentei na cama e me enrolei em seu peito.

– Como você está? – perguntou ele, delicadamente, me abraçando.

– Bem – respondi, rouca por causa da emoção.

Ele me apertou contra seu corpo antes de perguntar:

– Será que você pode me contar o que aconteceu ontem à noite?

Engoli seco. Meus olhos se encheram de lágrima ao pensar em dizer tudo aquilo em voz alta.

– Se não puder...

– Tudo bem – disse eu, engasgada. Eu me sentei, respirei mais uma vez e olhei nos olhos azuis de Evan. A preocupação formava uma linha entre eles. Eu sabia que precisava tentar explicar.

– Minha mãe me culpa pela morte de meu pai. – O simples som dessas palavras saindo pela minha boca me sufocavam.

Suas costas endureceram.

– Por quê?

– Ele morreu no dia do meu aniversário – expliquei. – A caminho de casa, depois de comprar o meu bolo.

– E por que isso é sua culpa?

Dei de ombros.

– Claro que não é. Mas... ela sofre. E eu entendo a razão de sua dor. Eu acabei com a vida dela.

– Emma, você *não acabou com a vida dela*. Ela é adulta. Ela deveria saber que acidentes acontecem. *Você* não pode acreditar que isso seja sua culpa.

– Eu... – Eu não consegui encontrar palavras para dizer o que ele queria que eu dissesse, que eu sabia que a culpa não era minha. A culpa capturou as palavras na minha língua antes que pudesse pronunciá-las. Eu entendi que aquilo era verdade, mas não podia negar o quão devastador saber que eu era a razão para ele estar naquela estrada naquele momento.

A razão não importava quando a pessoa que eu mais amava fora tirada de mim. Finalmente entendi por que minha mãe precisava que eu sentisse o sofrimento dela. Doía demais para que ela guardasse isso. Doía demais para que ela fosse a única a sentir falta dele da maneira como ela sentia.

– Não conseguia me lembrar de nada – disse eu a Evan, olhando para a colcha da cama e permitindo que as imagens do meu pai percorressem livremente a minha cabeça. – A lembrança dele significava que eu o havia perdido, e a tristeza vinha junto com essa lembrança. Por isso, eu não me lembrava. Eu não me lembrava de nada, até a noite passada. E machuca... – Engasguei ao falar a última palavra e as lágrimas tomaram conta de meus olhos.

Evan me abraçou apertado.

– Doeu tanto que não consegui respirar. – Lágrimas quentes desceram pelo meu rosto. – Eu senti, senti tudo, como se tivesse acabado de acontecer. E... – Eu engoli um soluço.

– Tudo bem. – Evan me acalmou e beijou minha cabeça. – Eu entendo. – Fiquei deitada em seus braços até que consegui me mexer novamente.

Eu me sentei, e sequei meu rosto molhado.

– Podemos só ficar deitados aqui? – perguntei, fungando. Evan me entregou um lenço de papel.

– Claro.

Eu me deitei no peito de Evan e fiquei ouvido a batida do seu coração. Ele puxou o cobertor para nos cobrir e me abraçou forte, como se a força dos seus braços pudesse aliviar minha tristeza.

A música parou e a televisão foi ligada. Evan escolheu um filme para assistirmos, mas eu dormi logo, ainda consumida pelo calor das emoções que tomara conta de mim.

Quando abri os olhos de novo o quarto estava escuro. Evan estava do seu lado com os braços em volta de mim, respirando pesado enquanto dormia. Respirei seu perfume com meu rosto contra sua camiseta e me levantei para beijar seu pescoço.

Ele se mexeu e me abraçou. Passei minha boca em seu pescoço, sentindo o calor de sua pulsação em meus lábios. Um sorriso se formou em seu rosto enquanto seus olhos ainda estavam fechados. Dei um beijo embaixo de sua orelha.

– Oi – murmurou ele, com um grande sorriso, abrindo os olhos devagar e respirando fundo.

– Oi – sussurrei em seu ouvido, passando meus lábios pelo seu queixo e chegando em sua boca. Ele abriu seus lábios para me

receber. Fiquei em cima dele, beijando-o mais enquanto suas mãos se mexiam embaixo da minha camiseta, passando pelas minhas costas.

Nossos corpos se mexiam juntos, com facilidade. Suas mãos quentes pressionavam minha pele nua, incitando uma vibração em todo meu corpo que fazia meu coração convulsionar. Nossa respiração se acelerou e sua mão chegou à cintura da calça, mexendo no elástico. Levantei sua camiseta e ele chegou para trás para que ela passasse pela sua cabeça, revelando as linhas suaves de músculos por baixo dela.

Passei minhas mãos pelo seu peito definido e pelos sulcos de seu estômago. E o beijei do ombro até o pescoço.

Fui tirar minha camiseta, mas ele se levantou e a colocou de volta. Seus olhos olhavam os meus.

– O que foi? – perguntei confusa, sem saber se fazia algo errado.

– Ainda não – explicou Evan. – Não desse jeito.

Caí em cima dele, meu corpo acelerado.

– Certo. – Respirei decepcionada.

– Você entende? – Ele colocou meu cabelo atrás da minha orelha.

– Entendo – respondi, sem conseguir olhar para ele. Claro que entendia. Nossa primeira vez não deveria acontecer depois de eu ter passado o dia chorando pela perda de meu pai. Mas queria senti-lo. Eu *precisava* senti-lo, precisa estar próxima a ele para curar a ferida que se formara durante a noite.

– Você quer dormir aqui hoje de novo? – perguntou ele, respirando no meu cabelo ao apoiar os lábios na minha testa.

– Preciso ir para casa.

– Para a casa da Rachel? – perguntou ele, surpreso. – Eu achei...

– Sim, preciso – interrompi. – Está tudo bem. Quero conversar com ela. Agora eu entendo. Antes não entendia. Talvez... talvez a gente consiga resolver isso.

– Em. – Evan esperou que eu olhasse para ele. Inclinei minha cabeça e vi sua expressão preocupada. – Não é sua culpa. Não importa o que ela diga, ou acredite, *você* precisa saber disso, certo?

– Certo – respondi num sussurro, beijando-o delicadamente.

A casa estava escura quando paramos na garagem, e o carro da minha mãe estava parado lá na frente. Hesitei antes de abrir a porta do carro e fiquei olhando para as janelas pretas.

– Quer que eu entre com você? – perguntou Evan, colocando o carro no ponto morto.

– Não – respondi, sem tirar os olhos da casa. – Vou ficar bem.

– Me liga mais tarde, tá?

– Eu ligo – respondi, desci do carro e fechei a porta. Respirei pelo nariz me preparando para o que quer que me esperava naquela escuridão. Evan não saiu da frente da garagem. Ele ficou me olhando até eu desaparecer pela porta da frente.

Acendi a luz do vestíbulo e ouvi. A casa ainda era estranha em silêncio. Entrei na sala e olhei pela janela, vi Evan dando ré, devagar, na garagem. Acendi as luzes e vi a mesa de pôquer ainda montada, havia tigelas de batatas fritas inacabadas e copos vazios espalhados. Comecei a pegar os restos da festa e a levar para a cozinha.

Depois de ter limpadado e colocado tudo de volta no lugar subi as escadas. Passara a última hora juntando coragem para fazer isso. Quando me aproximei da porta do quarto dela consegui ouvi-la chorando.

Fiquei paralisada. Minhas entranhas se contorciam. Antes de conseguir sair dali, bati de leve na porta. Os soluços cessaram.

– Sim? – respondeu ela. Eu mal conseguia ouvi-la.

Com meu coração batendo freneticamente abri a porta devagar e entrei.

– Oi – disse eu, de leve.

Minha mãe estava deitada na cama com a maquiagem toda borrada por causa das lágrimas. Seu cabelo estava enrolado e espalhado no travesseiro. O rosto vermelho e os olhos inchados eram familiares demais. Ela ainda usava a mesma roupa da noite anterior.

Eu me sentei na beirada da cama o mais longe dela possível.

– Achei que você também tinha me deixado – disse ela, pegando um lenço de papel na caixa que estava ao lado de sua cama.

– Não – expliquei. – Só precisava de um tempo.

– Então você... você vai continuar aqui? – Ela respirou se recompondo.

– Sim, vou continuar aqui – confirmei, fracamente.

Minha mãe rolou na cama, para longe de mim. Soltei pequenos suspiros enquanto ela continuava a chorar. Minha mão estava em cima dela, tremendo levemente, hesitando em tocá-la. Eu quebrei a parede. Aquela parede que me protegia de tudo o que machucava. Eu me abri e senti a dor dela, a minha dor, e me tornei a filha dela, colocando minha mão em suas costas.

Senti o peito dela se expandir quando ela respirava entre soluços. Esperei que ela melhorasse sentando-me ao lado dela e deixando que ela soubesse que eu não a abandonara.

Depois de algum tempo ela ficou em silêncio. Tirei minha mão quando ela se virou apoiando-se em suas costas para me olhar com os olhos vermelhos.

– Você quer assistir a um filme e comer uma taça de sorvete comigo? – perguntei, delicadamente.

Ela tentou sorrir.

– Claro.

Minha mãe sentou-se devagar, limpando a maquiagem e as lágrimas debaixo de seus olhos.

– Vou tomar um banho. – Antes de sair do quarto ela se virou para mim e disse: – Estou feliz por você não ter me deixado. – Minha boca se contorceu em um sorriso frágil.

A caminho do banheiro minha mãe gritou:

– Não escolha nada romântico e água com açúcar. Sou capaz de jogar alguma coisa contra a TV.

Eu ri e ela fechou a porta. Fui para o meu quarto guardar minha carteira e minhas chaves. A luz vermelha piscava no meu telefone e por isso eu o peguei enquanto saía pela porta.

Vi as ligações perdidas de Jonathan e Evan e as mensagens de texto da noite anterior, perguntando onde eu estava e se estava bem. Depois apaguei todas.

Tive a coragem de ligar para Jonathan quando parei no estacionamento do supermercado, sem saber ao certo o que deveria

dizer.

– Oi – disse Jonathan, ao atender o telefone rapidamente. – Como você está?

– Estou bem.

– Tem certeza? Você não parecia bem na noite passada.

– Eu vou ficar bem – disse eu, passando meus dedos pelo volante.

– Não acredito que ela fez aquilo. Queria ter ido atrás de você, mas Evan já tinha saído pela porta e ela começou a gritar comigo. Desculpe. Devia ter ido assim mesmo.

– Não – disse eu, confusa com suas palavras. – Eu entendo.

– Onde você está agora? Na casa da Sara?

– Não. Voltei para casa – respondi baixinho.

– Você voltou? – Ele parecia surpreso. – Por quê?

– Ah... – Comecei a dizer, afobada com sua reprovação. – Porque ela é minha mãe, e eu não acho que ela deve mais passar por isso sozinha.

– Emma, o que ela fez foi terrível. Como... – ele parou. Eu podia ouvi-lo respirar, como se tentasse se acalmar. – Não entendo como você pode deixar isso passar como se não fosse nada demais.

– Eu não... exatamente – respondi, com fraqueza. – Apenas acho que entendi melhor agora, é isso.

Jonathan ficou um tempo em silêncio e depois acrescentou:

– Não podia ter deixado ela tratar você daquela maneira. Precisava parar com aquilo. Você entende, não é?

– Eu sabia o que estava por vir – respondi. Ele continuou em silêncio. – Preciso desligar – disse eu, finalmente, quando o silêncio começou a ficar desconfortável.

– Me ligue – disse ele, rapidamente, antes que eu desligasse. – Se precisar de *qualquer coisa*. Nem que seja só para dizer oi, tá? Me ligue. – Sua voz estava pesada com preocupação e isso me fez parar.

– Eu ligo – prometi, sem saber se realmente ligaria. Ou se deveria ligar.

Quando voltei para casa minha mãe já estava de banho tomado e no sofá, com um cobertor no colo. Ela não estava usando nenhuma

maquiagem para esconder as linhas em volta de sua boca e as rugas em volta de seus olhos. Ela parecia... acabada. Derrotada.

Ela tentou sorrir e eu entrei carregando o filme e duas caixas de sorvete, mas seus olhos permaneceram tristes e distantes.

Coloquei o filme e me sentei ao lado dela no sofá. Comemos nosso sorvete e assistimos ao filme sem dizer nada até que a voz dela quebrou o silêncio:

– Quando eu quero consigo ser uma vaca e tanto, não é?

Eu não sabia o que dizer. Na verdade estava com medo de olhar para ela e torcia para que ela não estivesse esperando uma resposta minha. Por isso, raspei a colher na parte de cima do sorvete e esperei.

– Eu não sei o que acontece – continuou ela, finalmente. Olhei para ela pelo canto dos meus olhos. Ela não olhava para mim, e sim para o chão, consumida por seus pensamentos. – É que quando bebo demais. Eu fico... eu digo coisas que não deveria. Sou uma pessoa terrível.

– Não, você não eu – disse eu, automaticamente. Ela olhou para mim com seus olhos azuis pesados por tanta culpa. Minha boca se transformou em um pequeno sorriso. – Eu não entendia o que você estava passando. Eu não sabia.

– Ele abrandava meus sentimentos – continuou ela. Contraí minha testa sem saber ao certo o que ela queria dizer. – O álcool – esclareceu ela –, faz a dor ficar suportável. Não sou tão forte quanto você. Você consegue guardar e bloquear tudo. Você foi capaz de fazer isso mesmo quando era uma menininha. Você nem chorou no... funeral. – Sua voz sumiu.

Os olhos de minha mãe se encheram de lágrimas e seu lábio inferior tremeu.

– Sinto falta dele. – Lágrimas correram pelo seu rosto enquanto ela dizia: – Sinto tanta falta dele, e não sei como não sentir. – Seus ombros caíram para a frente e ela se rendeu à dor.

Coloquei minha taça de sorvete de lado e me aproximei dela, colocando meu braço em volta de seus ombros para confortá-la. Ela caiu no meu colo e eu a segurei mais forte enquanto ela chorava.

Não sei dizer o porquê, mas não chorei. Talvez já tivesse sofrido bastante e só precisasse trancar tudo para fora, como ela disse que eu faria. Continuei a consolá-la sem permitir que a tristeza dela penetrasse em mim. Não conseguia me lembrar de uma única vez em que tivéssemos trocado um abraço afetuoso. Mas naquele momento, mal conseguia senti-la no meu corpo. Tão desprendida e fora de mim eu consegui ser apenas *forte*.

Continuei ao lado dela e passei minha mão em seu cabelo escuro, acalmando-a com palavras de conforto, assegurando-a de que não tinha nenhum problema ela sentir falta dele. Assegurando-a de que *ela* ficaria bem.

Finalmente, minha mãe levantou a cabeça, secando as lágrimas de seu rosto.

– Obrigada. – Ela tentou sorrir, mas era como se suas bochechas estivessem cansadas e fracas demais para se levantarem. Ela respirou fundo e sentou no sofá. – Aniversários são uma porcaria nesta casa, não é?

Levantei minhas sobrancelhas sem saber como reagir.

Ela continuou dizendo:

– Acho que vou me deitar. Não dormi muito na noite passada, por isso estou exausta. Vejo você pela manhã?

– Claro – respondi, observando-a se levantar. Continuei a olhar para ela enquanto subia as escadas, em direção ao seu quarto. Eu me deitei no sofá e puxei o cobertor. Ainda não estava pronta para dormir.

Uma batida forte fez com que eu desse um pulo. Estava tudo silencioso no escuro. Talvez houvesse apenas imaginado. Então ouvi a batida na minha porta, fazendo com que eu desse um pulo. Meu coração batia acelerado, em pânico.

Meu quarto estava tão escuro que mal conseguia ver a porta. Pisquei, mas ainda não conseguia enxergar nada. Permaneci paralisada na minha cama.

Uma voz frenética gritava do lado de fora. Parece a voz de uma criança, de uma menininha. Eu me atralhei com meus cobertores ao ouvir o barulho de sua voz aterrorizada. Andei no escuro e senti as tábuas frias embaixo dos meus pés.

Não conseguia entender o que ela dizia. As batidas não me deixavam ouvir suas palavras. Achei que ela estava dizendo:

– Me tire daqui. – Ela parecia desesperada. Eu precisava ajudá-la.

Procurei pela porta no escuro com minhas mãos esticadas à minha frente. Senti a superfície dura com a ponta dos meus dedos. A madeira tremia violentamente embaixo de minhas mãos enquanto suas pequenas mãos batiam na porta. Foi então que eu a ouvi gritar:

– Saia!

Engoli em seco. Abri meus olhos. A televisão estava ligada e eu estava deitada no sofá. Meu coração estava acelerado dentro do meu peito. O medo na voz dela ainda podia ser ouvido dentro da minha cabeça. Eu me sentei e minhas mãos tremiam.

Olhei para as escadas pensando em ir para a cama, mas sabia que não conseguiria dormir. Peguei o controle remoto e comecei a mudar os canais, embora o grito dela ainda ecoasse na minha cabeça, fazendo com que meu corpo todo se arrepiasse. Eu me enrolei no meu cobertor com mais força.

Peguei meu telefone sem pensar no que fazia, mas precisando ouvir uma outra voz na minha cabeça que não fosse a da garotinha.

Quase instantaneamente eu ouvi:

– Oi. Não está conseguindo dormir?

Meus lábios se contorceram em um meio sorriso ao ouvir a voz dele.

– Não. Você também não?

– Não. O que você está vendo? – perguntou Jonathan.



26. Decepção

— Então como está Rachel?

— Ela está bem — disse eu, sentando-me na minha cama e passando meus dedos pelo desenho da minha colcha. — Ela tem estado mais calma nas duas últimas semanas. Ela tem concentrado toda sua energia em me ensinar a cozinhar, o que tem sido desastroso. E eu tenho tentado ensiná-la a jogar basquete, o que é *ainda mais* desastroso.

Ele riu. Ela não conseguia bater a bola se tivesse que levantar a cabeça. A simples imagem dela correndo atrás de mim me fez sorrir.

— Parece que vocês duas estão se acertando.

— Estamos tentando — admiti. — Mas não é sempre fácil. Ela ainda chora muito, mas nada que um pote de sorvete não resolva. — Parei e então acrescentei: — Ela sente sua falta.

— Não tenho tanta certeza de que ela sinta falta de *mim* — respondeu Jonathan. — Acho que ela sente falta de ficar com alguém.

— Que seja — disse eu. — Não vou discordar de você. Mas estou bastante convencida de que ela sente falta de você.

Ele soltou uma risadinha ao perceber que eu discordava dele de qualquer maneira.

— Sinto muito por vocês não terem ganho o campeonato. Foi um jogo apertado.

— É. — Suspirei. Eu havia passado o filme dos últimos dois minutos do jogo em minha cabeça repetidas vezes nas últimas duas semanas e meia. — Aquela falta veio na hora errada. Espera aí. Você estava lá?

– ãh, sim – confessou ele, devagar. – Precisava saber como acabaria.

– Bom, com certeza, acabou. Gostaria que você tivesse vindo falar comigo.

– Achei que seria estranho. Rachel estava lá.

– É. Talvez – admiti, relutante. – Já faz algum tempo que não o vejo.

– Talvez a gente possa se encontrar.

– Talvez.

– Deveríamos sair juntos algumas vezes. Para fazer alguma coisa.

– Ah, sim. *Alguma coisa* parece legal – brinquei. – Vivo fazendo isso e sempre me divirto.

– Você é engraçada. Agora, sério, vou pegar você um dia e vamos sair juntos para fazer *alguma coisa* que eu decidir.

– Combinado – respondi e ele riu.

– Então hoje é a grande noite – disse ele, com um entusiasmo exagerado.

– Não brinque com isso – ameacei-o de leve. – É uma grande noite.

– Só porque você está colocando as coisas dessa maneira. Emma, deixe acontecer o que tiver que acontecer.

– Nossa, que conversa animadora. Obrigada – respondi, com sarcasmo. – Não quero falar sobre isso se não vou jogar meu telefone pela janela, e gosto deste telefone. Detestaria ter que comprar outro.

Jonathan riu de novo.

– Tudo bem. Não falaremos sobre isso. Mas não deixe o pai dele atingi-la, não importa o que aconteça.

– Não vou deixar. – Suspirei. Sabia que Stuart Mathews era o homem mais intimidante do planeta e não tinha como eu *não* deixar que ele me atingisse. Ele me deixava aterrorizada!

– Depois me conte o que aconteceu. O suspense já está me matando – zombou ele, soando exageradamente dramático.

– Ha, ha – disse eu. – Preciso ir. Não se assuste se eu ligar às três da manhã assustada com um pesadelo onde um homem bem-

vestido está pisando em mim. Eu poderia dizer a marca da roupa dele, mas não conseguiria dizer o que o homem estaria vestindo.

– Estarei esperando. – Riu Jonathan. – Tchau, Emma.

Observei enquanto aparecia na minha tela o aviso de *Ligação Terminada* tentando juntar coragem para me preparar para o jantar com Evan e seus pais. Teria sido melhor se Jared pudesse estar presente para ajudar a aliviar a tensão. Ele parecia sempre saber o que dizer para deixar as situações mais sérias leves e descomplicadas. Mas ele não podia vir de Cornell no meio da semana.

– O que você vai vestir? – perguntou minha mãe, do outro lado da porta do meu quarto, que estava aberta. Olhei para cima surpresa, me perguntando há quanto tempo ela estava ali.

– Ah, estava pensando em usar a calça cinza com a blusa branca – respondi, apontando os dois itens que estavam pendurados na porta do meu armário. A calça era chique, como se eu fosse para uma entrevista em um escritório de advocacia bem sério. Mas a blusa de mangas bufantes e curtas era leve e fresca, deixando o visual um pouco mais casual.

– Calça? – perguntou minha mãe.

– Vou estar tão nervosa. Vou suar muito. Você tem ideia de como é desconfortável suar atrás dos joelhos quando se está usando uma saia? Na verdade, é bastante nojento.

Minha mãe riu.

– Não fique nervosa. Tenho certeza de que tudo vai dar certo para vocês dois.

– Você nunca viu o pai dele. – Gemi.

– Bom, ele não pode ser pior do que sua avó – respondeu minha mãe, virando os olhos. Parei e olhei para ela. Eu não fazia a menor ideia de quem era a minha avó. Carol e George nunca me falaram sobre ninguém, e minha mãe também não. Esta era a primeira vez. Sempre tive a impressão de que meus avós morreram antes de eu nascer. Talvez fosse isso que ela queria dizer. Passado.

Ela não percebeu minha expressão atordoada. Ou talvez ela tenha decidido ignorá-la.

– Você vai tomar um banho? Está ficando tarde.

– Ah, vou – respondi, pulando da cama. Deixei o telefone que ainda segurava na mão em cima da minha cama. Peguei o que precisava para levar ao banheiro e passei por minha mãe no corredor.

Depois de arrumar meu cabelo em cachos leves e de me vestir com meu traje sério, mas não sério demais, eu estava pronta. Ou, pelo menos, eu *parecia* estar pronta. Sara se orgulharia de mim.

Meu telefone tocou. Olhei para minha cama, mas ele não estava onde eu o havia deixado. Procurei pelo quarto e o encontrei na minha cômoda. Inclinei minha cabeça com curiosidade e o peguei para ler a mensagem: *Está a caminho?*

Estou saindo de casa, respondi antes de descer as escadas correndo.

– Boa sorte – disse minha mãe do topo da escada, usando uma saia curta e uma bata.

– Você vai sair? – deduzi.

– Pra mim já deu – respondeu ela. – Não tenho por que ficar em casa numa quinta à noite. – Sua voz estava diferente, um pouco tensa. Ela sorriu e acrescentou: – Além disso, é o dia da mentira. O que poderia dar errado?

"*Tudo*", pensei antes de dizer:

– Bom, divirta-se. – Ela se virou e voltou para o quarto. Parei em frente ao armário de casacos e fiquei me perguntando se deveria me preocupar com o fato de ela sair. Respirei fundo e decidi me concentrar em uma situação estressante por vez. Peguei meu casaco e saí pela porta.

Quando cheguei na casa de Evan, Vivian estava saindo pela varanda. Ela vestia um casaco branco comprido e segurava uma pequena carteira preta.

– Chegou na hora certa, Emily – disse Vivian, me cumprimentando e pegando uma chave dentro da bolsa. – Evan, estamos prontas.

Evan apareceu, muito elegante, e seu casaco escondia o terno que achei que ele vestia. Sorri ao ver seus sapatos brilhantes, lembrando-me do pesadelo que previ.

Jantares com os Mathews sempre me deixavam nervosa. Eu tinha medo de dizer algo errado ou de envergonhar Evan com a minha falta de modos. Mas esta noite eu estava um desastre. Estava certa de que não conseguiria comer nada.

– Evan, você pode dirigir? – pediu Vivian, entregando a ele a chave de sua BMW.

– Claro – respondeu Evan. Antes de ir para o carro ele veio em minha direção e passou seus braços em volta de mim. – Você está linda. Um pouco pálida, mas linda. Sabe, você pode respirar.

– Ainda não – murmurei, com o rosto enterrado no seu casaco. Ele beijou minha cabeça antes de abrir a porta do carro para mim.

– Esta é uma noite tão emocionante – disse Vivian, sentada no banco do passageiro, enquanto nos dirigíamos ao restaurante. – Espero que seu pai não demore muito para chegar.

– Não me importo se ele não estiver lá – Evan disse a ela. – Ele não vai gostar de nenhuma outra opção que não seja Yale.

– Evan – disse Vivian. – Não fale assim. Ele só quer o que é melhor para você, e ele vai acabar aceitando sua decisão. Talvez ele precise de um pouco mais de tempo, só isso.

– Pois é, quatro anos – resmungou Evan, alto o suficiente para que todos nós ouvíssemos.

– Espera aí. Você já sabe para onde você vai?

– Eu já sei para onde eu *quero* ir – corrigiu Evan. – Só preciso que minha mãe nos diga se vou para lá ou não. Ela é ótima em guardar segredos, até mesmo de meu pai.

– Bom, se ele soubesse para onde você vai, então esse jantar não teria graça nenhuma. – Sorriu Vivian. – Sou a única que sabe por uma razão.

Eu não entendia a tática dela. Ela havia ficado com as cartas dele até esta noite. Por que ela precisava criar todo esse suspense? Achei que eu desmaiar. Eu queria gritar: “Conte-nos!”. Mas, claro, não fiz isso. Permaneci em silêncio no banco de trás, quase sem respirar.

Quando chegamos ao restaurante fomos levados a uma mesa no canto, com um pouco mais de privacidade. Evan me ajudou a tirar meu casaco antes de tirar o dele. Abri um largo sorriso ao ver o que ele vestia.

Por baixo de seu casaco ele usava a camiseta de Stanford que eu dera de presente de Natal para ele.

– Não queria que ela tivesse qualquer dúvida com relação à minha escolha – explicou Evan, com um sorriso quando me viu radiante.

– Muito esperto – disse Vivian, com admiração e brilho no olhar. – Não sei se seu pai vai gostar do seu estilo, mas eu adorei.

– Eu também – acrescentei, sentindo-me um pouco mais segura ao vê-lo usando a camiseta, como se ele já fizesse parte de Stanford.

Vivian insistiu para que fizéssemos o pedido enquanto esperávamos por Stuart. Escolhi o prato sugerido por ela, sabendo que não conseguiria comer muito. Tinha a impressão de que, independente do lugar para onde Evan quisesse ir e da faculdade que o aceitasse, o pai dele teria a palavra final. Afinal, era o dinheiro dele que pagaria a faculdade de Evan.

E então esperamos.

Vivian conduziu a conversa sem parar, mas ela não conseguiu evitar que Evan olhasse para o relógio a toda hora. Permaneci em silêncio, ouvindo, balançando a cabeça, e olhando para cima enquanto o rosto de Evan ficava mais tenso à medida que o tempo passava. Ao terminarmos de comer as entradas, quando deixamos mais comida nos pratos do que havíamos comido, Evan esticava cada músculo de seu corpo para manter sua compostura.

Vivian pediu licença para sair da mesa e pegou seu telefone celular.

– Ele não vem – concluiu Evan, secamente, enquanto respirava. – Ele quer deixar bem claro que não aprova e não vai apoiar minha decisão.

Queria dizer a coisa certa para fazê-lo se sentir melhor, mas não disse nada. Seu pai o abandonara em uma das noites mais importantes de sua vida. O que eu poderia falar sobre isso? Então, segurei a mão dele e ele agarrou minha mão com força. Deixei claro, apenas, que estava ao seu lado.

Vivian voltou e sorriu, tensa.

– Bem, parece que seu pai não vai conseguir vir. Eu peço desculpas. Por isso, não tem por que prolongar o suspense.

– Evan, você escolheu Stanford e eles também escolheram você. Parabéns. – Ela tentou parecer feliz por ele, mas a ausência de Stuart acabara com a noite.

– Obrigado – respondeu Evan, mas a expressão em seu rosto fazia parecer que ele havia comido algo azedo. Olhei preocupada para ele ao sentir sua mão apertar a minha.

Também tentei sorrir, olhando para Vivian para receber apoio, mas não senti apoio em seus olhos preocupados. A escolha de Evan por Stanford dividira a família deles, e não havia motivos para comemoração.

Voltei para casa naquela noite arrasada e confusa. Aquilo que eu mais queria na vida de repente pareceu egoísta e errado. E não sabia como resolver a situação.

A casa estava escura quando entrei. Acendi as luzes do vestíbulo e procurei por sinais de que minha mãe já havia voltado. Seu carro não estava na garagem. Seu casaco não estava no armário.

Olhei para o relógio e notei que ainda era cedo e por isso não precisava me preocupar... ainda. Subi as escadas para me trocar e escovar os dentes e então voltei para a sala e me deitei no sofá para esperar por ela.

Abri meus olhos e tirei a cabeça do travesseiro para ouvir. Olhei a hora no aparelho da TV a cabo. Já era mais de três horas da manhã. Guardei os cobertores rapidamente para olhar pela janela e vi que meu carro era o único que estava na garagem. Corri pelas escadas e abri a porta do quarto dela. Seus lençóis ainda estavam amassados depois de sua tentativa frustrada de arrumar a cama.

Ela não estava em casa.

Eu tentava não entrar em pânico, mas fiquei pensando naquela noite em que Jonathan e eu tivemos que buscá-la no bar. E se alguma coisa tivesse acontecido com ela? E se ela tivesse tentado voltar dirigindo para casa? Meu coração se acelerava a cada pensamento, visualizando todas as terríveis possibilidades.

Andei pelo vestibulo tentando decidir o que fazer, e então, instintivamente, peguei meu telefone.

– Sonhou com o sapato? – brincou Jonathan, do outro lado da linha.

– Ela não está em casa – soltei. – Já passa de três da manhã e ela ainda não voltou para casa. E se aconteceu alguma coisa com ela? E se...

– Emma! – Jonathan falou mais alto para que eu conseguisse escutá-lo. – Do que você está falando?

– Minha mãe – expliquei, com a voz aguda por causa do pânico. – Ela ainda não chegou em casa e eu não sei o que fazer.

– Você ligou para ela?

Parecia uma pergunta tão óbvia. Fechei meus olhos e sacudi minha cabeça envergonhada.

– Não.

– Ligue para ela e depois me ligue de volta, tá? – ele me instruiu, com calma.

– Certo. – Desliguei o telefone e liguei imediatamente para o telefone de minha mãe. Não sei por que não pensei em fazer isso antes. Acho que a imagem dela em uma vala, sangrando até morrer na beira da rodovia, não deixou que eu pensasse direito.

O telefone tocou três vezes antes de alguém atendê-lo.

– Alô?

– Oi, aqui é a Emily – respondi, sem reconhecer a voz da mulher.

– Estou procurando por Rachel.

– Ah – resmungou a mulher. Obviamente minha ligação a acordara. – Ela está aqui, desmaiada.

– Hum – disse eu. – E onde é *aqui*?

– Aqui é a Sharon.

– Desculpe – disse eu.

– Você precisa falar com ela?

– Não. Eu falo com ela pela manhã. – Desliguei o telefone e me sentei no sofá. Queria me sentir aliviada, e eu estava... bastante.

Liguei para Jonathan de novo.

– Ela está na casa de Sharon. Desculpe por ter ficado preocupada desse jeito. Devia ter ligado para ela primeiro. Não estava pensando

direito.

– Não se preocupe com isso – disse ele. – Você vai ficar bem?

Quer que eu vá até aí ou faça alguma coisa?

Eu parei, pois não esperava essa oferta.

– Ah, não. Eu vou me deitar. Tenho aula pela manhã.

E eu fui para a cama. Mas não dormi.



27. Linhas borradas

— Você se lembrou de trazer sua roupa de banho?

— Ah? — Eu me virei para Sara, que esperava minha resposta com o ombro encostado no armário. Ela me pegou olhando para o nada. Estava pensando em minha mãe e imaginando por que não a encontrei pela manhã. Achei que ela viria para casa para se arrumar para ir para o trabalho. Talvez ela tenha emprestado alguma roupa de Sharon. Pelo que conhecia de Sharon, as escolhas devem ter sido limitadas.

— Você trouxe seu biquíni, não trouxe? — repetiu Sara, com a testa franzida. — Para a festa de Jill, hoje à noite.

— Sim — respondi. — Vamos dormir na casa dela ou vamos voltar para casa?

— Não sei ainda — respondeu ela, andando ao meu lado até termos que ir em direções diferentes. — Nos vemos no almoço. — Balancei a cabeça e desci as escadas.

Senti como se estivesse sonâmbula o dia todo. As vozes pareciam murmúrios incoerentes. Fiz anotações sem entender o que o professor falava. Tudo em minha volta parecia um borrão e me movia bem devagar.

Achei que Sara e Evan fossem dizer alguma coisa, mas não disseram. Tive a impressão de que, talvez, eles não estivessem surpresos com meu olhar parado e a minha falta de contribuição para a conversa deles. Eles sempre olhavam para mim como se estivessem preocupados comigo, por isso hoje parecia ser apenas um dia como todos os outros. Mas eu me sentia... fora.

Não sabia como explicar, mas algo não parecia estar certo. Eu sabia que estava exausta, pois dormira apenas umas duas horas,

mas era algo mais do que isso. Sentia um mal-estar na ponta do meu estômago, como se tivesse me esquecido de desligar o ferro ou algo assim, talvez muito pior.

Fui para o campo de futebol depois da escola. O restante dos integrantes do time de futebol ainda não tinha chegado, pois o treino só começaria dali quarenta e cinco minutos. Normalmente eu fazia a lição de casa e me trocava na escola, mas hoje fui direto para lá. Deitei o meu banco e fiquei olhando para as nuvens enquanto esperava. Resolvi me trocar quando as outras meninas começassem a chegar.

Minhas pálpebras iam ficando mais pesadas enquanto eu olhava para as nuvens. Fechei os olhos certa de que acordaria quando os carros começassem a chegar.

– Você está com as chuteiras?

– Sim – respondi, pegando-as pelos cadarços.

– E as caneleiras?

– Sim. – Coloquei as caneleiras embaixo do meu braço.

– Você está com o seu treinador?

– Paaai. – Eu ri. – Para de ser bobo.

– Só queria ter certeza de que você tinha tudo – brincou ele. – Acho que vou ficar responsável pela estrela do time. – Ele me pegou em seus braços e fez cócegas em minha barriga, fazendo com que eu risse e gritasse de alegria. Então ele me puxou e me deu um beijo no rosto.

– Vamos ganhar hoje – disse a ele. Minha voz soava orgulhosa e confiante.

– Vamos nos divertir hoje – corrigiu ele, acariciando a minha cabeça enquanto me levava até o carro.

Quando chegamos ao campo de futebol eu fui correndo na frente para encontrar minhas amigas enquanto meu pai pegava as bolas no porta-malas.

Mas enquanto me aproximava a risada das crianças foi se silenciando e começou a ventar. Olhei para o sol brilhante, virando em um círculo. Ninguém mais estava ali.

– Pai? – gritei, procurando por ele. Meu cabelo caía em meu rosto. Eu o tirava do meu rosto, desajeitada, tentando enxergar. – Pai! – gritei, cada vez mais assustada. Eu me virei de novo, mas estava sozinha. – Pai! – gritei.

– Emma! – Abri meus olhos e pulei no banco, piscando, surpresa, desorientada pelo pôr do sol atrás das árvores. Alguém batia na minha janela.

– Emma, você ficou no carro o tempo todo? – perguntou Casey, do lado de fora. Ela estava suada e seu rosto estava vermelho. Abri a porta e coloquei os pés no chão do estacionamento, tentando recuperar minha respiração. – Você perdeu o treino todo.

– Perdi? – Sacudi minha cabeça tentando me livrar completamente do sonho. – Não acredito que fiz isso.

– Espero que o treinador deixe você jogar no jogo de domingo.

– Ele ainda está aqui? – perguntei, procurando pelo estacionamento, praticamente vazio.

– Não – respondeu Casey. – Eu estava quase indo embora quando vi seu carro. Você está bem? Você está doente ou sentindo alguma coisa?

– Não. – Balancei minha cabeça. – Cheguei cedo aqui e acho que cochilei. Ainda não acredito que dormi tanto assim. Uau.

– Você vai à festa de Jill hoje à noite?

– Sim. Preciso ir para a casa de Sara. Acho que encontro você lá, então.

– Certo – respondeu ela, com um sorriso. – Você vai ao treino amanhã, não é?

– Sim, eu vou – prometi, torcendo para que o fato de eu ter perdido o treino não prejudicasse minha posição no domingo.

O time fazia parte de uma liga de futebol e viajava durante a primavera. Ele não fazia parte do distrito escolar e por isso não podíamos faltar aos treinos, já que treinávamos somente alguns dias durante a semana. O treinador queria ter certeza de que cada jogadora queria realmente fazer parte do time. Ele não pensaria duas vezes antes de substituir alguém que não levasse a sério.

Precisava dessa liga para estar em forma para Stanford, e não queria estragar tudo por ter dormido no carro.

Quando cheguei na casa de Sara encontrei Anna e ela rindo na cozinha. Sara dava mordidas em um pedaço de pimentão que pegara em uma tábua onde Anna cortava ingredientes para uma salada. Eu me senti uma intrusa e só então percebi que não havia batido na porta. Talvez devesse ter batido, agora que não morava mais aqui.

– Emma – disse Sara, ao me ver. – Chegou na hora certa. Diga para minha mãe que ela está errada a respeito de Kyle e que ele não vai trazer seus amigos da faculdade para a festa de hoje à noite.

– Hum – comecei, tentando entender o assunto. – Não, Kyle não é desse tipo.

– Ah, porque ele gosta de sair com estudantes do Ensino Médio mesmo ele tendo se formado no ano passado – respondeu Anna, com um sorriso. – Tenho certeza de que ele vai trazer alguns amigos de Syracuse.

Balancei minha cabeça quando ela disse isso, entendendo de quem ela falava.

– Espero que não.

Sara começou a rir ao perceber meu medo.

– Ele poderia trazer Drew. Em, isso seria péssimo. Preciso ligar para Jill. – Ela desapareceu escada acima antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, apesar de seu telefone estar no bolso da frente de sua calça jeans.

– É ótimo ver você, Emma – disse Anna, misturando os ingredientes da salada em uma tigela. – Parece que faz um tempão que você não vem aqui. Como estão as coisas com a sua mãe? Almocei com ela outro dia. Ela parece estar tão feliz.

– Sério? – Tentei não parecer tão surpresa. – Realmente, está tudo... bem.

– Fico feliz em ouvir isso. Ela e eu conversamos algumas vezes durante a semana e assim fico sabendo tudo sobre seu horário bastante concorrido. Mas sentimos sua falta por aqui.

Antes que eu pudesse reagir ao seu comentário a porta da frente se abriu e Carl nos cumprimentou.

– Oi, pai – disse Sara, descendo as escadas. Eles apareceram juntos na cozinha.

– Emma, que bom vê-la aqui – disse-me Carl, colocando sua pasta de lado. – Como você está?

– Estou ótima – respondi, automaticamente.

– Conversei com seu treinador de Stanford hoje, e tenho informações sobre acomodação para você. Acho que precisamos reservar um voo logo.

– Ah, sim, claro – respondi. Só então me toquei que nossa formatura seria dali dois meses. – Vou dormir aqui esta noite, por isso, talvez possamos conversar melhor amanhã.

– Ótimo – concordou ele. – Vou me trocar para jantar.

Ele deu um beijo no rosto de Anna.

– Você precisa de alguma coisa?

– Não. O jantar vai ser servido assim que você descer.

Quando Carl estava longe e não podia nos ouvir Sara nos disse:

– Jill disse que Kyle vai trazer alguns amigos, mas ela não sabe ao certo quem são eles. Mas não vai ser uma festa louca de faculdade ou algo parecido, mãe.

– Só quero que vocês fiquem atentas – disse Anna. – Liguem se precisarem de carona para voltar para casa, certo?

Sara sorriu com os olhos brilhando.

– Claro. – Eu sabia o que ela estava pensando. Ela achava que esta festa seria igual a qualquer outra, inclusive àquela que fizemos na casa dela, e a qual seus pais não faziam a menor ideia de que tinha acontecido.

Chegamos cedo na casa de Jill, conforme havíamos prometido. Jill precisava que aprovássemos sua roupa. Ou, melhor, que Sara aprovasse sua roupa. Casey também já estava lá, junto com Analise.

Tentei continuar sorrindo ao vê-la, mas sabia que não tinha conseguido quando Sara me cutucou.

– Eu me esqueci de que ela viria – sussurrou Sara, ao meu lado. – É melhor eu não beber demais. Posso ficar muito sincera.

Sorri, na verdade curiosa a respeito do que Saraalaria à Analise se estivesse sincera demais.

– Mas, se ela falar o nome de Evan *uma vez* essa noite, talvez não consiga me controlar, sóbria ou não.

– Sara. – Ri. – Ele falou com ela. As coisas melhoraram um pouco nas últimas semanas.

– Espero que sim – confirmou ela, com um suspiro. – Quando Evan vai chegar aqui? Com quem ele vem?

Peguei meu telefone para ver se ele havia me mandado alguma mensagem. Havia uma ligação perdida de um número desconhecido, com uma nova mensagem de voz. Meu estômago revirou.

– Não me lembro – admiti, me distraíndo de repente.

– Hoje você está mais aérea do que o costume – observou ela.

– Eu sei. – Suspirei. Estava quase pedindo licença para ir ao banheiro, e então poderia ouvir a mensagem, quando fui interrompida por um grito.

Sara e eu corremos para o quarto, onde o grito agora era acompanhado de uma bronca.

– Seu merda! – gritou Jill. – Não acredito que você derramou bebida no sofá de couro do meu pai. A festa ainda nem começou e você já está fazendo bagunça. Saia daqui! Saia!

O jovem rapaz com o rosto vermelho e cabelo escuro cacheado tentava limpar a bagunça com um pedaço de papel da impressora, que estava apenas espalhando mais ainda o líquido pelo sofá.

– Pare – Jill o repreendeu. – Você está piorando as coisas. Estou muito brava pelo simples fato de você estar aqui.

Casey passou por nós com um rolo de papel toalha.

Sara franziu os lábios para não cair na gargalhada.

– Que bom que sou filha única.

Foi então que reconheci o garoto que vira numa foto de família que estava pendurada na parede da sala de jantar. Ele era o irmão mais novo de Jill.

– Quantos anos ele tem? – perguntei, indo para a cozinha.

– Ele é um calouro – disse Sara. – Acho que ele ameaçou contar sobre a festa para os pais de Jill caso ele e alguns amigos não pudessem estar aqui. Ela estava tão brava. Você não se lembra de ela ter nos contado isso no almoço?

– Ah, não. Outro momento em que eu estava desligada. Desculpe.

Sara franziu os olhos. Sabia que ela queria me perguntar se eu estava bem, mas ela já sabia qual seria minha resposta.

Olhei para o relógio e fiquei pensando no que minha mãe faria esta noite. Mandeí uma mensagem para ela dizendo que eu dormiria na casa da Sara, mas ela não respondeu. Eu ainda não tinha conseguido me livrar da sensação de que algo estava errado.

– Eu já volto – eu disse à Sara. – Vou ao banheiro enquanto ainda é possível. – Ela balançou a cabeça e eu andei pelo corredor em direção ao banheiro floral.

Tranquei a porta e digitei o código no meu telefone para ouvir a mensagem. Não era o que eu esperava, de maneira alguma.

– Oi, Emily. Aqui é a Vivian. Quería saber se você pode vir para um brunch no domingo de manhã, às onze. Tem alguém que eu gostaria muito que você conhecesse. Pode me ligar de volta neste mesmo número. Espero sua resposta.

Tirei o telefone do ouvido completamente surpresa.

Em uma hora a casa começou a se encher de calouros e veteranos, e os cinco calouros amigos do irmão da Jill. Evan chegou com alguns garotos do time de beisebol. Quando vi seus rostos me lembrei vagamente de ele ter mencionado que viria com eles para a festa.

Sorri ao vê-lo passando pela multidão. Era fácil vê-lo, pois ele era mais alto do que todas as pessoas que estavam ali. E tenho certeza de que foi fácil para ele nos encontrar com o cabelo vermelho de Sara se destacando na multidão.

– Oi – disse eu, radiante. Ele se abaixou e me beijou.

– Então, como está a festa? – perguntou ele, colocando a mão nas minhas costas.

– Na verdade está bem legal – respondeu Sara, antes que eu pudesse dizer que estava igual a qualquer outra festa. – Você trouxe sua roupa de banho? Tem uma banheira de hidromassagem enorme no deck do quarto dos pais dela e apenas alguns de nós poderemos usá-la mais tarde.

– Não trouxe – respondeu Evan. – Mas talvez eu tenha shorts no meu carro.

– Que ótimo – disse uma voz animada ao nosso lado. Eu não tinha notado Analise até este momento. Há quanto tempo ela estava ali?

Sara apertou meu braço ao vê-la. Eu estava começando a achar que Analise incomodava Sara mais do que incomodava a mim, se é que isso era possível.

– Quer dizer que ela disse isso para você também? – Sara perguntou para Analise, sem esconder seu repúdio.

– Sim – respondeu Analise, sem se incomodar. – Ela disse que cabe umas vinte pessoas lá. Acho que os pais de Jill dão festas o tempo todo.

– Foi isso que ouvi dizer. – Sara balançou a cabeça. Então ela resmungou: – Vamos torcer para que eles coloquem bastante cloro lá.

Olhei para ela confusa enquanto Evan riu e disse:

– Ótimo, Sara. Isso é bem nojento.

Franzi meu rosto enojada. Sara virou os olhos para mim por eu ter demorado tanto para entender o que ela estava querendo dizer.

– Não se atreva a não querer entrar lá – ameaçou Sara. – Se eu vou entrar, então você também vai.

– Ótimo. – Gemi, completamente incomodada com o pensamento do que poderia ter acontecido na banheira.

Kyle chegou com um barril e com alguns caras da faculdade. Eu me afastei da multidão de pessoas, que corria atrás da cerveja gratuita, e por isso não fazia a menor ideia de quem veio com ele. Tinha certeza de que se Drew fosse um dos convidados dele, eu logo saberia.

Tentei ser sociável. Realmente tentei. Mas fiquei olhando no meu telefone o tempo todo para ver se minha mãe havia me ligado ou me mandado alguma mensagem. Queria perguntar onde ela estava ou mesmo *como* ela estava, mas tinha medo de que parecesse que estava tomando conta da vida dela. Bem, eu *estava* tomando conta da vida dela.

– Vamos colocar nossos maiôs – disse Sara, voltando com o copo cheio de uma bebida vermelha que Jill tinha inventado.

– Onde está Evan? – perguntou Sara, enquanto íamos para o quarto de Jill.

– Não sei – respondi. – Acho que ele foi pegar uma bebida e procurar por seu shorts. Acho que ele vai nos encontrar.

Sara bateu na porta.

– Quem é?

– Jill, abra a porta. É Sara e Emma.

A porta se abriu com cuidado e um par de olhos olhou pela fresta. Sara virou os olhos e abriu a porta, fazendo com que a garota que estava atrás da porta caísse para trás. Havia várias garotas no quarto ajeitando seus maiôs e olhando sua imagem no espelho. Sara pegou seu biquíni e começou a se trocar, sem se importar com quem a estivesse vendo. Esperei para me trocar no banheiro. Nunca me senti bem em trocar de roupa na frente de ninguém. Mesmo depois de anos frequentando vestiários esportivos, onde as garotas se trocam na frente de quem estiver lá sem se importar. Sempre tive que pensar demais em tudo, como, por exemplo, onde estavam meus hematomas e quem os veria. Agora acho que era apenas um hábito do qual não conseguia me livrar.

Antes de sair do banheiro olhei minhas costas uma última vez para ter certeza de que as marcas mal podiam ser vistas. Havia apenas algumas delas ainda, onde o cinto cortara mais profundamente e deixara uma cicatriz, mas ainda estavam lá, mesmo depois de um ano. Eu me convenci de que estaria escuro para que alguém as visse, e, além disso, eu estaria na água.

Saí usando um biquíni com a parte de cima branca com bolinhas laranja e shorts cobrindo a parte de baixo. Prendi meu cabelo bem em cima na cabeça para que não molhasse, e levei uma toalha comigo.

Queria perguntar à Sara se era possível perceber as marcas, mas não queria chamar atenção para elas. Em vez disso, coloquei um top até que estivéssemos no escuro. Fomos conduzidas a uma porta de correr através da qual chegávamos em um deck privativo. O deck, que ficava no fundo da casa era onde a banheira soltava nuvens de vapor na fria noite de abril. Chovera durante a maior parte do dia e por isso a madeira estava molhada e fria embaixo de meus pés. Eu

não tinha o poder do álcool para não me deixar sentir o frio, como acontecia com a maioria das garotas ali.

Já havia quatro ou cinco pessoas dentro da banheira. Vi que Evan era um deles, e, ao seu lado estava Analise. A previsibilidade daquilo era nauseante. Pior ainda, sentado ao lado dela estava Drew. Parei abruptamente. Uma das garotas risonhas que vinha atrás de mim trombou em meu ombro.

– Desculpe – disse ela, passando por mim.

– Merda – disse Sara atrás de mim. – De onde ele surgiu?

Evan encontrou meus olhos e sorriu. Então ele viu meu rosto e deu de ombros sem dar muita importância àquilo. Se ele conseguia passar por cima daquilo, principalmente depois de ter se envolvido em uma briga com Drew no ano passado, então eu também podia. Mas, o aperto no meu estômago indicava o contrário. Essa situação não podia ficar mais estranha.

Tirei o shorts e o top e entrei na água. O calor da água aliviou instantaneamente o arrepio que senti enquanto caminhava de biquíni no deck frio.

Atravessei a banheira até chegar ao lado de Evan. Ele passou seu braço em volta de mim. A água espumou e borbulhou sobre meu peito quando afundei nela. O calor fez com que me sentisse relaxada.

– Gostei do biquíni. – Inclinou-se Evan para dizer no meu ouvido. Eu sorri.

– É verdade – observei. – Você nunca me viu usando roupa de banho antes. – Na verdade esta era a primeira vez que vestia um biquíni. Fomos à praia algumas vezes no verão passado, mas eu ainda estava engessada. Como não podia entrar na água acabei usando shorts e top.

– Com certeza iremos para a praia neste verão. – Evan sorriu. Não consegui não olhar para Analise, que estava nos observando, seus olhos se viraram rapidamente quando a peguei olhando para nós. E eu sabia que Drew também estava olhando. Seus cotovelos estavam apoiados na beirada da banheira e ele segurava uma cerveja em uma mão.

– Ei, Emma – disse ele, levantando a garrafa no ar. Balancei a cabeça com um pequeno sorriso antes de olhar para o outro lado.

Sara estava do outro lado, conversando com Jill e Natalie. Ela chamou Analise para se juntar a elas. Analise não conseguiu recusar e eu sabia que Sara fizera isso propositalmente. Por sorte algumas outras pessoas entraram e se sentaram entre Evan e Drew.

– Acho que preciso convencer meus pais a comprarem uma jacuzzi – disse Evan, passando as mãos na minha coxa, fazendo com que minha respiração se acelerasse, embora ninguém tenha notado. Eles não conseguiam ver embaixo da água. – Eles podem colocar a jacuzzi no lugar da piscina que nunca usamos.

– É verdade. Eu nunca vi a piscina de vocês descoberta – respondi, segurando a mão dele, que estava brincando com a minha coxa. Meu rosto não poderia ter ficado mais vermelho, mas não era possível notar isso nessas condições.

– Evan – eu o repreendi, tirando a mão dele.

– Desculpe, é o biquíni – ele se defendeu com um sorriso divertido. – É muita tentação. – Ele se inclinou e me deu um beijo. Seus lábios molhados escorregavam nos meus. Foi um beijo rápido, mas suficiente para iniciar uma batida acelerada dentro do meu peito. Quase me esqueci de que não estávamos sozinhos. Então abri meus olhos e vi Drew sobre os ombros de Evan. Eu me endireitei dentro da banheira.

– Depois disso Analise parou de olhar para você – disse Sara baixinho. Eu não tinha percebido que Sara estava perto de nós. – Vocês estão deixando esta jacuzzi mais quente. – Ela riu e me cutucou com seu joelho.

– Todo mundo viu isso? – perguntei para ela, de repente me dando conta do número de pessoas que estavam em volta de nós.

– Não. Só aqueles que não deveriam estar vendo.

Deixei a mão de Evan no meu joelho, mas não o beijei, apesar de ser bastante tentador ver a umidade grudada nas linhas suaves e nítidas de seu rosto, junto com seu nariz reto e seus lábios levemente abertos. Precisei ficar me lembrando de que tínhamos plateia, embora a fumaça dificultasse a visão do outro lado da jacuzzi.

Sua coxa roçou na minha e perdi a respiração. Ele acariciou meu joelho e eu olhei para ele.

– Isto é tortura – disse ele, aproximando-se mais. – Talvez devêssemos ir embora daqui. Meus pais não estão em casa.

Meu coração acelerou e eu sorri.

– Sério?

– Sério – disse ele. Senti sua respiração em meus lábios. – Vamos.

– Vamos – disse eu, mordendo meus lábios, querendo chegar um pouco mais perto para sentir a água que escorria em sua boca.

– Você vai primeiro. Encontro você na porta. – Ele chegou para trás e eu precisei de um tempo antes de me virar para Sara, que conversava com uma garota sentada do outro lado dela.

– Vou embora com Evan – disse eu. – Mando uma mensagem para avisar se vou para a sua casa, pode ser?

Ou algo parecido. Sorri abertamente, fiquei em pé e caminhei em direção aos degraus. Não podia olhar para trás porque sabia que meus pensamentos eram transparentes e ninguém precisava saber no que eu estava pensando.

– Indo embora? – perguntou Drew, atrás de mim quando me enrolei na toalha. O calor da jacuzzi evaporava na noite fria e úmida.

– Está ficando muito cheio aqui – respondi, mal olhando para ele.

– Você pegou seu suéter? Deixei na varanda da sua casa.

– Ah, peguei, obrigada – disse eu, vagamente, olhando para Evan que se aproximava por trás dele e torcendo para que ele não tivesse escutado o que Drew havia dito.

Drew também percebeu que Evan estava se aproximando e disse:

– Foi bom vê-la de novo. – Depois saiu andando pela porta de vidro que levava para o quarto dos pais de Jill.

– Vejo você daqui a pouco – eu disse a Evan sobre meus ombros antes de me dirigir ao quarto de Jill. Peguei minhas roupas e entrei no banheiro.

Tentei respirar fundo, mas estava nervosa e excitada demais.

Meu telefone caiu do meu bolso quando peguei minha calça jeans. A luz vermelha estava piscando, o que indicava que eu tinha recebido uma mensagem. Peguei o telefone no chão e passei meu

dedo na tela. A excitação desapareceu imediatamente quando vi a chamada perdida e quando vi a mensagem de voz de minha mãe.

Coloquei o código de segurança e ouvi a mensagem.

– Emily? Emily, você está aí? – Eu mal conseguia ouvir suas palavras, e ela falava muito devagar. – Você está com ele? Merda... Você está. – E então veio o silêncio. Ela estava mal. Meu estômago revirou e cerrei meus dentes. Eu não sabia se eu queria gritar ou chorar. Em vez disso, respirei fundo e desliguei o telefone.

Depois de me vestir, voltei para o deck para encontrar Sara.

– Você vai dormir aqui hoje?

– Acho que sim – respondeu ela. – Por quê?

– Pensei em ir embora no meu carro – expliquei. Eu tinha ido dirigindo para a festa para que Sara pudesse beber.

– Sem problema. – Ela deu de ombros e sorriu. – Detalhes.

Forcei um sorriso. Sabia que não teria detalhes para contar para ela sobre esta noite.

Encontrei Evan na porta da frente segurando nossos casacos.

– Mudança de planos – disse a ele, com o coração mais partido do que eu podia suportar.

– O que aconteceu? – perguntou Evan, preocupado.

– Hum, não estou me sentindo muito bem – expliquei, meu pulso estava acelerado por causa da minha mentira. – Acho que vou para casa.

Evan arregalou os olhos sem acreditar.

– O quê?

– Ah – vacilei, ao perceber que ele não estava acreditando na minha mentira. – Acho que preciso ir para cama. Talvez o fato de eu não dormir muito esteja me afetando.

– Você estava bem há dois minutos – disse ele, sem acreditar em mim. – Eu não estou entendendo. Aconteceu alguma coisa?

– Não – disse eu, um pouco inflexível. Evan levantou as sobrancelhas. – Sinto muito. Estou cansada. Tudo bem?

– Não, não está tudo bem – respondeu Evan. – Eu sei que está acontecendo alguma coisa. Mas, se você não quer me contar...

– Evan, eu juro, eu só preciso ir para casa – expliquei, suavemente, com meus olhos arregalados implorando para que ele

me entendesse.

Evan balançou a cabeça com a boca fechada.

– Nos falamos amanhã? – Senti um aperto no estômago ao ver a decepção em seu rosto.

– Mande uma mensagem antes de dormir – pediu ele, inclinándose. Ele mal tocou meus lábios.

Evan ficou em pé na porta, observando-me correr para meu carro. Eu estava nauseada com as mentiras que inventara, principalmente porque sabia que ele percebera que era mentira. Teria que resolver isso amanhã.

Agarrei no volante com força e me concentrei em encontrar minha mãe. Tentei ligar para ela, mas a ligação caiu na caixa postal. Decidi começar a procurar em casa. Eu não tinha o número do telefone de Sharon, mas talvez pudesse encontrá-lo no quarto de minha mãe. Eu não sabia onde mais procurar depois disso. Talvez Jonathan soubesse.

Eu não liguei para ele. Eram onze horas da noite. Não era tarde. Mas eu não queria envolvê-lo nisso se não precisasse. Se conseguisse resolver isso sozinha, assim o faria.

Meus pensamentos continuaram a correr pela minha cabeça enquanto meu estômago se agitava com preocupação durante todo o meu caminho até a minha casa. Quando vi o carro dela na garagem, respirei ansiosa. Parei atrás do carro e percebi que a porta do motorista ainda estava aberta e que o pneu da frente estava furado. Quando saí do carro ouvi o barulho, que indicava que as chaves ainda estavam na ignição. Foi então que percebi que o motor ainda estava ligado.

Olhei, confusa, em volta do carro. Meu coração batia acelerado. Desliguei o carro e fechei a porta. Então a vi, imóvel e esparramada no topo dos degraus, com a cabeça e os braços deitados na varanda. Corri para ajudá-la.

Ela estava sem sapatos e sem casaco. Eu me ajoelhei ao lado dela para ver se ela estava machucada. Seus joelhos estavam arranhados e sangrando por causa da queda, e havia um galo em sua testa, que estava prensada no chão da varanda. Eu me deparei com sua

respiração que cheirava a álcool, que podia ser sentida a metros de distância dela.

– Mãe. – Eu me sentei no último degrau e levantei sua cabeça. – Mãe, você precisa se levantar. Tentei virá-la para que pudesse ajudá-la a se sentar. Ela gemeu, mas não se mexeu. Eu a encostei em mim e a coloquei sentada. – Mãe. Rachel – falei alto para que parecesse uma ordem. – Acorde. Vamos. Você precisa entrar, depois você pode dormir o quanto quiser. – Balancei os ombros dela, mas ela não se mexeu.

Inclinei a cabeça dela em minha direção. E ela vomitou. Antes que eu conseguisse virá-la para o outro lado aquele líquido quente já estava escorrendo na parte da frente do meu corpo e encharcando minha calça jeans.

– Merda! – exclamei, virando-a para o lado da escada enquanto ela vomitava mais. Ela não acordou, mesmo depois de ter vomitado muito em mim, nela mesma e nas escadas. Olhei para baixo para aquela bagunça azeda. Minha garganta se fechou, com nojo, e meu estômago revirou.

Não tinha como carregá-la. Ela era um peso morto. Eu podia arrastá-la, mas e depois? Não poderia deixá-la deitada no vestíbulo, coberta de vômito. Parecia que eu tinha chegado no meu último recurso.



28. Ao extremo

Eu me sentei nos degraus e esperei que ele chegasse. Tive vontade de pegar a mangueira e lavar as escadas e a nós antes que ele chegasse, mas não fazia a menor ideia de onde a mangueira estava. Tive medo de deixá-la sozinha enquanto me trocava e me limpava, por isso, apenas esperei.

Estava tentando muito não chorar quando ele parou o carro na garagem. Eu me sentia frustrada, triste, e até mesmo um pouco brava por estar nesta situação. Ah, sim, e extremamente humilhada. Principalmente quando o vi sair de sua caminhonete vestindo um terno.

– Que merda – murmurei, enquanto ele se aproximava. – Você estava na rua. Você já tinha um programa. Jonathan, desculpe. Eu não devia ter ligado para você.

– Sim, você devia – respondeu ele, sem hesitar. Ele chegou até nós com as mãos nos quadris. O vestido apertado de minha mãe estava levantado, e era possível ver suas roupas íntimas. Os joelhos dela estavam sangrando, e seu cabelo estava emaranhado com o vômito que caíra também por seu rosto e escorrido por seu peito. Ela estava caída para o lado, completamente paralisada. A primeira impressão era de que ela não estava nem respirando, mas eu sabia que ela estava porque podia sentir o cheiro de álcool e vômito que emanavam de sua respiração.

E então, ali estava eu. Estraçalhada, coberta de vômito vermelho-escuro, como se alguém tivesse acabado de despejar suas entranhas em mim. Eu não conseguia me mexer. Aquela substância fria, viscosa e vil me fazia estremecer, com nojo, e escorria pela minha pele com qualquer movimento que eu fazia.

– Noite ruim? – observou Jonathan, balançando a cabeça.

– Por que você acha isso? – respondi, sarcasticamente.

Ele respirou fundo e perguntou:

– A porta está aberta?

– Não conseguimos chegar até lá – respondi, entregando-lhe a chave da casa. Ele passou por nós com cuidado e colocou seus sapatos lustrosos na parte limpa da madeira. Jonathan abriu a porta da frente e acendeu as luzes do vestíbulo, e então desapareceu dentro da casa. Depois de um tempo voltou usando uma camiseta colada em seu corpo e calça.

– Suba e prepare um banho para ela. – Ele olhou para mim e acrescentou: – E outro para você.

Tremi quando fiquei em pé. Minha calça molhada escorregava nas minhas pernas.

– Não pense em nada – orientou Jonathan, quando me encolhi.

Coloquei uma toalha no chão para me ajoelhar em cima dela e puxei a cortina para fora da banheira. Jonathan chegou logo depois, carregando minha mãe nos braços enquanto tentava manter distância entre ele e ela. Ele não teve sucesso. O vômito vermelho escuro de suas bochechas sujaram sua camiseta quando ele a colocou na banheira.

Segurei um saco de lixo para colocar suas roupas quando as tiramos do corpo dela. Devia ter me sentido mal em ver minha mãe com roupas íntimas e com Jonathan ao meu lado, mas consegui fazer tudo sem nenhum constrangimento. Tudo o que eu queria era limpá-la e colocá-la na cama, para que eu pudesse fazer o mesmo. Nós a lavamos com o chuveirinho nos esforçando ao máximo para lavá-la e deixá-la livre daquele cheiro podre.

Jonathan tirou a camiseta antes de carregá-la para a cama, pois não queria sujar a pele limpa dela com vômito. Eu o ajudei a colocá-la na cama, e coloquei o cesto de lixo do banheiro, vazio, embaixo dela. Não que ela fosse procurar por ele se fosse vomitar. Ela não havia mexido um músculo sequer o tempo todo. Apenas respirava pesado e gemia de vez em quando.

– Vamos lá, vá se limpar – disse Jonathan. – Vou ficar aqui com ela caso ela queira vomitar de novo.

Balancei a cabeça em silêncio e fui para o meu quarto pegar roupas limpas. Tirei, entorpecida, minhas roupas sujas e as coloquei no saco de lixo. Depois amarrei o saco bem apertado para que o cheiro de azedo não se espalhasse pela casa. Então entrei embaixo da água quente, tirando aquele cheiro ruim do meu corpo. Eu não tinha percebido que estava chorando até desligar a água quente e sentir as lágrimas quentes que continuavam descendo pelo meu rosto.

Eu me sentei na banheira, puxei minhas pernas para perto do meu corpo e continuei a chorar com meus braços abraçando-as.

– Emma? – A voz de Jonathan me chamou do lado de fora da porta, interrompendo minhas lágrimas. – Você está bem?

– Já vou sair – respondi, tentando soar o mais normal possível. Mas eu sei que não consegui.

Depois de me vestir e lavar meu rosto com água fria peguei o saco de lixo e abri a porta. Jonathan estava sentado no chão, do lado de fora do quarto de minha mãe, encostado nos balaústres de madeira colocados no topo das escadas. Ele estava com a camisa branca por fora da calça do terno.

Tentei sorrir, mas não adiantou.

– Obrigada – disse baixinho. Coloquei o saco de lixo no último degrau para jogá-lo fora, já que as roupas que estavam lá dentro estavam perdidas. – Sinto muito mesmo por ter atrapalhado o seu programa. Por favor, não me diga que você estava em um jantar de negócios ou, pior ainda, num encontro amoroso.

Jonathan sorriu calorosamente.

– Eu disse para você me ligar sempre que precisasse de mim. E eu disse isso de verdade.

Eu me sentei encostada no batente da porta do quarto da minha mãe para que pudesse vê-la e olhar para Jonathan ao mesmo tempo.

– O que aconteceu? – perguntou ele, apontando para minha mãe com seu dedão.

– Não faço ideia. – Suspirei. – Ela me deixou uma mensagem estranha no celular, quando já estava bêbada, mas não sei o que aconteceu. Estava tudo tão bem ultimamente. Estávamos

conversando mais. Já fazia um tempo que não a via beber, nem mesmo uma taça de vinho depois do trabalho. Ela não estava saindo. Mas saiu ontem à noite.

Eu sabia que havia algo errado hoje. Eu apenas sabia. Esfreguei as palmas das minhas mãos nos meus olhos. – Não sei mais o que fazer.

– Você precisa falar com ela amanhã. Você precisa descobrir o que está acontecendo. Ela não pode continuar fazendo isso com você.

Balancei a cabeça sem ter condições de pensar no que diria. Eu tinha chegado no meu limite, e estava exausta.

Ele observou meu rosto cansado.

– Você precisa dormir um pouco.

– Eu não quero que ela vomite e engasgue enquanto dorme. – Olhei para minha mãe. Sua boca estava aberta, o travesseiro estava úmido embaixo de seu cabelo escuro, molhado.

– Vou ficar com ela no quarto dela – disse ele. – Vou deitar no chão e fico de olho nela. Eu tenho sono leve.

– Você não precisa fazer isso. Eu posso ficar aqui.

– Parece que você está prestes a desmoronar. Tenho a impressão de que, quando você dormir, você não vai acordar nem se a casa estiver pegando fogo.

Eu sabia que ele estava certo. Estava tão cansada que mal conseguia ficar em pé.

– Obrigada mais uma vez – disse a ele antes de ir para o meu quarto. Deixei a porta aberta com a intenção de ajudá-lo caso ele precisasse. Caí na cama e dormi imediatamente.

– Emma. – Eu conseguia ouvir sua voz. – Emma. – A lateral da minha cama parecia ter desabado ao meu lado. – Emma. – Ele passou seus dedos frios pelo meu rosto, tirando o cabelo da minha cara. – Emma, abra os olhos.

Abri meus olhos e Jonathan estava em cima de mim, sentado na beirada da minha cama.

– Vou embora. – Olhei para o relógio. Era um pouco depois das sete. – Acho que não devo estar aqui quando ela acordar. O dia dela

já vai ser terrível mesmo. Você me liga mais tarde?

– Sim – resmunguei, com o rosto no travesseiro. Mal conseguia abrir meus olhos. Ouvi as escadas rangerem e o vidro vibrar quando ele fechou a porta da frente. Fechei meus olhos e voltei a dormir.

Abri meus olhos novamente. Parecia que tinha se passado apenas um minuto, mas o meu telefone estava tocando no meu criado-mudo. Eu o coloquei no meu ouvido.

– Onde você está? – perguntava Casey, do outro lado da linha. Eu me sentei e olhei para o relógio, que agora marcava mais de dez da manhã. Devia estar no treino de futebol. O pânico tomou conta de mim e eu me enrolei nas cobertas, pronta para correr para o campo, mas eu já estava uma boa meia hora atrasada.

– Estou doente – menti, deitando de novo no meu travesseiro. – Desculpe.

– É por isso que você foi embora da festa ontem à noite, não é? Foi o que Evan disse.

– Sim – respondi, grata pela mentira que contei a Evan se tornar verdade, pelo menos um tipo de verdade. – Devia ter avisado, mas estou na cama. – Isso era verdade.

– Vou avisar o treinador – disse Casey. – Ele vai ficar bravo comigo porque eu estava falando ao telefone. Preciso ir. – E então ela acrescentou: – Se você estiver se sentindo melhor você deve vir ao jogo amanhã. Talvez ele ainda coloque você para jogar.

Sabia que aquilo não era verdade. Depois de faltar em dois treinos seguidos teria sorte se conseguisse jogar na semana que vem. Amanhã, nem pensar. Afastei a frustração com minha respiração pesada e fiquei olhando para o teto. Nunca faltara em um compromisso antes, e a simples ideia de decepcionar meu treinador ou meus colegas de time faziam a culpa tomar conta de mim. Eu iria ao jogo amanhã, continuaria com a mentira dizendo que estava doente, e torceria para que eles não percebessem que aquilo não era verdade.

“Também preciso me levantar agora”, pensei e saí da cama.

A porta do quarto de minha mãe estava aberta. Ela ainda dormia quando fui ver como ela estava. O cesto de lixo que deixara ao lado

dela continuava vazio. E aquilo me fez lembrar da varanda. Eu me encolhi ao pensar no que encontraria lá à luz do dia.

Coloquei um par de tênis velhos e desci as escadas. Percebi que o saco de lixo não estava mais ali. Estava pronta para jogá-lo no lixo quando saísse de casa. Procurei na cozinha e encontrei as jarras acrílicas usadas para fazer as margaritas. Eu as enchi com água e sabão. Então eu me preparei e abri a porta da frente. Mas não havia mais nada lá.

Saí na varanda para olhar com mais cuidado. Não havia nenhum sinal daquela bagunça podre além das tábuas de madeira molhadas e manchadas. Percebi que a mangueira estava ao lado da garagem. Claro que agora eu a encontraria. Jonathan deve ter lavado a varanda antes de ir embora.

Não voltei para a cama, mas me deitei no sofá e cobri meu corpo com um cobertor. No meu telefone havia uma mensagem de texto de Evan e uma ligação perdida de Sara. Respondi para os dois com uma mensagem de texto, prometendo ligar para eles mais tarde. Não achava que conseguiria contar uma mentira convincente naquele momento, e precisa de tempo para decidir o que falar para eles. Mas não estava pronta para lhes contar a verdade.

Retornei a ligação de Vivian, já que ela precisava de uma resposta, e deixei uma mensagem de voz para ela dizendo que seria um prazer encontrá-la para um brunch pela manhã. Até lá conseguiria me recompor e estar apresentável. Pelo menos, era isso o que esperava que acontecesse.

Fechei meus olhos e dormi. Ainda estava muito cansada. Eu me sentia como se pudesse dormir por três dias seguidos.

O barulho nas escadas me acordou. A sala estava clara. O sol da tarde entrava pelas janelas. Olhei tentando focar na imagem.

Minha mãe apareceu, vestida com uma calça de moletom e uma camiseta, tropeçando pelas escadas, apertando os olhos e segurando a cabeça com as mãos. Eu me sentei. Ela olhou para mim e levantou a mão.

– Não quero falar sobre isso agora. – Gemeu ela. Meu desejo de falar com ela estava evidente em meu rosto.

- Quer que eu pegue alguma coisa para você?
- Aspirina, café e, por favor, corte fora a minha cabeça – resmungou ela.

Eu a segui até a cozinha e peguei a aspirina no armário em cima da pia. Coloquei duas pílulas na frente dela e um copo de água. Então, comecei a fazer o café. Ela abaixou a cabeça em seus braços dobrados em cima da mesa da cozinha. Ela fez movimentos cuidadosos para tomar a aspirina, fazendo careta enquanto engolia os comprimidos.

Dei a ela uma xícara de café e me sentei em frente a ela, esperando. Ela tomou um gole de café e olhou, relutante, em minha direção.

- Você quer conversar sobre o que aconteceu, não é?
- Acho que precisamos – respondi, pegando ansiosa no meu dedo. – Mas, antes que você diga qualquer coisa, preciso perguntar algo.

– O que é? – A dor que ela sentia por causa da ressaca era evidente em seus olhos lacrimejantes e vermelhos. Ela mal conseguia abri-los.

– Nunca mais dirija se você beber – eu disse a ela. Eu tinha intenção de que isso saísse como um pedido, mas acabou soando mais duro do que eu queria. Ela levantou a cabeça ao ouvir meu tom de voz. – Se alguma coisa tivesse acontecido com você, ou com alguma outra pessoa. – Balancei minha cabeça sem conseguir terminar minha frase. Minha boca estava tensa só de pensar nisso.

– Não vou – sussurrou ela. – Isso foi estúpido. Não devia ter vindo para casa.

– Você sempre pode me chamar.

Minha mãe soltou uma risada que mais parecia uma tosse.

– Não na noite passada. Estava tão brava com você. Nunca lhe pediria nada.

Sentei de volta em minha cadeira, atordoada com suas palavras.

– Por quê?

– Não finja ser inocente – acusou ela, com os olhos perfurando-me. – Ouço você conversando com ele no meio da noite. Eu vi as

mensagens no seu telefone. Por que você ainda fala com Jonathan, tipo, todo dia?

Ela *ainda* estava brava comigo. Isso estava evidente no olhar dela. Mas o tom de sua voz deixava claro que ela também estava machucada. Abaixei meus olhos, torcendo meus dedos embaixo da mesa.

– Não queria magoar você – eu disse a ela, sem saber como explicar minha amizade com Jonathan. – Nós apenas conversamos. Só isso.

Ela balançou a cabeça.

– Você nunca pensou, nem por um segundo, no quanto isso poderia me magoar? Emily, eu estava apaixonada por ele. Achei que finalmente tinha encontrado a pessoa que me ajudaria a ir para a frente. Eu sabia que ele ia embora. Eu só queria ficar com ele durante o verão. Eu esperava que, no final, ele acabasse pensando em me convidar para ir embora com ele para a Califórnia. E por que eu não iria querer me mudar? Ele estaria lá, e então eu estaria também. Mas... – Ela parou e apertou os dedos contra os olhos.

– Ele estava mais preocupado com *você* na noite do meu aniversário – continuou ela, com a voz trêmula e falando devagar. – Ele nem se importou por eu também estar chateada. Você me perdoou. Eu não entendo por que ele não consegue me perdoar. Então, será que você não percebe o quanto você me machuca ao continuar falando com ele? É como se você não se importasse comigo. – Ela fungou e fechou os olhos. Fiquei boquiaberta, em silêncio. Senti como se tivesse levado um soco no estômago e todo o ar tivesse sido tirado de mim.

Ela ficou em pé com sua xícara de café na mão e saiu da cozinha.

Realmente nunca pensara no quanto minha amizade com Jonathan poderia afetar qualquer pessoa que estivesse à minha volta. Não estava mantendo aquele relacionamento em segredo intencionalmente.

Fiquei sentada na cozinha vazia, olhando para a cadeira à minha frente, finalmente admitindo que eu *tinha* mantido aquele relacionamento em segredo. E eu havia me recusado a considerar como aquilo a faria se sentir caso descobrisse. Ele era o único que

entendia a escuridão dentro de mim, e eu podia contar coisas a ele que não contava para mais ninguém. De maneira egoísta, não queria abrir mão dele.

Cobri meu rosto com minhas mãos e respirei. A culpa me devorava por dentro, como se fosse ácido. Eu sentia como se fosse vomitar.

– Você está brincando com a minha cara? – ela gritou, do topo das escadas. Corri para o vestíbulo e a encontrei segurando a camiseta branca dele. – Ele esteve aqui na noite passada? Que merda é essa, Emily?!

– Eu não conseguia carregar você – soluzei, meu lábio inferior tremia. – Eu não sabia mais o que fazer. Desculpe.

– Não consigo acreditar em você. – Ela balançava a cabeça, furiosa. – Não consigo acreditar em você.

Ela se virou de costas para mim. Meu coração batia acelerado com o medo sufocante de que eu finalmente tinha feito com que ela não me quisesse mais. Subi as escadas correndo e falei desesperada:

– Não vou mais falar com ele. Eu juro. Mas, por favor, não fique brava comigo. Nunca quis machucar você, eu juro. Nunca mais vou falar com ele, mas não fique brava comigo. – Mordi meu lábio inferior e minha visão ficou turva por causa das lágrimas.

Ela parou antes de entrar no quarto, absorvendo meus apelos frenéticos.

– Quero morrer quando vejo você da maneira como você estava na noite passada. Não quero fazer aquilo com você. Por favor, não fique mais brava, por favor? – Minha garganta doía, pois eu tentava segurar as minhas lágrimas. Engoli em seco e esperei enquanto ela se virava para mim.

Seus olhos se suavizaram quando ela viu meu rosto devastado.

– Diga a ele que você não quer mais falar com ele, certo?

– Certo – soluzei. Uma lágrima caiu pelo meu rosto enquanto a pressão em meu peito se aliviava. Ela entrou no banheiro e fechou a porta. Fechei meus olhos e respirei fundo, temendo pelo que teria que fazer em seguida.



29. Conselho paternal

Não havia nenhum movimento na casa quando saí para me encontrar com Vivian no domingo pela manhã. Minha mãe vinha me evitando bastante, e por isso eu a deixei em paz.

O guarda que estava no portão marcou meu nome na lista de convidados e eu continuei a dirigir pela estrada que cortava o campo de golfe ao meio. Segui os sinais que indicavam a sede do clube e parei no estacionamento em frente a um prédio de pedras escuras com uma parede cheia de janelas.

Vivian estava na entrada conversando com um grupo de mulheres que estavam vestidas para o brunch. Fiquei aliviada, pois perguntara a Evan o que eu deveria vestir, quando falei com ele ontem à tarde, já que nunca pensara em usar um vestido em um brunch.

– Emily. – Vivian deu um largo sorriso e esticou seus braços para me abraçar e me beijar no rosto. – Você está adorável, como sempre.

– Obrigada – respondi, pendurando meu casaco no meu braço.

Ela se dirigiu às mulheres que estavam na frente dela:

– Senhoras, esta é Emily Thomas, a namorada de Evan.

– Ah, claro – disse uma delas, com um sorriso. Cada uma delas olhou cuidadosamente para mim, formando sua própria opinião a respeito da garota das manchetes de jornal.

– Vamos? – Vivian me chamou. – Foi muito bom encontrar vocês mais uma vez. – Passamos pelas senhoras e entramos no restaurante.

– Você chegou na hora certa – cochichou ela. – Estava com dificuldades em continuar tratando com educação aquele grupo de mulheres sem conteúdo. – Arregalei meus olhos com o comentário

dela e ela sorriu maliciosamente. Foi a primeira vez em que reconheci traços de Evan em seu rosto. Sorri e a segui até uma mesa ao lado de grandes janelas com vista para o gramado.

– A mulher que eu quero apresentar está um pouco atrasada – disse Vivian, depois de pedir um coquetel para ela e um suco de laranja para mim. – Então pensei que teríamos tempo para conversar sobre aquela noite.

Meu coração parou de bater. Tive medo de que ela me dissesse que Evan não iria para Stanford.

– Stuart é bastante teimoso. Evan é como ele. Por isso, quando têm opiniões contrárias eles nunca conseguem chegar a um acordo. Normalmente é nessa hora que Jared e eu nos metemos, pois costumamos ter a mente mais aberta e sempre estamos dispostos a nos comprometer. Infelizmente, eu não sei como resolver a questão com relação a este assunto. Stanford é uma escola maravilhosa, e estou tão orgulhosa por Evan ter sido aceito lá. Mas, Stuart sempre quis que um de seus filhos estudasse em Yale desde que eles nasceram. Jared não conseguiu as notas para ser aceito, apesar de todos os esforços de Stuart. Mas Evan conseguiu. Evan está convencido de que não foi aceito em Yale por seu próprio mérito, e Stuart não vai admitir caso tenha influenciado de alguma maneira nesta decisão. Mas sei que nunca vi Stuart tão chateado, e estou tentando entender o motivo.

– Sou eu – disse eu, tão baixinho que Vivian precisou pedir para que eu repetisse o que tinha falado. – Sr. Mathews não me aceita, e, para ele, Evan escolher Stanford é o mesmo que me escolher. – Olhei pela janela tentando acalmar o espasmo em meu peito.

– Por que você acha isso? – perguntou Vivian, totalmente estupefata.

– Escutei quando ele disse a Evan, na festa de Ano-Novo, que eu não era o futuro dele – admiti, suavemente. As palavras ainda me machucavam.

Vivian ficou em silêncio. Seu rosto estava suave, mas seus olhos azuis se mexiam enquanto ela refletia.

– O problema não é você – disse ela, com firmeza. – O problema é entre meu marido e meu filho, e sinto muito que algo tenha feito

– Você pensar que você tinha alguma coisa a ver com isso. Emily, eu adoro você, e não consigo pensar em nenhuma outra coisa que me deixaria mais feliz do que você ser o futuro do meu filho. O único motivo de eu estar dizendo isso a você é para me desculpar pela tensão daquela noite. Gostaria que você não tivesse que presenciar o desafio silencioso do meu marido. – Ela segurou minhas mãos, que estavam tão apertadas que minhas juntas estavam brancas. – Por favor, não se preocupe com isso. Tenho quase certeza de que tudo vai se resolver.

– Quero prometer a você que eu nunca vou fazer nada para machucar Evan. E nunca vou me intrometer entre ele e sua família. Eu o amo, mas eu o deixaria antes que algo prejudicasse sua felicidade – prometi, apaixonadamente.

Vivian sorriu adoravelmente.

– Eu sei, querida. É por isso que não quero que ele fique com nenhuma outra pessoa. – Meu coração ficou tocado com suas palavras e eu pisquei para espantar aquele sentimento com um sorriso. Ela sorriu levemente por causa de nosso estado emocional, limpando o canto de seus olhos com um lenço.

– Ah, lá está ela. – Vivian ficou em pé para cumprimentar a outra convidada.

Uma mulher alta, esbelta, de pele morena e grandes olhos marrons se aproximou de nós. Ela parecia tão chique, com um vestido azul-claro e colar de pérolas em volta do pescoço. Fiquei em pé ao lado de Vivian para ser apresentada a ela.

– Emily Thomas, tenho o prazer de apresentar à Dra. Michelle Vassar. Ela é ex-aluna da Universidade de Stanford, e fez parte do time de basquete da faculdade.

Dra. Vassar esticou sua mão para mim.

– Prazer em conhecê-la, Emily. – Sorri e apertei sua mão com firmeza.

Quando nos sentamos Vivian sorriu e começou a falar sobre eu ter sido aceita em Stanford e sobre a bolsa de estudos que ganhei para jogar pela universidade. Nunca vira alguém tão orgulhosa de mim antes, e, naquele momento, não poderia querer ninguém mais do que Vivian Mathews orgulhosa de mim.

Depois de passar horas falando sobre Stanford, sobre a faculdade de medicina e sobre as experiências profissionais da Dra. Vassar eu me dirigi para o campo de futebol me sentindo mais leve e mais animada com o meu futuro, algo que não sentia há meses. Fiquei relembrando a conversa toda em minha cabeça.

Saí do banheiro vestindo meu uniforme e vi Evan em pé na lateral.

– Oi – disse eu, aparecendo atrás dele.

Ele se virou ao ouvir minha voz e seu rosto brilhou, fazendo meu coração acelerar.

– Oi. Como você está? – Eu estava aliviada por ele não estar pensando que eu havia inventado minha doença.

– Estou ótima. O brunch com a sua mãe foi realmente muito legal.

– Que bom – respondeu ele, me puxando para perto. Eu o abracei e o segurei com força. Ele me beijou e disse: – Boa sorte no jogo.

Fiz uma careta.

– Sinto muito, mas acho que não vou jogar hoje. Você não precisa ficar aqui se não quiser.

– Eu vou ficar. – Seus braços apertaram minha cintura com mais força. – Podemos fazer alguma coisa depois do jogo.

Depois de me deixar no banco na primeira metade do jogo, o treinador me colocou para jogar no segundo tempo. Tive a sensação de que ele me escalou porque tínhamos uma jogadora a menos, e ele era capaz de abrir mão de sua política para que ganhássemos. Ele disse que como eu não estava mais doente, eu poderia jogar. Ele não mencionou os dois treinos que eu perdi.

Voltamos no segundo tempo e ganhamos com dois pontos de vantagem. No fim, foi bom Evan ter ficado.

– Você quer me seguir até em casa? – perguntou Evan. – Jared e Sara estão lá. Eles querem jogar boliche com a gente hoje à noite.

– Boliche? – perguntei, em dúvida.

– Sim. – Evan riu se divertindo. – Você nunca jogou boliche antes, não é?

Balancei minha cabeça, fazendo ele rir ainda mais.

– Sim, eu sigo você. – Suspirei.

– Emma. – Sara riu. – Você já soltou a bola. Você não pode ficar na pista *desse* jeito.

Continuei a me inclinar para a direita, torcendo para que a bola se redirecionasse e não fosse para aquele lado. Meus movimentos corporais não ajudaram. Fiz apenas dois pontos.

– Desculpe. – Franzi a testa. – Sou péssima.

– É a sua primeira vez – consolou Jared, tentando me animar. – Nós voltaremos. Apenas tente manter seu pulso reto para que a bola não vire tanto. Não se preocupe. A Sara também não joga tão bem. – Ele saiu de perto quando Sara lhe deu um tapa.

Foi bom rir. Eu não tinha dado muitas gargalhadas nos últimos dias.

Depois que Evan fez um spare, Jared se levantou e disse:

– Vou tentar pegar leve com você, Evan. – Evan sorriu para ele, zombando. – Ah, você vai vir para Nova York neste final de semana antes de ir para o Havaí passar o feriado de abril?

– Ainda não sei – Evan respondeu a ele, sentando-se ao meu lado e passando seu braço atrás da minha cadeira de plástico laranja.

– Você não pode mesmo vir comigo? – Evan perguntou para mim, enquanto Jared escolhia a bola perfeita.

– Para o Havaí? – Eu ri como se ele tivesse acabado de me convidar para voar com ele até a lua. – De jeito nenhum. Eu não tenho como pagar uma viagem dessas. Além disso, tenho que jogar futebol. É o mesmo motivo pelo qual não vou com Sara para as Florida Keys.

– Em primeiro lugar, eu disse que você não pagaria pela viagem. E em segundo, você já entrou para Stanford e vai jogar futebol para eles. Você pode perder uma semana. – Ele implorou mais uma vez: – Por favor, venha comigo.

Eu sorri, e antes que me permitisse pensar no assunto respondi:

– Desculpe, mas não posso.

– Eu tentei, Evan – interrompeu Sara. – acredite em mim. Eu tentei. Acho que ela está tentando passar o máximo de tempo possível em Weslyn antes de vocês irem para Stanford.

– Ah, tá – respondi, com uma expressão de horror no rosto que fez com que ela caísse na gargalhada. – Não consigo sair de Weslyn rápido o suficiente.

– Por falar nisso – interrompeu Jared, depois de ter nos chamado para admirar seu strike, que estava aparecendo na tela acima de nossas cabeças –, quando vamos comemorar oficialmente sua aprovação em Stanford? De vocês dois, na verdade.

– Na formatura? – sugeri. Ainda não acreditava que eu ia para a faculdade. Eu precisava, primeiro, andar pelo corredor com o diploma em minhas mãos.

Evan pensou no assunto.

– Na verdade esta é uma excelente ideia. Podemos fazer uma grande festa de formatura no jardim da minha casa.

– Podemos! – disse Sara, antes de jogar a bola na pista.

– E seu pai vai concordar com isso? – perguntei, sem acreditar, pois eu sabia que Evan e ele não estavam se falando muito. Um pouco como o que estava acontecendo com minha mãe e eu, mas por razões totalmente diferentes.

– E daí? – Evan deu de ombros. – O que ele vai fazer?

Jared riu. Ele arregalou os olhos como se soubesse exatamente o que o pai deles era capaz de fazer. Evan não parecia perturbado. Mas eu não consegui deixar de encolher alguns centímetros em minha cadeira.

– Será que devo me preocupar com Evan e com o pai dele? – perguntei para Sara, enquanto a levava de volta para casa.

– Você está me perguntando isso porque Evan faz parecer como se isso não fosse nada demais?

– Bom, sim – respondi, desconfortável. – Por acaso Jared falou alguma coisa?

Sara ficou em silêncio, pensando no que diria. Ela sempre ficava inquieta quando tinha que me dizer alguma coisa que eu não queria ouvir.

– Diga, Sara – exigi, categoricamente.

– Prometi a Jared que não contaria para você, por isso você tem que me jurar que não vai falar nada para Evan, não importa o que

aconteça. – Apenas olhei para ela impaciente. – Tudo bem. Sr. Mathews ameaçou deserdar Evan se ele for para Stanford. Ele fecharia suas contas, pegaria o passaporte e até mesmo o carro dele.

– Por escolher Stanford? – Lutei para pronunciar essas palavras.

– Você sabe que isso não tem nada a ver com Stanford.

– É. – Respirei. – Eu sei. Não posso deixar isso acontecer.

– Não é você quem tem que decidir isso, Emma – advertiu Sara. – É Evan.



30. Futuro inesperado

Minha mãe não conseguia ficar em silêncio por muito tempo. Não era da natureza dela. Por isso, mesmo que não tivesse me perdoado, ela conversava comigo como se tivesse.

– Talvez eu chegue um pouco tarde hoje à noite – disse ela, apressada, como ela costumava ficar em quase todas as manhãs antes de ir para o trabalho. – Você tem treino hoje?

– Não, hoje não – disse a ela, de onde estava, no sofá, observando-a com uma tigela de cereais.

– Você acha que você consegue fazer o jantar? – Ela parou e olhou para mim. – Ou, talvez, pedir alguma coisa para comer? Acho que não vou conseguir sair da reunião a tempo.

Eu sorri e disse:

– Talvez eu vá jantar na casa de Evan.

– Ótimo. Me sinto melhor ao saber que você está comendo algo que não foi esquentado no micro-ondas. Mas não vou chegar muito tarde, certo?

– Certo. – Nos últimos dois dias ela vinha me contando todo o seu horário. Eu tinha certeza de que era a maneira dela de se desculpar por ter me deixado preocupada com ela na última quinta à noite, quando apagou na casa de Sharon e não me avisou.

Ela saiu correndo pela porta segurando um casaco leve no braço.

A temperatura havia se elevado de maneira bastante agradável nesta semana. Estavam prevendo temperatura próxima de 13 °C até sexta-feira, o que não era comum para o começo de abril em Connecticut. Eu não achava ruim.

Com a elevação da temperatura e apenas oito semanas até a minha liberdade permanente, os veteranos tinham dificuldade para

se concentrar. As aulas eram mais conversas e os corredores estavam repletos de energia.

– Vamos matar a última aula? – sugeriu Sara, durante o almoço.

– Não posso – respondi. – Tenho que entregar um trabalho.

– O que você vai fazer depois da escola? Vem para a minha casa.

– Acho que não vai dar tempo. Preciso lavar um pouco de roupa antes que não tenha mais nada para vestir, e depois vou jantar na casa do Evan.

– Venha no final de semana, então. Só vou para a Flórida na segunda. Você pode passar o final de semana comigo. Você vai ter jogo?

– No sábado – disse a ela. – É, acho que estamos precisando de um tempo só entre garotas.

Sara sorriu.

– Precisamos sim! Estou me sentindo um pouco afastada de você ultimamente. Precisamos fofocar um pouco.

– Concordo.

Eu já havia decidido, mesmo antes de ter essa conversa com ela, que precisava contar para Sara tudo o que estava acontecendo com minha mãe. Não podia mais conversar com Jonathan, e Sara era minha melhor amiga. Ela *deveria* saber essas coisas. Agora que tínhamos um tempo separado só para nós, de certa forma eu me sentia melhor. Sara saberia me dizer o que fazer. Ou, pelo menos, me daria uma opinião bastante sincera sobre a situação.

Prometi a Evan de ir para a casa dele depois do treino de beisebol e fui para casa com os vidros abertos. A primavera começava a dar as caras, e eu a recebi feliz depois de um inverno frio e de bastante neve. As primeiras flores da primavera estavam florescendo, e as árvores estavam em estágios variados de brotamento ou floração, o que significava que em algumas semanas estariam repletas de folhas verdes.

Eu sabia que este clima quente e ensolarado não era normal no início de abril, e já estavam prevendo temperaturas mais frias e chuva para o final da semana. Mas hoje o calor do sol me trazia uma sensação gostosa quando batia em meu rosto, enquanto eu dirigia para casa.

Havia um homem em pé na porta da minha casa quando estacionei o carro na garagem. A primeira impressão que tive, por causa de seu terno preto e de sua mala, era a de que ele era um vendedor. Ele até usava um chapéu na cabeça. Mas quando desci do carro percebi que seu terno era chique demais para pertencer a um vendedor que passa de porta em porta. Além disso, eu achava que ninguém mais fazia isso nos dias de hoje.

– Posso ajudá-lo? – perguntei, ao me aproximar.

– Você é Emily Thomas? – perguntou o homem alto, retirando seu chapéu e mostrando seu cabelo branco e fino, penteado para trás contornando uma careca.

– Sim – respondi, com cuidado, ainda em pé na calçada, com receio de chegar mais perto.

– Meu nome é Charles Stanley – explicou ele. Ele ficou ereto na varanda. Sua postura perfeita fazia parecer que ele estava cem metros acima de mim. – Sou o advogado da família Thomas. Sou o executor testamentário de seu pai.

– Do meu pai? – perguntei, ainda sem conseguir me mexer.

– Sim. Derek Thomas – respondeu ele, com paciência. – Será que podemos conversar em um local mais reservado? Você acha que Rachel vai chegar logo em casa?

– Não. Ela vai trabalhar até tarde – disse a ele. Só então consegui descolar meus pés do chão e caminhar, com timidez, até a porta. – Você tem um cartão ou algo parecido?

– Claro – respondeu ele, ao retirar um porta-cartões prata do bolso. Ele me entregou um cartão e pude confirmar quem ele era. Não tinha nenhum motivo para desconfiar dele.

Destranquei e segurei a tela da porta para ele entrar.

– Podemos nos sentar na cozinha.

– Maravilha. – Ele me seguiu até a cozinha e colocou seu chapéu na mesa. Mantive meus olhos nele, com receio de que se eu piscasse ele desapareceria.

– Você quer beber alguma coisa?

– Não, estou bem. Obrigado – respondeu ele, sentando-se na cadeira e abrindo sua pasta para pegar um documento. Eu me sentei

na cadeira em frente à dele. Minhas mãos tremiam um pouco. – Tenho certeza de que você está se perguntando quem eu sou e o que estou fazendo aqui. Por isso, vamos começar. Como disse, meu nome é Charles Stanley. Tenho representado a família Thomas por quase toda a minha carreira, concentrando meus trabalhos principalmente em assuntos imobiliários e administrando seus bens e seus investimentos financeiros.

– Desculpe – interrompi, já confusa. – Você fica falando “da família”. Eu não entendo. Quem é “a família”?

Charles balançou a cabeça e começou de novo.

– Seu pai me deu permissão para contar tudo a você, por isso vou lhe revelar tudo o que sei e que se refere a ele. Derek Anders Thomas era filho de Laura e Nicolas Thomas. Eles moraram em Lincoln, Massachusetts durante a maior parte de sua vida. Seu irmão, George Samuel Thomas, nasceu três anos depois. Derek frequentou escolas particulares durante toda sua vida escolar, e foi para Cornell, onde estudou engenharia arquitetônica e, por fim, se formou como mestre.

– Cornell? – perguntei, surpresa, imaginando por que nunca soube disso.

– Sim – respondeu Charles, calmamente, sua voz suave e profunda desprovida de emoção. Então, ele continuou: – Ele decidiu voltar para Massachusetts para ficar perto de sua família e assumiu um cargo em uma excelente empresa de engenharia em Boston. Foi aí que ele conheceu Rachel Wallace. – Ele parou. Juro ter visto um ar de simpatia em seus olhos azuis por um momento, antes de ele voltar a falar sem emoção.

– Ela cobria temporariamente a recepcionista da empresa, que estava em licença por um período curto de tempo. Daí em diante os fatos que podem ser facilmente pesquisados são combinações de relatos de seu pai e de suas próprias opiniões. Por isso, infelizmente, não posso comprovar grande parte do que vou contar. Derek tinha a impressão de que Rachel era mais velha do que ela realmente era quando se conheceram. Ela deu a entender que tinha vinte e seis anos, e ele, na época, tinha trinta e dois. Eles saíram algumas vezes e ele realmente gostava da companhia dela. Ela era diferente da

maioria das mulheres de seu círculo social, e ele a descrevia como um “sopro de ar fresco”.

Eu já sentia frio na barriga porque sabia a idade que minha mãe tinha quando eu nasci.

– Em tempo, ele descobriu que a idade verdadeira dela era vinte anos e terminou seu relacionamento com ela imediatamente. Seu pai acreditava em integridade e confiança acima de tudo, e ela mentira para ele. Ela ficou perturbada com o término do relacionamento e tentou recuperá-lo de diversas maneiras. Quando ele achou que ela tinha desistido, ela apareceu em seu carro depois do trabalho dizendo que estava grávida.

Soltei o ar e fechei meus olhos, meu estômago estava congelando. Eles não tinham planejado a gravidez. Eles não eram casados. Eles nem mesmo estavam *namorando*.

– Você está bem, Emma? – perguntou Charles. – Você quer um copo d’água?

– Eu pego – disse eu, depressa, e me levantei da cadeira. Precisava de uma pausa na história, na história de como eu vim parar neste mundo. Era tão diferente do que eu imaginara. Voltei com um copo de água e, depois de tomar um pequeno gole, eu disse: – Continue. Estou pronta.

– Derek concordou em retomar o relacionamento, e disse que estaria ao seu lado quando você nascesse. Meses depois ele comprou uma casa em Lincoln, onde você morou por sete anos. Rachel decidiu não morar mais lá depois que Derek morreu. A casa não era dela por direito e tornou-se parte das propriedades dele. E este é o motivo pelo qual estou aqui hoje.

– Espere – interrompi. – Algum dia eles se casaram? Ele a amava? E os pais dele? Ainda moram em Lincoln?

– Sinto muito. Tenho certeza de que você tem mais perguntas do que consigo responder. Não. Rachel e Derek nunca se casaram. Ele gostava dela, e estava convencido de que ela o amava. Mas ele admitiu para mim que não confiava nela. Ela era jovem e irresponsável. E costumava ser um pouco exagerada em seus hábitos sociais.

Fiz uma careta balancei a cabeça descontente. Sabia que ele estava dizendo, de maneira educada, que ela já ficava bêbada naquela época. Era assim que ela sempre tinha sido. Não era um sintoma do luto, não era uma maneira de lidar com isso. Era tudo o que ela era, assim como as mentiras que ela me contara por todos esses anos. Mentiras que incluíam um romance de conto de fadas, um casamento que não existiu e um amor destruído por um acidente estúpido. E onde eu me encaixava em seus delírios?

Minha garganta estava apertada. Sentia um buraco dentro do estômago. Achei que minha cabeça explodiria com todas as emoções conflituosas que tomavam conta de mim.

– Seus avós se mudaram para a Flórida antes de você nascer. Eles, sua avó principalmente, não aprovavam o nascimento de uma criança sem um casamento, e por isso eles se afastaram de Derek e Rachel e, conseqüentemente, de você. Aparentemente seu avô não se sentia tão incomodado com a situação e, há quinze anos, quando ele morreu, ele deixou uma boa herança para cada um de seus filhos, apesar de Laura não concordar com isso. Esta herança é o alicerce dos bens de seu pai. – Ele abriu a pasta e começou a colocar folhas com números e gráficos à minha frente. Eu estava muito impressionada para entendê-los.

Eles pareciam um borrão de tinta diante de meus olhos.

– O que é isto? – Engasguei. Minhas mãos tremiam em meu colo.

– Isto, Emma, é o seu futuro – explicou ele, suavemente. – Seu pai fez bons investimentos, e com seus lucros na empresa, a venda da casa em Lincoln e seu seguro de vida, além do que ele herdara de seu pai, seus bens são bastante impressionantes. Todos estes bens serão legalmente seus quando você fizer dezoito anos em junho. Decidi não esperar até lá para falar com você, pois você tem obrigações financeiras com Stanford que precisam ser resolvidas mais rapidamente. Parabéns por ter sido aceita.

– Ah, obrigada – respondi, automaticamente, olhando para os números no final da página. Números com várias vírgulas flutuando na frente de meus olhos. – Então, isso é meu? Eu posso pagar a faculdade?

– Minha querida garota, você pode pagar a faculdade, a faculdade de medicina e ainda poderia abrir uma clínica na África se quisesse.
– Olhei para seu rosto enrugado e pela primeira vez vi um sinal de sorriso em seus lábios.

– Ainda não consigo entender – disse eu. – George nunca pareceu ter dinheiro. Morei com eles por vários anos.

– George – disse Charles, como se o próprio nome fosse um enigma. – As escolhas de George nunca ficaram muito claras para mim. Tudo o que sei é que ele recebeu uma herança parecida com a do seu pai. O que ele escolheu fazer com ela, ou o que ele resolveu revelar para sua esposa, é algo a respeito do qual eu não sei nada. – Ele parou. Sua expressão grave penetrou em mim. – Nunca poderei dizer a você o quanto eu sinto pelo que aconteceu a você enquanto você morou na casa deles. – Meus olhos se encheram de lágrimas. Pisquei bastante para tentar espantá-las.

– Ninguém nunca deveria passar pelo que você passou. Mas seu pai se orgulharia da pessoa que você se tornou, Emma. Você é forte e inteligente, e o fato de você estar aqui tentando acertar os ponteiros com Rachel mostra que você tem um bom coração. Ele ficaria *muito* orgulhoso.

Eu balancei a cabeça e engoli apesar de minha garganta estar fechada. Desviei meu olhar, pois não queria chorar na frente daquele homem.

– Você continuará a receber seus subsídios mensais, e eles aumentarão quando você fizer dezoito anos. Você não terá o controle total dos seus fundos até se formar na faculdade, ou até fazer vinte e um anos. Mas, se você precisar de qualquer coisa, você pode entrar em contato comigo a qualquer hora, e eu vou tomar as medidas necessárias para você, seja para a compra de um computador, de um carro ou em uma situação de emergência. Seu pai confiou em mim para fazer minhas melhores escolhas ao auxiliá-la.

– Obrigada – sussurrei, ainda não entendendo metade de tudo o que ele acabara de me dizer.

– Emma – acenou ele. Olhei para o rosto envelhecido que permanecia impassível apesar da intensidade oscilante em seus

olhos. – Você pode me ligar *a qualquer hora*, por *qualquer* razão. Por favor, entenda isso. Eu sei que você não me conhece. Mas espero ganhar de você a mesma confiança e respeito que ganhei de seu pai. Enquanto isso, eu não contaria à Rachel sobre esta visita, ou sobre sua herança.

– Ele nunca confiou nela, não é?

– Não – respondeu Charles, diretamente. – Ele amava você mais do que tudo, e queria que você tivesse seu pai e sua mãe presentes em sua vida. Mas ele não confiava nela em relação ao dinheiro, ou em relação a você.

– O quê? – perguntei, com minhas sobrancelhas erguidas. – O que você quer dizer, *em relação a mim*?

– Ele contratou uma mulher para tomar conta de você enquanto ele trabalhava. Preocupado com a impulsividade de Rachel, ele não queria deixar você sozinha com ela em casa. Infelizmente não conseguimos nos assegurar com um acordo de custódia alternativa, no caso da morte dele, antes do acidente. Ele estava tentando encontrar uma maneira para contornar os direitos legais da mãe biológica para que você pudesse ser criada por alguém que fosse mais adequado para você, e por alguém que a amasse. Neste meio tempo separamos uma parte de seus bens para serem entregues à Rachel, junto com os subsídios mensais para que alguém cuidasse de você, o que, então, ficou acessível para George e Carol quando eles assumiram a sua custódia. Sua vida nunca deveria ter sido como foi, Emma. Ele queria muito mais para você, e acredito que ele ficaria feliz em saber que você vai, finalmente, receber isso.

"Mas eu trocaria tudo, cada centavo, para tê-lo de volta", eu queria dizer isso. Foi difícil para mim levantar meus olhos para encontrar os dele. Ainda estava muito emocionada.

Ficamos em silêncio por um tempo antes de Charles pegar cada papel que colocou na mesa e guardar na pasta. Ele entregou a pasta para mim. Balancei minha cabeça.

– Acho que você deve ficar com isso. Não quero que ela encontre.

Charles balançou a cabeça concordando e colocou a pasta junto com suas coisas.

– Então você deve guardar o meu número no seu telefone e não deve ficar com o meu cartão.

Peguei meu telefone e salvei o número dele com as iniciais “CS”.

– Foi um prazer finalmente conhecê-la, Emma – disse Charles, levantando-se e arrumando a cadeira da cozinha em volta da mesa.

– Você quer me perguntar mais alguma coisa antes de eu ir embora?

– Não – respondi baixinho, minha cabeça cheia de pensamentos que não conseguia processar.

– Por favor, me ligue se quiser perguntar mais alguma coisa.

Eu o levei até a porta. Ele se virou para mim e colocou seu chapéu na cabeça.

– Cuide-se. – Ele saiu pela porta antes que eu pudesse responder. Observei-o enquanto ele andava pela calçada até o carro preto, grande e brilhante que esperava por ele na rua. Eu não deveria ter ficado surpresa ao ver o motorista descer do carro e abrir a porta para ele.

Ainda estava olhando para o espaço vazio quando meu telefone vibrou dentro do meu bolso. Eu o peguei e o atendi.

– Vamos sair do treino mais cedo – disse Evan, todo animado. A leveza em sua voz foi um choque para meus ouvidos. Eu me sentia como se tivesse acabado de sair do meio de um furacão. – Você quer me encontrar em minha casa em uma hora?

Percebi que ainda nem havia começado a lavar as roupas.

– Uma hora. Ah... claro.

Desliguei o telefone e andei distraída até o porão. Separei as roupas para que eu lavasse alguma coisa para vestir no dia seguinte.

Então, fui para o meu quarto e me sentei na minha cama, ainda em transe. Olhei para o desenho que Leyla e Jack enviaram, que estava em cima da minha cômoda, e me levantei para pegá-lo. Assim como eu sentia muita falta deles, tentava não pensar muito neles para não ser torturada por minhas escolhas.

Olhei para a mulher no desenho. Aquela com o cabelo cinza. Minha avó.

Essa família nunca seria minha.

E então aquilo me afetou.

Eu me curvei como se tivesse levado um soco no estômago e caí no chão. Ainda não conseguia entender tudo o que acabara de acontecer, mas uma verdade me atingiu com tanta força que me impedia de respirar.

Eu não deveria existir.



31. E se...

Ainda não tinha me recomposto totalmente quando cheguei na casa de Evan. Ele estava sentado no balanço da varanda da frente, lendo um livro, quando parei meu carro.

– Oi – disse eu, sentando-me ao seu lado, imediatamente intoxicada por ele. Era óbvio, pelo seu cabelo molhado, que ele tinha acabado de tomar banho.

– O que você está lendo?

– Nada de interessante – respondeu Evan, fechando o livro e colocando-o no chão, embaixo do balanço. Ele levantou o braço e eu me aninhei embaixo dele, deitando minha cabeça em seu peito e respirando o seu perfume. – Gosto dessa semana.

Eu sabia que ele estava falando do tempo, e do fato de estarmos sentados do lado de fora, usando camisetas de manga curta, em abril. Mas meus pensamentos não estavam ali quando eu ri contrariando-o.

– O que foi, você não gosta? – perguntou ele, olhando para mim.

– Ah, desculpa. – Balancei minha cabeça percebendo que ele tinha me ouvido. – Sim. É legal ficar aqui fora.

– Em que você estava pensando? – perguntou Evan, que me conhecia bem demais.

Eu me sentei e olhei para ele. Minha cabeça estava a mil e eu ainda não sabia se conseguiria dizer o que ainda tentava entender, mas resolvi tentar. Levei um minuto para abrir minha boca, mas ele esperou pacientemente, observando meus olhos piscarem enquanto eu pensava.

– Não quero parecer profunda, mas estava pensando no quanto uma coisinha pequena pode afetar drasticamente tantas coisas

diferentes. Causa e efeito. Escolhas e consequências. Existe uma razão por trás disso, ou é apenas o acaso? Aleatoriedade. Por exemplo, uma pessoa tromba em outra. Eles namoram, transam e em seguida, nasce um bebê. Não importa se eles queriam aquele bebê ou não. Não importa se eles se amavam ou não. Aconteceu. Mas... e se não *fosse* para acontecer?

Evan ficou em silêncio por um momento.

– De onde vem essa ideia?

– Descobri uma coisa hoje à tarde, e não sei se já estou pronta para falar sobre isso.

– Você quer dar uma caminhada enquanto conversamos sobre o sentido da vida? Ou então não precisamos falar nada. Podemos apenas andar. Mas eu preciso continuar segurando sua mão. Isso não é uma opção.

– Certo – respondi, tentando sorrir para não parecer tão séria. – Gostaria que você segurasse minha mão também.

Evan me levou para a parte de trás da casa e seguimos a trilha que começava em seu quintal e ia em direção à floresta. Andamos em silêncio por um tempo, deixando os pássaros e o sussurro da brisa que vinha das sempre-vivas ser o único som. Mas minha mente não estava quieta, e se recusava a ficar calma.

– Você faz uma coisa comigo? – perguntei, hipnotizada por nossos pés enquanto se moviam em uníssono.

– Ah, claro – respondeu ele, hesitante.

– Vamos pensar e se... Mas não pense muito a respeito. É apenas hipotético.

– Posso brincar de *e se* – concordou Evan, levando meu pedido a sério.

– E se... e se eu não existisse? Eu quero dizer, se eu nunca tivesse nascido.

– Em. – Evan me parou, colocando suas sobrancelhas juntas.

– É uma hipótese, lembra? Não vou me suicidar, nem fazer nada parecido. Eu juro – disse eu, rapidamente.

– Certo, tudo bem – concordou ele, com um suspiro. – *E se* você não existisse? Acho que você já pensou nisso. Então, me diga.

– Se eu não existisse, então meu pai ainda estaria vivo. – Fiquei olhando para o chão porque o simples fato de dizer aquela frase em voz alta fez meu corpo tremer e meus olhos se encherem de lágrimas.

– Se eu não existisse, então Leyla e Jack teriam seus dois pais. – Lutei para manter minha voz firme. – Se eu não existisse, então minha mãe talvez fosse feliz.

Evan parou. Havíamos chegado ao final do caminho, exatamente antes de a floresta se abrir em um prado.

– E eu? – perguntou ele, com os olhos parados e focados, tentando ler meus pensamentos.

– Bem, você e seu pai estariam se falando – respondi, tentando brincar, tentando voltar para o jogo hipotético que sugeri no começo.

Evan riu.

– Isso provavelmente não aconteceria. Encontraríamos uma razão para discutir, ou não nos falar.

Ficamos quietos enquanto andávamos pelo campo. Começava a passar para o verde primavera que o tornava empolgante. O riacho estava cheio por causa da chuva recente. Ele corria com força sobre as pedras.

Evan se sentou e eu me sentei ao lado dele, olhando para a água.

– Minha vez? – perguntou Evan. – Gostaria de desafiar seus “e se”.

– Vá em frente.

– Você não sabe o que teria acontecido ao seu pai se ele ainda estivesse vivo. Tenho a sensação de que ele não teria sido nem metade do que ele foi feliz quando estava com você. – Eu vi o rosto dele naquela gravura que você tem na sua cômoda. Todo o seu rosto estava completamente vivo só por olhar para você. Você o fazia feliz, detestaria ser aquele que tiraria você dele, mesmo sabendo que ele não poderia ter você para sempre. – Sorri com afeição. Meus olhos brilhavam e encostei minha cabeça nos ombros de Evan enquanto ele segurava minha mão.

– E, infelizmente para Leyla e Jack, Carol ainda seria a mesma, estando você lá ou não. Certamente você não fez com que ela se

transformasse no que ela é. E não consigo falar dela mais do que isso. – Olhei para cima e vi que seu pescoço estava tenso só de pensar nela. Acariciei a mão dele demonstrando entendimento.

– Com relação à sua mãe, não sei se entendi o suficiente sobre o sofrimento dela para refutar o seu “e se”. Se você quer dizer que seu pai ainda estaria vivo, e isso a teria feito feliz, talvez. Mas ela está acumulando muito mais do que apenas tristeza. Isso ficou evidente na noite do aniversário dela. Como eu disse, não entendo qual é o problema dela, mas duvido que tenha alguma coisa a ver com você. – Eu não tive forças para convencê-lo do contrário, mas sabia que eu era um dos maiores motivos da tristeza dela.

– E eu, certamente, não seria a mesma pessoa se você nunca tivesse existido. – Levantei minha cabeça e fiquei parada esperando o que ele diria. – Podemos discutir o sentido da vida quando você quiser, mas saiba que você é o meu sentido, a razão por trás de tudo o que eu faço. E eu nunca iria querer mudar isso. – Um sorriso atravessou meu rosto e um calor tomou conta do meu corpo. Meu peito se encheu de amor. Eu me inclinei e o beijei delicadamente.

– E o seu pai? – eu disse, quando me afastei.

Evan deu um sorriso irônico e disse:

– Você não precisa se preocupar com o meu relacionamento com meu pai. Minha mãe nunca deixará ele tirar Stanford, ou *você*, de mim. Ele me criou para ser a pessoa que sou hoje. Então, ele precisa apenas me soltar e permitir que eu seja essa pessoa. Essa decisão é minha, e ele terá que aprender a viver com ela. – A voz de Evan estava forte, mas calma. Não apresentava sinais de ressentimento ou frustração que eu imaginava que ele demonstraria ao falar de seu pai. Eu admirava sua maturidade e prudência.

– Então – perguntou ele, com um sorriso. – Você está se sentindo melhor com a sua existência?

– Sim – respondi, enfaticamente, virando meus olhos timidamente. – Você sabe fazer uma garota se sentir... importante.

– Que bom. – Evan sorriu e se inclinou para me beijar. As palavras dele me acalmaram e transformaram a tempestade que se formara em minha cabeça em um zumbido. Eu ainda estava incomodada

com tudo o que descobri naquele dia, mas sabia que aqui, ao lado de Evan, era o meu lugar.

Eu me deitei de costas, com a minha cabeça nas pernas dele, e fechei meus olhos para sentir o sol.

– Gosto daqui.

– Eu também – respondeu Evan, brincando com meu cabelo. – O sol fica bonito em você.

Continuei deitada em seu colo, ouvindo o barulho da água ao nosso lado. O calor do sol no meu rosto e seu toque suave na minha pele me causavam um arrepio delicado. Gostaria de ter pego aquele momento e guardado em segurança no meu bolso para senti-lo novamente, sempre que eu quisesse.

– Me disseram, uma vez, que a garota precisa de um tempo para se preparar. Por isso, Emma Thomas, você quer ir ao baile de formatura comigo?

Eu me sentei e olhei para ele, boquiaberta com um sorriso chocado.

– É... ai, meu Deus, é no mês que vem, não é? – Ele balançou a cabeça. – Sim, Evan Mathews. Eu *adoraria* ir ao baile de formatura com você. – Então, murmurei, com medo: – Ah, não. Isso significa que preciso comprar um vestido, não é?

– Ou você pode ir nua. Ouvei dizer que é a última moda. – Evan sorriu. Eu ri.

– Você adoraria que eu fosse assim, não é? – brinquei. – Ah, espere. Prometa que não vamos transar na noite da formatura. – Evan arregalou os olhos. – Não podemos ser o casal que transa na noite de formatura. – Só de pensar naquilo já estremei. Certamente aquela *não* era a lembrança que eu queria ter da minha primeira vez. O filme era ruim.

– Não vamos transar na noite da formatura – prometeu Evan, franzindo os lábios para não sorrir. – Que tal na noite anterior?

– O quê? Sério? – Analisei o rosto dele, e ele ergueu as sobrancelhas para indicar que estava realmente propondo aquela ideia. – Você está falando sério sobre *planejar*?

– Por que não? A maneira espontânea não está funcionando muito bem para nós. Por isso podemos muito bem escolher uma

data.

– Então, sim, transaremos na noite anterior ao baile de formatura – jurei, parecendo comicamente séria. – É a data do sexo.

Evan riu.

– Mal posso esperar. – Ele se inclinou e capturou meu fôlego com o toque de seus lábios.

Quando cheguei em casa, Rachel estava saindo de seu carro. Era estranho chamá-la assim, *Rachel*. Repeti a palavra em minha cabeça. Era assim que ela queria que eu a chamasse o tempo todo. E era assim que Charles havia se referido a ela. Quando falamos de meus pais, ele disse “seu pai e Rachel”. Ele nunca a chamou de minha mãe. Não acho que isso tenha acontecido por acaso.

– Como foi o jantar? – perguntou ela, esperando por mim antes de entrar em casa.

– Foi legal – respondi. – Exatamente o que eu precisava.

– Que bom – respondeu ela, parecendo um pouco confusa com minha resposta.

– Você comeu? – Acendemos as luzes do vestíbulo e da sala de estar.

– Pedimos comida no escritório.

Ela tirou os sapatos de salto alto e tirou a blusa para fora da calça. Observei para ver se ela pegaria uma taça de vinho na cozinha, como costumava fazer, mas ela não pegou. Em vez disso, ela se sentou ao meu lado no sofá e ligou a televisão.

O turbilhão de pensamentos na minha cabeça tomou conta de mim e, sem eu perceber, perguntei:

– Onde você nasceu? – Mantive meus olhos nos canais, que piscava na minha frente.

– O quê? – perguntou ela, ainda passando pelos programas, obviamente sem esperar por aquela pergunta.

Tive a oportunidade de retirar a pergunta, para não ir mais longe. Mas decidi que queria saber.

– Onde você cresceu?

Ela parou, deixando a televisão num canal que exibia programa sobre pesca. Sabia que ela não tinha escolhido aquele canal, por

isso, ela devia ter ouvido minha pergunta. Eu me virei para ela e ela estava olhando para mim como se não me conhecesse. Eu estava preparada para que ela não respondesse.

– Ah, numa pequena cidade na Pensilvânia – disse ela, devagar. – Por que você quer saber?

– Acho que porque nunca soube – expliquei, abruptamente. – Seus pais ainda moram lá?

Ela ficou quieta. Desviou o olhar de mim e olhou para a televisão, e então para mim novamente, como se tentasse decidir se queria ter essa conversa. Obviamente ela não estava preparada para estas perguntas, e talvez o choque ao ouvi-las tenha sido o motivo para ela ter respondido.

– Talvez minha mãe ainda more lá, mas eu realmente não sei. Fui embora com alguns amigos quando tinha dezessete anos e nunca mais voltei. Nunca conheci meu pai. Ele era alcoólatra e foi embora quando eu era muito pequena. Não consigo me lembrar dele.

– Por que eu não sabia de nada disso? – perguntei, curiosa. Eu não estava completamente surpresa ao descobrir sobre seu lar desfeito. Ela não poderia ter tido uma infância tão feliz, pois nunca quis falar sobre isso, ou visitar a família.

– Não gosto de viver no passado. Para quê? – Ela olhou novamente para a TV e voltou a mudar os canais.

Achei suas palavras irônicas, principalmente por ela ainda não ter conseguido superar a morte de meu pai. Ou talvez ela tenha superado, e a morte dele seja uma desculpa para ela se sentir tão miserável. Ela não parecia estar fazendo nenhum esforço para ser feliz, a não ser com Jonathan. Mas, mesmo naquela época, ela havia estragado tudo com suas birras de bêbada. Talvez ela preferisse chafurdar na tristeza eterna. Eu não entendia por que ela queria viver daquela maneira.

– Por que você nunca tenta falar comigo sobre o que aconteceu quando morei com Carol e George?

Rachel colocou os ombros para trás. Ela foi atingida duramente pela minha pergunta. Percebi que chegara no meu limite, mas não queria voltar atrás.

– Para começo de conversa, por que eu fui para lá? Por que você me deixou com eles? – Por anos esta pergunta me destruía. Sempre pensei que a culpa era minha. Sempre pensei que eu tinha sido difícil demais para ela aguentar. Foi isso que me motivou a ser perfeita, a nunca mais ser um peso de novo. A perfeição ainda deixava cicatrizes.

Então, agora, eu só queria saber a verdade.

– Eu não deixei você – sussurrou ela. Sua resposta me deixou sem palavras. Antes que conseguisse pronunciar uma palavra, ela se levantou e saiu da sala. Eu a observei enquanto ela foi até a cozinha e segurou a porta da geladeira. Ela ficou naquela posição por um momento, pensando se abria a porta ou não.

Esperei. Ela soltou a porta balançando a cabeça, aparentando perturbada e esgotada.

– Não sei por que você quer falar sobre isso – disse ela da porta da cozinha, com a voz trêmula. – Por que você iria querer conversar sobre coisas que já aconteceram? Não podemos mudá-las, por isso, deixe-as para trás, certo?

Analisei seus olhos azuis-claros enquanto eles olhavam, nervosos, pela sala, e sacudi a cabeça.

– Vou tomar um banho. – Ela desapareceu ao subir as escadas.

Sempre senti medo de perguntar a ela. Não sabia de onde vinha aquela coragem, mas estava bem certa de que a visita de Charles Stanley tinha muito a ver com isso.

Estava preparada para que ela ficasse brava comigo, e até mesmo gritasse. Mas não foi isso que aconteceu. Em vez disso, ela pareceu nervosa e desconfortável. E, talvez, até um pouco culpada.



32. Na floresta

Não dormi naquela noite, e também não esperava dormir. Fiquei balançando meu telefone na minha mão, com vontade de ligar para Jonathan. Precisava que ele me distraísse com conversas absurdas sobre um filme de ficção científica, ou sobre o travesseiro que curou o pé do atleta. Foi difícil não ligar e ouvir a voz dele esperando pela minha no outro lado da linha. Mas prometi que não ligaria, e por isso não liguei.

Ouvi a porta do quarto de Rachel se abrir e depois ouvi o barulho da água na tubulação quando o chuveiro foi ligado. Olhei para o relógio e percebi que ela havia acordado cedo, o que provavelmente significava que ela queria sair de casa antes que eu acordasse. Ela estava me evitando de novo. Talvez eu não tenha sido a única que não conseguiu dormir à noite.

Esperei até ouvir a porta da frente se fechar antes de sair da cama. Enquanto estava no banho pensei em pedir desculpas à Rachel apenas para que ela parasse de fugir de mim. Ou talvez tudo já tivesse passado quando eu voltasse do treino à noite. Ou então o tempo que eu passaria na casa da Sara ajudasse. Ou talvez eu não me importasse.

Aquele último pensamento foi inesperado.

Eu não sabia de onde ele veio. Não parecia eu. Mas, ao mesmo tempo, parecia mais sincero do que eu havia sido sincera comigo mesma há muito tempo.

Vesti uma camiseta cinza justa e calça jeans, e optei por um tênis rosa que só me atrevi a usar algumas vezes. Eles chamavam atenção, e normalmente eu não gostava de chamar atenção. Devia estar fazendo uns treze graus hoje, o que não era comum em

Connecticut no mês de abril. Decidi pegar meu moletom caso o ar da manhã ainda estivesse frio.

Detestava que o tempo brincasse fingindo ser calor, sabendo que a chuva e o frio voltariam em um ou dois dias. Era uma tortura pensar que o verão e a formatura estavam *tão* próximos, ainda dali dois meses.

Peguei minha mochila e minha sacola de futebol antes de sair pela porta. Enquanto andava até meu carro enxerguei uma motocicleta preta. Fiquei em pé ao lado do meu carro enquanto a motocicleta entrava na garagem e parava ao meu lado.

O motoqueiro usava uma camiseta preta e calça jeans, além de um par de botas de couro pretas. Ele tinha um capacete em sua cabeça parecido com um capacete de guerra, que, na minha opinião, não oferecia muita proteção. O vidro espelhado que cobria seus olhos refletia meu olhar estupefato. Então ele sorriu, e os vincos em volta de sua boca me fizeram ir um pouco para trás.

– Jonathan?

– Bom dia – respondeu ele, depois de desligar o motor. – Como vai você?

– Ah, estou bem – respondi, afobada. – O que você está fazendo aqui? Achei que não estávamos falando um com o outro e que havíamos decidido que isso era o melhor a fazer.

– Na verdade, não – respondeu ele, tirando os óculos. – *Rachel* decidiu que não devíamos conversar, e ela não está aqui agora. Não acho, de maneira alguma, que isso seja o melhor a fazer. Você acha?

Fiquei atordoada com sua audácia e continuei a olhar para ele, sem saber o que pensar, e muito menos o que falar.

– Vamos fazer alguma coisa – exigiu Jonathan, com ousadia. Seu tom não era o de um convite.

Eu ri.

– Preciso ir para a escola, e você não deveria estar no trabalho?

– Este não é o tipo de dia em que você deve ir para a escola. E, não, *eu* deveria estar bem aqui – disse ele. – Vamos lá, Emma. Você já foi aceita em Stanford. Faltar um dia na escola não vai mudar isso.

– Eu não sei – hesitei, analisando a Harley preta, brilhante, com detalhes cromados. Não sabia nem se queria subir numa motocicleta, imagina matar aula.

– Você concordou que faríamos *alguma coisa*. Então, vamos. Pare de pensar tanto e suba na moto, Emma. – Sua afirmação era ousada. Ele não queria ouvir outra desculpa. Ele colocou seus óculos, ligou o motor e acelerou a motocicleta. O motor rugiu, chamando a estrada com um balanço.

Respirei fundo e parei para pensar. Abri a porta do meu carro e coloquei minha mochila lá dentro, peguei meu óculos de sol e o pendurei na gola do meu moletom. Quando me virei Jonathan segurava um capacete preto e tinha um sorriso torto no rosto.

Prendi as tiras embaixo do meu queixo e então coloquei meu óculos de sol. Ele chutou o estribo e eu passei minha perna sobre o encosto. O banco de couro nos fez ficar próximos um do outro. A parte de cima das minhas coxas estavam pressionadas na parte de trás das coxas dele. Agarrei firme na cintura dele e fechei meus olhos na expectativa.

Meu cérebro não devia estar funcionando. Meu coração estava acelerado com a adrenalina. Sabia que entraria em pânico se parasse um momento para pensar em como isso não podia ser uma boa ideia, especialmente a morte terrível que era uma possibilidade caso fizéssemos uma curva errada. Talvez houvesse um lado bom em não pensar.

Jonathan empurrou a motocicleta devagar para trás, e então para a frente para virarmos antes de acelerar pela rua e sairmos do bairro. Foi então que os pensamentos tomaram conta de mim e fiquei pensando no que eu estava fazendo. Faltar aula para pular na traseira de uma motocicleta com o ex-namorado de minha mãe e ir embora sem saber para onde *definitivamente* não era uma boa ideia. Mas antes que pudesse deixar a voz da razão penetrar mais profundamente, a afastei de novo. Fiquei observando Weslyn se afastar e fechei meus olhos para sentir o vento chicotear contra o meu rosto e o motor rugir entre minhas pernas. Deixei a adrenalina tomar conta do meu corpo e decidi aproveitar o momento, sem pensar nas consequências.

Eu não fazia a menor ideia de onde Jonathan estava nos levando. Nunca havia pensado no que *alguma coisa* poderia significar depois que a impulsividade tomara conta de mim. Acabamos nos deparando com a rodovia e continuamos seguindo a oeste, mais para o interior de Connecticut, até chegarmos em Nova York.

Saímos da rodovia e seguimos por estradas sinuosas cercadas por bosques. As casas ficavam mais para dentro, cercadas de florestas, e cada uma tinha uma caixa de correspondência na rodovia. Diminuímos a velocidade o suficiente e eu consegui falar, ou melhor, gritar:

– Aonde vamos?

– Quero dividir uma coisa com você. – Ele virou a cabeça para o lado para gritar de volta para mim.

Algumas estradas mais adiante e diminuímos praticamente para um passeio. Jonathan virou em uma estrada que mal parecia ser uma estrada. Os pneus desgastados estavam repletos de ervas daninhas e manchas de grama. Ele desceu pelo caminho e parou em frente às ruínas de uma casa.

Olhei a cena com curiosidade. Soltei o capacete enquanto Jonathan desligou o motor e baixou o estribo para apoiar a moto. Desci da moto e minhas pernas tremeram de leve por causa da longa viagem.

O fogo devorara toda a estrutura, deixando apenas fragmentos para trás. Uma chaminé alta, de pedra, permanecia em pé entre vigas e cinzas caídas. Do outro lado da casa, várias vigas estavam em pé desafiadoramente, apesar de sua superfície preta e danificada. Elas se ligavam ao que parecia ter sido uma varanda. Uma fundação de pedra delineava a casa modesta, mas seu interior era irreconhecível, pois fora completamente destruído.

– Jonathan, por que estamos aqui? – perguntei, me virando. Mas ele não olhava para mim. Ele olhava para as ruínas.

Tive uma sensação ruim. Não gostava daquele lugar. Havia algo na maneira como a estrutura escura estava organizada nas sombras da floresta que faziam com que ela parecesse assombrada. Como se houvesse uma história obscura a ser contada se você prestasse bastante atenção.

– Do que você tem medo, Emma?

– O quê? – Eu praticamente pulei, certa de que ele lera meus pensamentos.

– O que faz com que você perca o sono à noite? Qual é a origem de todos os seus pesadelos? Do que você tem medo?

O sentimento ruim na ponta do meu estômago se espalhou e eu não queria mais estar ali. Este era o lugar onde as coisas ruins aconteciam e onde os pesadelos ganhavam força. Tremi ao perceber onde estávamos.

– Esta era sua casa, não era? – perguntei. Eu mal podia ser ouvida atordoada com o brilho distante de seus olhos. Ele continuou a olhar por toda parte das ruínas como se estivesse reconstruindo tudo de novo em sua cabeça. – O que aconteceu aqui?

– Achei que me sentiria diferente. Com mais medo, eu acho – Jonathan contemplava falando alto, sem falar exatamente comigo. – É muito pior do que nos meus sonhos. O fogo saindo por todas as janelas. A fumaça tampando as estrelas. E eu não posso chegar perto porque está muito quente. Parece que minha pele vai derreter. – Ele se aproximou, segurando sua mão como se pudesse sentir as chamas.

Observei enquanto seu pesadelo se revelava na frente dele. Ele não estava aqui comigo. Ele estava na presença de seu passado, revivendo o que acontecera. Eu estava atordoada demais para ajudá-lo.

Jonathan se agachou na frente dos degraus de pedra e esticou os braços timidamente, preparado para recolher o braço se estivessem quentes. Ele passou sua mão pela superfície acidentada e balançou a cabeça.

– Apenas me sentei na floresta e observei. Vi tudo se queimar. Mas os gritos... os gritos deles eram iguais.

– O quê? – perguntei, chocada. Meu peito se apertava enquanto ele falava. – Alguém morreu no incêndio? – Então me lembrei. – Seu pai. Foi assim que ele morreu.

– E também minha mãe e meu irmão mais novo – murmurou Jonathan, sentando-se no último degrau e passando as mãos no cabelo.

Caminhei com cuidado até ele e me sentei ao seu lado na pedra gelada.

– Ele provocou o incêndio? – Jonathan sacudiu a cabeça.

– Foi por isso que você me trouxe aqui? Para me mostrar seu pesadelo. O pesadelo que você tem noite após noite?

– Na verdade, vim aqui por minha causa – admitiu Jonathan, olhando para mim. – Achei que deveríamos enfrentar nossos medos juntos. Principalmente porque vamos embora logo. E então podemos recomeçar oficialmente, sem que nossos medos nos sigam.

– Mas eu não tenho medo. Na verdade, tenho raiva. – Ele cerrou os pulsos e os apertou com força. – Aquele homem tomou tudo de mim na noite do incêndio, e eu não posso fazer nada a respeito disso. Ele está morto, e eles também estão. – O rosto de Jonathan estava sério, seus olhos estavam frios e distantes. Então ele se inclinou para frente cobrindo o rosto com as mãos.

Mal consegui ouvir ele dizer:

– Eles não deviam estar na casa. Isso não deveria ter acontecido com eles. Eu ouço o grito deles o tempo todo. E fico me lembrando de que não consegui salvá-los.

– Não é culpa sua – disse eu, suavemente. – Você não fez isso com eles. Talvez seja isso o que você precise fazer. Se perdoar.

Jonathan levantou a cabeça. Uma linha cortava sua testa.

– Me perdoar – ele repetiu estas palavras como se elas fossem familiares para ele. Ele respirou, tirou a expressão distante de seus olhos e se voltou para mim. – Aposto que você está arrependida por ter faltado à aula neste exato momento, não é? – Ele deu um sorriso fraco, tentando nos resgatar desse pesadelo.

– York daqui e fazer algo mais interessante. Meu medo não existe aqui. – Jonathan se virou com seu olhar penetrando em mim da maneira como sempre fez. – Certo, Emma. Do que você tem medo?

– Ah, não. – Balancei minha cabeça com firmeza. – Não precisamos falar sobre meu medo hoje. Tenho certeza de que existe outra maneira de passarmos o dia. – Ele continuou esperando até que eu finalmente falei: – Está bem. Tenho medo de altura.

– Certo. Mas sei que isso não tem nada a ver com os seus pesadelos, por isso não pense que você vai se livrar disso assim tão

fácil – alertou Jonathan, enquanto se levantava e andava em direção à motocicleta. Continuei sentada nos degraus, sem me mexer. Não sabia se estava pronta para segui-lo atrás do meu medo. *Eu sabia* que não estava pronta. Respirei e me levantei da pedra, cedendo, como parecia que sempre fazia quando estava com ele.

Subi na moto e fiquei olhando o passado de Jonathan desaparecer atrás de nós, engolido pelas árvores que o cercavam enquanto íamos embora. Então agarrei nele com força e escondi meu rosto em suas costas, tentando me preparar para enfrentar meu medo. O que não era possível, de maneira alguma.

Não tivemos que ir muito longe para confrontar meu medo. Em vinte minutos Jonathan saiu da estrada e entrou em um caminho de cascalho que podia ter passado despercebido.

– Onde estamos? – perguntei, tirando meu capacete e meu moletom, começando a sentir o calor que fora prometido.

– Você verá. – Sorriu Jonathan, maliciosamente. Eu o segui através de um longo caminho no meio do bosque. Rapidamente o barulho da água podia ser ouvido entre as árvores, e consegui enxergar corredeiras passando pelas pedras antes de poder ter a vista por completo.

O ar estava um pouco mais frio com as sombras das árvores enquanto seguíamos a água turbulenta que continuava a evadir a visão completa. Parecia que a água corria embaixo de nossos pés. E logo depois estava mesmo.

Jonathan parou em uma borda plana que se abria à nossa frente.

Aproximadamente seis metros abaixo havia uma piscina, capturando uma pequena cascata que caía de cima. O caminho continuava descendo até a beira da água, onde um aglomerado de pedras podia ser visto na água.

– Este é um lugar bastante concorrido para nadar durante o verão – explicou Jonathan e eu pude imaginar com facilidade as pessoas sentadas na superfície suave das pedras para tomar sol e depois se refrescar naquela água cristalina. Olhei para a beirada sem chegar muito perto. Meu pulso vibrava em meu corpo. Lajes inclinadas de rochas forravam o fundo da piscina cristalina.

– Pronta? – perguntou Jonathan, atrás de mim.

Eu me virei.

– O quê? Pronta para quê? – O medo me deixou sem respirar. Sabia o que ele pretendia.

– Você quer ficar vestida com sua calça jeans? Talvez o peso dela a puxe para baixo. Mas eu ficaria com os tênis porque a água pode machucar se você pular dessa altura e cair errado.

– Você não está falando sério – eu o desafiei. Minhas palavras saíam aceleradas. – Você não pode estar falando sério.

– Eu tenho uma faca, caso você queira cortar sua calça para transformá-la em shorts – continuou ele normalmente, ignorando meu ataque de pânico.

– Não, não, não, não, não – gritei me afastando da borda. Mas Jonathan ficou na minha frente, bloqueando meu caminho. – O que você está fazendo? – disse a ele, com os olhos arregalados. Meu coração batia tão rápido que podia até me machucar.

– Pule, Emma – disse ele. Sua voz era séria, mas não ameaçadora.

– De jeito nenhum – praticamente gritei. – É alto demais, e a água não é tão profunda. Você não pode me obrigar a fazer isso. Eu não vou fazer isso.

– Na verdade é bastante fundo, eu juro – continuou ele, em seu tom assertivo. – Emma, ou você pula ou eu empurro você. – Ele se aproximou, fazendo com que eu desse um passo em direção à beirada.

Procurei por outra passagem para sair dali, mas não conseguiria passar por ele.

– Por favor, não me obrigue a fazer isso.

– Emma, pule ou eu empurro você – repetiu ele, com um pouco mais de firmeza. Ele continuou a não demonstrar emoção e estava calmo, mas, pela intensidade de seus olhos, sabia que falava sério. Não conseguiria sair desse lugar sem entrar na água.

Eu me virei e me concentrei em minha respiração, já que não estava respirando.

Inspirei, expirei, inspirei, expirei. Meu peito se movia para cima e para baixo. Inspirei, expirei. Engoli com dificuldade e deixei meus olhos se virarem para baixo para olhar para a água.

Jonathan permaneceu em silêncio atrás de mim. Não olhei para ele.

Eu me aproximei até chegar bem perto da borda. Fiquei tonta e rapidamente olhei para cima. Eu me concentrei nas árvores que desciam o penhasco do outro lado da árvore e consegui me situar novamente. Fechei meus olhos e senti a batida do meu coração na minha cabeça. Minha respiração acelerou e meu estômago revirou com o nervoso, e então uma dose de adrenalina tomou conta de mim.

Antes que a adrenalina fosse embora dei um passo e saltei no exato momento em que senti a mão dele nas minhas costas. Meu estômago se abriu, transformando-se em um buraco enquanto o vento tomava conta de mim e minha cabeça zumbia com medo e excitação. Um segundo depois meus pés bateram na água e fui consumida pela frigidez.

Voltei para a superfície e soltei a pequena quantidade de ar que tinha em meus pulmões. Meu peito estava congelado com o choque da água. Meus músculos se contraíram enquanto eu tentava respirar. Eu me concentrei em nadar até as pedras. Minha calça jeans estava pesada e me forçava a nadar devagar. Uma corrente de água atingiu minhas costas fazendo barulho.

Sabia que era Jonathan, mas estava preocupada demais em sair da água gelada para olhar para trás. Subi em uma pequena pedra e então em uma maior. Minha calça escorregava enquanto eu me arrastava em direção ao sol, tremendo descontroladamente.

Passei meus olhos em volta do meu peito, tentando controlar os tremores e esperar que o sol me aquecesse.

Jonathan surgiu na água e se sentou na pedra ao meu lado. Eu não olhei para ele, e coloquei minha cabeça dentro de meus braços. Meus músculos começaram a doer devido aos tremores.

– Uau, a água está muito gelada. – Olhei para ele e percebi que ele usava uma cueca preta. Virei meus olhos para a água e minhas bochechas se aqueceram rapidamente. Ele não parecia tão mal quanto eu. Suas pernas estavam esticadas na sua frente, e seus braços estavam apoiados atrás dele. – Mas o sol está gostoso.

Relaxeí minhas pernas e percebi que minha calça era o motivo para eu estar sentindo tanto frio, já que a água gelada continuava na minha pele.

– Será que você pode me emprestar sua faca? – pedi.

Jonathan apertou os olhos.

– Por quê? Você vai me esfaquear por eu ter feito você pular?

Sorri maliciosamente deixando que ele pensasse que eu tinha gostado daquela ideia. Então, ri de leve.

– Não.

– Está lá em cima, com minha calça jeans. – Ele balançou a cabeça. Ele não mostrou nenhuma intenção de se levantar, e por isso eu me levantei e me dirigi à beirada. Meu calcanhar se prendia na barra ensopada de minha calça a cada passo que eu dava.

Peguei a calça dele e encontrei a faca de cabo preto no bolso da frente. Desdobrei a lâmina e a encaixei no lugar. Puxei o tecido da minha pele e cuidadosamente prenti sua ponta para fazer um buraco. Então comecei a cortar em volta da minha coxa, deixando a perna da calça cair em meus pés. Eu me senti melhor imediatamente quando o ar quente fez melhorar meus arrepios.

Eu me agachei para colocar a faca de volta no bolso da calça dele e meus olhos se viraram na direção de Jonathan, que estava deitado em uma pedra com as mãos atrás da cabeça e os olhos fechados, tomando sol. Ele parecia completamente em paz. Os músculos de seu peito largo estavam relaxados, mas a definição de seu corpo, pressionado contra a pedra, ainda era evidente. Olhei rapidamente para o outro lado e me vi olhando de novo lá de cima, para a água lá embaixo.

Esperei que o pânico passasse. Mas não passou. Meu coração batia mais forte, mas era adrenalina e não medo que bombeava minhas veias. E a sensação era emocionante.

Não me permiti pensar antes de saltar e me preparar para o frio que eu sabia que me esperava. A emoção da queda me deixou sem respirar antes que eu fosse engolida pela água capaz de fazer meu coração parar de bater.

Deixei a adrenalina tomar conta do meu corpo com um sorriso enquanto nadei até as pedras. E agora, de shorts, foi muito mais

fácil. Escolhi uma pedra seca e me deitei. O calor irradiando através da superfície dura para as minhas pernas. Tirei meus tênis e minhas meias e os coloquei ao meu lado.

Percebi que Jonathan me observava com um sorriso cômico.

– O que foi? – perguntei, impaciente.

– Você não tem medo de altura.

– Eu sei. Você me curou, não foi? – Minha voz estava cheia de sarcasmo.

– Emma, você nunca teve medo de altura. – Franzi meus olhos sem entender. – No que você estava pensando quando olhava para a água? O que passava pela sua cabeça?

– Que eu não ia pular de jeito nenhum.

Jonathan riu.

– Além disso.

– Que eu ia... – Parei. Ele viu em meus olhos que as palavras que eu não disse fizeram meu coração parar de bater.

– Emma, do que você tem medo? – perguntou Jonathan de novo, analisando meu rosto.

– Eu tenho medo de morrer – respondi. Ao ouvir isso dito em voz alta meu peito doeu e meus olhos se encheram de lágrimas. Pisquei para que elas fossem embora. Jonathan apertou seus lábios e baixou a cabeça.

As quedas d'água caindo na piscina lá longe eram o único barulho que podíamos ouvir. Nenhum de nós disse uma palavra. Sabíamos de onde vinha esse medo, e eu não estava convencida de que havia alguma coisa que pudesse ser feita com relação a isso. *Ela* nunca permitiria que eu me sentisse segura de novo, mesmo que ela não pudesse vir atrás de mim e me matar.



33. Consequências

– Você quer uma cereja, aí? – perguntou a garota, com a voz baixa, em tom de paquera.

– Não, assim está bom – respondeu Jonathan, sem se preocupar com sua paquera.

Abafei uma risada quando me sentei em cima de uma mesa de piquenique com meus pés no banco, observando toda a cena. Jonathan voltou com os dois sorvetes nas mãos, e eu pude ouvir risadinhas atrás dele. Duas das garotas que trabalhavam na barraca de sorvete não conseguiam parar de olhar para ele. Elas sussurravam e gargalhavam enquanto ele vinha em minha direção.

– Você tem um fã clube – brinquei ao pegar o sorvete que ele me ofereceu. – Elas devem reconhecer você dos anúncios.

– Engraçadinha – respondeu Jonathan, olhando para os lados enquanto se sentava no banco ao meu lado.

– Ou talvez elas achem que você fez xixi na calça. – Ri, apontando para sua calça, onde o molhado da cueca havia passado para a calça.

Ele sorriu.

– Provavelmente é isso. Você sabe que você vai deixar a marca molhada de uma bunda na mesa quando você se levantar, certo?

Eu me inclinei para o lado e vi a marca da madeira escura embaixo de minha calça úmida.

– Ah, bem.

– Que horas é o seu treino hoje? – perguntou Jonathan, antes de colocar uma colher de sorvete na boca.

– Às três e meia – disse a ele depois de colocar uma colherada na minha boca. – Vamos embora quando terminarmos o sorvete.

Foi a primeira vez em que pensei em voltar a Weslyn, e, de repente, fiquei nervosa. Devia pelo menos ter mandado uma mensagem a Evan antes de vir. Meu telefone estava no meu carro, por isso não poderia fazer isso agora.

– Você está preocupada? – perguntou ele, entendendo minha expressão tensa.

– Vou ter que dar algumas explicações. – Suspirei.

– Para Rachel? Ela nem vai estar em casa.

– Não. Para Evan – expliquei, com tristeza. – Ele deve ter passado o dia inteiro preocupado já que não apareci na escola.

– Ah. – Jonathan fechou a boca e balançou a cabeça. – O que você vai dizer?

– Não sei. – Dei de ombros. – A verdade, eu acho.

– E ele não vai se incomodar com isso? Por você ter passado o dia comigo? – Jonathan parecia chocado.

– Por que ele se incomodaria? – respondi, nem um pouco preocupada. – Ele confia em mim, e você e eu não temos nada um com o outro. Quero dizer, somos... amigos.

– É verdade. – Jonathan sorriu. – Você está certa. Acho que eu, provavelmente, não levaria isso numa boa se eu fosse ele. Mas eu também não confio muito facilmente nas pessoas.

Suas últimas palavras ecoaram em minha cabeça, e tudo ficou claro de repente.

– Você tem dificuldades para se aproximar das pessoas, não é?

– Sim – respondeu Jonathan, analisando minha pergunta. – Acho que tenho. Ninguém realmente me entende, e acho que tenho medo. – Ele ficou paralisado. Esperei que ele dissesse, pois sabia que estava na ponta da língua dele. Seus olhos se endureceram lentamente e sua mandíbula ficou rígida. Ela não ia dizer.

Jonathan se levantou e jogou seu sorvete no lixo. Depois se dirigiu à motocicleta que estava no final do estacionamento.

– Jonathan! – Eu o chamei e fui atrás dele, mas ele não andou mais devagar. Joguei meu sorvete fora e corri atrás dele. – Jonathan!

Eu o alcancei e segurei seu braço.

– Jonathan, pare.

– Precisamos voltar para que você não se atrase – disse ele, secamente.

– Olhe para mim – eu o persuadi, ainda segurando seu braço enquanto ele estava de costas para mim. – Vamos lá, por favor.

Ele respirou fundo e se virou para mim. Seus olhos estavam voltados para o chão.

– Você pode me contar – disse eu, mas Jonathan continuou em silêncio.

– Jonathan, o que foi? Do que você tem medo?

– Você *sabe* do que eu tenho medo – respondeu ele, defensivamente.

– Você sabia? – perguntei a ele. – Antes de hoje, você sabia o que era?

Jonathan levantou seus olhos para encontrar os meus. Eles estavam suaves de novo, mas cheios de dor. Ele balançou a cabeça. Percebi que minha mão ainda estava em seu braço. Coloquei minha mão na sua e a acariciei delicadamente. Ele olhou para baixo para o meu gesto e sorri levemente antes de soltá-lo.

Em vez de parar quando alcançamos a moto, como achei que faria, ele continuou em direção à cerca de madeira que circundava o estacionamento e se encostou no topo da madeira.

– Faz sentido – murmurou ele, colocando as mãos na madeira. – Tipo, eu não me envolvi em um relacionamento sério desde Sadie, até me envolver com Rachel. E não deveria ter acontecido da maneira como aconteceu. Nunca deveria ter sido um relacionamento. Provavelmente foi por isso que não conseguimos mais ficar juntos depois de ela ter dito que me amava. Eu não podia continuar.

– Você não a amava?

Ele balançou a cabeça e abaixou os olhos.

– O que aconteceu com Sadie? – perguntei, com cuidado.

Jonathan não levantou a cabeça.

– Eu a pedi em casamento durante o final de nosso primeiro ano na Penn State.

Meu coração parou de bater. Eu não esperava essa revelação.

– E ela disse não? – sondei, enquanto ele parou de falar por um momento.

– Ela disse sim. – Seus olhos escuros se levantaram para encontrar os meus. A tristeza que vi neles tirou minha respiração. – Duas semanas depois eu a peguei com um outro cara.

Não sabia o que dizer. Mas tudo fazia sentido. Era por isso que ele não conseguia se aproximar de ninguém. E era por isso que ele precisava de uma vida simples e previsível. Ele tinha medo de se apaixonar por alguém e se machucar de novo. Isso explicava a postura confiante e impenetrável que o mantinha a distância.

– Perdi minha mãe e meu irmão. Sadie era a única pessoa que sabia o quanto aquilo me destruíra. E depois do que ela fez comigo, nunca mais deixei ninguém se aproximar de mim. Nunca confiei em ninguém para deixar que a pessoa se aproximasse tanto de mim. Bem, exceto... – Então ele olhou para mim e meu rosto ficou vermelho. – Bom, é diferente – ele se corrigiu rapidamente. – Você e eu temos essa conexão estranha, não é como... – Ele não terminou.

– Claro – disse eu, balançando a cabeça para demonstrar que entendia o que ele queria dizer. – Nós nos entendemos. É isso.

– É verdade – concordou ele, com um sorriso torto. – Bom, no fim parece que *somos* bastante patéticos. Passamos um dia maravilhoso lutando contra medos invencíveis. Você nunca mais vai querer fazer nada comigo.

– Claro que vou. – Eu ri. – Desde que você não tente me curar de novo.

– Combinado. – Ele sorriu de volta. – Espere. Será que a escola vai ligar para Rachel para saber por que você não foi à aula? Não quero piorar as coisas entre você e ela. Eu sei como ela é.

– Posso lidar com ela – disse a ele. – Ela está me evitando mesmo.

– Por que você atura isso? Preciso ser honesto com você, não entendo muito a relação de vocês.

– Nem eu – respondi, com sinceridade.

– Emma, alguma vez ela já disse alguma coisa boa para você, tipo, que ela tem orgulho ou que ela ama você?

– Não quero falar sobre ela – murmurei e peguei o capacete. Ainda estava desconcertada com tudo o que ouvira nas últimas vinte e quatro horas, e preferia não pensar sobre ela até ser obrigada a fazer isso. – Precisamos ir embora para que eu não me atrase para o treino. – Jonathan balançou a cabeça e pegou seu capacete.

À medida que nos aproximávamos de Weslyn foi ficando mais difícil me esquecer das perguntas que minha mãe não havia me respondido. Ainda não entendia o que ela queria dizer quando disse que não me deixou com Carol e George. Sempre me disseram, e eu achava que me lembrava, que ela colocou todas as minhas coisas em um saco de lixo preto e me deixou no degrau da porta da casa deles no meio da noite. Se ela não fez isso, então quem fez? E por que ela não veio me buscar?

Aquilo me remeteu à pergunta de Jonathan – alguma vez ela me disse que me amava? Deveria ter sido fácil me lembrar, afinal, ouvir alguém dizer que ama você, principalmente se essa pessoa é sua própria mãe. Mães costumam dizer a seus filhos o quanto os amam o tempo todo. Até mesmo Carol dizia à Leyla e Jack com afeição, fazendo com que eles soubessem que eram amados.

Pode ter sido difícil para mim me lembrar da minha infância, mas eu sempre soube que meu pai me amava. Nunca duvidei disso por nem um segundo em toda minha vida. Mas será que minha mãe me amava?

Quando chegamos na Rua Decatur não consegui pensar em mais nada. O pensamento sobre o que minha mãe representava em minha vida e por que eu tentava construir qualquer tipo de relacionamento com ela desapareceu da minha cabeça. Sabia que meus esforços eram guiados pela culpa. Eu não entendia por que ela estava decidida a tentar.

Jonathan diminuiu drasticamente bem em frente à casa, fazendo com que eu olhasse para cima. O carro de Rachel estava na garagem. Meu peito se mexeu em pânico.

Jonathan parou na calçada para que eu descesse.

– Desculpe, Emma – disse ele, quando tirei meu capacete. – Quer que eu entre com você?

– Não – respondi, torcendo para que ela não estivesse olhando em nossa direção.

– Isso só vai piorar as coisas. Você deve ir embora.

– Tem certeza? – Balancei a cabeça.

– Ligue para mim se precisar de alguma coisa, certo?

– Eu disse, consigo lidar com ela – disse eu, calmamente, apesar da tremedeira que tomava conta de mim. Eu não sabia o que aconteceria, mas logo iria descobrir. Dei um passo para trás enquanto observava ele ir embora. Então respirei fundo e caminhei em direção à casa.

Rachel estava sentada em uma cadeira na varanda, e quando me aproximei ela ficou em pé e me abordou.

– Onde você estava? Quem estava naquela moto? Por que você não ligou para nós? Você faz a menor ideia do que passamos durante todo o dia? – A voz dela se elevava e suas mãos estavam em sua cintura.

Subi devagar os degraus e me recompus para tentar explicar, torcendo para que ela entendesse por que eu precisava ter passado um dia longe de tudo. Apertei minhas mãos na minha frente e olhei para o rosto vermelho dela. Abri minha boca para falar...

Ela arregalou os olhos e sua boca se abriu.

– Ai, meu Deus, você estava com ele! Era o Jonathan, não era? Eu estava certa. Existe alguma coisa entre vocês, não é? Como vocês puderam fazer isso comigo? Vocês se importam comigo?

Minhas sobrancelhas se juntaram, eu não conseguia acreditar. Respirei longa e profundamente para controlar o fogo que crescia dentro de mim.

– Onde passei o dia todo o com quem eu estava não é da sua conta – respondi, fazendo com que ela colocasse a cabeça para trás, chocada.

– Sobre o que você está falando? – respondeu ela. – É claro que é da minha conta. Eu sou sua mãe.

– Não, você não é – respondi, sentindo os tendões do meu pescoço se enrijecerem. – Você nunca foi minha mãe. Não ache que pode ser agora.

– Por que você está falando assim comigo? O que ele disse para você?

– Isso não tem nada a ver com Jonathan. Isso tem a ver com você. Sempre teve a ver com você. O que você quer, como você se sente, com quem você quer ficar. Será que alguma vez você pensou sobre mim e sobre o que eu estava passando? *Você se importa?* – Rachel ficou boquiaberta. Ela estava chocada.

– Você já pensou no que eu sinto sempre que você bebe muito, ou desaparece em um bar e volta para casa quando você quer, com quem você quer?

Ela gaguejou em resposta ao meu ataque. A raiva se espalhou em minhas veias me consumindo. Não me deixei afetar pelo olhar atordoado em seu rosto ou pelas lágrimas que se formavam em seus olhos. Minha voz ficou mais alta. Estava cega pela fúria, e não conseguia voltar atrás, mesmo que eu quisesse.

– Você nunca pensou em ninguém, a não ser em você! Por acaso você me ama? Provavelmente você nunca me quis. Foi por isso que você me deixou com *eles*. Você faz ideia do que ela fez comigo? Você já pensou nisso alguma vez? Isso significaria que você teria que parar de pensar em você por um minuto!

Dei um passo em direção a ela e ela se encolheu à minha frente. O medo em seus olhos fazia minha raiva aumentar. Minhas mãos tremiam e eu cerrei meus dentes. Eu não conseguia controlar minha raiva.

Meu corpo todo estava em chamas quando gritei:

– Não sei por que estou aqui! Você não é uma mãe, e nunca foi! Eu não preciso de você! Além disso, você está consumida demais pela morte de meu pai para se importar com mais alguém. Por que você continua obcecada por um homem que nunca a amou?

O barulho foi alto, e a dor esquentou minha bochecha. Minha cabeça se virou para o lado com a força da mão dela. Levantei minha cabeça devagar e olhei para ela, saindo do meu estado de raiva. As lágrimas rolavam pelo rosto dela e parecia que ela desabaria.

Meu corpo todo tremia. Não percebi que estava chorando, mas o canto dos meus olhos estava em carne viva por causa das lágrimas.

– Emma? – Ouvi atrás de mim e me virei. Evan vinha pela calçada. – O que está acontecendo? – Ele parecia mais perturbado do que eu esperava. Quando ele se aproximou e viu a marca vermelha no meu rosto e nossas expressões atordoadas, a preocupação se transformou em raiva. – O que aconteceu? Você bateu nela? – Ele olhou para Rachel, que ainda estava chocada demais para falar.

Enxuguei minhas bochechas e desci os degraus.

– Preciso ir.

– O quê? – perguntou ele, sem acreditar. – Emma, onde você esteve o dia todo? Por que você não me ligou? O que aconteceu aqui?

– Estava sem meu telefone, e sinto muito. – Minha voz estava trêmula. As repercussões da minha brutalidade começavam a tomar conta de mim. – Preciso ir para o treino.

– Sério? Você não está em condições de dirigir para lugar nenhum. Você precisa falar comigo.

Parei e respirei. Meus olhos imploravam para que ele entendesse.

– Vou falar com você, prometo, mas não pode ser agora. Preciso ir. Você não tem jogo agora?

– Tenho, mas...

– Evan, vá para o seu jogo. Não posso explicar agora. Vou me atrasar para o treino. – Minhas mãos tremiam sem controle. Olhei para a varanda, mas ela não estava mais lá. – Vou passar o final de semana na casa da Sara. Vá até lá hoje à noite, está bem?

Comecei a caminhar, mas ele correu e bloqueou minha passagem.

– Não posso deixar você ir embora desse jeito. O que aconteceu?

– Nós discutimos – expliquei, engolindo com dificuldade para não deixar a culpa transparecer. Não queria pensar nisso. Se eu pensasse talvez desabasse ali mesmo, na garagem. – Por favor. Por favor, me deixe ir para o treino. Você pode me seguir até lá se não confia em mim.

Ele apertou os olhos.

– O quê? – perguntou ele, bravo. – Emma, isso não tem nada a ver com confiança. Eu estava *preocupado* com você. Você tem estado mais reservada ultimamente, e ontem você começou a

perguntar se devia existir ou não. Fiquei com medo de que algo tivesse acontecido com você hoje. Que você... – Ele não conseguiu terminar. A dor em seu rosto capturava suas palavras.

Mordi meu lábio, trêmulo, e fechei meus olhos.

– Sinto muito – murmurei, suavemente. – Não acredito que fiz isso com você. Só precisava me afastar por um dia, para tentar entender as coisas. Devia ter telefonado para você. Desculpe, mesmo, Evan. – Tudo o que eu mais queria era tocá-lo, passar meus braços em volta dele e segurá-lo contra mim. Mas tinha medo de chegar perto dele, pois ficaria arrasada se ele se afastasse de mim.

– Certo – resmungou ele, balançando a cabeça, sem se mover em minha direção. – Certo – repetiu ele, olhando nos meus olhos. Ele balançou a cabeça de novo, como se tentasse aceitar minhas palavras e descobrir o que vinha depois.

– Vá para o treino. Encontro você na casa da Sara hoje à noite. – Ele se virou e caminhou para seu carro sem dizer mais nem uma palavra, e sem tocar em mim.

Continuei em direção ao meu carro, deixando tudo para trás. Não conseguia pensar. Não conseguia sentir. Só precisava me afastar disso, e eu sabia que o treino me distrairia por tempo suficiente até me acalmar.

Saí da garagem antes de Evan entrar em seu carro. Olhei pelo espelho retrovisor e o vi em pé, ao lado do carro, observando-me enquanto eu me afastava.

Enxuguei as lágrimas e segurei o volante com firmeza. Isso era minha culpa. Era tudo minha culpa. E agora eu tinha duas horas para pensar em como consertar as coisas.



34. Confissões

— Emma, que diabos está acontecendo?! – perguntou Sara do outro lado da linha. – O que aconteceu com você hoje?

Eu me sentei em meu carro, coberta de suor. Chegara ao meu limite durante o treino para me distrair e também me punir. Estava preparada para resolver a situação.

– Eu sei, fui uma completa idiota hoje – respondi, respirando pesado. – E agora todos estão bravos comigo. Acabei de sair do treino e vou para sua casa assim que pegar minhas roupas para o final de semana. Juro que vou contar tudo, certo?

– Sim, vai mesmo – disse ela, com firmeza, dando a entender que ia querer saber a versão detalhada da história. – Vejo você daqui a pouco então. – Desliguei o telefone e vi que tinha recebido uma mensagem de texto de Jonathan: *Você está bem?*

Preciso consertar um estrago enorme, respondi.

Saí do estacionamento e me dirigi para minha casa sem saber ao certo se Rachel estaria lá ou não. De qualquer maneira, queria estar preparada, perturbada ao imaginar os dois cenários.

Meu telefone tocou novamente enquanto eu dirigia. Olhei para ele e li a mensagem: *Foi minha culpa. Posso tentar explicar, se você quiser. Sinto muito mesmo.*

Emma. Você está brava?

Quando parei na garagem respondi: *Sabia o que estava fazendo, não foi sua culpa. Não estou brava, mas preciso de tempo para pensar melhor. Falo com você depois.*

Quando estava quase abrindo a porta, meu telefone me interrompeu de novo.

Meu coração acelerou quando coloquei o telefone no ouvido.

– Oi.

– Oi – disse Evan, tão baixinho que eu mal conseguia ouvi-lo.

– Estou em casa pegando roupas para passar o final de semana na casa da Sara. Daqui a pouco chego lá – eu disse a ele, com a voz suave e cautelosa.

– Acho que não vou até a casa da Sara. – Meu coração retorceu e fechei meus olhos.

– Por quê? – Respirei.

– Acho que também preciso de um tempo – explicou ele em voz baixa, sem alterar o tom. Meus olhos se encheram de lágrimas. – Emma, eu sei que você não tem sido sincera comigo. – Um nó se formou em minha garganta. – Não entendo o que está acontecendo e por que você não pode me contar, mas sei que você vem tendo problemas com sua mãe. Soube disso quando ela ligou no meio da noite na casa da Sara, e vi como ela estava chateada com você sobre aquele suéter. Eu vi o que ela fez com você na noite do aniversário dela, e sei que você foi embora da festa de Jill por causa dela. E agora isto.

Minha respiração tremeu enquanto eu o escutava, meu corpo doía por dentro.

– Emma, você não está me deixando entrar... de novo. Eu não consigo... se faço parte de sua vida, então você não pode ficar me colocando para fora.

Ficamos em silêncio por um tempo. A culpa me sufocava, e engasguei ao tentar falar.

– Volto no sábado. Conversamos quando eu voltar.

– Evan – implorei. Mas ele não estava mais do outro lado da linha. Engoli minhas lágrimas e fechei minha boca para manter a dor guardada. Eu não podia imaginar passar uma semana inteira sem falar com ele, e ainda não sabia como explicar meus motivos.

Desci do carro e me arrastei até a casa. Qualquer coisa que Rachel me dissesse agora não seria tão dolorido quanto o silêncio de Evan.

Comecei a pensar em como esse dia começara, com as promessas do verão que estava para chegar. O calor ainda persistia, e havia até

mesmo o cheiro de uma fogueira no ar. Era uma infelicidade tremenda que o melhor dia do ano terminasse dessa maneira.

A porta da frente estava destrancada e as luzes estavam apagadas. Os tons dourados do crepúsculo entravam pelas janelas e produziam sombras pelo chão. Caminhei em direção às escadas resolvida de que a única coisa que precisava era de tempo. Por isso, apenas pegaria as minhas coisas, sem procurar por Rachel.

– Eu tentei – murmurou ela, da sala de estar. Eu me virei em direção à sua voz e hesitei. – Eu realmente tentei gostar de você. Eu queria gostar de você.

Eu me aproximei e reconheci aquela fala característica. Estava arrasada demais para ser ferida por suas palavras, mas decidi que precisava ouvi-las assim mesmo.

A luz que vinha da janela da frente se espalhava pelo chão até chegar na mesa de café, e deixava o sofá no escuro. Rachel estava deitada de lado com a cabeça apoiada no braço do sofá. Uma garrafa quase vazia de vodca estava sobre a mesa de café, ao lado de um copo cheio de gelo.

Rachel pegou a garrafa e despejou o que restava nela no copo, que ficou cheio até a borda. Então levantou o copo esparramando a bebida no chão. Ela tomou um grande gole e colocou o copo de volta na mesa.

Fiquei em pé, na entrada da sala, observando-a. Eu realmente estava me perguntando se a vodca aliviara sua dor. Na verdade, a bebida parecia sempre exagerar seu estado emocional, não mascará-lo. A bebida deixava seus segredos à mostra, brutais e sinceros. Esperei pela agressão verbal.

– Achei que ele me amaria mais por causa de você. Ele estava tão feliz quando você nasceu. Mas você o tirou de mim. – Ela pegou o copo e tomou um gole maior ainda antes de colocá-lo na mesa, já pela metade.

– Você não pode tirar todos eles de mim, Emily.

Não sabia ao certo o que ela queria dizer. Primeiro achei que ela estava falando da morte de meu pai, mas não sabia sobre quem mais ela falava. E então eu entendi. Jonathan. Ela achava que ele a tinha trocado por mim.

– Por que eles não me amaram? Por que eu não era suficiente? – Ela engasgou, levantando a voz. – Por que você? – Sua cabeça pendia de leve quando ela se virou para olhar para mim. Seus olhos estavam pesados, mas o ódio que podia ser visto neles não deixava dúvidas. – Você. – Ela balançou a cabeça devagar e fechou as pálpebras por causa do movimento. – Você. Você nunca deveria ter nascido.

E no exato momento em que achei que não poderia mais me machucar, as palavras dela me deixaram incapacitada. Eu me apoiei na porta.

– Sharon deixou você, não eu.

Fiquei confusa de novo, e então ela esclareceu.

– Eu não deixei você. Eu estava no hospital. Eu havia tomado muito remédio. – Quanto mais ela falava mais difícil ficava para ela formar palavras. A vodca tomava conta dela. – Disseram que eu não podia ter você. Mas eu nunca quis você. Eu não consigo. – Ela respirou pesado. O esforço para falar estava deixando-a esgotada. – Não consigo amar você.

Minha cabeça latejava e respirar era torturante. Ela tomou outro gole do copo e quase errou a mesa quando resolveu colocá-lo de volta batendo-o com força no móvel. Ela deitou sua cabeça no braço do sofá e fechou os olhos.

Eu saí da sala e parei antes de chegar nas escadas. Eu me virei de volta e percebi que algo estava errado. Procurei pela sala em pânico. Onde estava ela? O que ela tinha feito?

Então me lembrei do cheiro da madeira queimando quando cheguei em casa e me direcionei para a porta de trás. Corri para o pequeno quintal e praticamente desmoronei nas escadas. Parecia que tinha uma mão enfiada dentro do meu peito, que esmagava meu coração. No meio do quintal havia um monte de brasas, ainda brilhando em vermelho. Alguns veios ainda podiam ser reconhecidos nas cinzas, mas ela estava destruída. Ela colocara fogo na cadeira de balanço, e agora não havia sobrado nada mais.

Abaixei desajeitada nos degraus enquanto segurava no corrimão, olhando para os restos, com minha cabeça tremendo por causa da tristeza, perdida no cheiro da fumaça.

Eu me levantei e voltei para dentro, me sentindo vazia e acabada. Minhas entranhas pareciam ter sido tiradas de dentro de mim e queimavam também. Eu não conseguia enxergar direito. Meus olhos estavam embaçados enquanto me dirigia às escadas.

Subi para o meu quarto escuro sem olhar para a sala de estar. Acendi a luz e coloquei roupas na minha mochila aleatoriamente, sem pensar. Fechei a sacola e tudo ficou escuro novamente quando apaguei a luz. Minha mão escorregou pelo corrimão enquanto minhas pernas dormentes me levavam para frente.

Segurei na maçaneta da porta para sair e hesitei, procurando entre as sombras da sala de estar. Eu não conseguia vê-la. Mas conseguia ouvi-la respirando.

Me senti obrigada a me sentar na cadeira em frente a ela. Cruzei meus braços e fiquei olhando para a silhueta dela, ouvindo-a respirar.

Eu sabia. Eu sempre soube que ela não me amava. Eu não sei por que pensei que podia mudar isso, mesmo depois de tanto tempo. Isso nunca mudaria. Ela mal conseguia olhar para o meu rosto, imagina me amar.

Eu sabia. Não entendia por que ela continuava tentando. Ela fora aos meus jogos. E escrevera cartas... por quê? Acho que aquela tinha sido a tentativa dela. Ela disse que tinha tentado. Ela não conseguia se convencer de que amava assim como eu não conseguia acreditar que ela me amava.

Desviei meu olhar e enxerguei o copo, que deixava um anel molhado na mesa de café. Analgésico. Sério?

Eu me inclinei e peguei o copo, que tinha vodca até a metade. Os cubos de gelo derretiam, ficando bem finos. Trouxe o copo para perto do meu nariz e cheirei. Minha boca se encheu de saliva e eu me encolhi. Apertei a borda do copo contra meus lábios e o virei para tomar um grande gole.

Tossi e fiz uma careta, com nojo. O líquido caiu em meu estômago pegando fogo e bateu em suas paredes vazias. Respirei fundo e estremei. Era horrível, mas aspirina também era ruim quando tocava a língua, e também era um analgésico. Tampei meu

nariz e engoli de novo, esvaziando o copo. Queria que desse certo, queria que aquilo aliviasse minha dor.

Segurei o copo vazio nas mãos e meus olhos se encheram de lágrimas. O que eu tinha feito? Cerrei meus dentes e respirei pesado com as narinas dilatadas. O que eu tinha feito? Sacudi minha cabeça, horrorizada.

Coloquei o copo com força na mesa e me levantei para sair. A visão da garrafa de vodka me deixou com tanta raiva que eu queria gritar. Peguei a garrafa e apertei-a com tanta força que achei que podia quebrá-la na minha mão. Eu tremia de raiva e joguei a garrafa na escuridão. A garrafa bateu contra a parede, do outro lado do vestibulo.

Respirei, soluzei e saí correndo. Peguei minha sacola e bati a porta atrás de mim.

Não me lembro de como cheguei na casa de Sara. Certamente não deveria ter dirigido. Meus olhos estavam cegos pelas lágrimas e minha cabeça atormentada. Tentei me recompor da melhor maneira possível quando virei na garagem de Sara. Parecia que Anna e Carl não estavam em casa, por sorte.

Peguei minha sacola e subi os degraus que davam na porta da frente da casa. Ela abriu a porta antes que eu chegasse no último degrau.

– Onde você estava?

– Eu estava... – Não consegui terminar. Sua expressão espantada mostrava que eu aparentava estar mais arrasada do que eu pensava.

Ela segurou a porta aberta para mim e eu entrei, abaixando meus olhos ao passar por ela. Subi as escadas em direção ao quarto sem dizer uma palavra.

Joguei minha mochila no chão ao lado da cama onde eu costumava dormir e me sentei na beirada com meus ombros curvados. Minha cabeça estava leve e girava levemente.

Sara sentou-se ao meu lado e esperou. Ela sabia que eu lhe contaria tudo quando encontrasse forças para fazê-lo.

Depois de alguns minutos de silêncio, respirei fundo e disse:

– Eu não deveria ter sobrevivido.

– O quê? – Sara suspirou, imóvel.

– Ela me matou, Sara. Eu estava morta. Por que ainda estou viva?
– Minha voz estava pesada. Meus olhos se encheram de lágrimas.

– Ah, Emma – disse Sara. – Não pense assim.

– Não quero me sentir assim. Não quero sentir essa dor. Eu não deveria ter que senti-la. Deveria estar morta. – Uma lágrima caiu pelo meu rosto até chegar no meu queixo.

– Emma, por favor, me diga o que aconteceu – implorou Sara, suavemente. – Nada do que você está falando faz sentido.

Respirei fundo mais uma vez e contei a ela:

– Minha mãe me disse que nunca me quis. Disse que eu era a razão pela qual meu pai nunca a amou. Ele deixou tudo para mim, Sara. – Olhei para seus grandes olhos azuis. Eles estavam tristes. Precisei desviar o olhar, incapaz de suportar a dor dela também.

– Como assim ele deixou tudo para você? – perguntou ela, com paciência, tentando entender.

– Um advogado veio falar comigo ontem. Meu pai tinha nomeado um curador para mim. O advogado me contou a verdade sobre meus pais. Eles nunca se casaram, e meu pai ficou com ela apenas por causa de mim. Ela me culpa. Ela me odeia. Tenho quase certeza de que ela até tentou se matar por causa do que aconteceu.

– Sobre o que você está falando? – As sobrancelhas de Sara se inclinaram mostrando como ela estava confusa.

– Foi por isso que fui parar na casa da Carol e do George. Ela estava internada depois de ter tomado muitos remédios. Acho que ela tentou se matar – falei, sem estabelecer relação entre as palavras. Meu corpo todo era um turbilhão de incoerência. Eu não conseguia mais sentir ou pensar em nada.

– Quando ela disse isso a você? – perguntou ela, balançando a cabeça como se aquilo fosse incompreensível.

– Esta noite – afirmei, categoricamente. – Eu devia ter contado. Eu devia ter dito alguma coisa sobre o que estava acontecendo. Sobre a bebida, mas achei que eu conseguiria lidar com isso. Achei que poderia colocá-la na direção certa. Mas não consigo.

– Não é sua culpa – consolou Sara, segurando na minha mão. Suas palavras ecoaram dentro de mim, e eu olhei para ela, me lembrando das palavras exatas que eu havia dito para Jonathan pela

manhã. Naquele momento percebi a impossibilidade do perdão quando me senti muito culpada por tudo.

A culpa nos colocava em uma condição de solidão e isolamento. Eu ficava me perguntando como Jonathan conseguira viver com tanta culpa por todos esses anos.

– Estou tão cansada – disse a ela. A dor no meu peito sugava toda a minha vontade de fazer qualquer coisa. – Não quero mais fazer isso.

– Fazer o quê? – sussurrou Sara, me ajudando a me levantar para que ela pudesse puxar as cobertas.

– Magoar – murmurei. As lágrimas escorriam pelos meus lábios trêmulos.

– Você não precisa fazer isso – Sara me acalmou, ajudando-me a me deitar na cama. – Emma, as coisas vão melhorar. Você não precisa fazer isso sozinha. Eu estou aqui, certo?

Sara se deitou ao meu lado, por cima dos cobertores, e alisou meu cabelo tirando-o do meu rosto.

– Você não precisa mais se magoar – ouvi ela sussurrar mais uma vez, enquanto eu fechava meus olhos.



35. Todos se machucam

Pensei que passaria a maior parte da noite acordada, sem conseguir dormir. Mas, quando abri meus olhos já estava no meio da manhã e a cama de Sara estava vazia.

Fiquei deitada embaixo das cobertas por um tempo sem saber ao certo para que me levantar. Mas não pude resistir à minha necessidade de usar o banheiro, e por isso me forcei a sair da cama.

Como eu já estava lá, decidi tomar um banho. Percebi que não havia tomado banho depois do dia que passei com Jonathan ou mesmo depois do treino da noite anterior, e por isso eu precisava desesperadamente de um banho. Enquanto estava embaixo da água eu parecia estar vazia. Não conseguia sentir nada dentro de mim, nenhuma emoção nem nenhum pensamento. Tive vontade de voltar para a cama quando saí do banheiro enrolada em uma toalha, mas Sara já arrumara minha cama e estava deitada na cabeceira lendo uma revista.

– Ei – ela me cumprimentou, com um sorriso. – Você está com fome? Minha mãe está fazendo panquecas.

Encolhi meus ombros e comecei a me vestir sem me importar que Sara visse minhas cicatrizes. Afinal, ela já vira as cicatrizes quando elas eram piores.

– Então, para onde você foi ontem em vez de ir para a escola? – perguntou ela, despreocupadamente, olhando para a revista enquanto virava as páginas.

– Saí com Jonathan – admiti, suavemente, com dificuldade para encontrar minha voz.

Isso chamou a atenção dela.

– Como? Você estava com Jonathan? Por que... ãh, o que vocês fizeram? – A dificuldade de Sara para encontrar as palavras certas não era comum.

– Fomos passear na motocicleta dele – disse a ela. Ela esperou, mas eu não continuei. Eu não podia dizer muita coisa mais sem revelar os segredos dele, e eu não queria fazer isso.

– O que está acontecendo entre vocês dois? – perguntou ela. – Algo com o que eu deva me preocupar?

– Não – respondi. – Nós nos damos bem. Ele entende pelo que estou passando, só isso.

– O que isso significa? Pelo que você está passando? – Ela parecia preocupada. E acho que eu também ficaria preocupada se ela dissesse isso.

– Sobre o humor de Rachel e coisas assim – tentei explicar. – Nós conversamos. Ele entende. Tipo, ele namorou a Rachel, e por isso ele entende. Acabamos nos tornando amigos.

– Certo – disse Sara, pensativa. – Acho que está certo. Você explicou isso para Evan.

– Não consegui. – Suspirei, sentando-me ao lado dela na cama. – Sara, eu estraguei tudo. Ele está tão chateado comigo que nem veio me ver antes de viajar. A tristeza na ligação dele agitava o meu peito.

– É, eu sei – ela me consolou. – Ele ficou maluco quando você não apareceu na escola ontem. Então, quando você não atendeu o telefone, achei que ele surtaria. Dei o número de Rachel quando ele pediu, mas não achei que ela pudesse ajudar. Você realmente devia ter ligado ou mandado uma mensagem para ele, ou qualquer outra coisa.

– Eu sei – respondi, sentindo-me mal. – Deixei meu telefone no meu carro. Eu queria ter ligado. Mas pensei que conseguiríamos conversar e então eu poderia explicar. Realmente nunca tive a intenção de deixá-lo preocupado.

– O que você vai fazer com relação à Rachel?

Fiquei um tempo em silêncio.

– Não posso mais morar com ela. – Minha voz falhou um pouco deixando as emoções escaparem embora eu me esforçasse para

mantê-las guardadas.

– Eu sei – concordou Sara, com a voz solidária. – Quer vir passar a semana na Flórida junto comigo?

– Não posso – respondi, sem pensar. – Eu realmente preciso ficar aqui para jogar futebol.

– Sabia que você diria isso. Por isso, falei com minha mãe e vou viajar com meu pai na quinta-feira em vez de ir com ela na segunda. Quero ficar aqui com você.

– Obrigada. – Dei um leve sorriso. – Eu também quero ficar com você. – E eu queria. Precisava ficar com a única pessoa que não estava brava comigo e que não me forçava a explicar todos os sentimentos que passavam dentro do meu corpo.

– Você pode me explicar um pouco sobre o que me contou ontem à noite? – pediu ela, delicadamente. – Foi um pouco confuso, mas você estava chateada, e por isso decidi esperar.

– Tipo o quê?

– Quem é esse advogado e o que ele disse a você?

Contei para ela, mais uma vez, minha conversa com Charles Stanley e o que ele contara sobre meus pais e sobre meus avós, e sobre os bens que eu herdara.

– Uau – soltou Sara, quando terminei de falar. – Que loucura. Lá deve ser o lugar onde Leyla e Jack estão, não é? Na Flórida, com sua avó.

– Acho que sim – respondi, sacudindo a cabeça de leve.

– Em – Sara começou a falar com cuidado. – Você disse que achava que sua mãe tinha tentado se matar. Por que você disse isso?

Cruzei meus braços, abaixei minha cabeça e me lembrei da imagem dela no sofá, mal conseguindo ser coerente. Foi quando ela confessou o que nenhuma mãe nunca deveria admitir, fosse isso verdade ou não. Doía muito quando eu me lembrava de suas palavras de desprezo.

– Em algum momento, no meio de um monte de palavras desagradáveis, ela mencionara não ter sido ela quem me deixou com Carol e George. Ela disse que Sharon havia me deixado. Ela estava no hospital. Tomara muito remédio. Contei isso para Sara,

acrescentando minha análise de que ela deveria ter tomado uma overdose de remédios.

– Talvez tenha sido um acidente – sugeriu Sara.

Encolhi meus ombros pensativa, mas duvidava que tenha sido um acidente. Minha mãe estava tão devastada com a morte de meu pai que acho que ela deve ter tomado os remédios propositalmente. Eu me lembrei das palavras ásperas que disse a ela na varanda e meus olhos arderam com vergonha. Apesar de ela não sentir nada por mim, eu nunca deveria ter dito o que disse. Eu fora cruel.

Anna nos chamou quando as panquecas ficaram prontas. Segui Sara ao descer as escadas, embora não estivesse com muita vontade de comer.

Pela maneira como Anna olhou para mim, cheia de solidariedade e preocupação, podia dizer que Sara contara para ela. Eu não esperava que Sara escondesse nada de seus pais depois do que acontecera no ano passado. Eu não estava chateada, mas não sabia ao certo se conseguiria conversar com Anna sobre isso.

Mas eu também sabia que ela não era o tipo de mãe que deixaria essa história passar em branco. Ela esperou até acabarmos o café, quando Sara estava tomando banho. Estava sentada na sala de entretenimento, mudando os canais de TV sem procurar por nada em especial. Anna sentou-se ao meu lado no sofá e eu desliguei a televisão. Esperei que ela começasse.

– Às vezes as pessoas magoam mais do que são capazes de aguentar – disse ela, observando-me. Foi difícil para mim olhar para os olhos dela. – E, às vezes, as pessoas não sabem como pedir ajuda. Elas estão tão envolvidas com sua própria dor que acabam machucando todo mundo que está a volta. Gostaria que você não continuasse se machucando.

Não respondi, mas ela sabia que eu não responderia.

– Sei que você tem compromissos aqui e não vai para a Flórida conosco. Nós a ajudaremos a pegar suas coisas na próxima semana, depois que voltarmos. – Anna colocou a mão sobre a minha. A mão dela era quente e macia. Tentei sorrir, mas não consegui formar um sorriso sincero com meus lábios.

Quando ela saiu da sala sua opinião continuava rondando minha cabeça. Pensei em Evan e em tudo o que fizera ele passar. Comecei a me perguntar se eu era a pessoa machucada ou a pessoa que machucava as outras.

– Quero ligar para ele – disse à Sara, enquanto estávamos sentadas no restaurante do shopping. Ela conseguiu me coagir a ir às compras com ela. Devia estar completamente distraída quando disse sim.

– Faz só um dia – respondeu Sara. – Dê mais tempo a ele.

– Eu só... – Mexi nas batatas fritas que estavam no meu prato sem comê-las. – Quero me desculpar. Ele não vai nem precisar dizer que me desculpa. Só quero que ele saiba como me sinto péssima.

– Não acho que seja isso que ele esteja esperando, Emma.

Eu sabia que ela estava certa. Um pedido de desculpas eram apenas palavras. Evan queria que eu confiasse nele. Era isso o que ele sempre quis. Ele queria ser a pessoa que eu procurasse quando tudo dava errado. Ele queria ser... Jonathan.

Eu não fazia a menor ideia de quando isso tinha acontecido. De quando Jonathan se tornara a primeira pessoa que eu pensava em chamar quando tudo estava ruim e complicado. Era ele quem eu chamava quando não conseguia dormir à noite, ou quando não conseguia carregar Rachel para cama, ou quando precisava desaparecer por um tempo. Ele me conhecia de uma maneira que Evan não conhecia, mas de uma maneira que Evan sempre quis me conhecer.

– Por que ele quer saber? – pensei em voz alta. – Por que ele quer saber todas as coisas ruins, as coisas que a maioria das pessoas finge não perceber? Por que ele quer saber que estou machucada, ou que minha mãe nunca me amou? Isso é quase mais importante para ele do que saber que estou segura e feliz.

– Não é isso, de maneira alguma – respondeu Sara, com a testa franzida. – Emma, Evan quer saber sobre você, e sobre tudo o que faz você ser você. As coisas boas, as coisas ruins e as coisas terríveis. Ele precisa ceder um pouco e parar de fugir sempre que se machuca. Mas você não pode deixar que ele não saiba de nada

quando tudo está desmoronando ao seu redor. Você não o está protegendo, você sabe disso. Você o está afastando.

– Acho que não sabia se ele entenderia – confessei, com um suspiro.

– Da maneira como Jonathan entende? – Sara completou meu pensamento. Balancei a cabeça. – Dê uma chance a ele.

Meu telefone tremeu. Olhei para a tela e então para Sara com os olhos arregalados.

– Quem é?

– Rachel – respondi, atordoada. – Será que devo responder? – Sara encolheu os ombros e fez uma careta demonstrando incerteza.

Não atendi a ligação. Em seguida recebi uma mensagem de texto: *Onde você está?*

Mostrei a mensagem para Sara.

– Ela não sabe que você vai ficar na minha casa?

– Não me lembro se contei a ela, ou talvez ela não se lembre. Mas por que ela quer saber?

– Sei lá – respondeu Sara, tão perplexa quanto eu.

Decidi responder à mensagem: *Na casa da Sara.*

Escrevi apenas isso e ela respondeu: *Ok.* Balancei minha cabeça, confusa.

– Bom, chega de tristeza. – Sara se levantou. – Vamos olhar vestidos para o baile de formatura – disse ela, com um sorriso brilhante. Ela observou a apreensão em meu rosto. – Não se preocupe. Ele vai desculpar você antes do baile. Vamos lá. Vou fazer com que seja divertido.

Sara me puxou da cadeira. Ela caminhou alegremente de loja em loja. Pegava os vestidos mais cafonas e colocava-os na minha frente, determinada a me fazer rir. E eu ri. Exatamente como ela pretendia.

—

Sara pulava no sofá enquanto tocava a guitarra elétrica. Eu estava ajoelhada no chão, inclinada para trás com a guitarra levantada acima de minha cabeça, deixando o som ecoar pelo amplificador. A

música que devíamos acompanhar com a guitarra podia ser ouvida pelos alto-falantes.

Pelo canto do meu olho vi um movimento e me virei para ver Anna no topo da escada, gritando:

– Emma!

Eu me levantei e tirei a alça da guitarra do meu pescoço. Sara percebeu minha mudança de uma estrela do rock para uma garota preocupada e então olhou para sua mãe. Ela pulou do sofá e desligou o amplificador e a música.

Meus ouvidos ainda zumbiam quando Anna disse:

– Sua mãe está no telefone. – Fiquei paralisada. – Ela está preocupada com você. Meu telefone está lá embaixo, no meu quarto.

Segui Anna pelas escadas e olhei para trás para a expressão preocupada de Sara antes de desaparecer. Entramos no quarto de Anna e vi sua mala aberta em cima da cama. Ela fora interrompida enquanto arrumava a mala para a viagem. Ela partiria em uma hora. O telefone celular estava ao lado da mala.

Anna pegou o telefone e disse para Rachel, antes de entregá-lo para mim:

– Ela está aqui. – Ela passou por mim e fechou a porta do quarto depois de sair.

– Oi – disse eu, com cuidado.

– Emily? – confirmou Rachel, aliviada. – Você está bem? Eu não sabia que você passaria o final de semana todo aí. Não tive notícias suas.

Franzi minha testa confusa.

– O quê?

– Você me disse que ficaria aí? – perguntou ela, nervosa. – Será que eu me esqueci? Desculpe. Provavelmente me esqueci.

– Qual é o seu problema? – perguntei. – Por que você, de repente, está preocupada comigo?

– Ah. – Suspirou ela, parecendo decepcionada. – Você ainda está brava comigo? Eu sinto muito por ter exagerado na sexta. Eu não deveria ter achado que você faria algo para me magoar. Estava chateada. Você está brava mesmo?

Tirei o telefone da orelha e olhei para ele, sem saber o que dizer. Quem era essa mulher? Mesmo que ela não se lembrasse do que me disse naquela noite porque estava bêbada demais, ela deveria se lembrar do que *eu* havia dito a *ela*, do quanto eu a machucara.

– Emily? – ela me chamou.

– Estou aqui – respondi, sem emoção. – Vou ficar aqui essa semana. Estamos de férias mesmo, por isso, vou ficar por aqui. – Não consegui dizer a ela que me mudaria. Queria dizer. Pretendia dizer. Mas não disse.

– Certo. – A voz dela parecia constrangida. – Bom, acho que nos vemos na próxima semana.

– Sim. – Respirei antes de desligar, desconcertada demais para dizer mais alguma coisa.

– Bom? – perguntou Sara, quando apareci no topo das escadas. Eu não disse nada a ela, desconcertada demais com o que acabara de acontecer. – Emma – disse ela, impaciente. – O que ela queria?

– Não faço a menor ideia – murmurei, confusa. Eu me sentei no sofá ao lado de Sara e contei a ela o que acontecera.

– Então, ela não se lembra? – perguntou Sara, sem acreditar. – Realmente duvido disso, Em. Aposto que ela quer que você pense que ela não se lembra para você voltar para a casa dela.

– Mas por que ela faria isso? Ela não me quer. – Não fazia sentido, mas eu chegara à mesma conclusão de Sara.

– Não faço a menor ideia – concordou Sara. – Talvez você deva conversar com ela.

– Tipo, *terminar* com ela – corrigi. – Não acredito que preciso discutir o “fim da relação” com a minha mãe. Que deprimente.

– Ela não pode continuar machucando e usando você como se você fosse um saco de pancadas. Está tudo uma bagunça. Quantas vezes você precisa desculpá-la antes que ela a destrua?

Eu sabia que ela estava certa. Era apenas uma questão de tempo até ela se embriagar novamente e dizer alguma coisa que me deixasse arrasada de novo. Apenas não entendia por que ela tentava fazer com que eu voltasse, fazendo com que eu me sentisse como se ela me quisesse, quando em suas bebedeiras ela confessava que preferia que eu nunca tivesse nascido.

– Eu vou com você – disse Sara, ao meu lado. – Não vou deixar você fazer isso sozinha.

Sara dirigiu até a casa na noite seguinte, depois do meu jogo de futebol. Eu ainda não decidira o que dizer quando paramos atrás do carro de Rachel.

– Você não precisa entrar – eu disse à Sara, enquanto ela soltava o cinto de segurança devagar. Meu coração estava tão acelerado que mal conseguia pensar direito.

– Ah, não – respondeu Sara, obstinada. – Vou entrar com você.

Respirei fundo várias vezes enquanto me aproximava da porta, tentando manter a calma. Não adiantou. Foi um fiasco. Sara ficou ao meu lado e abriu a tela da porta para mim. A porta da frente estava trancada, por isso usei minha chave para que pudéssemos entrar.

Mal passamos pelo vestíbulo quando paramos. A casa estava um caos. Sara e eu olhamos da cozinha para a sala, sem saber o que dizer. Copos plásticos vermelhos e copos de vidro estavam abandonados em praticamente todas as superfícies da casa. Garrafas estavam espalhadas pelo chão, junto com tigelas de salgadinhos e caixas vazias de pizza. O fedor de cerveja estragada e de pizza velha fez nossos narizes se retorcerem de nojo. A casa estava dez vezes pior do que a casa da Sara estava depois da festa anti-Dia dos Namorados.

– Parece que Rachel deu uma festa – observou Sara, pisando com cuidado no chão cheio de lixo e entrando na sala de estar. – Ou duas.

– Que inferno! – murmurei, sem acreditar, me perguntando quando isso acontecera. Subi as escadas esperando encontrá-la em seu estado verdadeiro, ou talvez não tão verdadeiro assim, em seu quarto. Mas o quarto estava vazio. Eu me virei para voltar para as escadas e fiquei boquiaberta. – Não é possível.

A porta do meu quarto estava aberta e minha cama estava bagunçada.

– Ah, por favor, não. – Sacudi minha cabeça. – Não acredito que ela deixou... – Tive medo de terminar a frase.

Sara apareceu atrás de mim.

– Definitivamente vamos queimar estes lençóis.

– Não tem importância – disse eu, suspirando alto. – Não posso mais morar aqui.

– Ah, claro que não – repreendeu Sara. – Em que momento, entre sair do carro e entrar na casa, você decidiu que faria isso?

– Eu não decidi – respondi. – Apenas...

– Vivo num mundo de negação – Sara terminou a frase, severamente. – Em, olhe ao redor e abra seus olhos. Ela não vai mudar.

– Eu sei. – Suspirei. A decepção podia ser percebida em minha voz. Eu me sentei no último degrau e apoiei meus cotovelos nos meus joelhos. O pouquinho de esperança que me restava depois da conversa de ontem com Rachel desaparecera assim que abri a porta.

– Sinto muito, Em. – Sara sentou-se ao meu lado e encostou seu ombro no meu. – Eu não queria ser tão dura. Só não quero que você se machuque mais. Ela não merece você.

Chorei e balancei a cabeça. Sabia que tinha acabado. Não tínhamos como consertar nossa relação. A decepção fez meu peito doer enquanto engoli com dificuldade. Eu não era uma pessoa que desistia das coisas. Nunca tinha feito isso antes. Bem longe, conseguia ouvir os pensamentos positivos se formando, dizendo que talvez ela pudesse mudar. Afastei os pensamentos de mim antes que eles chegassem perto demais.

– Vamos embora – disse eu, me levantando junto com Sara.

A porta da frente se abriu e Rachel apareceu, rindo, com os braços em volta da cintura de um cara loiro e com um largo sorriso.

Ela olhou para cima e nos viu.

– Ah, achei que você não estaria aqui essa semana.

– Eu estou – disse eu, passando por ela com meus ombros para trás, mal olhando para ela. – Volto na semana que vem para pegar minhas coisas.

– Emily! – chamou ela, atrás de mim, na varanda. – Como assim? Não fique brava comigo. Vou limpar tudo, eu juro.

Sem olhar para trás entrei no carro de Sara. Eu me controlei enquanto Rachel podia me ver. Depois que saímos da garagem e começamos a descer a rua desmoronei e chorei. Sabia que eu não era e nunca seria alguém que ela amava. E ainda era dolorido admitir se ela me merecia ou não.



36. Inquieta

- **E**stava pensando em você. Não está conseguindo dormir?
 - Não – respondi, suavemente.
 - Não queria acordar você, por isso estava esperando para ligar para você amanhã.
 - Bem, já é amanhã – disse eu, com um pequeno sorriso.
 - Quase. – Ele riu de leve. – Estou feliz por você ter ligado.
 - Tive medo de que você não quisesse saber de mim.
 - Emma, eu sempre quero saber de você. O que me preocupa é quando não sei de você.
 - Desculpe. De verdade, sinto muito por não ter contado a você o que estava acontecendo com minha mãe. Mas eu quero contar. Eu quero contar *tudo*.
 - Vamos conversar quando eu voltar, certo? Por enquanto só quero saber que você está bem.
 - Estou melhor.
 - Uma ligação às duas da manhã realmente me convence disso – respondeu ele, brincando.
 - Um sorriso se formou em meu rosto.
 - Agora que falei com você vou conseguir dormir.
 - Eu também.
 - Você ainda vai me ligar amanhã? – perguntei, sem querer parecer desesperada demais.
 - Sim, vou. Agora tente dormir um pouco.
 - Certo – sussurrei. Antes de desligar eu disse: – Evan.
 - Sim, Emma.
 - Eu amo você.
 - Eu também amo você.

Quando acordei na manhã seguinte torci para não ter sonhado com a ligação. A conversa estava ali, como se fosse um sussurro, mas não parecia real. Mas quando olhei no meu histórico de chamadas e vi uma ligação para o número dele às duas e onze da manhã, suspirei aliviada.

– Uau, será um sorriso isso que vejo em seu rosto, Emma Thomas? – brincou Sara, ao entrar no quarto. – Será que pela primeira vez você teve um sonho bom?

– Ah, não – respondi. – Falei com Evan ontem à noite.

– Sério? Sobre o que vocês conversaram?

– Sobre nada. Estava tarde, mas ele prometeu me ligar hoje.

– Que bom – respondeu ela, com um sorriso. – Ele não consegue ficar bravo com você. Ele é até meio patético por ser assim.

– Sara! – respondi. – Ele não é patético. – Ela sorriu e continuou em direção a seu armário.

– Mal posso esperar que os próximos dois meses acabem. – Suspirou ela, deitando nas minhas costas e olhando para o céu com um travesseiro colocado no peito. – Você vai para Santa Barbara comigo e com Evan neste verão antes do início das aulas? Tenho certeza de que Jared conhece os caras com quem vamos ficar.

Esperei, mas Sara não respondeu.

– Sara?

Ela surgiu do armário com a boca contorcida. Ela não conseguia olhar nos meus olhos e por isso eu sabia que tinha alguma coisa que ela não queria me dizer.

– Sara, me conte.

Sara respirou fundo e colocou os joelhos na cama. Sua expressão facial já pedia desculpas pelo que ela diria. Eu me abracei.

– Não escolhi ir para CCA em São Francisco. – Arregalei meus olhos chocada. Planejamos fazer faculdade na Califórnia desde sempre, e ela ter sido aceita pela California College of the Arts era perfeito. Estaríamos perto uma da outra enquanto eu estivesse em Stanford.

– Vou para Parsons.

– Nova York? – disse eu, enquanto minha boca se abria. A decepção me deixou sem palavras. Eu nunca havia ficado sem a

Sara desde que a conheci, e era impossível imaginar que eu ficaria tão longe dela durante a faculdade. Não disse nada por um tempo, tentando me recuperar do choque. Então pensei melhor e consegui não pensar apenas em mim.

Parsons era mais perto da família dela. E de Jared. E era uma das melhores escolas de moda do mundo. Ela me observou com cautela, esperando pela minha reação. Finalmente olhei para ela com lágrimas nos olhos e com um sorriso orgulhoso no rosto.

– Vou sentir sua falta. Mas, Sara, estou tão feliz por você. – A preocupação desapareceu e um sorriso acendeu em seus olhos.

– Sério? – perguntou ela, dando a volta na cama. – Você não está brava?

– Brava? Não vou mentir. Estou triste porque não vamos ficar juntas, mas quero isso para você. Parsons é espetacular, e você merece ir para lá.

Sara sentou-se ao meu lado e me abraçou. A princípio fiquei surpresa, mas coloquei meus braços em volta dela e a segurei com meu rosto enterrado em seu cabelo. Ela me acariciou forte, sem fazer nenhum movimento para me soltar. Uma lágrima escorreu pelo meu rosto enquanto eu a segurava, quase com medo de soltá-la. Eu não podia imaginar minha vida sem ela.

Com a voz cheia de emoção ela murmurou em meu ouvido:

– Vou para a Califórnia no verão, e ficarei lá até as aulas começarem. – Nos separamos devagar. Seus olhos estavam cheios de lágrimas. – Vamos nos ver em todos os feriados. E vou mandar e-mail, mensagem de texto e falar com você por Skype todos os dias. Vai ser como se eu estivesse lá com você. E você terá Evan, por isso não estará sozinha.

Eu sorri com a convicção dela.

– Eu sei. Nós sempre seremos amigas.

– Não. Nós sempre seremos *irmãs*. – Sara sorriu e enxugou as lágrimas que encharcavam suas bochechas.

– Além disso, há tanta coisa por vir nos próximos dois meses – disse ela exultante, tentando espantar a tristeza com uma risada. – Temos o baile de formatura, a semana dos veteranos, a formatura. Emma, sei que neste momento você acha tudo isso uma chatice,

mas tudo vai melhorar, principalmente agora que você vai voltar a morar aqui. Sei que você não se sente assim, mas você vai superar isso. Você sempre supera. E talvez você até goste dos dois últimos meses do seu ano de veterana.

Balancei a cabeça passando a mão pelo meu rosto úmido com meus lábios fechados formando um sorriso. Uma mistura de emoções provocava as lágrimas. Eu havia perdido minha mãe (de novo). E agora Sara... ela realmente era minha irmã em todos os sentidos, e eu tinha tanto orgulho dela. Tudo estava mudando tão rapidamente. Eu esperava que as coisas não mudassem demais.

– Nossa, foi rápido – observou Sara, quando voltei depois de ter falado com Evan, depois de ter esperado ansiosamente pela ligação dele durante todo o dia. Eu me sentei ao lado dela na mesa da cozinha.

– Ele só queria dizer oi antes que ficasse tarde demais – expliquei baixinho, usando o pegador de macarrão para tirar o fettuccine da tigela e colocar uma pequena porção no meu prato. – Eles estavam saindo para surfar, e os garotos estavam esperando por ele.

– Ele ainda está um pouco distante, não é?

– Um pouco – admiti, cutucando a massa com meu garfo, sem nem ao menos considerar dar uma mordida.

– Ele voltará em alguns dias – disse Sara, me animando. – Tenho certeza de que pelo telefone é mais difícil. Será diferente quando vocês se encontrarem pessoalmente.

– Espero que sim. – Suspirei, repetindo na minha cabeça a nossa conversa tensa enquanto procurávamos algo positivo para dizer. Não havia muito sobre o que conversar até que ele ouvisse o que eu não havia contado para ele nos últimos dois meses. As conversas que não tivemos nos separavam mais do que a distância física entre Connecticut e o Havaí.

– O que vamos fazer hoje à noite? – perguntou Sara, tentando me distrair.

– Você não precisa acordar cedo para ir para o aeroporto?

– Podemos pegar leve e assistir a um filme – sugeriu ela. – Ou então, você poderia dormir. – Ela sorriu zombando. Não havia como

negar as repercussões de uma noite não dormida, principalmente com Sara. Ela precisava apenas olhar para mim para saber há quanto tempo eu não dormia, e já fazia algum tempo. Com o acúmulo de drama e ansiedade, dormir era uma miragem turva.

– Você vai ficar bem aqui sozinha?

– Estava pensando em perguntar para Casey se eu poderia ficar com ela, já que jogamos futebol juntas – disse a ela. – Evan volta no sábado, por isso seriam só duas noites.

– Não é uma má ideia – respondeu Sara. Então ela sorriu maliciosamente e acrescentou: – Você parece ter certeza de que vai passar a noite na casa dele no sábado. Você não está tão preocupada assim achando que ele não vai perdoá-la, não é?

Encolhi timidamente.

– Espero conseguir convencê-lo.

– Oooh, Emma. – Ela riu. – Eu *realmente* influenciei você.

– Sara – disse eu. – Eu não vou seduzi-lo para que ele me perdoe. Além disso, só vamos transar no próximo mês.

– O quê? – Sara riu, sem acreditar. – Vocês *planejaram*?

– Sim – admiti, meu rosto ficou vermelho. – Temos um encontro para transarmos na noite anterior ao baile de formatura.

Sara riu ainda mais.

– Não acredito em vocês dois. Como é possível que isso seja romântico? *Planejar* quando vão transar? E a luxúria e a paixão?

– Você não conhece Evan – respondi, sem pensar, e então enrubesci quando Sara ficou boquiaberta. – Certo, que filme vamos assistir?

Fechei os olhos e ouvi o ritmo da respiração dela ao meu lado na cama, esperando que aquele barulho me fizesse dormir. Sara inspirava e espirava respirando fundo. Eu conseguia dizer quando ela puxaria o ar novamente. Mas então parou. Esperei, mas ela não respirou de novo.

Abri meus olhos e me virei de costas, ouvindo atentamente. Inspirei rapidamente quando a silhueta apareceu ao meu lado na cama.

– Sara? – perguntei. – Aconteceu alguma coisa?

Ela não se mexeu. Talvez ela estivesse sonâmbula. Eu me apoiei em meus cotovelos, tentando me concentrar nela e perguntei de novo:

– Sara?

Quando meus olhos se acostumaram com a luz percebi que não era ela. Dei chutes com as minhas pernas para tirar os cobertores, mas quanto mais eu chutava mais me enrolava neles. Então não conseguia ver. Eu me afundei embaixo dos cobertores e tudo ficou preto. Empurrei os lençóis, mas eles se enrolavam com mais força em volta de mim. E então ela agarrou o meu pescoço.

Engasguei e tossi, tentando tirar as mãos dela, mas elas eram fortes demais. Chutei e sacudi minha cabeça de um lado para o outro para sair debaixo das garras dela, mas não adiantou.

– Você não merece viver – resmungou ela.

Agarrei nos pulsos dela e tentei erguê-los para me soltar, gritando:

– Você já me matou!

Minhas mãos estavam na minha garganta quando acordei. Minha respiração estava pesada e meu coração acelerado. O quarto estava escuro e eu conseguia ouvir Sara respirando na cama ao meu lado. Tirei os cobertores e saí do quarto. O sono e eu não nos encontraríamos nesta noite, e não tinha por que ficar deitada ali, olhando para o escuro.

Eu segurava meu telefone em minha mão trêmula quando me sentei no sofá na sala de entretenimento. Pensei em ligar para Evan, mas sabia que seria uma outra conversa estranha, e não queria passar por isso duas vezes em um mesmo dia.

Liguei a televisão e abaixei o volume para que Sara não acordasse. Comecei a procurar os canais e parei em um comercial de um tecido de microfibra que prometia limpar carro, computador ou barco apenas com água, “sem riscar”. Quase ri alto. Depois de um minuto sendo sugada pelos comerciais, peguei meu telefone.

– Vi o seu comercial – disse eu, assim que ele atendeu ao telefone.

– Só precisa de água – respondeu ele, com um sorriso em sua voz. – Estava pensando em como você tem dormido. Pensei que

talvez você estivesse finalmente curada.

– Dificilmente – respondi. – E você? Tem feito algum programa ultimamente?

– Ainda não. – Ele riu. – Onde você está?

– Na casa da Sara.

– Que bom. Você não vai volta para lá, não é?

– Não – respondi baixinho. – Não vou. Algumas coisas não têm como serem consertadas.

– Por ter ficado algum tempo sem ter notícias suas achei que talvez ele tivesse pedido para você parar de falar comigo.

Fiquei intrigada pela suposição dele.

– Evan está viajando. Ainda não conseguimos conversar.

– Ah – respondeu Jonathan. – E será então que você deveria estar falando comigo?

– Sim, por que não? Somos amigos – respondi, aturdida. – Evan também tem amigas. Você não é a razão para as coisas estarem meio estranhas entre nós.

– Você quer conversar sobre isso? – perguntou Jonathan, hesitante.

– Não – sussurrei.

Depois de um momento em silêncio ele perguntou:

– Você quer sair comigo de novo? – E então ele acrescentou rapidamente: – Sem penhascos dessa vez.

Eu ri.

– Claro. Podemos fazer alguma coisa amanhã se você quiser. Tenho treino à tarde, mas podemos fazer alguma coisa depois do treino.

– Claro, devo voltar para casa por volta das seis. Que tal... – Ele parou por um momento. – Que tal jantarmos ou algo assim? E eu meio que tenho algo para lhe contar.

– Sério? – respondi, intrigada. – Claro, me mande uma mensagem dizendo onde encontro você.

– Certo. Até amanhã. – Quando desliguei o telefone percebi que estava sorrindo e meu coração batia um pouquinho mais rápido.



37. Dentro de um pesadelo

— Pensei que você tinha dito que não era muito boa – brincou Jonathan, enquanto saímos da sala da piscina para a noite fria.

— Não sou – respondi, colocando o capuz na cabeça. – Você só é pior que eu.

— Obrigado – respondeu ele, com um sorriso. – E agora? Você precisa voltar para a casa da sua amiga?

Olhei meu telefone. Casey prometera mandar uma mensagem quando estivesse voltando da festa. Caso ela tivesse se esquecido, o que era bem possível, eu havia enviado uma mensagem para ela perguntando onde ela estava.

— Acho que ela ainda está na festa – disse a ele. – Você se incomoda se eu ficar com você mais um pouco?

— Não, você pode ficar o quanto você quiser – garantiu Jonathan.
— Mas não sei muito bem o que fazer a não ser ir a um bar.

— Gostaria de conhecer a banda sobre a qual conversamos, se você concordar.

— Ah, claro – respondeu Jonathan.

— Podemos fazer alguma outra coisa se você não quiser voltar para o seu apartamento – sugeri. A resposta dele fez com que eu me sentisse um pouco estranha. – Não, tudo bem. Na verdade ninguém nunca foi ao meu apartamento antes. Estou tentando me lembrar se está tudo arrumado.

— Sério? *Ninguém* nunca foi à sua casa? – repeti, surpresa. – Por que não?

Jonathan encolheu os ombros.

— Ah, não sei bem o porquê. Acho que é porque normalmente encontro as pessoas na rua. Mas, sim, vamos até lá. – Segui

Jonathan pelo cruzamento e por uma rua lateral. O reflexo da água brilhava no final da rua.

– Então Rachel nunca veio aqui?

– Não – respondeu ele, rapidamente. – Eu precisava de um intervalo de vez em quando. Mas, acredite em mim, ela me pediu para vir aqui.

Balancei a cabeça imaginando a ansiedade dela por não saber onde ele morava. Mas eu também me lembrava de ele desaparecer por alguns dias todas as semanas, e provavelmente ela não deixaria que isso acontecesse se soubesse onde encontrá-lo.

Atravessamos a rua no final da estrada e seguimos a água até a marina.

– Por que você ficou? – decidi perguntar, considerando o tempo que ele levou para terminar com ela, e reconhecendo a frequência com que ele precisava ficar longe dela.

– Ah, o quê? – perguntou Jonathan, confuso. – Você quer dizer, com Rachel?

– Você tinha todo o direito de ir embora antes. Por que você ficou?

– Achei que tivéssemos combinado de não falar sobre ela, ou sobre qualquer outro assunto depressivo – respondeu Jonathan, tentando evitar a pergunta enquanto nos aproximávamos de um antigo prédio de tijolos brancos ao longo do cais.

– Você está certo – concordei. Olhei para a estrutura desgastada com cautela enquanto Jonathan colocava sua chave na porta de metal preto.

– Não julgue a aparência pelo lado de fora – aconselhou Jonathan. – Eles o destruíram completamente. Quando ele abriu a porta e acendeu a luz, iluminou uma escada de metal que levava a uma abertura na parte de cima.

– Acho que destruíram mesmo – disse eu, admirando o espaço contemporâneo no topo das escadas. Paredes brancas se estendiam por uns seis metros até chegar em um teto de viga. Uma parede inteira era alinhada com tijolos e pequenas janelas envidraçadas com vista para a água. O piso parecia ser o original, mas as tábuas grossas acabaram de ser envernizadas. – Este lugar é incrível.

– Tive sorte em encontrá-lo – admitiu Jonathan.

Andei ao redor da pequena mesa preta colocada na frente de uma janela para que fosse possível enxergar alguns barcos balançando sobre a água lá embaixo. Do outro lado do cais havia um estaleiro onde mais barcos esperavam pelas temperaturas mais quentes antes de voltar para o mar.

– Quer beber alguma coisa? – perguntou Jonathan, da área da cozinha do estúdio. A cozinha era elegante, com tudo inoxidável e altos armários de madeira suspensos em cima de uma bancada de mármore.

– Não, estou bem.

Jonathan pegou uma cerveja na geladeira e a abriu. Ele se aproximou do aparelho de home theater que ficava em uma mesa preta comprida, encostada na parede. Encontrei um lugar no sofá que era perpendicular à cozinha e às janelas, e que oferecia uma visão perfeita da sala toda. O sofá bege era linear e tinha um design moderno, mas era mais confortável do que parecia.

Enquanto me afundava na almofada olhei para a plataforma suspensa aberta ao lado da parede da cozinha. Escadas de metal levavam para o que eu supus ser o quarto dele, mas era alto demais para ser visto deste ângulo.

O estúdio dele era tão... limpo. Eu não entendia por que ele se preocupava. Era quase limpo *demais*. Foi então que me ocorreu que não havia nada mais nele além de móveis. Não havia nenhuma obra de arte ou algum artigo de decoração. Não havia nada... pessoal.

– Há quanto tempo você mora aqui? – perguntei, pensando que talvez ele ainda estivesse arrumando o apartamento.

– Desde que me formei – disse Jonathan, procurando em seus downloads pela banda sobre a qual ele falara enquanto estávamos na piscina.

– Dois anos? – confirmei, olhando para a sala novamente.

– Mais ou menos isso – concordou ele. O som da guitarra acústica ecoava pela sala, seguido pela voz suave de uma mulher. – Eu sei. É bastante... simples. Eu não saberia nem como começar a decorá-lo.

– Você não tem nenhuma amiga que possa ajudá-lo?

– Descobri que ser amigo de mulheres acaba causando complicações. Por isso, não, não tenho.

– Complicações? – perguntei, curiosa.

– Sim. Alguém acaba querendo mais, e fica... *complicado* – explicou ele, encolhendo os ombros antes de tomar um gole da cerveja.

– Ah. – Balancei a cabeça demonstrando entendimento. – É, é verdade.

– Então, você já passou por isso? – Jonathan parecia interessado quando se sentou na cadeira ao lado do sofá.

– Em primeira mão? – Pensei por um momento, e então continuei: – Bem, sim. Foi isso o que aconteceu com Evan. Começamos como amigos, mas não foi suficiente. – Meu rosto esquentou enquanto eu pensava em nossa “amizade”.

– Tenho impressão de que vocês não eram *amigos* de verdade, mesmo no começo – observou ele, olhando para o meu rosto enrubescido.

Minhas bochechas ficaram mais quentes.

– Não, provavelmente não. Mas sei o que você quer dizer. Tem uma garota agora que ele considera como amiga, e ela, definitivamente, tem uma queda por ele. É, como você disse, complicado.

– Você não se importa com o fato de ele ser amigo de outras garotas, não é? Tipo, você é minha amiga – disse Jonathan.

– Não, não me importo. Mas você e eu somos diferentes – disse eu. – Nós *não* somos complicados.

Jonathan desafiou minhas palavras levantando suas sobrancelhas.

– Certo. Somos apenas bagunçados.

Eu ri e balancei a cabeça. Tirei meus sapatos e dobrei minhas pernas no sofá. Meu telefone tocou e eu o tirei do bolso: *Ainda na festa. Não quer vir? Está muito boa.*

Eu sorri ao ler a mensagem de Casey e respondi: *Não, obrigada.*

– Era a sua amiga? – perguntou Jonathan. – Você precisa ir embora?

– Não. Ela ainda está na festa.

– Que bom – respondeu ele, fazendo com que eu tirasse o olho do meu telefone. Ele colocou a garrafa de volta para evitar minha expressão curiosa.

– Eu gosto dessa banda – disse ele, comentando sobre a banda e deixando para trás o que acabara de dizer.

– O som é bom.

– Apenas um cara e uma garota – explicou Jonathan. – Eles são incríveis.

Suas vozes soavam em uníssono. Eu estava encantada pelas letras. Estávamos sentados em silêncio, deixando a música falar por nós. Fechei meus olhos, permitindo que a música tomasse conta de mim.

– Emma? – Jonathan me chamou. Abri meus olhos, que estavam mais pesados do que eu esperava. Eu devo ter cochilado. – Você está bem?

– Desculpe. – Balancei minha cabeça e me endireitei no sofá para espantar o sono. – Só estou cansada.

– É sério, você está bem? – perguntou ele de novo, analisando meu rosto atentamente.

Eu me afastei de seus profundos olhos castanhos e balancei a cabeça.

– Não tenho dormido muito.

– Nem se alimentado – Jonathan me censurou. Encolhi os ombros me sentindo culpada.

– Isso é tão óbvio assim?

– Ah, é – confirmou ele, balançando a cabeça com firmeza.

– Tem sido uma semana bem complicada. – Foi como consegui me defender.

– Isso é um eufemismo – disse ele, com um sorriso irônico. – Eu sei que dissemos que não falaríamos sobre isso, mas podemos falar, se você quiser. Eu realmente sinto muito por tudo o que aconteceu. Ainda sinto como se fosse minha culpa.

– Não é – afirmei. – Realmente não tinha nada a ver com faltar à escola e passar o dia com você. Na verdade tinha a ver com a verdade que eu não queria enxergar.

– Como assim?

– Ela não me ama. Ela nunca me amou. Não há nada que vá mudar isso um dia.

Jonathan não respondeu. Ficamos em silêncio por um tempo e então ele perguntou:

– E você? – Olhei para ele. Sua voz estava baixa e suave. – Como você se sente com relação a *ela*?

Deixei que os olhos dele procurassem pelos meus enquanto pensava na pergunta.

– Não sei. Sempre achei que a amava. Afinal, ela é minha mãe. Mas, eu não sei.

– E se você não pensasse nela como sua mãe? Apenas como uma pessoa que você conhece. Como você se sentiria com relação a ela? – perguntou ele.

– Eu não gostaria dela – respondi, sem hesitação. – Ela parece ser engraçada e legal por fora, mas quando você se aproxima dela você percebe que ela é egoísta e manipuladora. E também um pouco instável. Por isso acho que talvez... eu também não a ame. – Abaixei meus olhos depois do que falei. – Uau. Que confusão.

– Parece que esse é o nosso tópico inevitável – observou Jonathan, com um sorriso culpado. – Desculpe. Parece que não conseguimos evitar assuntos depressivos, não é?

– Acho que é porque nós dois conhecemos o assunto. Não é fácil falar sobre isso com outras pessoas porque elas não entendem. Elas não sabem como é ser odiada pelas pessoas que deveriam amar você. – Eu me afundei mais no sofá e permiti que a tristeza tomasse conta de mim, se aproveitando do meu cansaço. Pensei em ir embora, mas só precisava descansar um pouco. Deitei minha cabeça em meu braço.

– Qual é a sensação? – perguntou Jonathan, chamando-me de volta para encontrar seus olhos escuros. – Quero dizer, para você, qual é a sensação?

Respirei e soltei uma risada sem graça, permitindo que a sinceridade saísse pela minha boca.

– Eu me sinto estúpida.

– O quê? – perguntou Jonathan, alarmado. – Não entendo como você pode dizer isso.

Eu me concentrei em uma luz distante que via na água, tentando encontrar as palavras para explicar o que começava a ficar claro para mim depois de ter pensado incessantemente sobre o que eu fizera de errado nos últimos anos. Eu tinha que agradecer à minha mãe por esclarecer tudo para mim graças a seus surtos de sinceridade quando estava bêbada.

– Fechei meus olhos para a verdade. Eu não queria enxergar o que estava acontecendo, pois estava convencida de que podia lidar com o que quer que fosse. Acreditava que era forte o suficiente e que saberia quando não conseguisse enfrentar alguma situação. Mas, para realmente enxergar a verdade, preciso entender o quanto sou odiada. E quem quer pensar que merece tanta raiva? Quem merece ser tão desprezada, e ter alguém que deseja que você nunca tivesse existido? – Parei para respirar.

– Bloqueei tudo isso. Eu *escolhi* não enxergar. Eu nunca pedi ajuda. Eu até tentei convencer a todos de que não era um problema tão grande assim. Eles não sabem. Ninguém sabe realmente o quanto é ruim porque não deixei ninguém saber. – Parei e repeti: – Isso me torna estúpida.

Jonathan absorveu minhas palavras em silêncio. A exaustão tomou conta de mim e minha cabeça ficou tão pesada quanto meu coração. E me senti como se estivesse fora do meu corpo quando meus olhos começaram a se queimar por causa do cansaço.

– Como você faz isso? – perguntou Jonathan. Ele parecia bastante distante. Tentei me concentrar nele, mas não conseguia. – Como você consegue passar por isso?

– Não sentindo – murmurei, piscando pesado, embalada pelas vozes que cantavam no ambiente. Não foi difícil explicar já que eu havia feito isso com tanta facilidade durante todos aqueles anos que vivi com Carol. – Bloqueei tudo. E acho que se algo é realmente ruim, bloqueio completamente. Eu não tinha percebido que eu fazia isso até minha mãe me mostrar o que eu tinha esquecido.

Fechei meus olhos.

– Ela pensa que sou forte porque posso empurrar tudo para a escuridão. Mas isso me deixa vazia. E a escuridão sempre acaba me encontrando em meus sonhos.

Senti o peso de um cobertor sendo colocado em cima de mim. Abri meus olhos e o vi debruçado na mesa de café que estava na minha frente. Ele sorriu delicadamente, segurando um travesseiro em suas mãos. Eu me levantei o suficiente para que ele colocasse o travesseiro embaixo da minha cabeça e me deitei de novo.

– Desculpe – sussurrei, meus olhos se fechavam novamente. – Estou tão cansada.

– Eu sei – respondeu ele. – Você pode dormir aqui se quiser.

– Só vou descansar um pouco antes de ir – murmurei, piscando. Meus olhos estavam tão pesados que quase sentia dor para mantê-los abertos. Jonathan se levantou.

– Jonathan?

Ele se agachou na minha frente.

– Sim, Emma.

– Você acha que vai amar de novo? – murmurei, sem tentar brigar mais com meus olhos.

– Acho que sim – sussurrou ele, tirando o cabelo do meu rosto. Tremi ao sentir seu toque. – Eu encontro você em meus sonhos.

Abri meus olhos pela última vez e o vi saindo da sala.

– O que você disse?

– Disse que vejo você pela manhã. Durma um pouco.

– Só vou descansar um pouco – falei arrastado e fechei meus olhos de novo. Não conseguiria mantê-los abertos mesmo que eu quisesse.

Meus gritos ainda ecoavam pela sala quando me sentei, em pânico, tentando respirar.

– Emma? – Jonathan me chamou. O barulho das escadas de metal ecoava alto na escuridão. Levei um tempo para enxergá-lo quando ele se agachou na minha frente. – Está tudo bem. Foi só um sonho.

Balancei a cabeça e meus lábios tremeram.

– Não consigo mais passar por isso – disse eu, com meus olhos cheios de lágrimas. Estava exausta demais e muito mexida para segurar minhas lágrimas. – Estou tão cansada.

– Eu sei – disse Jonathan, suavemente, sentando-se ao meu lado no sofá e passando a mão em meu ombro.

Soltei uma respiração trêmula e limpei meus olhos com a manga da minha camisa.

– Não sei como acabar com isso. – As sobrancelhas de Jonathan se curvaram demonstrando empatia.

– Você pode, por favor, pegar um copo de água para mim? – pedi, para tentar me recuperar do meu colapso emocional.

Jonathan balançou a cabeça e se levantou para pegá-lo. Eu me sentei enrolada no cobertor e respirei fundo para tentar diminuir minha tremedeira. Ele acendeu as luzes que ficavam acima da ilha da cozinha e aquela claridade foi suficiente para que eu olhasse para os lados.

– Onde fica a sua televisão? – perguntei, quando não encontrei a minha distração pós-pesadelo.

– Ah, fica no meu quarto. – Ele apontou com a cabeça para o espaço lá no canto. – Você precisa de alguma coisa para refrescar a cabeça? – disse ele.

– De qualquer coisa – implorei. – Não posso mais ficar pensando nela tentando me matar.

– Você não pode deixá-la controlar você. Emma, você é mais forte do que isso. Você só precisa acreditar nisso. – Ele me deu o copo de água e sentou-se ao meu lado. – Você sabe o que aconteceu naquela noite? Ou você bloqueou essa lembrança também?

– Eu morri – respondi, abruptamente. – Por isso não faço a menor ideia do que aconteceu.

Senti o calor de sua mão cobrir a minha. A força de sua mão em volta da minha mão fina me confortou, mas também fez meu coração acelerar. Afastei minha mão da dele para segurar o copo com as duas mãos. Ele fingiu não perceber.

– Emma – ele me chamou, fazendo com que eu olhasse para ele enquanto tomava um gole da água. – Você quer dormir melhor?

Franzi meus olhos com cautela.

– O que você está tramando?

– Você confia em mim?

– Você vai tentar me curar de novo? – perguntei, sem acreditar.

– Sim. – Ele sorriu. – Acho que isso deve funcionar, ou pelo menos deve ajudar. Posso tentar?

Parei por um momento para pensar no assunto. Os olhos de Jonathan estavam arregalados e imploravam para que eu confiasse nele. Suspirei me sentindo derrotada e ameaçada:

– Se não funcionar, juro que vou acordar você todas as noites em que não conseguir dormir.

– Consigo lidar com isso. – Ele sorriu triunfante. – Pegue seu casaco.

– O quê? – perguntei, alarmada. – Vamos sair?

– Você achou que eu tentaria hipnotizar ou algo assim? – Riu ele.

Suspirei resignada e calcei meus sapatos enquanto ele jogou a jaqueta para mim.

– Então, como está indo o seu treino de triathlon? – perguntei, quebrando o silêncio tenso que tomara conta de nós quando entramos na caminhonete.

– Você está falando sério? – Riu Jonathan sem acreditar no que eu estava perguntando para ele.

– Bem, preciso falar sobre *alguma coisa* – eu me defendi com um gemido. – Pelo que vejo, estamos voltando para Weslyn. E, se estamos indo para onde eu penso que estamos indo, então é melhor começarmos a conversar antes que eu obrigue você a voltar.

– O treino está ótimo – falou Jonathan. – Não tenho andado de bicicleta ultimamente porque o tempo está ruim, mas por enquanto...

– Certo. Isso não está ajudando – interrompi, olhando para ele tentando me desculpar. – Desculpe. Quero muito ouvir sobre o seu treino, mas estou prestes a ter um ataque do coração, ou um ataque de ansiedade, ou algo parecido.

– Respire, Emma – pediu ele. – Devagar, respire fundo. Apenas respire.

Tentei me lembrar de como respirar. Meu coração continuava a se convulsionar, e o ato de respirar tornava-se cada vez mais desafiador.

– Espere. – De repente percebi. – Como você sabe para onde deve ir?

Achei ter ouvido ele rir.

– Não é difícil descobrir as coisas em Weslyn. Só é preciso perguntar, e as pessoas falam. Não se preocupe. Não vai acontecer nada com você – assegurou ele. – Eu prometo.

Enfiei meu rosto em minhas mãos enquanto o mundo girava sem controle à minha volta. Não consegui olhar para o caminho que estávamos percorrendo. Quanto mais nos aproximávamos do lugar mais eu tinha que lutar contra minha vontade de pular da caminhonete.

– Vamos lá, Emma. – Eu estava tão envolvida na minha ansiedade que nem percebi que o carro havia parado.

– Não consigo – choraminguei, sem conseguir descobrir meu rosto.

– Consegue sim – respondeu ele. – Estou aqui. Nada vai acontecer.

Quando abaixei minhas mãos percebi que elas estavam tremendo. Mantive meus olhos fechados e tentei controlar o pânico que tomava conta de mim.

– Acho que não consigo descer.

Ele abriu e fechou a porta do motorista. Fiquei dentro da cabine escura, paralisada. Minha porta se abriu e sua mão quente envolveu a minha.

– Você consegue fazer isso.

Abri meus olhos e olhei para os olhos dele.

– Vamos lá, Emma. – Eu me concentrei em seu rosto. Ele era tão seguro e confiante. Segurei forte na mão dele como se fosse uma corda salva-vidas. De repente me senti tão pequena.

– Apenas olhe para mim – encorajou ele, enquanto eu descia da caminhonete. – Continue olhando para mim.

Balancei a cabeça sem conseguir encontrar minha voz. Continuei a olhar para ele, seus olhos me encorajavam a cada passo que eu dava.

– Certo, feche seus olhos – ele me aconselhou. – Vou virar você para lá. – Meus joelhos se dobraram, mas ele me manteve em pé, com suas mãos segurando meus ombros.

– Por que estamos fazendo isso? – sussurrei, sentindo o calor das lágrimas no meu rosto.

– Porque consigo dormir – respondeu Jonathan, suavemente em meu ouvido, ainda me segurando em pé.

– O quê? – As palavras dele desviaram minha atenção da ansiedade, e inclinei minha cabeça em direção a ele. – O que você disse?

– Não sei se foi o fato de enfrentar ou de dividir com você, mas tenho dormido a noite toda. E quero que você consiga dormir também. – Ele passou gentilmente seu dedo pelo meu rosto para limpar minhas lágrimas. – Vamos lá, olhe.

Relutante desviei meus olhos do rosto dele para a casa que estava na minha frente. Parecia que tinha uma pedra apertando meu peito. Eu me encostei nele.

– Foi aqui que aconteceu – disse ele, sussurrando e passando o braço em volta do meu ombro. – Foi aqui que você morreu.

Balancei a cabeça sem conseguir enxergar claramente por causa das lágrimas.

– Agora você se lembra?

Pisquei para tirar as lágrimas dos meus olhos e olhei para o terreno cinza submerso nas sombras das árvores das casas vizinhas. Uma placa de À Venda estava pendurada no minúsculo quintal da frente. Parecia tão menor do que eu me lembrava. Eu me perdi olhando as janelas escuras. Tanta dor jazia por trás delas.

– Onde foi que aconteceu? – perguntou ele, com a voz fraca como se fosse um sussurro ecoando em minha cabeça.

– No meu quarto – respondi, olhando para a lateral da casa. Jonathan pegou minha mão e me levou mais para perto. Meu pulso se acelerava a cada passo que eu dava. Ele me conduziu ao longo da cerca de madeira que limitava o quintal do vizinho.

– Onde? – perguntou ele de novo.

Apontei para a segunda janela.

– Aqui. – Tremi embaixo da janela de molduras brancas. A voz dela estava nervosa lá do outro lado: “Não vou perder minha família por causa de você”, tremi.

– Emma, o que aconteceu com você? – perguntou ele, sem me deixar sair dali.

Fui engolida pelo meu pesadelo enquanto olhava para a escuridão. *“Lutando contra o que estava preso em volta dos meus pulsos”.*

– Eu não conseguia me mexer – murmurei. *“O tecido no meu rosto”.*

– E eu não conseguia enxergar. – O braço de Jonathan se apertava em volta de mim. *“Eu tentava lutar com o peso dela”.*

– Tentei sair dali, mas não consegui. Então... senti as mãos dela...

– Sem perceber toquei meu pescoço, ainda sentindo suas presas geladas. Eu me encolhi. – Lutei tanto. – Havia... dor. Respirei rapidamente enquanto aquilo corria pelo meu corpo. – Meu tornozelo... – Cerrei meus olhos. *“Batidas e gritos abafados”.*

– Mas então eu simplesmente... simplesmente desisti.

Abaixei com um suspiro e as lágrimas escorreram sobre o meu nariz.

– Mas você não fez isso, Emma. Você não desistiu. Você está aqui.

– Não quero mais ficar aqui – sussurrei.

– Certo – disse ele. Seus lábios estavam próximos da minha orelha. – Certo. Vamos embora.

Saí dali sem olhar para ele, e ele me deixou ir. Voltei para a caminhonete com a cabeça abaixada, tentando me livrar da pressão esmagadora no meu peito. Eu havia acabado de entrar em um dos meus pesadelos. E lutava com todas as minhas forças para sair dele.



38. Encobrindo

– Bom dia – disse Jonathan, sorrindo sentado na cadeira à minha frente, com um cobertor em seu colo. – Você dormiu.

Respirei e pisquei.

– Você passou a noite toda aí?

– Você quer dizer a manhã toda? – brincou ele. – Mas você dormiu.

– Você não dormiu? – perguntei, enquanto me sentava. O cansaço ainda estava ali apesar das poucas horas de sono que tive.

Jonathan encolheu os ombros sem responder, mas continuou com um sorriso maroto no rosto.

– Ah, não comece a achar que você me curou, ou que fez algo parecido – disse eu, ao perceber, de repente, o que estava por trás daquele sorriso. – O fato de eu ter dormido por algumas horas não significa que os pesadelos foram embora. Vamos ver se você merece o reconhecimento quando eu for para a cama hoje à noite. Além disso, não tenho pesadelos *todas* as noites, e você sabe disso.

– Você *realmente* é boa na questão da negação, não é? – Ele riu.

– Você não faz a menor ideia do que está acontecendo até que você não consiga mais ignorar o fato.

– É – bufei. – Eu *adoro* ficar acordada à noite, e só quero provar que você está errado.

– Esta não era minha intenção. – Ele sorriu ainda mais, mas antes que eu pudesse questioná-lo ele se levantou e deixou o cobertor na cadeira. – Você está com fome? Tenho... cereal.

– Obrigada, mas preciso ir para a casa da Casey – respondi, me levantando para esticar minhas pernas. Meus braços estavam

levantados acima de mim e eu sentia dor no pescoço e nas costas. – Seu sofá não é um dos lugares mais confortáveis para se dormir.

– Ele não foi feito para se dormir. Eu ofereci a cama para você. – Ele deu de ombros. Eu não respondi. Não tinha me sentido muito confortável com aquela oferta.

Peguei meu telefone e calcei meus sapatos. Olhei para as mensagens de texto de Casey e para a resposta que, na verdade, não tinha sido minha.

– Obrigada por mandar a mensagem para Casey em meu nome, na noite passada.

– Não queria que ela se preocupasse – respondeu ele, colocando o cereal em uma tigela. – Ela achou que era você. Acho que você não precisa contar para ela onde você estava.

Balancei a cabeça sem saber ao certo como acabaria dando aquela explicação de qualquer maneira. Ainda não sabia o que falaria se ela perguntasse. Mas então, de novo, Casey não era do tipo curioso. Por isso, esperava não precisar passar pelo interrogatório.

– Preciso passar na casa de Rachel para pegar minha camisa para o jogo de amanhã – eu me lembrei, em voz alta, com um resmungo enquanto colocava meu casaco.

Jonathan parou, parecendo preocupado.

– Não se preocupe – tranquilizei-o. – Ela deve estar no trabalho a uma hora dessas. E, por falar nisso, você não vai se atrasar?

– Vou trabalhar de casa hoje – explicou ele. – Você tem jogo amanhã?

– Sim.

– Tudo bem se eu for assistir? Nunca vi você jogando e eu também queria entender sobre essa bolsa de estudos.

– Ah, claro – respondi. – Eu mando uma mensagem para você saber onde vai ser o jogo. Não consigo lembrar o endereço agora.

– Ótimo. Obrigado.

Eu já estava indo embora quando ele chamou:

– Emma. – Parei.

Jonathan se encostou com as costas na ilha. Seu cabelo escuro estava bagunçado, mas da maneira como os cachos se formavam,

parecia que aquela aparência era proposital. Sua camiseta amassada estava grudada em seu corpo, e escondia seus fortes músculos embaixo dela. Ao observar sua postura no balcão eu conseguia vê-lo em uma revista, e entendi porque ele chamava tanta atenção.

– Eu gosto disso – confessou ele. – De nós. Nós dois conseguindo conversar. Nunca consegui conversar com ninguém antes. Nem mesmo com... Sadie. E eu precisava disso... de você. E agora você está aqui e, bem... obrigado.

Um arrepio passou pelo meu corpo quando me vi presa nas profundezas de seus olhos. Pisquei e balancei a cabeça.

– Também gosto disso. – Minha voz pareceu baixa e trêmula quando o calor se espalhou pelo meu rosto.

Jonathan sorriu.

– Até amanhã, então.

– É – respondi, com um leve sorriso. De repente eu não tinha mais certeza de que ele vir me ver jogar era uma boa ideia. Algo parecia diferente nesta manhã. Era como se a minha vulnerabilidade da noite passada tivesse permitido que ele se aproximasse demais de mim. Mais do que ele já havia se aproximado. – Até amanhã.

Quando virei na Rua Decatur, diminuí a velocidade só para garantir. Parei abruptamente quando vi o carro dela na garagem e rapidamente dei ré. Bufei frustrada enquanto dava ré, pois sabia que precisava da minha camisa para o jogo de amanhã. Mas a última coisa que queria era um outro confronto, ou uma conversa *surreal* na qual ela fingiria que não havia nada errado.

Como eu esperava, Casey não estava curiosa para saber onde eu passara a noite. Em vez de me perguntar sobre isso ela começou a me contar sobre a festa maravilhosa que eu perdera. Eu havia dormido apenas algumas horas no sofá de Jonathan e passei a maior parte do dia bastante aérea. Mas ela não pareceu perceber.

Tinha a intenção de voltar à casa de Rachel naquela noite, esperando que ela tivesse saído para fazer o que ela mais sabia em uma sexta-feira à noite, mas não cheguei a ir até lá.

– Emma, você pode dormir no quarto de hóspedes – a voz de Casey entrou na minha cabeça. Abri meus olhos e a encontrei em pé

em cima de mim. O filme ainda estava passando na tela.

– Desculpe – disse eu. – Estou patética hoje, eu sei. Só estou bastante cansada.

– Tudo bem – respondeu Casey. – Não esperava que fôssemos a uma festa ou algo assim. Além disso, também estou bastante cansada por causa da festa de ontem à noite. Vejo você pela manhã?

– Sim – eu disse a ela, me arrastando até o quarto de hóspedes. Meu telefone tocou quando estava quase entrando embaixo das cobertas. Não olhei para ver quem estava ligando antes de atender.

– Alô?!

– Oi – disse Evan, do outro lado. Meu coração deu um salto quando ouvi sua voz.

– Oi – respondi, aliviada e feliz. – Como vai você?

– Bem – respondeu ele, parecendo um pouco surpreso. Talvez eu parecesse um pouco feliz *demais* por estar ouvindo a voz dele. – Estou no aeroporto de Los Angeles esperando minha conexão e queria ouvir sua voz. Tem sido realmente difícil não falar com você.

– Você não faz ideia o quanto. – Soltei o ar. – Quando você chega?

– Amanhã à tarde. Posso ver você? Vou direto do aeroporto para a sua casa.

– Ah, por que não nos encontramos na sua casa? Seus pais estarão por lá?

– Talvez minha mãe esteja – disse ele, pensativo. – Não acho que meu pai estará por lá. Ela disse que ele tinha uma reunião em Washington. Então encontro você na minha casa. Devo chegar lá entre duas e meia, três horas.

– Perfeito. – Eu sorri.

– Eu devia ter ligado, Emma. Desculpe – acrescentou ele, rapidamente. O arrependimento em sua voz fez meu pulso se acelerar.

– Você precisava de um tempo – disse eu, rapidamente. – Eu mereci.

– Não. Eu devia ter telefonado para você. Não foi certo fazer isso com você. Vejo você amanhã, certo?

Quando desliguei o telefone estava repleta de euforia e medo. Sentia tanto a falta dele que chegava a doer, mas eu sabia o que aconteceria quando nos encontrássemos, e eu queria que tudo isso já tivesse acabado. Eu não poderia passar ilesa pelo inevitável, e por isso aceitei que teríamos uma conversa longa e difícil e então caí na cama. A exaustão me puxou para um sono sem sonhos.

Saí um pouco mais cedo para o jogo para que pudesse passar na casa de Rachel e pegar minha camisa. Bati meus dedos ansiosamente no volante durante todo o caminho, torcendo para que ela tivesse passado a noite na casa *dele*, quem quer que ele fosse.

– Merda – resmunguei, quando vi os dois carros na garagem. Parei na rua e fechei meus olhos enquanto segurava no volante. Eu me concentrei em entrar correndo para pegar minha camisa e sair e nem me preocupei em tirar as chaves do carro da ignição. Não daria atenção a ela caso dissesse alguma coisa para mim.

Meu coração batia acelerado quando me aproximei da porta da frente. Hesitei antes de abri-la, pensando ter ouvido um grito. Como não ouvi outro grito, resolvi entrar.

Seus gritos agonizantes tiraram o ar dos meus pulmões. Olhei horrorizada para o homem enorme batendo com o punho no lado da minha mãe enquanto ela se encolhia no chão na frente do sofá, com as mãos sobre a cabeça. Ela gritava de dor com cada golpe, e tentava se encolher para que ele errasse o golpe, sem ter para onde ir.

– O que você está fazendo? – gritei, sem pensar em nada a não ser em fazer com que ele parasse, apesar do fato de ele ser bem maior que eu e parecer bravo o suficiente para acabar com um touro.

– Isso não é da sua conta – respondeu o rapaz, para mim. – Saia daqui.

– Emily – minha mãe me chamou. Ela tentou se levantar apoiando-se na mesa. Fiquei chocada ao ver o sangue escorrendo

pelo nariz dela e o inchaço em volta de seu olho direito.

Ele não ia deixá-la sair dali. Ele se virou para ela enquanto ela tentava ficar em pé, cambaleando. Ele levantou seu punho ensanguentado no momento em que gritei:

– Não! – A batida fez minha mãe girar, e ela caiu em cima da mesa. A mesa quebrou com o impacto. Seu corpo não se mexia. Estava estranhamente espalhado pela madeira estilhaçada.

Ele se virou para me pegar enquanto eu corri até ela e me tirou de seu caminho sem precisar de esforço nenhum. Eu caí de lado e resmunguei.

– Você quer se meter nisso? – o rapaz me ameaçou. Eu me encolhi no chão. Ele rosnou para mim ao respirar pesado com as narinas dilatadas. Seus olhos pretos ameaçaram penetrarem-se em mim. – Então você vai se machucar, garotinha. Isso é entre Rachel e eu, por isso só vou avisá-la uma última vez. Fique fora disso.

Fiquei tensa, esperando que ele me acertasse. Mas ele passou por mim e saiu batendo a porta. Fiquei de joelhos e me arrastei até a mesa quebrada, onde minha mãe começava a gemer.

– Mãe? – chamei, com lágrimas nos meus olhos. – Você está me ouvindo? – Ela gemeu mais alto e abriu seu olho bom.

– Emily? Ele foi embora?

– Sim. Ele foi embora – assegurei-a, ajudando-a a se levantar. Ela choramingava com qualquer movimento. – Você consegue se levantar? Precisamos ir para o hospital.

– Acho que quebrei meu punho – disse ela, segurando o punho esquerdo, aquele que ela havia usado para amortecer sua queda.

– Calma – disse eu, delicadamente. Minha voz estava firme e eu a ajudei a se sentar, mas meu corpo todo estava tremendo.

– Sinto muito – disse ela, com as lágrimas escorrendo pelo seu rosto. – Sinto muito mesmo.

Eu a consolei, dispensando seus apelos.

– Agora vamos ver se você consegue se levantar. – Eu a segurei por baixo do braço e a ajudei a se levantar.

Ela chorava descontroladamente quando chegamos no carro. Respirei fundo quando me sentei no banco do motorista e tentei me

lembrar do caminho para o hospital. Precisava me acalmar para conseguir pensar com clareza.

– Tudo bem – respirei e falei comigo mesma. – Tudo vai ficar bem. – Virei meus olhos para minha mãe, que estava desesperada, e falei mais alto para que ela ouvisse: – Tudo vai ficar bem.

Seus gritos se transformaram em respirações e fungadas ao nos aproximarmos do hospital.

– Como você está? – perguntei, com medo de tirar meus olhos da rodovia, grudada ao volante.

– Sinto muito – ela chorou de novo.

– Tudo bem – dispensei seu pedido de desculpa ansiosamente. – Mas, como você está? Você consegue enxergar com esse olho? Tem mais algum lugar doendo?

– Acho que vou ficar bem – murmurou ela, limpando o sangue do rosto com a manga da camisa.

– Quem era aquele cara? – perguntei, agora que ela começava a soar um pouco mais coerente.

Ela apenas sacudiu a cabeça.

– Rachel – exigi que ela respondesse. – Quem era aquele cara? Por que ele fez isso com você?

Conseguí ouvi-la engolir e depois soltar o ar tremendo.

– Eu devo dinheiro para ele – sussurrou ela. Franzi minha testa.

– Por quê? – Ela não respondeu. Eu não perguntei de novo.

Tentei me lembrar se saberia descrevê-lo quando o policial me perguntasse. Além de ser grande e de ter uma aparência desprezível, não conseguia me lembrar de nenhuma característica de seu rosto. E então eu entendi. Havia apenas uma razão para minha mãe dever dinheiro para um cara como esse.

– Ele é o traficante – concluí em voz alta. Rachel continuou em silêncio. Não conseguia nem mesmo olhar para ela. Cerrei meus dentes e olhei para a rodovia enquanto a raiva crescia em minha garganta, apertando cada músculo do meu corpo.

Quando chegamos à entrada do pronto-socorro eu exigi:

– Me dê seu telefone.

– O quê? – respondeu ela. – Por quê?

– Vou telefonar para Sharon vir buscar você – disse a ela. Minha voz saiu alta por causa da minha raiva. – Talvez você deva mesmo ficar com ela até conseguir consertar toda essa bagunça.

– Emily – pediu ela, desesperadamente. – Por favor, não vá embora.

– Eu não vou ficar aqui com você – disse eu, friamente, sem conseguir olhar para ela. – Vou voltar para a casa para pegar algumas roupas para você e vou deixar a sacola na varanda para Sharon passar lá e pegar.

– Não faça isso – ela soluçou. – Não diga nada, está bem?

Eu me virei para ela com meu rosto enojado. Não podia acreditar que ela estava realmente me pedindo para mentir por ela. Sacudi minha cabeça sem acreditar.

– Por favor – implorou ela. – Vou dizer a eles apenas que fui roubada e que ele fugiu antes que pudesse vê-lo. – Seu olho estava praticamente fechado de tão inchado, e o sangue que saiu do nariz dela estava coagulado. O olho bom dela continuava a derramar lágrimas enquanto ela soluçava e tentava respirar. Ela estava horrível. Mas não consegui ter pena dela. Enquanto ela tagarelava na minha frente, pedindo desesperada para que eu a protegesse com mais uma de suas mentiras, senti raiva dela.

Eu disse, com os dentes cerrados:

– Não se preocupe. Não vou contar para a polícia que o traficante bateu em você porque você deve dinheiro a ele. Não é da minha conta, lembra?

Ela soluçou e se virou para o outro lado, saiu com cuidado do carro e deixou o telefone no banco. Assim que a porta se fechou eu saí sem nem olhar para trás.

O impacto do que tinha acontecido me atingiu quando me virei na rua principal, e pressionei meus lábios para que não tremessem. A raiva me impediu de chorar, mas meu corpo tremia apesar dos meus esforços para que isso não acontecesse.

Parei numa rua residencial e peguei o telefone dela com a mão trêmula. Depois de ter deixado uma mensagem para Sharon o meu telefone tocou.

Respirei fundo antes de atender.

– Emma? – disse Jonathan, quando atendi ao telefone com a voz tensa. – Você está bem? Onde você está?

Fechei meus olhos e fiz uma careta. Ele estava no meu jogo de futebol.

– Ah... precisava pegar minha camisa. – tentei explicar, com a voz embargada.

– O que aconteceu? – perguntou ele, imediatamente. – Emma, onde você está?

– Precisei levar Rachel para o hospital – disse a ele, tentando manter a calma. – Jonathan... – Pressionei meus lábios. A raiva assumia seu lugar e estava quase perdendo o controle. Respirei pelo nariz para afastar as lágrimas.

– Você está bem?

– Sim. – Expirei, respirei fundo novamente e então expliquei: – Havia um cara na casa procurando por dinheiro. Ele bateu muito nela.

– O quê? – Jonathan praticamente gritou. – Ele machucou você?

– Não, eu estou bem. Mas ela está péssima. – Mordi meus lábios trêmulos e as lágrimas começaram a cair.

– Onde você está agora? – perguntou ele. – Estou a caminho de Weslyn. Onde você está?

– Eu vou voltar para a casa dela – expliquei. – Preciso pegar algumas roupas para que ela possa ficar na casa de Sharon.

– Emma, acho que você não deve voltar lá.

– Ele foi embora – disse a ele, secando meu rosto.

– Não entre na casa até eu chegar lá – ele me disse, com firmeza antes de desligar o telefone.

Voltei à estrada e tentei controlar os nervos que estavam agitados dentro de mim colocando tudo para fora, como eu sabia fazer tão bem. Quando parei na garagem estava anestesiada, mas focada. Jonathan ainda não havia chegado.

A porta da frente ainda estava aberta por causa da nossa saída apressada. Olhei pela rua procurando por carros, mas não havia nenhum à vista. Estava certa de que o traficante não voltaria.

Andei até a porta do quarto dela e fiquei parada no vestíbulo tentando ouvir alguma coisa. A casa permanecia em silêncio, e por

isso subi as escadas. Estava quase entrando no quarto dela quando achei ter ouvido uma tábua ranger. Meu coração parou de bater. Eu me virei em direção às escadas, mas não havia ninguém ali.

Soltei o ar quando percebi que segurava minha respiração, e continuei caminhando em direção ao quarto dela. Pelo canto dos meus olhos vi a porta do meu quarto aberta, e congelei. Algo estava errado. Eu me virei para trás, meu coração estava disparado. No chão do meu quarto havia uma pequena caixa de presentes azul. A caixa onde estava o colar que Evan havia me dado. O colar deveria estar guardado embaixo das minhas roupas na minha gaveta mais de cima.

Ele *havia* voltado.

Corri até o corredor. Eu estava sacudindo minha cabeça, dizendo “Não, não, não, não” quando trombei no peito dele. Balançando para trás, saí com cuidado enquanto ele continuou a sair do meu quarto. No rosto ele tinha um sorriso sarcástico. Arregalei meus olhos com medo de que ele me machucasse, assim como fizera com minha mãe. Meu coração batia com força dentro do meu peito e eu me abracei para sair correndo. Foi então que vi o colar na mão dele.

– Ah, não – gritei. Sem pensar nas consequências avancei em direção a ele e tentei alcançar o colar. Ele segurou minha mão antes que eu pudesse tocá-lo, e me jogou para longe.

– Você devia ter ouvido – resmungou ele. O olhar endurecido em seus olhos escuros me deixaram arrepiada por inteiro. Eu conhecia aquele olhar. Instintivamente comecei a levantar minhas mãos para me proteger, mas o golpe me jogou no chão. A dor inundou minha mandíbula e meus olhos se encheram de pontinhos pretos.

Eu me levantei tentando me concentrar, sentindo necessidade de alcançá-lo antes que ele conseguisse chegar às escadas. Puxei suas mãos. Ele se virou para mim, deixando o colar fora do meu alcance, e disse:

– Sua vaquinha. Que merda está passando pela sua cabeça?

– Você não pode ficar com ele – gritei. – Por favor, eu pago você. Mas você não pode tirar esse colar de mim.

Ele riu e me empurrou com força. Bati na parede e gemi.

– Quem você pensa que é? – zombou ele. Ele girou o braço e me golpeou na cabeça, derrubando-me de joelhos no chão. Minha cabeça doía, mas tentei ficar em pé novamente. Antes que conseguisse me levantar as botas dele esmagaram minhas costelas.

Eu gritei e caí no chão com meus braços em volta de mim quando me curvei, sem conseguir respirar.

– Emma! – Ouvi no pé da escada.

Não consegui encontrar minha voz para avisá-lo, para mandá-lo embora. Imóvel em minha posição curvada no chão, ouvi brigas e grunhidos. Eu me virei e vi Jonathan empurrando o cara contra a parede e enfiando seu punho no estômago dele. O cara se curvou.

Usei a parede para me ajudar e me encostei nela com um braço protegendo minhas costelas. Respirar era agonizante. Eu queria gritar, mas só consegui suspirar entre as respirações. Procurei por meu telefone, mas ele não estava no meu bolso. Procurei por ele no chão, mas não consegui encontrá-lo.

O brilho do diamante chamou minha atenção para as tábuas no chão, próximo aos meus pés. Passei meus dedos pelo colar e ele grudou com força no meu pulso quando apertei a pedra com a palma da minha mão.

Jonathan deu um soco na cabeça do rapaz, fazendo com que ele cambaleasse para trás. Antes que ele conseguisse se equilibrar novamente, Jonathan deu outro soco em seu queixo, e o rapaz cambaleou, caindo com força no chão. Jonathan ficou segurando na camisa dele, levantando-o e socando o seu rosto. Os braços do cara ficaram inertes ao lado do corpo, mas Jonathan foi implacável e continuou batendo nele.

– Jonathan! – gritei, quando o sangue começou a jorrar no rosto do homem. Os tendões do pescoço de Jonathan estavam esticados enquanto ele continuava a golpear o rosto mutilado. Saía sangue da boca e do nariz do homem. A raiva dele era insaciável.

Cambaleei e agarrei o braço que estava segurando o homem.

– Jonathan!

O rosto de Jonathan estava transtornado. Seus olhos estavam escuros e ferozes. Não o reconheci com seus lábios fechados com força, carregados de ódio. Tropecei para trás, inalando com força.

Levou um tempo para ele se concentrar em mim. Levou um tempo para que seus olhos se suavizassem. A pedra se desintegrou, mas já era tarde demais. Fiquei em pé, boquiaberta, com aversão. Seu rosto se contorceu dolorosamente quando ele viu minha expressão de horror.

Jonathan deitou o homem no chão devagar e se levantou, sem tirar os olhos de mim.

– Emma – disse ele, desolado. Sacudi minha cabeça sem conseguir entender o que acabara de presenciar. Dei um passo para trás e fiquei olhando para a figura irreconhecível no chão. Ele não estava se mexendo. Eu não sabia nem dizer se ele estava respirando. Seu rosto estava deformado e encharcado de sangue. Ele não parecia um ser humano.

– Emma, olhe para mim – disse Jonathan, com calma. Ele não estava mais transtornado. – Não olhe para ele, olhe para mim.

Desviei meus olhos do rosto ensanguentado e olhei para Jonathan.

– Emma, continue olhando para mim. Você está bem?

Ele se mexeu para tocar meu rosto.

– Seu rosto. – Eu me movi para trás bruscamente, forçando-o a tirar sua mão coberta de sangue do meu rosto. Sem perceber levei minha mão até minha boca e estremeci com o toque dele. Quando o afastei de mim, meus dedos estavam cobertos de sangue. Primeiro não tive certeza se era o meu sangue. Mas então senti o gosto do sangue na minha boca. Passei minha língua no corte que fora feito dentro do meu lábio, com meu próprio dente.

Estava anestesiada demais pelo choque e não conseguia sentir a dor. Tudo se movia devagar. Não conseguia pensar. Eu não conseguia respirar. Apenas fiquei em pé naquele lugar, olhando para o rosto preocupado e sujo de sangue.

– Ele está... – Comecei a falar, mas não consegui terminar a pergunta. Meus olhos se voltaram novamente para o sangue que cobria o chão.

– Não olhe para ele. – Jonathan deu um passo em direção a ele para bloquear minha visão. Ele me ajudou a chegar nas escadas com os braços estendidos, sem me tocar.

– O que você fez? – A intensidade em seu rosto endurecido brilhava na minha frente, e eu estremeci. – Você parecia tão... bravo.

– Sinto muito por você ter presenciado tudo isso. Mas ele a machucou. E eu nunca vou deixar ninguém machucar você. – Havia uma tranquilidade em sua voz. – Sente-se aqui.

Segurei no corrimão e me sentei devagar no último degrau. Eu ainda estava atordoada e não conseguia formular um pensamento coerente. Continuei a ver o rosto do homem explodir e a sentir os respingos de sangue no meu rosto. Mas o que realmente me incomodava era a imagem de Jonathan, tão fria e rígida tomada pela fúria. Limpei o sangue que secava no meu rosto com as costas da minha mão.

Jonathan se sentou ao meu lado e limpou meu rosto com uma toalha molhada. Olhei para ele confusa. Seu rosto estava limpo e suave. Ele parecia calmo e alerta, embora ficasse me observando desconfortavelmente, como se tivesse medo de que eu me quebrasse ao meio.

Fiz um movimento para trás com uma respiração rápida por causa do toque da toalha molhada na minha boca.

– Vamos colocar um pouco de gelo aí quando voltarmos. – Seus olhos marrons se encontraram com os meus, e ele falou comigo suavemente. – Fique só sentada aqui e olhe para a frente, certo?

Balancei a cabeça. Isso não parecia real. Comecei a me perguntar se estava sonhando. Não conseguia me mexer. Isso só podia ser um sonho. Mas então a dor atravessou minhas costelas, e um lado do meu rosto começou a latejar. O gosto do sangue escorreu pela minha língua.

Ouvi Jonathan virar o corpo inconsciente e então o barulho das chaves. Mantive meus olhos fechados enquanto Jonathan passou por mim descendo as escadas. Minha barriga inteira gritava de dor sempre que eu tentava respirar. Deixei a agonia contorcer dentro de mim, precisando desesperadamente manter meus pés no chão.

– Emma – gritou Jonathan, me chamando de volta para minha realidade torturante. Abri meus olhos e o vi ao meu lado. – Preciso que você vá para o seu carro. Você vai me seguir, certo?

Observei seu rosto calmo, que devagar tornava-se mais alerta.

– Para onde vamos?

– Não se preocupe com nada. Você só precisa me seguir. – Seus olhos escuros suplicaram para que eu confiasse nele, e balancei minha cabeça.

Eu me levantei e respirei com dor.

– Você está bem? – perguntou ele, preocupado, colocando sua mão em meu braço para me ajudar. – Você está muito machucada?

– Vou ficar bem – resmunguei me afastando dele e descendo as escadas. Eu não queria que ele me tocasse. A fúria implacável que tomara conta dele ainda me assombrava.

Meu carro não estava na garagem. No lugar dele estava a caminhonete de Jonathan e um Dodge Charger azul-escuro. Olhei para os lados confusa antes de encontrar meu carro na rua, perto da casa do vizinho da esquina. Caminhei devagar até lá, ofegante de dor com cada passo dado.

Eu me sentei com o motor ligado e esperei, olhando para frente. Finalmente, o Charger parou na minha frente.

Dirigi atrás dele em transe, olhando para a placa do carro e com meu braço direito dobrado sobre minhas costelas, esfregando o diamante que estava na palma da minha mão. Paramos no estacionamento do bar em que buscamos Rachel naquela noite. Embora fosse durante o dia, ainda havia alguns carros naquele estacionamento sujo e deserto.

Observei Jonathan limpar a maçaneta do carro antes de sair e se sentar no banco do passageiro do meu carro.

– Dirija – ordenou ele. Eu saí com o carro e voltei para a estrada principal.

Quando não podíamos mais ver o bar, ele se ofereceu para dirigir.

Recusei balançando minha cabeça, pois precisava me concentrar em alguma coisa e parar de pensar no que acabávamos de fazer. Dirigimos em silêncio até que parei na garagem. Desliguei o motor e não saí do carro.

– Jonathan, ele morreu? – perguntei, sussurrando, virando minha cabeça para olhar para ele.

– Não – assegurou-me ele. – Ele precisa ir para o hospital, mas ele não morreu. Alguém vai encontrá-lo.

– Ele virá atrás de nós?

– Não. Você não precisa mais se preocupar com ele. Eu juro. – Seus olhos brilhavam cheios de convicção, e eu sabia que ele confiava em suas palavras. Eu não estava confiante.

Eu saí do carro e Jonathan me seguiu até a casa. Ele alcançou a porta de tela e a abriu para mim, e eu parei ao ver seus dedos sangrando.

– Sua mão – disse eu.

– Não se preocupe com isso – respondeu ele, com desdém. – Precisamos colocar um pouco de gelo no seu rosto para melhorar o inchaço.

Sacudi minha cabeça.

– Você precisa cuidar disso. Acho que temos alguma coisa no banheiro.

Subi as escadas com Jonathan atrás de mim e continuei a caminho do banheiro sem parar, passei pelo sangue que ainda cobria o chão. Enquanto Jonathan limpava suas mãos, procurei pelo armário e peguei pomada e gaze.

Ele secou os dedos. Balancei delicadamente a mão dele em minha mão para avaliar a pele que brilhava com o sangue. Estava quase passando a pomada em seus dedos quando ele puxou a mão.

– Vou ficar bem.

– Jonathan – implorei, olhando para ele. Minhas palavras se perderam quando percebi o quão perto ele estava de mim.

Seus olhos escuros me puxaram. Não conseguia me mexer. Ele levantou sua mão, deslizando a ponta de seus dedos em meu rosto machucado. Inspirei com um tremor ao sentir o toque dele. Ele se inclinou para frente devagar. Segurei minha respiração, perdida em seu olhar penetrante. Fechei meus olhos um pouco antes de seus lábios delicadamente tocarem os meus.

Apertei minha mão e a pedra me cortou. Sacudindo a cabeça me afastei. Minha respiração estava ofegante. Jonathan franziu a testa confuso. Passei correndo por ele.

– Emma! – chamou ele, enquanto eu descia as escadas correndo.
– Emma, por favor! – chamou ele de novo, com a voz desesperada.
Eu abri a porta e o deixei para trás.



39. Respire por mim

— Evan? — gritei, quando abri a porta da cozinha, procurando freneticamente pelo ambiente. Parei, mas só conseguia ouvir a minha respiração.

— Evan? — chamei de novo, mais desesperada, enquanto caminhava pelo corredor.

— Emma? — Ele apertou os olhos confuso, e então arregalou-os quando consegui me enxergar lá de cima da escada. — Emma! — disse ele. — O que aconteceu com você?

O choque doloroso em seus olhos azuis me incapacitou. Abri minha boca para falar, mas só consegui ofegar, sem encontrar as palavras. Seu rosto se contorceu em pânico quando eu cambaleei, caindo de joelhos com meus braços em volta das minhas costelas.

Fechei meus olhos ao sentir o toque de seus braços em volta de mim e caí contra o peito dele. Eu não chorei. Eu não disse uma palavra. Apenas respirei com dificuldade. Ele virou delicadamente meu corpo trêmulo com seu rosto pressionado em minha testa. Eu mal conseguia ouvi-lo respirar:

— Ah, Emma, o que aconteceu com você? — Continuei em silêncio deixando que ele me segurasse.

Não consegui tirar aquele rosto ensanguentado da minha cabeça, nem o olhar pesado de Jonathan enquanto ele continuava a bater no homem. O olhar sombrio em seus olhos quando ele finalmente olhou para mim, e então o choque quando ele viu minha reação horrorizada. O toque dele no meu rosto, e o roçar dos lábios dele.

Minha cabeça se silenciou e eu procurei por Evan, respirando freneticamente.

– Emma? – Os olhos dele procuraram pelos meus, e estavam apertados e intensos. – Ninguém vai machucar você agora. Certo?

Balancei a cabeça e meu queixo tremeu. Não consegui fazer mais nada além de respirar com dificuldade enquanto meus olhos se enchiam de lágrimas. Mas ainda assim não chorei. Não consegui. Meu corpo todo parecia que se rasgaria, e fazia todo o possível para não deixar que isso acontecesse.

– Você consegue se levantar? – perguntou ele, com os braços ainda em volta de mim. Sacudi minha cabeça e me deitei em seu peito. Fechei meus olhos e me concentrei nos batimentos rápidos que vinham de dentro do peito dele. – Você não para de tremer, Em. Por favor, me diga o que aconteceu com você.

Respirei, sem conseguir falar. Eu me senti como se estivesse respirando embaixo d'água. Pressionei meu nariz na camisa dele e senti seu cheiro, tentando voltar para este mundo.

– Evan? – disse Vivian, confusa. – Por que você está... Emily? O que aconteceu?

– Eu não sei – respondeu Evan, baixinho.

Abri meus olhos ao sentir o toque da mão fria e suave dela, no meu rosto. Seus olhos azuis brilhantes me analisaram pesarosamente.

– Vamos cuidar de você. – Pressionei meus lábios para suportar a dor e balancei a cabeça. Fechei meus olhos novamente e Evan apoiou a parte de trás da minha cabeça e me acariciou com delicadeza.

Ouvi o barulho dos saltos dela no chão enquanto ela dizia:

– Acho que por hoje é isso. Obrigada por sua ajuda, Analise. Se você puder, por gentileza, ligue para sua mãe e diga a ela que marcaremos a reunião para um outro dia.

Evan foi para trás devagar para me examinar. Encontrei, relutante, seu olhar preocupado. Ele virou meu queixo com cuidado para enxergar melhor a lateral do meu rosto.

– Vou pegar um pouco de gelo.

Ele começou a se afastar e arregalei meus olhos em pânico.

– Não – implorei, agarrando o braço dele. – Ainda não.

Evan me encostou de volta nele e beijou a minha cabeça.

– Tudo bem – concordou ele.
– Do que você precisa? – perguntou Vivian, atrás de mim.
– De gelo – disse Evan, com calma, sem me soltar.
– Você acha que ela precisa ir para o hospital? – perguntou Vivian.

– Não sei. Ela não disse mais do que algumas palavras desde que chegou aqui.

– Emma? – disse Vivian, com calma. Abri meus olhos ao ouvi-la pronunciar meu nome da maneira como eu mais gostava. Nunca ouvira ela me chamar assim antes. Evan me soltou um pouco. – Emma, o que aconteceu com você, querida?

Olhei para os olhos azuis dela enquanto ela esperou pacientemente pela minha explicação.

– Ele tentou levar. – Minha voz saiu baixa e trêmula.

– Levar o quê? – perguntou ela.

Evan me soltou com cuidado quando mexi minha mão para mostrar para ela, abrindo meus dedos para revelar o colar. Ouvi ela respirar rapidamente ao ver o sangue cobrindo a palma da minha mão. Eu havia segurado o diamante com tanta força que ele havia cortado a minha pele. Fechei minha mão novamente, sem sentir o machucado.

– Ele quem? – perguntou ela, com a voz forte, mas carinhosa.

– Eu não sei – disse a ela. – Ele estava em meu quarto quando cheguei em casa.

Ela balançou a cabeça e se levantou.

– Vou chamar a polícia.

– Não – implorei virando-me para ela. Senti a dor nas minhas costelas e gritei, e então me dobrei.

– Emma! – gritou Evan, com os braços novamente em volta de mim. – Onde mais ele a machucou?

Meu peito se apertou por causa da minha respiração ofegante. Lágrimas rolavam pelo meu rosto.

– Emma, precisamos olhar, certo?

Eu me sentei devagar e, com cuidado, levantei minha camisa. A lateral do meu corpo tinha uma coloração roxa e vermelho-escura, exatamente no lugar em que o pé dele havia me apertado. Evan

estremeceu e acariciou minha mão. Rapidamente olhei para o outro lado, sem conseguir testemunhar a reação aflita dele.

– Eu não quero ir para o hospital – implorei para Evan.

– Então vou ligar para Michelle – disse Vivian ao meu lado, chamando minha atenção. – Vamos ao consultório dela e a polícia nos encontrará lá. – Pela expressão nos olhos dela sabia que não tinha escolha. Ela se abaixou ao nosso lado e colocou a mão no meu rosto, sorrindo com afeição. – Deixe que nós cuidemos de você, Emma.

Foi difícil me olhar no espelho embaçado depois de sair do chuveiro. O lado direito do meu rosto estava bastante vermelho. Meu lábio inferior ainda parecia estar coberto de gaze, embora tivesse tirado o curativo há algum tempo, pois o sangramento havia parado. Eu tinha um pequeno corte no lábio, feito pelo meu próprio dente.

Passei o gel hidratante com cuidado na pele inchada e sem cor, refrescando-a instantaneamente. Virei o tubo na minha mão, me perguntando se o remédio homeopático acabaria com os machucados tão rápido quanto a Dra. Vassar havia dito. Eu não iria para a escola ou para qualquer outro lugar em público de maneira alguma, até que tudo desaparecesse.

Passei a camiseta de Evan pela minha cabeça, segurando minha respiração para suportar a dor forte que sentia com o simples movimento de levantar meus braços. Quatro a seis semanas. Esse era o tempo que levaria para as minhas duas costelas fraturadas colarem. Esperava que a dor melhorasse em menos tempo do que isso, já que, agora, respirar era uma tortura para mim.

Entrei no quarto de hóspede me sentindo tão mal quanto parecia. Parei ao ver Evan andando ao lado da cama, olhando para o chão com as mãos na cabeça, sem ter percebido que estava ali.

Evan andava para frente e para trás, perdido em pensamentos torturantes que tomaram conta dele. Ele tinha estado tão calmo durante o dia todo. Havia me segurado, me confortado, e observado, em silêncio, enquanto a Dra. Vassar me examinava. Ele ouviu silenciosamente, enquanto segurava minha mão, quando o policial

me fez as perguntas. Ficou ao meu lado, forte, me apoiou, e mal disse uma palavra.

Mas agora ele parecia estar desmoronando. Ele dobrava as mãos e respirava forte. Fiquei paralisada ao vê-lo tão atormentado. Ele levantou a cabeça e parou abruptamente quando percebeu que eu estava ali.

Franzi a testa ao enxergar seus olhos azuis. Ele escondeu o desespero embaixo de suas pálpebras e tentou se recompor, mas seu rosto ficou mais tenso e os tendões atrás do seu pescoço mais rígidos.

– Evan? – sussurrei, sem me mexer.

Ele abriu os olhos. Eles brilhavam em agonia, e a linha entre eles ficou mais profunda quando ele olhou para mim. Permanecemos parados por um momento. O tormento dele tomava conta de mim.

– Prometi que ninguém jamais a machucaria de novo. – Apesar de sua aparência tensa, sua voz estava calma e forte. Olhei nos olhos dele e fui sufocada pelo peso de seu desespero. – O quê? – Balancei minha cabeça, confusa.

Evan continuou parado, sem caminhar em minha direção. Os músculos de seus braços continuavam tensos, como se ele sentisse uma agonia física com o simples fato de dizer as palavras.

– Naquela noite, quando você estava deitada lá, quebrada e mal conseguindo respirar, eu prometi. Prometi amar você para sempre e que ninguém jamais a machucaria de novo.

Fiquei boquiaberta, em choque, mas estava atordoada demais para falar. Caminhei até a cama, ainda tentando entender, e me abaixei para sentar na beirada, olhando para o chão. Meu primeiro pensamento saiu pela minha boca.

– O que foi que eu fiz com você?

Evan se ajoelhou na minha frente. Parecia que todo o ar era arrancado de dentro dos meus pulmões.

– Você estava lá? – Este era um dos detalhes do qual eu nunca ficara sabendo, porque me recusei a ouvir o que havia realmente acontecido naquela noite. E ele nunca havia me contado.

Evan engoliu seco, piscou devagar e balançou a cabeça.

– Sabia que não conseguiria convencê-la a ir embora, por isso fiquei lá. Esperei no meu carro, para ter certeza de que nada aconteceria. Mas adormeci, e quando acordei, ela estava lá.

– Ah, meu Deus – sussurrei, tentando aceitar, com dificuldade, o que ele estava me contando, sacudindo minha cabeça. – Não.

– George já estava em seu quarto, tentando tirá-la de cima de você, mas ele não conseguia. Eu tirei ele da minha frente e joguei ela para o lado, mas... – Ele parou e fechou os olhos. Observei o peito dele inchar com uma respiração pesada antes de continuar. Eu queria que ele parasse de falar. Não queria ouvir. Ele não devia estar lá, dentro do meu pesadelo.

Mas estava arrasada demais para pedir que ele não continuasse. Observei seus lábios se mexerem.

– Eu não podia acreditar no que ela tinha feito com você. Você estava algemada na cama e havia fita adesiva na sua boca. Você tinha chorado, as lágrimas ainda corriam pelo seu rosto. Mas... você não estava respirando.

– Evan – disse eu, meus olhos turvos. Coloquei minha mão no rosto dele e meu corpo doeu com cada palavra que ele disse. – Você não devia ter visto aquilo.

Ele olhou para mim com os olhos apertados, balançando a cabeça furiosamente.

– Eu devia proteger você, Emma. – Uma lágrima escorreu pelo meu rosto. – Mas eu não protegi. – Ele fechou os olhos enquanto lutava com as palavras. Sabia que ele ainda era torturado pela imagem que vira.

– Você estava tão imóvel e tão pálida – continuou ele. Seus olhos azuis encontraram os meus e ele sussurrou: – Eu respirei para você.

– Você? – Fiquei chocada com a confissão dele.

– Implorei para que você respirasse colocando o ar dentro de sua boca. Continuei implorando que você respirasse o tempo todo. E então... você respirou. – Ele piscou para espantar as lágrimas que inundavam seus olhos. – Eu prometi.

– Evan – eu interrompi. – Isso não é sua culpa. – Eu não conseguia nem imaginar o que ele tinha passado naquela noite. O que ele tinha visto. O que ele fora forçado a fazer. E então ele teve

que conviver com isso sem me contar nada por quase um ano. – Eu sinto muito – disse eu, suavemente.

– Emma, não – respondeu ele. – Você não tem por que sentir muito.

– Mas você – gaguejei. – Você não deveria... – Não consegui encontrar as palavras para explicar que ele não deveria ter estado lá. Eu escolhi ficar. Era o meu silêncio, a minha negação, a minha decisão que havia nos colocado lá naquela noite.

– Eu não devia ter feito o quê? – perguntou ele. – Eu *devia* ter ligado para a polícia, ou contado para alguém há muito tempo antes daquela noite. Hoje tenho consciência disso. E preciso viver com isso. Mas sempre querendo proteger você, amando você. Você sempre será a minha escolha.

As palavras dele penetraram em mim e fechei meus olhos deixando as lágrimas escorrerem. Evan abaixou a cabeça no meu colo e passou os braços em volta de mim. Passei minha mão pelo seu cabelo, confortando-o.

Nunca quis machucá-lo. Nunca quis causar nenhum dano a ele. Mas eu havia feito isso. E, mesmo agora, minhas escolhas continuavam a destruí-lo. Eu só precisava olhar nos olhos dele para enxergar isso.

Vivian não disse nada por ele ter ficado comigo naquela noite. Deitamos olhando um para o outro. As mãos dele cobriam as minhas. Foi difícil me deitar com as minhas costelas quebradas, mas a Dra. Vassar explicara que ficar deitada me ajudaria a respirar melhor, e realmente ajudou. O olhar torturante em seus olhos fazia meu coração doer. Estava sendo difícil respirar.

– Será que você pode, por favor, me contar sobre a Rachel e porque você passou o dia com Jonathan? – perguntou ele, suavemente, sem tirar os olhos de mim.

– Você sabia?

– Claro – respondeu ele. – O que aconteceu naquela casa, Emma?

Eu queria desviar o olhar, mas não consegui. Seus olhos azuis apaixonados me mantinham presa. Minha voz estava suave e constrangida com a emoção.

– Achei que ela seria diferente. Mas ela não mudou. Quando ela começou a beber eu estava convencida de que era por minha culpa. Tinha certeza de que eu a fazia se lembrar de meu pai e isso a deixava chateada. Queria ajudá-la, mas ela simplesmente continuava a beber. E foi piorando. Cada vez ela me machucava mais. No fim, ela não me ama. Ela nunca me amou.

Evan estava em silêncio, passando a mão com delicadeza em meu rosto.

– E Jonathan? – perguntou Evan.

Meus olhos tremeram com medo de que ele conseguisse perceber o que havia acontecido.

– Ele estava lá. Ele sabe o quanto ela é instável, e por isso ele entende. Ele se tornou... um amigo. Saímos para passear naquele dia, para ficarmos longe dela. Não foi planejado. Ele só queria me ajudar. – Eu não podia dizer mais nada. Era evidente, pela rigidez em volta de seus olhos, que ele tentava entender, mas que aquilo era difícil de ouvir. Deixei o restante do que fizemos guardado para mim.

– Agora estou aqui para você – sussurrou ele, segurando minha mão e beijando-a delicadamente. – Feche seus olhos, Emma. Não vou a lugar nenhum.

Fechei meus olhos. Mas não dormi.

—

Quando abri meus olhos de novo já estava claro e Evan não estava ao meu lado. Sara estava lá.

– Ei – ela me cumprimentou, com um sorriso carinhoso. – Você dormiu bastante.

– Dormi? – respondi, surpresa, pois não lembrava de ter dormido. Segurando minha respiração me levantei com cuidado e vi que já era quase meio-dia. – O que você está fazendo aqui? Achei que você só voltasse amanhã.

– Jared me ligou – explicou ela. – Voltei no primeiro voo que consegui.

– Você não precisava...

– Nem comece, Emma – ela me repreendeu. – Você sabe que faço qualquer coisa por você. Até mesmo me sentar ao lado de um cara que roncou no meu ombro durante todo o voo. – Ela sorriu. Mas seu sorriso não conseguia disfarçar seus olhos preocupados.

– Obrigada, Sara – respondi, sinceramente. – Onde está Evan?

– Fazendo alguma coisa para comer – explicou Sara. Ela se aproximou e levantou a mão até o meu rosto, com cuidado para não me tocar. – Vamos precisar usar bem a maquiagem. Ainda bem que estou aqui.

– Ainda bem – concordei, com um sorriso irônico, estremeando enquanto me levantava para me sentar, mexendo o travesseiro atrás de mim. Sara apertou os olhos. – Ah, trouxe isso para você – disse ela, me entregando dois pacotes de gelo. – Ordens de Evan.

Peguei os pacotes para colocar nos meus hematomas. Sara abriu a boca para dizer alguma coisa, mas então parou. Ela franziu a testa ao ouvir atentamente. Ela andou até a porta e a abriu. Eu a observei curiosa, e então decidi escutar também. Parecia que alguém estava chamando pelo meu nome.

Sara saiu rapidamente pela porta e eu me levantei da cama para segui-la. Não conseguia identificar quem estava falando, mas continuavam chamando pelo meu nome.

– Eu sei que ela está aqui – disse a voz abafada. – Emma!

Sara estava em pé na porta da cozinha quando cheguei ali perto.

– Sara, não deixe que ela venha até aqui, certo – disse Evan da varanda.

– O que está acontecendo? – perguntei, com o pulso acelerado quando vi o olhar tenso no rosto de Evan.

Sara fechou a porta e eu consegui ouvir Evan dizer severamente:

– Ela está bem. Você não precisava ter vindo aqui.

Olhei pela janela da sala de estar e vi Jonathan em pé na garagem. Meu coração vacilou. Ele estava apertando os pulsos e seu rosto estava ficando vermelho.

– Apenas deixe-me vê-la, Evan – ordenou ele, tornando-se mais agitado e dando um passo em direção a Evan. – Pelo menos diga a ela que estou aqui.

– Por que ele *está* aqui? – perguntou Sara, atrás de mim.

– Ele só quer saber se estou bem – disse a ela. Minhas bochechas começavam a ficar quentes. Com Evan bloqueando a passagem dele eu sabia que ele estava a ponto de perder sua paciência, e eu não podia deixar isso acontecer. Passei por Sara e me dirigi à cozinha.

– Onde você vai? – perguntou Sara, imediatamente.

– Ele só quer saber se estou bem – repeti, com meu coração acelerado dentro de meu peito.

Abri a porta e Evan olhou rapidamente em minha direção sem perceber que aquela era eu. Ele se virou de novo, atordoado, quando percebeu.

– Emma, não faça isso.

– Está tudo bem – assegurei, com uma calma forçada. – Ele só quer se certificar de que estou bem.

Evan ficou tenso quando passei por ele, mas ele não me impediu de ir em frente.

O rosto de Jonathan se suavizou quando me aproximei e o olhar de confrontação imediatamente se transformou em um sorriso sutil, mas o olhar ansioso em seus olhos continuava lá.

– Ei – ele me cumprimentou baixinho, quando me aproximei dele. Parei na frente dele com meus braços cruzados protegendo minhas costelas.

– Ei – respondi, timidamente. – O que você está fazendo aqui?

– Desculpe – começou ele. – Tentei ligar. Estava ficando louco de preocupação com você. Você saiu tão rápido depois que... – Ele parou e meu coração parou de bater com a lembrança. – Não sabia se você estava muito machucada. Precisava ver você.

– Ah – respondi, com as bochechas vermelhas. – Ah, eu nem sei onde meu telefone está. Devia ter telefonado para você. Desculpe por não ter feito isso. – Podia sentir Evan nos observando, e eu sabia que Sara provavelmente estava ao lado dele fazendo o mesmo. Não me atrevi a olhar.

– Como você está? – perguntou ele, mas foi uma pergunta complexa e eu não respondi até que ele a esclarecesse. – Você está muito machucada?

– Vou ficar bem – respondi, suavemente.

– Eu assustei você, não é? – disse ele, com a voz trêmula. Olhei para os olhos deles depois de tê-los evitado desde que saíra da casa. Fui afetada pela tristeza em seus olhos. – Prometi nunca fazer aquilo. Sinto muito, Emma.

Eu engoli com dificuldade e balancei a cabeça sem conseguir falar.

– Eu me importo com você – explicou ele. – Eu não podia. – Ele olhou para Evan sem terminar o que estava dizendo, percebendo que não estávamos sozinhos. – O que ele sabe?

– Ah – vacilei. – Na verdade, eu não disse nada. Apenas expliquei como tudo estava difícil com Rachel. E também não disse à polícia que você estava lá. Disse a eles que entrei no meu quarto e encontrei o cara, e que eu não conseguia me lembrar da aparência dele.

– Certo – concordou Jonathan, balançando a cabeça. – Então ele não sabe sobre os pesadelos, nossos medos, ou...

Sacudi minha cabeça olhando para o chão e me sentindo culpada. Segurei minhas mãos quando a tensão chegou até nós. Eu não conseguia respirar. Jonathan tentou tocar o meu braço e eu dei um passo para trás sacudindo a cabeça.

– Eu sei – disse ele, com um suspiro derrotado. – Não está certo colocar você nesta situação.

Levantei meus olhos para encontrar os olhos dele. O remorso em seu olhar brilhante fez meu coração parar de bater.

– Emma, por favor, não desista de mim. – As palavras dele saíram em uma rapidez desesperada, deixando-me sem palavras. – Por favor – implorou ele de novo.

– Não vou desistir – sussurrei. – Só preciso de um tempo.

– Eu entendo – respondeu ele, abaixando a cabeça. – Vou embora. Mas você me liga... quando estiver pronta?

Balancei a cabeça evitando os olhos dele. Eu me virei para o outro lado, meus ombros se abaixaram, tomados pela culpa. Passei por Evan e Sara, que estavam em pé na varanda, observando cada movimento nosso. Mas sabia que eles não tinham ouvido uma única palavra do que dissemos.

Sara me seguiu para dentro enquanto Evan esperou que Jonathan saísse da garagem.

– Como ele sabe onde você mora? – Sara perguntou a Evan quando ele fechou a porta.

– Não sei – respondeu Evan. Seus olhos me seguiam cautelosamente.

– Não é difícil de se descobrir nada em Weslyn – me vi dizendo. – É só perguntar. – Eles olharam curiosos para mim.

– O que foi isso? – perguntou Sara, quando me virei para deixar a sala. – Ele parecia tão chateado.

– Ele estava lá – disse Evan, antes que eu pudesse dizer qualquer coisa. Meu coração parou de bater, imaginando como ele podia saber disso.

– O quê? – Sara se virou para ele. Ela tirou os olhos de Evan e olhou para mim. Eu olhei para baixo. E então ela entendeu. – Ele estava. Por quê?

– Por que você mentiu para a polícia? – perguntou Evan, em cima da pergunta dela.

Respirei fundo e comecei a falar.

– Minha mãe comprava drogas do cara. Eu não queria que a polícia soubesse. – Olhei para os dois esperando pela reação deles. Eles pareciam surpresos, mas continuaram em silêncio. Desviei meu olhar para o chão e continuei. – Ele bateu muito nela porque ela devia dinheiro para ele. Eu a encontrei quando fui para a casa pegar a minha camisa do futebol. Acabei tendo que levá-la para o hospital. Jonathan ficou sabendo e não queria que eu voltasse para a casa, mas achei que o cara já tinha ido embora. Eu estava errada. – Parei, pensando em como continuar. – Jonathan apareceu e brigou com o cara.

– Foi isso o que eu pensei. Eu vi a mão dele – disse Evan, levantando um pouco a voz. – Então, ele protegeu você? – Levantei minha cabeça, surpresa com o tom de sua voz. Balancei a cabeça e a dor tomou conta da expressão facial dele ao tomar conhecimento de que Jonathan fizera o que ele prometera fazer: proteger-me.

– Mas, então por que ele veio até aqui? – perguntou Sara, interrompendo a tensão que pairava no ar.

– Eu saí correndo – expliquei rapidamente. Não podia contar a eles o quanto Jonathan batera no cara e que eu acreditava que o

homem podia estar morto.

Nem a verdadeira razão para eu ter saído tão rápido. Respirei rapidamente e repeti:

– Ele apenas queria saber se eu estava bem.

– Só isso? – perguntou Evan, ceticamente, analisando-me. Meu rosto enrubesceu com o medo de que ele tivesse visto algo mais entre nós. Balancei a cabeça sem conseguir suportar seu olhar por mais do que um segundo. – Sei que você já me explicou que Jonathan e você são amigos e que você pode conversar com ele sobre Rachel. Já entendi isso. Mas por que tenho a impressão de que ele sabe mais do que eu? – A voz de Evan ficou mais forte enquanto ele falava, e também mais agitada. Abri minha boca instintivamente para defender Jonathan, mas parei quando vi o olhar desafiador no rosto de Evan. – E então, a maneira como ele estava lá fora. A maneira como ele olhava para você... – Desviei meus olhos. Ele soltou um suspiro e abaixou seu tom de voz. – Sinto muito, Emma, mas não confio nele.

E talvez ele tivesse um bom motivo para não confiar.



40. Verdade verdadeira

Embora tentasse com todas as minhas forças, não conseguia esquecer o que havia testemunhado. Seus olhos escuros eram tão convincentes e confiantes, mas ainda assim podiam se transformar instantaneamente em frios e pesados. Havia mais coisa escondida naquela escuridão do que dor e tortura. Mais do que raiva e repugnância.

Parecia impossível que o mesmo homem que ficou acordado comigo no meio da noite, rindo de infomerciais, fosse capaz de bater tanto em alguém, de maneira tão grotesca e cheia de sangue. Eu me encolhi com a lembrança e abracei o travesseiro com força contra meu corpo.

– No que você está pensando?

Eu me virei num sobressalto. Evan está em pé na porta do solário. Os raios quentes de sol iluminavam os lindos ângulos de seu rosto. Não havia nenhuma escuridão escondida em seus olhos azuis. Aqueles pensamentos incômodos desapareceram instantaneamente quando o vi.

– Oi – cumprimentei, com alegria. – Como foi a escola? – Fechei o livro que estava no meu colo e o coloquei na mesa de vime que estava ao meu lado junto com o travesseiro que eu apertava.

– O de sempre. – Ele encolheu os ombros, sentou-se e colocou minhas pernas em seu colo. – Com foi o seu dia?

– Ajudei a encher envelopes – disse a ele. – Tão animado.

Evan riu. Ele se inclinou em minha direção e passou os dedos pelo machucado do meu rosto, observando-o. Então ele chegou um pouco mais perto e me beijou delicadamente.

– Você não deveria estar no treino? – lembrei, de repente, quando ele se afastou.

– O treinador tinha um compromisso, por isso o nosso treino vai ser amanhã.

– Sábado?

– Infelizmente. – Evan sorriu.

– Ah – suspirei. – Estava pensando em irmos buscar minhas coisas amanhã. Anna contratou alguns rapazes para retirarem os móveis neste final de semana, por isso preciso pegar as minhas coisas antes que eles cheguem lá.

– Rachel já voltou?

– Não faço ideia – respondi, balançando minha cabeça. – Não tenho notícias dela, mas também não estou esperando por isso. Tomara que ela não tenha voltado.

– Quer ir até lá hoje à tarde?

Um tremor passou pelo meu corpo apenas ao pensar em voltar para a casa. Sabia que acabaríamos tendo que ir até lá, mas não esperava que isso acontecesse nesta tarde. Achei que teria mais tempo para me preparar.

– Tudo bem – respondi. – Vamos acabar logo com isso. – Percebi que não haveria uma outra maneira de me preparar para isso, não importava quanto tempo de antecedência eu tivesse.

– Você não precisa ir – disse Evan, percebendo minha ansiedade.

– Sara e eu podemos ir quando ela voltar do treino. Além disso, ela disse que queria ajudar.

– Não – respondi, tentando parecer confiante. – Eu consigo fazer isso. Vou mandar uma mensagem e dizer a ela para nos encontrar lá depois do treino.

– Tem certeza? – perguntou ele de novo, olhando para mim sem acreditar. – E se ela estiver em casa?

Eu não sabia como dizer a ele que não era Rachel que me deixava com medo de voltar para a casa. Era o medo de que ainda tivesse sangue no chão. Mas os policiais não retornaram para fazer mais perguntas depois de terem feito uma busca pela casa. Por isso eu estava bastante confiante de que Jonathan limpou tudo e jogou

fora a mesa de café. Eu tinha a impressão de que eu veria o sangue mesmo com meus olhos fechados.

– Eu consigo fazer isso – garanti a ele. Evan ficou em pé e esticou a mão para mim. Peguei a mão dele e me levantei com dificuldade, apoiando-me na espreguiçadeira de vime que estava repleta de travesseiros para que eu me sentisse mais confortável. A quantidade de travesseiros não me ajudava a não sentir dor sempre que precisava respirar.

– Fico me perguntando o quão ruim isso vai ser – pensei em voz alta, enquanto passamos pelas ruas de Weslyn.

– O quê? – perguntou Evan, sem ter entendido muito bem.

– Meu quarto.

– Por que você não voltou com a polícia para ver se tinha alguma coisa faltando?

– Porque eu sabia que não tinha – respondi, secamente, sabendo que a única coisa que ele tentou pegar estava pendurada em volta do meu pescoço.

– Você acha que ele vai voltar? – Eu podia senti-lo observando minha reação.

Balancei minha cabeça e olhei para fora da janela para que ele não visse a expressão no meu rosto quando fechei meus olhos e tentei me livrar da imagem do sangue que me fazia tremer. “*O que foi que nós fizemos?*”, falei com meus botões, encostando minha cabeça contra o vidro e vendo, mais uma vez, a imagem de Jonathan limpando suas impressões digitais na porta do carro. Fiquei me perguntando o quanto ele fora cuidadoso quando limpou a casa para não deixar provas.

Estava tão preocupada em me preparar para enfrentar a bagunça que nem pensei em como seria me encontrar com minha mãe, se ela estivesse em casa. O carro dela ainda estava na garagem quando estacionamos. Mas provavelmente ela tinha estado lá desde que a levara para o hospital. Quando nos aproximamos da casa podíamos ouvir a música que saía pela porta da frente, o que confirmava que ela voltara.

Evan parou nos degraus e se virou para mim.

– Você quer mesmo fazer isso? Não precisamos.

Apesar do enjoo que sentia, balancei minha cabeça. Ele me olhou com cautela, mas não tentou me convencer a ir embora. Evan abriu a porta de tela para mim. Então respirei fundo e entrei na casa.

Não procurei por ela. Subi as escadas e Evan me seguiu. Mantive meus olhos em cada degrau e me virei para o meu quarto sem olhar para o local onde o corpo imóvel do homem ficara caído. Quando Evan fechou a porta atrás de nós, meu coração batia tão rápido que achei que ele partiria ao meio.

Esperamos pela reação dela. A música continuou a tocar na cozinha, o que nos permitiu relaxar e respirar melhor. Começava a achar que conseguiríamos ir embora sem maiores problemas quando ouvi a porta embaixo do meu quarto bater. Ela devia estar do lado de fora. Evan parou e olhou para mim, esperando minha reação. Balancei minha cabeça e encolhi meus ombros, tentando parecer normal.

– Ah, Emma – disse Evan baixinho.

Voltei minha atenção para o quarto e fiquei boquiaberta.

– Mas que...

Estava completamente destruído. O colchão estava fora da cama. As gavetas da escrivaninha estavam empilhadas. As roupas do armário estavam espalhadas pelo chão. As únicas coisas que não foram tocadas eram as fotos de Evan que estavam no painel na parede e as pilhas de roupas que ficavam na prateleira mais alta do armário.

– Meu computador já era – observei. Aproximei-me da mesa e encontrei o disco rígido no chão, embaixo dela. Eu me abaixei para pegá-lo. – Pelo menos ainda tenho isso. Afinal, sempre posso comprar um outro computador.

– É verdade – respondeu Evan, tentando parecer otimista. E, então, perguntou, confuso: – Mas achei que você tinha dito que ele não tinha levado nada?

– E não levou – confirmei. – Ela deve ter pego o computador. Ou então, talvez, alguém que veio a alguma de suas festas. – Assimilei o desastre com um suspiro desanimador. – Tudo bem, vamos pegar as coisas.

Evan colocou a mala e uma mochila grande em cima da cama box. Pegou as roupas do chão e as colocou ao meu lado para que eu pudesse guardá-las na mala. Não havia motivo para dobrá-las.

A música parou. Evan e eu hesitamos e olhamos um para o outro quando Rachel gritou:

– Emily, você está aí? – Viemos no meu carro, pois tinha mais espaço do que o carro esportivo de dois lugares de Evan.

Ela deve ter enxergado o carro na garagem.

Meu coração acelerou ao ouvir a voz dela.

– O que eu faço? – perguntei a ele, sem estar pronta para encará-la.

– Ela sabe que você está aqui, Emma – disse Evan. – Você não precisa responder. Ou então apenas diga que sim e deixe quieto.

– Emily?

Respirei com os lábios fechados e então gritei:

– Sim, estou aqui. – Evan e eu nos olhamos e esperamos, mas ela não disse nada. Engoli e tentei relaxar meus ombros.

Evan encheu os braços com roupas e as socou dentro da mala. Sabia que ele tentava ser rápido já que eu não conseguia esconder a minha ansiedade. Tentei me convencer de que ela não me incomodaria. Tentei me convencer de que conseguiria passar por ela sem ter que olhar para ela. Mas ela *soube* que eu estava ali, e eu não sabia como sairíamos do meu quarto sem encontrar com ela.

– Você não precisa falar com ela – aconselhou Evan baixinho, provavelmente lendo os pensamentos agoniantes que podiam ser vistos em meu rosto. – Apenas vamos embora. Você não precisa dizer nada.

Balancei minha cabeça e enfiei, sem pensar, as roupas na mochila, que já estava chegando no seu limite. Evan se esforçou para fechar a mala.

– Vou levar estas roupas para o carro e pegar as caixas e a minha mochila. O restante das suas coisas deve caber lá, e então vamos embora. – Ele hesitou. – Você vai ficar bem enquanto vou até o carro?

– Sim – murmurei.

Não me mexi enquanto ouvia Evan descer as escadas. Ele não fechou a porta do quarto quando saiu, e por isso ouvi quando ela disse:

– Evan! Não sabia que você também estava aqui. O que você está fazendo? – Ela parecia surpresa. Meu rosto ficou sério quando ouvi a voz dela.

– Estou apenas pegando as coisas dela – respondeu ele, naturalmente, e saiu pela porta da frente.

– Emily, o que está acontecendo? – gritou ela para mim, com a voz cheia de preocupação. – O que você está fazendo?

Não respondi e também não me mexi, torcendo para que ela desistisse.

– Emily! – ela gritou mais alto. – O que está acontecendo?

Fechi meus olhos e cerrei meus dentes. O sentimento de raiva começou a crescer na minha garganta. Respirei fundo e tentei controlá-lo. As tábuas da escada rangeram.

Tentei manter a calma quando saí do meu quarto, e ela parou no meio do degrau.

– Eu disse a você que voltaria para pegar minhas coisas. – Minha voz saiu firme e controlada, mas eu apertava minhas mãos na lateral do meu corpo.

Ela parecia estar confusa. Fiquei parada petrificada no topo das escadas e a analisei. Havia um machucado azul-esverdeado ao redor de seu olho direito e sua mão esquerda tinha uma tala preta. Era possível dizer que ela estava ainda mais machucada quando inclinou-se no corrimão para apoiar-se.

Ela não reagiu ao ver o machucado no meu rosto. E eu não esperava que ela reagisse.

– Você vai me deixar? – choramingou ela, com os olhos arregalados.

Meu pulso se acelerou, irradiando a raiva pelos meus músculos. Eu não conseguia controlar.

– Se eu vou deixar você? – repeti, com fúria. Franzi minha testa e falei sem acreditar. – Se eu vou deixar *você*?

Os olhos dela se encheram de lágrimas quando ela implorou:

– Por favor, não me deixe.

Evan apareceu na porta atrás dela. Olhei para ele.

– Emma. – Eu me concentrei nele tentando espantar a fúria que tomava conta de mim. Ele virou os olhos em direção ao meu quarto e eu balancei a cabeça. Sem olhar para ela voltei para o meu quarto.

Evan entrou alguns segundos depois e fechou a porta.

– O que aconteceu?

Sacudi minha cabeça e comecei a andar de um lado para o outro.

– Não acredito nela. Eu realmente acredito que ela é louca.

– Emma, o que ela disse?

– Como ela podia estar surpresa por eu estar indo embora? – Eu estava enfurecida, olhando para o chão enquanto andava de um lado para o outro.

– Emma – ele me chamou, calmamente.

– Ela nem disse nada sobre o meu machucado. Será que ela se importa com o que aconteceu comigo? É claro que não!

– Emma! – berrou Evan, parado à minha frente. Parei e olhei para ele enquanto ele colocava as mãos nos meus ombros. – Ela não tem importância.

Pressionei meus lábios para conter a emoção e balancei a cabeça.

– Você está certo. Desculpe.

– Não peça desculpas – ele me acalmou, me puxando na direção dele. – Sei que isso é difícil. Não precisamos ficar aqui.

Respirei.

– Está tudo bem. Já estamos quase terminando.

Evan beijou minha cabeça antes de me soltar.

– Vamos ser rápidos, certo?

Balancei a cabeça.

Evan entregou-me uma caixa e comecei a recolher as fotos do painel e a guardá-las junto com os outros itens da minha escrivaninha enquanto ele terminava de colocar na mala as roupas do guarda-roupas.

Enquanto nos apressávamos para pegar as minhas coisas o silêncio era desconfortável. Tentei deixar tudo para fora da minha cabeça quando terminei de guardar as coisas na caixa. Não queria sentir nada. Mas eu não conseguia. Não conseguia dominar a raiva que queimava dentro do meu peito sempre que ouvia a voz dela

perguntando se eu a estava deixando, como se *eu* fosse a pessoa que *a* estava abandonando.

– Emma, você está tremendo – observou Evan, segurando minha mão.

– Desculpe. Ela me deixou muito brava. – Fiz uma careta.

– Talvez devêssemos ir embora.

– Já está quase tudo embalado mesmo – concordei, olhando para os lados.

Evan colocou a mochila no ombro e eu peguei a caixa que havia arrumado.

– Vou voltar apenas para pegar a última caixa. – Ele mostrou com a cabeça a caixa com meus moletons e com as fotos de meu pai que eu escondera embaixo das blusas.

Na última olhada que dei pelo quarto percebi, com o coração acelerado, que algo estava faltando.

– Você vem? – perguntou Evan, quando abriu a porta.

– Desço em um minuto – disse a ele, procurando desesperadamente. – Quero dar mais uma olhada para não esquecer nada.

– Eu já volto – disse ele. Esta era a maneira dele de me dizer para não sair do quarto sem ele por perto.

Eu me ajoelhei com cuidado e olhei embaixo da escrivaninha e da cama. Peguei a colcha que estava no chão. A foto de meu pai e eu juntos, que estava no porta-retratos em cima da minha escrivaninha desaparecera. Ninguém mais, a não ser ela, ia querer aquela foto. Ela achou que aquela era a única coisa do meu pai que eu havia deixado para trás, e pegou.

A raiva tomou conta de mim. Meu coração batia tão forte que mal conseguia respirar.

Não esperei por Evan. E não saí pela porta em direção ao seu carro. Procurei por ela na cozinha, e lá estava ela sentada na mesa, cortando um tomate enquanto ouvia o rádio.

– Vocês querem ficar para o jantar? – perguntou ela, com um sorriso quando apareci na porta.

– Qual é o seu problema? – soltei, veementemente.

– Como é? – perguntou ela, chocada. – Achei que talvez vocês quisessem ficar para jantar. Achei que poderíamos conversar.

– Sobre o quê? – gritei de volta. – Sobre o fato de você não me querer por perto? Sobre o quanto você sente falta de meu pai e me culpa pela morte dele? Ou sobre o fato de que o traficante de quem você compra drogas bateu muito em nós duas porque você tem *problemas sérios*? Claro, seria uma ótima conversa para o jantar. Acho que vou passar sem ela.

– Por que você está agindo dessa maneira? – perguntou ela baixinho, levantando-se e andando até o balcão.

– Você está falando sério? – gritei, incredulamente. – Você é *tão* louca assim?

Ela pegou um frasco de remédio, colocou os comprimidos que estavam lá dentro em sua mão e os jogou na garganta, engolindo-os com um copo de água.

– Ah, ou talvez você apenas esteja chapada – acusei, com raiva.

– O quê? Isso é remédio para o meu pulso – disse ela se defendendo. – Mas, por que você se importaria? Você vai me deixar. Você não liga para mim. – A voz dela falhou. Senti uma leve pontada no peito. Houve uma época em que eu me sentia mal ao vê-la triste, e fazia qualquer coisa para consolá-la. Mas, agora não. Na mesma rapidez em que a empatia emergiu, eu a fiz desaparecer.

– Não, eu não ligo para você. Assim como você não liga para mim – respondi, furiosa, com minha voz fria e desumana. – Pode tomar todo o frasco de remédio. Eu não ligo a mínima.

– Não entendo qual é o seu problema. – Ela balançou a cabeça e as lágrimas escorriam por seu rosto. – Vou tentar melhorar. Não me deixe sozinha. Por favor, Emily. Eu sinto muito.

– Não, não sente – gritei, fazendo com que ela se encolhesse. Baixei minha voz novamente e disse cada palavra para ela com precisão fatal. – A única coisa que você sente muito é por eu ter nascido. Ou você não se lembra de ter me dito isso num dos seus momentos de embriaguez? Convenientemente, você se esquece do quanto você sempre me machuca. E eu sou estúpida o suficiente para deixar você fazer isso. Bom, mas não mais. Você nunca me quis

e eu nunca quis essa vida. Então, para você, eu *estou* morta. E você nunca mais vai me ver de novo.

Rachel se sentou no chão soluçando inconsolavelmente. Eu me virei de costas para ela.

Estava cega, tomada pela fúria. Quase passei por cima de Evan, que estava paralisado segurando a porta de tela aberta, observando silenciosamente. Ele evitou olhar para mim, e meus ombros despencaram.

Passei correndo por Evan e fui para o carro. Meu corpo todo tremia. Soltei uma respiração trêmula enquanto as lágrimas enchiam meus olhos.

– Emma – Evan me chamou, correndo para me alcançar e segurando meu braço.

– Eu não consigo. – Eu me afastei. – Eu não consigo ficar aqui. Precisamos ir embora. Por favor. Precisamos ir embora.

Eu me virei e entrei no lado do passageiro. Fechei meus olhos para segurar as lágrimas e respirei fundo várias vezes. Meu peito se apertava a cada passagem de ar, tentando soltar a raiva que tomara conta de mim.

Evan se sentou ao meu lado e pegou as chaves no bolso.

– Nunca mais quero vê-la de novo – soluzei, balançando minha cabeça. Apertei minha testa com meus dedos, esfregando-os com força enquanto meus olhos estavam fechados. – Eu não consigo...

– Eu sei – disse Evan, enquanto ligava o carro. – Tente se acalmar, Emma. Respire.

A vergonha pelo o que ele viu me atingiu enquanto íamos embora. Franzi a testa aflita.

– Eu sinto muito, Evan. Não sei o que acabou de acontecer. Estava tão brava. Não consegui me controlar.

– Nunca vi você assim antes – disse Evan baixinho. – Você sempre guarda tudo para você. Foi difícil assistir, mas você chegou no seu limite.

Olhei perplexa para ele.

– Evan, eu fui horrível. Pior do que horrível. Você devia ficar chateado com o que fiz. – O peso do que fiz me consumia e eu me sentia miserável.

– Fiquei chocado – admitiu Evan, olhando rapidamente em minha direção. – Você estava... furiosa, e espero nunca mais vê-la desse jeito. Mas, Emma, depois de tudo o que você passou por causa dela, você tem o direito de ficar furiosa. Mas o fato de você ter dito que essa não era a vida que você queria ter. Isso me incomodou.

– Eu estava chateada – sussurrei, ainda desconfortável com a reação dele, ou com a falta de reação dele. – Você sabe que não quis dizer isso.

– Espero que não – respondeu ele, me olhando preocupado.

– Aonde vamos? – perguntei, olhando em volta quando ele virou em uma rua e não pegou o caminho de volta para a casa dele.

– Para um lugar onde você vai se sentir melhor – respondeu Evan, alcançando minha mão trêmula.

Então reconheci para onde estávamos indo.

– Vamos para a escola?

Evan apenas sorriu.

Olhei curiosa para ele quando paramos o carro no estacionamento da escola.

– Não estou entendendo.

– Apenas venha comigo – pediu Evan, enquanto descia do carro.

A escola estava praticamente deserta. Podíamos ouvir algumas vozes pelos corredores, mas a maioria dos grêmios já debandara e os treinos esportivos já haviam acabado.

Quando chegamos no corredor do segundo andar Evan se virou para mim e me disse:

– Feche seus olhos.

– Você está falando sério? – perguntei, em dúvida, não estando no clima para mais uma das surpresas dele.

– Não é o que você está pensando – assegurou ele. – Apenas feche os olhos.

Soltei um suspiro resignado e fiz como ele pediu. Evan segurou minha mão e me guiou pelo corredor. Paramos e ele me soltou. Ouvi o barulho das chaves e o clique de um armário.

– Continue com os olhos fechados – ordenou ele, segurando minha mão de novo e me levando mais para frente.

Com a mínima inalação reconheci instantaneamente o perfume no ar.

– Respire, Emma – disse ele, acariciando minha mão. – Está tudo bem.

– Como você sabia? – perguntei, emocionada. Respirei fundo e soltei o ar dos meus pulmões, procurando pelo alívio que sempre tentava encontrar nesta sala. Abri meus olhos e encontrei Evan olhando para mim com afeição.

– Porque conheço você.

Fechei meus olhos e senti o cheiro da tinta, cola e produtos de limpeza, soltando a fúria sombria a cada respiração.

Fui até ele e coloquei meus braços em volta de seu peito, apertando-o.

– Obrigada.

Ele me segurou com ternura e com cuidado para não me apertar com muita força.

– Continue nesta vida, Emma – sussurrou ele. – Você é muito mais forte do que pensa que é.

Olhei para ele com meus olhos brilhando. Evan se abaixou e o calor de seus lábios capturaram a minha respiração, ajudando-me a encontrar a calma que eu não conseguia encontrar sozinha.



41. O poder da sugestão

— Onde você está? – perguntou Sara, quando atendi ao telefone. Gemi percebendo imediatamente que esquecemos de dizer a ela que não estávamos na casa de Rachel.

– Ah, Sara, me desculpe – respondi. – Estamos voltando para a casa de Evan. Rachel e eu tivemos uma briga horrível e por isso viemos embora. Você está aí?

– Sim. Vocês pegaram tudo?

Pensei e então me lembrei:

– Deixamos uma caixa, mas podemos pegar num outro dia.

– Já que estou aqui posso pegar a caixa para você – ofereceu ela, despreocupadamente.

– Talvez você não queira fazer isso – respondi, alertando-a. – Ela estava péssima quando saímos. Eu fui bastante cruel.

– E ela mereceu isso – respondeu ela, sem se preocupar. – Eu não me importo. Entro correndo, pego a caixa e vou embora.

– Estou avisando. Ligue se precisar, se não, venha para a casa de Evan.

Evan levantou as sobrancelhas quando desliguei.

– Ela vai entrar?

Encolhi meus ombros.

– Acho que sim.

– Uau. – Ele fez uma careta. – Isso vai ser interessante.

Antes de chegarmos na casa de Evan o meu telefone tocou.

– ãh-oh – gemi, quando vi o nome de Sara na tela.

– Emma, você precisa voltar para cá – disse ela, rapidamente.

– Sara, o que aconteceu? – O medo paralisou meu coração.

– Rachel. Ela não está se mexendo – disse ela, apressada. – A ambulância já está a caminho, mas, ah, meu Deus.

– Sara? – Meus olhos tremeram enquanto eu tentava escutar, mas não havia mais nenhum barulho. Tirei o telefone da orelha e então vi que a ligação havia caído. – Evan, precisamos voltar.

Sem que eu tivesse percebido ele já tinha feito a volta assim que percebeu a tensão em minha voz.

Ele acelerou o carro.

– O que ela disse? – perguntou ele, sem tirar os olhos do caminho.

– Ela disse que Rachel não estava se mexendo e que uma ambulância estava a caminho. Mas então, alguma coisa aconteceu e a ligação caiu. Evan, se acontecer alguma coisa com Sara... – Minha cabeça rodava, com medo de que o traficante tivesse voltado para pegar o seu dinheiro, apesar de seus ferimentos. Ou talvez outra pessoa tivesse ido até lá buscar o dinheiro para ele. Eu não conseguia ficar parada. Queria que fôssemos mais rápido, embora a velocidade que Evan atingira nas ruas residenciais vazias com certeza era o dobro da permitida.

– Chegaremos logo – garantiu ele, quando agarrei no suporte acima da porta.

Meu peito doía por segurar minha respiração quando viramos na rua. Uma ambulância, um caminhão de bombeiros e dois carros de polícia estavam na frente da casa, com as sirenes piscando e refletindo na parede preta.

– Ah, não – disse eu. Milhares de imagens aterrorizantes passaram pela minha cabeça fazendo com que eu cambaleasse com meus joelhos enfraquecidos enquanto saía correndo do carro.

– Sara! – gritei, correndo em direção à casa. Fui interceptada por um policial, que me mandou ficar do lado de fora. Ele me perguntou sobre as pessoas que moravam ali. Eu não estava escutando. Tentei olhar para a volta dele, procurando freneticamente por ela, mas fui dominada e não consegui seguir em frente.

Quase desabei quando vi os paramédicos saírem e correrem para a ambulância para pegar uma maca.

– O que está acontecendo? Por favor, você precisa me falar se ela está bem! – implorei, soluçando, desesperadamente. – Sara!

– Emma? – ouvi ela responder. Parecia que ela estava bem lá dentro da casa.

– A senhorita precisa ficar do lado de fora até que tenhamos removido ela.

– O quê? – respondi, freneticamente. – Como assim?

Pude enxergar, pela porta aberta, os paramédicos e os bombeiros carregando uma tábua.

– Não – gritei, as lágrimas escorriam no meu rosto. – Não. – Mas então eu vi o cabelo escuro, e não o cabelo avermelhado de Sara. Fiquei paralisada.

Observei sem piscar enquanto eles transferiam Rachel para a maca e passavam com ela ao meu lado, com uma máscara de oxigênio em seu rosto. Toda a emoção fugiu de mim. Fiquei olhando para ela em choque.

– Emma! – gritou Sara, ao sair correndo da casa. Seu rosto estava vermelho e cheio de lágrimas.

– Sara! – exclamei, abraçando-a com força. Eu sabia que minha costela doeriam. Na verdade, elas deviam ter doído muito hoje, mas não conseguia sentir nada. Sara soluçou em meu ombro. Foi então que percebi que Evan estava atrás de mim. Ele estava me segurando, ajudando o policial a me dominar. – Sara, o que aconteceu?

– Eu a encontrei no quarto – disse ela. – A porta do quarto estava aberta e ela estava deitada no chão. Havia pílulas e uma garrafa de vodca. Ela não se mexia. E então ela parou de respirar. – Ela respirou fundo e soltou: – Eu tentei, Emma. Tentei mesmo.

– Tudo bem – disse eu, suavemente. Meu coração doía com a aflição dela. – Está tudo bem.

Então, devagar, comecei a perceber o que estava acontecendo e me ouvi dizer:

– Está tudo bem. – Mas não sabia com quem eu falava. Tudo estava devagar, e eu me senti como se olhasse através de um túnel.

Os policiais nos chamaram para entrar na casa e responder algumas perguntas. Respondi sem me conectar com o que dizia.

Duvido que eu tenha sido coerente e me senti atordoada durante todo o interrogatório. Eles disseram alguma coisa sobre a ambulância e um hospital e eu balancei a cabeça, sem entender.

– Obrigado – ouvi Evan dizer e observei os policiais voltarem para seus carros. Havia pessoas na calçada lá fora. Vizinhos se amontoavam para dar uma olhada no meu pesadelo. Era isso que estava acontecendo. Estava presa em um ciclo de pesadelos sem fim. Vozes ecoavam em volta de mim e eu tentei me concentrar nos seus rostos.

– Emma, precisamos ir – disse Evan, acima de mim. Minha cabeça estava pesada quando a balancei. – Você quer vir com a gente? – Ele falava com Sara, mas continuei balançando a cabeça.

– Emma? – chamou Sara, ao segurar minha mão. Eu ainda conseguia ouvi-la fungar. – Ela vai ficar bem. Ela precisa ficar bem.

"*Quem?*", eu queria perguntar, pois não estava entendendo. Então, de repente, entendi. Parecia ter levado um soco no estômago com toda a informação, meu cérebro traduzia tudo em um instante.

– Não – respondi, com força, chamando a atenção de Evan e Sara. – Não. Eu não quero ir ao hospital.

– O quê? – perguntou Sara, confusa. – Sua mãe acabou de ter uma overdose.

– Eu sei – interrompi. – Não quero vê-la.

– Você não quer saber se ela está bem? – perguntou Evan, com cautela na voz.

– Não – respondi, fervorosamente. – Não quero vê-la. Ela causou isso. Fez isso por minha causa, para me machucar. Não vou deixar que ela me machuque. Não vou deixar.

– Emma, sobre o que você está falando? – perguntou Sara, fervorosamente.

Evan se agachou na minha frente e olhou nos meus olhos.

– Você tem certeza? – Balancei a cabeça. Ele me analisou atentamente por um momento e então balançou a cabeça.

– Certo. Não precisamos ir.

– Evan, de que diabos você está falando? E se ela...

– Sara – ele a interrompeu antes que ela pudesse terminar. – Você não estava aqui mais cedo. Provavelmente ir ao hospital não é

uma boa ideia. De qualquer maneira, precisamos levar você para casa. Foi uma noite maluca para você também.

Sara sacudiu a cabeça horrorizada.

– Eu não entendo.

– Eu explico depois – disse Evan. – Emma, vamos embora.

Ainda estava um pouco atordoada. Peguei a mão dele e deixei que me conduzisse. Sara e ele apagaram as luzes pelo caminho, e Evan encontrou a chave para trancar a porta em meu molho de chaves. Continuamos em direção ao carro e Sara entrou no banco de trás enquanto eu me sentei no banco do passageiro. Fomos em silêncio até a casa de Sara, ou talvez eu não conseguisse ouvi-los conversar.

Anna estava um caco quando chegamos. Os policiais entraram em contato com ela já que conheciam o pai de Sara. Ela veio até nós quando entramos. Abraçou cada um de nós e passou a mão em nossos rostos para nos examinar mais de perto. Evan explicou a maior parte, já que ele era o único de nós que conseguia dizer alguma coisa que fizesse sentido.

Meu corpo todo doía e minhas costelas queimavam. Eu não queria falar. Eu não queria ouvir. Ansiava trancar tudo do lado de fora e me arrastar para debaixo dos cobertores. Finalmente, depois que Anna e Carl se satisfizeram com o que lhes foi contado, permitiram que subíssemos para o quarto.

Evan ficou comigo todo o tempo que permitiram que ele ficasse, deitando-se em silêncio ao meu lado na cama e me observando adormecida. Sara acabou vindo para a minha cama em algum momento durante a noite, provavelmente porque não conseguia dormir. Não sei se dormi muito. Meus olhos se abriram na escuridão com e sem consciência.

– Eu disse para ela fazer isso – sussurrei para Sara, quando ela abriu os olhos à minha frente. Estava amanhecendo.

Ela piscou, tentando entender.

– Eu disse a ela que não me importava se ela tomasse o frasco todo. E ela tomou.

– Emma – respondeu Sara, chocada, finalmente entendendo o que eu queria dizer. – Você não a forçou a fazer isso.

– Mas também não sei se a teria impedido de fazer – confessei, sem emoção.

– Não diga isso. Você teria impedido.

– Odeio ela, Sara – disse eu, com os olhos cheios de lágrimas. – Odeio tanto ela. – Minha voz falhou e eu engoli a verdade. Lágrimas escorreram pelo meu nariz e no travesseiro. – Não queria vê-la porquê... porque não me importo se ela estiver morta.

– Ah, Emma. – Sara chorou com os olhos azuis repletos de dor. – Eu não acredito nisso. Você está brava. Mas não acredito que você queria que ela morresse.

Eu não disse mais nada. Ficamos deitadas em silêncio, absorvendo o tormento nos olhos uma da outra, e acabamos caindo novamente em um sono que não descansava.

Eu me sentia responsável pelo que Sara sofrera por causa do egoísmo de Rachel. Mas não sentia remorso pelo que havia dito a ela. Realmente não me importava se minha mãe vivesse ou morresse.

– Tem certeza de que você não quer vir? – perguntou Sara, mais uma vez com uma sacola na mão.

Eu estava agachada no chão da cozinha e olhei para Sara e para a mãe dela enquanto pegava o tomate congelado e jogava no lixo.

– Tenho certeza. Vou terminar de arrumar as coisas. Ainda preciso jogar fora a comida da geladeira.

– Então encontramos você em casa depois que voltarmos do hospital – disse Anna, carregando a última caixa do meu quarto.

– Não vou demorar.

Depois de limpar os ingredientes da salada que Rachel jogara pela cozinha, lavei a louça e limpei a geladeira distraidamente.

Não olhei para os lados quando saí, apenas fechei a porta e a tranquei. Joguei os sacos de lixo nas latas na lateral da casa e as arrastei até a calçada.

Em vez de voltar para a casa de Sara, onde não tinha ninguém, continuei dirigindo. Sabia exatamente aonde estava indo, embora

não me permitisse pensar em por que estava indo para lá, ou o que aconteceria quando chegasse lá.

Toquei a campainha e torci um pouco para que ele não estivesse lá. Meu coração vacilou quando a porta de metal se abriu.

– Emma? – Jonathan olhou para o meu rosto e perguntou imediatamente: – O que aconteceu?

Respirei.

– Posso entrar?

– Ah, sim, claro. – Ele deu um passo para trás para que eu pudesse passar.

Subi as escadas e ele me seguiu. Eu me sentei no sofá e ele na cadeira, esperando ansiosamente pelo que eu diria.

– Rachel tentou se matar ontem à noite – contei a ele, sem nenhuma entonação na minha voz.

Jonathan balançou a cabeça devagar e abaixou os olhos. Ele olhou de novo para mim e disse:

– Não se sinta culpada.

Meus olhos se enrugaram confusos. Não sabia se tinha ouvido direito.

– Por não se importar com isso. Você não deve se sentir culpada.

Meus olhos se encheram de lágrimas imediatamente. Eu sabia o porquê de ter vindo até aqui: porque ele me entendia. Minha garganta se apertou.

– Eu me sinto tão horrível. Que tipo de pessoa eu sou? Ela é minha mãe.

– Não, ela não é. Ela nunca foi – respondeu ele, suavemente. – Emma, ela nunca chegou perto de ser sua mãe. Você tem todo direito de odiá-la.

Abaixei minha cabeça em minhas mãos e solucei, cada soluço fazia meu corpo doer. Passei meus braços em volta das minhas costelas em vão. Eu não conseguia parar de chorar.

Jonathan sentou-se ao meu lado e passou seu braço em volta do meu ombro.

– Você não fez nada errado, Emma. A escolha foi dela, não sua. Você não a forçou a fazer isso.

– Eu disse para ela fazer. – Chorei, levantando minha cabeça para olhar para ele.

– E – respondeu ele, secando as lágrimas no meu rosto. – A dor era dela, não sua. E foi essa dor que fez com que ela tentasse se matar.

– Mas eu queria – gaguejei. – Eu queria que ela estivesse morta. Então talvez ela parasse de se machucar e de me machucar. – Tentei continuar, mas não consegui recuperar meu fôlego. – Isso é tão horrível. Eu sou tão...

– Não – acalmou-me ele, me puxando para que deitasse a minha cabeça em seu ombro e gentilmente acariciando minhas costas. – Ela machuca você, Emma, sempre. Você pode deixá-la ir embora agora. Não deixe que ela a machuque mais.

Tentei recuperar meu fôlego na curva do seu pescoço, e deixei que ele me confortasse em seus braços. Só depois que me acalmei e comecei a pensar direito é que percebi que não deveria estar ali. Levantei minha cabeça e a mão dele estava no meu rosto, secando minhas lágrimas. E então os lábios suaves dele estavam nos meus.

Eu me levantei num pulo e fui para trás, sacudindo minha cabeça.

– Não posso.

Jonathan inclinou a cabeça e soltou o ar devagar.

– Eu não entendo.

Ele olhou para mim e seus olhos encontraram os meus, que estavam tão vulneráveis e expostos. Meu coração doía com a intensidade das emoções. Limpei meu rosto e sacudi minha cabeça de novo.

– Não posso.

– Você devia se perguntar por que você não pode, Emma – disse ele, calmamente, virando os olhos para o outro lado, fazendo com que eu quisesse desmoronar com tanta tristeza. – É por que você não sente nada? Você está aqui, e por isso você deve sentir alguma coisa. Você não pode negar, não importa o quanto você tente.

Balancei minha cabeça, não em negação, mas confusa, sem saber por que fui atrás dele. Achei que era porque sabia que ele entenderia. Mas podia simplesmente ter telefonado para ele. Eu não precisava estar ali, vendo-o pessoalmente.

Eu não conseguia pensar direito.

– Você passou por muitas coisas na última semana – sussurrou ele, com seus olhos escuros olhando para mim e enxergando mais do que eu gostaria. – Por isso você deve apenas esperar. Esperar até que as coisas se ajeitem. Certo? Temos essa ligação, e é loucura – explicou ele. – Não sei como sair disso, você sabe?

Balancei minha cabeça sem conseguir falar porque sabia que aquilo era verdade.

– Vai ficar tudo bem, Emma, eu juro. Vamos descobrir o que fazer.

– Certo – sussurrei. Soltei um breve suspiro e disse: – Preciso ir embora.

– Eu sei.

Eu me aproximei das escadas. Meu joelho não tinha forças. Eu me virei para ele e disse:

– Jonathan, obrigada por entender.

– Estou aqui sempre que você precisar, Emma. – Ele sorriu delicadamente. Desci as escadas mal conseguindo ficar em pé. Não me sentia muito melhor do que quando cheguei. Então, mais uma vez, não sabia se sentia alguma coisa.



42. Algo em que me apoiar

Você me perguntou por que fiquei quando tinha todos os motivos para ir embora. Fiquei por você. Fui atraído por você imediatamente, sem entender o que estava acontecendo. Sempre estarei aqui para o que você precisar, Emma.

Achei ter visto a caminhonete azul dele no estacionamento, em meio aos carros que tentavam estacionar e das pessoas que não saíam da frente. Estiquei minha cabeça em volta de um grupo de garotos que usavam jaquetas de couro para enxergar melhor.

– O que você está olhando? – perguntou Sara a alguns metros à minha frente, que parou quando percebeu que eu não estava ao lado dela. Os garotos começaram a andar em direção à escola e o que pensei ser a caminhonete dele era um Tahoe. Soltei minha respiração e me virei.

– Nada – disse eu, alcançando-a.

Sara apertou os olhos sem acreditar. Tentei sorrir, mas me pareceu estranho fazer isso depois de não ter feito muito isso nas últimas duas semanas.

– Sabe do que precisamos? – Os olhos dela se iluminaram apenas com o pensamento.

– Do quê? – perguntei, sem saber se deveria encorajar o brilho malicioso de seu olhar.

– Precisamos faltar um dia na escola – disse ela, quando vimos Evan um pouco à frente. Ele levantou o queixo ao nos ver e esperou por nós.

– Mas não vamos ter um dia sem aula em duas semanas?

– Mas isso é *planejado*. Todos os alunos não terão aula nesse dia. Qual é a graça disso? – zombou Sara, balançando a cabeça. – Emma, você está precisando muito de um pouco de espontaneidade.

Precisamos escolher um dia o mais rápido possível para nos livrarmos das distrações e nos concentrarmos apenas em nos divertirmos. Um momento de prazer bastante *necessário*.

– Acho que poderia fazer isso. – Suspirei. Vinha lutando com mais distrações do que podia suportar, incluindo o domingo em que fui atrás de Jonathan, no qual não conseguia parar de pensar. Ou na mensagem que ele enviara no dia seguinte que, desde então, eu lia todos os dias. Estava desesperada para me livrar dessa distração em particular, e então clarear a minha cabeça.

– Do que você precisa? – perguntou Evan, depois de ter nos escutado. Ele pegou minha mão.

– De um dia de folga – declarou Sara, orgulhosa. – Apenas nós quatro!

– Quatro? – perguntei.

– Jared – explicou Sara. – Que tal nesta sexta? A previsão é de que o dia seja bom, e Jared vai estar aqui para o aniversário de Evan. Vamos para a praia.

– Não acho que o tempo estará bom para ir à praia – respondeu Evan.

– E daí? – respondeu Sara, já empolgada com a ideia. – Não precisamos usar roupa de banho. Fazemos um piquenique, construímos castelos de areia e jogamos bola. Sei lá. Não tente estragar nosso dia de faltar à aula, Evan!

Evan riu e levantou a mão para se defender.

– Tudo bem, Sara. Sexta é o dia em que faltaremos à aula. Vai ser ótimo.

– Claro que vai.

Sorri com o entusiasmo dela e ela saiu pulando até chegar em nossos armários. Eu me virei para Evan quando ele estava quase se dirigindo para o seu armário. Ele se abaixou e me beijou rapidamente.

– Quer vir para a minha casa hoje depois do meu jogo? – murmurou ele, no meu ouvido.

– Claro. – Sorri, soltei sua mão e fiquei observando enquanto ele se afastava.

Ainda estava saboreando a sensação da respiração dele na minha orelha quando abri meu armário para pegar meus livros.

– Acho que você não deve esperar até o baile – disse Sara, me olhando com um sorriso. – Vocês dois *precisam* transar mais do que qualquer pessoa que eu conheço.

– Sara! – respondi, olhando para os lados em pânico para ver quem escutara aquilo.

– Só estou dando minha opinião. – Ela sorriu novamente e foi embora.

Meu rosto ficou vermelho, virei meus olhos e voltei minha atenção para o meu armário.

– Vou tomar um banho – disse Evan, ao parar o carro na garagem.

– Onde você quer me esperar?

– Encontro você no quarto da garagem – respondi, enquanto abria a porta do carro. Meu telefone tocou quando subi os degraus a caminho da sala de entretenimento. Estava quase apertando o botão para ignorar a ligação, como eu havia feito nas três outras ligações que recebi anteriormente naquele dia. Então o bipe tocou duas vezes mostrando que eu não havia atendido a ligação, e em seguida apareceu uma mensagem de texto: *Emma, por favor, fale comigo. Por favor.*

Olhei para o meu telefone. A súplica dele deixava meu peito pesado. Não havia parado de pensar nele desde aquele dia. Mas não sabia ao certo no que eu pensava, ou sentia. Eu o evitava com medo das emoções que o som de sua voz me faria sentir. Mas não podia continuar fazendo isso com ele, ou comigo.

Eu me sentei no sofá e respirei fundo, ouvindo o telefone tocar do outro lado.

– Oi – respondeu ele, rapidamente.

– Oi – respondi, com o coração acelerado. – Desculpe não ter ligado.

– Desculpe por ficar ligando – respondeu ele. – Mas é difícil não ter notícias suas, principalmente depois de ter passado um tempo falando com você quase todos os dias.

– Eu sei. É difícil para mim também.

– Fiquei com um pouco de medo. Pensei que talvez você não precisasse mais de mim. Agora que Rachel não está mais por perto e...

– Não diga isso – interrompi. – Queria ter ligado, falado com você. Mas, não sabia o que dizer. O que você espera que eu diga?

– Emma, não espero que você diga nada. Só quero que você seja sincera. É só. – Depois de uma pausa para que minha mente tentasse entender o que ele queria de mim, ele quebrou o silêncio perguntando: – Como você tem dormido?

Eu dei uma risada ao ouvir a pergunta.

– Na verdade, muito bem. Talvez você tenha me curado. Ou então eu não ligue mais. E você? Os pesadelos acabaram?

– Eles vão e voltam.

– Então você também tem dormido – concluí.

– Eu não diria isso – respondeu ele. – Fico acordando durante a noite com medo de não atender sua ligação. Então, não tenho dormido tão bem.

– Sinto muito – repeti, com a voz cheia de culpa.

– Está tudo bem. – Ele mudou de assunto com facilidade. – Quando posso ver você? Acho que precisamos conversar. Tenho tanta coisa para falar, e não quero fazer isso pelo telefone.

– Ah... – demorei para responder porque o nervoso invadiu meu peito. – Não sei. – Pulei ao ouvir a porta se fechar no andar de cima.

– Preciso desligar. Tem alguém se aproximando.

– Emma – ele me chamou. Olhei para as escadas esperando que Evan aparecesse, ainda ouvindo o telefone. – Eu sei que você está confusa agora, mas tenho sentido falta de nós dois, você sabe, de nossas conversas, de conseguirmos dividir coisas que ninguém mais entende. Não quero perder isso, não quero perder você.

– Eu também não – murmurei, observando as escadas. Então ouvi a porta se fechando de novo. – Nós vamos conversar. Eu prometo. Mas preciso desligar. – Desliguei o telefone e me afundei no sofá, com dificuldade para recuperar meu fôlego depois de ter ouvido a voz dele. Sentia falta de falar com ele. Mas sabia que, depois que ele me beijou, as coisas nunca mais seriam as mesmas.

Nunca quis que ele se sentisse dessa maneira. Isso me assustava.

Depois de tudo pelo que passamos, depois de todas as noites dividindo e revelando um para o outro o que ninguém mais sabia, eu não podia negar que havia algo entre nós. Sentira isso na primeira noite em que ele ficou acordado comigo. Nossas vidas horríveis e nossos pesadelos recorrentes nos ligavam de uma maneira que era difícil explicar.

Mas também acreditava que havia algo mais que o mantinha acordado durante a noite. Algo que ele ainda não conseguia enfrentar. A fonte de toda a fúria que esperava ser liberada a qualquer momento. Pensar nisso fez meu pulso acelerar.

Fechei meus olhos para tentar me acalmar e afastar aqueles pensamentos, a lembrança da intensidade de seus olhos, da segurança de suas palavras, e do toque de seus lábios.

– Emma?

Abri meus olhos com um sobressalto e vi Analise na porta. Não havia percebido que ela subiu as escadas. Ela estava apertando os lábios e não estava tão feliz como de costume. Permaneci parada, cautelosa com a seriedade de sua expressão. Pelo olhar sombrio em seu rosto, comecei a me perguntar se ela escutara o telefonema. Meu rosto enrubesceu com o pensamento.

– Evan está tomando banho – disse eu, tentando parecer tranquila.

– Eu sei – respondeu ela. – Quero falar com você. – Segurei minha respiração.

– Nunca contei a ninguém o que presenciei, você sabe – revelou ela, entrando um pouco na sala, mas não chegando perto de mim. Pisquei os olhos confusa e então ela explicou: – Sobre a noite em que você se machucou. Eu estava aqui ajudando Vivian. – Balancei a cabeça sem querer que ela contasse a história toda novamente. – Foi então que percebi o quanto ele ama você.

Engoli seco e olhei para o telefone. Guardei-o rapidamente em meu bolso, como se ele me denunciasse.

– Não queria que ele a amasse tanto – disse ela, secamente. Abri minha boca para perguntar o que ela queria dizer com isso, mas ela não me deixou falar. – Você não é uma pessoa fácil de se gostar. Na

maioria das vezes você é bastante depressiva. Achava que você não o merecia.

Fui tomada pelo choque. Não esperava tanta sinceridade. Nunca achei que ela fosse uma pessoa sincera.

– Qual é a sua intenção com isso, além de me dizer que sou uma pessoa miserável? – perguntei, friamente.

Analise não pareceu perturbada pelo meu tom de voz.

– Minha intenção é a seguinte: ele ama você. Todo mundo sabe o quanto ele gosta de você, mas eu torcia para que ele não a *amasse* de verdade, não dessa maneira. Não da maneira como vi quando ele segurou você naquela noite. Como se a sua dor fosse dele. Ele faria qualquer coisa no mundo para proteger você. – Olhei para baixo, mordendo meu lábio inferior.

– Tudo o que tenho para dizer é que ele é a pessoa mais incrível que já conheci. Daria tudo para alguém me amar dessa maneira, por isso, é melhor você merecer o amor dele, Emma.

Olhei para ela boquiaberta, sem saber o que dizer. Ela se virou e desceu as escadas no momento em que a porta se abria.

Ouvi a voz de Evan.

– Oi, Analise.

– Oi, Evan – respondeu ela, alegremente. Não havia nenhum sinal do tom ameaçador que ela usara comigo alguns segundos antes.

Ainda pensava nas palavras dela quando Evan entrou. Ele apertou os olhos ao ver minha expressão atordoada e perguntou:

– Está tudo bem? Aconteceu alguma coisa entre Analise e você?

Balancei minha cabeça, ainda me recuperando. Tentei sorrir e disse, por fim:

– Não. Ela só queria saber como eu estava me sentindo.

– Ah, isso é legal da parte dela – respondeu ele, sem acreditar. – Você ainda não se importa com o fato de ela e eu sermos amigos, não é?

– Claro que não – respondi, mas, pela primeira vez, realmente não me importava. – Ela gosta de você e todo mundo precisa de um amigo como ela.

Evan franziu a testa como se eu acabasse de falar em uma língua desconhecida.

– Certo – disse ele, devagar. E então um sorriso que me tirou o fôlego tomou conta do rosto dele. – Tenho uma coisa para mostrar.

Dei um sorriso com o brilho de alegria em seus olhos azuis.

– O que é?

– Venha comigo para descobrir. – Ele pegou minha mão e me puxou do sofá. Deixei as palavras de advertência de Analise e as palavras de desejo de Jonathan para trás e segui Evan. – Feche os olhos – pediu Evan.

Franzi meu rosto:

– Preciso mesmo?

Evan soltou uma risada ofegante.

– Não, você não precisa.

Ele segurou minha mão e me levou para a parte de trás da casa, esperando ansiosamente pela minha reação. Não sabia o que veria até chegarmos perto do grande carvalho que ficava na beirada da propriedade.

Meus olhos brilharam e um sorriso se espalhou pelo meu rosto.

– Evan – disse eu.

– Queria que você tivesse algo bom para se apoiar. Algo que a fizesse se lembrar dele, mas que também deixasse claro que você sempre estará aqui comigo.

Sorri ainda mais e me virei para ele, envolvendo-o num dos abraços mais apertados que já havíamos trocado.

– Obrigada. Eu adorei – engasguei, emocionada.

Fiquei na ponta dos pés para alcançá-lo. Ele me alcançou, seus lábios firmes escorregavam nos meus, fazendo meu corpo todo tremer.

Evan se afastou e perguntou:

– Você não vai experimentá-lo?

– Vou – respondi, entusiasmada, virando-me para a árvore. – Foi você quem fez? – Passei minhas mãos em volta das cordas e me sentei na prancha, e me balancei enquanto o assento se inclinava embaixo de mim.

– Sim, fui eu – revelou ele, orgulhoso. – Mas não tenho muita certeza se o assento está firme.

– Está perfeito. – Eu brilhava, puxando minhas pernas enquanto me inclinava para trás. Minhas costelas, ainda em recuperação, se mexeram desconfortavelmente enquanto eu ganhava movimento, mas não deixei que isso me afetasse. Nada me impediria de aproveitar esse momento.

Não conseguia tirar o sorriso do rosto, pois os galhos da árvore se aproximavam de mim quanto mais eu estendia as minhas pernas. Fechei meus olhos e senti a corrente de ar em meu rosto e o frio na minha barriga enquanto eu balançava. Minha garganta se fechou e eu senti as lágrimas que escorriam pelo meu rosto. Estava tão emocionada que meu peito parecia que explodiria.

Abri meus olhos e procurei por Evan, pois ele não estava mais parado na minha frente. Ele estava encostado na árvore com os braços cruzados me observando. Uma lágrima escorreu pelo meu rosto sorridente quando seus olhos dançaram com o reflexo da luz.

Sabia o quanto Evan me amava. E sabia que eu não merecia tanto amor. Mas também sabia que ele era a única pessoa que eu amava. O único que eu amaria em toda minha vida.



43. Espontaneidade

– **É** um dia perfeito para se passar na praia! – disse, sarcasticamente, enquanto andávamos naquele vento gelado que enchia meu corpo de arrepios.

– Não está *tão* ruim assim – disse Sara, se defendendo com os braços em volta de vários cobertores. – Tem sol.

– Gostaria de poder sentir o calor do sol – respondi, segurando uma sacola de comida e outra de “brinquedos de praia” que os garotos trouxeram. Sara virou os olhos e continuou caminhando.

Fomos, de alguma forma, capazes de esticar o cobertor. Os rapazes colocaram o cooler em uma ponta para que o cobertor não voasse para longe. Coloquei as sacolas nas outras duas pontas e Sara enfiou a quarta ponta na areia.

Eu me aventurei a ir até perto da água para apreciar as ondas com meus braços dobrados contra o meu corpo afastando o vento frio que tirava o meu cabelo do rosto. Evan colocou os braços em volta de mim e disse no meu ouvido:

– Quer entrar embaixo de um cobertor junto comigo?

Eu me virei para ele e sorri.

– Isso é uma proposta?

– Talvez – respondeu ele, timidamente, abaixando-se para me beijar.

Evan pegou um dos cobertores e se sentou com os braços bem abertos, esperando que eu me abaixasse na frente dele. Eu me sentei entre seus joelhos, encostando as costas no corpo dele, e ele nos embrulhou no cobertor. A temperatura do meu corpo se elevou imediatamente.

– Assim está muito melhor. – Eu sorri e continuei a observar as ondas que se quebravam à nossa frente.

– É verdade, não está *tão* frio assim. – Sara balançou a cabeça em nossa direção.

– Sabem o que seria ótimo agora? – sugeri Jared. – Um chocolate quente.

– Sim! – disse eu, entusiasmada.

– Sinto muito – respondeu Sara. – Eu não trouxe chocolate quente.

– Vocês querem que a gente vá comprar? – perguntou Evan.

– Não – respondi. – Você está me aquecendo.

– Está bem – bufou Sara. – Se você realmente quer chocolate quente, nós vamos comprar. – Ela se levantou e esperou por Jared antes de sair pelo calçadão à procura de uma cafeteria.

Evan me segurou contra ele e eu me perdi nas ondas, hipnotizada pelo seu ritmo. De vez em quando conseguia sentir o calor do sol em meu rosto.

– Realmente não está *tão* ruim assim – disse Evan, em meu ouvido.

– Está sim – respondi. – Mas se você ficar aqui comigo para mim está tudo ótimo. – Apertei os braços dele em volta de mim com mais força e me aconcheguei embaixo de seu queixo.

– E eu já planejei a noite perfeita.

– Sério? – perguntei, sabendo que ele se referia à noite anterior ao baile de formatura. – E por que você vai planejar tudo sozinho? Talvez eu também queira participar.

– Ah, certo – respondeu ele, hesitante. – E se dividíssemos o final de semana? Eu planejo a noite anterior ao baile e você planeja a noite do baile.

– Isso não é muito justo – reclamei. – A sua noite já vai ser melhor do que a minha, porque vamos transar.

Evan riu.

– Não precisamos transar.

– Ah, não, precisamos sim – insisti. – Certo, tudo bem. Talvez não seja assim *tão* maravilhoso mesmo, então você fica com a sexta e eu fico com o sábado. E a *minha* noite será melhor.

– Você está transformando isso em uma competição? – respondeu ele, com uma risada.

– Sim. – Eu sorri. – E espere até você me ver vestida para o baile.

– Mas na minha noite verei você sem roupa nenhuma, e por isso tenho certeza de que vou sair vitorioso dessa competição.

Dei uma cotovelada nas costelas dele. Evan soltou uma risada e me puxou para trás para que eu olhasse para ele. Ele apertou o cobertor em nosso redor e me beijou. O rosto dele estava quente no meu nariz gelado. Passei meus braços em volta do pescoço dele e ele nos cobriu com o cobertor deixando tudo escuro.

A areia se mexia embaixo de mim enquanto ele me deitava. Evan se deitou ao meu lado com suas pernas entre as minhas. Eu o puxei para mais perto de mim e encontrei seus lábios novamente. O calor de sua respiração rodopiava em mim com o toque de sua língua. Meu coração batia de forma irregular quando ele me apertava mais para perto dele. Ele passou a mão na minha barriga, por baixo das minhas roupas.

Passei meus dedos no cabelo dele, soltando uma respiração ofegante quando a boca dele começou a percorrer o meu pescoço. Podia sentir seu corpo rígido enquanto eu o segurava apertado contra o meu. Eu respirava pesado. Ele foi para trás, mas eu não consegui entender o que ele queria.

– O que foi? – O sol me cegava enquanto Evan levantava o cobertor para olhar para fora.

– Achei ter ouvido a voz deles – disse ele, soltando o cobertor de novo. Ele se deitou de novo e me beijou.

Antes que eu ficasse excitada demais eu o interrompi dizendo:

– Eles devem voltar logo. – A breve pausa me fez perceber que estávamos no meio da praia e que, embora nos sentíssemos isolados embaixo do cobertor, eu podia imaginar o que parecia que estávamos fazendo se alguém passasse por ali.

– É – gemeu Evan, relutante, dobrando o cobertor.

Eu me sentei e preendi meu cabelo em um rabo de cavalo. Evan passou a mão nas minhas costas enquanto continuava deitado no cobertor com o braço embaixo da cabeça.

– Duas semanas. – Ele suspirou. Eu sorri.

– Não precisamos esperar até lá – sugeri. – Não precisa ser planejado.

– Mas eu *tenho* um plano – respondeu ele. – Então posso esperar. Eu sorri.

– Você é engraçado.

– Por quê? – perguntou ele, sorrindo também.

– Por causa de todas as suas surpresas – expliquei. – Você parece ser uma pessoa espontânea, mas a verdade é que você planeja *tudo*. E Sara acha que *eu* sou má.

– Eu consigo ser espontâneo! – respondeu ele.

– Certo, então vamos transar agora, bem aqui – sugeri.

– Aqui? – Evan olhou pela praia. Estava praticamente deserta já que qualquer pessoa em sã consciência sabia que estava frio demais. Mas ainda havia algumas pessoas malucas andando agasalhados pela praia. – Você quer transar agora? – Ele observou minha reação para ver se eu falava sério.

Desabei.

– Está bem. Não. Mas estava tentando provar o que eu falei.

– Eu consigo ser espontâneo – repetiu ele.

– Veja só. Você não pode planejar ser espontâneo – brinquei.

– Ei – disse Sara, chamando nossa atenção enquanto se aproximavam. Ela colocou a bandeja com chocolate quente no cobertor. – O frio não está tão ruim se você se movimentar.

– Obrigada pelo chocolate quente – respondi, pegando um copo.

– Mas ainda vou ficar embaixo do cobertor.

Jared olhou para Evan.

– Vamos jogar futebol?

– Claro – Evan concordou e me deu um beijo antes de sair. O calor foi embora junto com ele. Coloquei o cobertor em volta de mim com um arrepio.

– Seu cabelo está uma bagunça. – Sara olhou desconfiada para mim. – O que vocês dois estavam fazendo enquanto não estávamos aqui?

– Estávamos nos aquecendo – respondi, com as bochechas inflamadas enquanto tomava um gole de chocolate quente.

Observamos os garotos jogarem a bola e correrem atrás dela depois de ela ter sido carregada pelo vento.

– Você jura que Evan não sabe nada sobre amanhã?

– Juro, ele não faz a menor ideia – respondeu Sara. – Ele ainda acha que vai passar o dia com o irmão, fazendo caminhada.

– Ótimo. – Eu sorri.

– Acho que você vai conseguir surpreendê-lo.

– Espero que sim. – Meu estômago revirou só de pensar sobre o que eu planejava para o aniversário dele.

Voltamos nossa atenção, de novo, para os garotos.

– Emma, se você quiser visitar sua mãe no hospital, eu vou com você – ofereceu Sara, de repente.

– Não. – Balancei minha cabeça. – Não quero vê-la. Eu não consigo.

– Tudo bem – respondeu ela, com a voz baixa e cautelosa. – Em, você está bem?

Senti a preocupação na pergunta dela.

– Estou quase bem – respondi, com um pequeno sorriso. – Não posso dizer que minha vida é chata.

Sara deu uma gargalhada.

– O que foi? Isso é uma maneira meio destorcida de ver as coisas.

Encolhi meus ombros e concordei que aquilo era verdade. Mas o comentário dela me fez pensar em Jonathan, e meus ombros caíram. Não falara mais com ele desde o dia em que liguei para ele da casa de Evan. Trocamos algumas mensagens, mas havia tensão nelas. Sabia que acabaria tendo que encará-lo. Ele tinha dito que queria que eu fosse sincera. Mas não estava certa de que ele estava preparado para ouvir a verdade, e eu tinha medo de dizer a verdade para ele.

Sara colocou o cobertor em volta dela, aceitando o fato de que, realmente, *não* estava tão quente assim. Os garotos voltaram correndo até nós, com os rostos vermelhos e os cabelos desgrenhados.

Evan entrou embaixo do cobertor.

– Meu Deus, você está gelado. – Eu me afastei do toque gelado dele.

– Eu sei. – Ele me puxou mais para perto. – Preciso que você me es quente.

Eu me contorci embaixo do cobertor rindo quando ele tentou colocar as mãos geladas embaixo da minha camiseta.

– Certo, tudo bem – concordou Sara, respirando pesado. – Vamos voltar para a minha casa, onde está fazendo mais do que 8 °C e então podemos nadar.

– Obrigada. – Levantei rapidamente para juntar nossas coisas. Tudo o que mais queria era sair daquela ventania implacável. Guardamos tudo e fomos para o carro.

– Em vez de ir para a casa da Sara você não quer vir para a minha casa? – perguntou Evan, quando nos sentamos no banco de trás, a caminho de Weslyn. – Queria ficar um pouco com você antes de ir caminhar com Jared amanhã.

Eu sorri e balancei a cabeça, sem conseguir olhar para ele. Tive medo que meu sorriso revelasse que escondia alguma coisa.

– Gosto dessa ideia. Você se importa que eu tome banho antes, para tirar a areia e o sal do meu corpo?

Sara não se importou quando disse a ela que passaria o resto do dia com Evan. Estava bastante certa de que ela queria passar algum tempo sozinha com Jared também. Quando cheguei, encontrei Evan no quintal, sentado embaixo do carvalho, esperando por mim.

– Não acredito que passamos a maior parte do dia morrendo de frio – disse eu, sentando-me no balanço. Senti o calor do sol se pondo enquanto me balançava para frente e para trás. – Foi um dia muito bonito.

– O dia ainda não acabou – disse Evan, encostando-se e segurando no balanço para me empurrar. – Podemos aproveitá-lo até o fim.

– O que você quer dizer com isso? – perguntei. – Não é o que estamos fazendo?

Evan riu.

– Sim. Mas e se você dormir aqui? A noite deve ser bonita. Podemos dormir aqui fora.

– Como se estivéssemos acampando? – confirmei.

– Ideia melhor ainda. Acho que tenho uma barraca na garagem. Podemos dormir no quintal, ou na campina. O céu vai estar incrível hoje, longe das luzes. O que você acha?

– Evan. – Sorri em tom de acusação. – Você planejou isso?

Ele começou a rir.

– Não, juro que não. Isso só passou pela minha cabeça quando perdi o dia hoje. Amanhã não estarei aqui o dia todo, por isso, deixe-me passar o resto do dia com você.

– Então quer dizer que você está sendo *espontâneo*? – brinquei. Ele sorriu e parou o balanço colocando as mãos no assento, dos dois lados da minha cintura. Ele se inclinou e me beijou delicadamente.

– Por favor, durma aqui? – sussurrou ele, passando seus lábios contra os meus novamente.

– Sim – respondi, com os olhos fechados, me inclinando para receber outro toque que fez minha cabeça girar. Ele me deu um beijo um pouco mais longo, e eu pensei que cairia do balanço.

Ele se afastou.

– Vamos lá, Emma. – Ele esticou a mão e eu pulei do balanço para alcançá-lo.

Pegamos sacos de dormir e a barraca, além de lenha para fazer uma fogueira e outros artigos de acampamento. Evan arrumou sanduíches e bebidas para nós. Eu peguei marshmallows, e Evan sorriu. Amarramos tudo no trailer que estava conectado ao quadriciclo.

– Eu gosto de espontaneidade – disse eu, enquanto nos dirigíamos para a floresta. Evan sorriu enquanto nos levava até a trilha que dava na campina.

Quando o sol se pôs atrás das árvores nós nos sentamos na cabana na clareira, mais próximos do riacho, onde a grama não era tão alta. Evan pegou uma pequena pá e cavou um lugar para a fogueira.

Enquanto ele amontoava madeira perto do buraco e preparava o fogo, eu arrumei a parte de dentro da barraca.

– Você trouxe um colchão inflável? – perguntei, quando tirei os sacos de dormir do trailer.

– Achei que seria mais confortável – explicou ele. – Sei que você ainda sente um pouco de dor.

– Obrigada. – Eu sorri.

Evan acendeu o fogo quando as cores do céu mudaram de laranja para roxo. O calor persistente nos fazia acreditar que o verão estava quase chegando, mas ainda faltava tempo suficiente para que eu ansiasse por ele. Evan esticou um cobertor grosso na frente da fogueira, onde nos sentamos para comer.

– Eu realmente gosto daqui – disse eu, com um sorriso.

– Eu também – concordou Evan. – Você falou para a Sara que vai dormir aqui?

– Ah, não – respondi, com uma careta. – Deixei meu telefone no meu carro. O seu está aí?

– Não, ficou no meu quarto – disse ele. – Você quer voltar e ligar para ela?

– Ela sabe que estou com você, então ela vai saber o que dizer. Anna e Carl confiam em você.

Evan sorriu.

– Tenho certeza de que eles ficariam com o pé atrás se soubessem que não vamos dormir em quartos separados esta noite.

– Não, acho que ainda assim eles confiariam em você.

Depois que terminamos de comer, me deitei no cobertor. Quando a escuridão chegou, o céu estava repleto de estrelas.

– Tudo parece tão possível quando olho para o céu e vejo o universo brilhando acima da minha cabeça.

– E é – respondeu Evan, deitando-se ao meu lado para apreciar a mesma vista.

– Quer saber de uma coisa que percebi? – Continuei a falar sem esperar Evan responder: – Passei a maior parte da minha vida tentando alcançar um futuro que ainda não aconteceu, ou evitar um passado que não me deixa seguir em frente. Não me lembro de quando apenas parei para viver no presente, para me importar com o momento em que estou vivendo.

– Bom, seu futuro está se aproximando. Você só precisa deixar que ele aconteça da maneira como foi planejado. Mas o que a impede de se libertar de seu passado?

Pensei por um momento.

– O perdão.

– Você *me* perdoa?

Eu virei minha cabeça na direção dele com minha testa franzida.

– Por que preciso perdoar você?

Evan inclinou a cabeça para o lado para olhar nos meus olhos.

– Porque não contei para você o que aconteceu naquela noite.

– Mas eu não quis saber. Você fez o que achou que eu precisava que fizesse. – Voltei a olhar para as estrelas. Ouvimos os grilos cantarem no silêncio.

– Evan?

– Sim.

– Será que você pode me contar uma coisa que eu ainda não entendo?

– Vou tentar.

– Como quebrei meu tornozelo?

Evan ficou em silêncio. Fiquei olhando para uma única estrela acima da minha cabeça e esperei.

– Ela tinha um martelo. Eu vi o martelo na cama ao lado do seu pé. – A voz dele estava baixa e tensa. Fechei meus olhos. As palavras tomavam conta de mim.

– Foi por isso que você não conseguiu fazer o trabalho de Arte, não é? Foi por isso que você precisou sair da sala naquele dia?

Eu alcancei a mão dele. Estava quente e tensa. Passei meus dedos em volta dos dele, e apertei-os com força.

– Eu perdooo você – disse eu. – Agora você tem que me perdoar.

– Por quê?

– Por não ouvir. Por ter ficado quando Sara e você me imploraram para não ficar. Por não contar nada a ninguém e por lhe convencer a ficar em silêncio também. Por não pedir ajuda. Por...

– Já chega – ele me interrompeu. Meu coração estava apertado por pensar em tantos motivos pelos quais precisava ser perdoada e que ainda não tinha falado. Evan levou minha mão até os seus lábios e a beijou. Ele se virou de lado e apareceu na minha frente, com os olhos brilhantes e repletos de emoção.

– Eu perdoo você – ele sussurrou. Minha garganta se apertou e eu engoli as lágrimas que caíram dos cantos dos meus olhos. – Eu perdoo você – sussurrou ele de novo, passando a mão pelo meu rosto. Meus olhos se fecharam ao sentir a ternura de seu rosto. – Eu perdoo você – disse ele com a voz vacilando. Abri meus olhos e vi a lágrima brilhar enquanto corria pelo rosto dele.

Abri minha boca para falar. Meu lábio tremeu e as palavras permaneceram engasgadas na minha garganta.

– Agora, Emma, você precisa se perdoar.

Cerrei meus lábios e fechei meus olhos, as lágrimas presas nos meus cílios. Antes que pudesse abri-los novamente, minha respiração foi capturada pela firmeza dos lábios dele. Aquele beijo substituiu cada palavra que não foi dita. O beijo me encheu de emoção. Uma emoção que nunca pensei em sentir apenas com um beijo.

Eu me encostei nele e ele passou os braços em volta de mim, nos deixando bem juntinhos. O coração dele batia contra o meu peito, tão forte que eu podia senti-lo em meu corpo todo. Sua boca deslizava sobre a minha. Eu podia sentir o gosto das nossas lágrimas, o sal nos seus lábios e na minha garganta.

Meu coração doía a cada beijo. Não conseguia chegar perto dele o suficiente, e por isso puxei-o para perto de mim. Eu precisava dele mais do que precisava respirar.

Eu me afastei um pouco e tirei minha camiseta. As mãos quentes dele acariciaram minhas costas e abriram o fecho do meu sutiã. Nossas bocas se encontravam com tanto frenesi que não conseguíamos recuperar nosso fôlego. Evan também tirou sua camiseta. Seus músculos pressionados contra minha pele nua. O calor dos nossos corpos nos misturava.

Evan me virou de costas e passou sua boca pela minha pele, desencadeando uma onda de calor que tomou conta do meu corpo. Tiramos nossas roupas nos separando apenas para colocá-las de lado. Eu já o conhecia, cada milímetro dele, mas ainda não o conhecia dessa maneira.

A ternura de seu toque me deixou sem fôlego. Meu coração bateu com cada rajada de ar que escapava pelos meus lábios. Fechei meus

olhos e franzi minha testa. Sua boca envolveu a minha. Conseguia sentir tudo e nada ao mesmo tempo, com meu corpo tenso. Apertei a mão dele, envolvi meus dedos nos dele, e me levantei para beijá-lo novamente antes de soltar o ar e voltar a me deitar no cobertor.

Deitei imóvel, tentando me recuperar. Evan alcançou seu bolso, retirou a embalagem do pacote e voltou até mim. Meu coração parou de bater enquanto ele se abaixava, observando-me atentamente.

Respirei fundo quando ele chegou perto de mim.

– Você está bem? – perguntou Evan, olhando dentro dos meus olhos.

– Sim – respondi, abraçando-o com as pernas.

O ritmo dele era gentil e devagar. Perdi meu fôlego e fechei meus olhos. Passei minhas mãos nas costas dele e agarrei-o quando ele acelerou o ritmo.

Abri meus olhos. Seus lábios estavam abertos e sua respiração era irregular. Cheguei até ele para sentir seu gosto, sua língua escorregava dentro da minha boca. Ele se afastou para respirar. Evan olhou para mim. E viu mais do que eu jamais imaginei ser possível. Vulnerável e exposta. Amor e desejo. Meu peito foi tomado por todas as emoções imagináveis.

Enquanto ele se mexia contra o meu corpo pude sentir o peito dele escorregadio por causa do suor. Passei minha boca por sua pele salgada e meu corpo todo pulsava forte. Evan fechou os olhos e seu corpo ficou rígido, depois reduziu o ritmo quando se derreteu em cima de mim. Eu podia sentir seu peito batendo na minha barriga quando começamos a nos acalmar. Mantive meus braços em volta dele enquanto recuperávamos nossa respiração, e ele ficou com a cabeça deitada em meu peito.

– Estou machucando você? – perguntou ele, e então esclareceu: – As suas costelas? Eu havia me esquecido completamente delas. – Balancei minha cabeça.

– Gosto de ouvir o seu coração – disse ele, segurando minha mão. – Está batendo tão rápido.

Evan levantou a cabeça para me olhar e o suor escorreu pelo seu rosto e pescoço.

– Você está com frio? – Balancei minha cabeça. – Você consegue falar?

Balancei minha cabeça. Ele sorriu, alcançando-me e beijando-me suavemente. Ele se afastou. O ar frio limpou o suor do meu corpo com um arrepio. Ele se inclinou e segurou a ponta do cobertor, cobrindo-nos, e me colocando em uma posição para que eu ficasse deitada no braço dele enquanto ficávamos deitados de lado, olhando um para o outro.

– Você está bem? – perguntou ele, com os olhos se contraindo levemente por preocupação.

– Sim. – Sorri fazendo com que ele sorrisse de volta. Então comecei a gargalhar.

– Qual é a graça? – perguntou ele, com os olhos brilhando.

– Eu adoro espontaneidade.

Evan sorriu ainda mais. Ele se inclinou e me beijou.

– Eu amo você, Emma.



44. No final

O sol me acordou mais cedo do que o normal, mas o barulho dos pássaros e a luz do sol foram muito bem-vindos.

Sorri quando a respiração dele fez cócegas na parte de trás do meu pescoço enquanto ele dormia com o braço em volta da minha barriga. Eu me virei para abraçá-lo. Os braços dele estavam instintivamente presos em volta de mim. Suspirei com o toque de sua pele, firme e quente, em minhas costas. Um calor tomou conta de mim e eu respirei fundo, apertando-me contra ele. Evan começou a se mexer.

O ritmo de sua respiração ficou mais pesado e eu sabia que ele estava acordado. A mão dele escorregou ao meu lado, e chegou na minha cintura. Embora a sensação dos dedos dele tocando minha pele deixasse meu coração acelerado, meu corpo ainda estava um pouco em choque por causa da noite passada, e eu sabia que não estava preparada para fazer aquilo de novo nesta manhã.

Eu me movi para frente e alcancei nossa mochila no chão da barraca. Procurei no bolso da frente e tirei o pacote.

– Chiclete? – ofereci, colocando um pedaço de chiclete na minha boca.

Evan riu.

– Sim, obrigado. – Depois de dar um pedaço de chiclete a ele, eu me virei para olhá-lo.

– Muito bem, agora posso lhe dar um beijo – disse eu e pressionei meus lábios contra os dele. Senti o gosto da canela em minha boca quando ele me tocou com sua língua. – Feliz aniversário – disse eu, com minha cabeça rodando. Seus olhos azuis estavam vibrantes e

reflexivos. Meu coração parou de bater ao sentir a intensidade de seus olhos.

– Obrigado. – Ele sorriu e então acrescentou: – Pelo presente perfeito. – Meu rosto esquentou. Ele passou seus dedos pelo meu rosto, tirando o cabelo do meu rosto.

– Você é linda – sussurrou ele, deixando-me ainda mais vermelha. Ele passou os dedos pelos meus lábios e em seguida me beijou, mal tocando minha boca, e me deixando sem respiração.

– Eu amo você – murmurei, perdida nas profundezas de seus olhos enquanto eles brilhavam à minha frente como se ele conseguisse ler todos os meus pensamentos. Evan me puxou e me segurou. Senti o cheiro de sua pele. – Precisamos ir embora daqui?

– Precisamos pensar sobre isso.

Meu estômago roncou e eu coloquei minha mão sobre ele. Evan sorriu.

– E parece que você precisa comer.

– Tudo bem – concordei, relutante. – Vamos levantar. – Eu me sentei segurando o saco de dormir em cima de mim. – Sabe, nunca tinha dormido pelada.

Ele riu de leve.

– E aposto que você também nunca assou marshmallows pelada. – Ele se inclinou e beijou meu ombro.

– Não, essa também foi a primeira vez. – Balancei a cabeça fazendo-o sorrir. – Você faz alguma ideia de que horas são?

– Não, mas tenho certeza de que Jared está procurando por mim.

– É verdade. – Sorri, tentando não estragar a surpresa. – Vocês vão fazer trilha. – Comecei a procurar embaixo do saco de dormir. – Onde estão nossas roupas?

– Acho que ainda estão lá fora – respondeu Evan.

– Ah – respondi, com os olhos arregalados. Abri a barraca e a brisa fria da manhã entrou. A grama ainda brilhava com o orvalho da manhã. Vi nossas roupas empilhadas ao lado do cobertor. Pensei no quão fria a grama estaria para pisar nela com meus pés descalços.

– Deixa que eu pego – ofereceu Evan.

– Não – respondi, enrolando o saco de dormir em volta de mim. – Eu pego.

Saí da barraca e corri pela grama fria e molhada. Peguei a pilha de roupas e corri de volta para a barraca, jogando as roupas lá dentro antes de entrar. – Oooh, está frio lá fora – disse eu, me encolhendo. Evan riu enquanto separava nossas roupas.

– Bom, você não vai gostar do que vou dizer. Nossas roupas estão um pouco molhadas. – Ele vestiu a calça jeans.

– Ótimo. – Gemi sentindo a umidade contra minha pele ao vestir minha camiseta.

– Como você está se sentindo? Tipo, você está bem? – perguntou Evan, com cuidado, enquanto nos vestíamos.

– Eu me sinto um pouco diferente – tentei explicar, sem saber ao certo como descrever o desconforto que sentia depois de ter transado pela primeira vez. Evan hesitou, sem entender bem, e por isso acrescentei: – Mas também me sinto incrível. – E não era exagero.

– Que bom – disse Evan, aceitando minha resposta e me dando um beijo. – Vamos voltar para casa e eu vou arrumar um café da manhã para nós e descobrir o que Jared planejou. E empresto uma blusa seca para você vestir.

Quando entramos na casa Jared estava esperando por Evan na cozinha. Ele olhou para nós dois, e eu podia imaginar como estávamos: usando roupas úmidas, amassadas e com os cabelos desarrumados. Ele levantou a sobrancelha de leve, mas depois redirecionou sua atenção para a tigela de cereal.

– Vamos sair em vinte minutos.

– Cereal está bom para mim – disse eu, sentando-me em um banquinho ao lado de Jared. Ele permaneceu imperturbável pelo meu estado agitado. Tinha certeza de que Sara não teria o mesmo tipo de reação.

– Onde você estava? – perguntou Sara, quando liguei para ela do meu carro, logo depois de ter deixado Evan e Jared para que eles se preparassem para o programa deles. – Estou tentando falar com você há um tempão.

– Estava com Evan – expliquei, completamente perplexa com a reação dela.

– Eu *sei* disso, mas precisava falar com você. A minha mãe vai oferecer um jantar aqui em casa hoje à noite.

– O quê? – praticamente grite, meu pulso estava acelerado. – Sara, o que vamos fazer agora?

– Era sobre isso que eu precisava falar com você – disse ela, nervosa. – Venha para casa e vamos pensar em alguma coisa.

Meu telefone tocou quando eu disse:

– Certo. – Quando olhei para a tela a luz da minha bateria estava piscando. Esta era a menor das minhas preocupações quando joguei o celular no banco do passageiro e continuei em direção à casa dos McKinleys.

Quando entrei na casa Anna estava sentada na sala de estar com uma mulher vestindo um terninho. Elas estavam olhando alguns papéis. Ela levantou quando me viu. Estava torcendo para conseguir subir as escadas rapidamente, com receio de que a expressão “acabei de transar” estivesse escrita em minha testa.

– Emma, sinto muito sobre hoje à noite. Eu sabia sobre a festa de Evan, mas não sabia que vocês jantariam aqui antes.

– Ah, tudo bem – disse eu, subindo um degrau por vez para que ela não conseguisse olhar direito para mim. – Vamos resolver de outra maneira.

– Se você quiser levá-lo a um restaurante legal, terei prazer em pagar pelo jantar.

– Isso é muito gentil da sua parte – disse a ela, subindo mais um degrau. – Mas está tudo bem.

– Emma? – berrou Sara, lá do terceiro andar.

Eu sorri para Anna e me virei para subir as escadas correndo.

– Estou indo!

Quando cheguei até ela, encontrei Sara dobrando as abas de uma caixa de papelão cheia de artigos de decoração de festas.

– Tenho uma ideia – disse ela, em pé e olhando para mim. – Você pode... – Ela parou. – Ah, Meu Deus. Vocês transaram.

Meu corpo todo começou a pegar fogo e, por mais que tentasse evitar, um largo sorriso se espalhou pelo meu rosto.

– Não acredito – disse ela, correndo para me abraçar. E então ela começou o interrogatório. – Doeu? Você, ãh, sangrou? Você está

sentindo dor? Como você está se sentindo?

– Ah. – Fiquei olhando para ela em choque antes de soltar: – Só um pouco... não... *sim*... e... – Eu sorri, com minhas bochechas brilhando, e nem precisei responder à última pergunta.

Ela gritou orgulhosa:

– Não acredito que você transou! Isso é incrível. Vai ficar mais gostoso, eu juro. – E então ela virou os olhos frustrada: – E eu estou tão brava com você agora, porque não vamos ter tempo para você me contar todos os detalhes.

– Acho que acabei de contar mais detalhes do que eu imaginava – admiti, dando a ideia de que, provavelmente, aquela fora a noite mais incrível da minha vida e que eu não sabia como poderia melhorar. – Mas então, qual é a sua ideia?

– Vamos lá. Aqui está a sua lista de compras. Vá fazer as compras agora. Depois volte para cá. Você pode tomar banho e eu arrumo o seu cabelo antes de sairmos para decorar a garagem. – Sara deu as instruções mal parando para respirar.

– Jill, Casey e... Analise – ela disse o nome dela com um rosnado, que me fez rir – vêm me encontrar aqui daqui umas duas horas e então vamos para a casa dos Mathews para decorar o lugar.

– Você pode trazer o vestido com você e se trocar um pouco antes de Evan chegar, às sete. Isso deve dar tempo para você fazer algumas tentativas, caso você queime alguma coisa.

– Obrigada – respondi, com um sorriso zombador. – Mas, aonde vamos?

Sara hesitou, com os lábios fechados.

– Rua Decatur.

– O quê? – Olhei para ela sem acreditar que ela acabara de me dizer que eu deveria fazer uma surpresa para Evan, com um jantar romântico, na mesma casa onde vira um homem ser agredido até quase morrer, e onde minha mãe tentara se matar. Balancei minha cabeça. – Sem chance, Sara.

– Sinto muito – disse Sara, com uma careta. – Mas não temos outra opção se você realmente quiser fazer o jantar para ele. A não ser que você o leve para um restaurante. Tipo, é só uma casa,

Emma. Ela não vai estar lá. Ela estará naquele programa pelos próximos seis meses. Não tem ninguém lá.

– Ah, você deve estar brincando comigo. – Gemi baixinho. Passara a semana toda planejando esse jantar. Planejara toda a logística cuidadosamente. Deveríamos jantar na varanda olhando para a piscina enquanto Sara e Jared arrumavam a garagem para a festa surpresa que aconteceria depois do jantar. Era a minha vez de realmente fazer alguma coisa por ele. Mas isso não era parte do plano.

Pensei em apenas pular a parte de preparar o jantar e levá-lo a um restaurante. Mas sempre que eu pensava nessa noite, o que mais me importava era a expressão dele quando descobrisse que eu havia cozinhado para ele. Eu não queria perder isso por causa de um “problema técnico”.

– Tudo bem – respondi. – Vou cozinhar lá. Mas onde vamos comer? Aquela cozinha é o lugar menos romântico da face da terra.

– Que tal no quintal? – sugeriu Sara. Balancei minha cabeça sentindo-me enjoada com a ideia de me sentar perto das cinzas da cadeira de balanço.

– ãh, acho que consigo colocar a mesa da cozinha na varanda – sugeri, encolhendo os ombros.

– Perfeito – disse Sara. – Vamos olhar no armário lá embaixo. Tenho certeza de que minha mãe tem milhares de toalhas de mesa que você pode usar.

– Quantas pessoas vêm para a festa? – perguntei, seguindo Sara pelas escadas.

– Ah, todo mundo – respondeu Sara, em tom sarcástico. – Você me deixou responsável pelos convidados. Por isso, todo mundo vem.

– Mas você os convidou ontem – respondi surpresa.

– Esse era o plano. Convidá-los no último minuto para que ninguém estragasse a surpresa.

– Pensamos que talvez metade dos convidados viessem.

– Bem, pensamos errado – respondeu Sara. – Provavelmente tem alguma coisa a ver com a festa ser na casa dos Mathews. Ninguém nunca esteve lá.

– É verdade – concordei. – Mas são *muitas* pessoas.

– É, são muitas pessoas. – Sara sorriu. – E todos vão chegar às oito. Por isso, Evan e você precisam chegar às oito e meia.

– Certo – respondi. A ansiedade dava seus sinais na ponta do meu estômago.

Tudo corria da maneira planejada quando deixei a casa de Sara com meu cabelo ondulado e com um vestido rosa pendurado no banco de trás do carro. Fiquei repassando na minha cabeça minha estratégia para quando chegasse na casa.

"Colocar a mesa da cozinha na varanda. Cortar a salada e as frutas. Temperar a carne e deixá-la embrulhada na geladeira. Preparar os brownies e colocá-los no forno antes de me trocar. E então dar os toques finais, como, por exemplo, arrumar a mesa, acender as velas e, ah, é, tirar os brownies do forno."

Eu conseguiria fazer isso. Seria perfeito.

E, apesar das palpitações que me deixavam a ponto de ter um ataque do coração, e do nervosismo que fazia com que minhas mãos tremessem, tudo sairia exatamente como eu planejava. Olhava para o meu telefone no balcão, torcendo para que a bateria não acabasse antes de Sara me ligar para me avisar que ele estava a caminho.

Para que ele viesse até aqui, ele precisaria saber que eu havia preparado uma surpresa para ele. Sara deveria enviá-lo para mim depois que ele tivesse se trocado em casa. Jared o manteria afastado da garagem. Ficava imaginando qual seria a reação dele quando contassem para ele que deveria vir me encontrar. O telefonema de Sara me daria uns vinte minutos para terminar tudo.

Estava misturando a massa do brownie na tigela e lendo a parte de trás da caixa pela milésima vez para ter certeza de que não tinha feito nada errado quando meu telefone tocou. Meu estômago tremeu com o nervoso, com medo de que ele estivesse adiantado.

Peguei o telefone lambendo o chocolate que estava no meu dedo.

– Alô?!

– Emma? – disse Jonathan. Meu coração parou de bater. Sem que eu tivesse tempo de reagir ele perguntou: – Onde você está?

Respirei e tentei soar o mais normal possível.

– Estou na Rua Decatur, infelizmente, mas é o único lugar onde eu...

– Emma – interrompeu-me Jonathan. – Tem alguma... – Um sinal do meu telefone tocou no meu ouvido no mesmo momento em que o detector de fumaça começou a apitar bem alto.

– Merda! – disse eu, pois me esqueci que o forno produzia fumaça. – Espere. Não consigo ouvir você. – Apoiei o telefone e a tigela que estava embaixo do meu braço e comecei a abanar o alarme com o pano de prato até que ele ficou em silêncio.

– Forno idiota – murmurei, escalando a pia para abrir a janela com um empurrão.

Peguei o telefone de novo e disse:

– Desculpe. – Mas ele não respondeu. Olhei a tela do telefone e ela estava preta. A bateria tinha acabado. – Ótimo. Bem quando tudo estava indo tão bem – resmunguei.

Abri a porta da frente e deixei a fumaça sair pela tela. Ainda bem que comeríamos do lado de fora. Voltei para a cozinha para despejar a massa na assadeira untada. Coloquei a assadeira no forno e ajustei o timer antes de subir para o banheiro para me vestir. Sabia que Sara tentaria me ligar a qualquer minuto, embora não fosse atender. Queria me matar por ter me esquecido de trazer o carregador.

Tentei me acalmar enquanto fechava o zíper na lateral do vestido. Minhas mãos estavam suadas e eu precisava secá-las para terminar de fechá-lo. Fechei meus olhos, respirei fundo, mas não consegui me livrar das borboletas que tomavam conta do meu estômago.

Saí do banheiro chateada por não ter mais um espelho grande para olhar meu vestido e ver se não estava sujo de chocolate.

Pulei alguns degraus e parei ao ouvir o barulho de uma porta de carro se fechando. Ele havia chegado mais cedo e eu não estava pronta.

– Merda. – Respirei e subi correndo as escadas para procurar os meus sapatos. Então vi a bagunça que fiz na cozinha e tentei decidir o que era mais importante. Peguei a tigela onde preparei o brownie e coloquei na pia, enchendo-a de água enquanto raspava os restos dos vegetais e das frutas que estavam no balcão para jogar no lixo.

Fechei a tampa do lixo e lavei minhas mãos no exato momento em que a porta de tela bateu.

– Emma?

Fiquei paralisada, meu coração disparou dentro do meu peito. Desliguei a água e me virei devagar, secando minhas mãos em uma toalha de papel.

Abri minha boca, mas não consegui dizer nada.

Jonathan arregalou os olhos quando me viu.

– Uau. Você está linda.

– Obrigada – respondi.

Mas então ele apertou os olhos quando olhou para o fogão e sentiu o aroma do chocolate na cozinha.

– Você está *cozinhando*?

– Ah, eu não chamaria isso de cozinhar. – Eu ri, nervosa. – Só estou fazendo brownies.

– Mas você está cozinhando para o... Evan. – Jonathan parecia incomodado com a conclusão a que chegara.

– É aniversário dele – expliquei. – Então... o que você está fazendo aqui?

Jonathan continuou pensativo por um momento, sem conseguir se mexer devido ao que acabara de presenciar.

– Preciso falar com você. É importante. – Ele se virou em direção à sala de estar quando o timer soou, alertando-me a respeito dos brownies.

Tirei a assadeira e fechei o forno. Depois de ver a expressão perplexa, e decepcionada, no rosto de Jonathan, não estava mais preocupada com os brownies. Sem nem olhar para ele coloquei a assadeira no balcão e, aflita, segui Jonathan até a sala de estar.

Quando cheguei lá Jonathan olhava pela janela da frente com os braços cruzados.

– O que você precisa me dizer? – perguntei, tentando adivinhar seus pensamentos.

– Entendo por que você ainda está com ele – começou ele, virando-se em minha direção. – Ele realmente se importa com você e é um bom rapaz. Não quer dizer que eu goste disso, mas entendo.

Precisei me sentar depois de ter ouvido isso. Devagar, me sentei no sofá, me preparando para o rumo que essa conversa tomaria.

– Mas, Emma, você e eu precisamos admitir que existe essa conexão inexplicável entre nós, não é? – Ele parou esperando que eu respondesse. Só consegui balançar um pouco a cabeça. – Confiamos um no outro e contamos segredos que ninguém mais sabe. Eu posso ser totalmente sincero com você sobre tudo. Nunca consegui fazer isso antes, nem mesmo com Sadie. Você já contou para Evan sobre os seus pesadelos? Sobre os seus medos?

Engoli seco. Sabia que ele estava certo. Nunca contara a minha parte mais sombria para ninguém, apenas para ele. Nunca quis que Evan conhecesse esse meu lado. Balancei minha cabeça, me mexendo desconfortavelmente.

– Eu já estive no seu lugar, lembra? Achava que Sadie era a pessoa certa para mim. Mas, no final, eles não entendem pessoas como nós. Eles nunca entenderão, porque nunca tiveram que passar por isso. Você e eu somos iguais. Temos um vínculo maior do que você pensa que tem com Evan. Por isso, vou esperar. Não vou forçá-la a se decidir, porque, no final, eu sei que você vai enxergar isso também. Vou esperar porque amo você e prometi sempre estar aqui para você, sempre que você precisar de mim. – O ar desapareceu de meus pulmões. As palavras dele entraram na minha cabeça me atordoando.

– É por isso que você veio aqui? – perguntei. – Para me dizer que vai esperar por mim?

Jonathan se aproximou da cadeira e se sentou à minha frente. Ele apoiou os cotovelos na perna e diminuiu a distância entre nós. Eu sabia que ele queria me tocar. Ele segurou suas mãos para se controlar quando eu me inclinei para trás de repente.

– Não foi por isso que vim aqui. Na verdade, não tinha a intenção de dizer a você que a amo – confessou ele, desviando o olhar. – Queria esperar até que soubesse que você também diria que me ama. – Ele respirou fundo. Sua expressão preocupada desviou minha atenção de sua confissão.

– Por que você está aqui? – perguntei, mas, de repente, tive medo de saber. Senti dor na barriga, nervosa com o que estava para ouvir.

– A polícia veio atrás de mim hoje – contou ele, fazendo meu coração parar de bater.

Meu corpo respondeu antes que eu conseguisse entender o que ele dizia.

– O quê? Por quê?

– Encontraram uma impressão digital parcial no carro, e ela os levou até mim.

– Espere. Que carro? – Senti dor ao respirar, quando percebi. – Ah, não. Mas por que eles... – Não consegui continuar e concluí: – Ele está morto.

Jonathan me olhou cautelosamente enquanto eu assimilava a informação.

– Sim.

– Ah, não. Ah, meu Deus, não. – Balancei minha cabeça, ainda chocada. – O que foi que nós fizemos?

– Você não fez nada – respondeu ele, com firmeza. – Ele estava machucando você, Emma. Não vou deixar nada acontecer com você, eu prometo.

– Não acredito... ele está morto. – Continuei balançando minha cabeça sem conseguir aceitar. – Não podemos simplesmente dizer a verdade para a polícia?

– Nós escondemos a verdade – explicou Jonathan, pacientemente. – Eu limpei todos os rastros que indicavam que ele esteve aqui. Por isso, não, não podemos contar a verdade. Eles não me acusaram de nada. Estão apenas interrogando. E eu já falei com um advogado. Parece que eles não têm muita informação a mais para continuar com a investigação.

– O que você disse a eles? – perguntei. O pânico já tomara conta de mim o suficiente e não permitia que meus pensamentos se tornassem coerentes.

– Que eu vi o carro dele na festa de Rachel na noite anterior à que ele foi encontrado, e que eu passei por aqui para falar com ela e devo ter encostado, sem querer, no carro dele.

Balancei a cabeça devagar, consumida pelos milhares de pensamentos e imagens que vinham à minha cabeça de uma só vez: o que fizemos, as mentiras que contamos, a quantidade de sangue

que deixamos para trás, o que poderia acontecer conosco se um dia a polícia descobrisse a verdade. E, acima de tudo isso, eu não conseguia parar de pensar naquele corpo arrasado que abandonamos no estacionamento. Um suor gelado desceu pela minha espinha com um arrepio.

– Apenas mantenha sua história sobre não ter visto o rosto do cara que invadiu a casa, e eles não podem relacioná-lo ao homem que esteve aqui depois da festa.

– Certo. – Respirei recuperando meus pensamentos. Algo do que ele disse me deixara em dúvida. Parei por um momento para refletir, e então perguntei: – Espere. Por que eles tinham sua impressão digital para bater com a que encontraram no carro?

O rosto de Jonathan desmoronou. Quando olhei em seus olhos escuros enxerguei uma vulnerabilidade que fez meu coração doer.

– Jonathan, o que você fez? – perguntei, aflita, sem tirar os olhos dele.

– Emma, queria ter contado isso – começou ele, passando as mãos no cabelo –, mas estava esperando até ter certeza de que você conseguiria lidar com isso. Já que eu mal posso aguentar a mim mesmo, tive medo que você...

– O quê? – supliquei. – Por favor, me diga. – A aflição em seus olhos fez meu pulso acelerar.

Ele se levantou e começou a andar de um lado para o outro, esfregando as mãos. Observei-o ansiosamente. Cheguei a pensar que ele não falaria, mas então ele parou na frente da janela.

– Eles tiraram minhas impressões digitais depois do incêndio.

Pisquei os olhos confusa. E então fiquei boquiaberta.

– Não – exclamei, forçando-o a olhar para mim.

– Você precisa entender. Eles não deviam estar em casa. Eles estavam num campeonato de basquete, mas Ryan ficou doente. Achei que meu pai estivesse sozinho em casa. – Ele absorveu o olhar chocado em meu rosto. Eu estava tão horrorizada que não conseguia produzir nenhum som. Jonathan olhou rapidamente para o outro lado e começou a andar de novo.

– Quando me mudei para fazer faculdade, meu pai começou a descontar tudo em Ryan. Não podia deixar isso acontecer. Ele não

era tão forte quanto eu. Eu precisava protegê-lo.

– Eles eram a sua família. – Respirei com aversão. Jonathan parou. – Como você pôde. – Balancei minha cabeça, as palavras estavam entaladas na minha garganta. Meus olhos se encheram de lágrimas quando meus pensamentos foram invadidos pelo esqueleto preto da casa. Meu estômago transformou-se em gelo imaginando os gritos enquanto eles tentavam, desesperadamente, sair da casa.

– Você não pode me odiar mais do que eu me odeio. – Olhei para seus olhos vidrados. A tortura em seu olhar fez meu lábio tremer. – Não era para eles estarem lá – repetiu ele, consumido pela dor. – Nunca vou me perdoar. Mas quero que você saiba de tudo, que você saiba a verdade. – Jonathan abaixou a cabeça e colocou as mãos nos olhos.

Fechei meus olhos, tentando entender o que poderia ter motivado ele a querer matar o próprio pai. Então me lembrei da pontada de inveja que senti quando ele me contou que seu pai estava morto, e de como desejei que Carol também estivesse. Mas nunca conseguiria fazer aquilo. Matá-la. Será que conseguiria?

Então, mais uma vez, eu não tinha chorado no ombro dele desejando que minha própria mãe estivesse morta? Depois de encorajá-la a terminar com sua vida com um frasco de remédios? Será que eu era mesmo diferente dele? O fato de elas não estarem mortas não diminuía a minha culpa.

– Não sei o que pensar – disse a ele, com sinceridade, passando minha mão na minha testa, com meus olhos fechados. Uma lágrima escorreu pelo meu rosto.

– Eu sei. – Ele soltou o ar. – É demais, e me desculpe.

Levantei a cabeça quando ouvi a porta de tela bater.

Evan olhou para Jonathan e para mim.

– O que está acontecendo? – Limpei meu rosto. Seus olhos brilharam confusos, e então alarmados. – O que você fez com ela?

Abri minha boca para responder, mas Jonathan ficou em pé na minha frente antes que eu conseguisse pronunciar qualquer palavra.

– Isso não tem nada a ver com você, Evan – explicou Jonathan. A voz dele estava baixa, e em tom de aviso. – Você não faz parte de todos os momentos da vida dela.

– O que você quer dizer com isso? – perguntou Evan, no mesmo tom de voz.

– Jonathan, não faça isso – implorei, com medo do que ele diria em seguida.

– Aconteceu alguma coisa com Rachel? – perguntou Evan, olhando para Jonathan, sem virar os olhos em minha direção.

– Não. – Jonathan riu, sarcasticamente. – Isso é entre Emma e eu. Você não é a única pessoa em quem ela confia. Você não *precisa* saber de tudo.

Abri minha boca para interromper a conversa quando Evan respondeu:

– E ela confia em você?

– Sim – respondeu Jonathan.

– Evan – chamei por ele, correndo. Precisava acabar com a suspeita que surgia em seus olhos.

– Não, eu quero ouvir isso – disse ele, bruscamente. Seu tom áspero fez com que eu desse um passo para trás.

– Sim, ela me conta coisas que você não entenderia – explicou Jonathan, friamente.

– Por favor, não faça isso – supliquei, alcançando o braço de Jonathan. Mas ele andou em direção a Evan, bloqueando minha passagem. Estava entrando em desespero, mas nenhum dos dois atendia aos meus apelos.

– O que ela conta para você? O que *eu* não entenderia? – perguntou Evan, cerrando os dentes. Jonathan deu mais um passo chegando no vestíbulo. Tentei me posicionar ao lado dele, para diminuir a tensão que crescia entre eles, mas parecia que eu era invisível. Meu coração estava acelerado dentro do meu peito.

– Não se preocupe com isso – respondeu Jonathan. – Como eu disse, isso não tem nada a ver com você.

A arrogância de Jonathan irritando Evan, e os músculos de seu braço ficaram evidentes.

– Evan, eu posso explicar – interrompi.

– Prefiro ouvir a explicação dele – respondeu ele, fazendo meu estômago virar.

Jonathan soltou um riso sarcástico.

– Você quer mesmo se torturar, não é? Apenas deixe para lá. Não vou tirá-la de você nem fazer nada parecido com isso.

– Então, o que você quer? O que você tem que faz com que ela queira dizer coisas a você que ela não pode dizer para mim?

Jonathan encolheu os ombros.

– Eu a entendo de uma maneira que você nunca vai entender. Não é sua culpa. Você apenas não entende. E eu entendo.

Evan colocou os ombros para trás como se as palavras fossem uma navalha afiada.

Sabia que Jonathan trazia à tona um assunto delicado, mas nenhum dos dois me davam ouvidos. Não conseguia evitar que ele provocasse Evan.

– Jonathan, pare com isso – alertei, sem surtir nenhum efeito.

– Estou aqui para ajudá-la quando os pesadelos a acordam no meio da noite. É para mim que ela liga quando precisa de alguém com quem dividir os problemas relacionados à Rachel. Ela conta para mim os segredos com os quais você não consegue lidar porque ela confia em mim. E ela sabe que vou sempre estar aqui para protegê-la.

Gritei surpresa quando Evan deu um soco no rosto de Jonathan, fazendo com que Jonathan cambaleasse para trás. Saí de perto dele rapidamente enquanto ele tentava recuperar o equilíbrio.

– Você não sabe nada sobre protegê-la – respondeu Evan. Jonathan se endireitou, limpando a boca com as costas da mão. Um traço de sangue manchava sua pele.

Em um movimento repentino, Jonathan revidou, arremessando-o contra a parede. A casa tremeu, como se protestasse contra o ataque.

– Não! – gritei, correndo em direção a eles. Eles se movimentaram e começaram a lutar pelo vestíbulo. Gemidos podiam ser ouvidos a cada soco dado. Seus rostos estavam ensanguentados.

Não conseguia entrar no meio deles. Seus movimentos eram muito rápidos. Eles ignoravam minha presença e eu poderia ser facilmente arrastada para a briga. Implorei para que eles parassem, várias vezes, mas eles não deram sinais de que cederiam.

Meu corpo todo tremia enquanto eu corria ao redor deles, desesperada para que eles prestassem atenção em mim. Meu rosto estava repleto de lágrimas enquanto tentava respirar. Podia sentir cada soco. Meu coração estava despedaçado.

Sabia que eu causara isso. Criara essa tensão que havia terminado nessa briga. A raiva e a frustração deles não tinham nada a ver com a pessoa com quem eles estavam brigando. Tinha tudo a ver comigo, e com o que eu não tinha dado a eles. Tudo por minha causa. Senti meu corpo doer por dentro enquanto eles caíam contra as paredes da casa.

Olhei o rosto de Evan e respirei fundo ao ver o corte acima de seu olho direito. O sangue escorria pelo seu rosto. Não podia mais presenciar aquilo.

– Jonathan, pare! – ordenei, berrando e segurando o braço dele. Sem se importar com a minha presença, ele jogou seu cotovelo para trás e bateu no meu rosto, fazendo com que eu fosse para trás. Sem conseguir recuperar meu equilíbrio, caí e gritei.

Evan olhou para meu rosto atordoado no momento em que caí no chão.

– Emma!

A distração o deixou vulnerável para uma sucessão de socos em seu rosto.

– Não! – gritei, e minha voz ecoou pela casa. Os olhos de Evan me deixaram e subiram quando sua cabeça pendeu para o lado como se fosse a cabeça de uma boneca de pano. Ele bateu na parede e Jonathan imobilizou-o, desferindo um golpe feroz na lateral de seu rosto.

Eu me levantei, tomada pela adrenalina que percorria o meu corpo. Entrei na frente de Evan e fechei meus olhos, esperando a dor do soco de Jonathan. Meu corpo todo estava tenso, e pressionado contra o corpo largado de Evan.

Nada aconteceu.

Evan começou a escorregar e rapidamente me virei na direção dele, tentando deitá-lo no chão. Mas o peso de seu corpo era grande demais para eu aguentar, mas ele tombou e pudemos ouvir um baque quando sua cabeça bateu no piso de madeira.

Eu caí ao lado dele, e meu peito tremia com a minha respiração.

– Evan! – Debrucei-me sobre ele para examinar seu rosto machucado. – Evan, você está me ouvindo?

Tentei arrumar o corpo dele, deslizando-o pela parede, tentando virá-lo de costas.

– Deixe-me dar uma olhada – disse Jonathan, ao meu lado. Ele se abaixou e segurou nos ombros de Evan para endireitar seu corpo.

– Não toque nele! – gritei, curvando-me sobre o corpo de Evan para protegê-lo. – Não se atreva a tocar nele!

– Emma – sua voz parecia aflita. Ele colocou a mão nas minhas costas. Eu o empurrei com força, fazendo com que ele se afastasse.

– Não se atreva – ameacei. Meus músculos tremiam, estava com muita raiva. Meus olhos mostravam minha raiva para ele.

– Emma, por favor – implorou ele, com a voz cheia de emoção enquanto ele limpava o sangue que escorria pelo seu rosto. – Perdi o controle. Não queria fazer isso. Sinto muito.

– Não, você não sente muito – gritei de volta. – Não diga isso. É isso o que você faz. É isso o que *nós* fazemos. Nós machucamos as pessoas. – Engasguei com as minhas palavras, forçando-as a sair da minha boca.

Os tendões do meu pescoço estavam esticados quando gritei:

– Veja o que fizemos! – Jonathan se encolheu e seus olhos inchados se encheram de lágrimas. Eu me debrucei sobre Evan soluçando e disse: – Nós machucamos muitas pessoas. – Eu funguei e acariciei delicadamente seu rosto machucado. Evan permaneceu imóvel quando o toquei.

– Não diga isso – implorou Jonathan, desesperadamente. – Nós é que fomos machucados, Emma.

Soltei uma risada maldosa.

– Não, Jonathan. Nossas mentiras e trapagens nos tornam tão ruins quanto eles. Nós destruímos as vidas das pessoas.

Jonathan abriu a boca para me fazer parar, mas eu o atingi com minha língua maldosa.

– E você. Você *matou* pessoas. Você é tão monstruoso quanto seu pai.

O rosto machucado de Jonathan ficou pálido quando ele soltou um suspiro, como se ele tivesse levado uma facada no coração.

– Foi a raiva e a dor que nos uniu. Esta é a nossa *ligação*. Não o amor. – Soltei aquelas palavras com força mortal, deixando-o sem saber o que dizer. – Eu não amo você. – Seus olhos cruzaram os meus, implorando para que eu parasse. Mas eu continuei, implacável. – *Ninguém* poderá amar você. – O peito de Jonathan desabou. Ele cambaleou várias vezes antes de cair de joelhos, já sem mais nenhuma confiança em si mesmo.

Minhas veias foram corroídas pela aversão e meu coração atrofiou-se. Olhei enquanto ele se encolhia com minhas palavras, saboreando sua tortura.

– Não *espere* por mim. Não quero que você *esteja lá* para mim, nunca. Fique longe da minha vida e não direi uma palavra sobre o que você fez. – Jonathan fechou seus olhos e abaixou sua cabeça, apertando o peito.

Eu me virei de costas para ele, sem conseguir continuar a testemunhar sua ruína. Escondi minha vergonha atrás das minhas pálpebras, enquanto as lágrimas continuavam a rolar pelo meu rosto. Minhas palavras causaram tanta destruição quanto o punho de Jonathan. Eu deixava as pessoas arrasadas com minhas mentiras e com meus segredos, desencadeando uma ira verbal que podia modificar a convicção das pessoas. Eu também não merecia ser amada.

Fiquei tensa quando a porta de tela bateu atrás de mim. Sabia que ele tinha ido embora e que eu nunca mais o veria de novo.

Meu peito se contraiu de dor quando soluzei, me debruçando sobre o corpo inconsciente de Evan. Coloquei minha mão em seu peito, e ele se mexeu ligeiramente. Respirei várias vezes, tentando aliviar a dor, mas sabia que isso nunca aconteceria. Não depois de hoje.

Evan gemeu embaixo de mim. Meu corpo tremeu agoniado e uma dor imensa tomava conta de mim. Era insuportável. Eu mal conseguia respirar.

– Emma? – murmurou Evan. Suas pálpebras tremiam.

– Sinto muito. – Soltei um grito apaixonado e uma lágrima caiu do meu rosto. Eu me inclinei e lhe dei um beijo, saboreando seu cheiro limpo, doce e o calor de seus lábios firmes antes de me afastar. – Eu não sei se um dia você vai me perdoar, mas não vou destruir sua vida também. – Meu coração brigou para bater enquanto se despedaçava. – Eu amo você – disse eu.

Deitei sua cabeça no chão e me levantei. Minhas pernas estavam bambas. Abri a porta de tela. Usei toda a minha força para conseguir sair dali.

– Emma! – ouvi na escuridão, quebrando-me em mil pedaços.



Epílogo

Eu me sentei no veículo silencioso ao lado de Sara, e Carl tirou o carro da garagem. Fiquei olhando pela janela durante todo o trajeto, deixando que Anna e Carl conversassem lá na frente sem entender uma única palavra. Eu podia sentir a presença de Sara ao meu lado, mas ela não tentou falar.

Quando paramos na ala de desembarque do aeroporto, Carl retirou as malas do porta-malas enquanto Anna esperou por mim na calçada.

– Vou mandar o restante das suas coisas quando você já estiver instalada no seu dormitório – disse ela, sorrindo gentilmente. Ela observou meu rosto e delicadamente acariciou minhas bochechas. – Você não precisa fazer isso, Emma. Você merece participar da formatura como todos os outros. Gostaria que você reconsiderasse sua decisão.

Dei um leve sorriso, sabendo que ela queria apenas me consolar, mas não havia mais nada a ser feito agora. Tudo estava parado e quieto dentro de mim, eu estava imune às emoções que ela expressava em seu rosto. Não restara nada. Tudo se despedaçara, deixando um buraco dentro de mim.

– Preciso ir – respondi, colocando a alça da minha mochila nas costas. Anna me abraçou e me entregou meu cartão de embarque.

– Ligue se você precisar de alguma coisa – disse ela e eu balancei a cabeça.

– Seu conselheiro vai entrar em contato com você quando você chegar para agendar seus exames finais – explicou Carl, empurrando a mala para mim e colocando a mochila ao lado dela.

– Obrigada – respondi, com sinceridade. Ele hesitou antes de me dar um breve e firme abraço.

– Você sabe onde nos encontrar – disse ele, antes de entrar no carro.

Sara permaneceu parada, encostada no carro. Eu parei, mas ela não havia falado nem uma palavra para mim desde dois dias atrás, quando reservei o voo, e não esperava que ela falasse alguma coisa agora.

Peguei a mochila e saí puxando a mala em direção ao balcão de embarque.

– Emma! – gritou Sara, correndo para me alcançar. Fechei meus olhos e respirei aliviada. Parei para esperar por ela. Seus olhos estavam brilhantes e sua testa franzida pela agonia. – Não faça isso. Por favor. Não era para isso acontecer.

Permaneci inatingível e sorri para ela acalmando-a.

– Vai ficar tudo bem.

– Emma, por favor!

– Vamos nos ver em algumas semanas, não é? – confirmei, com o olhar suave.

Ela engoliu em seco e fechou a boca balançando a cabeça. Então ela segurou nos meus ombros. Suas palavras foram pronunciadas com amor.

– Você está cometendo o maior erro da sua vida. Não faça isso. Sei que você vai se arrepender.

Esperei que ela me soltasse e respondi no mesmo tom:

– Nos vemos em breve. – Eu me virei e fui embora.

Tirei a chave da porta e joguei minha mochila na cama. Abri a pequena geladeira para pegar água, tentando ignorar o fato de Lyle estar na sala. Infelizmente, era difícil ignorá-lo.

Fiquei paralisado com a mão na porta ao reconhecer a caixa em cima da cama dele enquanto ele mexia descaradamente na caixa.

– O que é isso? – perguntei, furioso, batendo a porta da geladeira. Tirei a caixa da cama dele e a examinei.

– Estava procurando por um moletom. – explicou ele, debilmente. Não era a primeira vez que ele mexia nas minhas coisas. Ele fizera

isso muitas vezes nos últimos meses, mas agora ele alcançara o meu limite.

– Você não vai encontrar um moletom aqui. – Fiz uma careta brava. – Me dê isso. – Peguei as fotos das mãos dele.

– Relaxa, Evan – respondeu ele, deitando-se em sua cama. – Quem é a garota? Ela é bem gostosa.

– Não é da sua conta – respondi, guardando as fotos de volta na caixa, em cima da câmera que eu não tocava há meses. Hesitei ao pegar o envelope quadrado na pilha. Passei meus dedos pelo nome de minha mãe, escrito em sua caligrafia distinta. Uma corrente fria passou por mim quando toquei o papel grosso com meus dedos.

A carta que fora colocada um dia dentro deste envelope mudara tudo. Nunca consegui ler a carta. Mas o que ela escreveu para minha mãe me impediu de segui-la, e me forçou a ficar na costa leste enquanto ela havia fugido para a Califórnia. Sem nenhuma explicação. Sem se despedir. Aquela carta mudara a minha vida, e eu nunca li uma única palavra que fora escrita nela.

Coloquei o envelope de volta na caixa e parei antes de fechá-la, lembrando-me da imagem dela dando gargalhada. A risada dela era contagiante, fazia seus olhos caramelo brilharem e fazerem vincos em suas laterais. Ela me lembrava da fotografia do pai que ela costumava deixar em cima de sua cômoda.

Precisava pensar em outra coisa. Sabia que estava apenas me torturando. Ela foi embora. Ela me deixou aqui.

No momento em que fechava a caixa, percebi que faltava algo. Olhei pelo quarto e vi o moletom pendurado nas costas da cadeira da escrivaninha de Lyle.

– Mas que diabos, Lyle! – gritei, pegando o moletom.

– O que eu ia querer com um moletom de Stanford? – disse ele, se defendendo e virando os olhos.

– Se você tocar nas minhas coisas de novo eu quebro a sua mão – ameacei. Ele não tirou os olhos do livro, mas sabia que ele tinha me ouvido. Seu rosto ficou vermelho.

Guardei o blusão na caixa e dobrei as bordas, escondendo a imagem dela rindo de algo que eu havia dito. Guardei a caixa no fundo do meu armário, ao lado das outras.

*– Eu não entendo – murmurou ele. – O que tem nessas caixas?
Fechei a porta do armário, guardando todas as razões fui
obrigado a dizer:
– Não sei se vou ficar aqui.*



Agradecimentos

Escriver pode ser uma aventura solitária, mas publicar um livro não é. Muitas pessoas são parte vital da experiência, seja fornecendo apoio emocional e palavras de encorajamento, seja lendo a obra e tendo um ataque quando o final é tão diferente do que imaginavam, seja analisando cada sentença e cada palavra até que estejam construídas com perfeição. Posso criar a história nessa pequena ilha, mas sou rodeada por um vasto oceano de amigos que amo, e admiro sua magnificência.

Primeiro, e acima de tudo, devo agradecer minha assistente, Elizabeth, sempre paciente e brilhante. Ela tem sido a parceira perfeita, lapidando minhas palavras até que elas brilhem com orgulho. Nós nos completamos de maneira tão perfeita que minhas palavras tornam-se delas e as palavras dela tornam-se minhas. Ela tem a alma mais bondosa que tive o privilégio de conhecer.

À Faith, minha voz da razão sempre presente. Se alguma vez tiver dúvidas, ela está sempre lá para fornecer sua valiosa sinceridade e discernimento. Seguirei seus conselhos pelos caminhos sombrios, certa de que vou terminar exatamente no lugar ao qual pertença, ileso e forte.

À Emily, meu calor e raio de sol quando preciso ser lembrada de que tudo é realmente maravilhoso no mundo. Aquela que me traz de volta quando me desvio muito do caminho. Nunca ficarei perdida com ela em minha vida.

À Courtney, minha amiga de olhos brilhantes e de sorriso mais brilhante ainda, que tem as melhores piadas e que me fazem rir por um dia inteiro. Atitude nos levará a qualquer lugar, e, com ela ao meu lado, conquistaremos o mundo!

À Amy, modestamente brilhante. Fico muito feliz por ela contribuir com nosso time dando aquele toque extra na história para tornar o trabalho espetacular.

Ao time maravilhoso da Trident Media Group, por acreditar em mim, principalmente à minha agente, Erica Silverman.

A Tim Ditlow, por abraçar minha voz, e à toda a equipe de edição da Amazon Publishing, por tornar o meu trabalho muito melhor.

Houve alguns poucos privilegiados, que leram *Quase sem respirar* em diferentes estágios de sua criação, desde o seu nascimento até próximo de sua versão final. Mas houve muitas pessoas que estavam lá para ouvir, elogiar, encorajar e comemorar comigo durante a jornada. Agradeço a todos vocês!

Por fim, quero agradecer meus fãs, realmente incríveis, que me acolheram com entusiasmo desde que escrevi *Uma Razão para Respirar*. A alegria de vocês sempre me inspirará a criar histórias que vocês gostarão de ler!



Sobre a autora

Rebecca Donovan é formada pela Universidade de Missouri-Columbia, e mora com seu filho em uma pequena cidade de Massachusetts. Entusiasmada com tudo o que torna a vida possível, Rebecca adora música e está disposta a experimentar de tudo, pelo menos uma vez na vida.

Web: www.rebeccadonovan.com

Facebook: [thebreatingseries](https://www.facebook.com/thebreatingseries)

Twitter: [beccadonovan](https://twitter.com/beccadonovan)

INFORMAÇÕES SOBRE NOSSAS PUBLICAÇÕES
E ÚLTIMOS LANÇAMENTOS

www.editorapandorga.com.br



[1](#) University of South California (N.T.).